

IX SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DA UNESP

Pesquisas em Linguística: questões
epistemológicas e políticas

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

23, 24 e 25 de agosto de 2017



IBILCE / UNESP - CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

IX SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DA UNESP

Pesquisas em Linguística: questões
epistemológicas e políticas

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

23, 24 e 25 de agosto de 2017



**INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS, LETRAS E CIÊNCIAS EXATAS
IBILCE / UNESP - CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Representantes Docentes

Sandra Denise Gasparini Bastos
Fernanda Correa Silveira Galli
Gisele Cássia de Sousa
Maria Angélica Deângeli
Talita Storti Garcia

Ana Cristina Biondo Salomão Egisvanda
Isys de Almeida Sandes
Jean Cristtus Portela
Marina Célia Mendonça
Matheus Nogueira Schwartzmann

Representantes Discentes

Camila Rodrigues de Amorim
Fábio Henrique de Carvalho Bertonha
Jean Michel Pimentel Rocha
Mariana Centanin Bertho
Monielly Cristina Saverio Serafim
Patricia Veronica Moreira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriane Orenha Ottaiano
Alessandra Del Ré
Ana Cristina Biondo Salomão
Anna Flora Brunelli
Angélica Terezinha Carmo Rodrigues
Anise de Abreu G. D'Orange Ferreira
Antônio Suárez Abreu
Arnaldo Cortina
Cássia Regina Coutinho Sossolote
Celso Fernando Rocha
Cibele Cecílio de Faria Rozenfeld
Claudia Zavaglia
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Cristina Carneiro Rodrigues
Cristina Martins Fargetti
Daniel Soares da Costa
Diva Cardoso de Camargo
Douglas Altamiro Consolo
Edna Maria F. dos Santos Nascimento
Edson Rosa Francisco de Souza

Eduardo Penhavel de Souza
Egisvanda Isys de Almeida Sandes
Érika Nogueira de Andrade Stupiello
Erotilde Goreti Pezatti
Fabiana Komesu
Fernanda Correa Silveira Galli
Gisele Cássia de Sousa
Gladis Massini-Cagliari
Jean Cristtus Portela
Larissa Cristina Berti
Lauro Maia Amorim
Lidia Almeida Barros
Lília Santos Abreu-Tardelli
Lourenço Chacon Jurado Filho
Luciane de Paula
Luciani Ester Tenani
Luiz Carlos Cagliari
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa
Maria Angélica Deângeli
Maria Cristina Parreira da Silva
Maria do Rosário de F. V. Gregolin

Maria Helena de Moura Neves
Maria Helena Vieira Abrahão
Marilei Amadeu Sabino
Marina Célia Mendonça
Marize M. Dall'Aglio-Hattner
Matheus Nogueira Schwartzmann
Maurício Babini
Nildicéia Aparecida Rocha
Odair Luiz Nadin da Silva
Paula Tavares Pinto
Renata Maria F. Coelho Marchezan
Roberto Gomes Camacho
Rosane de Andrade Berlinck
Sanderleia Roberta Longhin
Sandra Denise Gasparini Bastos
Sandra Mari Kaneko-Marques
Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Solange Aranha
Suzi Marques Spatti Cavalari
Talita Storti Garcia
Vivian Orsi Galdino de Souza

MONITORES

Aline Bianca dos Santos Gomes
Amanda Araújo Gatto
Ana Carolina Teixeira Peres
Ana Luiza Ferancini Nogueira
Bárbara Augusto Paschoal
Beatriz Romero da Silva

Diego Minucelli
Elaine Cristina Ferreira de Oliveira
Gabriel Guimarães Alexandre
José Roberto Prezotto Júnior
Letícia de Souza Fernandes
Mariana Alves Machado Pelegrini Felipe

Marina Donato Scardoelli
Nathalia Dutra Oliveira
Sara Dourado Arantes
Tainan Garcia Carvalho
Victor Delalibera Chagas
Virgínia Maria Nuss

ORGANIZAÇÃO

Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
(Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP,
Câmpus de São José do Rio Preto)
Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua
Portuguesa
(Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Câmpus de
Araraquara)

APOIO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior
Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de São José do
Rio Preto
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Fundação Vunesp
Pró-Reitoria de Pós-Graduação

PATROCÍNIO: Água Leve, Açúcar Caravelas, Cultura Inglesa, Parábola Editorial

Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp (9. : 2017 : São José do Rio Preto, SP)
Caderno de Resumos e Programação do 9. Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp
[recurso eletrônico] : 23, 24 e 25 de agosto de 2017, São José do Rio Preto-SP / [Organização de
Fernanda Correa Silveira Galli ... [et al.]. – São José do Rio Preto : UNESP – Câmpus de São José
do Rio Preto, 2017
290 p. : il.

Temática do evento: Pesquisas em Linguística : questões epistemológicas e políticas
E-book
Requisito do sistema: Software leitor de pdf
Modo de acesso: <<https://selin2017.jimdo.com/>>
ISBN 978-85-8224-133-2

1. Linguística – Estudo e ensino. 2. Linguística aplicada. 3. Análise linguística (Linguística). I. Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp (9. : 2017 : São José do Rio Preto, SP). II. Galli, Fernanda Correa Silveira. III. Serafim, Monielly Cristina Saverio. IV. Deângeli, Maria Angélica. V. Garcia, Talita Storti. VI. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. VII. Título. VIII. Pesquisas em Linguística : questões epistemológicas e políticas.

CDU – 81

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

APRESENTAÇÃO

O IX Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP (SELin), que ocorre nos dias 23, 24 e 25 de agosto de 2017, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da UNESP de São José do Rio Preto, destina-se principalmente ao debate das pesquisas em desenvolvimento de alunos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE de São José do Rio Preto e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, ambos da UNESP.

O SELin tradicionalmente busca propiciar um espaço para a divulgação das pesquisas linguísticas, bem como para a promoção de debate científico no campo da Linguística e de suas subáreas. Com o tema “Pesquisas em Linguística: questões epistemológicas e políticas”, o IX SELin visa a contemplar, ainda, as dimensões social e histórico-política do fazer científico no campo de estudos da linguagem, por meio de um diálogo que envolva tanto problemáticas de pesquisa quanto processos de ensino-aprendizagem da(s) língua(s) e suas relações com o panorama geral da atualidade política, nos cenários nacional e internacional. Espera-se, portanto, que o seminário fomente momentos de discussão sobre os desafios, as perspectivas e o papel do pesquisador em Linguística na contemporaneidade, tendo em vista o contexto sociopolítico em que atualmente nossas pesquisas se inserem.

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO GERAL	5
RESUMOS DE CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS	9
RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES: Debates.....	15
RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES: Painéis	60
RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES: Comunicações Orais.....	277

PROGRAMAÇÃO GERAL

23 DE AGOSTO DE 2017

7:30 – 8:30

Credenciamento

8:30 – 9:00

Abertura oficial

9:00 – 10:00

Conferência de abertura: “Os desafios da ciência da linguagem no contexto da polarização sociolinguística do Brasil”

Prof. Dr. Dante Lucchesi (UFF)

10:00 – 10:30

Café

10:30 – 12:30

Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

12:30 – 14:00

Almoço

14:00 – 16:00

Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

16:00 – 16:15

Café

16:15 – 18:15

Mesa-redonda 1: “Políticas linguísticas: um discurso de resistência”

Mediadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP/Araraquara)

“Políticas linguísticas e os estudos das línguas indígenas brasileiras”

Prof. Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP)

“Língua, identidade e nacionalidade”

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (UNESP/SJRP)

18:30

Coquetel de Lançamento de Livros

24 DE AGOSTO DE 2017

8:00 – 09:00

Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

10:00 – 10:15

Café

10:15 – 12:15

Mesa-redonda 2: “Horizontes da tradução: tecnologia, léxico e diferença”

Mediador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin (UNESP/Araraquara)

“Estudos do léxico urbano: cabana, casa, habitação e sem-teto”

Prof. Dr. José Horta Nunes (UNICAMP)

“A web faz diferença: uma análise de recursos de visibilidade midiática”

Profa. Dra. Erica Luciene Alves de Lima (UNICAMP)

12:15 – 14:00 – Almoço

14:00 – 16:00 – Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

16:00 – 16:15 – Café

16:15 – 18:15

Mesa-redonda 3: “Políticas de ensino de línguas: desafios e perspectivas”

Mediadora: Profa. Dra. Maria Helena Vieira Abrahão (UNESP/SJRP)

“Entre ausências, descasos e desvalorização das línguas estrangeiras”

Profa. Dra. Isabel Gretel Maria Eres Fernández (USP)

“Políticas públicas e ensino de inglês sob a perspectiva do letramento crítico na educação básica: desafios e perspectivas”

Profa. Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula (UFSCar)

25 DE AGOSTO DE 2017

8:00 – 10:00

Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

10:00 – 10:15 – Café

10:15 – 12:15

Mesa-redonda 4: “Política no discurso midiático: questões contemporâneas”

Mediadora: Profa. Dra. Anna Flora Brunelli (UNESP/SJRP)

“Porta dos Fundos e humor político no YouTube: o caso de ‘Esquerda Túnica’”

Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti (UFSCar/Sorocaba)

"A letra e a voz: discursos da mídia brasileira sobre a fala pública de Lula"

Prof. Dr. Carlos Piovezani (UFSCar)

“Paixões e intolerância em discussões políticas na Internet”

Profa. Dra. Sílvia Maria de Sousa (UFF)

12:15 – 14:00

Almoço

14:00 – 16:00

Sessões de Debates, Comunicações e Painéis

16:00 – 16:15

Café

16:15 – 18:00

Conferência de encerramento: “A nova cena pública criada pelo desenvolvimento das TIC: uma perspectiva sociocognitiva”

Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão (UFJF)

18:00

Encerramento

RESUMOS DE CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS

CONFERÊNCIA DE ABERTURA
OS DESAFIOS DA CIÊNCIA DA LINGUAGEM NO CONTEXTO DA POLARIZAÇÃO
SOCIOLINGUÍSTICA DO BRASIL
Prof. Dr. Dante Lucchesi (UFF)

Para além de desenvolver o conhecimento sistematizado sobre uma determinada área do real, a ciência também deve buscar moldar a forma como a sociedade vê essa porção do real, estabelecendo assim algum diálogo profícuo com o chamado *sensu comum*. Porém, a Linguística é provavelmente a ciência que menos consegue dialogar com a sociedade. Ao contrário do que ocorre em praticamente todas as áreas do saber formal, a visão hegemônica de língua na sociedade, bem como o que sobre a língua se ensina nas escolas, não se baseia no conhecimento científico da linguagem humana, mas em uma visão normativa que elege o *bon usage* da língua e discrimina os maus usos e *a fortiori* os seus usuários. A Gramática Tradicional é talvez o mais antigo paradigma do saber formal ainda vigente, não obstante o seu caráter dogmático e discricionário. Enquanto o arbítrio gramatical goza do prestígio de um douto saber, o conhecimento científico da língua é recebido com incredulidade e desconfiança, quando não com uma aberta hostilidade contra o “relativismo linguístico”. Isso se deve em parte à posição *sui generis* que a língua ocupa no plano da cultura. Mas a força da língua na construção da hegemonia das classes dominantes, nomeadamente a partir da constituição dos modernos Estados nacionais, diz mais sobre esse ostracismo da Linguística. Assim, o grande desafio que se coloca é o de promover a Revolução de Copérnico no universo da linguagem, revelando para a sociedade que a norma padrão não é o centro do universo e que a língua é antes uma nebulosa de variedades. Trata-se de um imenso desafio, mas nada será feito enquanto os linguistas não tiverem consciência de que existe um campo de disputa social, pois muitos parecem bem confortáveis na Torre de Marfim de um descritivismo asséptico, deixando o campo livre para o dogmatismo normativista plasmar a visão de língua na sociedade. É preciso, antes de tudo, ter consciência de que, como ficou claro nos eventos de 2011, difundir um conhecimento realista e, portanto, pluralista da língua é, numa sociedade como a brasileira, uma ação profundamente subversiva.

MESA REDONDA 1
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: UM DISCURSO DE RESISTÊNCIA
Mediadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (UNESP/Araraquara)

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E OS ESTUDOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS
Prof. Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP)

Calvet (2002) estabelece uma diferença importante entre o que é *política linguística* e *planejamento linguístico*. Segundo este autor, *Política linguística* é um “conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social, [enquanto que] *planejamento linguístico* [é] a implementação prática de uma política linguística” (p.145). Por sua parte, Maher (2013) argumenta que políticas linguísticas e planejamentos linguísticos são processos inseparáveis. Em termos da autora, essa distinção não procede, pois, “a determinação de planos para modificar estruturas e/ou usos linguísticos não pode se constituir apenas em meras *cartas de intenção*, mas tem que, necessariamente, também contemplar já no seu bojo, modos factíveis de promover as mudanças desejadas” (p. 120). Independentemente dos pontos de vista de Calvet (2002) e de Maher (2013), podemos nos perguntar se há uma política linguística do Estado Brasileiro relacionada ao futuro dos povos originários e de suas línguas atualmente faladas? Em esta Mesa Redonda, “*Políticas linguísticas: um discurso de resistência*”, trataremos de responder essa questão tomando como base a Constituição Federal de 1988, o Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010 relacionado ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), as Diretrizes para a Política Nacional Escolar Indígenas (1993), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Referencial

Nacional para as Escolas Indígenas (1998), entre outros. Outra questão importante a ser debatida é se há uma relação direta entre as políticas linguísticas oficiais do Estado Brasileiro e os estudos das línguas indígenas que são realizadas nos Programas de Linguística ou de Letras e Linguística das universidades brasileiras, tanto federais quanto estaduais? Trataremos de relacionar essas duas questões tendo em conta os dados estatísticos do IBGE (2010) que registra a existência de 274 línguas indígenas e 305 etnias diferentes, dados que ultrapassam as estimativas divulgadas em publicações acadêmicas, que consideram um número atual de 180 línguas originárias, distribuídas em 43 famílias linguísticas e 2 troncos linguísticos: a) o tronco Tupi, b) o tronco Makro-Jê (Rodrigues 2006).

LÍNGUA, IDENTIDADE E NACIONALIDADE Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (UNESP/SJRP)

Um conceito crucial para a sociologia da linguagem é o de identidade: o simples fato de se falar uma dada língua ou dialeto em vez de outra língua ou dialeto identifica de pronto a afinidade com um grupo social e o distanciamento de outros. Como identidade social e lealdade estão intimamente vinculadas, uma preocupação cara ao estado e ao governo, não exatamente à nação, é com o modo como esse espaço simbólico se configura na mente dos cidadãos. São sabidamente razões de natureza cultural, política e econômica que determinam o que é língua e o que são dialetos e, portanto, e o que define, em última análise, a ascensão de uma variedade ao estatuto de língua nacional. Em função disso, a discussão da noção de identidade, que pretendo fazer neste trabalho, vai-se cruzar forçosamente com a relação entre língua e política.

MESA-REDONDA 2 HORIZONTES DA TRADUÇÃO: TECNOLOGIA, LÉXICO E DIFERENÇA Mediador: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin (UNESP/Araraquara)

ESTUDOS DO LÉXICO URBANO: CABANA, CASA, HABITAÇÃO E SEM-TETO Prof. Dr. José Horta Nunes (UNICAMP)

Proponho apresentar questões ligadas a uma abordagem discursiva do léxico, especialmente o que se tem chamado de Estudos do Léxico Urbano. Nessa linha de pesquisa, são estudadas “palavras urbanas”, mostrando-se os sentidos delas na relação com a sociedade, a história, o político. São palavras que significam o espaço urbano, os sujeitos que aí se encontram, práticas, acontecimentos, em síntese, palavras que trazem pistas para uma compreensão da cidade pelo viés da linguagem. Para esta apresentação, tratarei das palavras *casa*, *cabana*, *habitação* e *sem-teto*, além de outras como *moradia*, *barraco*, *cortiço*, *condomínio*. Para as montagens de *corpora* são contemplados discursos de especialidades (arquitetura, urbanismo, gestão urbana). Ao mesmo tempo, tem-se em vista discursos cotidianos, lexicográficos, de senso comum e os que estão ligados a espaços citadinos (ruas, bairros, regiões centrais, periferias). Ao identificar os diferentes sentidos das palavras, conforme as posições de sujeito e as circunstâncias a que estão relacionados, observam-se tanto as relações de força (o “político”), quanto aquilo que produz sociabilidade, de modo a se lidar com a fragmentação sócio-espacial que caracteriza a urbanidade contemporânea. Em vista do tema da mesa-redonda, serão feitas algumas observações sobre tradução do léxico urbano.

A WEB FAZ DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DE RECURSOS DE VISIBILIDADE MIDIÁTICA
Profa. Dra. Erica Luciene Alves de Lima (UNICAMP)

A *web* é um espaço de dimensões político-ideológicas em que, por meio de recursos tecnológicos, linguísticos e semióticos, pessoas que muitas vezes não se conhecem, a não ser virtualmente, interagem e criam representações, (des)constróem estereótipos e (re)definem identidades. Uma das maneiras mais impactantes de ser visto no ciberespaço é a participação em grupos de rede social, pois, além de sua capacidade de difusão de informação entre os participantes, há uma representação performática de cada ator social, que cria uma identidade para si e para o outro a partir daquilo que compartilha na rede. Essa interação tem propiciado um debate contínuo sobre questões de visibilidade e reconhecimento da profissão, abrindo espaços de discussão que ultrapassam a parte social. Como parte do projeto “O tradutor nos blogs e nas redes sociais: questões identitárias, profissionais e acadêmicas”, este trabalho tem por objetivo refletir sobre as representações de tradutores e de tradução encontradas na internet por meio da análise de publicações ocorridas em dois grupos de grande influência na rede social Facebook. A fundamentação teórica é bastante interdisciplinar: além da Linguística Aplicada, que fornece embasamento para tratar de questões de identidade e discurso, recorreu-se à noção de representação social como desenvolvida por Serge Moscovici e a observações feitas por Jacques Derrida sobre o funcionamento da linguagem e da tradução.

MESA-REDONDA 3

POLÍTICAS DE ENSINO DE LÍNGUAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Mediadora: Profa. Dra. Maria Helena Vieira Abrahão (UNESP/SJRP)

ENTRE AUSÊNCIAS, DESCASOS E DESVALORIZAÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Profa. Dra. Isabel Gretel Maria Eres Fernández (USP)

A situação em que se encontram circunscritas na atualidade as línguas estrangeiras na Educação Básica devido à sanção da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, é extremamente grave e muito preocupante. As determinações legais afetam de modo negativo tanto as políticas linguísticas quanto as políticas de formação docente e de ensino de línguas. Daí a necessidade premente de refletirmos acerca de alguns descompassos entre o texto da mencionada Lei, os preceitos da Base Nacional Comum Curricular – ainda em elaboração – e outros documentos igualmente importantes nos quais pesquisadores da área evidenciam o cuidado e seriedade com que devem ser enfocadas as mencionadas políticas. Com base nessa revisão geral, tratamos de sintetizar algumas ações que podem contribuir para que não se consolide uma (maior) desvalorização das línguas estrangeiras na escola regular brasileira.

POLÍTICAS PÚBLICAS E ENSINO DE INGLÊS SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Profa. Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula (UFSCar)

A atenção dada à internacionalização por parte do governo federal e das instituições públicas e privadas de ensino superior levaram ao lançamento de programas voltados para o desenvolvimento acadêmico e linguístico da comunidade universitária, sem que se propusesse, contudo, políticas linguísticas e de formação de professores para a educação básica. Apesar de ainda muito timidamente, o estado de São Paulo parece querer romper com essa dura realidade. Sob a perspectiva do letramento crítico para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, pretende-se, nesta comunicação, apresentar resultados de projetos resultantes da implementação de políticas públicas, propostas pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, com foco no protagonismo do aprendiz e na construção de uma

sociedade mais justa e plural. São projetos que visam oferecer aos alunos da educação básica, do primeiro ano do Ensino Fundamental, ao terceiro ano do Ensino Médio, uma oportunidade de aprendizagem significativa da língua inglesa.

MESA-REDONDA 4

POLÍTICA NO DISCURSO MIDIÁTICO: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediadora: Profa. Dra. Anna Flora Brunelli (UNESP/SJRP)

PORTA DOS FUNDOS E HUMOR POLÍTICO NO YOUTUBE: O CASO DE “ESQUERDA TÚNICA”

Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti (UFSCar/Sorocaba)

Este trabalho pretende analisar a circulação e a repercussão do vídeo “Esquerda Túnica” do grupo brasileiro de humor Porta dos Fundos, veiculado em seu canal do YouTube. A abordagem teórica é a da Análise do Discurso de tendência francesa, notadamente a vertente que se caracteriza pela importância dada ao primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 1984). Em relação ao discurso humorístico, considera-se relevante a hipótese de que o humor é um campo (POSSENTI, 2010). O vídeo “Esquerda Túnica”, em um cenário e roteiro religiosos (Jesus fala a um grupo de pessoas que o insulta com xingamentos atuais), trata de um problema da cena política brasileira contemporânea, isto é, a polarização “cozinha”/“petralhas”, e sua repercussão foi bastante intensa. Enfocando esse fato, serão considerados objetos de análise para este trabalho tanto elementos internos à cena de enunciação (MAINGUENEAU, 2006), como os comentários, visualizações, marcações “gostei” e “não gostei” etc., quanto elementos externos à cena, como outros vídeos que replicam ou respondem ao vídeo do grupo humorístico. Como primeiros resultados das análises, pode-se ressaltar que a repercussão do vídeo, possibilitada sobretudo pela produção de conteúdo na Internet, centra-se essencialmente no roteiro e cenário religiosos, e que a polêmica em torno de um vídeo de humor parece ser representativa do momento político conturbado que atravessa o país. Para além do vídeo específico, pretende-se com as análises contribuir para a caracterização do funcionamento do campo discursivo do humor nas mídias contemporâneas, em especial no YouTube.

A LETRA E A VOZ: DISCURSOS DA MÍDIA BRASILEIRA SOBRE A FALA PÚBLICA DE LULA

Prof. Dr. Carlos Piovezani (UFSCar)

Em minha intervenção pretendo apresentar alguns resultados de dois projetos de pesquisa complementares: “A língua, o corpo e a voz do povo: uma análise dos discursos da mídia sobre a fala pública eleitoral de Lula”, financiado pela FAPESP (Processo 2016/04024-0); e “A fala e a voz do povo na mídia brasileira: uma análise dos discursos midiáticos sobre os pronunciamentos de Lula”, financiado pelo CNPq (Processo 104634/2016-2). O objetivo geral dessas pesquisas e, por extensão, o de minha exposição será o de analisar discursos sobre o desempenho oratório de Luiz Inácio Lula da Silva produzidos ou veiculados pela mídia brasileira contemporânea. Com base na Análise do discurso, identificarei o que se diz sobre a fala, o corpo e a voz de Lula e como são formulados os enunciados a seu respeito, durante suas campanhas eleitorais, no decurso de seu mandato e ainda após sua saída da presidência. Mais precisamente, meu propósito consiste em buscar responder a questões como as seguintes: o que e como a mídia brasileira falou da performance oratória de Lula, como candidato, presidente e ex-presidente? Quais são e de quais campos provêm os enunciados retomados, reformulados e apagados, quando a mídia trata da qualidade, das características e eventualmente das transformações das falas públicas de Lula? Ocorrem ou não referências mais ou menos especializadas às propriedades linguísticas, corporais e

prosódicas de seus pronunciamentos nas descrições e avaliações midiáticas? Quais são as estratégias retóricas e as qualidades linguísticas do candidato, do presidente e do ex-presidente mencionadas por especialistas e não especialistas em textos midiáticos? Há variações no tratamento dispensado à fala, ao corpo e à voz de Lula, na medida em que são descritos por veículos ou autores considerados progressistas ou conservadores? No intuito de formular respostas a essas questões, analisamos uma série de textos dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo e das revistas Veja e Carta Capital, publicados de 1989 até nossos dias.

PAIXÕES E INTOLERÂNCIA EM DISCUSSÕES POLÍTICAS NA INTERNET

Profa. Dra. Silvia Maria de Sousa (UFF)

Para refletir sobre as questões contemporâneas vinculadas à manifestação do discurso político na mídia, a comunicação elege como objeto discussões políticas na Internet. Por meio do instrumental teórico da Semiótica discursiva de linha francesa, buscaremos descrever e explicar a emergência da intolerância e do preconceito em redes sociais. Barros (2013) observa que os discursos intolerantes não constituem propriamente um gênero textual, já que podem participar de diversas esferas de circulação - religiosa, política, familiar, entre outras - mas defende que é possível delimitar características gerais do funcionamento desses discursos, a saber: a) são discursos de sanção, b) desenvolvem especialmente as paixões do ódio e do medo, c) assentam-se sobre a oposição de base identidade vs. alteridade (cf. BARROS, 2013, p. 76). Neste trabalho, focalizaremos o componente passional do discurso intolerante, a fim de compreender como as relações antagonistas entre interlocutores, dadas pela polarização entre negação e adesão a certos pontos de vista, tonificam ou atonizam paixões malevolentes, do tipo ódio e raiva, ou benevolentes, como simpatia e amor. Elegeremos como totalidade analítica os comentários postados no Facebook sobre notícias referentes ao depoimento do ex-presidente Lula ao juiz Sérgio Moro, coletadas nas páginas de O Globo, Estadão e Veja, em 11 de maio de 2017. Com este estudo, pretendemos dar relevo e, ao mesmo tempo, contribuir com a análise semiótica dos discursos intolerantes e, por outro lado, dar continuidade à pesquisa sobre os modos de constituição e de circulação do discurso na Internet.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

A NOVA CENA PÚBLICA CRIADA PELO DESENVOLVIMENTO DAS TIC: UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão (UFJF)

É amplamente consensual que o espaço de formação de opinião nas últimas décadas tem sido decisivamente impactado pelo advento das novas tecnologias de informação e comunicação. Importantes vertentes de estudos não só políticos e socioculturais, como também cognitivos e filosóficos, têm tematizado este fenômeno, que tem fortes repercussões tanto na vida cotidiana como na demanda por novas políticas públicas (de educação, comunicação, segurança ...). A hipótese sociocognitiva sobre a filogênese da linguagem e sua evolução (TOMASELLO, 2009, 2014) é relevante na consideração destes processos e enseja importantes reflexões sobre a emergência da nova subjetividade decorrente (com o correspondente feixe de preocupações com privacidade, liberdade de expressão, direitos autorais, proteção de dados pessoais e outras temáticas correlatas). Nessa exposição exploraremos a nova cena pública produzida pelo advento das TIC à luz da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem, a cultura e a cognição humana.

RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES: Debates

ESTUDO DO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM EDITORIAIS DE JORNAIS PAULISTAS DO SÉCULO XXI

Aline Gomes Garcia (UNESP/SJRP)

Neste trabalho (Processo FAPESP n. 2016/09046-1), fundamentado no quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-Interativa, investigamos o processo de Organização Tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI. De modo particular, investigamos os dois níveis de funcionamento desse processo: a organização intertópica e a organização intratópica. No que concerne ao primeiro nível, objetivamos verificar a possível existência de complexidade intertópica nos editoriais de jornais paulistas atuais (isto é, identificar se cada editorial apresenta um único SegT mínimo ou mais de um SegT mínimo). No caso da identificação de complexidade, nosso objetivo compreende averiguar o grau de complexidade hierárquica (quantidade de SegTs mínimos e de quadros tópicos por editorial) e os tipos de linearização entre SegTs mínimos. Quanto ao segundo nível, analisamos se editoriais apresentam uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos e, na verificação de regularidade nesse processo, nosso objetivo compreende descrever detalhadamente essa regra. Os resultados obtidos até o momento indicam a presença de complexidade intertópica nos editoriais atuais, mostrando que o tópico global dos editoriais pode ser dividido em dois, três, quatro ou cinco SegTs mínimos, organizados em um ou dois quadros tópicos, e revelando que os editoriais se caracterizam pela presença quase absoluta de continuidade tópica com transição pontual. Além disso, os dados sugerem que os editoriais atuais parecem comportar, ao menos, uma regra geral de organização interna de SegTs mínimos. O corpus da pesquisa reúne editoriais dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo”, e o método utilizado, de natureza empírico-indutiva, é o da análise tópica (JUBRAN, 2006).

TERMINOLOGIA DO DIREITO DO CONSUMIDOR: ANÁLISE DA VARIAÇÃO CONCEITUAL

Amanda Henrique Pereira (UNESP/Araraquara)

O reconhecimento da Terminologia como a ciência que investiga o uso das unidades léxicas em contexto técnico-científico foi um dos marcos metodológicos para a disciplina, pois delimitou o campo de ação da Terminologia, aspecto essencial para qualquer ciência. Tão importante quanto estabelecer o objeto científico da Terminologia foi reconhecer que a língua em contexto científico é passível à variação, seja ela de ordem denominativa ou conceitual, isto é, variação de nome ou significado (CABRÉ, 1999). Com base nisso, nossa pesquisa tem como objetivo analisar a variação conceitual de termos substantivos no âmbito do Direito do Consumidor, que por sua vez, caracteriza-se como área do Direito que visa regulamentar as relações de consumo, ou seja, compra, venda, prestação de serviços. Visto que se trata da pesquisa em processo de desenvolvimento, visamos, portanto, apresentar os procedimentos realizados até o momento bem como os resultados que pretendemos alcançar, por isso, para a elaboração da análise, consideramos relevante retomar o percurso da Terminologia como ciência, seus pressupostos, objetivos e trajetória, levantamos também alguns pressupostos teóricos relacionados ao significado, contexto e referência com base em teorias da Semântica, Semântica lexical e cognitiva. Como aporte metodológico, atemo-nos ao modelo estabelecido por Kostina (2009) com as devidas adaptações a nosso contexto de pesquisa, o construto elaborado por Kostina consiste em uma análise que visa investigar a variação por meio das sentenças definitórias. Como resultados parciais, apresentamos a análise referente a unidade lexical consumidor, entendemos que a partir das análises será possível traçar um quadro que permita-nos compreender melhor as motivações da variação conceitual no contexto investigado dentro do Direito do Consumidor.

GRAMATICALIZAÇÃO DE PREDICAÇÕES VERBAIS E NÃO VERBAIS AVALIATIVAS ENCAIXADAS NO VERBO ACHAR: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

Ana Caroline de Lima Parreira (UNESP/SJRP)

Este trabalho aborda as predicções verbais e não verbais com predicador adjetival avaliativo encaixadas no verbo achar, com o objetivo de traçar o percurso de gramaticalização dessas construções na história do português. O aparato teórico utilizado baseia-se nos estudos sobre gramaticalização de orações, desenvolvidos, sobretudo, por Hopper e Traugott (2003) e Lehmann (1988). Para realização dessa pesquisa, foram analisados dois corpora: o banco de dados do “Projeto Para história do português” da Universidade Federal da Bahia, que inclui textos do século XIII ao XX; e o banco de dados Iboruna, do Projeto ALIP, que inclui amostras de fala do século XXI. Análises iniciais dos dados coletados revelam que, entre os séculos XIII e XVIII, as predicções que apresentam a configuração sintática *achar [SN + SAdj]* estão associadas ao uso do verbo *achar* em contextos em que o verbo assume o sentido mais concreto de “encontrar algo em algum estado”, como resultado de processo de busca. Porém, no século XIX, verifica-se que, ainda sob a mesma configuração sintática, o verbo *achar* assume o valor epistêmico de “considerar”, o que parece justificar a hipótese de que *achar* (epistêmico) ocorra primeiramente com predicções não verbais reduzidas, como uma extensão de sentido de *achar* mais concreto e, com o tempo, passa a admitir predicções não verbais desenvolvidas e verbais, como em “Não acho proprio que as Guardas | Nacionaes pouco a pouco se tornem Corpos de Procissões” (séc. XIX). Em séculos anteriores ao mencionado, identificaram-se usos ambíguos, em que o SN da predicação encaixada aparece deslocado, como em “E porque o enmiigo (...) os achou muy fortes e muy firmes” (séc. XIV). Essa constatação evidencia que a mudança ocorreu paulatinamente e, com o passar dos séculos, a posição do SN e do predicado avaliativo na construção complexa fixou-se de tal maneira que pudesse viabilizar a principal função desse tipo de predicação observada no século XXI, que consiste em expressar o grau de experiência do falante com o alvo da avaliação.

AS CONSTRUÇÕES “ALÉM DE” SOB A PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Ana Paula de Oliveira (UNESP/SJRP)

O trabalho que ora se apresenta, intitulado ‘As construções “além de” sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional’, tem por objetivo analisar as relações estabelecidas pelos sintagmas e orações construídos a partir da estrutura “além de” no português, por meio da análise de ocorrências de língua falada em países lusófonos. Para tanto, toma-se como aparato teórico a teoria da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), um modelo que privilegia a intenção comunicativa do falante ao fazer uso do sistema linguístico em situação de interação. Como universo de pesquisa, foram selecionados dados do corpus “Português oral”, que traz amostragens das variedades do português falado em Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Até o presente momento, a análise revelou que essas construções estabelecem duas funções distintas, sendo uma de cunho pragmático e outra de cunho semântico. A primeira delas é o que denominamos Função Retórica Adição e se estabelece no Nível Interpessoal entre dois Atos Discursivos, um nuclear e outro subsidiário, representado pela construção “além de”. A segunda, por seu turno, se estabelece no Nível Representacional, entre um Conteúdo Proposicional e um Estado-de-coisas, e, portanto, trata-se de uma Função Semântica que, diferentemente da Função Retórica, envolve partes, cujo conteúdo apresentam uma continuidade semântica. Este estudo, além de debruçar-se sobre um tipo de construção, que não recebe a devida atenção por parte da Gramática Tradicional e de pesquisas linguísticas, contribui também, a partir da investigação do papel comunicativo deste tipo de estrutura, para a discussão de conceitos teóricos específicos da teoria da Gramática Discursivo-Funcional, como o papel da camada do episódio no português.

DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS DE INGLÊS COM FINS ACADÊMICOS PARA UM CORPUS COLABORATIVO INTERINSTITUCIONAL

Anna Luisa Lopes Alves (UNESP/SJRP)

O uso da língua inglesa, considerada franca pelas revistas de publicações científicas, tornou-se prática recorrente e obrigatória de pesquisadores das mais diferentes áreas devido à necessidade de publicações em revistas e também pela possibilidade de publicações internacionais. Ao observarmos a necessidade do uso de inglês em pesquisas e apresentações de conferências internacionais, esta pesquisa visa produzir material didático baseado em corpus para um curso de Inglês com Fins Acadêmicos e também o desenvolvimento de atividades didáticas de EAP (English for Academic Purposes) com base em um corpus colaborativo interinstitucional (corpus IFA – corpus de Inglês com Fins Acadêmicos), desenvolvido por pesquisadores da UNESP, UFMG e demais instituições de nível superior. As atividades didáticas têm como objetivo auxiliar alunos universitários brasileiros de várias regiões e de diversos cursos de universidades do território nacional a produzirem seus próprios abstracts em língua inglesa. Alguns autores e referenciais teóricos dessa pesquisa são: Dutra, et al. (2016), Alves e Tagnin (2012), Berber Sardinha e Shepherd (2012), Dayrell (2011), Mauranen, et al. (2010), Swales e Feak (2009) e Berber Sardinha (2000). Como resultados preliminares da pesquisa apresentaremos atividades de escrita com orações denominadas “that clauses”, devido à análise realizada especificamente quanto ao desenvolvimento dos movimentos retóricos “results”, “findings” e “conclusion”; assim como a atividade em que os alunos coletam e compilam seus corpora (Do-it-yourself corpora), que são a base para uma escrita autônoma. Almeja-se, a partir desta pesquisa, que os alunos de universidades se tornem aptos a desenvolverem resumos de artigos em inglês de maneira autossuficiente a partir de suas próprias coletas de corpus e atividades didáticas de EAP.

TRADUÇÃO DE HUMOR NO SERIADO "EL CHAVO DEL 8"

Ariel Marcelo Fernández Queiroz (UNESP/ SJRP)

Neste trabalho analisaremos os problemas de tradução na dublagem do seriado “El Chavo del 8” (“Chaves” no Brasil) do espanhol do México para o português do Brasil, com base nas teorias de tradução audiovisual fundamentadas por HURTADO ALBIR (2001), de tradução do humor fundamentadas por ROSAS (2002), LUJAN (1975) e POSADA (1995). Outras teorias nos ajudarão a definir problemas e possíveis soluções, como as definições de erro propostas por FROTA (2008) e as estratégias de tradução propostas por BARBOSA (2004), para tanto, utilizaremos um corpus paralelo (VIANA e TAGNIN (2015) para as análises. O problema principal da maioria das dublagens humorísticas são os laughtracks (sons artificiais de um público rindo), já que, às vezes, a trilha sonora de risadas não coincide com uma piada, o que causa estranheza no público alvo. Apresentamos uma proposta de análise que será realizada em três etapas: a primeira, que consistiu na criação de uma tabela com as minutagens das piadas de cada episódio e uma seção “sim/não houve piada” a ser preenchida por falantes nativos de português, uma segunda etapa realizada por 14 participantes que responderam se houve piada ou não e uma terceira etapa composta por tabelas para cada piada dos episódios selecionados nas quais os falantes nativos determinaram que não houve piada, junto com o texto original, o texto traduzido, a explicação de por que a piada perdeu comicidade e uma proposta de tradução. Com base na definição dos problemas e nas propostas de tradução, pretende-se determinar as possíveis soluções que os tradutores audiovisuais, tanto os profissionais quanto os iniciantes; e tanto de dublagem quanto de legendagem, teria para traduzir as piadas.

AS ORAÇÕES PREFACIADAS POR *INCLUSO SI* NO ESPANHOL ESCRITO PENINSULAR À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Bárbara Ribeiro Fante (UNESP/SJRP)

O objetivo deste trabalho é investigar, segundo os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as orações denominadas pela tradição linguística de “concessivo-condicionais” introduzidas por “incluso si” em dados do espanhol peninsular escrito. Essas estruturas são vistas por autores como König (1986), Flamenco García (1999), Neves (1999) e Rodríguez Rosique (2012) como híbridas, localizando-se entre a concessão e a condição, o que significa, portanto, que elas contêm propriedades das duas categorias. Assim, em uma oração como “Incluso si se lo pedimos por escrito, no nos lo devolverá” (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3842), a oração introduzida por “incluso si” compartilha com as concessivas a característica de apresentar um possível obstáculo (pedir por escrito) que não chega a impedir o que está expresso na oração principal (ele não nos devolverá); já com as condicionais, essas estruturas compartilham a característica de apresentarem um evento hipotético (podemos pedir algo por escrito ou não). No entanto, nossos resultados indicam que as estruturas introduzidas por “incluso si” são estruturas condicionais, uma vez que tendem a ser semifactuais, segundo o critério da Factualidade, e não pressupostas, segundo o critério da Pressuposição; além de atuarem, prototipicamente, na camada do Conteúdo Proposicional, a mais alta do Nível Representacional, desempenhando função semântica condição. Além disso, as análises apontam que o papel de “incluso” é o de intensificar a oração condicional. Nesse caso, a ênfase é do Nível Interpessoal, pois corresponde a uma escolha do falante para alcançar seu objetivo comunicativo, destacando a informação que contém maior valor informativo. O universo de investigação é embasado no *corpus* CREA (“Corpus de referencia del español actual”), um conjunto de textos de diversa procedência, organizados em suporte informatizado.

O TELETANDEM COMO MEIO DE DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO E DA COMPREENSÃO ORAL DE APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA

Bruna da Silva Campos (UNESP/Araraquara)

O Teletandem, modalidade de aprendizagem de línguas mediada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação, dentro de um contexto autônomo, recíproco e colaborativo, tem como um de seus objetivos o contato de universitários brasileiros com universitários estrangeiros, promovendo o intercâmbio de suas respectivas línguas e culturas (TELLES; VASSALLO, 2006). Além de ser uma atividade colaborativa, o Teletandem tem como foco a produção e a compreensão oral (speaking e listening) de seus participantes, uma vez que speaking e listening são atividades interativas (NATION, 2011, GOH, 2014), e podem ser subsidiadas por meio de videoconferências, como ocorre no contexto Teletandem. O objetivo geral desta pesquisa é investigar as estratégias usadas pelos alunos nas interações de Teletandem para o desenvolvimento de sua produção e compreensão oral em língua inglesa. Para atingir tal objetivo, adotaremos como aporte teórico trabalhos que versam sobre a aprendizagem de línguas em teletandem (TELLES; VASSALLO, 2006, TELLES, 2009, SALOMÃO; SILVA; DANIEL, 2009, SALOMÃO, 2011, 2012, GARCIA, 2015, EVANGELISTA; SALOMÃO, no prelo); a produção e compreensão oral em língua estrangeira (NATION, 2011, GOH, 2003, 2014, LAZARATON, 2014, HINKEL, 2006) e as estratégias de aprendizagem (OXFORD, 1990, WILLIAMS; BURDEN, 2002, O’MALLEY; CHAMOT, 1991). Nossa metodologia de pesquisa assim como os instrumentos de coleta de dados, que consistem em questionário inicial, diários reflexivos, gravações de áudio e questionário final, são de natureza qualitativa (MOITA LOPES, 1996, MINAYO, 2004, BOGDAN; BILKEN, 1994). A análise parcial dos dados revela que os participantes investigados, a fim de desenvolver sua produção e compreensão oral em língua inglesa, utilizam estratégias de aprendizagem dos tipos: cognitiva, de compensação, e principalmente, social, uma vez que esse tipo de estratégia

permite ao aprendiz aprender a língua por meio da interação e da colaboração com os demais, sejam eles aprendizes ou falantes da língua, como ocorre nas parcerias Teletandem.

EAP CRÍTICO PARA BRASILEIROS PÓS-GRADUANDOS EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO: CONTRIBUINDO PARA O LETRAMENTO ACADÊMICO DOS ALUNOS EM DOIS GÊNEROS

Bruna Gabriela Augusto Marçal Vieira (UNESP/SJRP)

Cursos de Inglês para Fins Acadêmicos (EAP) visam, por meio do reconhecimento de aspectos formais dos gêneros acadêmicos, como padrões linguísticos e retóricos, preparar graduandos e pós-graduandos para a compreensão e a produção de textos em inglês. Para desenvolver o letramento acadêmico (FERREIRA, 2015) dos aprendizes, no entanto, de modo que sejam capazes de não apenas compreender e reproduzir, como também de questionar e desafiar discursos e práticas das comunidades acadêmicas de que fazem parte, é preciso ampliar as discussões em sala de aula para aspectos extratextuais que implicam os usos dos gêneros pela comunidade, assim como propõe a perspectiva crítica do EAP (CEAP) (BENESCH, 2001). Considerando a grande importância da comunicação internacional para o progresso científico e o baixo nível do letramento acadêmico em língua inglesa de universitários brasileiros, esta pesquisa tem por objetivo desenvolver, com o apoio da FAPESP (processos número 2015/11088-1 e 2016/06589-4), um curso crítico de inglês para fins acadêmicos online para pós-graduandos brasileiros da área de Ciência da Computação. Para tanto, uma análise contextual crítica, apoiada na perspectiva de análise de gêneros da Nova Retórica (BAZERMAN, 2004), será somada à análise textual, realizada com base na perspectiva da Sociorretórica (SWALES, 2004), que costuma preceder e embasar a elaboração de cursos de EAP. Até o presente momento, parte da análise contextual, cujo objetivo é identificar fatores sociais, políticos e ideológicos envolvidos no contexto de publicação acadêmica de revistas de alto impacto da área, já foi realizada. Respostas de 37 experts brasileiros a um questionário sugerem que sexo, titulação, filiação acadêmica, colaboração internacional e financiamento de pesquisa sejam fatores influenciadores para o aceite de artigos. Ademais, parte da análise textual também já foi desenvolvida, revelando o comportamento linguístico e retórico de resumos e de introduções de artigos de pesquisa de sete subáreas de Ciência da Computação.

IDENTIDADE SOCIAL E AVALIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO DA FALA DE BONFIM PAULISTA

Bruna Loria Garcia (UNESP/Araraquara)

Em seu estudo pioneiro sobre a fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, Labov (1972) concluiu que algumas pessoas conservavam traços não-prestigiados por considerá-los traços identitários de sua fala. A inserção de um grande número de moradores forasteiros mudou a realidade da ilha e as atitudes linguísticas dos antigos moradores da região. Em fenômenos similares, a avaliação e as identidades sociais podem levar à retração no emprego de formas desprestigiadas – e a seu desaparecimento – ou à manutenção e expansão delas (LABOV, 1972). Uma mudança social semelhante é vista em Bonfim Paulista que, desde a década de 1990, experimenta a construção de 28 condomínios fechados na comunidade. Antiga referência rural, Bonfim é destaque pela valorização imobiliária e celebrada por sua reputação relacionada à qualidade de vida, tão almejada pelos moradores dos condomínios. Os bonfinenses, acostumados com um ritmo de vida desacelerado, depararam-se com a chegada expressiva de milhares de novos moradores, portadores de status e de um estilo de vida ostentativo, alterando a dinâmica social e quiçá linguística da região. Percebendo a relevância da mudança social ocorrida no distrito e por meio do estudo de um fenômeno variável superavaliado – a concordância verbal –, será analisada a contraposição da fala dos dois grupos da comunidade: os moradores do distrito e os dos condomínios. Seguindo os

pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), a pesquisa utiliza, como corpus, transcrições das falas dos informantes, selecionados a partir de variáveis extralinguísticas. O estudo traz respostas quanto ao efeito das mudanças sociais nos usos linguísticos do distrito, revelando que a atitude dos bonfinenses de tentar adequar-se à variedade dos condôminos, aceitando os novos costumes, é visível; como aponta Carlucci (2015, p.131): “Bonfim se ‘enfeita’ ou busca abrir mão de seu sotaque caipira para parecer menos matuta aos condomínios”.

A INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO ENTRE ORTOGRAFIA E FONOLOGIA NA PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DE FONEMAS CONSONANTAIS, EM POSIÇÃO DE ONSET, NO INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Caio Frederico Lima Correia Novais de Oliveira (UNESP/Araraquara)

Devido à condição do inglês como a língua franca, de fato, da divulgação científica no mundo, seu aprendizado é determinante para cientistas brasileiros que quiserem alcançar o público internacional. Existem, por conta disso, diversos estudos que tratam desse processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Pretendemos, assim, oferecer nossa contribuição a esses estudos. Nossa hipótese é a de que a inevitável transferência linguística da língua materna para a estrangeira ocorra, também, no nível da correspondência grafo-fonológica. Isso significa que a ortografia da língua estrangeira pode afetar a percepção fonética ou fonológica das produções orais da língua-alvo, criando uma ilusão acústica no ouvinte. O principal objetivo de nossa pesquisa é fazer o mapeamento de correspondências grafo-fonológicas de consoantes do inglês, em posição de onset, cujas realizações orais também façam parte do inventário fonológico do PB e que, potencialmente, causem desvios de percepção e produção do inglês. Utilizando um corpus de palavras de alta frequência em inglês, serão realizados experimentos de percepção auditiva e de produção oral com aprendizes de inglês como língua estrangeira em nível de graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara. Dessa forma, buscaremos corroborar, com mais volume de dados, a hipótese levantada no nosso trabalho de mestrado.

O FENÔMENO DA RECONTEXTUALIZAÇÃO LEXICAL EM OBRA REUNIDA DE CAMPOS DE CARVALHO: ESTUDOS INICIAIS PARA A ELABORAÇÃO DE UM DICIONÁRIO DE ESPECIALIDADE

Caio Santilli Oranges (UNESP/Araraquara)

O texto literário pode ser um corpus muito rico para análises linguísticas: em busca da maior expressividade no uso da língua, os autores a inovam, (re)criando e transgredindo questões da norma linguística. Isso é o que acontece em *Obra Reunida*, do romancista brasileiro Walter Campos de Carvalho. Escrevendo suas narrativas com humor e ironia, e construindo seu próprio mundo baseado na transgressão, na loucura e no nonsense, esse autor busca renunciar e afastar-se de questões racionais e lógicas. As narrativas, portanto, são compostas pela denúncia, renúncia e afastamento das questões de ordem social que transformam a vida em algo regrado e racional. Não é surpresa, portanto, que as narrativas apresentem também a desconstrução da linguagem, recriando regras linguísticas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é identificar e analisar o fenômeno da recontextualização lexical - a mudança de significado em unidades lexicais - e como esse fenômeno contribui para a formação de *Obra Reunida* e para o resgate da obra do autor, considerada de pouca expressão no cenário nacional. Assim, a partir dos postulados de Bréal (2008), Seide (2006), Ullmann (1964) e Núñez (1999), analisaremos o contexto de uso dessas lexias, a fim de identificar a intenção do autor na utilização de alguns mecanismos linguísticos, como a polissemia, a homonímia, a metáfora e a metonímia. Ademais, as premissas lexicográficas de Welker (2004), Borba (2003), Biderman (1978) e Porto Dapena (2002) serão utilizadas para resolver a questão do

registro lexicográfico de unidades multissignificativas para uma futura elaboração de dicionário de especialidade. Além disso, questões de Estilística Portuguesa, conforme Martins (2008) e Câmara Jr (1977), serão levadas em consideração. Os resultados esperados apontam para uma vasta quantidade de unidades recontextualizadas, principalmente verbos, adjetivos e substantivos, as quais contribuem para o estilo excêntrico do autor.

AVALIAÇÃO DE PROFICIÊNCIA ORAL EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM AVALIATIVA EM UM EXAME PARA PROFESSORES DE LÍNGUAS COM BASE EM MÉTODOS DE ESTRUTURAÇÃO DE PROBLEMAS E EM MÉTODOS MULTICRITÉRIO DE ANÁLISE DA DECISÃO

Camila Sthéfanie Colombo (UNESP/SJRP)

O EPPL – Exame de Proficiência para Professores de Línguas Estrangeiras consiste em um exame que avalia, com base no desempenho, a proficiência do professor de línguas que atua ou atuará no contexto brasileiro. Mais especificamente, visa avaliar a proficiência linguístico-comunicativa-pedagógica desse professor na língua em que ensina, ou seja, tanto sua competência de uso geral quanto sua competência de uso específico, para o ensino. Por consistir em uma avaliação de alto impacto em fase de implementação, faz-se necessária a realização de estudos que garantam a validade de seus resultados. Esta pesquisa tem por objetivo geral reestruturar o modelo de avaliação e de tomada de decisão para classificação do candidato em faixas de proficiência do EPPL. Assim, tem por objetivos específicos: (i) adequar a escala de proficiência e a rubrica de correção ao construto, às tarefas e aos interesses dos *stakeholders* do exame e (ii) elaborar uma estrutura avaliativa que considere a opinião dos avaliadores em consenso. Para tanto, busca-se trabalhar teorias de avaliação da Linguística Aplicada em interdisciplinaridade com teorias de análise da decisão desenvolvidas pela Pesquisa Operacional. Para a adequação da escala de proficiência e elaboração de rubricas, a metodologia utilizada baseia-se nas orientações desenvolvidas pelo método de estruturação de problemas (*Value-Focused Thinking*), permitindo a definição dos critérios – bem como de suas unidades de mensuração e pesos – e dos descritores. Métodos Multicritério de Análise da Decisão serão empregados com vistas a validar o modelo decisório desenvolvido com base na etapa anterior. Assim, o modelo proposto visa eliminar a necessidade de terceira correção e minimizar a ocorrência de discrepâncias entre os avaliadores, aumentando a praticidade, a validade e a confiabilidade do exame. Também se espera que o modelo gerado por este trabalho contribua, como etapa inicial, para a automatização do processo de correção do exame.

GLOBAL ENGLISH: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO FALANTE DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA EM UM MATERIAL DIDÁTICO

Carolina Marques Déa (UNESP/Araraquara)

O ensino de língua inglesa encontra desafios em relação à escolha de qual inglês “deve” ser ensinado. Questões sobre escolher reproduzir a variedade britânica ou a variedade americana (focando nos planos lexical, fonético e cultural de uma suposta variedade padrão, enquanto que outras variedades não são nem consideradas como uma possível escolha para a sala de aula) são comuns entre professores, mas é preciso refletir se há real necessidade de mimetizar um falante nativo quando a maioria das interações em língua inglesa não ocorrem entre nativos. Além dos entraves metodológicos e também das dificuldades na escolha e na adoção da abordagem que guiará o processo de ensino-aprendizagem, professores e linguistas aplicados refletem sobre a concepção de língua e status dessa língua no cenário internacional: devemos ensiná-la como uma língua estrangeira ou como uma língua franca? E ainda: o que é uma língua franca? Neste trabalho fazemos uma discussão acerca do papel do inglês no cenário internacional e também sobre como os aspectos mencionados influenciam a confecção de materiais didáticos, compreendendo os possíveis impactos

linguísticos e também com relação à sensibilização ao inglês falado por falantes de Inglês como Língua Franca. Nosso corpus consiste na seção Global Voices contida em todos os volumes da série Global (Macmillan). Analisamos, principalmente, como a língua inglesa e seus diversos falantes são representados no material. Tal investigação se dá a partir de uma matriz de análise proposta para esta pesquisa. O roteiro utilizado como instrumento de análise nesta pesquisa foi desenvolvido a partir de revisão bibliográfica sobre ILF e sobre ILF e livro didático (LD). A peculiaridade desta análise reside no fato de que buscamos focar nossas reflexões sobre os falantes de ILF presentes no material didático em questão, focando na representação desses indivíduos no LD e do inglês falado por eles.

A REDE DE HERANÇA DA CONSTRUÇÃO TRANSITIVA EM PORTUGUÊS

Carolina Medeiros Coelho Marques (UNESP/Araraquara)

Temos como objetivo discutir, ainda de forma incipiente, a rede da construção transitiva a partir da perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013). A construção transitiva, constituída por sujeito, verbo e objeto, e que codifica um “evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto” (Martelotta e Areas, 2003, p. 38), corresponde a casos como (1) “agarrou uma tesoura” e (2) “pegou o copo”, em que agarrar e pegar são verbos lexicais plenos, que subcategorizam objetos diretos - afetados por sofrerem mudança de localização, e apresentam sujeito agente. Contudo, esses verbos também constituem construções como (3) “agarrou a chance” e (4) “pegou a oportunidade”, em que o afetamento do objeto é metafórico e o sujeito é experienciador. A ausência de agentividade e de afetamento constitui, a nosso ver, uma mudança construcional na contraparte semântica do pareamento, cujo resultado é a emergência de micro construções que se ligam, em rede, ao sentido prototípico da construção. Além de casos como (3) e (4), há casos em que a sequência verbo-nome, embora sintática e morfologicamente separada, forma uma unidade, de modo que o sintagma nominal não pode ser visto como objeto direto, como em (5) “agarrou nojo” e (6) “pegou birra”. Além dessa mudança na contraparte sintática do pareamento, também há mudança semântica, uma vez que o significado dessa construção codifica o início das ações de enojar e emburrar. Portanto, entendemos que houve, para a emergência desses últimos casos, o processo de construcionalização, uma vez que um novo pareamento é criado, com forma e sentido próprios. Nossa proposta, portanto, é analisar desde os casos prototípicos da construção transitiva com os verbos agarrar e pegar até casos que parecem estar ligados a eles por meio do elo de herança.

CATEGORIAS DO PARADIGMA VERBAL E A CIÊNCIA PRAGMÁTICA: REFLEXÕES SOBRE ALGUNS FUNDAMENTOS E POSSIBILIDADES NAS AULAS DE ELE

Caroline Alves Soler (UNESP/Araraquara)

Neste trabalho apresentamos os resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado, cujo enfoque é a investigação sobre o ensino de verbos do modo indicativo nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Para refletir e direccionar reflexões sobre a abordagem do tema, pautamo-nos nos princípios de Competência Comunicativa (Hymes, 2000) e em aspectos da Pragmática, centrando-nos na Teoria da Cooperação (Grice, 1975), vertentes teóricas que se preocupam com o uso da língua em situações concretas. Logo, apresentamos um estudo concernente às categorias do paradigma verbal sob a ótica aspectual (Gutiérrez Araus, 2012) a partir do pressuposto de que a aprendizagem dos verbos constitui uma das maiores dificuldades gramaticais nas aulas de ELE, portanto deve ser uma atividade discursiva vinculada a um processo global de comunicação, ampliando, assim, a estrutura do sistema verbal do espanhol atual de três (tempo, modo e aspecto) para cinco categorias (pessoa/número, temporalidade, perspectiva discursiva, aspecto verbal, modo verbal e modalidade), dentre as quais destacamos o “aspecto” que expressa a duração de um

processo por meio de um verbo que representa a ação e está diretamente relacionado à questão do tempo. Por fim, procedemos à descrição e à análise de um questionário piloto, para compreender como os sujeitos-colaboradores iniciais de nossa pesquisa - estudantes do último ano do curso de Letras/Espanhol de uma universidade pública no Estado de São Paulo - consideram a questão aspectual na abordagem do assunto e se a relacionam com as demais categorias gramaticais do verbo, viabilizando, por conseguinte, o ensino do tema vinculado aos seus reais valores e perspectivas de uso. Destacamos que, nesse primeiro momento, observamos que a maioria desconhece o conceito de “aspecto verbal” e associa o ensino de verbos nas aulas de ELE à prática de exercícios estruturais atrelados à aplicação de atividades lúdicas.

O IMAGINÁRIO SOBRE SUJEITO-PROFESSOR-LEITOR NO CURSO DE LETRAS DA UFAC: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA Ceildes da Silva Pereira (UNESP/SJRP)

Nesta pesquisa, propomos analisar, a partir das perspectivas teóricas da Análise do Discurso (AD) pecheuxiana e dos Novos Estudos de Letramento (NEL), os discursos sobre leitura veiculados pelos documentos oficiais que legislam e que preveem um determinado perfil de aluno-professor-leitor do curso de Letras/português da Universidade Federal do Acre (UFAC) – dentre eles, o Projeto Pedagógico do Curso e os Planos de Curso das disciplinas. O objetivo principal é entender como a leitura é discursivizada nesses documentos do curso de Letras; de modo específico, a pesquisa buscará: (i) discutir os efeitos da discursivização sobre sujeito-professor-leitor nos documentos oficiais que parecem pressupor que estudantes podem transferir “habilidades” de leitura e letramento de um contexto a outro, sem quaisquer problemas (aspectos ocultos do letramento presentes no perfil do egresso); (ii) analisar o modo como os fatores ideológicos e institucionais regulam as possibilidades de leitura a partir de uma determinada “ordem”, que funciona imaginariamente; (iii) investigar, nos documentos oficiais, como funcionam as formações imaginárias que designam os lugares “que a instituição e o estudante se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” (PÊCHEUX, 1990). Ao comparar os conteúdos presentes em alguns planos de curso das décadas 80 e 2000, observamos que, ao longo desses anos, elas apresentam poucos, ou talvez nenhum, deslocamentos no que se refere aos objetivos traçados pelo curso. A ideia de que o estudante é capaz de transferir habilidades e competências de um período a outro emerge quando se propõe que este treine determinadas práticas: comunicar-se oralmente, praticar a leitura e produzir textos “criativos”, por exemplo. Essa forma de homogeneização do sujeito-professor-leitor mediante um único modelo de letramento pode ter efeitos negativos na formação crítica do sujeito-professor-leitor, já que a tentativa de regular as possibilidades de leitura de um texto também parece vir à tona quando se indica, a partir de determinada ordem, estratégias de leitura, compreensão e produção de textos. Talvez, o imaginário que circula na instituição sobre leitura parta desse fator ideológico presente no ementário do curso de Letras, de maneira que, da perspectiva da academia, a heterogeneidade do sujeito e sua complexa relação com o outro não são levados em conta.

LETRAMENTO DIGITAL NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO INTERIOR DA AMAZÔNIA Célia Maria Pires de Almeida (UNESP/SJRP)

Nosso objetivo neste trabalho é estudar a constituição da proposta curricular de um curso de Licenciatura em Letras de uma universidade federal no interior da Amazônia considerando-se, por um lado, (novos) estudos de letramentos, por outro, a apropriação de tecnologias digitais de informação e comunicação na formação docente na contemporaneidade. Nosso interesse decorre da necessidade de investigação dos efeitos da associação entre esses estudos de letramentos e tecnologias de aprendizagem no ensino superior, entendida por

autores como Gourlay, Hamilton e Lea (2014) como um desafio a ser superado. A hipótese de partida é a de que há prevalência de discurso segundo o qual a inserção de tecnologias digitais em contexto educacional proporcionaria, por si mesmo, um ensino “inovador”, com resultados concretos na produção de conhecimento. Os pressupostos teóricos advêm dos Novos Estudos de Letramento (LEA; STREET, 2014, CASSANY, 2014), em especial, dos estudos sobre letramentos digitais no ensino superior (JONES, 2013; GOODFELLOW, 2012; LANKSHEAR; KNOBEL, 2013). Interessa-nos também os estudos sobre currículo (SACRISTAN; GOMES, 1998; SILVA; MOREIRA, 1995; MORAES, 2002) e webcurrículo (ALMEIDA; SILVA, 2011). O conjunto de material é formado de 20 produções textuais produzidas por 20 universitários professores em formação inicial, em fórum online em rede social, no ano de 2017. A análise de cunho qualitativo-interpretativo privilegiará a leitura do currículo do Curso de Letras no interior da Amazônia, levando-se em conta conflitos resultantes de expectativas projetadas pela instituição no que se refere a práticas de leitura e escrita na contemporaneidade, pelos universitários (professores em formação inicial), no que se refere a práticas de leitura e escrita por ele executadas na universidade e deles cobradas socialmente como condição do exercício profissional e cidadão.

ESTUDO DO PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM ARTIGOS DE OPINIÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE - CÂMPUS FLORESTA

Cleide Vilanova Hanisch (UNESP/SJRP)

O presente trabalho insere-se no interior da Linguística Textual e, em particular, no âmbito do quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-Interativa, uma abordagem teórico-metodológica que assume o texto como objeto de estudo, com o intuito de investigar as estratégias de construção textual, entre elas, a Organização Tópica, foco desse estudo, que diz respeito à organização do texto em partes e subpartes constituintes. Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar o processo de Organização Tópica em textos do gênero Artigo de Opinião produzidos por escreventes do curso de Letras/Português da UFAC – Câmpus Floresta, de modo a identificar possíveis dificuldades desses escreventes quanto a tal processo e propor alternativas didáticas a esse respeito. Os estudos de base que conduziram esse trabalho foram os de Koch (2009) Jubran (2007, 2015), Jubran e Koch (2006), Penhavel (2010, 2014, 2016), Marcuschi (2008). Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa e descritiva, que utiliza o método empírico-indutivo. Em termos mais específicos, o levantamento e a análise de dados seguiram a metodologia da análise tópica, definida em Jubran (2015) e Penhavel (2010). Os dados foram organizados em duas partes, a saber: Organização Tópica prototípica dos artigos de opinião publicados em jornais locais e Organização Tópica dos artigos de opinião produzidos pelos escreventes do curso de Letras/Português, de modo a favorecer o alcance do propósito da pesquisa e melhor sistematização e exposição da análise. Os dados apurados até o momento, referentes à primeira parte do trabalho, indicam a existência de regularidades da Organização Tópica em seus dois níveis de funcionamento – organização intertópica e organização intratópica –, caracterizadas como padrões particularizadores do gênero em estudo.

SUBJETIVIDADES TEXTUAIS TOLHIDAS: A MANIFESTAÇÃO DE PENSAMENTO FRENTE AO CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DA REDAÇÃO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

Daniel Leone Estevam (UNESP/Araraquara)

A redação proposta para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ao final de um ciclo de estudos é um instrumento importantíssimo, seja para o candidato que pleiteia uma vaga em universidades federais, seja para a própria máquina administrativa, uma vez que, de tal exame, se retiram dados estatísticos importantes para a alocação de recursos e mensuração social da educação em todo o território nacional. Desta maneira, cumpre debruçar-se sobre

uma prática redacional específica que acopla diversos conhecimentos adquiridos ao longo do ensino médio em todas as vertentes que a avaliação exige, dessa forma, as avaliações objetivas (do 1º dia de avaliação) pautam-se pelo conhecimento erudito, formal e legal aplicado ao cotidiano, manipulável, calcado em uma leitura de mundo socializada e institucionalizada pela óptica escolar e, uma redação (no 2º dia, junto a uma nova avaliação objetiva), cujos critérios mensuram a capacidade linguística textual do aprendiz. Cada proposta de redação é, portanto, um convite, para o candidato egresso do Ensino Médio aplicar seus conhecimentos a partir de uma visão de mundo que permita a sua humanização, ou seja, que permita, mais do que utilizar técnicas de escrita, abalizar-se pela ética, como sustenta Anísio Teixeira (1977). Assim, o candidato deve, de algum modo, conceber estratégias textuais cujo conteúdo alcance o Direito Humano, como convém ao Estado de Direito. Evidentemente, o que se pleiteia na redação é que, ao final do ciclo educacional do Ensino Médio, o candidato possa sustentar uma visão de mundo que envolva, politicamente, o ambiente à sua volta, posicionando-se como humano, nas questões que nascem do cotidiano. A redação é, portanto, a consolidação de que os Direitos Humanos adentram ao cotidiano, mas não passivamente, pois requer uma atividade constantemente reflexiva seja do candidato seja de cada um que forma o povo brasileiro. Assim, e por derradeiro, os conteúdos de ciências humanas e suas tecnologias tanto quanto linguagens e códigos e suas tecnologias encontram local privilegiado dentro da proposta de redação, contudo, cada uma dessas vertentes deve ser revestidas de direitos que se reconheçam adequados ao tratamento humano. Em suma, o candidato deve mobilizar as habilidades e competências que adquiriu em conteúdos das ciências humanas – como geografia e história – para assumir uma posição clara e, racionalmente, consolidá-la. Contudo, há uma situação peculiar nos meandros da proposta de redação: embora haja níveis de mensuração diferente de acordo com a qualidade do argumento que o candidato utilize para sustentar o seu ponto de vista, quanto aos direitos humanos, o mesmo não ocorre. Nesse aspecto, o candidato que infrinja Direito Humano tem sua redação anulada. Eis que o candidato ao adentrar a proposta de redação, deve estabelecer estratégias que busquem o ponto de vista humano e, por fim, sustentá-lo com os conteúdos que fora formalizado em seu Ensino Médio. Desta forma, o tema da pesquisa que se pretende é estabelecer o ponto de contato, seja ele conflitivo ou alinhado, entre o processo de aquisição de uma textualidade argumentativa (no que tange aos aspectos linguísticos que foram mobilizados para sustentar um ponto de vista que seja adequado aos Direitos Humanos) e a delimitação das estratégias principais, tão caras à produção textual do candidato, para sustentar um ponto de vista revestido de Direito Humano na proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio.

UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO PARA PROFESSORES DE PLE EM FORMAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Daniel Lucas Alves da Silva (UNESP/SJRP)

O propósito deste trabalho é discutir a pertinência de um item de um instrumento de avaliação para professores em formação de língua portuguesa como língua estrangeira, PLE, que instancie o letramento racial destes futuros profissionais. Este letramento, por sua vez, há de ser um recurso importante para a qualificação de uma prática docente afinada com as demandas de inclusão e desenvolvimento sociais na medida em que incrementa o potencial de melhor informar o debate acerca da dinâmica racial que compõe a sociedade brasileira com vistas à sensibilização para a diversidade e combate ao racismo anti-negro tanto no próprio Brasil quanto junto a comunidade internacional. Para tanto, o quadro teórico onde se desenvolve essa discussão é composto pela teoria racial crítica que encampa a necessidade de letramento racial para o entendimento de como raça influi em todos os aspectos sociais, fazendo desse letramento pedra de toque para o combate ao racismo; pela teoria de perspectiva sociocultural que preconiza a mediação de conhecimento, qual seja o letramento racial no processo de ensino e aprendizagem, a partir, também, de artefatos simbólicos e materiais, sendo um instrumento de avaliação um exemplo por excelência desse potencial; e

pela matriz progressiva de Messick que, no âmbito dos estudos de avaliação, legitima e avaliza os resultados de um dado instrumento de avaliação com bases não só evidenciárias, mas também consequenciais.

ANÁLISE LEXICAL E FRASEOLÓGICA BASEADA EM DOIS CORPORA DE APRENDIZES COMPOSTOS POR REDAÇÕES DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS — CENTRO E PERIFERIA

Elaine Cristina Ferreira de Oliveira (UNESP/SJRP)

O trabalho tem como embasamento teórico-metodológico a Linguística de Corpus (SINCLAIR, 1991; MEYER, 2004; MCENERY, 2006) e investigações sobre corpora de aprendizes (TRIBBLE, 1990; GRANGER, 1998; GRANGER; HUNG; PETCH-TYSON, 2002; ORENHA-OTTAIANO, 2012, 2016). Traz as primeiras investigações sobre os CRAEF – Corpora de Redações de Aprendizes do Ensino Fundamental. O CRAEF 1 é composto por 120 redações escritas por 30 estudantes do terceiro ano do Ciclo Básico (terceiro ano do Ensino Fundamental), de uma escola do centro da cidade de Votuporanga, no noroeste paulista. O CRAEF 2 é composto por 120 redações escritas por 30 estudantes do terceiro ano do Ciclo Básico de uma escola da periferia da mesma cidade. Metodologicamente, este trabalho descreve as características do CRAEF 1 e CRAEF 2, especifica a forma como foi realizada a coleta dos dados e o tratamento das informações. Para realizar as análises, utilizamos o software WordSmith Tools (SCOTT, 2012), versão 6.0, a fim de verificar os itens de maior representatividade (Keywords) nos corpora de aprendizes. Também tratamos o léxico disposto nos textos dos estudantes, observando se há variação lexical das redações escritas pelos alunos (caso ocorra, de que forma ocorrem) e se tais alternâncias são significativas. Por fim, analisaremos o léxico fraseológico, tais como colocações de cada sala mencionada e as particularidades da escrita de ambos os aprendizes das diferentes escolas em foco.

O ESTUDO DO RITMO SILÁBICO: DADOS DO ITALIANO

Eliane de Oliveira Galastri (UNESP/Araraquara)

Segundo alguns pesquisadores (CAGLIARI, 2012; ABERCROMBIE, 1965; CATFORD, 1977), a produção das sílabas acontece através dos pulsos torácicos (mecanismo aerodinâmico), e é o modo como tais pulsos torácicos ocorrem que definirá se o ritmo da língua será acentual ou silábico. Como o processo aerodinâmico só produz um de dois padrões, há apenas duas possibilidades rítmicas para as línguas: ou serem de ritmo acentual ou de ritmo silábico. O primeiro tipo é caracterizado pela isocronia dos pés rítmicos, enquanto que o segundo tipo tem como principal característica as moras das sílabas definidas no léxico e transpostas para a fala. Em ambos os casos, o ritmo lida com padrões duracionais (moras das sílabas / pés rítmicos) muito próximos que se repetem. O ritmo acentual e suas características foram objeto de estudo de muitos pesquisadores, que voltaram quase exclusivamente para a língua inglesa. Por outro lado, as línguas de ritmo silábico receberam pouca atenção. De um modo geral, as línguas de ritmo silábico foram descritas como aquelas que possuem todas as sílabas de igual duração, sem que suas características rítmicas reais fossem levadas em consideração. O presente trabalho analisa e interpreta acústica e auditivamente as características prosódicas que constituem o ritmo da língua italiana, considerada uma língua de ritmo silábico. Para isso, foram coletados dados da internet, como enunciados de fala espontânea na modalidade padrão da língua. Em seguida, esses dados foram segmentados e suas sílabas foram medidas, utilizando o programa de análise acústica PRAAT. Por meio dessa pesquisa, é possível definir melhor o ritmo da língua italiana e suas características, além de definir um conjunto de parâmetros para facilitar futuras investigações sobre o ritmo linguístico.

EMOÇÕES, VIVÊNCIAS E O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM FORMAÇÃO INICIAL

Fabiano Silvestre Ramos (UNESP/SJRP)

Esta pesquisa tem por objetivo estudar, sob um viés sociocultural (VIEIRA-ABRAHÃO, 2012; JOHNSON, 2009), a inter-relação entre as emoções e vivências de uma professora de língua inglesa em formação com o processo de (re)produção de suas identidades. Para tanto, busco alinhamento teórico na Psicologia Histórico-Cultural de Vigostki para compreensão do conceito de emoções (VIGOTSKI, 2004) e vivências (TOASSA, 2009) e no referencial de Ciampa (2000) para compreensão da identidade como um processo metamórfico. Os dados foram gerados por meio de narrativas de experiências, história oral de vida, gravação de aulas, sessões de visionamento e entrevista-protocolo sobre emoções (CLARÁ, 2015). A análise do material segue os princípios da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Os dados sugerem que as emoções vivenciadas pela professora informante desempenham um papel importante na construção de sua identidade que, no decorrer do período letivo, foi sendo transformada de estudante de Letras para a de professora reflexiva, que leva em consideração a sala de aula como um ambiente sócio-histórico. Emoções como o medo do erro, que em algumas situações podem denotar negatividade, têm grande contribuição na construção de uma identidade profissional da participante. Para superar os desafios de seu primeiro adentramento na sala de aula de língua inglesa, investiu em sua própria formação, com leitura de livros e textos da área de ensino de línguas. A identidade da participante vai sendo transformada a cada vivência dentro de sala de aula.

PROPOSTA LEXICOGRÁFICA SINONÍMICA: LOCUÇÕES PREPOSITIVAS COM "A", "DE" E "EM"

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha (UNESP/SJRP)

Este trabalho advém de uma pesquisa de mestrado direcionada ao tratamento lexicográfico de locuções prepositivas compostas por “a”, “de” e “em” coletadas no Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa (2011) com vistas à busca de equivalentes em língua italiana, a partir do Dizionario Fraseologico delle Parole Equivalenti Analoghe e Contrarie (2013). Apoiados em Berruto (1979), Ilari e Geraldini (1990), Oliveira (2001) e Tamba-Mecz (2006), acreditamos que palavras distintas podem ser tidas como sinônimas em uma mesma língua, se apresentarem um mesmo significado ao serem substituídas em um mesmo contexto em outra língua sem provocar alteração de sentido. Ao pressupormos a existência de equivalência, condição sine qua non para a existência de dicionários bilíngues, partimos para a proposta de constituição de um verbete-padrão, cuja inserção de contextualizações será para atestar o uso das locuções objeto de estudo desta pesquisa. Desse modo, houve a coleta das locuções em português já referidas (nosso recorte de estudo) para realizar uma análise das relações de sinonímia e de suas equivalências. Investigamos dicionários italianos de língua geral, examinando as locuções prepositivas e analisando como são tratadas nessas obras lexicográficas. Consultamos seus usos via motores de busca da internet para verificar se existe a ocorrência sinonímica dos sintagmas preposicionados em questão nos mesmos contextos sem que o significado seja perdido, para, desse modo, conseguirmos legitimar as referidas buscas. Pretendemos apontar, como resultados parciais de nossos estudos, a presença de equivalentes sinonímicos sob a forma de locuções prepositivas e também a existência de uma grande recorrência de advérbios terminados em “-mente” figurando como sinônimos das locuções prepositivas, tanto em português quanto em italiano – inter e intralinguisticamente. Seguiremos nossas análises quanto ao acolhimento dado às locuções prepositivas nos dicionários, destacando a importância da sinonímia, sobretudo, para o tradutor, pois favorece a escolha pelos equivalentes mais apropriados para o texto de chegada.

O CONCEITO DE FIGURATIVIDADE SEMIÓTICA

Flavia Karla Ribeiro Santos (UNESP/Araraquara)

Pretendemos examinar, nesta pesquisa, como despontou e se desenvolveu o conceito de figuratividade na semiótica francesa, cujo papel na construção do sentido envolve a articulação de simulacros do mundo natural com as dimensões tímica e sensível do discurso conforme os sujeitos percebem e apreendem os objetos. Para fazermos essa reflexão, utilizaremos a metodologia de pesquisa da Historiografia Linguística, conforme os estudos de P. Swiggers, E. F. K. Koerner, C. Altman, entre outros pesquisadores. O corpus de nossa pesquisa é composto de obras que tratam da teoria semiótica francesa: de 1966 (ano de publicação de *Sémantique Structurale*) até 2016, levando em conta, nesse período, todos os trabalhos publicados em revistas, dissertações, teses ou livros de semiótica que tenha o termo “figuratividade” e seus correlatos no título. Semioticistas como A. J. Greimas, J. Fontanille, É. Landowski, D. Bertrand, S. Badir, P. Ouellet, T. Keane, I. A. Silva, I. R. Farias são pesquisadores cujos estudos sobre o conceito de figuratividade se destacam. Dessa forma, além de definir o estatuto desse conceito operatório dentro da teoria, será possível periodizá-lo, descrever sua evolução e interpretar os dados coletados, tendo em vista seu surgimento, sua fundamentação e seu desenvolvimento no interior da cultura científica da semiótica, como vemos na revista do grupo de pesquisas em semiótica (*Actes Sémiotiques*), que reflete as discussões dos seminários, etc. Acreditamos, enfim, que o conceito de figuratividade se desenvolveu acompanhando as transformações teóricas e as novas exigências de análise erigidas desde o início do projeto semiótico.

LÉXICO TABU NA OBRA “MILENIO” DE MANUEL VÁSQUEZ MONTALBÁN: FATORES PRAGMÁTICO-COMUNICATIVOS NA TRADUÇÃO DO ESPANHOL PARA O PORTUGUÊS

Flávia Seregati (UNESP/SJRP)

Neste trabalho, pretende-se abordar a incidência de fatores pragmático-comunicativos na tradução de lexias simples e complexas consideradas tabus linguísticos. Para tanto, utiliza-se como corpus a tradução para o português das obras *Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul* e *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas* de Manuel Vázquez Montalbán. Esse tipo de linguagem é um recurso presente em todas as línguas, porém a percepção e o uso que se faz dele é diferente para algumas sociedades, ou mesmo para diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade linguística. Segundo Preti (2003), essas lexias estão sendo cada vez mais aceitas em nossa sociedade, tanto na mídia impressa como em programas televisivos. Na literatura, o romance policial, por tratar com frequência de personagens inseridos em contextos marginalizados, faz uso desse léxico, aqui entendido não só como palavras ofensivas na forma de insultos e palavrões, mas também como itens lexicais considerados obscenos “que remetem aos órgãos sexuais ou ao próprio ato sexual, à escatologia e formas consideradas grosseiras e vulgares. Rundblom (2013) argumenta que o uso que se faz dessa linguagem é proveniente de diferentes motivações, podendo ter fundamentos psicológicos, sociais ou discursivos. Neste trabalho, estabelece-se uma divisão para as motivações de uso do léxico tabu em cinco esferas: “psicológicas individuais”, “psicológicas de interação social (descortesia)”, “psicológicas de interação social (anticortesia)”, “discursivas” e “denominativas”. Este trabalho tem por objetivo também relacionar as diferentes estratégias adotados na tradução para o português dessas unidades lexicais às suas motivações de uso, a fim de investigar o tratamento dado ao léxico tabu na tradução literária do par linguístico espanhol-português.

A DESCOBERTA DO OURO NO CALÇÓENE: PERCURSOS PASSIONAIS NAS DISPUTAS TERRITORIAIS ENTRE BRASIL E FRANÇA

Geiza da Silva Gimenes (UNESP/Araraquara)

Inscritos na perspectiva da enunciação em ato, sob o olhar analítico da semiótica greimasiana, este trabalho tem como propósito analisar o universo passional presente nos discursos acerca do território do Oyapock, no período que compreende os anos de 1893/4 a 1900, tempo narrativo que configura uma parte dos conflitos existenciais entre Brasil e França, na fronteira entre o município do Oiapoque–AP e a Guiana Francesa. Nessa direção, organizamos um corpus de pesquisa no qual estão reunidos diferentes gêneros do período foco. Destes gêneros, temos declarações, decretos, relatórios, ofícios, cartas, dossiers e matérias de jornais. Ao olhar para a composição de nosso corpus de pesquisa, traçamos como percurso de análise a partir das categorias semióticas, afinando nossos interesses em diferentes categorias temáticas que se revelam ao longo da análise dos discursos que compõem nosso corpus, atentando, nesse momento, para a categoria temática da posse, bem como salientando, na medida em que se revelam, algumas práticas que denunciam o sujeito francês na disputa estabelecida no território. Além disso, para a ocasião que nos colocamos, apresentamos o cenário de análise de nossas intenções: o território do Oyapock e as atuações que aí se revelam nas disputas que se estabelecem no período recortado para nossos estudos.

GAY LANGUAGE: PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE COLOCAÇÕES BASEADO EM CORPUS

Guilherme Aparecido de Souza (UNESP/SJRP)

Este trabalho tem como apoio o arcabouço teórico-metodológico da Linguística de Corpus (MEYERS, 2004; MCENERY; HARDIE, 2012; ORENHA-OTTAIANO, 2004, 2009) e da Fraseologia (COWIE, 1998; PAWLEY, 2001; LEWIS, 2000; ORENHA-OTTAIANO, 2009, 2015; TAGNIN, 1998), área da Linguística voltada para combinações lexicais recorrentes, uma vez que focamos a investigação das unidades fraseológicas, mais especificamente das colocações frequentemente empregadas pela comunidade homossexual. Tais colocações são extraídas de um corpus paralelo formado pelas transcrições dos episódios das cinco temporadas do seriado *Queer as Folk*. Para realizar o levantamento dessas colocações, utilizamos o programa WordSmith Tools (Scott, 2012), versão 4.0. Salvamos as transcrições dos episódios do seriado em formato txt, de maneira a permitir o manuseio do corpus de estudo pelo referido software. A ferramenta possui três recursos: WordList, KeyWords e Concord. A partir do levantamento e da análise das colocações mais frequentemente empregadas pela comunidade homossexual em inglês e suas respectivas colocações em português, objetivamos elaborar uma proposta de um glossário de colocações de gay language baseado em corpus, já em processo de compilação. Para sua elaboração, adotamos a metodologia proposta por Orenha-Ottaiano (2004, 2016), que trata da compilação de obras fraseográficas, mais especificamente de colocações, baseadas em corpus. A fim de verificar a frequência de todas as colocações de nosso estudo, utilizamos a ferramenta Sketch Engine (KILGARRIFF et al, 2004). A compilação de um glossário de colocações da comunidade homossexual justifica-se pelo fato de não haver uma obra que foque tais combinatórias na referida área. Além disso, tradutores aprendizes e profissionais terão uma obra para consulta no processo tradutório de tais colocações.

PROPRIEDADES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DE MODIFICADORES DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL

Helker Nhoato (UNESP/SJRP)

O objetivo principal deste projeto é desenvolver um estudo analítico dos modificadores de núcleo nominal cuja característica nuclear principal é denotar entidades de primeira ordem ou indivíduos e entidades de segunda ordem ou estados de coisas (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008). Os adjetivos serão analisados a partir da subdivisão proposta para esses itens lexicais em adjetivos em argumentais e predicadores, classificados com base na relação estabelecida com o núcleo do Sintagma Nominal ou com o preenchimento de exigências temáticas impostas pelo próprio modificador (NEGRÃO et alii, 2014). A análise será realizada a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Gramática Funcional (DIK, 1989; 1997) e da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A amostra analisada foi extraída do corpus Iboruna coletado pelo Projeto ALIP, concebido no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, (GPGF) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP/SJRP. Os dados coletados contemplam Sintagmas Nominais compostos por um núcleo nominal e por modificadores localizados a direita ou a esquerda do núcleo. Não foram contempladas, portanto, ocorrências compostas por um núcleo nominal modificado por sintagmas adjetivais preposicionados os quais não modificam somente a entidade referenciada na estrutura sintagmática central. Em suma, a investigação aqui proposta prioriza, no Sintagma Nominal, as propriedades pragmáticas e semânticas dos modificadores como uma motivação para evocar um subato de referência e para estabelecer uma denotação semântica, respectivamente no nível interpessoal e no nível representacional, com reflexos para a constituição formal dos constituintes no nível Morfossintático.

A ORGANIZAÇÃO TÓPICA EM CARTAS DE REDADORES DO SÉCULO XIX

Isa Caroline Aguiar Zanin (UNESP/SJRP)

Este trabalho insere-se no âmbito da Gramática Textual-Interativa, quadro teórico-metodológico que assume o texto como objeto de estudo, especializando-se na análise de processos de construção textual. Nosso objetivo é discutir o funcionamento do processo de organização tópica em um gênero textual em particular, a saber, a carta de redator. A organização tópica consiste na organização do texto mediante a combinação de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto. Neste trabalho, discutimos particularmente cartas de redadores de jornais paulistas do século XIX, como parte de um trabalho mais amplo que estuda esse gênero textual diacronicamente. Mostramos que as cartas de redadores analisadas manifestam uma regularidade em termos de organização tópica, a qual consiste na construção de uma unidade tópica básica (Apresentação Tópica), que sempre ocorre, e uma segunda unidade (Expansão Tópica), que expande a unidade inicial e que pode, ou não, ocorrer. Também consideramos a possibilidade de existência de uma terceira unidade, denominada de Introdução, a qual promoveria a contextualização do tópico desenvolvido no decorrer da carta. Neste trabalho, tendo em vista a conjuntura sócio-histórica, cultural e ideológica de circulação dos jornais, discutimos a relação redator-leitor e sua influência sobre a organização tópica no gênero em questão. Por fim, apresentamos uma reflexão sobre as contribuições que a análise da organização tópica em cartas de redadores pode trazer para o estudo da construção textual no âmbito da Gramática Textual-interativa.

CITAÇÕES NA REDAÇÃO DO VESTIBULAR: A APROPRIAÇÃO DA PALAVRA DO OUTRO

Isabela Canella Sanches (UNESP/Araraquara)

Esta proposta de pesquisa está embasada nos estudos bakhtinianos do discurso. De acordo com Bakhtin, pode-se depreender que em todo enunciado há diálogo, ou seja, todo enunciado apresenta uma relação de sentido com outro enunciado, e esse é o princípio do dialogismo. Entendemos que todo discurso é constituído considerando o discurso do outro, estabelecendo, assim, relações de sentido. Destarte, todos os enunciados são dialógicos, sendo todo discurso ocupado pelo discurso alheio. A partir disso, analisaremos o aparecimento da palavra do outro nas redações do vestibular, mais especificamente na forma de citações. Focaremos nosso estudo na observação do aparecimento de citações nas melhores redações da FUVEST nos anos de 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 e 2012. Em seguida, após o levantamento desses dados, procuraremos entender de que modo foi feita a apropriação da palavra do outro, ou seja, se por meio do discurso direto, indireto, por meio de paráfrase ou citação direta. Para isso, estamos utilizando os escritos do Círculo de Bakhtin concernentes ao discurso de outrem e sobre as questões de estilo. Pretende-se entender de que modo as citações contribuem para a avaliação positiva do texto, considerando que o corpus se compõe dos melhores textos. Nesse sentido, este trabalho justifica-se pela necessidade de descobrir de que maneira as citações aparecem nas melhores redações da FUVEST e de que modo configuram como um aspecto valorativo para a banca corretora. A pesquisa pode contribuir também para professores de redação e para alunos que se encontram em fase de pré-vestibular, pois os resultados, os quais ainda estão em fase de análise, podem contribuir com discussões sobre metodologias de ensino, além de ajudar o aluno a entender como deve elaborar o próprio texto quando se apropriar da voz do outro.

ANÁLISE FONÉTICO-ACÚSTICA DO PLURAL DAS PALAVRAS TERMINADAS EM –ÃO

Jean Paulo Indrigo Berro (UNESP/Araraquara)

Inúmeras vezes ouvimos falar que o português do Brasil é uma língua homogênea. Esta homogeneidade foi afirmada e aplaudida por pessoas de diferentes formações como: escritores, historiadores, e até mesmo linguistas. Contudo um território de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, com uma população estimada em 200 milhões de pessoas, apresentando índices de analfabetismo e com uma pluralidade cultural - não poderia de modo algum apresentar uma língua homogênea. O presente estudo visa analisar acusticamente a pronúncia do plural das palavras terminadas em ditongo nasal –ão /awN/ nos diferentes dialetos brasileiros. A pesquisa utiliza o programa de análise acústica Praat. Por meio desse programa, e com base na teoria da Fonética Acústica, estão sendo feitas as segmentações necessárias das palavras e análises da estrutura acústica dos formantes dos ditongos dentre outros aspectos. O estudo se organiza de modo que busque respostas para os seguintes pontos motivadores: e o plural das palavras terminadas em -ão; são pronunciadas da mesma forma no país todo; se sim, como é realizada a pronúncia das três estruturas -ões, ães e -ãos; se não, quais as diferenças que se pode encontrar como variação de um dialeto para o outro. Os resultados obtidos até o momento constataam a heterogeneidade existente no Português Brasileiro. Observou-se que para analisar um som acusticamente é preciso um bom embasamento da Teoria Acústica para que a descrição explique o segmento analisado, pois somente o programa Praat é insuficiente para apresentar uma boa descrição, uma vez que o programa não consegue captar as variações, gerando dados equivocados.

O ENSINO DE GRAMÁTICA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA PROPOSTA BASEADA NA GRAMÁTICA COMO HABILIDADE

Jéssica Franceschini (UNESP/Araraquara)

O objetivo deste trabalho é analisar a aplicação de atividades baseadas no ensino de gramática como habilidade a aprendizes adolescentes (e um adulto) de nível intermediário em uma escola de idiomas e como eles avaliam tais atividades. Pretendemos analisar o material didático adotado pelo curso de língua inglesa da referida instituição e adaptar algumas atividades em consonância com a proposta de gramática como habilidade discutida por Batstone (1994). Temos ainda o intuito de focar as atividades de gramática na fase de noticing. Concordamos com Batstone (1994), pois ele destaca que ao se basear o ensino-aprendizagem somente com foco na forma ou na comunicação, o aprendiz poderia não ser capaz de internalizar o conteúdo estudado. Desse modo, para suprir essa lacuna, o autor propõe um ensino de gramática como habilidade (teaching grammar as skill), que aliará o ensino da forma à comunicação significativa. Valendo-se dessa questão, decidimos elaborar atividades com base no noticing, pois Batstone (1994) afirma que para a aprendizagem ocorrer, os alunos precisam ser guiados a notar a língua. A natureza desta investigação pode ser classificada como qualitativa, de base etnográfica, pois os dados coletados trazem as perspectivas dos alunos e da professora-pesquisadora no que tange ao ensino e aprendizagem de gramática da língua inglesa num contexto não idealizado, ou seja, natural (ERICKSON, 1991; MOITA LOPES, 1996). Foram aplicados aos alunos questionários semi-estruturados para levantamento de seu perfil e suas experiências prévias de aprendizagem de gramática. Além disso, para dar confiabilidade e validade a este estudo, diários reflexivos para professora-pesquisadora foram analisados para avaliar as atividades propostas. Esperamos contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos participantes, auxiliando-os a internalizar o conteúdo gramatical e usá-lo na comunicação. Além disso, almejamos auxiliar professores de inglês a preparar aulas levando em consideração a proposta de gramática como habilidade.

A (CO)CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM AULAS DE INGLÊS INSTRUMENTAL SOB A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Jéssica Laira de Araujo Esgoti Uliana (UNESP/SJRP)

Este é um trabalho de base etnográfica que visa a investigação do processo de ensino-aprendizagem em aulas do componente de inglês instrumental no curso Técnico em Açúcar e Alcool, sendo esse oferecido por uma instituição técnica pública do estado de São Paulo. O estudo foi orientado pelas seguintes perguntas de pesquisa: 1. Como se configura a (co)construção do conhecimento em aulas de língua inglesa no curso Técnico em Açúcar e Alcool?; 1.1 Que elementos são levados em conta pela professora para essa (co)construção?; 1.2 Como se constrói a interação professor x aluno em sala de aula? e 1.3 Como se configura a negociação de sentidos na interação professor x aluno e aluno x aluno? A justificativa principal da pesquisa é alcançar avanços no processo de ensino-aprendizagem, promovendo a reflexão dos alunos e professora participantes sobre seus papéis em sala de aula, salientando a importância da co-construção de conhecimento e não da “transmissão”. O estudo está sendo realizado por meio de pesquisas bibliográficas e leituras, questionário e biografia da professora e alunos, assim como observação e gravação das aulas, sendo os dados interpretados à luz da perspectiva sociocultural (VYGOTSKY, 1989; JOHNSON, 2009; JOHNSON E GOLOMBEK, 2011; LANTOLF EPOEHNER, 2014; van COMPERNOLLE, 2015). A investigação proposta tem como pressuposto que o professor de Inglês Instrumental não transmite seus conhecimentos, mas sim, o constrói juntamente com o aluno, não o considerando uma tábua rasa, mas um ser com bagagem intelectual, emocional e educacional.

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO AMOROSO NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Joagda Rezende Abib (UNESP/Araraquara)

Tem este trabalho o objetivo de utilizar músicas populares de grande sucesso, desde a década de 50 do século passado até o início do século XXI, para descrever a natureza e as mudanças no discurso amoroso durante esse período. Para isso, será utilizado o referencial teórico da linguística cognitiva, principalmente a partir das ideias sobre comunidades interpretativas expostas por Robin Lakoff (2000) em *The Language War*. Essa teoria se baseia na construção social de um senso comum fundamentado em diversos frames semânticos, entendidos não apenas como um conjunto de elementos que gravitam em torno de um conceito, mas, sobretudo, como um conjunto de expectativas que forma o background das crenças e vivências de uma determinada comunidade linguística. Será utilizado, também, o conceito de presença de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1988) refinado por Bergen (2012), em seu estudo sobre cognição e imagens. O foco será o Capítulo II, em que os autores trabalham o conceito de presença, “que é um fator essencial da argumentação, muito negligenciado, entretanto, dentro das concepções racionalistas do pensamento”. O resultado esperado é conseguir uma descrição pormenorizada sobre aspectos sociais e emocionais do relacionamento amoroso a partir do discurso dessas canções, o que poderá trazer uma nova luz sobre as grandes mudanças que envolveram o universo feminino durante esse período.

O ENSINO DA PRONÚNCIA DO ESPANHOL NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES

Júlia Batista Alves (UNESP/Araraquara)

Nossa investigação trata a questão da pronúncia que nem sempre foi considerada relevante no ensino de línguas estrangeiras. Inclusive no desenvolvimento do enfoque comunicativo (GARGALLO, 2010), o tema tornou-se secundário para a comunicação do aluno (SANTAMARÍA, 2006), reduzindo o significado de comunicação efetiva, pois elementos segmentais e suprasegmentais desempenham importante papel para a inteligibilidade de uma mensagem (NAVARRO, 2012). Para que haja uma comunicação fluida, o ensino da pronúncia deve configurar-se dentro de certa sistematicidade, mediante a definição de objetivos, conteúdos, atividades, exercícios e estratégias de correção específicas para cada nível (CARBÓ et al., 2003; CELCE-MURCIA et al., 2010; GIL FERNÁNDEZ, 2007; LLISTERI, 2003). Nesse sentido, o foco da pesquisa recai sobre o pressuposto de que dada a falta de uma formação específica e de manuais especializados, os professores não possuem uma orientação que dirija seu trabalho com a pronúncia. Assim, convém analisar quais procedimentos são utilizados e se estão baseados em teoria(s) específica(s). De natureza qualitativa, iniciamos a coleta de dados com a aplicação de questionário piloto a onze professores de espanhol de variados níveis, das redes pública e privada das regiões sudeste, sul e nordeste, a maioria atuantes ou que já atuaram no Ensino Médio. O questionário composto por questões abertas, fechadas e mistas, versava sobre como o ensino da pronúncia foi abordado nas aulas desses professores como estudantes e como o tratam em suas aulas, se sabem diferenciar elementos segmentais dos suprasegmentais, se utilizam material específico etc. Observamos que consideram o ensino da pronúncia importante, trabalham com atividades diversificadas, tiveram algum contato com teorias específicas, apontam a necessidade de complementação dos materiais didáticos, mas não utilizam nenhum material específico para seu ensino. No presente trabalho pretendemos apresentar o que foi desenvolvido até o momento e discutir esses resultados parciais como forma de conduzir o resultado principal da tese.

A RELAÇÃO COM O DISCURSO DO OUTRO EM UMA PÁGINA DO FACEBOOK: BRASILEIRÍSSIMOS

Kamila Gonçalves (UNESP/Araraquara)

Este trabalho analisa as relações com o discurso do outro no Facebook, em uma página específica chamada “Brasileiríssimos”, que se auto intitula como um projeto de divulgação e valorização da cultura brasileira. Para essa análise tem-se a retomada de conceitos do círculo de Bakhtin, como enunciado e diálogo, para entender as relações de sentido na tomada do discurso de outrem, que estão presente nesse meio de comunicação em pauta: a página do Facebook. Com as análises prévias pôde-se perceber a construção de sentido causada pela forma como o discurso do outro é trazido à página e o conteúdo do diálogo, além de como o autor da página se coloca diante do discurso citado e como se dá a relação deste com o leitor. Esse trabalho, por valer-se da análise dialógica do discurso, está voltado ao conceito de diálogo, colocando os discursos em contato; partindo desse ponto, busca-se entender com quais discursos se dialogam quando se tem a tomada da palavra do outro para a construção da identidade da página. A imagem da página em questão a ser estudada e analisada é coconstruída a partir do diálogo entre o autor (o autor aqui será considerado como o autor coletivo, a equipe que escreve para a página será tomada como o autor da página para se fazer a análise) e o leitor, diálogo que será considerado quando das análises. Além disso, assumiremos uma abordagem de cotejamento de texto; assim, estudando os diálogos e de que maneira eles se dão na página.

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM INÍCIO DE CARREIRA DOCENTE NO DIÁLOGO COM UM COLETIVO DE TRABALHO

Kelli Mileni Voltero (UNESP/SJRP)

Para contribuir com estudos voltados para o trabalho docente, o objetivo deste trabalho é, por meio de uma análise textual, identificar os conflitos de uma professora de língua portuguesa em início de sua prática docente no contexto público de ensino. Mais especificamente, caracterizar nas entrevistas resultantes dos métodos de intervenção da Clínica da Atividade (CLOT, 2006, 2010) - autoconfrontação simples, autoconfrontação cruzada e de instrução ao sócia, os conflitos e o diálogo dessa profissional com o seu coletivo de trabalho. Os dados que serão analisados fazem parte do acervo de dados do projeto de ensino intitulado “Da formação continuada à formação inicial: uma intervenção no ensino (da gramática) da Língua Portuguesa” (ABREU-TARDELLI, 2014-2015) e se integra ao projeto de pesquisa intitulado “Livros, materiais didáticos e trabalho docente: um percurso pela História e as contribuições para o ensino e a formação” (ABREU-TARDELLI, 2013). Para a compreensão das relações entre linguagem e trabalho docente, serão usados como aportes teóricos-metodológicos, o Interacionismo sóciodiscursivo (BRONCKART, 1999, 2006, 2008; BRONCKART; MACHADO, 2004; MACHADO; BRONCKART, 2009), que tem como foco a linguagem e o desenvolvimento humano em uma perspectiva vigotskiana; e os conceitos e métodos oriundos da Ergonomia da Atividade (SAUJAT, 2004; FAÏTA, 2004; AMIGUES, 2004) e da Clínica da Atividade (CLOT, 2006, 2010), que tomam o trabalho como um dos aspectos primordiais da ação humana. A partir dos textos que serão analisados, acreditamos colaborar para uma melhor compreensão e reflexão da situação de trabalho do docente em início de carreira.

TRADUTORES EM FORMAÇÃO: POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DO USO DE SISTEMAS DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO E FERRAMENTAS DE TRADUÇÃO AUTOMÁTICA

Lara Cristina Santos Talhaferro (UNESP/SJRP)

O mercado da tradução tem experimentado constantes transformações com o desenvolvimento de dispositivos capazes de lidar com grandes volumes de dados proporcionado pelas necessidades do processo da globalização, que tem promovido

crescente circulação de informações multilíngues em escala mundial. Para manterem-se competitivos e atenderem à demanda de trabalho, a qual conta com frequentes atualizações de conteúdo e prazos reduzidos, os tradutores passaram a adotar ferramentas de tradução assistidas por computador em sua rotina de trabalho. Duas dessas ferramentas, utilizadas principalmente por tradutores das áreas técnica e comercial, são os sistemas de memória de tradução e os serviços de tradução automática. Contudo, o emprego desses recursos tem influências imprevisíveis nas traduções, sobre as quais os tradutores raramente têm oportunidade de ponderar. Se os profissionais são iniciantes ou se lhes falta experiência em determinada ferramenta, essa influência pode ser ainda maior. Neste trabalho, tem-se o intuito de verificar se a maior automatização aumenta a produtividade do tradutor em formação e se a utilização dessas ferramentas os auxilia a produzir textos mais adequados para sua finalidade, apesar de sua pouca experiência na prática tradutória. Visando atingir esse objetivo, apresenta-se uma análise comparativa e crítica de traduções (inglês-português) de abstracts realizadas por graduandos do último ano de Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor da UNESP, com o uso de recursos do Microsoft Word, ou do Wordfast Anywhere, ou pós-editadas depois de traduzidas pelo Google Cloud Translation API. Até o momento, nas traduções analisadas, foi constatada maior similaridade entre os textos pós-editados, em relação aos traduzidos com o sistema de memória de tradução e, em maior grau, em relação às traduções realizadas com o Microsoft Word unicamente. Esse maior grau de semelhança pode ser indicativo de maior padronização dos textos técnicos, conforme a expectativa do mercado para esse tipo de trabalho.

A TRADUÇÃO DE TÍTULOS JORNALÍSTICOS DO FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS: ARMADILHAS DA IMPARCIALIDADE

Leandro Pereira Barbosa (UNESP/SJRP)

A escrita, como qualquer outra forma de comunicação, é regida por regras específicas que variam em função do meio através do qual o discurso é veiculado, do registro de língua empregado, dos leitores aos quais o texto se destina, do contexto em que é produzido e, posteriormente, recebido, enfim, de inúmeras outras variantes que só fazem reforçar a ideia de que escrever é um ato que ultrapassa, em muito, o simples conhecimento da norma linguística para atingir as esferas do conhecimento cultural, do saber partilhado sobre o mundo e da percepção da própria subjetividade. A questão torna-se ainda mais complexa quando se trata de lidar com uma escrita traduzida, pois pressupõe-se que lidemos o tempo todo com a escrita do outro: da outra língua, do outro país, do outro escritor e também leitor, ou seja, de uma problemática senão múltipla, pelo menos “dupla”. Esta pesquisa propõe-se a analisar a tradução de títulos jornalísticos, traduzidos do francês para o português e disponibilizados, em ambos os casos, em versão digital. Por meio do estudo de recursos estilísticos e linguísticos empregados na tradução, objetivamos traçar um perfil da escrita traduzida enquanto representação cultural. Para isso, apoiamos-nos nos trabalhos de Arrojo (1986; 1996) e de Rodrigues (2006; 2008), no que diz respeito às questões de tradução, de modo geral. Com relação à tradução jornalística, destacamos os trabalhos de Bassnett (2009) e Zipser e Plchlopek (2009). Nossa análise busca mostrar como a tradução dos textos jornalísticos se tece como uma narrativa identitária do Outro, com consequências que vão muito além do próprio texto. Assim, compreendemos a tradução como uma experiência que torna possível, ou não, o diálogo com a alteridade.

ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO ROMANCE OPISANIE SWIATA, DE VERONICA STIGGER

Leonardo Erivelto Soares de Oliveira (UNESP/Araraquara)

Os objetivos de nossa pesquisa são: compreender como se dá a construção da significação no romance brasileiro *Opisanie Swiata*, de Veronica Stigger (2013), por meio de uma análise dos planos do conteúdo e da expressão; determinar qual é o impacto dos agenciamentos singulares das diferentes linguagens (visual e verbal) que compõem o texto nas relações entre o enunciador e o enunciatário; verificar em que medida esse romance incorpora demandas ou injunções que lhe são externas, o que requer que o consideremos como parte de práticas semióticas e de estratégias, no sentido que Fontanille (2008) atribui a esses conceitos. No respeitante à metodologia e ao referencial teórico, para análise do plano do conteúdo, empregamos o percurso gerativo de sentido, ferramenta que permite apreender a significação dos textos tal como concebido por Greimas. A fim de refletir sobre a permeabilidade ou impermeabilidade dessa obra literária às injunções do mercado, examinamo-la como integrante de práticas e de estratégias, adotando a proposta de Fontanille. Até o momento, verificamos, através de um exame do plano do conteúdo, que as categorias semânticas que fundamentam o texto são três, sobretudo: continuidade vs. descontinuidade, deslocamento vs. inércia e morte vs. vida. No nível narrativo, observamos que o sujeito (Opalka) viaja da Europa ao Brasil para entrar em conjunção com o objeto (Natanael, seu filho, que está enfermo). No nível discursivo, a alternância entre os tipos de narradores, de debreagens actoriais (enunciva, enunciativa e interna), e também de debreagens temporais e espaciais levou-nos a constatar uma descontinuidade e uma fragmentação acentuadas. Quanto à análise da obra como parte de práticas, notamos que as práticas de escrita e de edição originam o texto-enunciado, o qual congrega as linguagens verbal e visual, e possui um modo peculiar de enunciação, caracterizado pela utilização de gêneros textuais diversos, como a carta, as anotações de diário, a narrativa convencional e o texto das propagandas. A utilização de vários gêneros que se intercalam contribui para que o texto se revele como fragmentado.

SOBRE OS USOS LINGÜÍSTICOS DE HOMENS E MULHERES: COMPREENDENDO A RELAÇÃO ENTRE PREPOSIÇÕES E ESTILO

Letícia Cordeiro de Oliveira Bueno (UNESP/Araraquara)

Com base nos estudos em Sociolinguística e a partir da análise de cartas datadas da primeira década do século XXI produzidas por mulheres e homens, brasileiros e portugueses, este estudo visa compreender de que modo a noção de estilo se relaciona com a variável sexo/gênero, explicando os possíveis casos de variação presentes nestes dois diferentes discursos. Além disso, ao se trabalhar com o Português Brasileiro e Europeu, busca-se reconhecer de que modo a noção de norma linguística se faz presente em cada uma dessas duas variedades e, conseqüentemente, como se relaciona com a variável sexo/gênero. Para tanto, realizaremos (i) uma análise qualitativa, individual das cartas, que focalizará suas características situacionais (cf. Biber e Conrad, 2009) e (ii) a análise de um fenômeno variável no português – a alternância de preposições identificadas como variantes (a, até, em e para) em contexto de complementação verbal. A análise em (ii) seguirá os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (LABOV 1972, 1982, 1994) e as informações obtidas serão tratadas estatisticamente, por meio do programa GOLDVARB. Para as questões relacionadas à noção de estilo, essa análise seguirá os pressupostos teórico-metodológicos trabalhados por Milroy (1980), Eckert (2001, 2003, 2008) e Irvine (2001).

O DICIONÁRIO NA PRÁTICA DOCENTE: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DE LÍNGUA ESPANHOLA

Lígia De Grandi (UNESP/Araraquara)

O objetivo geral deste projeto é observar, a partir de um curso de extensão, como a formação continuada do professor pode proporcionar-lhe a utilização do dicionário de forma mais eficiente nas aulas de língua espanhola. Nossa hipótese é que o professor não utiliza a obra lexicográfica por carência de atividades que incentive seu uso – carência de modelos de atividades e, muitas vezes, ausência de atividades nos livros didáticos que solicite o uso deste tipo de obra – e por não ter informações precisas sobre como utilizar o dicionário. A base teórica para o desenvolvimento das reflexões é a Lexicografia Pedagógica (HERNÁNDEZ, 2008; KRIEGER, 2007; MARTÍN GARCÍA, 1999; PONTES, 2009; PRADO ARAGONÉS, 2005; WELKER, 2008) que nos oferece parâmetros, não só para as reflexões dos conceitos lexicográficos, mas para a elaboração do material do curso de extensão, e das atividades; a Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 1999; ALMEIDA FILHO, 2005) que envolve questões de uso da linguagem e sua prática social, em especial no ensino de línguas. A pesquisa é de natureza qualitativa e de análise interpretativa e será desenvolvida por meio da pesquisa-ação (envolvendo professor/ aluno) e análise documental (observância dos documentos oficiais, no que se refere ao uso do dicionário e ensino do vocabulário). Com a finalização da aplicação do curso, notamos a necessidade da formação do docente nessa área, por ser consenso entre os participantes a falta de instruções sobre este tipo de material didático para o ensino e aprendizagem de língua. Além do fato de, comumente, o docente não ver o dicionário como um material didático complementar.

HAVERÁ PERDA DE AUTORIA E PERDA CULTURAL EM TEXTOS EM PORTUGUÊS ESCRITOS POR UMA COMUNIDADE INDÍGENA?

Lígia Egídia Moscardini (UNESP/Araraquara)

Desde a época da colonização até os anos 1970, a Educação Escolar Indígena tinha a função de “civilizar” índios. Por constantes reivindicações, ela passa a se tornar um meio de preservação cultural, interação com não-índigenas e luta por seus direitos. Dentre essas escolas indígenas que foram se delineando, a escola Kamadu, da etnia juruna/yudjá, tem esse objetivo, conta com professores da própria aldeia e, esporadicamente, com Oficinas de Aprendizagem ministrada por não-índios. Nesse ínterim, se elaboraram oficinas de Produção Textual para auxiliá-los em cada etapa de um texto escrito em português enquanto segunda língua, com metodologias que auxiliassem a escrita, tais como: a Refacção Textual e o Paradigma Indiciário, já explorados em dissertação de mestrado. Assim sendo, durante os resultados obtidos na última viagem a campo para a aldeia juruna e no próprio desenvolvimento da dissertação, se identificaram pontos latentes para essa tese: uma reflexão complexa e aprofundada sobre “perda de autoria”, de identidade e de cultura em textos escritos em português por professores e alunos juruna.

UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE VOCÁBULOS RECORRENTES E PREFERENCIAIS NAS OBRAS *NOVELAS NADA EXEMPLARES* E *O VAMPIRO DE CURITIBA*, DE DALTON TREVISAN, À LUZ DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS

Liliane Mantovani (UNESP/SJRP)

O presente trabalho tem como objetivo identificar características da linguagem da tradução bem como vocábulos recorrentes e preferenciais presentes nos pares de obras *Novelas Nada Exemplares (NE)* / *Novels Not At All Exemplar* bem como *O Vampiro de Curitiba (VC)* / *The Vampire of Curitiba y*, do escritor Dalton Trevisan e traduzidas por Gregory Rabassa, respectivamente. Quanto ao arcabouço teórico-metodológico da pesquisa, apoiamos-nos nos

Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1995, 1996, 2000; CAMARGO, 2005, 2007) e na Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004). A análise conta com o auxílio do programa computacional WordSmith Tools. Quanto aos resultados parciais desta pesquisa em andamento, destacam-se vocábulos preferenciais de maior chavicidade relacionados tanto a partes do corpo da mulher como à casa, que se apresentam em ambas as obras. A título de exemplificação, com referência a partes do corpo da mulher, destacam-se, em comum às duas obras: em primeiro lugar, mão (chavicidade em NE: 2,159; e em VC: 909,30) /tradução: *hand*; em segundo lugar, olho (687,63 em NE; e 823,50 em VC) / *eye*; em terceira posição, cabeça (1,279 em NE; e 651,92 em VC) / *head*; e em quarto lugar, boca (810,40 em NE e 539,48 em VC) / *mouth*. Em relação aos vocábulos referentes à casa, têm-se dois vocábulos em comum: primeiramente, porta (1,764 em NE; e 720,30 VC) / *door*, e em seguida, cama (1,629 em NE; e 625,50 em VC) / *bed*. No que diz respeito a características da linguagem da tradução, destacam-se, em NE, exemplos que sugerem a tendência de normalização, como no caso da tradução de: mão livre por *idle hand* e pobre cama por *sad bed*. Por sua vez, em VC têm-se: mãos em concha por *cupping his hands*; bem como: mão suja de sangue por *raw hands, stained with blood* e também: olhos sonhadores por *sleepy eyed*. Os resultados também sugerem uma tendência de Gregory Rabassa optar pela tradução literal de vocábulos individuais e, quanto às expressões fixas e semifixas, o tradutor mostra uma tendência para normalização no texto de chegada.

AS MUDANÇAS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DE 'COMO' NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Luana Cardiga Bianchi (UNESP/SJRP)

Considerando a multifuncionalidade da conjunção *como* no domínio das relações adverbiais, o propósito maior deste projeto de mestrado está em realizar um estudo diacrônico das construções com *como* ao longo da história do português, com o intuito de, longitudinalmente, reconhecer possíveis relações de derivação que contribuam para desvelar direções e tendências nas mudanças de significado. Das várias relações de sentido estabelecidas por *como*, estarão em foco particularmente as construções envolvendo os padrões temporal, causal, conformativo, comparativo e modal, que são padrões que tendem a mostrar relações de parentesco nas línguas (Kortmann, 1997). Para tanto, adotaremos alguns pressupostos da Teoria da Inferência Convidada (Traugott e Dasher, 2002). O objetivo estará, portanto, no estudo na mudança semântica, compreendida como a transição de um significado linguisticamente codificado para outro, considerando, como base, as inferências disparadas pelo contexto. Como *corpus*, utilizaremos textos de tipologia variada representativos dos séculos XIII ao XXI. A metodologia diacrônica, nos moldes de Traugott e Dasher (2002), permitirá focalizar as polissemias de *como*, as especializações contextuais e os estágios graduais de desenvolvimento.

O USO DE CORPORA NA PRODUÇÃO DE ATIVIDADES VOLTADAS AO DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO ORAL PARA OS NÍVEIS A2 E B1

Luciano Franco da Silva (UNESP/SJRP)

A presente pesquisa de mestrado tem por objetivo a criação de atividades voltadas ao desenvolvimento da compreensão oral para alunos em nível A2 e B1. Para tanto, a Linguística de Corpus serve como aparato teórico-metodológico. As atividades preparadas foram aplicadas em um minicurso de 12 horas ministrado em uma instituição de ensino superior tecnológico, no noroeste do estado de São Paulo, visando melhorar a compreensão oral dos alunos desta instituição, que ao terminarem o curso de graduação, se submetem a aplicação do exame de proficiência internacional TOEFL. A necessidade dessa pesquisa se deu após o resultado do mapeamento de proficiência em língua inglesa dos alunos brasileiros indicar um nível insuficiente para o acompanhamento das atividades acadêmicas em universidades do

exterior. Como metodologia de pesquisa, utilizaremos o programa Antconc® para auxiliar nas análises e descrições lexicais. Os corpora de estudo para a pesquisa foram compilados a partir das transcrições de 71 palestras retiradas do site TED (www.ted.com) e de 56 transcrições das animações do site TED-ED (<https://ed.ted.com/>). A partir deste material, foram propostas atividades de compreensão oral. Como fundamentação teórica tomaremos como base os conceitos de Inglês para Fins Acadêmicos (FLOWERDEW, 2001; CHARLES, 2013; HYLAND, 2006), Linguística de Corpus (CHARLES, 2012; MCENERY e XIAO, 2011; BERBER SARDINHA, 2010; 2004), e as concepções sobre a Compreensão Oral (ROST, 2011; FLOWERDEW e MILLER, 2005; GOH 2003; MCCARTHY, 1998). Com esta pesquisa pretendemos observar “se” e “como” o uso de corpora poderá auxiliar no desenvolvimento de atividades didáticas de compreensão oral em língua inglesa.

A EMERGÊNCIA DOS USOS NÃO TEMPORAIS DE 'AGORA': ESTÁGIOS DA MUDANÇA À LUZ DE CONTEXTOS CONDICIONADORES

Luísa Ferrari (UNESP/SJRP)

No projeto a que este trabalho se vincula, investigamos trajetórias de mudança atravessadas pelas construções com 'agora' (port.) e pelas construções com 'now' (ing.), que, originariamente veiculando significados temporais, passam a constituir, ao longo do tempo, novos contextos de uso, nos quais 'agora' e 'now' assumem novas propriedades de forma e significado. Tais contextos se subdividem em contextos contrastivos, em que 'agora' e 'now' explicitam relações coordenativas (MAURI, 2008) especializadas na oposição entre estados de coisas, e contextos em que 'agora' e 'now' explicitam transição para novas unidades discursivas, constituídas como tópicos ou subtópicos discursivos (JUBRAN et al., 2015). Para este trabalho, elegemos como foco as mudanças experimentadas pelas construções com 'agora', tanto a trajetória que resulta nos contextos de contraste quanto a que origina os contextos de transição. Assumindo que diferentes estágios de mudança se refletem em diferentes arranjos contextuais, objetivamos traçar as duas trajetórias à luz dos contextos que as constituem, buscando (i) elucidar as mudanças sob o viés da gradualidade e (ii) fornecer evidências do papel essencial dos contextos para a motivação e progressão das mudanças. Assim, o trabalho se fundamenta em abordagens teóricas que concebem a mudança como o resultado de contínuas reanálises contextuais que, gradualmente, elevam o novo significado ao primeiro plano (TRAUGOTT; DASHER, 2004; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). A investigação, diacronicamente conduzida, tem mostrado que ambas as trajetórias se originam em contextos de sequencialidade temporal, seguindo, apesar dessa relação histórica, rumos diferentes dadas especificidades da sequencialidade que alimenta cada uma. Conforme nossa análise, os contextos de contraste emergem de uma sequencialidade acompanhada de traços contextuais que indiciam desigualdade entre os estados de coisas sucessivos no tempo, ao passo que os contextos de transição, de uma sequencialidade que implica ordenação entre os estados de coisas sequenciais e consequente organização das unidades discursivas que os exprimem.

RESISTÊNCIA E EXÍLIO: O HUMOR E A CARNAVALIZAÇÃO NOS ENUNCIADOS VERBO-VISUAIS DOS ANOS DE CHUMBO

Luiza Bedê Barbosa (UNESP/Araraquara)

Entre os anos de 1954 a 1990, em diversos países da América Latina foram instaurados regimes ditatoriais de cunho militar, em que a liberdade de expressão era um dos alvos principais para a manutenção do estado totalitário, algumas das práticas e táticas implantadas para sanar os posicionamentos contrários aos regimes eram o exílio e a censura. No entanto, contrariando as medidas impostas pelos militares, muitos resistiram e se dedicaram na divulgação das atrocidades cometidas pelos estados autoritários. Assim, propõe-se, nessa pesquisa, a análise de enunciados verbo-visuais encontrados em jornais alternativos que

circularam no Brasil no período da ditadura civil-militar (1964-1985) e em jornais produzidos por brasileiros exilados no Chile no mesmo período. O corpus da pesquisa, portanto, é composto pelos periódicos Pif-paf (1964-1965), Opinião (1971-1977) e Ex- (1973-1975) e pelo jornal Frente brasileiro de informaciones (1968-1973) publicado no Chile. A base teórica para essa pesquisa é a dos estudos bakhtinianos, a partir de tal teoria contrastaremos enunciados produzidos e veiculados nesses dois modos de circulação (alternativo e exílio) com o objetivo de entender os enunciados concretos e perceber as diferentes formas em que o sujeito produz enunciados de resistência no seu país e fora dele, no exílio. A pesquisa que propomos pretende centrar discussões sobre os enunciados verbo-visuais a partir da teoria bakhtiniana, porém pretendemos mobilizar nas análises, mais profundamente, três conceitos: riso e carnavalização relacionados à arquitetônica dos enunciados.

PORTUGUÊS ARCAICO: POSSIBILIDADE DE GEMINAÇÃO FONOLÓGICA DAS CONSOANTES LATERAIS

Maiara Marques da Silveira (UNESP/Araraquara)

Este trabalho centra-se no estudo do sistema consonantal do português arcaico, focalizando as consoantes laterais e se propõe como uma visão linguística do fenômeno, levando em consideração recursos que as novas teorias fonológicas não lineares colocam à disposição do pesquisador, sobretudo em relação à consideração da estrutura hierárquica da sílaba. O trabalho tem como objetivo verificar a ocorrência de palavras que possuem consoantes laterais (grafadas com <l>, <ll> e <lh>) nas posições silábicas de onset (início) e coda (travamento) que aparecem nas Cantigas de Santa Maria, atribuídas a Afonso X (1221- 1284). Para o desenvolvimento desta pesquisa tem sido utilizada a edição de Mettmann (1986-1989) das Cantigas de Santa Maria, da qual foram coletadas 1097 diferentes palavras, contendo consoantes laterais, nas 200 primeiras cantigas. A principal conclusão alcançada até agora é que, conforme o que já havia sido verificado no trabalho de Somenzari (2006), para as cantigas medievais profanas, a lateral palatal pode ser interpretada como concomitantemente assumindo a posição de coda da sílaba anterior e a de onset da sílaba em que se encontra no nível fonético. São necessários, para considerarmos a lateral palatal como uma consoante complexa, alguns critérios anteriormente apontados por Wetzels (2000), como: a consoante palatal ocorrer exclusivamente em posição intervocálica; não surgimento de ditongos precedendo a lateral palatal (quando ocorrem sequências vocálicas nessa situação, a formação é de um hiato, no qual se tem vogal + vogal alta) e; as sílabas que precedem a consoante precisam ser leves (ou monomoraicas). As palavras coletadas como corpus deste trabalho atendem aos critérios definidos por Wetzels. Assim, podemos dizer que a consoante palatal grafada por <ll> pode assumir o status de geminada no Português Arcaico, assim como acontece no Português Brasileiro.

A TRADUÇÃO COMO RECURSO NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA A BRASILEIROS

Maiara Raquel Queiroz Pereira (UNESP/Araraquara)

Nesta pesquisa propomos a discussão do uso da tradução como recurso no ensino de espanhol como língua estrangeira (ELE) numa perspectiva comunicativa de ensino. Compreende-se a tradução com base em três características essenciais apontadas por Hurtado Albir (1994): um ato de comunicação, uma operação entre textos (não entre línguas) e um processo mental. Com base no conceito de tradução pedagógica (LAVAUULT,1985; COOK, 2010; CORRÊA, 2014), podemos entender a atividade de tradução na sala de aula como promotora da conscientização das diferenças linguísticas e culturais, o que contribui para o aperfeiçoamento da competência comunicativa (HYMES, 1972) dos estudantes. Como forma de corroborar esta nossa hipótese, valemo-nos de uma metodologia de pesquisa de caráter qualitativo e interpretativo (ERICKSON,1991), pois além do levantamento

bibliográfico, aplicar-se-ão dois questionários. O primeiro refere-se à utilização da tradução no ensino a dois grupos de professores de ELE, sendo 5 atuantes no centro de línguas (CEL) e 5 atuantes em escolas de idiomas autodeclaradas comunicativas, ambas na cidade de Araraquara/SP, o que nos permitirá conhecer o valor atribuído à tradução no ensino de línguas através das opiniões de professores. O segundo será aplicado a um grupo de 10 tradutores de espanhol-português a fim de saber se durante sua aquisição e aprendizagem de ELE, as atividades que envolviam tradução contribuíram para o desenvolvimento de sua competência comunicativa. A análise dos dados encontra-se em andamento, no entanto, esperamos nos deparar com três visões distintas sobre o uso da tradução: a tradução na perspectiva da gramática-tradução, a tradução como ferramenta de conscientização linguística numa perspectiva comunicativa e a tradução como vilã. Em suma, esta pesquisa busca compreender a relação da tradução com o ensino sob duas perspectivas diferentes a fim de melhor problematizar a questão e a partir de nossa reflexão contribuir para uma melhor prática no ensino de línguas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DESVIOS DE ORTOGRAFIA RECORRENTES NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II E ATITUDES LINGÜÍSTICAS DOS PROFESSORES

Marcus Garcia de Sene (UNESP/Araraquara)

Este trabalho tem como objetivo identificar e descrever os processos fonológicos encontrados em um corpus constituído de redações escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de três escolas públicas de Araraquara. Tendo em vista que se busca descrever os processos fonológicos na escrita dos alunos, propõe-se, portanto, a produção de uma narrativa. Conforme Tarallo (2002), narrar experiências pessoais envolventes faz com que os alunos se desvinculem da forma, sendo esta a justificativa por esta modalidade para análise dos processos fonológicos. Cabe destacar que se entende como processos fonológicos as alterações que, em suma, são sonoras e ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente (CAGLIARI, 2002), explicados, dessa forma, por meio de regras que caracterizam tais processos. Os professores de Educação Básica desconhecem a interface entre oralidade e escrita e esta tem sido uma demanda dos professores que perpassa a alfabetização, já que, como destacou Bortoni-Ricardo (2005), o domínio da ortografia é, sem dúvidas, lento e requer toda trajetória escolar. Além disso, procura-se avaliar quais as atitudes dos professores de Educação Básica no tratamento dos desvios ortográficos. A relevância dessa pesquisa se dá, uma vez que os estudos de atitude linguística nos permitem compreender de que maneira o professor trata questões da língua com seus alunos e as consequências desse tratamento para o aprendizado da competência comunicativa deles. Para definição do que se entende como atitudes, valer-se-á dos trabalhos de Lambert et. al. (1960) e Cyranka (2007). Nesse interim, avaliar as atitudes dos professores perante os desvios de natureza fonológica é buscar respostas para compreender qual avaliação e tratamento eles dão para o desvio e, conseqüentemente, quais abordagens estão sendo usadas com objetivo de sanar as dúvidas referentes aos hábitos da fala para a escrita que os alunos têm efetuado ao longo de sua trajetória escolar.

LEITURA SEMIÓTICA DO MITO MAKUNAIMA

Maria Georgina dos Santos Pinho e Silva (UNESP/Araraquara)

A compreensão dos mitos de uma dada sociedade pode ser encarada como um dos modos mais legítimos para se decifrar a sua realidade cultural já que, por estarem ligados à tradição oral, evidenciam e sistematizam determinadas práticas sociais e culturais. Isso ocorre porque a natureza oral das narrativas míticas, especialmente das narrativas indígenas, que são objeto de nossa pesquisa, evidencia aspectos do contexto local, de simbologias construídas ao longo de uma tradição que instaura uma realidade mítica, que escapa de uma explicação lógica dos

fenômenos naturais, da história do povo, de sua organização social, de suas práticas ritualísticas, rompendo, muitas vezes, com a figuratividade de um mundo natural puramente humano como o conhecemos. Nesse sentido, tendo como base a semiótica discursiva, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre a construção dos sentidos no mito Makunaima, por meio de uma análise comparativa entre as narrativas dispostas no segundo volume de Mitos e Lendas dos Índios Taulepangue e Arekuná (1989), de Theodor Koch-Grünberg, e as versões relatadas por informantes das comunidades indígenas Ubaru (RR) e São Jorge (RR). Para tanto, selecionamos, primeiramente, uma das narrativas que compõem o mito de Makunaima, a narrativa da “Árvore da vida”, porque é uma das mais conhecidas nas comunidades indígenas de Roraima e porque descreve a origem mítica do peixe, dos rios e do Monte sagrado que dá nome ao estado, o Monte Roraima. Em nossa análise buscaremos (1) identificar as estratégias enunciativas e os pontos de vista adotados pelos enunciadores de cada uma das versões (discurso da tradição oral indígena x discurso da tradição editorial científica) e (2) comparar as versões do mito da “Árvore da vida”, do ponto de vista dos seus percursos figurativos e temáticos, visando identificar as variações e as regularidades que é fruto das escolhas enunciativas de cada versão.

HISTORIOGRAFIA DA SEMIÓTICA: OS ESTUDOS ENUNCIATIVOS NO PERÍODO DE 1966 A 1993

Maria Goreti Silva Prado (UNESP/Araraquara)

Este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo historiográfico do conceito de enunciação na semiótica de linha francesa. A metodologia historiográfica baseia-se nas reflexões desenvolvidas por Konrad Koerner para a Historiografia linguística. Além dos princípios norteadores postulados por Koerner, os modelos de abordagens do conceito de enunciação apresentados nas obras de alguns semiotistas balizarão este trabalho. Entre esses estudiosos, destacam-se Jacques Fontanille e Denis Bertrand. Fontanille dedicou o último capítulo do livro “Semiótica do discurso” (2007 [1999]) à enunciação, desenvolvendo um estudo em que retomou noções como proprioceptividade, campo de presença e regimes discursos. Na sequência, precisou o domínio do conceito de enunciação, culminando na noção de práxis enunciativa. Bertrand, na segunda parte de “Caminhos da semiótica literária”; (2003 [2000]), tratou desse mesmo assunto. Primeiramente, o autor contextualizou a história da linguística na França, depois, definiu a posição da teoria semiótica dentro desse contexto e, por fim, apresentou as fases de evolução dos estudos enunciativos no interior da teoria semiótica. A partir desse conjunto metodológico, pretende-se investigar a evolução do conceito de enunciação entre as décadas de 1966 a 1993, período em que Greimas esteve à frente do projeto semiótico. Como início da investigação, considerou-se o ano de 1966, pois corresponde à primeira publicação do livro “Sémantique Structurale”. Finalizando esse ciclo, selecionou-se seu último texto, “Le beau geste”, que foram as notas elaboradas para a sessão introdutória do seminário de Semântica geral (1991-1992). Nesse recorte temporal, foi vasta a produção de Greimas, pode-se computar, entre livros teóricos e dicionários, mais de dez obras, que serão investigadas nesta pesquisa. Em relação à escolha das obras pertinentes ao trabalho proposto, argumenta-se que elas representam um saber estabilizado, que nos permitirá reconstruir, de maneira crítica, o desenvolvimento do conceito de enunciação nos postulados do mestre lituano.

ENTRE A CONCESSÃO E A ADVERSIDADE: CONSTRUÇÕES COM “AUNQUE” NO ESPANHOL FALADO

Mariana Alves Machado Pelegrini Felipe (UNESP/SJRP)

Diversos autores na literatura afirmam que as relações de concessão e de adversidade fazem referência a domínios nocionais muito próximos apoiados no argumento de que ambas apresentam elementos de informação contrastantes entre si (FLAMENCO GARCÍA, 2000).

No espanhol falado, objeto desta pesquisa, determinadas estruturas, quando introduzidas por “aunque”, podem comportar diferentes leituras, o que se comprova substituindo a conjunção “aunque” por “pero”, como se observa em: “Parece tonto, aunque a veces sorprende” e “Parece tonto, pero a veces sorprende” (CASCÓN MARTÍN, 2000). Com base no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), o presente trabalho investiga as orações introduzidas por “aunque” a fim de averiguar como o fenômeno da “sobreposição semântica” (RIVAS MUIÑO, 1989) entre concessão e adversidade se manifesta, partindo da premissa de que todo uso de “aunque” é, de fato, concessivo, e o que permite uma leitura adversativa é, na verdade, uma questão de ordem pragmática. Defendemos que o que distingue os diferentes usos dessa conjunção é a intenção, o propósito comunicativo que tem o falante com relação ao seu ouvinte. Os resultados mostram que o leva o falante a optar por uma construção concessiva ou adversativa se relaciona à questão da direção argumentativa. Além disso, observa-se que as orações concessivas do espanhol que aceitam a substituição de “aunque” por “pero” tendem a ser não pressupostas, pois essas construções carregam a informação mais saliente do ponto de vista informativo ou simplesmente configuram casos nos quais o falante deseja enfatizar alguma informação, não importando se o ouvinte a conhece ou não. Já as concessivas que não aceitam essa substituição tendem a apresentar informações conhecidas, isto é, pressupostas, e, portanto, informacionalmente menos salientes. O universo de investigação adotado consiste em amostras extraídas do Projeto PRESEEA.

A PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DOS FONEMAS /æ, ε, α, ɔ, ə/ DE ESTUDANTES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Mariana Centanin Bertho (UNESP/Araraquara)

Esse trabalho é decorrente do projeto de pesquisa de mestrado no qual propomos uma descrição de aspectos relativos ao processo de aquisição/aprendizagem de sons de estudantes de inglês como língua estrangeira (ILE), em níveis que estão entre intermediário a avançado, de uma escola de idiomas. Para tanto, escolhemos trabalhar com o recorte de cinco fonemas da língua inglesa (/æ, ε, α, ɔ, ə/) que, por vezes, sofrem a perda do contraste na produção dos estudantes brasileiros e são produzidos e percebidos dentro do espaço perceptivo dos fonemas /a/, /ε/ e /ɔ/ do português. Para avaliar se os alunos são sensíveis às características das vogais do inglês, os informantes selecionados passam por um curso sobre os sons da língua e são gravados no início e no final do curso. Os objetivos específicos se concentram na análise das estratégias utilizadas pelos informantes para produzir os fonemas selecionados. Assim, mediante a medição dos valores de F1 e F2 das vogais selecionadas, com a utilização do software PRAAT, versão 5.3 (BOERSMA & WEENINK, 2011), as gravações são comparadas entre si e com uma gravação de produção nativa. Como suporte teórico para essa análise, partimos da noção de Interlíngua, de Selinker (1972), já que é na produção interlinguística que acreditamos encontrar as estratégias que os aprendizes utilizam para alcançar fluência na LE. São igualmente fundamentais para nossa análise autores que se dedicam especificamente à aquisição e aprendizagem do aspecto fônico de uma LE, como Trubetzkoy (1939), pelo conceito de Crivo Fonológico; Polivanov (1931), que cunha o conceito de Surdez Fonológica; Flege (1981), mentor do Modelo de Aquisição da Fala; e Kuhl e Iverson (1995), responsáveis pelo Modelo do Ímã da Língua Materna. Os resultados preliminares mostram a ocorrência de certos fenômenos na Interlíngua dos estudantes brasileiros: a neutralização do par de fonemas /æ/ e /ε/, ambos produzidos e percebidos como /ε/, e a produção do fonema /a/ como /a/, além da percepção do mesmo fonema como /o/.

A (CO)CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS TEÓRICO-PRÁTICOS NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO NORTE DO PAÍS SOB A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Mariana da Silva Cassemiro (UNESP/SJRP)

Este trabalho objetiva apresentar os resultados alcançados até o momento na pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo é investigar a (co)construção de conhecimentos teórico-práticos na formação inicial do professor de língua inglesa no norte do Brasil a partir da perspectiva sociocultural (JOHNSON, 2009; JOHNSON E GOLOMBEK, 2011, 2016; VIEIRA-ABRAHÃO, 2012; SALOMÃO, 2013). De acordo com essa lente teórica, que é proveniente dos escritos de Vigotski (2010), a formação de professores de línguas é entendida como um processo dinâmico de reconstrução e transformação de práticas sociais a fim de adequá-las a determinadas necessidades. Foram propostas três perguntas norteadoras para o desenvolvimento desta investigação: 1- Quais conceitos cotidianos e científicos de língua, ensino e aprendizagem são trazidos pelos futuros professores antes de cursarem a disciplina Metodologia do Ensino da Língua Inglesa I?; 2- Quais conceitos científicos são apresentados e de que modo são trabalhados nas disciplinas Metodologia do Ensino da Língua Inglesa I, Metodologia do Ensino da Língua Inglesa II, Estágio em Língua Inglesa I e Estágio em Língua Inglesa II?; 3- Como os conceitos cotidianos e científicos trazidos pelos alunos-professores ao curso de formação e os conceitos científicos trabalhados nas disciplinas de Metodologia I e II se relacionam nas práticas de ensino nos estágios supervisionados? Os resultados alcançados até o momento indicam que os futuros professores apresentam conceitos cotidianos e científicos de língua, ensino e aprendizagem oriundos de uma perspectiva tradicional. Os conceitos científicos apresentados nas disciplinas dizem respeito à língua, ensino, aprendizagem, abordagem, método, técnica, senso de plausibilidade, dentre outros, e foram trabalhados em aulas expositivas com base em diferentes textos teóricos. No momento da realização dos estágios, os conceitos cotidianos e científicos de língua, ensino e aprendizagem apresentados pelas alunas-professoras foram (re)construídos e ressignificados com base nas aulas na universidade e em suas experiências como aprendizes de línguas.

AS RIMAS E AS VARIAÇÕES GRÁFICAS DAS FRICATIVAS NAS CANTIGAS TROVADORESCAS

Mariana Moretto Gementi (UNESP/Araraquara)

O objetivo desta pesquisa é discutir a questão das fricativas (sibilantes e chiantes) nas cantigas trovadorescas, a partir das relações existentes entre letras e sons e as possíveis grafias nas cantigas religiosas e profanas. Serão focalizados fonemas representados pelos grafemas "s", "z", "x", "c", "ç", "sc", "ss", "j", "g", em início, meio e fim de palavra. Ou seja, pesquisaremos se, naquele momento, os processos de oposição e de neutralização das fricativas nas posições inicial e final de sílaba, respectivamente, que se verificam no português atual, existiam ou não no português do período medieval. Foram escolhidas exclusivamente as consoantes fricativas e não as demais consoantes, pois há controvérsias quanto à consideração da oposição acerca das fricativas entre os autores que vêm estudando o assunto (MATTOS E SILVA, 2006; COUTINHO, 1970; TEYSSIER, 1987; MAIA (1997 [1986])). Como corpus do presente trabalho, foram eleitas as cantigas medievais galego-portuguesas. Destas, foram selecionadas 50 Cantigas de Santa Maria, das 420 cantigas em louvor da Virgem Maria, de autoria de Afonso X, e 150 cantigas profanas, sendo 50 cantigas de amigo, das 510 existentes; 50 cantigas de escárnio e maldizer, das 431 existentes, e 50 cantigas de amor, das 310 existentes. Segundo Mattos e Silva (2006, p. 37), a documentação lírica fornecida pelo conjunto galego-português é riquíssima e seus dados são de extrema importância para o conhecimento do léxico e de outros aspectos da língua. O ineditismo da nossa pesquisa está no fato de adotarmos uma metodologia que se utiliza de um corpus poético (cantigas galego-portuguesas) para descrever a relação entre letras e sons, com relação às grafias possíveis da lírica medieval. A partir da consonância das rimas, os textos

poéticos podem fornecer pistas mais seguras, no que diz respeito à realização fonética das fricativas (sibilantes e chiantes), em um momento da língua do qual não se tem registros orais.

O DISCURSO PEDAGÓGICO NOS CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES: IMBRICAMENTOS ENTRE HUMOR E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Marina Totina de Almeida Lara (UNESP/Araraquara)

A presente pesquisa de mestrado propõe uma reflexão sobre a presença do humor em enunciados com fins didático-pedagógicos de cursinhos pré-vestibulares. O corpus de análise é o blog do cursinho Descomplica (www.descomplica.com.br/blog) e é composto por um conjunto de 44 enunciados das disciplinas de gramática e redação referentes aos anos de 2009 a 2016. Interessa-nos a presença de gêneros que veiculam o humor nas atividades de ensino/aprendizagem disponibilizadas no blog, centralizando nosso olhar para os memes, para verificar como se dá a presença desses gêneros como recurso didático-pedagógico na esfera pedagógica online. A pesquisa aponta para instabilidades no discurso pedagógico praticado em ambientes educacionais na atualidade, nos quais está normalizado um estilo para a aula que passa por um movimento de espetacularização, configurando o que se chama comumente de “aula-show”. Em nosso corpus, temos a hipótese que o discurso do professor da “aula-show” se materializa por meio dos gêneros, como o meme, que produzem humor. A perspectiva teórico-metodológica para análise dos enunciados é a de Bakhtin e seu Círculo.

A ARGUMENTAÇÃO EM SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UM PROCEDIMENTO DE ENSINO- APRENDIZAGEM PARA ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Marta Aparecida Broietti Henrique (UNESP/SJRP)

Este estudo consiste em elaborar uma sequência didática (SD) para desenvolver as capacidades de linguagem em relação à argumentação escrita de alunos do ensino superior em Pedagogia com base em dois gêneros diferentes (crônica argumentativa e resenha crítica). A pesquisa está fundamentada em princípios teóricos e metodológicos do interacionismo sociodiscursivo (ISD) e dos estudos sobre a didática de línguas do grupo de Genebra para a construção das atividades de leitura e produção textual. Os objetivos específicos do trabalho são: a) demonstrar de que os materiais didáticos dedicados ao ensino de gêneros escritos podem ser construídos em torno de um aspecto tipológico (neste caso da ordem do argumentar), baseando-se em gêneros propícios ao processo de argumentação; b) apontar as características dos gêneros trabalhados em relação ao contexto de produção, aos mecanismos textuais e enunciativos e aplicar os princípios de ensino de gêneros escritos na perspectiva do ISD como critério que possibilite avaliar a proposta de prática pedagógica subjacente à elaboração da SD c) avaliar o desenvolvimento de gêneros escritos a partir das atividades realizadas pelos alunos; d) avaliar a SD elaborada com base nos resultados obtidos nas produções dos alunos; e) mostrar os aspectos que envolvem o processo de interação da sala de aula durante a aplicação da SD. Este trabalho visa a contribuir para desenvolver a capacidade de argumentar e também apontar caminhos e atividades para ampliar práticas de linguagem de alunos do ensino superior. O trabalho mostra que a tese constará de três etapas: a produção da sequência didática, sua aplicação em sala de aula e análise do processo (elaboração, aplicação da SD e atividades dos alunos). São utilizadas as pesquisas: a documental para reconhecer as prescrições do trabalho docente no ensino superior de Pedagogia e a pesquisa-ação durante a aplicação da SD que é feita pela própria autora do trabalho.

ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES EM LÍNGUA INGLESA BASEADAS EM CORPUS COM FOCO EM PRODUÇÃO ESCRITA

Mayra Aparecida dos Santos (UNESP/SJRP)

A presente pesquisa discute características da escrita acadêmica em língua inglesa de alunos universitários brasileiros uma vez que a falta de proficiência em língua inglesa foi um dos problemas identificados em programas de mobilidade internacional. Tendo em vista a habilidade de produção escrita e utilizando a abordagem teórico-metodológica da Linguística de Corpus, realizamos uma investigação para encontrar dificuldades de redação enfrentadas por esses alunos ao escreverem seus textos argumentativos. Com o objetivo de realizar um estudo de caso, formamos um corpus para análise com 82 textos redigidos por alunos brasileiros universitários com proficiência no nível B1 de língua inglesa. Usando como base os descritores de competência de produção escrita do Quadro Europeu Comum de Referência (CEFR) e como corpus de referência o corpus MICUSP, realizamos uma comparação entre o uso dos quantificadores *some*, *many* e *any*, nos textos dos brasileiros em comparação aos textos dos alunos que compõem o MICUSP. Da mesma forma, levantaremos informações em relação ao uso de conjunções entre os dois corpora, uma vez que consideramos este um elemento gramatical expressivo em textos argumentativos. O desenho de nossa dissertação considera os trabalhos sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira, Escrita Acadêmica e Linguística de Corpus de acordo com os trabalhos de Berber Sardinha (2004, 2010), Dayrell (2011), Dew (2010), Romer (2004), Tribble (2001) e Viana (2011). A partir dos resultados obtidos nas análises e com base na observação do corpus MICUSP, cujos textos são escritos por estudantes também não-nativos de língua inglesa, serão elaboradas atividades didáticas com foco na produção escrita.

TELETANDEM INSTITUCIONAL INTEGRADO: UM ESTUDO SOBRE A SESSÃO ORAL ORIENTADA PARA A PRODUÇÃO COLABORATIVA SÍNCRONA DE TEXTOS EM LÍNGUA INGLESA

Mileni Bertholini Ferreira (UNESP/SJRP)

O teletandem (TTD) (TELLES, 2006) trata-se de um contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) em que pares de falantes de diferentes idiomas encontram-se virtual e regularmente, por meio de ferramentas tecnológicas *online*, e engajam-se de forma autônoma e colaborativa para aprenderem a língua um do outro. A depender de seu contexto de realização, sua prática pode ocorrer em diferentes modalidades. Aqui, adotamos como contexto de pesquisa a modalidade de teletandem institucional integrado (TTDii) (ARANHA; CAVALARI, 2014), cuja prática de TTD é incorporada às aulas de LE de universidades parceiras. Neste contexto, diferentes tarefas são propostas aos aprendizes participantes, como uma forma de melhor integrar a prática às aulas, sendo uma delas a escrita colaborativa síncrona de textos em LE. Com base nisso e partindo da definição de escrita colaborativa como um processo em que aprendizes trabalham juntos e interagem entre si durante toda sua realização (STORCH, 2013), esta pesquisa objetiva caracterizar as sessões orais de TTDii em que pares de participantes produzem textos em língua inglesa. Para isso, estão sendo observadas gravações de sessões orais e diários de aprendizagem, e os resultados parciais apontam que essas sessões apresentam peculiaridades decorrentes da tarefa incorporada.

DIREITO DA CRIANÇA: OS DISCURSOS JURÍDICO E CIENTÍFICO EM UMA PEÇA DE PROPAGANDA DE UTILIDADE PÚBLICA

Monique de Almeida Neves Rodrigues (UNESP/Araraquara)

Esta é uma pesquisa qualitativa e interpretativa que tem como objetivo analisar, dialogicamente, a partir dos estudos discursivos do Círculo de Bakhtin, um conjunto de peças de propaganda produzidas pelo UNICEF – Fundo das Nações Unidas pela Infância – em

parceria com o cartunista Maurício de Sousa, abordando os direitos da criança e do adolescente. As peças circularam dentro dos gibis da Turma da Mônica a partir de 2005 até meados de 2014. A questão principal que buscamos responder é de que maneira os valores ideológicos pertinentes a esse tema se materializam nas peças. Questões secundárias referentes às vozes sociais que dialogam na produção de sentido, ao destinatário previsto e ao gênero do discurso também são investigadas. Como metodologia, adotamos as propostas de análise do discurso bakhtiniana desenvolvidas por pesquisadores brasileiros. Dentre os resultados parciais obtidos, verificamos a forte presença dos discursos jurídico e científico em uma das peças analisadas, ecoando no corpus com diferenças de estilo, adaptados ao destinatário previsto e ao projeto de dizer da peça. Verificamos, também, a importância dos elementos constituídos na esfera artística, materializados, nesse caso, com a assinatura de Maurício de Sousa, e definidores da natureza verbo-visual desses enunciados. Esperamos demonstrar, futuramente, de que maneira cada um desses discursos funciona em sua esfera, e quais desses elementos são trazidos para a esfera da propaganda, contribuindo, conjuntamente, para a produção de sentido do corpus.

UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NAS TRADUÇÕES DE “THE CHRONICLES OF NARNIA: THE SILVER CHAIR” À LUZ DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS

Naiara Gomes Morante (UNESP/Araraquara)

Este estudo tem como objetivo analisar as palavras-chave relacionadas às figuras femininas do livro *The Chronicles of Narnia: the silver chair*, escrito por C. S. Lewis (1898 - 1963). Por se tratar de um estudo do léxico em textos traduzidos (TTs), analisamos as palavras do texto de partida (TP) em suas traduções para a língua portuguesa “As Crônicas de Nárnia: a cadeira de prata” (CN-port), de Paulo Mendes Campos, e para a língua espanhola *Las Crónicas de Narnia: la silla de plata*, de Maria Rosa Duhart Silva (CN-esp). Nossa pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística de Corpus (BERBER-SARDINHA, 2000; 2004) e dos Estudos da Tradução Baseados em corpus (BAKER, 1993;1996). Selecionamos para análise as palavras-chave Jill, Witch e Owl, por meio do software WordSmith Tools, que nos permitiu extrair uma lista de palavras-chave do TP. Observamos, mais especificamente, as escolhas lexicais feitas pelos tradutores e suas possíveis implicações semânticas, bem como a omissão de termos e a aproximação da linguagem dos textos de chegada (TCs) às culturas de chegada. Os resultados que obtivemos até o momento mostram, por exemplo, que houve um processo maior de criação em CN-port, uma vez que os vocábulos em estudo apresentam um número de ocorrências bastante diferente em relação ao TP. Em CN-esp, por outro lado, o TC aproximou-se mais do TP, como verificamos nas análises do léxico em contexto.

IDENTIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO NAS TRADUÇÕES BRASILEIRA E NORTE-AMERICANA DE LA CASA DE LOS ESPÍRITUS, DE ISABEL ALLENDE

Pâmela Berton Costa (UNESP/SJRP)

O momento das questões de gênero atualmente tem características únicas. A terceira onda do feminismo e as discussões acerca do tema que têm sido feitas amplamente pela sociedade têm impulsionado mudanças significativas na forma como a mulher é vista e o lugar que ela tradicionalmente ocupa. Estudar traduções é importante porque a literatura é uma das maneiras de se colocar em pauta muitos temas que poderiam ser ou que estariam sendo esquecidos pela sociedade. Neste trabalho, explora-se a re-imaginação das personagens da obra *La Casa de los Espíritus*, de Isabel Allende, nas traduções para o português e o inglês. O objetivo é analisar como as personagens foram recriadas, discutindo-se, à luz das teorias de tradução, identidade e caracterização de personagens, como a questão do gênero foi re-imaginada nas traduções e quais as possíveis consequências para as interpretações desses

novos textos. Neste texto, são discutidos os resultados preliminares da pesquisa, relativos aos dois primeiros capítulos do livro, apresentando quatro personagens com significativas diferenças até agora: Férula, Esteban, Pancha e Pedro Segundo. O próximo passo da pesquisa será analisar os próximos capítulos a fim de confirmar ou não tendências e criar outras possibilidades de leitura, com uma análise baseada na continuidade do corpus selecionado.

CONSTRUCIONALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE FINALIDADE COM V1 + V2 INFINITIVO

Patrícia Oréfice (UNESP/Araraquara)

Este trabalho tem por objetivo discutir atualizações das orações de finalidade na língua portuguesa, a fim de demonstrar os processos de mudança sofridos pela oração adverbial final prototípica PARA+INFINITIVO, instituindo, a partir dela, outras possibilidades de leitura de finalidade, como na Construção de Movimento com Propósito, (CMCP), em (1) ele pegô(u)] já subiu na casa dele buscá(r) o cano lá::... e (a)cabô(u) briga::n(d)o lá. (IBORUNA/AC-031; NR:77-78). A CMCP é uma construção formada por dois verbos, sendo que o primeiro é sempre um verbo de movimento orientado e o segundo, um verbo em forma não finita. A articulação entre V1 e V2 habilita a leitura de finalidade (ORÉFICE, 2014). Apesar da CMCP apresentar-se sintaticamente distinta das orações adverbiais finais, sem conectivo entre V1 e V2, a leitura de finalidade nesse tipo de construção é habilitada por propriedades metafóricas, uma vez que, através da metáfora "(...) finalidades são destinos" (LAKOFF, 1992), apreende-se, na CMCP, um deslocamento metafórico no mundo das intenções, em que a semântica do movimento orientado a uma meta representa o propósito da oração. Ademais, construções de finalidade formadas por verbos de movimento básico como ir, em (2), apontaram propriedades que vão além das definidas às CMCP, pois o entrelaçamento de V1e V2 apresenta-se de modo mais explícito. (2) uma vez... eu eu tava lá em CamPInas né?... aí eu fui passá(r) um fim de semana na chácara do meu tio do meu primo... (IBORUNA/AC-001; NE: 2-5). Dessa forma, este trabalho, embasando-se nos pressupostos teóricos de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2014), propõe uma categorização das construções de finalidade dentro de uma rede de construções, levando em consideração nível de integração sintática (LEHMANN, 1998; CROFT, 2001), nível de gramaticalização de V1 e nível de gramaticalização e construcionalização das construções.

A QUESTÃO DO “SENSÍVEL” EM A. J. GREIMAS PELO VIÉS DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Patricia Veronica Moreira (UNESP/Araraquara)

A semiótica do discurso, preconizada por A. J. Greimas e seus colaboradores (J. Fontanille, E. Landowski, C. Zilberberg, J.-C. Coquet, entre outros), manteve, em grande medida, a sua unidade, ainda que tenha passado frequentemente por mudanças teórico-metodológicas no decorrer dos anos. Dentre as mudanças, destacamos a influência da fenomenologia que teve grande repercussão na Europa nos anos 50, incluindo o mestre lituano que aderiu do ponto de vista epistemológico, a fenomenologia (GREIMAS, 1966). Portanto, mostraremos neste trabalho a emergência do conceito de “sensível” ao longo da obra de A. J. Greimas, e, consequentemente, sua permanência nos estudos semióticos. Selecionamos para esta análise os seguintes textos: “L’actualité du sassurisme”, publicado em 1956; *Sémantique structurale*, publicado em 1966; *Du sens*, publicado em 1970; *Maupassant: la sémiotique du texte. Exercices pratiques*, publicado em 1976; *Du Sens II*, publicado em 1983; *De l’imperfection*, publicado em 1987, e, finalmente, *Sémiotique des passions. Des états des choses aux états d’âme*, publicado em coautoria com J. Fontanille, em 1991. Destacamos nesses textos a presença fenomenológica e os seus conceitos, considerados neste recorte como hipônimos que circunscrevem o “sensível”, ou seja, o hiperônimo da análise, tais como

corpo (proprioceptividade, exteroceptividade e interoceptividade) e campo de presença (visada e apreensão). Recuperamos a espessura teórica desses trabalhos pelo viés dos princípios historiográficos de contextualização, imanência, adequação e influência de K. Koerner (1996, 2014). Finalmente, ao estabelecer um desdobramento inicial do sensível na semiótica francesa, podemos prosseguir a pesquisa no que concerne aos colaboradores supracitados para que conseqüentemente possamos no futuro determinar a partir da reconstrução-sistemática, como aponta Swiggers (2015), quais são as contribuições para a semiótica discursiva contemporânea de uma semiótica sensível – ou ao menos “mais sensível” (LANDOWSKI, 2014).

AS FRASES EM CARTAZES E BANNERS DE PROTESTO: REVISITANDO O DESTACAMENTO E AS CLASSIFICAÇÕES DE “FRASES SEM TEXTO”

Plínio Marcos Volponi Leal (UNESP/SJRP)

Como observa Maingueneau (2010), existem muitas frases que circulam sem texto. Provérbios, slogans, ditados, manchetes, sentenças, fórmulas, citações célebres etc são frases que fogem aparentemente à ordem do texto e, assim, circulam como frases autônomas em diversos suportes: imprensa escrita, fachada de edifícios, camisetas, placas de veículos, cartazes de protesto etc. Muitas dessas frases foram extraídas, quer dizer, destacadas de textos, como é o caso das citações célebres, enquanto outras, pela sua própria natureza, não se vinculam exatamente a um contexto situacional nem a um contexto original, como é o caso dos provérbios. Neste trabalho, analisamos um tipo particular de frases destacadas, isto é, as frases presentes em cartazes e banners de manifestações populares que integram as fotografias publicadas na imprensa, em especial, no jornal Folha de S. Paulo, no ano 2013. As frases em cartazes de protesto apresentam características próprias que, às vezes, fogem das estruturas pré-definidas por Maingueneau (2014). Além disso, trata-se de um caso particular de destacamento, uma vez que o discurso midiático destaca, por meio dessas fotografias, frases que já haviam sido destacadas pelos manifestantes, na condição de cartazes de protesto e banners. Chamamos esse tipo de destacamento de “destacamento duplo” ou “destacamento em dois níveis”. Até o momento, a análise indica que cada nível de destacamento apresenta características próprias, como ethos e enquadres (frames), que nem sempre coincidem.

DIGA-ME COMO FALAS E EU DIREI QUEM ÉS: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO DA FALA “CAIPIRA” NA CIDADE DE SALES OLIVEIRA-SP

Pricila Balan Picinato (UNESP/Araraquara)

Este estudo propõe uma análise e descrição da fala da população da cidade de Sales Oliveira - SP, com intuito de investigar quais variantes são consideradas como estigmatizadas e quais possuem prestígio nessa comunidade linguística. A identificação dessas variantes e o valor a elas associadas nos permitirá compreender se as possíveis mudanças históricas e sociais pelas quais a cidade está passando têm influência na escolha das variantes linguísticas empregadas pelos salenses. Para isso, foi realizada, nessa comunidade, uma pesquisa de campo com 30 falantes da comunidade salense, sendo 15 homens e 15 mulheres, entre 10 a 15 anos, de 30 a 45 anos e de 70 a 80 anos. Dentre as variáveis fonéticas analisadas estão: I) a ausência ou presença do “r” como retroflexo com posição de coda, II) ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais; III) vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/ ; IV) apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade; V) ocorrência ou não de prótese e aférese; VI) ocorrência ou não de apócope. Além das variáveis fonéticas, foram analisadas 39 palavras extraídas das obras de Amaral (1976) e Elias Netto (1996), com a finalidade de observar as possíveis mudanças no âmbito do léxico. Cabe ressaltar que esse estudo possui como embasamento teórico-metodológico a Sociolinguística

variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 1968; Labov 1972, 1994, 2001). Espera-se que o resultado obtido na pesquisa de campo nos permita compreender a relação entre mudança linguística e mudança histórica/ social da comunidade salense.

A CONSTITUIÇÃO DE UM BANCO DE DADOS MULTIMODAL EM TELETANDEM

Queila Barbosa Lopes (UNESP/SJRP)

O teletandem (TELLES; VASSALLO, 2006), contexto telecolaborativo de aprendizagem de línguas, promove interação primordialmente síncrona via rede telemática entre aprendentes que provavelmente não se encontrariam sem o auxílio desta tecnologia. Para atingir o objetivo de aprender a língua um do outro, os interagentes participam de duas situações de aprendizagem diferentes, com objetivos específicos: a mediação e a sessão oral entre pares, consideradas nesta pesquisa como tarefas (ARANHA; LEONE, no prelo). A primeira tarefa tem como objetivo a reflexão e a orientação dos participantes, enquanto a segunda é a interação viabilizada pela tecnologia VoIP (Voice over Internet Protocol). Essas tarefas são constituídas por microtarefas como o diário de aprendizagem, questionários iniciais e finais, as produções textuais, e os chats, produzindo uma quantidade significativa de dados a cada semestre, tanto em vídeo quanto em material escrito. Partindo do pressuposto apresentado por Aranha (2014) de que essas tarefas no teletandem podem ser entendidas como gêneros dentro de um sistema, essa pesquisa tem o objetivo de propor a organização desses dados em um sistema de gêneros (BAZERMAN, 2006). Para o alcance deste objetivo, foi elaborado um protocolo de criação de IT (Identidade Teletandem) para os interagentes e para a anonimização dos dados. Seguindo a proposta de Chanier e Wigham (2016), foi necessário criar um documento por turma com levantamento de dados produzidos por cada interagente, assim como um documento no qual o pesquisador possa encontrar os dados referentes à língua materna (L1), segunda e terceira língua (L2, L3), gênero identificado e idade de cada interagente. Ao término desta pesquisa espera-se que possamos apresentar uma proposta de coleta para 2017 assim como concluir a organização dos dados produzidos no período de 2012 a 2015, cuja coleta está detalhadamente descrita por Aranha, Luvizari-Murad e Moreno (2015).

O DISCURSO FÍLMICO PELA LENTE FOUCAULTIANA: UMA ARQUEGENEALOGIA DA HOMAFETIVIDADE EM CENAS DE FILMES DO CINEMA NACIONAL

Rafael Marcurio da Cól (UNESP/SJRP)

Esse trabalho tem o objetivo geral de analisar procedimentos discursivos que criam subjetividade a partir da construção de personagens homossexuais no cinema brasileiro, verificando a emergência dessa identidade a partir dos anos 1980. Esse objetivo nos leva a investigar as condições de possibilidade que permitiram transformações da representação do homossexual que abrangem desde um momento em que era silenciado até a sua visibilidade no contemporâneo. Nosso corpus de análise foi constituído a partir do critério de momentos de ruptura que fizeram emergir distintas representações do homossexual, em quatro (4) filmes, que são: “Beijo no Asfalto” (1981), “Carandiru” (2000), “Madame Satã” (2001) e “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” (2014). Sob a luz da Análise do Discurso derivada dos estudos de Michel Foucault, pretendemos analisar as práticas discursivas, numa perspectiva arqueogenealógica, a fim de perceber as relações de poder na historicidade desses enunciados. Também são importantes trabalhos de pesquisadores brasileiros sobre discursividade e cinema como os de Milanez (2014) e Xavier (2003; 2008). Com esses pressupostos teóricos, analisaremos a interdiscursividade das imagens que evidencia transformações da identidade do homossexual, delineando um movimento que vai das margens da sociedade para o seu centro, da falta ao excesso, em consonância com mutações políticas e sociais que ensejaram o aparecimento de novas discursividades.

COLOCAÇÕES CRIATIVAS EXTRAÍDAS DE UM CORPUS ESCRITO E DE UM CORPUS ORAL COMPOSTO POR DEPOIMENTOS DE REMANESCENTES NORDESTINOS ORIGINÁRIOS DO BOOM DA BORRACHA

Raimundo Ibernon Chaves da Silva (UNESP/SJRP)

Nesta pesquisa, buscamos realizar o levantamento e a análise das colocações criativas em português, extraídas a partir de um corpus de língua escrita (CLEVIJ) e de um corpus de língua oral (CLOVIJ), composto por depoimentos de remanescentes nordestinos originários do boom da borracha na Amazônia brasileira. Por colocações criativas, Orenha-Ottaiano e Parro (2016, no prelo) as definem como “aquelas que, originalmente, não foram concebidas como colocações usuais na língua, ou seja, foram criadas com o intuito de serem empregadas em uma determinada obra literária, para atender a um propósito estilístico ou semanticamente mais específico naquele contexto da obra”. A contextualização histórica veremos em Souza (1980), Costa (1973) e Lima (1973). Os conceitos fundamentais da Linguística de Corpus, em Beber Sardinha (2004), Biber, Conrad e Reppen (1998), Kennedy (1998), Tonigni-Bonelli (2001), Mcenery e Hardie (2012), na sua interface com os estudos da Fraseologia em Zuluaga (1980), Hausmann (1984, 1985, 1990) e Corpas Pastor (1996). Em Orenha-Ottaiano (2009) e Tagnin (1989) veremos os conceitos de colocações criativas e de convencionalidade da língua. Metodologicamente utilizaremos o programa WordSmith Tools (Scott, 2012), versão 6.0, principalmente as ferramentas WordList, KeyWords e Concord. Em uma análise inicial do corpus escrito, por meio do uso das ferramentas supracitadas, verificamos que “borracha” teve uma significativa frequência, sendo, portanto, uma palavra-chave em nosso corpus. A partir deste item lexical, foi possível levantar algumas colocações criativas, tais como “ciclo da borracha”, “batalha da borracha” e “soldado da borracha”. Este trabalho busca proporcionar a estudantes e pesquisadores de áreas diversas uma visão ampliada da evolução histórico-lexical da língua portuguesa na região enfocada.

OS CONCEITOS DE FORMA DE VIDA E DE PRAXIS ENUNCIATIVA NA INVESTIGAÇÃO DO ATOR HOMEM “DONO DE CASA” EM TEXTOS DA CULTURA DE MASSA BRASILEIRA

Raíssa Medici de Oliveira (UNESP/Araraquara)

Alicerçada no aparato teórico-metodológico da semiótica francesa, nossa pesquisa de doutoramento tem por objetivo geral investigar a construção do ator homem “dono de casa” e da forma de vida a ele atribuída num conjunto de textos da cultura de massa brasileira. Para este debate, em especial, traçamos dois objetivos: analisar os conceitos de “forma de vida” e de “práxis enunciativa”, procurando evidenciar como tais conceitos podem ser operacionalizados conjuntamente na investigação da construção das identidades (individuais ou coletivas) nos discursos; analisar de maneira abrangente alguns dos textos que compõem nosso corpus de pesquisa, procurando evidenciar a aplicabilidade dos conceitos supracitados. Na base dessa proposição, destacamos as reflexões contidas em “Formes de vie” (1993), dossiê resultante do último seminário de Algirdas Julien Greimas, realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, entre 1991-1992. No referido dossiê, verificamos que as formas de vida são concebidas como deformação coerente das estruturas que definem um projeto (coletivo) de vida, concepção que se fundamenta na confrontação entre uma moral social, fundamentada na norma e no uso, e uma ética pessoal, que dá curso à autonomia e à criação/invenção (de novos valores). No referido dossiê, verificamos também que as formas de vida são construídas e desconstruídas pelo uso e inventadas, praticadas ou denunciadas por “instâncias enunciativas”, coletivas ou individuais. Acreditamos, assim, que a investigação da práxis enunciativa permite-nos compreender como as formas de vida se tornam “disponíveis” à sociedade, como elas se estabilizam ou se desestabilizam, fazendo surgir novos modos/maneiras de conceber o ser/estar no mundo. No que tange especificamente ao corpus, acreditamos que os conceitos explorados permitem-nos compreender como se constrói a adequação entre o sentido “já-dado”, depositado na memória cultural, acerca do

que é “ser homem”, e a revogação, renovação e transformação desse sentido, fundado na concepção de novas masculinidades.

ENTRE CONTOS DE RUBEM FONSECA: AS FORMAS DE VIDA E A DINÂMICA DA PRÁXIS ENUNCIATIVA

Renata Cristina Duarte (UNESP/Araraquara)

Ao final dos anos 80, a Semiótica Francesa, voltada desde sua origem para os estudos das dimensões pragmática e cognitiva dos discursos, dá início a um programa de estudos relacionado à dimensão sensível e aos processos estéticos da vida cotidiana. Assim, instauram-se no contexto da teoria reflexões sobre o conceito “Formas de vida”, evidenciando os modos como os indivíduos e as coletividades percebem o mundo e dão a conhecer suas concepções de existência. Tal noção associa-se às “concepções de vida”, vistas simultaneamente como uma filosofia de vida, uma atitude do sujeito e um comportamento esquematizável. Ademais, elas concernem tanto à manutenção quanto à transformação, pois se formam e se desfazem pelo uso, são inventadas, praticadas ou recusadas pelas instâncias enunciantes. Tal consideração remete a discussão ao âmbito da “Práxis enunciativa” ao refletir sobre a passagem daquilo que é limitado e estabilizado no sistema da língua e na memória cultural àquilo que é singular e inovador no exercício do discurso. Destarte, o presente trabalho que tem como corpus contos do autor brasileiro contemporâneo Rubem Fonseca, presentes nos livros *Feliz ano novo* (2010) e *Amálgama* (2013), visa a refletir sobre a relação entre os conceitos de “Formas de vida” e “Práxis enunciativa”. Baseia-se na hipótese de que a dinâmica da práxis enunciativa permite o contraste de formas de vida tradicionais, armazenadas no sistema cultural, e aquelas inventivas, que transgridem os códigos e os usos estabelecidos para fundar uma nova axiologia. À vista disso, o estudo da práxis atrelado ao das formas de vida parece particularmente apropriado por engajar a reflexão na perspectiva dos modos de emergência e de constituição do sentido. Além disso, tal abordagem permite a inserção na teoria de discussões relativas ao uso, às identidades culturais, à variação das estruturas e sua tipificação.

PROSÓDIA E ESCRITA: UM ESTUDO LONGITUDINAL DE HIPOSEGMENTAÇÕES EM TEXTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Roberta Pereira Fiel (UNESP/SJRP)

Neste trabalho, analisamos as chamadas hipossegmentações, caracterizadas por serem um tipo de segmentação não-convencional de palavra escrita que ocorre pela ausência, de fronteira gráfica entre palavras, como no exemplo “com certeza” (“com certeza”). Por meio de um corpus longitudinal de textos escritos por 117 alunos que cursaram os quatro últimos anos do Ensino Fundamental (doravante, EF), desenvolvemos descrição e análise dos dados de hipossegmentação levantados, com o objetivo de: (i) identificar tendências gerais e possíveis regularidades da escrita desses alunos; (ii) descrever características prosódicas e morfossintáticas dos casos de hipossegmentação encontrados e discutir sobre as possíveis motivações para a ocorrência desses dados. Para tanto, nos baseamos em literatura que interpreta dados de segmentação não-convencionais como indícios do trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas (TENANI, 2016; CHACON 2004; CAPRISTANO, 2007; SILVA, 2014) e em um aparato teórico-metodológico que concebe a língua organizada em constituintes prosódicos (NESPOR e VOGEL, 1986, 2007). Os resultados parciais indicam que, ao contrário do esperado, os alunos concluem o EF II produzindo hipossegmentações, embora o número delas tenha diminuído se considerada a relação entre hipossegmentações e número de palavras escritas em cada texto. Além disso, as hipossegmentações mais recorrentes, envolvem a junção de um clítico mais uma palavra prosódica, que pode constituir um grupo clítico, como em “denoite” (de noite), com 54,73% dos dados. Dentre esses dados, o que mais ocorreu (39%) foram junções que envolvem preposições. Esse resultado nos leva

a interpretar que grafia de preposições seja a principal dúvida dos alunos do EF II e sugere a necessidade de análise aprofundada das estruturas morfossintáticas envolvidas nessas hipossegmentações, o que será feito em futuro próximo.

MEDIAÇÃO DA (RE) APRENDIZAGEM: UMA PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO, COMUNICATIVO E PEDAGÓGICO DO PROFESSOR DE INGLÊS EM SERVIÇO

Rodrigo Nascimento de Queiroz (UNESP/SJRP)

A presente pesquisa contempla a discussão acerca das complexidades representadas pelas competências linguística, comunicativa e pedagógica (CONSOLO; TEIXEIRA DA SILVA, 2014) e pelo processo de constituição da proficiência linguística do professor de Língua Inglesa (LI). Sob esse prisma, o objetivo principal deste estudo está centrado na tentativa de mapear o processo de constituição e possível desenvolvimento da competência e proficiência oral (PO) do professor de LI no contexto de uma escola do nível fundamental nos ciclos do 6o ao 9o ano da região urbana da cidade de Cruzeiro do Sul/Acre. Em termos de articulação teórica, esta pesquisa apresenta um debate em torno das acepções de (i) competências profissionais e linguísticas (ALMEIDA FILHO, 1993) e da proficiência oral do professor de LI; (ii) a materialização da cognição do professor de línguas concernentes na prática pedagógica do agir, pensar, conhecer e acreditar (BORG, 2003), (iii) a constituição do processo de (re)aprendizagem/(re)significação do professor de LI, intermediada pela arquitetura da mediação a partir da perspectiva sociocultural (LANTOLF; POEHNER, 2014; JOHNSON; GOLOMBEK, 2016), como fonte para possibilitar o desenvolvimento profissional contínuo (BORG, 2015) e (iv) a contribuição de práticas (re)construtivas do professor de LI, por meio da produção de unidades didáticas focadas no desenvolvimento da proficiência oral (PO) com o suporte de recursos digitais (TUMOLO, 2014). A abordagem metodológica é norteada pelos princípios investigativos da pesquisa-ação (BURNS, 2012), uma vez que segue a sistematização de etapas que partilham com (a) conscientização dos saberes em face à crítica e reflexão da prática do professor de LI; (b) implementação de uma oficina para a produção de unidades didáticas com enfoque em questões da PO; (c) aplicação em duas etapas do Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (EPPE) e (d) socialização dos resultados apresentados no decorrer das fases do projeto. Este estudo objetiva contribuir no apontamento de aspectos discursivos que permeiam a prática pedagógica e profissional deste professor de LI presentes no contexto deste estudo, no que concerne ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação, certificação, e qualidade da PO.

ALTERNÂNCIA VERBAL EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS: UM FENÔMENO VARIÁVEL?

Sílvia Maria Brandão (UNESP/Araraquara)

Almejamos, com este trabalho, realizar um estudo descritivo-interpretativo acerca das diferentes formas verbais que se realizam em construções condicionais encabeçadas pela conjunção *se*, em dados de fala produzidos por falantes do interior paulista e presentes no projeto ALIP - “Amostra Linguística do Interior Paulista” (GONÇALVES, s.d.). Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), partimos da hipótese de que dentro de um conjunto de condicionais em que formas verbais se alternam, há formas em variação que podem ser delimitadas via análise dos matizes semântico-pragmáticos do enunciado. Tal análise deve mostrar se e quais formas verbais estão competindo em um mesmo domínio funcional, constituindo variação, e/ou quais fazem parte de domínios funcionais distintos em relação às demais, ou seja, não se caracterizando como fenômeno variável. Ao contrário do que se observa no nível fonético-fonológico, uma análise variacionista em níveis mais altos tem necessariamente que enfrentar o embate com as

possíveis nuances semânticas veiculadas pelas construções (LABOV, 1973; LAVANDERA, 1984; MILROY; GORDON, 2003). Isso justifica este trabalho, na medida em que podemos trazer uma contribuição para o avanço dos estudos linguísticos variacionistas, ao buscarmos soluções para a intrincada questão do significado, seja ele linguístico ou social. Neste momento, privilegiaremos a discussão dos resultados obtidos com a análise de grupos de fatores de natureza linguística: (i) combinações modo-temporais encontradas na articulação prótase-apódose; (ii) paralelismo sintático; (iii) circunstanciador temporal da construção condicional em intersecção com a (in)determinação temporal; (v) modalidade da condicional em intersecção com grau de hipoteticidade e (vi) tipo de sujeito (especificidade e generalização). Assim, a discussão acerca da análise dos fatores de natureza social ficará para um momento posterior.

DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO DOS TERMOS FUNDAMENTAIS DA MANDIOCA

Simone Cordeiro de Oliveira (UNESP/SJRP)

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) apresenta uma ampla diversidade genética distribuída, principalmente, no Continente Americano. Estudos desenvolvidos pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) afirmam que o Brasil é considerado como o centro de origem e diversificação da espécie *Manihot esculenta*, com mais de 3.000 acessos mantidos em coleções e Bancos de Germoplasma em todo o país. As variedades de nomes popularmente atribuídos à espécie consideram tanto os aspectos referentes à planta (morfologia), relação com o local em que é cultivada (aspectos geográficos), relação com o dono do “roçado”, quanto o objetivo a que se destina (industrialização ou in natura). O presente trabalho tem por objetivo fazer uma apresentação da nossa pesquisa de doutoramento, ainda em fase de desenvolvimento, que resultará na elaboração de um dicionário terminológico, de feição onomasiológica, dos termos fundamentais da mandioca. A importância em estudar a terminologia da mandioca se dá pela possibilidade de agrupar, em material terminográfico, os termos do domínio, contribuindo para uma melhor comunicação na área. O material se destina a alunos de graduação e pós-graduação, bem como professores e pesquisadores; especialmente, os que atuam no domínio das Ciências Agrárias. Nossa pesquisa está fundamentada nas grandes teorias da Terminologia, em especial, nos estudos de Aubert (2001), Krieger e Finatto (2004), Barros (2004, 2007); na Linguística de Corpus, Berber Sardinha (2004), Orenha-Ottaiano (2009); no modelo de redação das definições, Babini (2001). Apresentamos, parcialmente, o percurso metodológico empregado para o desenvolvimento da pesquisa; o sistema nocional; modelo e redação das definições; dicionário. Para a organização do nosso “fazer metodológico” tomamos como principal aporte teórico a proposta de Barros (2004) quanto ao planejamento e execução de projetos terminológicos; recolha dos termos; registro e tratamento dos dados. Dentre os primeiros resultados obtidos podemos destacar o elevado número de denominações atribuídas à mandioca.

GRAFIAS DE CODA NASAL NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Rizzatto Albertini Garcia (UNESP/SJRP)

Neste debate, o objetivo é tratar de dados de escrita que permitem compreender como crianças em fase inicial de alfabetização lidam com a complexidade da grafia de sílabas com coda nasal. Os sujeitos de pesquisa são crianças do interior paulista que frequentavam, à época da coleta, o primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola particular. A partir da produção escrita, traçamos trajetórias típicas do processo de aquisição de escrita de sílabas com coda grafada por consonante nasal. Sobre a nasalidade no Português, a complexidade é tanto ortográfica, quanto fonológica-fonológica. A complexidade ortográfica está no fato de haver três diferentes alternativas de registro ortográfico da coda nasal (<m>, <n> ou <~>). A nasalidade fonológica recebe três interpretações distintas e assumimos a hipótese de que a

nasalidade é traço associado à coda silábica e, fonologicamente, pode ser representado por vogal mais nasalidade. Justificativas para essa opção interpretativa será dada com base nos dados de aquisição escrita que serão analisados. Nesta análise, observa-se a tendência dos sujeitos não registrarem a sílaba CV (“AVK”-“avenca”) nas primeiras produções de sílabas com coda e, em seguida, passarem a registrar a sílaba CV convencionalmente, mas ainda não grafarem a coda nasal (“BEGALA” - “bengala”). Posteriormente, identificamos que os sujeitos ainda não grafam a coda nasal (“REFRIGERATE”), mas já grafam as outras codas consonantais possíveis (“SORVETE”). Em seguida, observa-se haver flutuação entre não registro de coda nasal (“BEGALA” – “bengala”) e registros não-convencionais da coda nasal (“CEN” - “quem”) e, ainda, registros convencionais dessa coda (“VENTO”). Ao final do primeiro ano, os sujeitos analisados flutuam entre não grafar a coda nasal, não a grafar convencionalmente e a grafar convencionalmente, havendo mais ocorrências desses dois últimos registros. Interpretamos que esses dados quanti e qualitativo evidenciam trajetória típica de aquisição da sílaba com coda nasal, que a particulariza em relação às demais codas consonantais que são grafadas convencionalmente ao final do primeiro ano letivo do Ensino Fundamental.

CONSTRUCIONALIZAÇÃO E MUDANÇA CONSTRUCIONAL DAS CONSTRUÇÕES COM O VERBO “VER”

Táisa Barbosa Robuste (UNESP/SJRP)

Este trabalho é alicerçado por pressupostos teóricos da Gramática de Construções, abordagem situada dentro da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2007; CROFT, 2001), e por um modelo de análise funcionalista baseada em corpus, que considera dados efetivos de usos da língua (NUYTS, 2007). Essa união teórica mostra-se relevante para o objeto de investigação, uma vez que permite mostrar como a frequência de uso de certos padrões construcionais molda a gramática da língua, nos termos de Bybee (2010). Partimos de ocorrências reais de língua falada no Português do Brasil contemporâneo, retiradas do banco de dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), com o objetivo geral de analisar, sob uma perspectiva sincrônica, a funcionalidade das construções [x + ver], sendo x substituível pelos verbos *ir*, *querer* e *deixar*. Com base no que versam Dik e Hengeveld (1991) sobre a estrutura hierárquica da cláusula e a tipologia dos complementos dos verbos de percepção, relacionaremos o tipo de complemento das construções com a entidade a que ele se refere para mostrar possíveis processos de construcionalização (gramatical) e de mudança construcional (TRAUGOTT, 2008; TROUSDALE, 2012) pelos quais passam as construções com o verbo *ver*. Também verificaremos, de acordo com o contexto de uso, os graus de (inter)subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2006; TRAUGOTT, 2010) e de esquematicidade (BYBEE, 2010) que as construções com o verbo *ver* podem apresentar.

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ADJETIVOS NO PORTUGUÊS ARCAICO SEGUNDO A TEORIA DA OTIMALIDADE

Tamires Costa e Silva Mielo (UNESP/Araraquara)

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever e analisar os processos morfofonológicos que são desencadeados pelos processos de formação de adjetivos no Português Arcaico. Este estudo pretende ser uma ampliação do trabalho realizado para a monografia de conclusão de curso de Graduação, em que foram analisados os processos de formação de adjetivos coletados nas 30 primeiras Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela. Agora em nível de mestrado, coletamos os adjetivos das 100 primeiras cantigas, totalizando 199 adjetivos derivados, analisando, além dos processos morfológicos responsáveis pela sua formação, também padrões e recorrências de fenômenos fonológicos desencadeados pelas transformações morfológicas nos vocábulos. No estudo anterior, de cunho quantitativo, foi possível observar que a sufixação se destaca dentre os

processos mais comuns na formação de adjetivos no português arcaico. Dentro da sufixação, identificamos que os sufixos mais produtivos foram -oso e -do, e também pudemos perceber a presença de fenômenos fonológicos, que funcionam como adaptações do vocábulo aos afixos que recebe ou perde. A observação do desencadeamento de processos fonológicos a partir da ação de regras morfológicas nos levou a este novo projeto, de cunho tanto quantitativo quanto qualitativo, de análise dos fenômenos fonológicos e qual sua lógica de desencadeamento. Os processos morfofonológicos mapeados serão analisados a partir da Teoria da Otimidade (Optimality Theory), de Prince e Smolensky (1993). De acordo com esta teoria, as gramáticas das línguas naturais funcionam dentro de um quadro de hierarquias de restrições linguísticas, que podem ou não ser violadas. Apesar da fase da análise estar no começo, acreditamos que um dos processos morfofonológicos mais recorrentes será o da haplogogia, visto que o tipo de formação mais comum de adjetivos dentro do corpus é a derivação sufixal.

UMA ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS MAIS FREQUENTES NA TRADUÇÃO DA SÉRIE HARRY POTTER PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tiago Pereira Rodrigues (UNESP/Araraquara)

Esse estudo objetiva analisar comparativamente os sentidos produzidos pelos principais neologismos da série britânica Harry Potter, de J. K. Rowling, e aqueles produzidos por seus correspondentes linguísticos em sua versão traduzida para o português brasileiro, bem como verificar se as criações neológicas para língua portuguesa foram influenciadas pelas estruturas dos neologismos do texto de partida. A pesquisa fundamenta-se na concepção de tradução como uma atividade interpretativa produtora de significados (Arrojo, 2007) que é sempre influenciada pelos valores culturais da língua de chegada (Venuti, 1995). Ademais, empregam-se os conceitos advindos sobre neologismos sugeridos por Alves (2007) e Janssen [2007] e os preceitos apresentados por teorias de cunho lexical-morfológico conforme Almeida (1995), Biderman (2001), Correia & Almeida (2012), Laroca (2015), Rocha (1999) e Sandmann (1992). Utiliza-se também o aparato teórico-metodológico da Linguística de Corpus e dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus segundo Baker (1993) e Berber Sardinha (2004), que propõem a compilação de corpora eletrônicos e o uso de ferramentas computacionais a fins de investigação linguística, facilitando a extração dos dados e tornando mais profícuo o cotejo entre textos de partida e de chegada. A obtenção dos neologismos mais frequentes foi realizada com o auxílio do software WordSmith Tools 6.0 e com base no critério lexicográfico estendido, que prevê o uso de obras lexicográficas e corpora textuais para a identificação de neologismos. Como resultados parciais, as análises mostram que o texto traduzido se apresenta com rompimento sistemático da rede simbólica estabelecida pelo léxico da língua de partida, apagando (ou não deixando visível ao leitor) inúmeras relações intertextuais, intralinguísticas e culturais construídas por meio dos neologismos da obra de partida. Contudo, ao mesmo tempo, o léxico neológico do texto de chegada produz novos sentidos e apresenta novas relações simbólicas, veiculando, muitas vezes, traços culturais da língua de chegada.

AUDIODESCRIÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: PERSPECTIVAS SEMIÓTICAS

Victor Hugo Cruz Caparica (UNESP/Araraquara)

A Audiodescrição é uma prática e um campo de pesquisa que se dedica à tradução de conteúdos visuais para a semiótica verbal, geralmente com o objetivo de promover a acessibilidade e inclusão para pessoas com deficiência visual. Esta pesquisa busca identificar e descrever uma proposta que preencha uma lacuna teórica e profissional da área, qual seja a descrição metodologicamente embasada de Histórias em Quadrinhos. Para tanto, procura-se extrair conhecimentos teóricos de diferentes áreas de conhecimento, como teorias estruturais dos quadrinhos (Will Eisner, Scott McCloud, Thierry Groenstern, Antonio Cagnin,

Moacir Cirne, etc), teorias funcionais da audiodescrição (Pillar Orero, Aline Remael, Joel Snyder, Catalina Hurtado, Marisa Aderaldo, Vera Santiago, etc) e teorias semióticas narrativas (Algirdas Greimas, Joseph Courtés, Jacques Fontanille, Claude Zilberberg, Jean Marie Floch, etc). No atual estágio da pesquisa, foram recolhidos e anotados diferentes procedimentos para descrição de mídias análogas como filmes e séries de TV, além de produzidas algumas descrições experimentais de quadrinhos fundamentadas nas considerações teóricas observadas. A partir de então, buscar-se-á sistematizar essas considerações de modo a construir uma interface minimamente operável entre os diferentes referenciais adotados. A partir dessa interface, pretende-se oferecer uma proposta de parâmetros amplos que possam guiar profissionais e pesquisadores no trabalho de tradução visual de quadrinhos.

GÊNEROS DISCURSIVOS E LETRAMENTOS: UM ESTUDO DO LIVRO CERCANÍA JOVEN DO PNLD 2015-2017

Vitor Pereira Gomes (UNESP/Araraquara)

O presente trabalho é produto de uma dissertação de mestrado em fase de análise dos resultados, que tem como fio condutor um estudo sobre a aprendizagem de língua espanhola no Brasil. Seu objetivo foi verificar em que medida um livro aprovado pelo PNLD, *Cercanía Joven*, contempla o trabalho com gêneros discursivos e letramentos. Esses termos têm sido frequentes no discurso pedagógico quando se buscam caminhos para a aprendizagem de línguas. Para fundamentá-los teoricamente, seguiu-se as linhas que são apresentadas nos documentos oficiais (PCN, OCEM, etc.), tendo Bakhtin (1929/1999, 1979/2003) e Bronckart (2009) no eixo dos gêneros discursivos; Monte Mór (2012), Lynn de Souza (2011), Duboc e Gattolin (2015) para os estudos sobre letramentos. Seu procedimento metodológico iniciou-se, portanto, em uma revisão bibliográfica de teóricos e de documentos oficiais que defendem o ensino de língua espanhola sob esses dois eixos apresentados. O segundo momento trata da análise de atividades com gêneros discursivos presentes no primeiro volume do livro *Cercanía Joven*. Para tanto, utiliza-se da categoria Domínios Discursivos (MARCUSCHI, 2008), que aproxima os gêneros discursivos dos letramentos, como pode-se inferir do trabalho de Rojo (2015). Como resultados esperados, serão apresentadas as ressonâncias no percurso da didatização que uma teoria sofre até ser materializada em um livro didático. Também, se ocorre no livro analisado, a sobreposição de Domínios Discursivos em detrimento de outros, o que marcaria memórias de metodologias anteriores além de ideologias de formas dominantes. Tais características distanciariam-no do propósito que tem os letramentos, de uma formação crítica e responsável dentro da reformulação do conceito de cidadania.

UM ESTUDO SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS PARA A TERCEIRA IDADE

Vívia Nádria Ribeiro de Moraes (UNESP/Araraquara)

A falta de materiais didáticos para o ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira para alunos da terceira idade é uma realidade enfrentada por professores que trabalham com esse público. Neste contexto, os professores se utilizam, muitas vezes, de materiais originalmente destinados ao público jovem, não dispendo de atividades que levem em conta as necessidades cognitivas e motoras tão particulares aos idosos. Frente a esse cenário, este estudo tem como principal objetivo refletir sobre uma proposta de unidade didática que aborde as necessidades e especificidades desse público-alvo. Tal proposta será implementada por meio de um curso de inglês, de nível básico voltado para alunos de uma universidade aberta à terceira idade de uma instituição pública do interior paulista. Para tanto, a metodologia a ser empregada pode ser caracterizada como qualitativa de base etnográfica. Dentre seus instrumentos e procedimentos, teremos a aplicação de questionários semiestruturados para o levantamento do perfil e das necessidades dos participantes, e diários reflexivos da professora para o apontamento de questões relevantes com relação às práticas realizadas

em sala de aula. Apoiado na perspectiva Pós-Método de Kumaravadivelu (2006), sobretudo em seus parâmetros pedagógicos, o olhar sobre a sala de aula da terceira idade será sensível às particularidades socioculturais e às necessidades dos alunos idosos e a reflexão sobre os resultados obtidos será feita de maneira holística e indutiva. Compreendendo a inexistência de materiais didáticos de inglês para a terceira idade, esperamos com este estudo discutir alguns subsídios teórico-práticos com relação às práticas de sala de aula para que o ensino e aprendizagem de língua inglesa neste contexto possa ser otimizado.

RESUMOS DAS APRESENTAÇÕES: Painéis

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Adriana Aparecida da Silva (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa apresenta-se, de maneira geral, como uma proposta de estudo e análise do uso do pronome relativo *qual* e suas variantes (o/os/a/as/qual/quais, preposicionados ou não) no português brasileiro, além de analisar também o fenômeno de hipercorreção a ele associado.

Segundo Neves (2000), entende-se como pronome relativo aquele utilizado para introduzir uma oração adjetiva, ou seja, uma oração de função adnominal. De acordo com Castilho (2012), o pronome relativo desempenha dois papéis simultaneamente. Como conjunção, liga a oração adjetiva ao núcleo do sintagma da oração matriz; enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça.

Na perspectiva da gramática tradicional da Língua Portuguesa, a oração relativa é apresentada como aquela que se inicia por um pronome relativo, que retoma um sintagma nominal antecedente e projeta-o na oração relativa. Ernani e Nicola (2002, p.184) afirmam que as orações adjetivas são aquelas que *exercem a função sintática de adjunto adnominal, própria do adjetivo*. Ainda de acordo com os autores, essas orações estão relacionadas a um nome da oração principal sendo introduzidas por pronomes relativos – que, quem, quanto, como, onde, cujo (e flexões), o qual (e flexões) – os quais exercem funções sintáticas na oração por eles introduzida.

Essa perspectiva de abordagem, reconhecida pela gramática tradicional, é entendida como relativa padrão. Tarallo (1983) explicita dois recursos diferentes, além da relativa padrão: a *relativa copiadora* e a *relativa cortadora*.

A relativa copiadora é aquela na qual se recorre a um pronome lembrete/resumptivo como recurso para preservar a gramaticalidade, além de evitar a ambiguidade do período. Já a relativa cortadora se apresenta como uma forma “quase-padrão”, visto que parece concorrer com a padrão.

É possível observarmos que, de modo geral, o uso da relativa cortadora e da relativa copiadora, não reconhecidas pela gramática tradicional, estão substituindo o uso padrão, principalmente em textos orais. Além disso, ao observarmos essa variação na prática, constatamos que as variantes não-padrão ocorrem também na modalidade escrita. De acordo com Mollica (2006, p.170), essas construções parecem estar gradualmente aumentando na modalidade escrita, especialmente em textos midiáticos de jornal.

Em nossa pesquisa, pretendemos desenvolver um estudo voltado para o uso do pronome relativo *qual* (e variações) no português brasileiro, em especial no tocante à hipercorreção. Dentre outras abordagens, entendemos que o fenômeno da hipercorreção pode ser compreendido como um fato linguístico que aponta para a relação do sujeito constituído pela vontade (inconsciente, ideológica, nesse ponto de vista) de resistência à discriminação linguística, um vestígio da necessidade de “pertencimento” ao grupo dos que “sabem falar”, dos que “sabem escrever”.

OBJETIVOS

Geral:

Investigar o fenômeno da hipercorreção focalizando o uso atual do pronome relativo *qual* e variantes (o/ao/a/as) em uma perspectiva sociolinguística de análise.

Específicos:

- (i) Analisar a mudança apresentada em relação às funções do pronome relativo *qual* decorrente do seu uso como índice de prestígio.
- (ii) Investigar as possíveis motivações para o fenômeno da hipercorreção, além dos diferentes tipos de ocorrências.
- (iii) Analisar o fator estilístico como motivador do fenômeno da hipercorreção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Define-se Sociolinguística como um ramo da Linguística que contempla a relação entre língua e sociedade. Existem ainda dois termos importantes a serem destacados inicialmente: *variedade* – que corresponde ao padrão linguístico de uma determinada sociedade e *variante* – que designa a partícula linguística em que se dá a variação. Para Lucchesi (1998, p.200), a abordagem sociolinguística demonstra que a mudança não representa somente uma função do sistema linguístico, mas uma função de interação da estrutura interna da língua com o processo social por ela realizado. De acordo com os estudos da Sociolinguística, a mudança é determinada em grande parte pelas relações ideológicas e sócio-políticas que se estabelecem dentro da comunidade de fala (relações de poder e de prestígio, posição social, orientação cultural do falante etc).

Considerando que o foco desta pesquisa é a hipercorreção associada ao emprego do pronome relativo *qual*, teremos como referência principal os estudos do sociolinguista William Labov que descreveu e analisou esse fenômeno na comunidade de fala de Nova York. Segundo Labov, o nível que a hipercorreção atinge, normalmente, é aquele tido como demonstrador de competência na escrita, ou seja, como marcador do padrão escrito esse fenômeno pode ser causado por “pressões mecânicas sobre o desempenho linguístico de alguns falantes, procedentes das diferenças da estrutura de seu vernáculo e da estrutura do seu padrão de prestígio.” (LABOV, p. 69, 1974)

Na obra *Padrões sociolinguísticos*, de 1972, Labov, ao estudar a mudança linguística, denominou o fenômeno estudado de *hipercorreção*. Observando a postura dos falantes da comunidade de fala de Nova York em relação ao uso do *r*, percebeu que existia um comportamento diferenciado se comparado ao comportamento regular apresentado para o uso da forma *th*, por exemplo, segundo o qual, aqueles que faziam um uso mais elevado desse traço de prestígio em contexto mais formais eram os falantes da classe mais alta.

Em sua análise, Labov constatou que o *r* é considerado um marcador de prestígio do grupo representante da classe alta, pois em contextos casuais, apenas essa classe social apresentava seu uso de maneira significativa. Entretanto, os resultados de sua pesquisa mostraram que, nos contextos mais formais, a classe média baixa apresentou um aumento no uso do *r*, ultrapassando os valores do grupo social de status mais elevado.

Além disso, o linguista percebeu que esse fenômeno ocorria também no emprego de outras estruturas, não se tratando, portanto, de um caso isolado.

Em nossa pesquisa, pretendemos investigar o fenômeno da hipercorreção focalizando uso do pronome relativo *qual*, além de traçar um paralelo entre as regras de emprego de tais pronomes nas gramáticas tradicionais e nas gramáticas de perspectiva linguística.

A abordagem tradicional

De modo geral, as gramáticas tradicionais apresentam, em relação aos pronomes, sua classificação, a natureza de seus antecedentes, o emprego e as funções sintáticas que tais termos podem assumir. São citados ainda quando os autores abordam as questões referentes ao estudo das orações subordinadas adjetivas.

Cabe ressaltar que, normalmente, os exemplos apresentados por essas gramáticas trazem em sua construção o pronome *que* e, algumas vezes, os pronomes *onde* e *quem*. Em relação ao pronome *qual*, objeto de nossa pesquisa, aparece apenas como substituto de *que* em duas situações específicas: quando o pronome vier precedido por determinadas preposições, ou em situações em que o antecedente estiver distante, possibilitando a ocorrência de ambigüidade.

De modo geral, as gramáticas tradicionais afirmam que o pronome *qual* deve ser usado em lugar de *que* quando a preposição que precede o pronome for dissilábica.

Destacamos que nossa intenção em apresentar em nossa pesquisa uma análise em relação ao tratamento destinado a esses pronomes nas gramáticas tradicionais deve-se ao fato de que tais manuais de ensino não apresentam explicações claras e coerentes em relação ao processo de relativização.

A abordagem linguística

A perspectiva adotada pelos linguistas em relação aos usos dos pronomes relativos difere da abordagem apresentada pelas gramáticas tradicionais. Neves (1999), por exemplo, destina um mesmo capítulo para o estudo desses pronomes e das orações adjetivas, ao contrário da abordagem tradicional que se apresenta de maneira fragmentada, como em Pasquale e Ulisses (2003). Dessa forma, coloca-se em evidência a relação existente entre tais questões.

Em relação à classificação apresentada por Neves para o pronome *qual*, foco de nossa pesquisa, a autora o classifica como pronome fórico, uma vez que se refere a um termo antecedente. Quanto à natureza dos elementos aos quais ele se refere, enquadra-se, assim como o pronome *que*, entre os que se referem a pessoas e coisas. Neves (2000) destaca que eles possuem significado próprio e são sempre usados com antecedentes. É considerado variável em relação à flexão, uma vez que apresenta flexão de gênero e de número, da mesma forma que os pronomes *quanto* e *cujo*. A autora afirma que em relação a sua função, o pronome *qual* pode ser tanto *nuclear* (ou substantivo, como costuma ser denominado) ocupando o núcleo do sintagma nominal por elipse do substantivo, ou periférico, exercendo a função de adjetivo, uma vez que fica anteposto ao núcleo do substantivo. A gramática de Neves também apresenta as funções sintáticas que o pronome *qual* pode assumir na oração adjetiva. Em posição nuclear: *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento nominal*, *complemento* ou *adjunto adverbial*. Em posição periférica: *adjunto adnominal*.

Buscando estabelecer uma comparação entre a abordagem linguística e a apresentada pelas gramáticas tradicionais, podemos observar que a linguística procura focalizar melhor as funções do pronome relativo não se prendendo às regras apresentadas pela gramática normativa.

METODOLOGIA

A escolha do tema deste projeto motivou-se, em especial, pelo interesse pessoal da pesquisadora em estudar a língua em situações reais de uso. Além disso, os objetivos da Linha de Pesquisa em que se insere também foram determinantes para escolha. Acreditamos também que esta proposta possa trazer significativa contribuição para o estudo da língua portuguesa em contexto cuja finalidade seja o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Pretendemos desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo, procedendo a estudos críticos bibliográficos e análise de *corpus* escrito variado composto por textos de diferentes domínios discursivos disponíveis na mídia impressa e digital, além de exemplares de gramática.

Considerando que o fenômeno que buscaremos investigar, a hipercorreção relativa ao uso do pronome *qual*, ocorre normalmente em um contexto em que os textos escritos buscam demonstrar sofisticação e/ou domínio do falante em relação ao que está dizendo, entendemos que encontraremos vasto material nos textos que circulam pela internet, uma vez que esses textos não passam por revisão.

Após a coleta e seleção dos dados linguísticos, eles serão analisados a partir de uma abordagem contextual da língua.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Buscaremos, em nossa pesquisa, analisar e discutir o uso do pronome relativo *qual* e variantes focalizando especificamente o fenômeno de hipercorreção associado ao seu uso. Recorreremos à teoria de Labov a respeito desse fenômeno visando analisar as regras de emprego dessa estrutura tanto da perspectiva tradicional, quanto da linguística. Em seguida analisaremos os casos de hipercorreção encontrados no corpus coletado.

O foco de análise no desenvolvimento de nossa pesquisa refere-se às ocorrências em que o pronome exerce a função de sujeito sem que haja ambiguidade, buscando encontrar no corpus coletado evidências para considerá-las como formas *aceitas como padrão* ou *não padrão*. Além disso, também buscaremos analisar ocorrências do uso do pronome *qual*

(acompanhado ou não de preposição) como um conectivo, no entanto sem contribuição para a coesão textual.

Um dos objetivos da pesquisa é investigar se, por desconhecimento das regras gramaticais, prevalece para o falante a noção de que o uso de construções formadas pelo pronome *qual* e variantes corresponde a uma marca de prestígio. Dessa forma, o fator motivador para o uso do pronome seria criar um efeito de requinte levando o falante que as reproduzem a considerá-las como um uso representativo de formalidade.

ESTUDO ETNOGRÁFICO-DISCURSIVO SOBRE AUTORIA EM RESUMOS DE ARTIGOS CIENTÍFICO DE PÓS-GRADUANDOS EM CIÊNCIAS HUMANAS, EM ESPECIAL NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Adriano Caseri de Souza Mello (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

A universidade, como uma instância da realização do pensamento científico, se consolida como lugar de indagação e de reflexão sobre ideias subjetivamente instauradas a partir da posição de dominância de determinados grupos no poder político das relações. O autoritarismo das imposições desses grupos que exercem controle do poder fundamenta-se, em parte, em crenças e subjetividades segundo olhar não científico das relações humanas. Supõe-se que estar na universidade é ocupar uma posição de escuta do outro, um lugar de tolerância de ideias (incluídas as divergentes), um lugar, pois, de cientificidade.

Ingressar no Ensino Superior no Brasil proporciona ao sujeito universitário a possibilidade de realizar determinadas práticas sociais construídas ideologicamente ao longo da historicidade da universidade brasileira, na relação com a historicidade da universidade ocidental. Uma dessas práticas sociais letradas é a de produzir textos científicos na condição de autor, segundo apreensão, construção e mobilização de um objeto de estudo num determinado domínio de saber.

Compreendemos que o estudo da prática de elaboração do gênero resumo de artigo acadêmico nos estudos da linguagem possibilita observarmos como se constituem os sujeitos universitários na posição de autores de seus textos e sujeitos pesquisadores na dinâmica do fazer científico para relacionarmos as contribuições de suas pesquisas para das Ciências em prol de uma sociedade mais tolerante na escuta das ideias divergentes e na prática do debate.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo apresentar as etapas iniciais da pesquisa em nível de doutoramento intitulada Letramentos acadêmicos e o processo de autoria em artigos científicos produzidos por pós-graduandos em Ciências Humanas, em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), câmpus de São José do Rio Preto. Mostraremos uma análise etnográfico-discursiva de resumos de artigos científicos elaborados por pós-graduandos em Ciências Humanas, em especial, nos Estudos da Linguagem, matriculados em programa de pós-graduação em Linguística, como parte do processo inicial de pesquisa do nosso estudo que se propõe entender a compreensão dos efeitos de sentidos de autoria em artigos científicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apoiados numa perspectiva etnográfico-discursiva (CORRÊA, 2011), interessa-nos neste trabalho problematizar o gênero “resumo de artigo científico”, considerando-se práticas sociais letradas de pós-graduandos em Ciências Humanas. De maneira particularizada, tenciona-se estudar a posição teórica assumida ou pretensamente assumida pelos autores nos textos dos resumos, a qual antecipa (ou não), elementos como filiação a linha(s) teórica(s) e adoção de procedimento(s) metodológico(s), assunção de objeto de estudo, clareza quanto a objetivo(s), forma de contribuição para determinada área de conhecimento.

A importância de nos filarmos a uma reflexão científica é abdicarmos de um olhar subjetivo, dogmático e excludente que não aceita as diferenças e que nos coloca em uma posição de intolerância em relação ao outro. Assumirmos um posicionamento científico significa percebermos que não há uma verdade absoluta que permeia as relações humanas e que um sentido que permanece sobre outro depende das circunstâncias sociais de um tempo histórico-ideológico.

Iremos considerar estes sujeitos universitários nessa relação de produtividade na dinâmica que os impelem a escrever um texto científico na posição de autores, e compreender que o resumo de um artigo acadêmico, que é o objeto de análise de nosso estudo neste texto, está como uma destas imposições de produtividade ao universitário no decorrer das dinâmicas de um curso de pós-graduação. Entendemos junto aos Novos Estudos do Letramento (STREET, 2010), que há além do aprendizado da técnica para a escrita de um resumo de artigo científico, a condição de entender que esses gêneros, ademais da possibilidade de um lugar da materialização da posição de cientista, apresentam-se como condição da socialização acadêmica dos universitários, os quais, constituídos segundo relações de poder, supõem que haveria uma “explicitude” dessas relações na universidade. No entanto, compreendemos com base em Corrêa (2011) que esta explicitude é inalcançável diante de relações no discurso (PÊCHEUX, 1990), nas quais esses universitários são constituídos, já que são sujeitos em meio a instituições e disputa de poder.

Para compreendermos essas relações autor-prática letrada, que se constroem para além da materialidade linguística, tomamos o gênero “resumo de artigo acadêmico”, numa condição distinta da de um conjunto de técnicas. Entendemos o resumo na apropriação que o sujeito faz (pensa fazer) de atravessamentos discursivos, numa dinâmica de socialização acadêmica, em meio a disputas de poder entre grupos sociais, como os alunos universitários e seus os professores por exemplo.

O “resumo de artigo acadêmico” é compreendido em nosso trabalho como texto que reúne efeito de unidade que delimita, por sua vez, de maneira frágil, certa relação entre discursos que não se findam na quantidade de palavras daquele texto. O texto do resumo e os interlocutores nele estabelecidos são tomados como efeito de sentido de unidade na relação com o que já foi dito e com o que pode ser dito segundo condições de produção imediatas e históricas. Pelas razões expostas, não nos parece interessante pensar a noção de autoria como instância individualizada de um discurso ou buscar na biografia do autor a exclusiva possibilidade de entendimento sobre o que é dito no texto. Interessa-nos, sim, a possibilidade de compreender as relações de poder, permanência e ressonância de efeitos de sentidos “atravessados” por relações discursivas.

Ao tomarmos a noção de sujeito dos estudos discursivos, partimos da compreensão que ser sujeito é ocupar posições em meio a relações de poder, de maneira não individualizada, e dentro das possibilidades que as condições de produção dos discursos possibilitam em determinado tempo, em determinado grupo

Diante da nossa compreensão da relação entre universitário, como um sujeito que sofre a ilusão dos efeitos de sentidos de autonomia e neutralidade, e universidade, como instituição constituída por ideologia de produtividade capitalista, tenciona-se discutir como o pós-graduando é impelido a afirmar-se como autor do texto científico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conjunto do material é formado de 10 (dez) resumos de artigos científicos que foram elaborados por universitários (pós-graduandos) numa disciplina sobre Letramentos Acadêmicos, Internet e Mundialização, promovida no âmbito de uma Escola de Altos Estudos, financiada pela CAPES, no ano de 2017. A disciplina foi ofertada a um consórcio de 15 programas de pós-graduação, filiados a 13 instituições de Ensino Superior, distribuídos em quatro regiões macroeconômicas do Brasil. Os participantes da pesquisa estão filiados à UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, instituição sede do consórcio. Os procedimentos éticos da pesquisa foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP e foram por ele aprovados (Processo 59381216.3.0000.5466).

Os procedimentos metodológicos nos levam a uma análise de cunho qualitativo-interpretativa, fundamentados na perspectiva etnográfico-discursiva (CORRÊA, 2011) que orienta este trabalho. Queremos observar na feitura dos resumos dos artigos científicos quais práticas foram mobilizadas na escrita desses textos. Por meio de pressupostos advindos dos Novos Estudos do Letramento na relação com os da Análise do Discurso de linha francesa, iremos observar, na elaboração de cada título, os efeitos de completude sobre o texto do resumo construído; na mobilização do léxico articulado no texto, a presença ou a ausência da terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural pronominal em língua portuguesa, considerando-se efeitos de sentidos de neutralidade científica. Da mesma maneira, iremos observar a presença ou a ausência no texto de referência a autores das áreas de Ciências Humanas, em especial, aos dos estudos da linguagem, levando-se em conta procedimentos normativos de citação e de referência bibliográfica. Queremos discutir como determinados índices apontam não apenas para um aprendizado “técnico”, mas para efeitos de pertencimento a uma comunidade científica, dada a possibilidade de se constituir como autor na mobilização de (determinados) dizeres, e no silenciamento de tantos outros.

Ademais, iremos observar na presença ou ausência na escrita de cada resumo o objeto de análise, o corpus e a construção metodológica, que possibilita analisar os efeitos de sentidos do que venha ser o fazer científico historicamente constituído em ciências humanas, em especial nos estudos da linguagem na escrita de um texto acadêmico, para compreendermos, que além de atender a forças sociais em um processo de socialização acadêmica no que se refere ao processo de adequações a elementos que se espera em um resumo de artigo científico, há um jogo de imagens sobre o imaginário que o sujeito universitário constrói do que é fazer ciência, do que venha ser um corpus em uma pesquisa.

Para a nossa análise apresentaremos a seleção de determinados recortes de nosso corpus para compreendermos: i. Uso das pessoas pronominais e referencia bibliográfica para a análise dos efeitos de sentidos de pertencimento; ii. Uso de verbos e advérbios de tempo para a análise dos efeitos de sentidos sobre certitude e completude e iii. Análise da descrição do corpus e da metodologia apresentados para observarmos os efeitos de sentidos de pesquisa construídos pelos autores dos resumos.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Compreendemos que este trabalho de análise de resumos de artigos científicos constitui importante etapa no encaminhamento da nossa tese, considerando-se o objetivo principal no doutoramento, a saber, o de investigar efeitos de sentidos de autoria em artigos científicos em Ciências Humanas.

PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE PRONOME PESSOAL SUJEITO NO ESPANHOL FALADO NO CARIBE COLOMBIANO

Alder Luis Pérez Córdoba (UNESP/SJRP - AUIP)

INTRODUÇÃO

Este projeto tem por objetivo analisar a presença ou a ausência do pronome sujeito no espanhol falado no Caribe colombiano, para determinar os fatores linguísticos e extralinguísticos que motivam essa variação.

Assumindo uma abordagem da geografia dialetal, Montes (1982) afirma que o espanhol da Colômbia pode se agrupar em duas variedades: superdialeto continental e superdialeto costeiro-insular, ficando o espanhol caribenho incluído nesta última. Seguindo essa classificação, mas com alguns matizes diferenciais, Rodríguez (2004) considera previamente que a divisão dialetal necessita de um estudo mais profundo e sistêmico, apresentando uma classificação diatópica intradialetal para a variedade caribenha do espanhol da Colômbia: a região de Córdoba, Sucre e Bolívar, a de La Guajira e Cesar, e a região de Magdalena e Atlântico.

Além disso, essa pesquisadora considera que os estudos devem focalizar não só o campo dialetal, mas também o sociolinguístico, concluindo que:

A investigação sobre a fala da Região Caribe na Colômbia é uma necessidade inadiável, especialmente das perspectivas sociolinguísticas e discursivas antes enunciadas, que mostram resultados confiáveis sobre as práticas comunicativas e suas complexas implicações socioculturais e ideológicas. Esta tarefa só será possível se forem definidos os subprojetos específicos com delimitações regidas por variáveis dependentes e independentes, por exemplo: sub-regiões, comunidades de fala, traços socioculturais (nível de escolaridade, nível socioeconômico, sexo, idade, profissão, práticas culturais) e fenômenos linguístico-discursivos, como os expostos nesse projeto. (RODRÍGUEZ, 2004)

Sobre o Caribe colombiano já se realizaram algumas pesquisas sociolinguísticas, como as sugeridas por Rodríguez. No nível fonético-fonológico (BECERRA, 1985; FILEMURIEL, 2007, 2009, 2010, 2012; LAFFORD, 1980; OLMOS, GÓMEZ; PÉREZ, 2010, RODRÍGUEZ, 1997, 2005, 2008, 2009a, 2009b, 2010), no nível morfossintático (HURTADO, 2015; MARTÍNEZ, 2007; OROZCO, 2004, 2005, 2007, 2009; OROZCO; e GUY, 2008,) e no nível discursivo (CALDERÓN, 2006; CUARTAS, 2011; ORTEGA, PRIMO; ACOSTA, 2010; RODRÍGUEZ, 1999; SARABIA, BUENO; MEJÍA, 2010; VÁSQUEZ, 2005).

Esse conjunto de trabalhos mostra que é muito reduzido o número de estudos sociolinguísticos sobre o espanhol do Caribe colombiano (OROZCO, 2009a; RODRÍGUEZ, 2004, 2009). Além disso, a maioria das pesquisas focaliza os níveis fonético-fonológicos e discursivos, deixando uma grande lacuna no morfossintático. Essa situação aplica-se também aos trabalhos dialetológicos e lexicográficos que têm sido desenvolvidos sobre essa variedade colombiana

A questão da manifestação ou não do pronome sujeito é escassamente abordado na Colômbia. Até hoje, registram-se os trabalhos de Orozco e Guy (2008), Orozco (2009, 2015, com os mesmos dados) e Hurtado (2009, 2015). Desses trabalhos, só o primeiro se centra em todos os pronomes sujeitos do espanhol de Barranquilla, focalizando a última autora a expressão dos pronomes impessoais na fala da mesma cidade. Fora de Barranquilla, não se registram, até agora, outros trabalhos sobre o tema no Caribe colombiano.

Com base no exposto, este trabalho pretende centrar-se na variedade caribenha para responder às seguintes questões:

- (i) Qual é a distribuição da presença/ausência dos pronomes sujeitos no espanhol do Caribe colombiano?
- (ii) Quais são os fatores linguísticos e sociais que influenciam significativamente a expressão dos pronomes sujeitos no espanhol do Caribe colombiano?
- (iii) Qual é o grau de relevância da hipótese funcional na expressão dos pronomes sujeitos nessa variedade, que se caracteriza pela supressão de sons no final de palavras, gerando conseqüentemente mais ambigüidade?
- (iv) A variedade estudada, comparada com outras variantes do espanhol, mostra semelhanças ou diferenças em termos de frequência da expressão dos pronomes sujeitos e dos grupos de fatores significativos?

OBJETIVOS

- (i) Analisar a expressão do pronome sujeito no espanhol falado no Caribe colombiano, para determinar as variáveis funcionais e fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais) que motivam seu uso variável nesta comunidade.
- (ii) Descrever a distribuição dos pronomes sujeitos no espanhol falado no Caribe colombiano.
- (iii) Determinar a influência das variáveis funcionais no uso do pronome sujeito no Caribe colombiano.
- (iv) Explicar a influência de fatores linguísticos e sociais na expressão do pronome sujeito na variedade objeto de estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A expressão do pronome pessoal sujeito (PPS) no espanhol é altamente variável (OTHEGUY; ZENTELLA; LIVERT, 2007). Para muitos pesquisadores, essa variação é o resultado do paradigma verbal do espanhol que, ao conter a marca de pessoa, permite que, em certos contextos, o pronome sujeito possa ser explícito ou nulo. Esta variação, percebida por quase todos os linguistas, tem sido explicada de maneira diferente de perspectivas distintas (gramática tradicional, sintaxe gerativa, sociolinguística variacionista etc).

Embora as gramáticas tradicionais deem algumas explicações válidas sobre a expressão do sujeito, os estudos variacionistas demonstram, à luz dos descobrimentos empíricos mais recentes, com base em novos enfoques teóricos e metodológicos, que a maioria dessas explicações merece ser revista. Muitos trabalhos de cunho variacionista mostram que os contextos em que a gramática tradicional recomenda a não expressão do pronome, os falantes fazem uso explícito dele, e aqueles em que se considera necessária ou preferível a presença do pronome sujeito, os falantes não o exprimem. Para Silva-Corvalán, um dos primeiros pesquisadores a abordar esse fenômeno em língua espanhola “O estudo desta variável tem mostrado que sua ‘opcionalidade’ é válida só em um número limitado de contextos. Não se trata de duas formas iguais de dizer a mesma coisa. Existem fatores pragmático-discursivos que condicionam a possibilidade de expressar o sujeito”. (2004, p.63).

Os estudos variacionistas da expressão do sujeito têm demonstrado que certos contextos são obrigatórios ou categóricos em termos de presença do pronome sujeito. Eles são: a) uso de expressões idiomáticas; b) usos enfáticos com *mismo/misma* [mesmo/mesma]; c) sujeitos focais; d) contextos nos quais não é possível a presença de um pronome pessoal como os verbos *hacer* [fazer] e *haber* [haver] e nas orações relativas com sujeito relativizado. (BENTIVOGLIO; LÓPEZ; SILVA-CORVALÁN, 2011).

Nos contextos em que não é obrigatória ou categórica a expressão do sujeito, os fatores que condicionam a variação são de tipo gramatical, como ambiguidade morfológica e pessoa e número gramatical; de tipo pragmático-discursivo, como a mudança de referência e o paralelismo ou *priming effect*; e de tipo semântico, como a natureza semântica do verbo, entre outros (SILVA-CORVALÁN, 1982; BENTIVOGLIO, 1987; CAMERON, 1993, 1995; FLORES-FERRÁN, 2004, 2005, 2007; HURTADO, 2005; TRAVIS, 2007; OTHEGUY; ZENTELLA; LIVERT, 2007; OROZCO; e GUY, 2008; TORRES-CACOUILLOS; e TRAVIS, 2010; Carvalho e Child, 2011; MARTINEZ-SANZ, 2011). As variáveis sociais têm resultado pouco significativos nos trabalhos que as abordam: as diferenças na frequência das variáveis externas são mais diatópicas, embora as sociais, ainda não tenham sido examinadas sistematicamente. (SILVA-CORVALÁN, 2004).

O estudo dos pronomes deve começar estabelecendo as correlações internas (sintáticas, semânticas e pragmáticas), e uma vez estabelecidas essas correlações, é possível estabelecer correlações sociais (SILVA-CORVALÁN, 2001, 2004). Os resultados encontrados até agora fornecem um panorama do uso dos pronomes em espanhol em distintas áreas dialetais, cujos resultados parecem indicar que a expressão do sujeito está regida pelos fatores gramaticais, semânticos e pragmáticos, fatos que poderiam ser gerais do espanhol (BUTRAGUEÑO, 1994). Contudo, os resultados não podem ser comparados literalmente, porque metodologicamente não respondem aos mesmos problemas de pesquisa nem seguem os mesmos critérios de análise.

Este projeto pretende analisar o fenômeno no Caribe colombiano com o objetivo de fornecer uma contribuição para uma melhor compreensão do uso dos pronomes no espanhol em geral. Além disso, constitui este o primeiro estudo da região (Barranquilla, Cartagena e Valledupar) a abordar esse tema de pesquisa com corpora coletados sob a metodologia (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América -PRESEEA*).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto ao método, os sociolinguistas concordam que o desenvolvimento da disciplina no transcurso destes quarenta anos tem contribuído para estabelecer seu status epistemológico e também para aperfeiçoar os procedimentos metodológicos (LÓPEZ MORALES, 1994; MORENO FERNÁNDEZ, 1990; SILVA-CORVALÁN, 2001; HERNÁNDEZ

CAMPO; ALMEIDA, 2005). É por isso que este desenvolvimento permitiu a consolidação de metodologias pertinentes à realidade do objeto a investigar.

A variedade do espanhol do Caribe colombiano é constituída pelos corpora de três cidades: Barranquilla, Cartagena e Valledupar. Estes corpora foram coletados, transcritos e publicados sob os critérios do PRESEEA (MORENO FERNÁNDEZ, 1996). O corpus de Barranquilla é formado por 72 entrevistas, cada qual com um tempo de gravação de e 45 a 60 minutos. Os corpora de Cartagena e Valledupar dispõem de 54 informantes cada, com o mesmo tempo de duração por entrevista.

As entrevistas foram presenciais e na maioria delas encontravam-se apenas o entrevistador e o informante. Em casos excepcionais havia mais de um entrevistador, sempre com a participação saliente de um deles. Em certas ocasiões, havia também mais de uma pessoa com o informante principal, mas este último é quem se destaca pela participação. Os corpora tentam ser representativos das diferentes regiões das cidades, com níveis socioeconômicos diferentes e que representam bairros tradicionais e modernos.

A amostra para este estudo será constituída pelas gravações de 18 informantes para cada corpus, totalizando 54 indivíduos-falantes do Caribe colombiano. Serão organizados por grau de escolaridade (Baixo: seis anos de escolaridade ou menos, Médio: de sete a doze anos de escolaridade, Alta: mais de treze anos); por idade (I: 20-34 anos, II: 34-54 anos, III: 55 ou mais); gênero (masculino e feminino). A representatividade será de três informantes por célula.

O tratamento metodológico levará em consideração: i) as próprias observações da variável em estudo, ii) O roteiro de codificação de Bentivoglio, Ortiz e Silva-Corvalán (2011); o manual de codificação de Otheguy, Zentella e Heidrick (2012), as variáveis analisadas em pesquisas recentes que utilizam corpora do PRESSEA de San Juan (CLAES, 2011) e Ciudad de México (BUTRAGUEÑO; LASTRA, 2015).

Serão analisadas apenas as orações em que apareça um verbo em forma finita. Deve contabilizar-se um mínimo de 150 casos por falante, além de uma seleção de textos que representem diferentes tipos de discurso (narrativo, argumentativo, diálogo rápido, etc.) e todos os pronomes (yo, ella etc.)

Serão excluídos da codificação os seguintes contextos obrigatórios:

a) Expressões idiomáticas (Yo qué sé, Tú sabes...) [Eu que sei; Tu sabes] se não apresentarem variação. Caso resulte relevantes, serão incluídas como uma variável independente os seguintes casos.

b) usos enfáticos com *mismo/misma* [mesmo/mesma]

(yo mismo lo hice; lo hiciste tú misma) [eu mesmo fiz; você mesma fez].

c) sujeitos focais

i) O sujeito é uma informação nova que responde a uma pergunta: ¿Quién lo trajo? Lo traje yo. [Quem o trouxe? Eu o trouxe].

ii) O sujeito é indiscutivelmente necessário por ser foco de contraste: Pepe estudia y yo trabajo [Pepe estuda e eu trabalho].

d) Também se excluirão os contextos em que e NÃO é possível a presença de um pronome pessoal, como os seguintes:

i) verbos impessoais: hacer, haber [fazer e haver] (Ø hay una persona en la calle; Hace frío) [há uma pessoa na rua; faz frio]

ii) orações relativas com sujeito relativizado (un estudiante que era de Alcalá) [um estudante que era de Alcalá].

iii) orações com se impessoal (Se come bien en Alcalá) [come-se bem em Alcalá].

Uma vez excluídas as orações sem a presença de variação, revisam-se os efeitos de pelo menos 15 variáveis independentes; onze delas são linguísticas e quatro sociais. Essas são as variáveis propostas no Roteiro de codificação de Bentivoglio, Ortiz e Silva-Corvalán (2011, p.3-5) para as pesquisas com corpora do Pressea:

Variável dependente: 1) Sujeito pronominal

Variável linguísticas independentes: 2) Pessoa do sujeito; 3) Especificidade do sujeito; 4) Modo, 5) Tempo verbal; 6) Progressividade; 7) Perfectividade; 8) Ambiguidade; 9) Classe verbal; 10) Tipo de oração; 11) Correferencialidade, 12) Vez da fala

Fatores sociais: 13) Idade; 14) Sexo do falante; 15) Nível de escolaridade; 16) Variedade Dialetal.

Detectados grupos de fatores, será realizada a análise qualitativa e quantitativa dos dados. A análise quantitativa (descritiva e inferencial) será feita com a ajuda do Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Finalmente, serão interpretados os dados, com base nos enfoques teóricos da linguística variacionista.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Espera-se fazer uma descrição do estado da arte da pesquisa no nível sintático da variedade caribenha colombiana, uma análise da variação da expressão do pronome sujeito no espanhol falado na região para mostrar se as variedades estudadas fazem parte do mesmo dialeto na Colômbia e do espanhol do Caribe em geral.

Espera-se contribuir, com a análise da variedade caribenha colombiana, para a descrição do uso do pronome sujeito, presente nos dados do PRESSEA, com a finalidade de fornecer uma caracterização do fenômeno no espanhol geral.

O PRONOME OBLÍQUO MIM COMO SUJEITO DE ORAÇÕES INFINITIVAS INTRODUZIDAS POR PARA NO PORTUGUÊS DO INTERIOR PAULISTA: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Aline Bianca dos Santos Gomes (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

É bem conhecido, no português brasileiro, o uso da forma oblíqua do pronome de 1ª pessoa do singular como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para/pra*, conforme exemplificado no trecho de fala abaixo:

- (1) aí ela colocô(u) tipo d'um:: d'um travesseirinho assi::m no pufe *pra mim sentá(r)* lá na garagem... pra ela/ que ela tava laVANdo né? *pra mim:: distraí(r)* um po(u)co... (IBORUNA – AC/006)

Como também se sabe, o uso da forma *mim* como sujeito dessas orações é, em geral, alvo de estigma social, em contraposição à forma reta do pronome, ou mesmo de anáfora zero, como nas ocorrências abaixo, alternativas não estigmatizadas já que estão de acordo com as normas da variedade culta do português brasileiro.

- (2) NÓS ficamos lá:: e eu tentei encontrá(r) alguma coisinha pra mim né? de::... presente... que a minha cunhada tinha me dado dinhe(i)ro *pra eu comprá(r)*... não encontrE::l... (IBORUNA – AC/013)
- (3) Cal/ o é de Caldas ou de Poços de Caldas num sei que eu vô(u) lá às vezes *pa andá(r)* a cava::lo pra *pra fazê(r)* um monte de coisa... (IBORUNA – AC/001)

O emprego da forma oblíqua nesses casos é explicitamente condenado pelas gramáticas normativas, o que reforça o estigma social atrelado ao seu uso. Rocha Lima (1972), por exemplo, afirma ser o uso de *mim* como sujeito de infinitivo um “erro comum”, expressão pertencente à linguagem coloquial, “não fixada na norma culta” (ROCHA LIMA, 1972, p. 318). Em Bechara (1999) também se encontra a indicação de que, em orações infinitivas com a preposição *para*, o pronome em posição de sujeito deve estar na forma reta, conforme a norma gramatical, a qual o autor esquematiza do seguinte modo:

Isto é para eu fazer – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*.

Isto é para mim (a preposição rege o pronome).

Isto é para eu fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que eu faça). (BECHARA, 1999, p. 566)

Embora o uso da forma *mim* seguida de infinitivo seja bastante recorrente nas variedades populares do português, poucos são os estudos que tratam do fenômeno, principalmente em perspectiva sociolinguística. Um dos poucos estudos sociolinguísticos de natureza quantitativa sobre o tema de que se tem conhecimento é o de Figueiredo (2007), que investigou a variação entre *mim* e *zero* como sujeitos de orações infinitivas iniciadas por *para* na fala carioca. Na mesma linha desta pesquisa de Figueiredo, com este projeto de pesquisa pretende-se desenvolver um estudo sociolinguístico sobre a ocorrência de *mim* como sujeito de orações infinitivas introduzidas por *para* no português falado na região de São José do Rio Preto, uma variedade na qual o fenômeno ainda não fora investigado.

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de relativizar a noção de erro e de combater preconceitos linguísticos já que, como é sabido, toda língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Dessa forma, a principal justificativa para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa encontra-se nas contribuições que ele poderá trazer para os estudos sociolinguísticos do português brasileiro de modo geral e, especificamente, para o melhor conhecimento da distribuição sociolinguística do fenômeno a ser investigado, bem como da variedade que se pretende descrever: o português falado no interior paulista.

OBJETIVOS

O propósito mais amplo desta pesquisa é investigar, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, a ocorrência da forma oblíqua *mim* na posição de sujeito de orações infinitivas com *para*, no português do interior paulista, região de São José do Rio Preto.

Como objetivos específicos, pretende-se, com a realização desta pesquisa, definir se a alternância entre as formas *mim* e *eu* ou *mim* e *zero* *anafórico* como formas de sujeito de orações finais infinitivas se trata de um caso de variação linguística e, em caso positivo, caracterizar os possíveis fatores condicionantes, linguísticos e extralinguísticos, do fenômeno descrito. Paralelamente, buscar-se-á determinar, a partir de análise quantitativa dos dados, correlacionando fatores linguísticos e sociais, a natureza dessa variação; isto é, se, na variedade investigada, a situação é indicativa de mudança instaurada, mudança em curso, ou de variação estável, conforme os pressupostos da sociolinguística laboviana.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Sociolinguística Variacionista teve como marco inicial os trabalhos de William Labov em resposta às abordagens estruturalistas, que tratavam a língua independentemente de seus contextos reais de uso, desvinculada dos seus falantes e como objeto homogêneo de representação do pensamento. A Teoria da Variação baseia-se no fato de que todas as línguas são heterogêneas, em decorrência de seu próprio dinamismo interno e esta variação é ordenada e sistemática, podendo ocorrer no nível fonético/fonológico, morfossintático, discursivo ou semântico. A partir de métodos de investigação rigorosamente construídos, o modelo de Labov permite identificar, analisar e explicar a regularidade das variações que ocorrem em uma determinada comunidade linguística (LABOV, 1972; MOLLICA, 2015).

Assim, a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas “variantes”. Mollica (2003) afirma que uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. “Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2003, p. 11). A autora afirma também

que as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período de tempo ou podem sofrer mudança quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas gradualmente substituem outras que vão deixando de ser usadas, o que configura um fenômeno de mudança em curso.

A partir da análise das variáveis sociais *idade, gênero, classe social* e grau de *escolaridade*, caracterizam-se, nos estudos sociolinguísticos variacionistas, tanto os casos de mudança em curso quanto os de variação estável. Essa caracterização, na perspectiva laboviana, fundamenta-se no grau de prestígio das variantes nas comunidades em que são empregadas. Desse modo, sempre em correlação com outros fatores sociais e linguísticos, a faixa etária dos informantes pode indicar que a variável se encontra em situação de variação estável se há predomínio no emprego da variante estigmatizada por falantes que representam as faixas etárias intermediárias.

Se o que se observa é, por outro lado, um padrão caracterizado por maior frequência de uso da forma inovadora por falantes mais jovens, tem-se a indicação de um processo de mudança em curso (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972). Uma diferença marcante entre padrões linguísticos de gerações distintas também permite que se reconheça uma mudança efetivada, nesse caso denominada, nos estudos labovianos, mudança em tempo aparente, a qual equivaleria a uma projeção de padrões linguísticos de diferentes épocas e, assim, a uma mudança diacrônica como se efetivada em tempo real. (LABOV, 1972).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados a serem analisados, representativos do português falado no interior paulista, na região de São José do Rio Preto, serão extraídos do banco de dados IBORUNA, constituído no âmbito do projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista* (ALIP), por pesquisadores do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2003 e 2007, sob apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Com vistas a investigar a natureza da variação ligada ao uso da forma *mim* como sujeito de orações infinitivas com *para*, o presente estudo pretende: a) determinar qual é a variável específica para o fenômeno na comunidade investigada (*mim x eu* ou *mim x zero*); b) correlacionar os fatores sociais, já estudados em nível de Iniciação Científica, a fatores linguísticos possivelmente determinantes da variável em estudo.

Além disso, o estudo dedicará especial atenção nas análises a ocorrências da variante *zero* nas quais de fato são prováveis variantes de colocação pronominal, já que, em muitos casos, a repetição do pronome de primeira pessoa seria desnecessária porque sentida como altamente redundante, em razão da proximidade com o mesmo referente sujeito, como se pode observar a partir dos exemplos abaixo:

- (4) e criança já viu né? vai tudo na conversa dos o(u)tros... aí:... elas pegaram e:: falavam pros colegas – “a::i meu pai num de(i)xa eu saí(r) *pa* Ø *brincá(r)*...” (IBORUNA - AC/036)
- (5) o meu ex–patrão foi... me chamá(r) de volta eu voltei a trabalhá(r) naquela empresa que eu trabalhava quando eu saí *pra* Ø *sê(r) vendedor*... (IBORUNA - AC/117)

Esse tipo de refinamento dos dados não se encontra em outros estudos sobre o fenômeno, a exemplo de Figueiredo (2007). Sendo assim, as ocorrências das variantes serão inicialmente analisadas conforme os seguintes fatores:

Variantes: mim x eu, mim x zero.

Variáveis sociais:

1. Gênero: masculino, feminino;
2. Grau de escolaridade: 1º. ciclo do Ensino Fundamental, 2º. ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior;

3. Faixa etária: 7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, mais de 55 anos;

Variável de registro:

4. Tipo de texto: narrativa de experiência, narrativa recontadas, descrição, relato de procedimento e relato de opinião.

Variáveis morfosintáticas:

5. Função sintática da oração infinitiva: orações subjetivas, orações objetivas, orações finais, orações completivas nominais, etc.
6. Paralelismo sintático: oração única, inicial, paralela, não paralela.

Variáveis semânticas:

7. Modalidade da oração: *realis*, *irrealis*
8. Correferência de sujeitos nas orações: idêntico, não idêntico.
9. Natureza semântica do verbo da oração principal: verbos de cognição, verbos *dicendi*, verbos manipulativos, verbos modais, etc.

Após coleta e classificação dos dados segundo as variáveis eleitas para análise, os resultados serão submetidos ao programa estatístico Goldvarb, a fim de que possam ser referendados quantitativamente, seguindo-se os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança.

RESULTADOS ESPERADOS

Em razão do estigma que claramente se percebe na comunidade de fala a ser investigada em relação ao emprego da forma *mim* como sujeito na oração com *para* + verbo no infinitivo, o resultado esperado é que este estudo encontre, para o fenômeno em análise, uma situação de variação com claro encaixamento social indicativo de uma mudança em curso. Em estudo que desenvolvemos sobre o fenômeno, em nível de Iniciação Científica, os resultados demonstraram que a variante *mim* é mais presente na fala de indivíduos com menor escolarização, pertencentes às faixas etárias mais jovens e ao gênero masculino, o que configura uma situação de mudança em curso (LABOV, 1972; MOLLICA, 2015); resultado esse que será correlacionado aos resultados das variáveis linguísticas, conforme o aparato teórico da sociolinguística laboviana.

PRODUÇÕES TEXTUAIS ESCOLARES ESCRITAS NO EF II: ESTUDO DE CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA

Amanda Araujo Gatto (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Em conflito com a importância socialmente atribuída ao ensino de leitura e produção de textos no Brasil, emerge o discurso do déficit, segundo o qual os alunos brasileiros não seriam "bem sucedidos" na produção textual. Tal discurso, propagado principalmente, mas não apenas, pela grande mídia, embasa-se, em grande parte, no desempenho do alunato em exames internacionais e nacionais, a exemplo do PISA (*Programme for International Student Assessment*) e da ANRESC (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar ou Prova Brasil). Na edição de 2012 do PISA, o Brasil recebeu a pontuação 410 no quesito "proficiência em leitura", sendo a pontuação máxima, mil. Na matriz de avaliação de leitura do programa, dividida em seis níveis, a pontuação brasileira se enquadra no nível dois, desempenho considerado abaixo da média mínima (500). Na ANRESC 2013, a média nacional de "proficiência em leitura" do 9º. ano (antiga 8ª. série) foi de 243,86 em uma escala dividida em oito níveis de proficiência em leitura previstos para o último ano do Ensino Fundamental II (doravante EF

II). A pontuação máxima a que se poderia chegar nessa escala é a de 400, correspondente ao nível oito; a pontuação obtida em 2013 se enquadra no nível dois.

Considerando o panorama social descrito, as seguintes questões podem ser colocadas: se a atuação dos alunos em leitura e escrita, do ponto de vista de diversas instituições – escolar, familiar, midiática – não é “bem sucedida”, em que consistiria o “sucesso” em práticas letradas em contexto escolar? Como esse ideal de sucesso pode ser atingido, considerando-se a perspectiva da instituição escolar?

Acreditamos que, para além do emprego da chamada norma culta, o “sucesso” em práticas letradas escolares, da perspectiva institucional, teria relação com determinadas concepções de escrita e leitura dialogicamente constituídas na disciplina de Língua Portuguesa. Dado o discurso corrente do déficit, acreditamos, ainda, que essas concepções não coincidem com aquelas de escrita e de leitura trazidas, inconscientemente, pelos alunos, cujas práticas letradas, por esse motivo, não seriam “bem sucedidas”.

Para responder em que consistiria o “sucesso” em práticas letradas em contexto escolar e como esse ideal de sucesso pode ser atingido, considerando-se a perspectiva da instituição escolar, propomos nesta pesquisa em nível de Mestrado o estudo de práticas letradas escolares do professor na relação com as práticas letradas escolares do aluno no EF II.

OBJETIVOS

Com base em pressupostos advindos, por um lado, dos Novos Estudos de Letramento, por outro, de Bakhtin e seu Círculo, este projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar concepções de escrita e de leitura dialogicamente constituídas em práticas sociais letradas em contexto escolar. A hipótese de partida é que práticas sociais de escrita e de leitura são lugar privilegiado para investigação de conflitos que “atravessam” a constituição dos sujeitos na/da linguagem. De nosso ponto de vista, há conflito entre o que o aluno concebe como leitura de propostas de redação e escrita de produções textuais “bem sucedidas” e o que o professor concebe como leitura de propostas de redação e escrita de produções textuais “bem sucedidas”, em contexto escolar. O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

i. investigar quais modelos de letramento (LEA; STREET, 2014) emergem nos enunciados de proposta de produção textual escolar escrita e nos enunciados produção textual escolar escrita;

ii. investigar conflitos decorrentes da(s) imagem(s) que o aluno faz de si como aluno leitor- escrevente de determinado gênero do discurso (no caso da pesquisa, relato de experiência) e da(s) imagem(s) que o professor faz do aluno como leitor-escrevente do referido gênero;

iii. investigar, no processo de produção textual escolar escrita, ao longo dos quatro anos do EF II, se há (ou não) mudanças nas concepções de escrita e de leitura assumidas por aluno e professor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Do quadro dos Novos Estudos de Letramento, mobilizamos nesta pesquisa o “modelo de letramentos acadêmicos” proposto por Lea e Street (2014), modelo concebido a fim de designar práticas de leitura e escrita em contexto acadêmico. Definido segundo aspectos culturais na aquisição de letramentos em contexto acadêmico - como produção de sentido, identidade e relações poder e autoridade (LEA, STREET, 2014, p. 479) - constitutivos da esfera acadêmica e, do nosso ponto de vista, também da escolar, o modelo de letramentos acadêmicos considera que os conhecimentos legitimados institucionalmente não são os únicos que estão em jogo em um contexto acadêmico específico.

Na formulação do modelo de letramentos acadêmicos, Lea e Street (2014) criticam outros dois modelos: o de habilidades de estudo e o de socialização acadêmica. No que se refere ao primeiro, os autores afirmam que esse modelo conceberia escrita e letramento como habilidade individual e cognitiva (LEA; STREET, 2014, p.479). Já o segundo, modelo de socialização acadêmica (LEA; STREET, 2014, p.479), guarda relação com aculturação dos

discursos e dos gêneros pelos estudantes por meio de temas e disciplinas que fomentam a imersão do aluno nesses modos de falar, escrever, pensar e interagir numa dada comunidade. Ainda conforme Lea e Street (2014), o modelo de letramentos acadêmicos, o modelo de socialização acadêmica e o de modelo de habilidades de estudo também indiciam posturas pedagógicas, complementares, em relação ao ensino de produção de textos em contexto acadêmico e, de nossa perspectiva, também do escolar.

Sobre o modo pelo qual se dá o processo de inserção do aluno em práticas letradas acadêmicas, Street (2010, p.545), de uma perspectiva etnográfica, aponta para a existência de dimensões “escondidas”, entendidas como “[...] lacunas na forma como alunos e professores compreendem os requisitos da produção textual [...]”. Estas dimensões “escondidas”, ainda de acordo com o autor, poderiam vir a ser explicitadas com a adoção do modelo de letramentos acadêmicos. Entretanto, com base em Corrêa (2011), de uma perspectiva etnográfico-discursiva, entendemos que nem todas as “dimensões ‘escondidas’” que atravessam a produção textual do aluno e do professor podem ser, de fato, explicitadas, pois a não transparência dos sentidos, a opacidade de seus efeitos, é, para Corrêa (2011), assim como para nós, característica radicalmente constitutiva da linguagem.

Outros conceitos mobilizados, que consideramos explicativos dos fenômenos de linguagem que pretendemos estudar, são os conceitos de *dialogismo*, *responsividade* e *caráter interlocutivo* (BAKHTIN, 2011). Para Bakhtin (2011), a língua funda-se no princípio dialógico, isto é, para ele todo enunciado concreto apresenta, necessariamente, em sua constituição, outros enunciados anteriores, posteriores (na antecipação de uma resposta possível) com os quais estabelece diálogos mais imediatos, bem como diálogos que remontam a conflitos históricos. Do princípio dialógico da linguagem derivam outros aspectos do enunciado, a saber, a *responsividade* e o *caráter interlocutivo*.

A responsividade, definida por Bakhtin (2011), consiste no fato de todo enunciado ser uma resposta ativa (real ou potencial) a outro enunciado proferido ou não. É possível afirmar que enunciados de proposta de redação e os textos produzidos estão ligados pela identidade da esfera de comunicação discursiva escolar e eles próprios se constituem entre si e entre outros enunciados segundo relações responsivas.

No que se refere ao caráter interlocutivo dos enunciados, consiste em “[...] seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento [...]” (BAKHTIN, 2011, p.301, grifos do autor). Mesmo no momento em que se realiza a enunciação, o falante que elabora o enunciado antecipa uma possível resposta a ele, “é como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta” (BAKHTIN, 2011, p.301). Essa resposta antecipada, esse interlocutor, imediato ou não, molda o enunciado e, a depender da imagem que se faz desse interlocutor, coisas serão ditas ou o deixarão de ser. Com base no caráter interlocutivo, os enunciados que pretendemos estudar podem ser concebidos segundo critério de “endereçamento”, isto é, segundo jogo enunciativo entre o professor e o interlocutor mais imediato, a saber, o aluno.

Acreditamos que os enunciados, levando-se em conta o traço de caráter interlocutivo, antecipam respostas possíveis na cadeia de comunicação discursiva e são elaborados segundo imagem(s) do(s) interlocutor(es) a que se destinam, seja(m) esse(s) sujeito(s) instituição(ões) ou coletividade. Entendemos que se trata de projeções ou imagens sócio-historicamente constituídas, representações sociais por meio das quais o sujeito concebe o mundo e a si próprio (MOSCOVICI, 1978; 2007). As representações sociais, como próprio nome sugere, podem ser definidas como modos sociais, característicos de grupos sociais, de conceber a realidade, atuantes na organização da cognição humana e que podem ser observados, principalmente, na produção da linguagem pelo(s) sujeito(s).

O conceito de representação social nos permitirá problematizar imagem(s) conflitante(s) de leitura e de escrita nos enunciados de proposta de redação e nos textos efetivamente produzidos. Além disso, permitirá reflexão sobre posicionamentos sociais que, da perspectiva institucional, devem ser ocupados pelo aluno, entendido como aluno leitor-escrevente, no conflito com a posição que o próprio aluno supõe/tenciona (ou é impelido a) ocupar em práticas letradas escolares.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conjunto do material é formado de amostra longitudinal de quatro (04) enunciados de proposta de produção textual escolar escrita e 88 (oitenta e oito) enunciados de produção textual escolar escrita produzidos a partir das referidas propostas executadas por 22 (vinte e dois) sujeitos ao longo EF II.

Tanto as propostas de redação quanto as produções realizadas pelos alunos foram produzidas no âmbito do projeto de extensão universitária *Oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual*, desenvolvido entre 2008 e 2011, em escola pública na cidade de São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo (TENANI, 2015).

Visando atingir aos objetivos principal e específicos, tomamos como critério de análise, no que se refere aos quatro enunciados de proposta de produção de redação:

i. a seleção dos textos apoio e das instruções na busca de: (a) filiações a modelos de letramento - modelo de letramentos acadêmicos, de socialização acadêmica e de habilidades de estudo (LEA; STREET, 2014); (b) concepções de “boa” escrita e “boa” leitura dialogicamente constituídas entre professor/instituição e aluno e (c) representações sociais que o professor faz do aluno leitor-escrevente, levando-se em conta expectativas sócio-historicamente instituídas e legitimadas.

No que se refere aos enunciados produzidos, tomamos como critério de análise:

ii. o modo pelo qual o aluno se apropria (ou é “capturado”) pelo gênero “relato de experiência”, na busca de: (a) filiações a modelos de letramento - modelo de letramentos acadêmicos, de socialização acadêmica e de habilidades de estudo (LEA; STREET, 2014); (b) concepções de “boa” escrita e “boa” leitura dialogicamente constituídas entre aluno e professor/instituição; (c) representações sociais que o aluno faz de si como leitor-escrevente, levando-se em conta expectativas sócio-historicamente instituídas e legitimadas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Projetamos como desenvolvimento da pesquisa, primeiramente, a análise das propostas de produção textual escolar escrita, em segundo lugar, a análise das produções textuais efetivamente produzidas. Espera-se que os resultados contribuam com os estudos de letramentos escolares: (i) na investigação de concepções de escrita e de leitura dialogicamente constituídas, mas nem sempre problematizadas (na relação entre aluno e professor), no processo de produção textual escolar; (ii) não apenas em nível de ensino fundamental ou médio, mas também em nível superior, levando-se em conta a formação acadêmica do professor.

POR E PARA FÃS: A ANÁLISE DIALÓGICA DA PERSONAGEM SEVERUS SNAPE EM UMA PRODUÇÃO TRANSMIDIÁTICA

Ana Beatriz Maia Barissa (UNESP/Araraquara)

A proposta do presente projeto é refletir sobre o personagem Severus Snape construído a partir de um vídeo veiculado no *Youtube*, denominado *Severus Snape e os marotos*. Embasado na saga *best-seller Harry Potter*, da escritora britânica J. K. Rowling e nas obras fílmicas dos estúdios *Warner Bros*, o vídeo tem em sua construção uma interpretação dos personagens da série e materializados em produção transmidiática. Dessa forma, para desenvolvimento da pesquisa, será considerado como *corpus* do trabalho – além do vídeo proposto – os livros da saga, com ênfase no sexto (*Harry Potter e o enigma do príncipe*) e sétimo (*Harry Potter e as relíquias da morte*) livros, publicados pela editora Rocco no Brasil.

A pesquisa gira em torno da discussão relacionada ao movimento gerado na recepção do enunciado vídeo, devido ao grande fluxo por parte do público após a produção tanto da obra literária quanto fílmica. Essas produções variam dentro do *fandom*¹ da saga e tomam a

¹ Originado de *fan kingdom* – “reino dos fãs”, em tradução livre –, *fandom* é o termo utilizado para se caracterizar um grupo específico composto por pessoas com interesses comuns a alguma produção,

proporção de eventos exclusivos, como é o caso da *Leviosa Con*, cujo espaço é dedicado à reunião de fãs que propõem atividades relacionadas ao universo de *Harry Potter*: neste evento temático, a programação se constitui de produções escritas, sessões de debates e experiências compartilhadas o que, conseqüentemente, faz aumentar a produção massiva desses fãs-autores, responsivos não somente ao enunciado literário (os livros da saga *Harry Potter*), mas também às outras respostas dos fãs que, por sua vez, desencadeiam enunciados-resposta outros.

De produção independente, o vídeo cerne desta pesquisa se assemelha a um seriado: há um fechamento provisório para uma próxima continuação. Esse seguimento seria a escolha do professor Snape em ser um Comensal da Morte, um grupo extremista que preza pela pureza de uma raça.

Para concretizar esta proposta de pesquisa serão usados, como obras de cotejo, os filmes produzidos pela *Warner Bros Studios* e a saga escrita por Rowling na versão em inglês britânico publicado pela editora Bloomsbury. A pretensão deste trabalho é observar o fenômeno transmídia dentro do *fandom* de *Harry Potter* e compreender como se dá a recepção, circulação e produção dentro dessa esfera (além) midiática. Dessa forma, serão observados como se dão esses enunciados responsivos por parte dos fãs em contexto sócio-histórico-social inglês, já que, tanto as obras literárias, quanto o vídeo *Severus Snape e os marotos* se encontram em igual contextualização. À vista disso, a proposta de pesquisa se refere ao aprofundamento de análise no que concerne ao fenômeno transmídia e à recepção de uma obra britânica por fãs igualmente britânicos, tomados como autores/produtores de outros enunciados, responsivos aos de Rowling e aos da Warner. Isto é, compreender essa (re)criação como produção da recepção, elaborada transmidiaticamente, em ambientação inglesa.

A partir dos estudos bakhtinianos, compreendemos que as produções midiáticas (tais como cinema, seriados, animações, etc.) possuem um tipo enunciativo relativamente estável. Contudo, o vídeo componente do *corpus* desta pesquisa se difere por sua falta de proposição a uma continuação tal qual é construído o seriado – arquitetado de forma a criar um gancho para a sequência no episódio seguinte – e também se diferencia de obras fílmicas por não ter um começo e um fim em si mesmo, até porque a compreensão da história e do relacionamento dos personagens tende a vir com a leitura prévia da obra literária ou da visualização antecipada das produções fílmicas.

No caso desse vídeo, sua construção está filiada tanto com as obras cinematográficas quanto com as literárias. Em outras palavras, está interligado com outras produções seriadas pertencentes a outros gêneros, o que nos leva a considerar as relações existentes entre o vídeo produzido pela *Broad Strokes Productions* – nome do canal na qual o vídeo, *corpus* deste trabalho, foi divulgado – e os livros da J. K. Rowling, assim como com os filmes de produção Warner Bros, uma vez que é impossível destroncar o vídeo das obras – fílmica e literária – de produção inglesa, cada qual com sua diferença arquitetônica em cada enunciado, de materialidade específica, constituinte de um gênero, caracterizado pela ação do público na transmídia.

Por ser “produzida segundo as normas macias da fabricação industrial (...); destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade (...)” (MORIN, 1997, p. 14), o vídeo se enquadra na categoria da chamada cultura de massa. Tal condição é dada devido à sua produção, destinada a um grupo específico, caracterizado por buscar conteúdo do *fandom* pelo qual se interessam e é veiculado em um site que permite exibição, divulgação e compartilhamento de vídeos, o que garante acesso de um público maior por ser mundialmente conhecido.

seja literária, cinematográfica, seriada, etc. Essa comunidade ganha esse nome por conta do nível de sociabilidade e interação entre os fãs, que criam meios nas redes sociais (como blogs, sites de *fanfiction*, páginas de *Facebook* etc), a fim de partilharem entre si produções referentes às obras de seu interesse.

Discursos são inseridos em uma construção genérica e possuem, em sua construção arquitetônica, características cronotópicas. O vídeo é pleno, assim como todo discurso, de valores sociais, uma vez que sua produção se constitui por vozes de sujeitos situados em um determinado grupo sócio histórico cultural. Signos, como é proposto pelo Círculo de Bakhtin, refletem e refratam ideologias de uma comunidade que se materializa na e pela linguagem, arena do embate ideológico entre sujeitos repletos de valores na qual o próprio meio ideológico se manifesta. Nos enunciados, a ideologia se mostra na entoação, musicalidade, movimento, gestos e expressões, que são analisadas como um todo enunciativo.

O vídeo, em sua constituição, formada pelo verbal, vocal e visual, leva-nos a considerar as ideologias carregadas em sua arquitetura, já que o enunciado veicula a dialética existente entre a infra e a superestrutura, na constituição de linguagem. A vida, manifestada no e por meio do signo – o que embasa a defesa do Círculo de uma linguagem “viva” –, é compreendida no revestimento de valores histórico social cultural – portanto sempre renovados – e tratada como o reflexo e refração da existência nas significações ideológicas (MEDVIEDEV, 2012, p.51). Feitas as considerações, o vídeo será analisado como um gênero em que a linguagem, em suas diversas materialidades, é veículo de ideologias desde sua produção de um público por meio de seus atos responsivos, até o momento de sua publicação e circulação no site *Youtube* e aceitação social por parte dos demais fãs. Pensar nesse movimento requer reflexão teórica sobre a constituição da personagem Severus Snape produzida no vídeo, proposta da pesquisa deste projeto, centrado no *corpus Severus Snape e os Marotos*, tomado como um exemplo concreto da ligação do gênero com a vida – renovada constantemente –, com o nascimento registrado nos primórdios da esfera televisiva.

Por se encontrarem no plano material e histórico, os valores ideológicos nos põem o desafio de analisar a construção do vídeo proposto como cerne desta pesquisa junto à reflexão da produção, circulação e recepção pelo público, previsto no próprio enunciado. Para pensar a relação obra e público, presente na construção do enunciado, são trazidos conceitos trabalhados por Jenkins (2006), como a inteligência coletiva, mídia da convergência e transmídia, vistas como concretizações da escuta ativa do outro no enunciado do eu. O outro não mais é visto como um receptor passivo, mas um participante ativo do processo de construção enunciativa midiática. A alteridade que constitui a identidade, o eu-para-o-outro que revela significações do eu-para-mim, como pensa Bakhtin.

O público-consumidor de mídias procura a maior quantidade possível de entretenimento com a possibilidade de autonomia ao propor, por exemplo, possibilidades outras de narrativas, de pontos de vistas ou de acontecimentos não explorados na obra-base dessas teorias, como é o caso da proposta de interpretação colocada na produção de *Severus Snape e os Marotos* e considerado por Jenkins como um fator típico da era da convergência: um momento em que se compreende a inteligência coletiva desse fenômeno, já que os consumidores de mídias se agrupam e as consomem em um processo coletivo. É o caso dos *fandoms*, cuja existência se dá, por um lado, a partir do nível de sociabilidade entre esses consumidores (que se fazem ser em redes sociais como blogs, *tumblr* e sites de *fanfictions*², por exemplo), processo comum entre seriados, produções cinematográficas e literárias da contemporaneidade e que tem se concretizado como um meio de comunicação e socialização do século XXI, o que nos conduz a refletir sobre as expressões discursivas da nossa sociedade, questão sobre a qual recai a importância desta proposta de pesquisa.

A partir do discurso de *Severus Snape e os Marotos*, buscamos refletir e contribuir com o aprofundamento nos estudos da linguagem na contemporaneidade, ao tentarmos compreender os valores materializados nos enunciados de gêneros transmidiáticos não pensados pelo Círculo. Acredita-se que analisar a linguagem em vida, hoje, compreende os vídeos em sua produção massiva, recepção e circulação transmidiática. O projeto tem como objetivo contribuir para os estudos do Círculo de Bakhtin no que concerne aos enunciados

² Narrativas criadas por fãs que utilizam – ou não – o universo em que uma determinada obra foi construída e em que os receptores passam a ser autores que respondem à interpretação da dita produção (seja ela literária, cinematográfica, seriada, etc) com histórias veiculadas em sites específicos, organizados para receberem esse tipo de produção.

transmidiáticos e sua verbivocovisualidade. O vídeo foi escolhido devido à sua expressividade no tempo-espaço do século XXI e, entre eles, um que trabalhe o universo *potteriano*, fenômeno de grande aceitação popular e atuação transmidiática, com repercussão global estendida até os dias atuais, mesmo depois de quase vinte anos de sua publicação no original. Por meio do vídeo, mobilizaremos a discussão acerca da construção massiva tomada como Canclini a considera, vista na recepção tomada como produção no fenômeno transmídia. A importância da pesquisa recai na construção da personagem centralizada no vídeo, em expressividade do gênero transmidiático e na visão da construção de um enunciado – a recepção como ponto de nova/outra produção, o que faz compreender o que Bakhtin denominou como “elo na cadeia da comunicação”.

A DIMENSÃO INTERPESSOAL DO MÉTIER: AS INFLUÊNCIAS DOS PAPÉIS DO OUTREM NO AGIR DOCENTE

Angélica Hernandez Lima (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Esta tese segue o percurso teórico-metodológico realizado pelos estudos desenvolvidos pelo grupo ALTER-CNPq¹ e ALTER-FIP² sobre o trabalho docente (MACHADO *et al.*, 2009, 2004, dentre outros). Sua base epistemológica advém, principalmente, das formulações teóricas propostas pelo Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de Bronckart (2008, 1999) e Bronckart e Machado (2009), pela Ergonomia da Atividade Francesa (AMIGUES, 2004; SAUJAT, 2004) e pela Clínica da Atividade (CLOT, 2015, 2010, 2006; CLOT *et al.* 2011).

Machado e Bronckart (2007, p. 7) argumentam que o trabalho docente é uma *atividade conflituosa* que apresenta características oriundas de várias instâncias: é uma atividade pessoal, interacional, transpessoal e interpessoal. (MACHADO e BRONCKART, 2007). A autora (2007) ressalta que um dos elementos que compõe a atividade docente é o *outro* (podendo ser composto pelos alunos e seus familiares, coordenação/direção, colegas de trabalho, outros interiorizados, etc.) e a relação estabelecida entre ele e o professor.

Embora os estudos que seguem esse aparato teórico considerem a importância do outro nas relações de trabalho, nenhuma pesquisa brasileira que adota essa base método-epistemológica trouxe como protagonista a dimensão interpessoal do trabalho do professor, analisando suas relações e influências no agir docente. Assim, pretendemos trazer à baila essa importante reflexão, almejando estreitar um pouco a lacuna que se faz presente nesse momento.

OBJETIVOS

Assim, esta tese tem como objetivo geral investigar as influências do outrem no agir docente de três professoras de língua portuguesa sob a perspectiva dessas profissionais. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (1) verificar quais são os papéis sociais desempenhados pelo outrem com quem as docentes se relacionam (direta ou indiretamente) no exercício da profissão; (2) averiguar que concepções as docentes têm sobre: trabalho do professor, papel do professor e sobre os papéis desempenhados pelo outrem com o qual se relacionam no trabalho; (3) levantar as concepções que as docentes atribuem ao outrem sobre o trabalho do professor, sobre o papel do professor e sobre as próprias docentes; (4) analisar que conflitos vivenciados pelas docentes e evidenciados em seus discursos estão associados à dimensão interpessoal do trabalho do professor; (5) investigar a relação entre todas as concepções apresentadas e os conflitos vivenciados evidenciados nos discursos das docentes; e, por fim (6) analisar de que forma as concepções e os conflitos influenciam o agir das docentes.

¹ ALTER: Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações. Grupo fundado pela Profa. Dra. Anna Rachel Machado no Depto. LAEL da PUC/SP e coordenado, atualmente, pela Profa. Dra. Eliane Lousada, da USP/SP.

² Análise de Linguagem, Trabalho e suas Relações – Formação, Intervenção e Pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desenvolvido por Bronckart (1999) e pela equipe do Grupo LAF (Linguagem-Ação-Formação), o ISD é uma vertente do interacionismo social e advém de um posicionamento epistemológico sobre as condições do desenvolvimento humano, cujas bases teóricas estão alicerçadas, principalmente, nas obras de Bakhtin, Voloshinov, Habermas, Marx, Spinoza e Vigotski

O ISD defende a ideia de que a ação humana, cujo desenvolvimento tem um caráter dialético, é produto de um processo histórico e social, determinado por dimensões culturais e marcado pelo uso de artefatos simbólicos, tais como a linguagem, sendo que esta exerce um papel central. Uma vez que o pensamento deriva da ação e da linguagem, são, justamente, as ações de linguagem que devem ser objeto de análise. (BRONCKART, 1999)

Quando é produzida uma ação de linguagem, um indivíduo mobiliza conhecimentos pertinentes a três mundos representados (ordinários) elaborados sócio-históricamente: o objetivo, o social e o subjetivo. No entanto, pela própria natureza semiótica da linguagem, são criados também mundos virtuais (discursivos), cujos sistemas de coordenadas são outros, que permitem a manutenção da relação entre a ação de linguagem e os mundos representados. (BRONCKART, 1999)

Para o ISD (2004, apud MACHADO *et all.*, 2009), as ações humanas não podem ser apreendidas somente pelas condutas perceptíveis das pessoas ao longo de seu agir. Elas devem ser interpretadas por meio da análise de textos produzidos pelos actantes ou pelos observadores de tais ações. Esses textos não se restringem apenas aos desenvolvidos na própria situação de trabalho, mas também aos que se referem a essa atividade profissional desenvolvidos em outros momentos.

Quanto à Clínica da Atividade, ela é uma disciplina que tem como um de seus objetivos a análise da atividade humana de trabalho, com vistas ao desenvolvimento do indivíduo e do coletivo, proporcionando uma transformação das situações de trabalho, na qual os trabalhadores saem da posição de observados e atuam como protagonistas das transformações de trabalho, sendo coatores e observadores da própria atividade em si. (CLOT, 2010)

Na perspectiva da CA, cada ação do profissional é o resultado de uma arbitrariedade entre várias ações possíveis, que se encontra na intersecção de vários horizontes em tensão. (CLOT *et all.*, 2011). Clot recorre a Vigotski, o qual afirma que o ser humano está pleno de possibilidades não realizadas, e postula o conceito de *real da atividade*, o qual agirá em dicotomia o conceito de *atividade realizada*. (CLOT *et all.*, 2011)

Esta se refere ao que é efetivamente feito pelo profissional e é possível de ser observado por meio dos resultados obtidos enquanto que o *real da atividade* se remete às possibilidades não realizadas: o que o profissional não faz, o que ele busca fazer sem ter êxito, o que ele renuncia fazer, o que ele pensa que ele faria se as condições fossem mais favoráveis, o que ele faz eventualmente para evitar responder ao que se esperava dele. (CLOT *et all.*, 2011)

Para acessar o real da atividade, a CA usa métodos indiretos: a instrução ao sócia (IS), a sessão de autoconfrontação simples (ACS) e a de autoconfrontação cruzada (ACC), descritos na próxima seção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossos dados são oriundos dos registros coletados do projeto de ensino e de intervenção do programa do Núcleo de Ensino da Universidade Estadual Paulista, intitulado “Da formação continuada à formação inicial: uma intervenção no ensino (da gramática) da Língua Portuguesa”³, coordenado pela Profa. Dra. Lília Santos Abreu-Tardelli (2014/2015), cujo objetivo foi “formar um coletivo de professores voluntários, a fim de possibilitar o

³ A dissertação de mestrado de Kelli Mileni Voltero, membro do grupo ALTER-FIP, também usará os dados coletados desse projeto de ensino e intervenção.

desenvolvimento desses trabalhadores em suas práticas profissionais”. (ABREU-TARDELLI, SILVA_HARDMEYER⁴, 2016, p. 127).

Participaram do projeto: três professoras de português da rede estadual de ensino, atuantes em três escolas diferentes; 2 alunos de graduação do curso de Pedagogia da UNESP – bolsistas, atuando na função de auxiliares e a coordenadora do projeto.

Os dados foram coletados por meios de métodos propostos pela CA. O *corpora* é composto por: três entrevistas iniciais realizadas individualmente com cada voluntária; cinco sessões de ACS (duas, de Sueli; duas, de Helen; e 1, de Sílvia) e duas sessões de ACC com todas as participantes.

A IS é uma técnica na qual o trabalhador é convidado a relatar ao pesquisador todas as suas atividades desenvolvidas detalhadamente. É como se o profissional fosse instruir uma outra pessoa para atuar como um sócia seu. Ao término do relato, o texto é transcrito e devolvido ao trabalhador e este o lerá e deverá tecer comentários por escrito.

Quanto às sessões de ACS e ACC, primeiramente, deve-se constituir um coletivo de trabalho formado pelos profissionais voluntários e pelos pesquisadores. Em seguida, as situações de trabalho dos voluntários são observadas. Feito isso, cada trabalhador, separadamente, realiza uma sessão de ACS com o pesquisador, na qual o voluntário assiste as gravações de suas atividades e tece comentários a respeito delas. Na sequência, o mesmo profissional participa de uma sessão de ACC com o pesquisador e com outro colega (que também já se autoconfrontou), para que (re)vejam as atividades de trabalho e discutam a respeito delas. (CLOT, 2010).

Para a análise dos dados, recorreremos à análise textual fazendo uso do folhado textual proposto por Machado e Bronckart (2009) sendo que nos ateremos, principalmente à análise do conteúdo temático fornecida pelo Plano Global, dos mecanismos enunciativos e da semântica do agir.

PRIMEIROS RESULTADOS

Até o momento, foi analisado um trecho da segunda sessão de ACC realizada no dia 28.11.2015. Optamos pela escolha desse excerto pelo fato de ele trazer, em seu conteúdo temático uma situação na qual um professor da escola de Sueli parece influenciar diretamente as ações de outros professores e da direção uma vez que ele relata à Diretoria de Ensino tudo o que ocorre na escola, quer seja a dispensa de alunos feita por um colega docente, quer seja uma alteração no calendário proposta pela direção.

Trata-se de um excerto, pertencente ao gênero oral entrevista ACC, formado por perguntas e respostas. Foram encontrados 22 turnos: 09, da interventora (sendo que 08 contêm frases interrogativas), 11, de Sueli e 02, de Sílvia (sendo que os turnos das voluntárias são compostos apenas por frases declarativas).

O tipo de discurso dominante é o relato interativo no qual há implicação dos agentes-produtores (demonstrando o engajamento das participantes na interação) e no qual as coordenadas do mundo discursivo são conjuntas ao mundo ordinário. Constatamos o discurso interativo por meio da presença da forma dialogada, do uso de dêiticos de pessoa (primeira e segunda), espaciais e temporais, e dos tempos presente e pretérito perfeito.

A sequência predominante é a dialogal e sua estruturação é feita por meio de turnos de fala assumidos pelos agentes-produtores.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Nosso trabalho encontra-se em fase inicial de análise, como também estamos em processo de leituras de bibliografias pertinentes ao tema.

Primeiramente, levantaremos o conteúdo temático de todos os textos para, depois, selecionarmos os trechos relevantes para adentrarmos em uma análise mais detalhada.

⁴ Carla Silva-Hardmeyer é vice-coordenadora do grupo de pesquisa ALTER-FIP.

A FERRAMENTA KAHOOT PARA O ENSINO DE LÍNGUA E CULTURA ALEMÃ MEDIADO POR CURTAS METRAGENS: FOCO NA AGÊNCIA DO ALUNO

Arthur Heredia Crespo (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

INTRODUÇÃO

O filme, conforme Stefani (2010), é, juntamente com a música, um dos recursos que os alunos mais apreciam durante o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Por essa razão, muitas escolas de idiomas promovem os seus cursos anunciando que são equipadas com projetores, material multimidiático, entre outras tecnologias que possibilitam a exibição de filmes e vídeos. Na área de alemão, podemos encontrar, por exemplo, projetos desenvolvidos pelo Instituto Goethe, como o *Film Ab* e o *Kurz und Gut macht Schule*, que têm grande veiculação entre professores de alemão, e cuja proposta é incitar professores a trabalharem com curtas alemãs na sala de aula.

Entretanto, na didatização destes materiais, proposta pela instituição, não é previsto o uso de ferramentas disponíveis em dispositivos móveis, as quais vêm recebendo cada vez mais atenção na área da educação, como podemos observar pela política do *Bring Your Own Device*, que permite que alunos busquem informações na sala de aula por meio de seus próprios aparelhos, tais como celular e *tablet*. Na medida em que reconhecemos a potencialidade pedagógica dessas ferramentas, bem como a dos curtas em sala de aula, pretendemos investigar neste trabalho de que modo a ferramenta *Kahoot* pode ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem de língua e cultura alemã por intermédio dessa modalidade de filmes.

A nossa escolha por trabalhar com essa ferramenta e com curtas metragem (ao invés de longas) deve-se ao fato de que: (1) o Kahoot vem sendo amplamente utilizado não só em cursos de língua estrangeira, como também em diversas disciplinas do ensino fundamental, médio e superior, portanto, a sua difusão na área da educação já aponta para a sua potencialidade pedagógica; (2) o uso de curtas em sala permite tratar um filme na íntegra em uma única aula, bem como o acesso a eles é muito fácil, dado que, como mencionado acima, atualmente existem os projetos elaborados pelo Instituto Goethe e, ademais, podemos encontrar grande parte deles *online* em sites como o *Youtube*.

OBJETIVOS

O objetivo da presente pesquisa é, assim, investigar de que forma a ferramenta Kahoot pode ser utilizada no contexto de ensino e aprendizagem de língua e cultura alemã mediado por curtas metragens, focalizando, em especial, a agência do aluno neste contexto. Diante disso, pretendemos analisar as potencialidades e limitações dessa ferramenta.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para dar sustentação teórica para esta pesquisa, optou-se por três eixos principais: no primeiro serão discutidas as metodologias de ensino de língua estrangeira e, sobretudo, o pós-método (VIEIRA-ABRAHÃO, 2015; KUMARADIVELU, 2003, entre outros), destacando a importância da agência do aluno nessa última perspectiva; no segundo serão abordados os estudos dos multiletramentos (ROJO, 2012, entre outros) e a pertinência de se utilizar filmes em sala de aula para a abordagem de aspectos socioculturais (STEFANI, 2010, entre outros).e no terceiro e último eixo discutiremos os estudos que discorrem sobre o uso de tecnologias digitais em processos educacionais, dando destaque ao conceito de gamificação.

No que diz respeito ao primeiro eixo, julgamos ser de grande importância discorrer sobre as premissas do Pós-Método, uma vez que nos pautaremos nele para a elaboração das aulas, bem como contextualizar brevemente as abordagens que antecedem esse método.

Acerca dos métodos de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, o primeiro empregado no Brasil, de acordo com Leffa (1999), foi o Gramática e Tradução. Como o nome já sugere, esse método propunha a aprendizagem a partir da tradução e tinha como objetivo possibilitar que o aluno lesse grandes obras da literatura da língua aprendida. Em seguida, em razão da preocupação com o desenvolvimento da compreensão auditiva, surge, no século XX, o Método Direto (LEFFA, 1999). Segundo Paiva (2005), o objetivo desse método era a

comunicação na língua alvo e a língua materna deveria ser evitada a qualquer custo. Anos depois, durante a segunda guerra, surge o método Áudio-oral, ou Áudio-lingual, que teve como influência a teoria do behaviorismo de estímulo e resposta e, portanto, partia-se do pressuposto de que se aprende uma língua por meio da automatização de hábitos (PAIVA, 2005).

A partir da Abordagem Comunicativa, até hoje muito utilizada em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, passa-se a compreender a língua não mais como somente um mecanismo que adquirimos para expressar conteúdos, mas como uma ferramenta capaz de transformar a realidade por meio das suas funções sócio comunicativas (LEFFA, 2012).

Em consequência da dificuldade de se aplicar alguns dos princípios de abordagens específicas, o Pós-Método surge como uma proposta complementar à Abordagem Comunicativa, conforme Vieira-Abrahão (2015). De acordo com Kumaradivelu (2012, apud Vieira-Abrahão, 2015), o Pós-Método caracteriza-se pela constituição dos três parâmetros a seguir: a particularidade, a praticidade e a possibilidade.

Por particularidade entende-se a sensibilidade do professor em reconhecer as necessidades e interesses de cada aprendiz ou grupo de aprendizes e adequar o seu material a eles. Já praticidade significa a capacidade do professor em elaborar teorias e melhorar as suas aulas por meio da sua experiência como docente, não se limitando, portanto, a estratégias canonizadas de métodos. O parâmetro da possibilidade, por outro lado, denota, segundo o autor, a aptidão do professor em despertar no aluno uma consciência social e identitária.

Dessa forma, pretendemos ter como um norte esses três parâmetros estipulados pelo Pós-Método durante o planejamento e a execução das aulas. Nessa perspectiva, (1) levaremos em consideração os objetivos e necessidades dos alunos ao longo das aulas para selecionar os materiais e atividades; (2) refletiremos constantemente sobre a nossa prática e tentaremos adequá-la e melhorá-la por meio dessa reflexão, conforme preconiza o paradigma da pesquisa-ação (Viana, 2007; Moita Lopes, 1996:187), sobre o qual discorreremos adiante na seção da metodologia; (3) e procuraremos estimular nos alunos, mediante o contato com a cultura alemã, um maior respeito à alteridade.

Ao longo da pesquisa iremos ainda buscar estudos que definem e ressaltam o importante papel da centralidade da aula no aluno e em sua agência.

No que concerne o segundo eixo, consideramos que os estudos dos multiletramentos contribuem fortemente para o desenvolvimento deste trabalho, posto que eles discutem sobre a importância do uso de diferentes linguagens e textos multimodais para um ensino multicultural. Por fim, dado que o curta metragem desempenhará nesta pesquisa um papel de grande relevância durante o processo de ensino, acreditamos que os estudos de Stefani (2010) e de Cruz, Souza e Lima (2006, apud STEFANI, 2010) sobre filme em sala de aula possam trazer grandes contribuições para a discussão aqui proposta.

Em relação a formação do aluno para o respeito à diversidade, consideramos que a teoria dos multiletramentos, tema do nosso segundo eixo, dialoga, sobretudo, com o parâmetro da possibilidade defendido pelo Pós Método. De acordo com Rojo (2011), o termo foi cunhado pelo grupo de Nova Londres (GNL) em 1996, após serem discutidos os problemas de violência gerados pela intolerância com a alteridade. Segundo a autora, o nome surgiu por meio da união entre o conceito de multiculturalidade e a variedade de recursos multisemióticos (tais como observamos na internet, como textos com imagens, hipertextos, vídeos, entre outros), que possibilitavam que os jovens naquela época - e hoje ainda mais - tivessem acesso a diversas informações, o que poderia acarretar, consequentemente, na formação desses jovens como cidadãos conscientes da pluralidade de culturas.

Julgamos a teoria dos multiletramentos relevante para a elaboração deste trabalho, porque, além da multiculturalidade e das diferenças culturais serem temas centrais nas discussões propostas para as aulas, também trabalharemos com diferentes linguagens e lançaremos mão de recursos multisemióticos, como os curtas metragens e a ferramenta Kahoot.

Posto que, como relatado anteriormente, utilizaremos curtas metragens como recurso didático, tomaremos como referencial teórico pesquisas que enfatizam a relevância do uso de filmes em sala de aula, como por exemplo, Stefani (2010).

Primeiramente, fundamentada em autores como Stephens (2001) e Cruz, Souza e Lima (2006), Stefani (2010) defende que o filme se apresenta “como conteúdo interessante e motivador para alunos de língua estrangeira” (p. 59), dado que, além de seu caráter de entretenimento, ele expõe situações da língua em uso, diferente do que se observa em exercícios e textos mecânicos de muitos livros didáticos.

Um outro aspecto pontuado por Stephens (2001, apud STEFANI, 2010) que valida a utilização de filme na sala de aula é que por meio dele o professor pode encorajar os seus alunos a exercer atividades comunicativas, como, por exemplo, narrar o que foi visto, comentar determinados pontos e, até mesmo, reproduzir e modificar uma cena.

Por outro lado, Stefani (2010) destaca que nesse aspecto a abordagem do professor é de suma importância e concordamos com ela, uma vez que consideramos o filme como um recurso em potencial para ser trabalhado em sala de aula e não como um objeto já acabado para fins didático-pedagógicos.

Por termos isso em vista, acreditamos que o Kahoot possa contribuir para transformar essa potencialidade didática dos curtas em conhecimento cultural e linguístico, e, logo, pretendemos desenvolver atividades com essa ferramenta que fomentem um ensino ativo.

Dado que o Kahoot se configura como um recurso tecnológico com caráter predominantemente lúdico, recorreremos a autores que versam sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e o fenômeno da gamificação na área da educação.

Acerca das TDICs, Moran (2004) sustenta que a educação de hoje em contraposição à de antigamente exige mais que apenas o aprendizado do conteúdo, o aluno precisa também desenvolver a sua autoestima e o seu autoconhecimento, evoluir a sua capacidade de inovar, criar e empreender, e se tornar cidadão consciente dos problemas sociais. Portanto, a tecnologia surge como meio para o professor elaborar atividades que não somente saiam da monotonia da sala de aula - fatal para a aprendizagem -, mas que também auxiliem na obtenção dessas capacidades almejadas pelo Pós Método, como relatado no primeiro eixo deste texto.

Além da importância das TDICs pelos motivos supracitados no processo de ensino aprendizagem, alguns autores reconhecem um outro potencial pedagógico dessas tecnologias, quando utilizadas para desenvolver e promover jogos. Essa prática denomina-se na literatura gamificação, a qual “significa a aplicação de elementos utilizados no desenvolvimento de jogos eletrônicos, tais como estética, mecânica e dinâmica, em outros contextos não relacionados a jogos” (Borges, 2013 apud Kapp, 2012).

Acreditamos, portanto, que o Kahoot se insere dentro dessa prática, uma vez que uma de suas modalidades é o Quiz. Porém, veremos que quando ele é utilizado na sala de aula, o seu maior objetivo deixa de ser ganhar uma competição (sendo essa apenas uma forte motivação para os alunos) e passa a ser, prioritariamente, construir os conhecimentos propostos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica adotada para esta pesquisa é de natureza qualitativa (André, 1995; Meirinhos e Osório, 2010), de base etnográfica (Cançado, 1994) e caracteriza-se como pesquisa-ação (Viana, 2007).

O contexto a ser investigado será constituído por cerca de oito aulas elaboradas com base em diferentes curtas metragem (a serem selecionados ainda), que serão realizadas em uma universidade do interior paulista como aulas especiais para os estudantes de Letras que optaram por essa modalidade como língua estrangeira. Será dada uma única aula em cada classe das disciplinas obrigatórias de Língua Alemã (Língua I, II, III, IV, dos cursos diurno e noturno). Sendo assim, os participantes da pesquisa serão, em sua maioria, estudantes de Letras, de faixa etária entre 18 e 25 anos, que têm conhecimentos distintos de alemão (dos níveis A1 a B1). A opção por este procedimento justifica-se pois pretendemos verificar o

impacto inicial dos alunos ocasionado pela associação da ferramenta Kahoot ao uso de curtas e a relação disso com o fenômeno da agência dos alunos.

Em relação aos instrumentos de pesquisa, serão utilizadas entrevistas gravadas em áudio e em vídeo, questionários preenchidos pelos alunos, entrevista com os docentes responsáveis pela disciplina e diário de campo do professor. Caso haja ainda dúvidas e questões a serem esclarecidas na análise dos questionários, lançaremos mão de uma nova fase de entrevista com os participantes. Os dados obtidos por meio desses instrumentos serão triangulados, de modo que os resultados da pesquisa tenham maior validação.

Devemos destacar que o pesquisador atuará de forma participativa durante a observação, posto que também será o professor que ministrará as aulas. A respeito disso, consideramos a pesquisa-ação o paradigma científico mais adequado para a elaboração deste trabalho, uma vez que, segundo Viana (2007), ela se trata de:

pesquisa desenvolvida por professores, abordando questões (problemas, preocupações, inquietações) oriundas da prática em sala de aula, visando/gerando melhoria no processo de ensino/aprendizagem e emancipação profissional, decorrentes de uma prática educacional crítico-reflexiva e investigativa contínua. (p. 235)

A essa emancipação profissional e da prática crítico-reflexiva e investigativa contínua, pontuadas por Viana (2007), que nos referimos, quando relatamos sobre o parâmetro da praticidade do Pós-Método. Desse modo, ao longo das aulas e da observação das necessidades dos alunos e da adequação das atividades elaboradas, procuraremos refletir sobre novas estratégias e teorias de ensino para serem utilizadas logo na aula seguinte.

Tendo isso em vista, nos basearemos no ciclo de investigação da pesquisa-ação proposto por Moita Lopes (1996:187, apud VIANA, 2007) para adotar os passos a serem seguidos durante a elaboração deste trabalho.

Para o autor, primeiramente o professor deve se familiarizar com os conceitos da pesquisa-ação. Em seguida, ele deve observar as suas aulas mediante instrumentos específicos desse paradigma científico, a fim de buscar uma questão a ser investigada. Tendo encontrado uma questão norteadora, o professor precisa, portanto, negociar quais desses instrumentos são os mais adequados para o seu propósito de pesquisa. Logo após seguirão as etapas de coleta e análise dos dados obtidos por meio dessa investigação, e, por fim, espera-se que o professor compartilhe o conhecimento resultante da sua prática investigativa.

Assim sendo, podemos afirmar que nos familiarizaremos com os métodos da pesquisa-ação, na medida em que faremos um levantamento bibliográfico a respeito desse paradigma. em seguida, investigaremos questões de apoio à nossa questão central por meio de aulas piloto. Logo que os instrumentos forem escolhidos com base no que foi observado nas aulas piloto, coletaremos os dados durante as aulas e os analisaremos de acordo com o caráter interpretativista da pesquisa qualitativa (André, 1998; Meirinhos e Osório, 2010).

Como modo de compartilhamento do conhecimento gerado por este trabalho, como previsto pelo ciclo de investigação de Moita Lopes (1996:187, apud Viana, 2007), os resultados serão publicados em forma de dissertação para obtenção do título de mestrado, além, naturalmente, de apresentações em congressos e seminários.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E DE RESULTADOS DO TRABALHO

Esperamos por meio deste trabalho ser possível compreender as potencialidades e os limites da ferramenta Kahoot para o ensino e aprendizagem ativos de língua estrangeira por meio de curtas metragens.

A RECEPÇÃO DA TRILOGIA CINQUENTA TONS: EMBATES IDEOLÓGICOS

Bárbara Melissa Santana (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito discutir sobre a recepção dialógica e a produção transmidiática do público do “Fenômeno Cinquenta Tons de Cinza”, título que denomina a trilogia erótica *Cinquenta Tons*, composta pelos livros *Cinquenta Tons de Cinza*, *Cinquenta Tons Mais Escuros* e *Cinquenta Tons de Liberdade*, de Erika Leonard James, bem como os filmes *Cinquenta Tons de cinza* (2015), dirigido por Sam Taylor-Wood e da sequência *Cinquenta tons mais escuros* (2017), dirigido por James Foley e a produção transmidiática do público das obras, a fim de pensar na construção de estereótipos de gênero masculino e feminino nessas produções. Considerando que a obra abarca demais tabus (tais como a sexualidade, o relacionamento abusivo entre as personagens e o sadomasoquismo) na sociedade contemporânea, propomos-nos a refletir sobre essas bases da narrativa e tomá-las como fio condutor para as questões de gênero a elas intrínsecas, tendo como ênfase a análise da reverberação de estereótipos de gêneros sexistas no texto e as respostas a eles por parte do público em redes sociais.

Muitas respostas nas redes sociais, por um lado, revelam o confronto de vozes sociais da vida. As postagens expõem posições de reafirmação dos valores sexistas expressos nas obras (como a romantização da submissão feminina na personagem Anastasia, por exemplo). Por outro lado, figuram respostas que se contrapõem a esse posicionamento e se propõem como possíveis discussões acerca dos estereótipos presentes na obra, bem como refletem sobre tabus que engendram as narrativas. Por vezes, esse conflito se dá em uma mesma postagem (num mesmo comentário, por exemplo, de maneira contraditória), o que revela o embate calcado nas relações entre os sujeitos. O elemento de interesse da análise aqui proposta se centra na riqueza existente nas respostas à obra, nessa arena de “índices de valor contraditórios” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 1997, 46) imbricada nas respostas à trilogia. Assim sendo, o objeto de análise se compõe das postagens e produções sobre a trilogia nas redes sociais *Tumblr*, *Facebook*, *Youtube*.

A hipótese inicial de pesquisa nos leva a questionar como o público responde às imagens de feminino e masculino na obra fílmica e aos estereótipos de cunho patriarcal que constroem as personagens. Tendo em vista a formação dialógica do sujeito, olhamos para a construção dessas identidades de gênero como um processo dado na arte e na vida, histórica e dialogicamente. Em um movimento de refração e reflexão entre a arte, a vida e os sujeitos nelas envolvidos, o sujeito telespectador, leitor, fã ou potencial público que responde a esse enunciado também participa do processo cultural de construção das obras e dos estereótipos de gênero. Por essa razão, a presente proposta se justifica por se dispor a analisar a reverberação de estereótipos de gênero e a construção dos sujeitos que respondem ao longa metragem nas redes sociais. Sem alibi da existência, o sujeito da vida tem um espaço demarcado culturalmente que fala sobre ele. Desses lugares sociais por ele ocupados se manifestam juízos de valor (ideológicos) que denotam sobre ele e sobre a sociedade que o contorna, pois ele é um sujeito social e histórico. Por essa perspectiva, analisar as respostas do público ao filme é um trabalho que nos levará a olhar para a constituição patriarcal de nossa sociedade, ideologias e vozes sociais que constroem o sujeito contemporâneo.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta proposta de pesquisa é refletir sobre a relação produção e recepção de enunciados, tomados como respostas que revelam juízos de valor, no caso da temática estudada, acerca da concepção de gêneros. Os objetivos específicos se referem à análise dialógica da produção da recepção da trilogia *Cinquenta Tons* no que diz respeito à reverberação de estereótipos de masculino e feminino nas respostas do público nas redes sociais, tendo em vista a relação existente entre a retratação desses estereótipos na obra e o contexto sociocultural da sociedade contemporânea assim como tentar compreender os conflitos ideológicos existentes na relação público e obra, tendo em vista a contextualização sócio-histórica dessas manifestações culturais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente proposta de pesquisa se fundamenta nos estudos do Círculo de Bakhtin, em especial nas concepções de dialogia, sujeito, signo ideológico, enunciado e gênero discursivo. O ponto embrionário de nossas reflexões teóricas sobre o *corpus* de pesquisa é a dialogicidade dos estudos bakhtinianos, já que propomos uma pesquisa analítica que parte de enunciados, bem como suas materialidades constituintes e se volta aos aspectos sociais, sempre, refletidos e refratados na linguagem. Tendo em vista que pretendemos analisar postagens em redes sociais que respondem à trilogia *Cinquenta Tons*, partimos de enunciados da mídia e dialogamos com as obras artísticas componentes da trilogia. Nesse movimento de análise, mobilizaremos os escritos bakhtinianos no que concerne ao estudo do enunciado, sujeito, ideologias e diálogo, com o propósito de analisar as identidades de gênero masculino e feminino construídas pelos sujeitos e discursos em questão.

Em primeiro lugar, o arcabouço para o estudo do gênero fílmico e de postagens em redes sociais é dado pela teoria bakhtiniana a partir das considerações do Círculo sobre o conceito de gênero discursivo. Olhamos para os enunciados fílmicos e para as produções do público na mídia como exemplares de tipos de enunciados relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011, p. 262) que engendram gêneros discursivos. Os gêneros discursivos se dão, por sua vez, em campos de atividades sociais e dialogam com o espaço e o tempo contextuais que os delineiam. Faremos esse movimento porque entendemos que os enunciados mantêm uma relação de diálogo com a vida ética de seu momento de produção. Tudo aquilo que é falado no enunciado, todo ato enunciativo semiotiza valorações da vida e traz em si vozes sociais do mundo ético.

Os conflitos organizacionais da sociedade, a desigualdade de gênero, as diferenças de classe social e demais fatores ideológicos são aspectos que incorporam os enunciados, pois consoante às palavras do próprio Mikhail Bakhtin, “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (2011, p. 268). No enunciado, irrompem-se ideologias e valorações do contexto de produção da enunciação. Considerando a trilogia *Cinquenta Tons* e as respostas do público materializadas nas redes sociais, mesmo que tratemos de gêneros discursivos divergentes, ao olharmos para esses enunciados, encontramos com reverberações ideológicas da vida. Os traços machistas que compõem as personagens e o enredo da obra são enfatizados como “verdades” ou debatidos como valores a serem rompidos. Tomados como “fatos sociais”, eles se tornam elementos discursivos que refletem e refratam vozes do contra o patriarcado latente nas relações entre gêneros masculino e feminino representadas nas obras.

Como enunciado dado na esfera artística, a obra incorpora valores da vida. Os conflitos ideológicos da vida transcendem no enunciado artístico. A arte, como elemento social, sofre as manifestações culturais da sociedade, assim como também é uma manifestação cultural. Em um movimento dialógico, o embate de ideologias da arte e da vida se constrói mutuamente em um movimento dialético. Consoante às palavras de Voloshinov, o contexto “extra-artístico” influencia a arte e é respondido pela arte, pois

O meio social extra-artístico, a influenciar a arte desde o exterior, encontra nela uma resposta imediata e interna. Na arte o que não é alheio atua sobre o alheio, e uma formação social influencia sobre outra. (VOLOCHÍNOV, 2011, p. 147)

As obras constituintes da trilogia *Cinquenta Tons* são produções artísticas construídas a partir de valorações sociais, históricas e culturais que as contextualizam e os aspectos ideológicos que contextualizam o espaço-tempo dessas produções são elementos que constroem e produzem os sentidos nesses e desses discursos.

O mundo estético e o mundo ético se constroem em meio a essas intersecções ideológicas e culturais. O conteúdo da vida passa a ser o conteúdo da arte e vice e versa, em um movimento de responsivo e responsável. O diálogo entre vida e arte como uma via de

mão dupla incessante (dos sujeitos da vida para a obra e da obra de volta para os sujeitos) é o que constrói tanto a cultura quanto o sujeito. Esse vivo e incansável diálogo abarcado pela teoria bakhtiniana justifica nossa fundamentação teórica estar pautada nos estudos do Círculo, já que por meio dela, temos arcabouço para analisar a construção ideológica dos enunciados que respondem à obra, bem como pensar a partir de tais respostas, sobre a construção desses sujeitos (e) enunciados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Propomos uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo, composta por percursos de descrição e análise que partem do texto/ discurso e o veem em articulação com as formas genéricas, relativamente estáveis. Consoante à metodologia proposta por Paula et al. (2011), o curso deste trabalho se dá em três etapas: descritiva, analítica e interpretativa. Para atingir os objetivos propostos anteriormente, seguiremos, metodologicamente, essas três etapas, tendo em vistas que elas dialogarão entre si e não se dividirão em limiares estanques.

A primeira etapa, descritiva e de coleta, será pautada na coleta e delimitação do corpus de análise, bem como em desenvolver reflexão teórica das obras do Círculo de Bakhtin, a partir de escritos do próprio Círculo bem como estudos de pesquisadores da área como Paula, Amorim, Marchezan, Tihanov, Fiorin, Brait, Brandist, Ponzio, Stam, Grillo, Faraco, Geraldí, Zavala, e demais nomes. Além do alicerce teórico, a primeira etapa também abrange a reflexão histórica que envolve o *corpus* analisado, com vistas a pensar sobre a construção das identidades de gênero feminino e masculino em best-sellers e filmes produzidos a partir das obras tomadas como objeto desta pesquisa. Para o trabalho de coleta do *corpus* de análise, propomos utilizar as redes sociais *Tumblr*, *Facebook* e *Youtube*, nos períodos específicos de divulgação das obras romanescas e fílmicas. Essa escolha que se justifica por serem o *Tumblr*, o *Facebook* e o *Youtube* as redes sociais de maior repercussão do “Fenômeno Cinquenta Tons”.

A segunda etapa de trabalho se volta à verbivocovisualidade (termo utilizado por Paula em sua pesquisa, em andamento, no prelo) do *corpus*, tendo em vista a análise dos elementos verbais, visuais, sonoros e vocais constituintes da obra como base para análise de seus elementos translinguísticos, ideológicos e sociais. Na terceira etapa, interpretativa, teremos como foco a análise dialógica do *corpus* coletado em articulação com a contextualização histórica das obras e a teoria dialético dialógica do Círculo de Bakhtin. Examinaremos as manifestações ideológicas que se articulam socialmente com *Cinquenta Tons de Cinza* e *Cinquenta Tons mais Escuros*, por meio de vozes sociais em embate nas identidades de gênero feminino e masculino apresentadas na obra. Nessa etapa, temos em vistas defender um ponto de vista bakhtiniano para o estudo de gêneros masculino e feminino partindo da análise do material coletado, no intuito de pensar como é a aceitação ou repúdio a esses estereótipos de gênero e como se constroem os sujeitos nessa relação.

Entendemos que as três etapas não se desenvolvem desconectadamente, cada uma a sua vez, porém andam juntas, dialogando e construindo-se mutuamente, já que, de acordo com o método dialético-dialógico (PAULA, L.; FIGUEIREDO, M. H.; PAULA, S. L., 2011), uma resposta sempre abre espaço a demais respostas e relações dentro do texto, assim como texto e vida não se dissociam.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista que a presente pesquisa de doutorado se encontra em seu primeiro trimestre de desenvolvimento, não dispomos, no momento, de resultados finais ou parciais, já que nos vemos ainda em fase de coleta de *corpus* e reflexões a partir das etapas de coleta. Entretanto, de acordo com nossa hipótese inicial, esperamos, com o desenvolvimento dessa pesquisa, compreender como se compõem ideologicamente, dentro do embate dialético-dialógico entre obra e público, mundo estético e mundo ético, as respostas à trilogia *Cinquenta Tons* no que concerne à reverberação de estereótipos de gênero masculino e feminino. .

UM ESTUDO DOS GRAUS DE EQUIVALÊNCIA DOS TERMOS RECORRENTES EM CERTIDÕES DE CASAMENTO BRASILEIRAS E FRANCESAS

Beatriz Curti (UNESP/SJRP – Bolsista FAPESP)

INTRODUÇÃO

O compartilhamento de informações (especializadas ou não) em diferentes línguas é realizado, sobretudo, por meio da tradução. Nesse sentido, “a tradução tem por objetivo reproduzir o conteúdo de um texto em outro texto, vasado em outra língua, sendo tal reprodução constituída pela equivalência de sentido” (CAMARGO, 1993, p. 15). Em outras palavras, ao realizar seu trabalho, o tradutor re-escreve um texto de uma língua de partida (LP) em uma língua de chegada (LC).

Nesse sentido, propomo-nos, em nossa pesquisa de Doutorado, que segue a linha de nossos estudos que se iniciaram em nível de IC e continuaram no Mestrado, como um de nossos objetivos principais, a elaboração de um glossário bilíngue com os termos recorrentes no domínio das certidões de casamento civil brasileiras e francesas. Assim, esperamos auxiliar interessados na área do Direito e tradutores por meio do glossário bilíngue português-francês do domínio supracitado.

Nesse sentido, parte de nossa investigação consiste em cotejar os dados dos termos que constam no glossário monolíngue francês do domínio das certidões de casamento civil francesas desenvolvido na IC com os dados terminológicos do glossário monolíngue português do domínio das certidões de casamento civil brasileiras elaborado no Mestrado. Para tanto, fundamentamo-nos na Terminologia Bilíngue (AUBERT, 1996; DUBUC, 1985; dentre outros) para propor os graus de equivalência entre os termos. Além disso, baseamo-nos no Direito e na História da França e do Brasil com o intuito de verificar os aspectos socioculturais que subjazem ao conjunto terminológico estudado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos científicos e técnicos têm-se desenvolvido de forma cada vez mais acelerada. A divulgação dessas pesquisas em qualquer língua é feita por meio de textos, os quais apresentam traços que lhes são característicos em “nível sintático, semântico, pragmático, semiótico e, sobretudo, lexical, uma vez que é principalmente por meio de uma terminologia própria que esse tipo de texto veicula os conhecimentos especializados” (BARROS, 2007, p.9).

Nesse sentido, estudar as terminologias das áreas de especialidade é fundamental, na medida em que os resultados dessas investigações podem auxiliar nesse processo de divulgação. Por *área de especialidade* entendemos as áreas técnicas, científicas ou temáticas. O campo de estudos da Terminologia são as chamadas *linguagens de especialidade*, as quais podem ser definidas como “sistemas de comunicação oral ou escrita usados por uma comunidade de especialistas de uma área particular do conhecimento” (PAVEL; NOLET, 2003, p. 124). As linguagens de especialidade possuem um léxico especializado por meio do qual uma determinada área do saber transmite seus conhecimentos.

O termo *terminologia* é constituído por dupla-significação: “ele tanto pode significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 13). Assim sendo, consideramos *terminologia*, neste trabalho, nesses dois sentidos. Com o intuito de diferenciá-los, a aceção de *campo de estudos das terminologias*, será grafada com *T* maiúsculo, e a aceção de *conjunto de termos por meio dos quais os textos das áreas de especialidades exprimem seus conceitos*, será expressa com *t* minúsculo.

O objeto de estudo da Terminologia é o *termo* concebido no âmbito deste trabalho como uma unidade linguística, cuja expressão e conteúdo são inseparáveis (signo linguístico/unidade linguística). A Terminologia é uma área científica interdisciplinar que interage com outras ciências, como explica Barros (2004, p. 34):

os estudos terminológicos fornecem as bases teóricas e metodológicas para inúmeras pesquisas, tendo aplicações no ensino das línguas (materna e estrangeira), na tradução, na elaboração de obras terminográficas (dicionários especializados), no ensino de disciplinas técnicas e científicas, na documentação, no jornalismo científico, nas ciências sociais, na transferência do saber técnico e científico, na produção industrial e nas políticas linguísticas.

Vemos, assim, a abrangência da Terminologia no que tange às possibilidades de aplicação em outras áreas. Por seu desenvolvimento estar em um *crescendum* nas últimas décadas, essa área do saber tem apresentado novos modelos, cuja principal aplicabilidade, atualmente, dá-se no campo da Tradução. Sabe-se que o tradutor, ao trabalhar com textos técnicos e científicos, precisa atentar para a identificação de termos, os quais expressam conceitos específicos de determinada área de especialidade, com a finalidade de conseguir encontrar um equivalente terminológico na língua de chegada.

Nesse sentido, os estudos em Terminologia se dividem em duas vertentes principais. A *Terminologia Monolíngue* diz respeito à ordenação e à sistematização dos termos do ponto de vista intralingual, bem como dos conceitos que esses denominam em determinado campo do saber, com o fim de delimitar o conteúdo conceitual de cada uma das unidades terminológicas e tratá-las do ponto de vista linguístico e sociolinguístico. (VEGA, 1996)

Por sua vez, a *Terminologia Bilíngue* (ou *Multilíngue*) abrange pesquisas realizadas do ponto de vista interlingual, ou seja, o terminólogo tem de encontrar, com base no estudo semântico-conceitual dos termos de determinada língua vernácula, seus equivalentes em uma ou mais línguas estrangeiras. (VEGA, 1996)

No âmbito deste trabalho, consideramos que a “equivalência terminológica é a chave da terminologia multilíngue e que a estruturação da realidade de uma língua de especialidade pode não coincidir em línguas diferentes, especialmente em campos pouco estruturados, como os das ciências humanas ou sociais”¹ (CABRÉ, 1993, p. 107, tradução nossa). Assim, entendemos que as equivalências entre as línguas não existem de modo perfeito.

Nesse sentido, consideramos que as equivalências se dão em graus diferentes e, com base em Dubuc (1985), os termos são *equivalentes* (totais) quando “possuem uma identidade completa de sentido e de uso no interior de um mesmo domínio de aplicação” (DUBUC, 1985, p. 55). Outra possibilidade são os termos *correspondentes* (ou *equivalentes parciais*), que existem quando “o termo da língua de partida (LP) recobre o campo de significação do termo da língua de chegada (LC) e vice-versa ou, ainda, quando um dos termos se situa em um nível de língua diferente de seu homólogo da outra língua” (DUBUC, 1985, p. 55). Por último, o autor considera os *vazios de equivalência* ou de *correspondência*, ou seja, quando não há qualquer grau de equivalência, nem total, nem parcial.

Em Terminologia Bilíngue, esse estudo é feito por meio da identificação de *ganchos terminológicos*, entendidos aqui como “os descritores comuns aos contextos que acompanham os termos-entrada em uma ficha terminológica”² (DUBUC, 1985, p. 72, tradução nossa). *Descritores* são, nesse sentido, “os elementos reveladores do conceito presentes no contexto”³ (DUBUC, 1985, p. 62, tradução nossa).

Além da análise dos ganchos terminológicos, organizamos a terminologia do domínio das certidões de casamento brasileiras e francesas em um sistema conceitual. Assim, conseguimos ter uma melhor visão da relação interconceitual dos termos estudados, o que ajuda na identificação dos equivalentes.

¹ No original: *La equivalencia terminológica es la clave de la terminología multilingüe e que la estructuración de la realidad de una lengua de especialidad puede no coincidir en dos lenguas distintas, especialmente en campos poco estructurados como los de las ciencias humanas o sociales.*

² No original: *(...) les descripteurs communs aux contextes accompagnant les vedettes d'une fiche terminologique.*

³ No original: *(...) des éléments révélateurs de la notion contenus dans le contexte.*

METODOLOGIA

Em investigações anteriores (IC e Mestrado), o levantamento do conjunto terminológico das certidões de casamento brasileiras e francesas se deu sobre um *corpus* textual, aqui entendido como um “conjunto de textos selecionados que serve de base para uma análise terminológica” (PAVEL; NOLET, 2003, p. 119). Para constituirmos os dois *corpora* textuais, um em francês (CCFCorpus) e outro em português (CCBCorpus), digitamos 455 certidões que foram adquiridas graças a colaboradores e à internet. Para armazenar os *corpora*, usamos o programa de tratamento de dados textuais e lexicais *Hyperbase* (BRUNET, 2015). Com o auxílio da ferramenta *concordance* desse programa, fizemos o levantamento dos candidatos a termos em português e em francês e aprofundamos nossas análises sobre a terminologia contida no *corpus*.

A identificação dos termos do domínio das certidões de casamento brasileiras e francesas foi realizada, sobretudo, segundo o critério da relevância semântica, que considera a importância (ou não) desse termo para o campo de estudos, independente da frequência atingida pelo termo no *corpus* estudado. Adotamos, outrossim, os critérios apresentados por Barros (2007), utilizados, em Terminologia, para se verificar o grau de lexicalização dos sintagmas terminológicos e para determinar os limites das unidades terminológicas sintagmáticas (BARROS, 2007, p. 42-50).

Uma vez concluída essa fase do trabalho, cotejamos todos os dados contidos nos dois glossários (monolíngue francês da IC com o monolíngue português do Mestrado) a fim de elaborar um único glossário bilíngue. Para tanto, procedemos às análises que nos permitiram estabelecer as equivalências dos termos levantados em ambas as línguas.

Para estabelecermos os graus de equivalência em nossa investigação, realizamos uma análise semântico-conceitual dos termos em português e em francês do domínio das certidões de casamento. Essa análise se dá, sobretudo, por meio da comparação entre os contextos de uso dos termos recorrentes nas certidões de casamento brasileiras e francesas e as definições dessas unidades terminológicas encontradas em dicionários jurídicos.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

É importante dizer que a análise semântico-conceitual dos termos, realizada com o intuito de estabelecer os graus de equivalência, ainda se encontra em fase de execução. Assim, apresentamos algumas considerações a respeito das observações que fizemos até o momento.

Com relação aos graus de equivalência, notamos a ocorrência de equivalentes totais, ou seja, de termos que apresentam o mesmo conceito, o mesmo uso e o mesmo nível sociolinguístico (DUBUC, 1985). A título de exemplificação, temos *casamento civil* e *mariage civil*. Esses dois termos denominam o mesmo conceito de *uniões matrimoniais celebradas no âmbito da lei e que garantem direitos e deveres aos cônjuges* e apresentam o mesmo uso e o mesmo nível sociolinguístico nos documentos analisados.

Observamos, ainda, a ocorrência de equivalentes parciais que representam os casos em que um dos critérios (conceito, uso e nível sociolinguístico) propostos por Dubuc (1985) não é atendido. Como exemplo, mencionamos os termos *ata* e *procès-verbal*. Ambos denominam o mesmo conceito de *documento que registra por o que ocorre em certas reuniões ou solenidades* e apresentam o mesmo nível sociolinguístico, já que ocorrem no domínio do Direito. No entanto, esses termos não têm o mesmo uso, uma vez que, contrariamente a *ata*, *procès-verbal* não ocorreu em nenhuma das certidões de casamento francesas de nosso *corpus*.

Por fim, também encontramos alguns termos que não apresentam equivalentes. É o caso do termo *casamento religioso com efeito civil* que “é o celebrado por ministro de culto religioso, seja católico, protestante, ortodoxo, israelita etc., com efeitos civis, desde que haja habilitação prévia ou posterior” (DINIZ, 2005, p. 624). No entanto, essa realidade não existe na cultura francesa. Na França, é legalmente impossível que o casamento religioso possa ser reconhecido como civil. Assim, o casamento religioso é opcional e o civil, obrigatório.

Nossos próximos passos consistem em concluir as análises que nos permitem estabelecer os graus de equivalência do conjunto terminológico do domínio das certidões de

casamento brasileiras e francesas e em estudar os aspectos socioculturais que subjazem aos termos com base no Direito e na História da França e do Brasil.

Em seguida, organizaremos os dados sobre esses termos em português e em francês (tais como definição, contextos de uso, categoria gramatical, marcas de uso, etc.) em forma de um glossário bilíngue. Aqui, entendemos *glossário* como uma lista sistematizada em ordem alfabética dos termos e seus respectivos dados terminológicos em português e em francês.

A TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS JUNTORES CONCESSIVOS *AUNQUE*, *A PESAR DE (QUE)* E *POR MUCHO QUE* NO ESPANHOL PENINSULAR

Beatriz Goaveia Garcia Parra (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Em estudo anterior a nível de mestrado (Parra, 2016), foram analisados os diferentes usos do juntor concessivo *aunque* em textos falados e escritos do espanhol peninsular, utilizando o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Nesse estudo, observamos que as orações concessivas iniciadas por *aunque* podem pertencer tanto ao Nível Representacional, considerado o nível das representações semânticas, como ao Nível Interpessoal, responsável pelas representações pragmáticas.

Enquanto unidade do Nível Representacional, as orações concessivas iniciadas por *aunque* representam Conteúdos Proposicionais, isto é, construtos mentais como conhecimentos e crenças que podem ser avaliados de acordo com seu caráter de verdade. Já no Nível Interpessoal, a oração iniciada por *aunque* pode corresponder a duas unidades: um Ato Discursivo ou um Movimento. Na camada do Ato Discursivo, a concessão representa uma função retórica que se estabelece entre dois Atos, de modo que o Ato Subsidiário atua como uma ressalva ao Ato Nuclear. Por sua vez, as orações concessivas de Movimento caracterizam-se por introduzir um novo tópico discursivo ou inserir um comentário do falante.

Visto que os três diferentes tipos de orações iniciadas por *aunque* no espanhol atual apresentam diferentes graus de dependência semântico-sintática com uma oração principal, o que indica um nível crescente de abstratização do juntor e subjetivização do seu contexto de uso, os resultados obtidos levam-nos a propor os seguintes questionamentos:

- (i) Esses tipos concessivos representam uma trajetória de gramaticalização para o juntor concessivo *aunque*?
- (ii) Se comprovada, essa trajetória também se estenderia a outros jutores concessivos do espanhol?

Assim, nesta pesquisa em nível de doutorado, analisaremos a diacronia dos jutores concessivos *aunque*, *a pesar de* e *por mucho que* a fim de comprovar uma possível trajetória de gramaticalização que parta de um uso mais semântico para usos mais pragmáticos desses jutores. Para tanto, recorreremos ao modelo teórico da GDF, que nos permite observar a atuação dos jutores em níveis e camadas mais amplos do que o oracional, juntamente com os trabalhos em gramaticalização, que nos fornecerão os mecanismos necessários para justificar o processo de evolução desses jutores. Assomamos a *aunque* a análise de *a pesar de* e *por mucho que* a fim de verificar se os resultados obtidos inicialmente para *aunque* correspondem a uma tendência entre os jutores concessivos do espanhol.

A relevância desta pesquisa reside, portanto, no fato de objetivar uma descrição sistemática da evolução diacrônica de *aunque*, *a pesar de* e *por mucho que* que, ao unir o arcabouço da GDF aos estudos em gramaticalização, propõe uma trajetória de gramaticalização que pode contribuir para um entendimento mais abrangente dos usos de tais jutores no espanhol peninsular atual.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise diacrônica dos jutores concessivos *aunque*, *a pesar de* e *por mucho que*, considerados os principais jutores concessivos do

espanhol peninsular atual, a fim de propor uma trajetória de gramaticalização que considere seus usos não apenas no domínio semântico, estabelecendo uma relação de dependência semântica entre duas unidades linguísticas, mas também no domínio pragmático, representando estratégias interpessoais.

Tendo em vista os resultados de Parra (2016), mencionados anteriormente com relação ao juntor *aunque*, e utilizando o arcabouço teórico da GDF, assumimos como hipótese de trajetória de gramaticalização o seguinte *cline* de abstratização de sentido para esses três juntores:

Conteúdo proposicional > Ato Discursivo > Movimento
(Nível Representacional) (Nível Interpessoal)

Conforme esquematizado por esse *cline*, a hipótese que motiva nossa investigação é a de que tais juntores partem de um nível maior de dependência semântico-sintática entre as unidades relacionadas (Nível Representacional) até um nível em que a relação existente entre o conteúdo introduzido pelo juntor e o conjunto de enunciados anteriores só pode ser verificada pragmaticamente (Nível Interpessoal).

A escolha desses três juntores está baseada em dois critérios: a frequência e a origem. Em levantamento prévio, observamos que, dentre os juntores concessivos do espanhol atual apontados por Flamenco García (1999), *aunque* é o juntor mais frequente, seguido por *a pesar de* e *por mucho que*, respectivamente.

O critério relacionado à origem do juntor concessivo tem por base o estudo de König (1994), que elenca algumas fontes para o desenvolvimento de juntores concessivos. Os juntores a serem analisados pertencem a fontes distintas: *aunque* origina-se de juntores temporais/condicionais, *a pesar de* origina-se de uma expressão depreciativa e *por mucho que* origina-se de um quantificador.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa assume como modelo teórico a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), elaborado por Hengeveld e Mackenzie (2008). A GDF constitui um modelo de descrição gramatical organizado em níveis e camadas hierarquicamente dispostos. Tal modelo é condizente com os propósitos desta pesquisa uma vez que, por adotar como unidade básica o Ato Discursivo, permite investigar as propriedades pragmáticas e semânticas que norteiam os contextos de atuação dos juntores concessivos e identificar o modo como tais propriedades interferem na codificação morfossintática dos enunciados.

Associamos à GDF o paradigma teórico da Gramaticalização (GR), definida por Hopper e Traugott (2003, p. 19) como o estudo das formas gramaticais vistas não como objetos estáticos, mas como entidades que sofrem mudança. Considerando que a mudança linguística nunca ocorre de forma abrupta, mas sim de forma gradual, os estágios de mudança podem ser esquematicamente dispostos em um *cline*, isto é, uma linha imaginária que indica as transições graduais assumidas pelas formas linguísticas. De acordo com Hopper e Traugott (2003, p. 6), sincronicamente, um *cline* revela um contínuo de valores de um item que convivem em um espaço temporal definido; já quando utilizado diacronicamente, o *cline* ilustra o caminho de desenvolvimento do item ao longo do tempo.

O trajeto descrito em um *cline* de gramaticalização tende a seguir o princípio da unidirecionalidade, de forma que as unidades linguísticas analisadas se desenvolvam da esquerda para a direita, sendo as unidades à esquerda menos gramaticais das que as da direita. De acordo com Hopper e Traugott (2003, p. 16), a unidirecionalidade da mudança *menos gramatical > mais gramatical* é um princípio fundamental para a GR, uma vez que permite a identificação de universais linguísticos.

No contexto desta pesquisa, a teoria da GR é relevante por permitir identificar usos mais antigos e mais recentes de um mesmo item linguístico de maneira gradual e sistemática. A trajetória de gramaticalização que propomos no *cline* expresso anteriormente está baseada nos trabalhos de Traugott (1997), que defende o caráter mais gramaticalizado dos marcadores

discursivos ao reconhecer que neles ocorre um aumento de função pragmática e maior subjetivização. Tais processos de pragmatização e subjetivização, por sua vez, estão associados ao mecanismo da metáfora, que converte os usos mais concretos de um item em usos mais abstratos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o levantamento diacrônico das ocorrências, utilizaremos o *Corpus diacrónico del español* (CORDE), organizado pela *Real Academia Española*, como a fonte de dados a ser consultada. A análise da sincronia atual dos juntores será complementada por um conjunto de amostras de fala extraído do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*) e por uma seleção de editoriais publicados pelo jornal espanhol *El País*.

Os seguintes parâmetros de análise foram definidos por permitirem uma investigação das propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas das orações introduzidas pelos juntores concessivos a serem analisados:

- a) Usos dos juntores concessivos: Nesta pesquisa, levantar os diferentes usos dos juntores concessivos representa o critério principal em função do qual se dará a análise dos outros critérios. Com base em Bybee (2003), a análise das ocorrências observará tanto a frequência *token* como a frequência *type* dos juntores concessivos. Tomando o arcabouço da GDF, partimos da hipótese de que são três os *types* possíveis para esses juntores: Conteúdos Proposicionais, Atos Discursivos e Movimentos.
- b) Factualidade da oração concessiva: De acordo com Pérez Quintero (2002), a factualidade representa um parâmetro independente, aplicável a todos os tipos de entidades linguísticas, e que distingue as orações em factuais e não-factuais. Segundo a autora, orações factuais apresentam uma Propriedade aplicável, um Estado-de-Coisas real, um Conteúdo Proposicional verdadeiro ou um Ato Discursivo assertivo, enquanto as orações não-factuais descrevem uma Propriedade não-aplicável, um Estado-de-Coisas não-real, um Conteúdo Proposicional não-verdadeiro ou um Ato Discursivo não-assertivo.
- c) Pressuposição do conteúdo da oração concessiva: Com base em Pérez Quintero (2002, p. 55), definimos pressuposição como as estratégias que um falante assume para a codificação de sua mensagem, tendo em vista o que ele imagina compor o conhecimento de seu ouvinte. Assim, é considerada pressuposta a informação que o falante expressa como sendo dada, isto é, como já sendo conhecida pelo ouvinte por ter sido enunciada anteriormente na interação, por fazer parte do contexto situacional, ou porque o falante supõe que tal informação já faça parte do conhecimento de mundo do seu interlocutor. Já a informação não-pressuposta é aquela que o falante apresenta como sendo nova para o ouvinte por não ter sido enunciada anteriormente, por não ser recuperável no contexto situacional ou porque o falante imagina que tal informação ainda não faça parte do conhecimento de mundo do seu interlocutor.
- d) Modo verbal da oração concessiva: Como afirmado na gramática da RAE (2009), existe uma relação entre factualidade, pressuposição e o modo verbal utilizado nas orações concessivas. Orações concessivas factuais podem ocorrer no indicativo ou no subjuntivo, sendo que, nesse contexto, o uso do indicativo está relacionado à transmissão de informação não-pressuposta, enquanto o uso do subjuntivo está vinculado a uma informação pressuposta. Por sua vez, as orações concessivas não-factuais apresentam o subjuntivo como sendo o modo verbal prototípico em razão de seu aspecto não-assertivo, impedindo que a informação transmitida seja avaliada como verdadeira ou falsa. (RODRÍGUEZ ROSIQUE, 2012, p. 112).
- e) Referência temporal das orações concessivas: Segundo Flamenco García (1999, p. 3826), *aunque* e *a pesar de que* acompanham todas as formas verbais do sistema modo-temporal do espanhol, seja do indicativo, seja do subjuntivo, enquanto *por mucho que* somente ocorre com os tempos do subjuntivo. Este estudo assume a análise do tempo como sendo a análise da referência temporal expressa pela forma verbal codificada na oração concessiva. Consideramos que as formas verbais empregadas nas orações

concessivas podem fazer referência temporal de passado, presente ou futuro a depender do contexto de uso dessa oração.

- f) Posição ocupada pela oração concessiva: Flamenco García (1999) considera que a posição ocupada pelas orações concessivas também pode relacionar-se com a pressuposição de seu conteúdo. Quando a oração concessiva está anteposta à principal, geralmente apresenta uma informação pressuposta; já quando a oração concessiva aparece posposta, o falante introduz uma informação nova a fim de evitar uma possível objeção. Neves (1999), por sua vez, defende que a posposição da oração concessiva também serve para marcar a função adendo, que insere argumentos novos a um enunciado aparentemente concluído. A esse respeito, Decat (1999) observou que as orações adverbiais do português, quando dependentes semântica e sintaticamente da principal, tendem a ocorrer antepostas a ela, já as adverbiais independentes aparecem frequentemente pospostas.

Com base nesses parâmetros, buscaremos determinar os diferentes graus de dependência entre a oração concessiva e a sua oração principal, visto que, quanto mais independente semântica e sintaticamente for a oração concessiva, mais abstrato e subjetivo será o seu uso e, conseqüentemente, maior será o grau de gramaticalização do juntor utilizado.

PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO

O projeto apresentado encontra-se no seu segundo ano de desenvolvimento. Já comprovamos, para a sincronia atual, a existência de orações pertencentes às camadas do Conteúdo Proposicional, do Ato Discursivo e do Movimento introduzidas pelos três jutores. Com a análise diacrônica, pretendemos comprovar a hipótese de que esses jutores tenham, em um primeiro momento, introduzido orações de Conteúdo Proposicional, para, posteriormente, iniciar orações de Ato Discursivo e, em seguida, de Movimento. Esperamos identificar propriedades morfossintáticas que caracterizem cada um desses tipos de orações e que comprovem o menor grau de dependência semântico-sintática das orações concessivas do Nível Interpessoais em comparação com as orações concessivas do Nível Representacional.

A EXPRESSÃO VARIÁVEL DE FUTURO EM CARTAS DE LEITORES DA DÉCADA DE 20 Camila Bordonal Clempi (UNESP/Araraquara)

Sabe-se que a língua é inerente a todo ser humano e, portanto, é intrinsecamente ligada a fatores históricos e sociais, o que a faz heterogênea, multifacetada e capaz de criar intercambialidade nos níveis morfológico, fonético-fonológico, sintático, lexical e semântico, sem modificar o sentido do que é escrito ou dito. No Português Brasileiro (doravante PB) há diversos exemplos de estruturas linguísticas que se equivalem e que são motivadas por condicionadores extralinguísticos, como a variação de formas verbais referentes ao futuro-foco deste Projeto de Mestrado. A variação de futuro ocorre principalmente a partir das alternâncias entre a forma simples (Futuro do Presente do Indicativo – forma conservadora) e a forma perifrástica (verbo IR + infinitivo – forma inovadora), além da forma do Presente do Indicativo para expressar futuro, variantes já verificadas e analisadas em estudos como o de Baleeiro (1988), Silva (1997), Oliveira (2006), dentre outros. Este trabalho visa contribuir para a caracterização sociolinguística do tempo futuro no PB, especificamente na modalidade escrita da língua, e possui como aparato metodológico a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2016 [1972]). O principal objetivo é verificar em que estágio a variação se encontrava e investigar a correlação entre a expressão de futuro e o sexo/gênero do usuário da língua na escrita de cartas de leitores da década de 20, época de transformações históricas e sociais – como a urbanização das cidades, por exemplo, em que houve a reestruturação da vida cotidiana e o surgimento de novos hábitos e convívios diante do crescimento populacional e da modernização da cidade. Em relação ao fator sexo/gênero,

estudos como o de Fischer (1968 [1974]) e de Labov (2016 [1972]) constataam que as mulheres são direcionadas a utilizar as variantes linguísticas de prestígio social. Ainda, Labov (2016 [1972]) salienta que as mulheres tendem a liderar a mudança apenas em fases mais avançadas. Isso ocorre devido ao *status* social da mulher, ou seja, ao papel que lhe é atribuído e de sua posição historicamente inferior ao do homem na sociedade. Nos trabalhos sobre a variação de futuro, a discussão sobre a correlação entre variante inovadora e o papel do sexo/gênero do informante ainda não é muito enfatizada. Oliveira (2006), a título de exemplo, em sua tese de doutorado verifica o fator sexo/gênero ao analisar o futuro utilizado por pessoas de São Paulo e do Rio de Janeiro, de nível superior completo, na modalidade falada e escrita na década de 70 e 90. O resultado obtido por Oliveira (2006) em relação ao gênero/sexo é semelhante ao que Labov (2016 [1972]) observou: mulheres utilizam em maior escala a variante inovadora – no caso, o verbo IR + infinitivo – devido a essa variante já se encontrar em um estágio de mudança avançado. Para a pesquisa, utilizaremos como material de análise as cartas de leitores da revista *A Cigarra* (1914-1975) e do jornal *A Gazeta* (1906-1979), ambos de São Paulo. Selecionaremos, a partir de exemplares disponíveis no acervo do site do Arquivo Público do Estado de São Paulo e do site da Biblioteca Nacional Digital, em média 5 edições por ano de cada veículo, totalizando 100 edições para a análise. A escolha do gênero epistolar se justifica, já que “carta do leitor” é considerado um gênero misto e possui um contexto de escrita que favorece o aparecimento de fenômenos variáveis na língua em que é possível visualizar traços característicos da fala de leitores, uma vez que “o que se diz (o conteúdo) é tido como mais importante do que o modo como se diz (forma)” (BERLINCK; BARBOSA; MARINE, 2008, p. 180). Além disto, o gênero textual atrelado ao estudo da variação e/ou da mudança linguística pode servir como análise teórica e metodológica de textos escritos. Bueno (2014, p. 22) afirma que “a busca por situações de variação e mudança em um cópulus escrito nos faz reconhecer, assim como na fala, o caráter heterogêneo também da escrita, sendo essa uma tentativa de conceder à língua escrita um lugar nas pesquisas sociolinguísticas”. Tal como Marine e Barbosa (2012), consideramos que um estudo pautado em cartas favorece a descrição sociolinguística. Santos e Dumont (2014, p. 177) também afirmam que as cartas por serem “[...]instrumentos de transmissão de informação sobre a vida em sociedade. Fazem parte de um processo discursivo e estão inseridas em condições sócio-históricas”. Assim, ainda que ocorram algumas ressalvas, o trabalho com algum gênero na modalidade escrita – como a carta - é capaz de evidenciar variações e/ou mudanças linguísticas. Em relação à revista que propomo-nos analisar, *A Cigarra Magazine*, foi fundada em 1914 e finalizada em 1975. Surge em São Paulo e, aos poucos, atrai grande prestígio nacional. O periódico abordava principalmente temas voltados para a valorização dos princípios morais femininos, doutrinados no século XX, além de acompanhar a reformulação social e cultural da grande São Paulo, abarcando costumes da época. Os leitores – sobretudo mulheres - utilizavam a relação carta-revista como um meio de se comunicarem, como um verdadeiro bate papo, criando uma interação social de âmbito nacional. Além disto, os textos epistolares preenchiam várias páginas do periódico, o que nos sugere que a ideia de motivar os leitores a escreverem para *A Cigarra Magazine* fora um grande sucesso na época. Em relação ao jornal, trabalharemos com *A Gazeta*, fundado em 1906 e finalizado em 1979. De acordo com informações do site da Fundação Cásper Líbero, o jornal – de público neutro - foi considerado o preferido dos paulistanos do século XX, abarcando assuntos ligados primordialmente a política, economia, literatura, cultura e sociedade. Além disto, as grandes inovações realizadas pelo periódico, como por exemplo o surgimento de cadernos e editoriais organizados por assuntos e matérias, tornou *A Gazeta* um dos mais importantes veículos de comunicação daquele período. Este jornal também buscou uma aproximação de seu público por meio de cartas. Criou-se um espaço de interação em que o sujeito participava da construção do jornal e o jornal, por sua vez, captava a influência que causava sob seus espectadores. Geralmente, as cartas eram publicadas com o intuito de fazer anúncios sobre algum acontecimento. A partir deste material, serão verificados quais recursos linguísticos foram utilizados pelos leitores para expressar a prospecção. Em primeiro momento, analisaremos se o futuro foi expresso pelas seguintes variáveis dependentes: (a) Forma Sintética: Futuro do Presente do Indicativo; (b) Forma

Perifrástica: Verbo IR no presente + infinitivo; (c) Forma do Presente do Indicativo expressando futuro. Além destas, serão verificadas se as seguintes estruturas são recorrentes e em caso afirmativo, serão consideradas na análise qualitativa da pesquisa: (d) Forma perifrástica: Verbo IR no futuro + infinitivo; (e) Forma perifrástica: Verbo Haver de no presente + infinitivo; (f) Forma perifrástica: Verbo Haver de no futuro + infinitivo. Será verificada também a natureza semântica do verbo -se o verbo indica estado, ação, processo ou ação-processo. Observaremos, ainda, se essas diferentes formas de expressão aparecem com a presença ou ausência de adjuntos adverbiais de tempo, já que associado ao verbo pode atribuir diferentes valores semânticos a sentença. Interessa-nos investigar de que maneira o verbo o comporta e se sua presença é recorrente ou não. Espera-se que o adjunto adverbial seja mais recorrente em sentenças com o verbo no presente do indicativo expressando futuro. Em casos de ocorrências com a forma sintética ou com a forma perifrástica, espera-se que o adjunto adverbial reforce a ideia de prospecção ao evento, ora constituindo uma ação mais próxima, ora uma ação mais distante de ocorrer. A modalidade também será analisada, já que o que se quer dizer a partir de um verbo também é de suma importância. De acordo com Silva (1997) a noção modal pode condicionar o efeito prospectivo na sentença, ocorrendo, em muitos casos, a sobreposição modal/temporal. Assim, faz-se necessário atentarmos aos valores modais do verbo, primordialmente à: (a) Possibilidade/Hipótese; (b) Certeza; (d) Desejo/Solicitação. Espera-se evidenciar a sobreposição modal/temporal nas expressões de futuro e analisa-la através do contexto discursivo em que as ocorrências estão inseridas. Também serão analisados os seguintes fatores extralinguísticos: (a) Sexo/gênero do leitor: Apesar de haver algumas ressalvas em que é possível não identificar o sexo/gênero do leitor, este fator será controlado. Os dados da revista e do jornal serão coletados e confrontados a partir deste fator. O resultado esperado é de que mulheres utilizam a forma perifrástica em maior escala, se comparado aos homens, na revista feminina devido ao contexto discursivo em que estão inseridas. (b) Contexto: A partir de uma comparação contextual e discursiva, verificaremos se as ocorrências de expressão de futuro permanecem as mesmas. Os dados das cartas de leitores da revista e do jornal serão comparados e confrontados, a fim de evidenciar quais as principais diferenças e semelhanças na escolha do uso de futuro de homens e mulheres em veículos de comunicação com propósitos distintos. Após a seleção e codificação do material, utilizando o programa GOLDVARB-X, analisaremos qualitativamente os resultados a partir da teoria variacionista e semântica que embasa este projeto. Como resultado da pesquisa, espera-se que nas cartas da revista, as mulheres utilizem em maior escala a forma inovadora – perífrase IR + infinitivo- se comparado aos homens, visto que o principal público d'A Cigarra é o feminino, já no jornal, de público mais diversificado, as mulheres sejam mais conservadoras, no intuito de afirmarem a identidade de mulher por meio da linguagem. Desta forma, além de contribuir para a descrição sociolinguística do Português Brasileiro, este projeto objetiva identificar as diferentes construções de futuro feitas por homens e mulheres na década de 20 em diferentes contextos discursivos.

A EXPRESSÃO DO SENTIDO CONCESSIVO NO ESPANHOL EM ESTRUTURAS DE RELATIVO: UM OLHAR DISCURSIVO-FUNCIONAL

Camila Rodrigues de Amorim (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Uma oração concessiva prototípica ou *própria* (FLAMENCO GARCÍA, 1999), do ponto de vista tradicional, é aquela que, no âmbito estrutural, é introduzida por conjunções ou locuções conjuntivas do tipo *aunque* ou *a pesar de que*, no caso do espanhol (*embora e apesar de que* em português respectivamente). De acordo com a *Nueva Gramática de la Real Academia Española* (2010), o período concessivo introduz uma situação de contraexpectativa, ou seja, uma condição ineficaz, que não altera a realização do indicado na oração principal. O sentido concessivo pode, no entanto, ocorrer também em estruturas não prototípicas, às

quais Flamenco García (1999) denomina *concessivas impróprias*, quando uma construção pode, contextualmente, adquirir um sentido concessivo. A concessiva própria e a concessiva imprópria estão representadas, respectivamente, em (1) e em (2) a seguir:

- (1) *Aunque Pepe estuvo muy enfermo, fue a trabajar.*¹
(FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3813)
- (2) *Este chico, vaya donde vaya, siempre causa problemas.*²
(FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3842)

Dentre as concessivas impróprias, o subgrupo mais importante é constituído pelas orações *concessivo-condicionais* (FLAMENCO GARCÍA, 1999; NGLE, 2009), também reconhecidas sob o rótulo *condicionais-concessivas* na terminologia de König (1985, 1986, 1994, 1995), Van der Auwera e König (1988); Haspelmath e König (1998). De acordo com esses autores, as *concessivo-condicionais*, como serão referidas neste estudo, apresentam, a partir de uma relação lógico-semântica, estatuto híbrido, pois, para eles, combinam características tanto das concessivas quanto das condicionais.

Acrescentam os autores que as construções concessivo-condicionais apresentam um relacionamento entre um conseqüente e um conjunto de condições antecedentes, e esse conjunto é tipicamente especificado ou por uma focalização, por uma disjunção ou ainda por uma quantificação. Tendo em vista esses diferentes mecanismos, Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999) apresentam três subtipos de concessivo-condicionais: escalares, alternativas ou polares e universais.

As construções concessivo-condicionais universais, sobre as quais recai o interesse deste estudo, de acordo com Flamenco García (1999), diferentemente das construções alternativas (em que se apresenta uma escolha entre dois ou mais valores geralmente opostos) expressam circunstâncias de caráter generalizador.

Para Haspelmath e König (1998), as construções concessivo-condicionais universais do espanhol podem ser expressas de três diferentes maneiras, conforme se observa a seguir nos exemplos traduzidos ao espanhol:

(a) [QU³- *quiera*] *que*
*Dondequiera que vaya, nunca la dejará.*⁴
(HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 610)

(b) *Vsubj* [QU *Vsubj*]
*Vaya adonde vaya, nunca la dejará.*⁵
(HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 616)

(c) *Por* + adjetivo + *que*
*Por mucho que lo intentes, no tendrás éxito.*⁶
(HASPELMATH; KÖNIG, 1998, p. 619)

Diferentemente de Haspelmath e König (1998), Flamenco García (1999) e Rosário (2012), reconhecem as estruturas do tipo *por...que* dentre as concessivas próprias; o enquadramento dessas estruturas no rol das concessivas prototípicas nos permite fazer um recorte e desconsiderá-las deste estudo.

Esta pesquisa se restringe, portanto, aos dois primeiros casos propostos por Haspelmath e König (1998), consideradas *construções de relativo* por se constituírem por

¹ *Embora Pepe estivesse muito doente, foi trabalhar.*

² *Este menino, onde quer que ele vá, sempre causa problemas.*

³ O pronome interrogativo, o *WH-pronoun* ao qual Harpelmath e König (1998) se referem são chamados por nós de *pronome-QU*, ou pronome relativo.

⁴ *Onde quer que ela vá, ele nunca a deixará.*

⁵ *Vá aonde for, nunca a deixará.*

⁶ *Por mais que você tente, você não terá sucesso.*

meio de fórmulas reduplicativas com relativo (*sea como sea; haga lo que haga*) ou por meio de pronomes ou advérbios relativos de caráter indefinido ou generalizador (*vaya donde vaya; dondequiera que vaya*).

Ribeiro (2004) apud Rosário (2012) afirma que essas estruturas, consideradas *fixas* pelo autor, são, na verdade, *adjuntos adverbiais* de concessão. Rosário, por outro lado, defende que essas estruturas apresentam estatuto oracional, pois se baseia no fato de que nesses contextos há presença de núcleos verbais, o que o leva a considerá-las como construções *justapostas*. Como se pode observar, trata-se de estruturas que apresentam certa rigidez formal. Keizer (2016), do ponto de vista discursivo-funcional, postula a existência de diferentes graus de flexibilidade sintática em estruturas fixas ou semi-fixas as quais, segundo a autora, constituem uma combinação de *frames* (moldes) interpessoais e representacionais e *templates* (padrões) morfossintáticos, especificando construtos formais e funcionais que configuram um único *lexema*.

Esta pesquisa pretende contestar o hibridismo proposto pelos autores supracitados, uma vez que, no arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional, a formulação da expressão linguística parte da intenção comunicativa do falante, ou seja, considera-se que o falante não tem dúvida sobre o que deseja expressar. Parte-se do pressuposto de que as concessivo-condicionais universais são construções fixas ou, pelo menos, semifixas que expressam concessão, pois os termos que as constituem não podem ser analisados isoladamente, pelo contrário, formam um único bloco opaco de sentido que não interfere no que está contido na oração principal.

Dessas considerações, surgem algumas questões a respeito das estruturas de relativo e seu estatuto, às quais elencamos: (i) As estruturas concessivo-condicionais universais constituem expressões fixas ou semi-fixas nos termos de Keizer (2016) (ii) Como podem ser classificadas morfossintaticamente em termos de subordinação? (iii) Podem ser consideradas casos especiais de concessão?

REFERENCIAL TEÓRICO

A GDF, proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008) se apresenta no cenário das teorias linguísticas como sucessão da Gramática Funcional (doravante GF) de Dik (1997). Essa teoria objetiva descrever e explicar as propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) do Ato Discursivo – unidade básica de análise – a partir do uso da língua em contextos reais de comunicação, o que justifica a adoção desse marco teórico para descrever os dados do espanhol peninsular falado e escrito.

Essa perspectiva teórica propõe que a formulação das expressões se dá primeiramente a partir da intenção do falante e se desenvolve até a articulação (fala, escrita ou sinais), por isso sua arquitetura descendente (*top-down*). Cada um dos níveis de representação distinguidos dentro do *Componente Gramatical* da GDF tem em comum o fato de estarem organizados hierarquicamente em níveis e camadas. O *Nível Interpessoal* é o que se relaciona aos aspectos pragmáticos da interação comunicativa, ou seja, aos aspectos formais da unidade linguística que refletem o papel do falante e do ouvinte na interação, e esse papel é analisado em termos de funções *pragmáticas* e *retóricas*. As camadas do Nível Interpessoal são: Movimento, Atos Discursivos e Conteúdo Comunicado.

O *Movimento*, “uma contribuição para a interação em desenvolvimento” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) é a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical. Possui a forma de um ou mais Atos Discursivos, que podem se relacionar por equipolência ou dependência. Dentre as relações de dependência entre dois Atos, sendo um Nuclear (principal), e outro Subsidiário (dependente), Hengeveld e Mackenzie (2008) apresentam a *concessão*, tendo em vista o que falante pretende com relação ao ouvinte, ou seja, uma estratégia do falante para guiar o seu interlocutor e atingir seus objetivos conversacionais, uma *função retórica*.

Ressaltam Hengeveld e Mackenzie (2008) que a ordenação entre o Ato Nuclear e o Subsidiário é uma pista morfossintática de extrema importância para a classificação das estruturas concessivas em camadas, pois, caso a oração concessiva ocorra antes da oração principal, a concessão pode atuar não mais ocorre entre Atos Discursivos, mas sim entre

Conteúdos Proposicionais, já no Nível Representacional, que trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística.

O Nível Representacional apresenta o *Conteúdo Proposicional* como a unidade mais alta; trata-se de construtos mentais, ou seja, uma entidade relacionada aos conhecimentos, crenças e desejos do falante. As demais camadas do Nível Representacional são: Episódio, Estados de Coisas e Propriedade Configuracional. Por fim, no Nível Morfossintático e no Nível Fonológico, codificam-se as distinções interpessoais e representacionais. A GDF não diferencia o nível sintático e o nível morfológico de análise, por isso, aceita a denominação *Morfossintática* para referir-se ao nível que cuida dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. No Nível Fonológico são fornecidas as indicações que o componente de saída converte em resultado sonoro.

Ainda no Nível Morfossintático, as camadas são: Expressão Linguística, Oração, Sintagmas e Palavras. Interessa-nos, nesse Nível, os diferentes processos que podem ocorrer entre as unidades (orações ou sintagmas) que compõem a Expressão Linguística, os quais podem ser de equiordenação, coordenação e cossubordinação.

O último Nível proposto pela teoria, o Fonológico, é específico de cada língua e contém tanto a representação fonológica segmental quanto suprasegmental do discurso. Suas camadas são: Enunciado Fonológico, Sintagma Entonacional, Sintagma Fonológico e Palavra Fonológica.

Hengeveld e Mackenzie (2008), ao apresentarem o modelo, não lidam com as questões de hibridismo e de construções fixas ou semi-fixas, mas trabalhos recentes como o de Keizer (2016) o fazem com bastante densidade. A autora reconhece a existência de graus de 'rigidez' em função da aplicação de oito critérios: modificação, substituição, passivização, nominalização, definitude, número (singularidade/pluralidade), quantificação e anaforicidade. Todos os tipos de construções fixas, no entanto, para ela, consistem em *frames* associados com significados convencionais que residem no Componente Conceitual.

Como se observa, a GDF é uma teoria que apresenta como objetivo descrever e, na medida do possível, explicar as propriedades formais (sintáticas, morfológicas e fonológicas) do Ato Discursivo a partir da perspectiva funcional. Com isso, entendemos que essa teoria proporcionará alcançar os objetivos desta investigação.

OBJETIVOS

A proposta deste projeto, como já observado, é investigar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional, as construções denominadas na literatura *concessivo-condicionais universais* introduzidas por relativos com o objetivo de discutir o hibridismo postulado pela literatura e a aparente rigidez dessas construções. A hipótese principal que subjaz essa pesquisa é a de que não se trata de estruturas híbridas, uma vez que não interfere na realização do que está contido na oração principal, mas sim de casos fixos ou semi-fixos que expressam concessão; e, como hipótese secundária, a de que se constituem nos Níveis mais altos propostos pela GDF. Como objetivos específicos, propomos:

- (i) Analisar as motivações funcionais de uso dessas estruturas;
- (ii) Verificar, sob o arcabouço da GDF, qual é o estatuto dessas construções e quais suas possibilidades de atuação em função dos Níveis e camadas;
- (iii) Estabelecer as propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dessas estruturas;
- (iv) Mostrar que se tratam de construções fixas ou semi-fixas conforme Keizer (2016);

O universo de investigação consiste em dados do espanhol escrito, extraídos do banco de dados do CREA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As ocorrências das construções concessivo-condicionais serão levantadas e analisadas de acordo com os seguintes fatores:

- (i) Tipo de construção: (i) Verbo + relativo + Verbo; (ii) Relativo + *quiera* + que;
- (ii) Nível em que ocorre a relação concessiva: Interpessoal ou Representacional;
- (iii) Camada em que se estabelece a relação concessiva;
- (iv) Pressuposição da construção;
- (v) Função sintática da construção com relação à principal;
- (vi) O tempo e modo verbal da oração principal e da construção subordinada;
- (vii) Posição da oração subordinada com relação à oração principal.

Já para a investigação dessas estruturas em textos escritos, será utilizado o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), disponível em <<http://www.rae.es>>, constituído por textos armazenados em formato eletrônico, o que possibilita a análise das expressões linguísticas mais recorrentes de acordo com os diferentes tipos textuais. Esse cópulo apresenta uma grande variedade de material escrito produzido em todos os países de língua espanhola, desde 1975 a 2004. A partir de uma coleta prévia de dados, analisaremos ocorrências das seguintes estruturas: *haga lo que haga* (47 casos), *sea como sea* (90 casos), *como quiera que + subjuntivo* (146 casos) e *quien quiera que + subjuntivo* (30 casos), pois se mostraram mais produtivas no cópulo. As variedades espanhola e hispano-americana serão consideradas na investigação. O levantamento das ocorrências propõe, portanto, como variáveis para os dados os seguintes itens: (i) o ano de veiculação do suporte; (ii) o título do suporte ao qual está associada a oração e o (iii) tema do suporte.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

Prendemos propor soluções dentro da GDF para a noção de hibridismo semântico e para a aparente rigidez dessas construções. A importância dessa pesquisa consiste em contribuir para os estudos descritivos do espanhol e testar a aplicabilidade do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, contribuindo para seu avanço.

LETRAMENTOS ACADÊMICOS EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) SEMIPRESENCIAL

Carina Maciel de Oliveira Silva (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Conforme dados do Censo de Educação Superior de 2015 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2016) as matrículas nos cursos de ensino na modalidade a distância corresponderam a 17,4% do total de matrículas em cursos de graduação. Ainda de acordo com esse censo, os cursos de graduação superaram a marca histórica de oito milhões de matriculados no ano de 2015. Um milhão quatrocentos e setenta e um mil novecentos e trinta alunos frequentam cursos de licenciatura. Desse total, quinhentos e sessenta e cinco mil alunos se encontram matriculados na modalidade a distância. Esses dados apresentados pelo INEP, somado aos estudos apresentados por Belloni (2002; 2008) e Preti (2009), permitem-nos formular algumas considerações.

A primeira é que interpretamos esses dados como resultado dos esforços dos Governos Federal e Estadual em expandir a oferta de cursos de educação superior no país, facilitando o ingresso a esse nível de ensino às populações mais distantes dos grandes centros culturais e urbanos. A segunda, é que esses dados demonstram a importância dessa modalidade de ensino na formação de profissionais de educação, principalmente, para aqueles que já atuam na educação básica, mas não têm nível superior, como prescreve a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96. A terceira é que há uma mudança na forma de interação entre professor e aluno. Já não há mais a exigência de professor e aluno estarem fisicamente presentes em um mesmo ambiente para caracterizar o evento “aula”.

Cortelazzo (2013), ao traçar um breve percurso histórico da Educação a Distância (doravante EaD), no Brasil, mostra três fases para essa modalidade de ensino, caracterizando-as pelo uso de diferentes mídias que, segundo a autora, proporcionam o emprego de diferentes tipos de linguagem – a verbal, a sonora, a audiovisual e a digital – nessa modalidade de ensino. Para Cortelazzo (2013), as mídias serviriam de suporte para a ação educacional. Os diferentes suportes utilizados para a ação educacional são decorrentes do desenvolvimento de recursos tecnológicos e, conseqüentemente, de mudanças sociais, econômicas e culturais vivenciadas pela sociedade.

A relação do sujeito com a linguagem, numa vertente dialógica, é o que norteia nosso estudo. Com base em Bakhtin e seu Círculo e com base em pressupostos dos novos estudos do letramento, interessa-nos desenvolver uma pesquisa que tem como eixo a escrita em contexto EaD semipresencial.¹ Escolhemos como material as propostas de atividades² da disciplina *Educação e Linguagem* do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIVESP – Universidade Virtual do Estado de São Paulo –, bem como as respostas dadas a essas propostas, no ano de 2010.

Tomamos como hipótese de partida o fato de que nos enunciados das propostas de atividades produzidos em contexto EaD semipresencial prevalece uma concepção de escrita como fim em si mesma, desconsiderando a relevância social do uso dessa escrita (CORRÊA, 2004). De acordo com o autor, essa concepção está vinculada a um poder pedagógico que é determinante na reprodução da imagem que a escola (e, dado o *corpus* selecionado, acrescentamos: que a universidade) passa da escrita como “produto” autônomo.

OBJETIVOS

Com base em uma perspectiva fundamentada, por um lado, em pressupostos dos Novos Estudos de Letramento (*New Literacy Studies*) – de maneira particularizada, na relação entre letramentos acadêmicos e letramentos digitais –, por outro, nos estudos de Bakhtin e seu Círculo – de maneira particularizada, no modo de constituição dialógico da linguagem –, esta tese de doutorado tem como objetivo discutir e problematizar o que é “escrever” em práticas letradas acadêmicas produzidas em contexto de Educação a Distância (EaD) semipresencial, considerando-se conflitos e tensões decorrentes de perspectivas assumidas pelo professor/instituição e pelo universitário na realização de atividades voltadas à formação acadêmica em contexto semipresencial.

Este objetivo geral desdobra-se em outros, de caráter específico:

- (i) discutir como se caracterizam as propostas de atividades textuais concebidas para disciplina *Educação e Linguagem*, aplicadas em contexto de Educação a Distância (EaD) e, em seguida, discutir em que medida essas características corroboram o uso de recursos digitais nas produções textuais escritas pelos acadêmicos - respostas dadas a essas propostas;
- (ii) discutir as teorias linguísticas mobilizadas nos enunciados de propostas de atividades e observar como essas teorias são resignificadas pelos acadêmicos em produções textuais escritas;
- (iii) discutir qual(is) é o (s) conceito (s) de letramento(s) norteia(m) as práticas letradas acadêmicas produzidas em contexto de Educação a Distância (EaD) semipresencial;
- (iv) discutir dimensões “escondidas” (STREET, 2010; CORRÊA, 2011) da composição de enunciados de propostas de produção textual concebidas para e aplicadas em contexto de Educação a Distância (EaD).

¹ Nesta fase de elaboração da pesquisa, tomamos por empréstimo o conceito semipresencial de Guarezi e Matos (2012). Segundo as autoras semipresencial ou bimodal é um modelo de educação a distância utilizado para nomear o ensino caracterizado tanto na forma presencial (presença física em uma sala de aula) quanto na forma virtual (não presente fisicamente em uma sala de aula). Porém, no momento de elaboração da tese pretendemos problematizar o conceito de semipresencial, pois em se tratando de linguagem a definição dada pelas autoras parece frágil, incapaz de sustentar-se.

² As propostas de atividades fazem parte do *Caderno de Formação*, volume II, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, publicado no ano de 2010.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os enunciados das propostas, bem como os enunciados das respostas dadas a essas propostas, podem fornecer pistas das expectativas da instituição e do universitário sobre aquilo que é instruído e aquilo que é esperado como resultado dessa instrução no que diz respeito a práticas letradas acadêmicas em contexto digital. Relacionamos essas expectativas aos três modelos de letramento discutidos por Lea e Street (2014). De acordo com Lea e Street (2014), há três modelos de letramentos: o modelo de habilidades de estudo, o modelo de socialização acadêmica e o modelo de letramentos acadêmicos.

O primeiro modelo, dizem os autores, concebe a escrita como habilidade individual cognitiva. O segundo modelo apregoa que o contato com discursos e gêneros relativamente estáveis possibilita que o escrevente adquira modo escrever adequado a determinado contexto acadêmico. O terceiro modelo prioriza a construção de sentido do texto, levando-se em conta a estreita relação entre quem e para quem se destina aquela produção textual. Considerando-se a afirmação dos autores de que esses modelos de letramento são sobrepostos, entendemos que a expectativa entre o que é oferecido como instrução e o que é efetivamente realizado pelo universitário, com base nessa instrução, é resultado dessa sobreposição. O resultado dessa sobreposição nos auxilia no entendimento dos saberes que são exigidos e mobilizados nas produções textuais escritas, colocando nos diante do “processo de escrita do aluno” (CORRÊA, 2006).

Do ponto de vista que assumimos, acreditamos que a compreensão da sobreposição desses três modelos acadêmicos pode nos ajudar no entendimento de conflitos e tensões que perpassam práticas de letramentos no contexto EaD semipresencial, em especial, no entendimento do que é “escrever” nesse contexto acadêmico. Conforme Komesu e Gambarato (2013, p.33), esses conflitos advêm “[...] de distintos posicionamentos enunciativos os quais possibilitam observar contato, direto ou indireto, com enunciados alheios em práticas sociais distintas, não restritas ao letramento escolar”. Com base na afirmação de Komesu e Gambarato (2013), destacamos que esses conflitos e tensões são oriundos de diferentes maneiras de conceber as noções de linguagem, sujeito, sentido e escrita.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

Os procedimentos investigativos desta pesquisa são de cunho qualitativo-interpretativo, fundamentados em uma perspectiva etnográfica e discursiva (CORRÊA, 2011). Dessa perspectiva, Corrêa (2011) destaca que a linguagem não é tratada de modo genérico e impreciso, como uma simples forma de interação entre as pessoas (sujeitos empíricos), mas como espaço em que as pessoas se fazem sujeitos no processo discursivo.

A análise do material pelo viés da etnografia³ e do discurso significa considerar a relação entre texto e o contexto e sujeitos sócio-historicamente situados (BAKHTIN, 2009; 2003) em práticas letradas acadêmicas. Pasquotte Vieira (2015, p.701) afirma, com Lillis (2008), que “[...] a investigação da história do texto compõe uma forma de usar a etnografia como teorização profunda e de dirimir nas análises a dicotomia mantida entre texto e contexto”.

Sobre o conjunto do material utilizado, trata-se de 22 (vinte e duas) propostas de atividade textual, realizadas individualmente por universitários matriculados na disciplina “Educação e Linguagem” do Curso de Licenciatura em Pedagogia - EaD semipresencial da Univesp -, ano de 2010, e de enunciados de respostas dadas a essas propostas, por 26 (vinte e seis) universitários do referido curso. Destaca-se ainda que esses universitários - participantes da pesquisa - compuseram a primeira turma do Curso de Pedagogia da UNIVESP, que colou grau em 2013.

Ao considerar o conjunto de material utilizado, pretendemos apresentar neste trabalho a análise de um (01) enunciado de proposta de atividade e um (01) enunciado de resposta dado a essa proposta. Buscamos regularidades linguístico-discursivas que permitam

³ A etnografia como teorização profunda (LILLIS, 2008).

compreender tanto as relações dialógicas instauradas no “interior” dos enunciados da proposta e das respostas dadas a essas propostas quanto as relações dialógicas estabelecidas entre professor/instituição e universitário. Acreditamos que a compreensão dessas relações dialógicas fornece indícios do que é “escrever” em práticas acadêmicas produzidas em contexto de Educação a Distância (EaD) semipresencial.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

De um ponto de vista científico-acadêmico, esperamos que esta pesquisa traga contribuições no campo dos estudos linguísticos, em especial, no dos estudos de letramento acadêmico e letramento digital, em contexto de Educação a Distância. Buscamos problematizar a importância do funcionamento da linguagem no ensino da escrita em práticas letradas acadêmicas em contexto digital, considerando-se “descompasso” teórico ainda predominante entre novas concepções de língua e antigas concepções de escrita (CORRÊA, 2006) “atravessadas” por tecnologias digitais.

TRADUÇÃO AUTOMÁTICA ADAPTATIVA, GERENCIAMENTO DE TERMINOLOGIA E PÓS-EDIÇÃO: BENEFÍCIOS E DESAFIOS DO USO DE TECNOLOGIAS NA TRADUÇÃO DE FINANÇAS

Carolina Bisson de Souza (UNESP/SJRP)

A busca por ferramentas que auxiliem a atividade tradutória já é antiga. O interesse específico por mecanismos de tradução automática, como forma de facilitar ou aumentar a produtividade do tradutor, data de meados da década de 40, com o interesse dos norte-americanos e ingleses em obter informações à distância sobre os soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial. Com o passar do tempo, os sistemas foram sendo aprimorados, porém resultados satisfatórios de mecanismos que passaram a ser utilizados comercialmente só foram possíveis com a chegada da era digital, dos primeiros computadores de mesa e da Internet, no início dos anos 90. A informação, então passou a ser considerada um ativo cada vez mais importante e os mecanismos de tradução automática foram sendo modernizados. A necessidade de publicar mais rapidamente e atender à demanda de comunicação multilíngue, que fomenta negócios internacionais e mantém a economia aquecida, mudou a abordagem do profissional de tradução em relação à atividade tradutória e tornou essa tarefa menos humana, porém muito mais eficiente ao longo dos anos. Conforme afirma Stupiello (2015, p. 145): “o esquecimento do caráter humano envolvido na tradução é uma das consequências da superioridade conferida às ferramentas tecnológicas, em especial, em sua capacidade de tornar o trabalho do tradutor mais rápido e preciso”. Essa convicção pode ter colaborado para o maior desenvolvimento e a disseminação dos programas de tradução automática, atualmente muito avançados e repleto de recursos e funções. Além das grandes demandas exigidas pelo mercado globalizado, a tradução automática tem conquistado cada vez mais seu espaço graças ao seu custo-benefício. O investimento na tradução humana é muito alto e a produtividade é relativamente baixa em comparação às traduções desenvolvidas com sistemas de tradução automática, talvez por isso, desde o início dos anos 2000, “mais palavras são traduzidas usando tradução automática do que por tradutores humanos e a demanda continua crescendo” (DILLINGER, 2004, p.1). Dada a relevância desse assunto e a escassez de estudos sobre tradução automática em português, e principalmente sobre a mais nova modalidade de tradução automática, a tradução automática adaptativa, cujos resultados fornecidos pelo sistema vão sendo alterados em tempo real conforme o tradutor pós-edita o texto, decidimos investigar os benefícios e possíveis desafios da adoção de um mecanismo de tradução automática inovador recém-lançado para o português, o LILT, o primeiro software do tipo SaaS (“software como serviço”) comercial de tradução automática adaptativa, na tradução profissional de textos técnicos de finanças. Os objetivos deste trabalho são desenvolver um estudo da literatura sobre o desenvolvimento e o estado atual da automação do trabalho de tradução, examinando os efeitos das mudanças vivenciadas nos últimos anos na prática tradutória, avaliar a tradução de textos de finanças realizada por

tradutores voluntários em uma abordagem homem-máquina que envolve a ferramenta de tradução automática adaptativa LILT e uma etapa de pós-edição concomitante com uma planilha de controle de qualidade e à luz de uma concepção de qualidade voltada para objetivos específicos (O'BRIEN 2014) a fim de observar os pontos positivos e negativos dessa abordagem, os desafios e os possíveis benefícios para agências de tradução e tradutores profissionais. Considerando que a terminologia é uma das maiores dificuldades de tradutores técnicos, pretendemos analisar a influência específica do gerenciamento da terminologia em uma abordagem envolvendo o LILT e uma etapa de pós-edição (revisão da tradução fornecida pelo sistema) concomitante, buscando observar se a identificação e tradução prévia dos termos técnicos existentes no texto a ser traduzido contribui para a melhoria da qualidade final do texto e da produtividade, e ainda verificar se há diferenças de produtividade e de qualidade entre os três cenários propostos, utilizando como parâmetros o tempo necessário para a realização da tradução dos textos e o resultado de uma planilha de controle de qualidade. Como referencial teórico e principalmente como um ponto de partida para o estudo da literatura proposto, nos baseamos nos estudos sobre globalização e automatização da tradução de Stupiello (2013, 2015) com o intuito nos aprofundarmos na questão do uso de tecnologias na tradução ao longo do tempo. Também consideramos os estudos de Cronin (2003) sobre tradução e a economia global e os modos como as mudanças significativas na economia afetaram o processo de tradução contemporâneo. O trabalho de Hutchins (2015) será utilizado como embasamento teórico para discorrer sobre a história das pesquisas e as aplicações de tradução automática. Com uma abordagem mais mercadológica, o guia de implementação de tradução automática de Dillinger (2004) será estudado para um embasamento geral sobre os sistemas de tradução automática, explicando os diferentes tipos de sistemas de TA, conceitos específicos, dados estatísticos, além de estudos de caso sobre o uso de tradução automática no mercado de tradução técnica nos anos 2000. Para avaliar a qualidade da tradução, adotaremos o conceito de qualidade voltada para objetivos específicos, conforme definido no artigo "Orientações para a pós-edição de tradução por máquina" (2010) do site da TAUS, como uma forma de definir parâmetros mais objetivos para a avaliação da qualidade na tradução. Segundo essa concepção, a tradução deve atender a fins específicos que devem ser definidos com antecedência e o tradutor deve seguir diretrizes específicas sobre gramática, estilo, sintaxe, terminologia etc. durante a pós-edição para atingir o nível de qualidade esperado pelo cliente. Os níveis mais comuns são "qualidade suficientemente boa", ou seja, o texto funciona como um meio de comunicação, mas não é estilisticamente adequado e "qualidade de publicação", o usuário final entende totalmente o conteúdo da mensagem, o texto é considerado rico estilisticamente. Para os fins desse trabalho, as traduções devem atingir um nível de "qualidade de publicação", considerando que o corpus inclui textos para um conteúdo publicável. Essa visão mais clássica sobre pós-edição de O'Brien, que também se relaciona às suas classificações de pós-edição "rápida" e "completa", servirá como base para a discussão de uma visão mais recente proposta por Green (2015), pesquisador e criador do LILT, como forma de verificar se as mudanças que ocorreram nos sistemas de TA ao longo dos anos, afetaram a forma como as atividades envolvidas no processo, como a pós-edição, são executadas. Segundo Green (2015), o LILT pode ser considerado inovado exatamente porque a pós-edição não é mais uma segunda etapa do processo de tradução com sistemas de TA, mas sim uma etapa concomitante no processo e que pode ser realizada muito mais rapidamente graças à característica de adaptação do sistema que altera o restante dos resultados de acordo com o que aprende com as escolhas do tradutor. A metodologia adotada para o projeto pode ser dividida em três etapas: primeiramente será realizado um estudo da literatura relevante sobre o estado atual da pesquisa em tradução automática e suas aplicações. Nessa mesma etapa, será realizado o gerenciamento de terminologia, que consiste da identificação, extração e tradução dos termos encontrados nos textos do corpus. A etapa seguinte consiste da tradução dos textos do corpus por quatro tradutores voluntários em três cenários diferentes (somente LILT, LILT e gerenciamento de tradução e somente processador de texto), totalizando 12 textos por tradutor, 48 textos no total. O tempo de conclusão de cada texto por cada voluntário será cronometrado. Os tradutores receberão orientações sobre o tipo de texto, o público-alvo e também será definida uma gramática/guia de estilo de referência, além de outras orientações

consideradas apropriadas para este estudo. A terceira etapa consiste da avaliação e análise da tradução final realizada na etapa anterior a partir de uma planilha de controle de qualidade desenvolvida por uma antiga associação internacional de localização (LISA) e utilizada por agências para fornecer feedback aos seus tradutores. Os critérios de avaliação da planilha são precisão (tradução incorreta, omissão/adição, texto não traduzido, inconsistência), terminologia (glossário, terminologia padrão do setor) e qualidade linguística (gramática, sintaxe, ortografia). Os resultados da avaliação das traduções e as considerações finais também serão realizados nessa terceira etapa. Os impactos esperados da pesquisa, de um processo envolvendo mecanismo de tradução automática adaptativa (LILT) e tradutor humano, aliado ao gerenciamento de terminologia, podem colaborar com um processo de tradução mais rápido, otimizado e com qualidade satisfatória para tradutores profissionais e agências de tradução, podendo até ser aplicados em traduções de textos de outras áreas. A pesquisa pode colaborar com os estudos de tradução automática em geral, em especial de TA adaptativa, já que não existem pesquisas no Brasil envolvendo a ferramenta LILT no par de idiomas EN > PT-BR. A pesquisa pode também abrir caminhos para o aprimoramento dos processos de tradução envolvendo mecanismos de TA adaptativa, ainda pouco explorados no país, e o tradutor humano. A descoberta de processos de tradução mais produtivos pode ajudar tradutores profissionais e agências de tradução a traduzir com mais qualidade e aumentar a produtividade (e, conseqüentemente, os lucros e a satisfação profissional).

TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE NAS LÍNGUAS INDÍGENAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL

Carolina Cau Spósito Ribeiro de Abreu (UNESP/SJRP – IFSULMINAS)

INTRODUÇÃO

De acordo com a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), por serem o primeiro e principal meio de comunicação, é esperado que as línguas exibam uma relação sistemática de um-para-um entre forma e significado, sendo, portanto, transparentes. No entanto, diversos fatores, como ambigüidade, descontinuidade, fusão, concordância etc., fazem com que essa relação seja quebrada, tornando as línguas mais opacas e, conseqüentemente, mais difíceis de processar.

De um ponto de vista diacrônico, as línguas começam transparentes, no entanto, em consequência de princípios de comunicação (economia, expressividade, processamento) e de processos como os de erosão e fusão, vários recursos perdem sua motivação funcional, apagando a relação de um-para-um entre forma e significado. Desse modo, quanto mais as línguas envelhecem, mais elas tendem à opacidade, perdendo características transparentes e, portanto, tornando-se mais difíceis de adquirir.

Em busca de respostas a respeito da relação de transparência entre as línguas, focando suas similaridades e distinções, o presente projeto propõe um estudo das relações de transparência e opacidade nas línguas indígenas do Brasil, mais especificamente, nas línguas Kaiowá, Quajá, Kamaiurá e Kokama da família Tupi-Guarani.

OBJETIVOS

A partir do escopo da GDF, é possível observar que os recursos transparentes não são independentes, mas mantêm relações implicacionais de tal forma que demonstram um maior ou menor grau de transparência, como é possível observar pelas relações entre os níveis de análise. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é determinar os fatores que levam ao compartilhamento ou não-compartilhamento de traços transparentes entre as línguas, respondendo assim a questões como: i) existe uma relação de implicação entre a presença de recursos transparentes e opacos nas línguas, de tal modo que podemos prever a presença de um recurso com base na presença de outro?; ii) as línguas indígenas de uma mesma família compartilham traços transparentes e/ou opacos?

Para tanto, traçamos os seguintes objetivos específicos: i) determinar, qualitativamente, o grau de transparência de cada língua analisada, considerando cada um

dos critérios e também o todo da análise; ii) comparar as línguas analisadas de modo a determinar as propriedades que são compartilhadas entre elas; iii) estabelecer uma hierarquia implicacional de transparência entre essas línguas indígenas.

Espera-se que, com o cumprimento dos objetivos específicos, seja possível alcançar uma caracterização sistemática das línguas indígenas da família Tupi-Guarani.

REFERENCIAL TEÓRICO

A GDF foi apresentada em Hengeveld (2004a; 2004b) e em Hengeveld e Mackenzie (2008). Trata-se do componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não-linguísticos do processo de comunicação. Esse modelo distingue quatro níveis interatuantes de organização na seguinte ordem hierárquica: o Nível Interpessoal (NI), o Nível Representacional (NR), o Nível Morfossintático (NM) e o Nível Fonológico (NF), conforme se vê na figura 1.

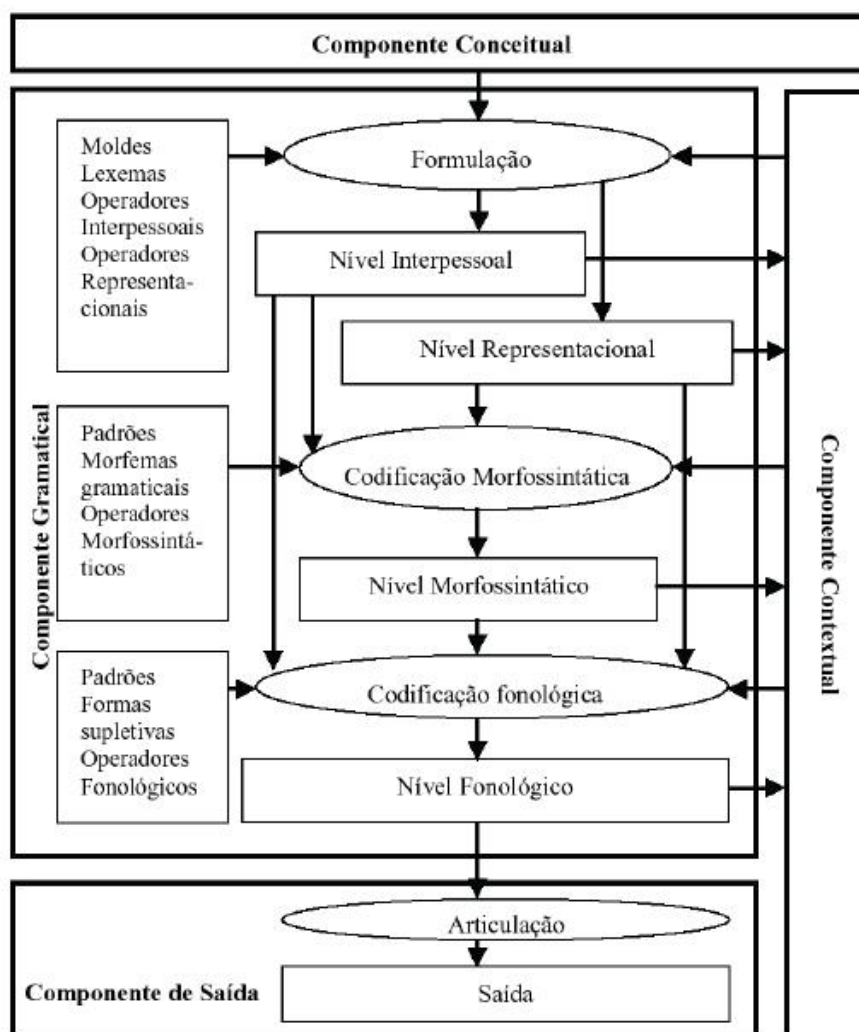


Figura 1. Layout geral da GDF (cf. HENGEVELD, K. e MACKENZIE, J. L. 2008, p. 13)

A escolha de investigar a relação de transparência nas línguas sob o aporte de uma teoria funcional dividida em camadas é justificada pela possibilidade de tratar o fenômeno de modo amplo, permitindo o mapeamento e a definição formal da relação de um-para-um das unidades envolvidas.

Na GDF, as relações de transparência e opacidade podem ser aplicadas tanto entre os níveis quanto dentro deles. Dessa forma, a teoria apresenta uma possibilidade de análise inovadora: a transparência deixa de ser definida apenas como um mapeamento de um-para-um entre significado e forma, passando para a exigência de um mapeamento de um-para-um

nos quatro níveis de análise. O quadro teórico da GDF contribui, portanto, para uma definição muito precisa de transparência, já que distingue cuidadosamente unidades relevantes e interatuantes para os quatro níveis.

PRODECIMENTOS METODOLOGICOS

De posse do cópuz de análise, constituído pelas gramáticas selecionadas, passamos a aplicação dos critérios de transparência, tal como definidos por Hengeveld (2011). Como observado anteriormente, a transparência é analisada entre e dentro dos níveis previstos pela GDF. Dessa forma, as relações de transparência podem ser mapeadas entre os pares:

- i) Interpessoal – Representacional,
- ii) Interpessoal/Representacional – Morfossintático,
- iii) Interpessoal/Representacional/Morfossintático – Fonológico

Além destes, há também o mapeamento dentro dos NM e NF.

Essas relações podem ser definidas em critérios de análise, como apresentados a seguir:

Interpessoal - Representacional

1. Ausência de Aposição

Há uma relação transparente entre os NI e NR quando um único Subato no NI corresponde a uma única categoria semântica no NR. Tal relação não ocorre em casos de aposição, já que há dois Subatos referenciais que correspondem a uma única categoria semântica, levando à opacidade.

2. Predicação

A predicação é implementada na GDF por meio de Subatos de Atribuição, portanto; numa relação transparente, espera-se que esses Subatos possam selecionar qualquer categoria semântica para a função de predicado. O que ocorre é que a maioria das línguas não permite que qualquer categoria seja usada como predicado ou o permite mediante a modificação da estrutura sintática por meio da inserção de um *dummy*, levando, portanto, à opacidade.

Interpessoal/Representacional - Morfossintático

3. Ausência de relações gramaticais

O alinhamento gramatical trata as unidades pragmáticas/semânticas e sintáticas de forma não transparente, quando unidades semânticas e pragmáticas recebem expressão diferente dependendo de sua configuração sintática. Um alinhamento transparente, por outro lado, expressa unidades pragmáticas e semânticas sempre da mesma forma, independentemente de sua configuração sintática.

4. Ausência de descontinuidade

Espera-se que, em uma língua transparente, aquilo que constitui um conjunto seja expresso em conjunto, sem interrupção. Quando há interrupção, portanto, descontinuidade, há uma relação de opacidade na língua.

5. Marcação de função não sensível à natureza do input

Uma língua é transparente se uma determinada função é sempre marcada da mesma forma, independentemente da natureza do constituinte em que essa função é expressa. Caso a marcação sofra alterações de acordo com a natureza do constituinte, a relação será de opacidade.

Interpessoal/Representacional/Morfossintático - Fonológico

6. Sintagmas fonológicos e sintagmas morfossintáticos são paralelos

Uma língua é transparente se há um mapeamento de um para um entre as unidades morfossintáticas e prosódicas, ou seja, se elas são paralelas. Caso não haja paralelismo, a língua é opaca com respeito a esse critério.

7. Peso fonológico não influencia colocação morfossintática

É muito comum que o peso fonológico influencie a colocação sintática, ou seja, é comum que constituintes com baixo peso fonológico sejam colocados em posições que

precedem o verbo enquanto elementos com alto peso fonológico tendem a ocorrer em posições finais na oração. Essa influência leva à opacidade, pois uma relação transparente seria caracterizada por uma mesma posição independente do peso fonológico.

O Nível Morfossintático

8. Ausência de elementos expletivos

Uma das operações que ocorrem em certas línguas dentro do NM é a inserção de *dummies*, elementos que ocupam posições obrigatórias para as quais não há material interpessoal ou representacional disponível. Essa estratégia de preenchimento é opaca, pois realiza uma modificação no *input*, rompendo a relação de um-para-um.

9. Ausência de cópia de tempo

Um exemplo transparente de discurso indireto ocorre quando o tempo do verbo encaixado é o mesmo que foi usado pelo falante original, não havendo, assim, cópia de tempo. No entanto, há línguas com regras de sequência de marcação temporal que levam a situações opacas, já que ocorre uma modificação no tempo original de fala.

10. Ausência de alçamento

O alçamento de um constituinte de uma oração encaixada a uma posição na oração principal leva à descontinuidade e, em consequência, à falta de transparência.

11. Ausência de gênero gramatical, declinação, conjugação

A organização de uma classe de palavras em gêneros gramaticais e em classes de declinação e conjugação leva a uma subdivisão de palavras que não correspondem ao seu significado ou função, rompendo com a relação de transparência. Em outras palavras, toda classificação e/ou subdivisão arbitrária na língua leva à opacidade.

12. Ausência de concordância

Línguas que exibem concordância copiam propriedades de um constituinte para outro, criando uma marcação dupla e formas múltiplas para o mesmo significado. Desse modo, como há marcação dupla, a relação de um-para-um é quebrada, gerando opacidade na língua.

13. Ausência de morfologia fusional

Em línguas de morfologia fusional, as fronteiras entre as formas não são respeitadas. Isso leva a uma situação em que dois ou mais aspectos do significado são expressos em uma única forma, havendo fusão, levando, assim, à opacidade.

O Nível Fonológico

14. Ausência de adaptação fonológica

No NF várias operações, como as de assimilação, degeminação e harmonização, acrescentam elementos ou propriedades às estruturas que são construídas com base do material recebido dos outros níveis, transformando o *input* recebido e levando a uma relação de opacidade. A ausência dessas operações fonológicas gera a transparência da língua.

Após a análise de cada língua com a aplicação dos critérios de transparência, passaremos para a análise comparativa das línguas com respeito ao grau de transparência. Esta análise será guiada pelos seguintes fatores: i) determinar as semelhanças entre as línguas, ii) determinar as diferenças, iii) estabelecer hierarquias implicacionais, de modo a mostrar o grau de transparência das línguas de acordo com os critérios.

A análise comparativa fornecerá as generalizações necessárias para determinar os fatores que influenciam no compartilhamento de características (família linguística, fronteira geográfica, tipo linguístico, etc.) e também a possibilidade de prever a existência de traços transparentes ou opacos em outras línguas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS

Em um estudo piloto a respeito das relações implicacionais transparentes e não-transparentes, Hengeveld (2011) observa a existência de um padrão, segundo o qual as línguas podem diferir sistematicamente em seus graus de transparência. Na tabela a seguir, observamos uma seleção de alguns dos critérios de transparência e uma seleção de idiomas

- Holandês (Du)¹, Português (Po), Huallaga Quechua (Qu), Tamil (Ta), Kharia (Kh) e Sri Lanka Malay (Sr):

Critério	Du	Po	Qu	Ta	Kh	Sr
Elemento expletivo	+	-	-	-	-	-
Gênero gramatical	+	+	-	-	-	-
Alçamento	+	+	+	-	-	-
Descontinuidade	+	+	+	+	-	-
Relação gramatical	+	+	+	+	+	-
Adaptação fonológica	+	+	+	+	+	+

Tabela 1: Relações implicacionais de transparência

Os sinais positivos mostram que a língua apresenta os traços descritos e, por isso, são opacas com relação ao critério. Em oposição, os sinais negativos mostram ausências que são fatores determinantes para a transparência da língua. Assim, a tabela revela que, se um idioma é opaco em relação a determinado critério, também será opaco em todos os outros critérios inferiores na tabela, ou seja, o Português é opaco com relação gênero gramatical e, conseqüentemente, será opaco com relação a todos os outros critérios inferiores (alçamento, descontinuidade, relação gramatical e adaptação fonológica), apresentando todos esses traços.

Em contrapartida, se a língua é transparente em relação a determinado critério, também será transparente em relação a todos os outros mais elevados na tabela. O resultado dessas implicações é a possibilidade de classificar as línguas horizontalmente de acordo com seu grau de transparência, passando da esquerda para a direita, e verticalmente em termos da probabilidade de ocorrência em uma língua, aumentando de cima para baixo.

Dessa forma, espera-se estabelecer uma hierarquia implicacional dos critérios de transparência das línguas indígenas, de tal modo que seja possível classificá-las em mais ou menos transparentes. Portanto, a hipótese que norteia a pesquisa é de que línguas indígenas pertencentes a uma mesma família compartilham os mesmos traços de transparência ou de opacidade. Comprovada essa tese, será possível prever a ocorrência de traços em outras línguas da mesma família e auxiliar no estudo dessas línguas.

SEMIÓTICA DISCURSIVA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE OS PLANOS DA LINGUAGEM

Carolina Mazzaron de Castro (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

Quando se estuda semiótica discursiva, o grande passo é a distinção entre plano de conteúdo e plano de expressão, conjecturando-se que a diferença entre os dois planos seja a definição sobre o aspecto metodológico concebido por Algirdas Julien Greimas. A metodologia da disciplina semiótica, desde o princípio, tem como objetivo explicitar as condições da apreensão e da produção do sentido, e a organização dos discursos e dos textos através de um conjunto de regras. Em outros termos, procura desenvolver uma sintaxe capaz de entender como se constrói o percurso gerativo do sentido em textos. Ao considerar o texto como uma unidade de sentido constituída por meio da articulação entre um plano de conteúdo (o do discurso) e um plano de expressão (o texto, verbal e/ou não verbal, que manifesta o conteúdo) as características teórico-metodológicas da semiótica têm sido marcadas pelos planos da linguagem.

Todavia, a estrutura na qual se consolidou a metodologia dessa disciplina por meio dos planos da linguagem é esboçada anterior ao projeto semiótico, uma vez que as concepções a esse respeito germinam, sobretudo, com as primeiras definições de Ferdinand de Saussure e a díade: significado e significante.

¹ Será preservada aqui a notação da tabela original para cada língua, conforme apresentada em Hengeveld (2011, p. 07).

A díade proposta por Saussure (2006) é o preâmbulo da primeira acepção epistemológica em torno dos planos da linguagem, pois possibilita a compreensão do sistema e do uso da linguagem, mesmo que a *priori* tenha elaborado sua teoria sobre a estrutura formal da língua. Badir (2000, p.99) esclarece que a metodologia aplicada por Saussure pode parecer difusa, já que é preciso uma compreensão maior sobre a estruturação do termo que vá além das manifestações da língua humana como formas de expressão, ou um sistema de signos:

A partir da posição metodológica adotada por Saussure, foi estabelecida uma norma sócio-centrista, assumindo a priori a língua nacional como o objeto homogêneo das análises linguísticas. Ao fazê-lo, nos proíbe de conceber análises diferentes em termos de invariantes¹. (BADIR, 2000, p.99, tradução nossa)

A esse respeito Badir (2000, p.35) enfatiza que o linguista Louis Hjelmslev concebeu uma teoria capaz de estruturar, analiticamente, funções próprias ao significado e significante, possibilitando unidades de dupla articulação através de um plano de conteúdo e de um plano de expressão. Observamos em Hjelmslev (2006) que as considerações sobre forma (do conteúdo e da expressão) e substância (do conteúdo e da expressão) possibilitam discussões sobre o que Floch (1985), posteriormente, define como relação semissimbólica entre os planos.

Entendendo que a semiótica tenha sido criada na “esteira” dos princípios “saussure-hjelmslevianos”, a disciplina propõe uma teoria que compreende a linguagem como uma forma específica obtida através de duas substâncias diferentes (da expressão e do conteúdo), permitindo ao pesquisador ou analista um modelo de análise no qual seja capaz de observar a atividade da construção de sentido do discurso por meio dos mecanismos teórico-metodológicos do texto.

Podemos dizer que, metodologicamente, a semiótica passou por fases distintas e, embora a obra *Semântica Estrutural* (1976) seja considerada uma primeira etapa da elaboração teórica da disciplina, é em *Sobre o Sentido* (1975a) que encontramos definições sobre língua natural, bem como as taxionomias do plano de conteúdo e do plano de expressão, sendo o viés metodológico que subsidiaria e possibilitaria que a teoria se desenvolvesse dentro de um campo sintático e semântico. Em um segundo momento, Greimas, em *Ensaio da Semiótica Poética*, traz ao centro das discussões:

O problema do isomorfismo dos dois planos, de importância capital para semiótica poética, decorre logicamente do paralelismo entre o significante e o significado, postulado por Saussure: evidente no plano dos signos, esse paralelismo poderá ser postulado para a construção das figuras? (GREIMAS, 1975b, p. 19)

Sobre essas problematizações apresentadas por Greimas recorreremos a Roman Jakobson e a linguagem poética. No próprio *Dicionário de Semiótica* encontramos:

A célebre intuição de Jakobson, segundo a qual o discurso poético corresponderia à projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático, deu um novo impulso às investigações poéticas [...] permitiu conceber possíveis definições de unidades e de isotopias poéticas, situadas sobre os dois planos da linguagem. (GREIMAS, COURTÉS, 2012, p. 340)

A metodologia empregada por Roman Jakobson (1971) nos permite entender, de forma geral, o termo “planos da linguagem” sendo tratado pela compreensão e reflexão sobre a linguagem como modo de interação e comunicação. Encontramos na teoria geral dos signos

¹ De la position méthodologique adoptée par Saussure, on a induit une norme socio-centriste posant a priori la langue nationale comme l’objet homogène de l’analyse linguistique. Ce faisant, on s’interdisait de concevoir l’analyse autrement qu’en termes d’invariantes.

instrumentos para apreender as articulações de semiose, expandindo as análises para: literatura, cinema, sons (fonética/fonologia), entre outros.

Greimas, em uma segunda acepção sobre as análises poéticas, apresenta uma nova proposta de uma “tipologia das correlações possíveis entre os planos da expressão e do conteúdo” (GREIMAS, 1975b, p. 13), propondo um estudo dos planos como uma articulação dupla, contribuindo para os traços distintos dos dois planos nos semas e femas.

Além das transformações teórico-metodológicas apresentadas acima, a disciplina semiótica, no decorrer de sua trajetória, apresentou possíveis noções e acepções sobre vertentes de análises entre a distinção dos planos, que concernem a questões pertinentes a esse trabalho. A publicação de *Da imperfeição* (1987) possibilitou um modelo operatório de análises dos sistemas modais da narrativa que, posteriormente, com a obra *Semiótica das Paixões* (1993) de Fontanille e Greimas, é ainda mais difundido, uma vez que o escopo teórico levou a questionamentos no modelo da narrativa proposto até então para uma epistemologia que abarcasse os planos da linguagem na perspectiva de elementos do sensível.

Floch (1985) ao analisar semióticas plásticas, articula uma metodologia que pretende operar e compreender a significação na contraposição de elementos situados nas formas (e posterior) na substância do plano da expressão. Lindekens (1971) e Thurlermann (1986) acrescentam uma adequação à sistematização que Greimas fez sobre os planos da linguagem a partir das semióticas visuais e da dimensão topológica.

Estudos mais recentes mostram que a metodologia da semiótica discursiva, por meio dos planos da linguagem, está em um percurso contínuo de construção. Fontanille e Zilberberg (2001) propõem que estudos do sensível e o do inteligível reúnam os dois planos da linguagem. Zilberberg (2006) retoma a discussão posta nos anos 70, dos planos de conteúdo e de expressão na poesia, propondo questões relevantes para a análise dos textos poéticos e, Fontanille (2007), problematiza o estudo dos planos da linguagem em uma semiótica das culturas, através do “percurso gerativo de expressão”.

Vemos que, desde os primeiros postulados de Saussure (2006) até os trabalhos mais recentes da teoria semiótica, os planos da linguagem estão presentes em todas as estruturas de análise e nos conceitos teórico-metodológicos apresentados por linguistas e semioticistas. Diante do exposto algumas questões surgiram:

- (i) Os planos da linguagem constituem realmente a base metodológica da semiótica, de um ponto de vista operatório, ao pensarmos na sua relação com texto e discurso?
- (ii) Como expressão e conteúdo foram conceituados historicamente e como as transformações metodológicas são neles refletidas?
- (iii) Em que medida as semióticas poética e visual fizeram a semiótica geral avançar na análise dos planos da linguagem?

Buscando respostas a esses questionamentos, esta pesquisa filia-se à Historiografia Linguística (HL) empreendida por pesquisadores como E. F. K. Koerner (1996a, 1996b), P. Swiggers (2012) e C. Altman (1998) para identificar, descrever e analisar como as análises da semiótica discursiva se desenvolveram por meio dos planos. De acordo com Koerner (1996b, p. 17), a Historiografia Linguística pode ser entendida “como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história”. Essa afirmação pressupõe que o trabalho da Historiografia Linguística é observar não somente a história como simples registro ou documento, mas, sobretudo, como uma forma de resgatar a história linguística.

Esse estudo objetiva inventariar as ocorrências e a história dos planos da linguagem no decorrer na trajetória da semiótica discursiva; analisar a pertinência analítica e operacional da semiótica a partir dos planos da linguagem; observar a transformação das análises do plano de conteúdo e do plano da expressão; circunscrever o avanço semiótico e a necessidade iminente do desdobramento do plano de expressão, bem como as necessidades metodológicas que emergem na disciplina no decorrer da história.

O procedimento metodológico parte dos pressupostos de Koerner (1996a; 1996b) sobre Contextualização, Imanência e Adequação. A contextualização com o objetivo de fazer um levantamento e retomar conceitos da época em cada obra foi produzida; a imanência

consiste em um levantamento de dados que contextualizem diversos períodos, e no entendimento amplo da obra, na sua relação com as concepções linguísticas e às manifestações históricas e culturais nela registradas; e a adequação que concerne em uma metodologia que possibilita aproximar as obras analisadas às terminologias atuais empregadas aos planos da linguagem.

Dessa forma, a metodologia da pesquisa terá a seguinte estrutura:

- (i) Delimitação temática: pensamento metalinguístico a respeito da construção epistemológica dos planos da linguagem que moldaram o pensamento greimasiano e pós-greimasiano. O *corpus* é constituído de obras e textos de autores como: Saussure; Jakobson; Hjelmslev; Greimas; Floch; Lindekens; Thurlermann; Zilberberg; Fontanille e artigos encontrados no periódico *Actes Sémiotique* e na Revista Significação Semiótica.
- (ii) Delimitação histórica: o tratamento dado às questões dos planos da linguagem do final do século XIX ao início do século XXI.
- (iii) Parâmetro de cobertura: análise das obras em uma perspectiva externa e de focalização do contexto.
- (iv) Parâmetro da profundidade: análise de ideias e práticas linguísticas – das primeiras definições sobre o constitutivo do signo às principais definições que levaram a metodologia proposta por Greimas acerca dos planos da linguagem.
- (v) Formato da exposição: centrada na relação entre contexto e conjunto de pontos de vista.

Será realizado um inventário sobre os pontos de vista dos conceitos teóricos que nos levam ao cerne da problematização dos planos da linguagem para que possamos compreender em que ponto se interligam e quais foram as adequações decorrentes da contextualização de cada período histórico. Fazendo essa comparação conceitual e expondo terminologicamente as problematizações teórico-metodológicas, pretendemos discutir a metodologia da semiótica discursiva no que concerne aos planos da linguagem para que possamos, através de resultados, possibilitar que o aparato metodológico da semiótica discursiva seja ampliado e revisto, contribuindo, assim, para os estudos contemporâneos da linguagem.

ANÁLISE DE NECESSIDADES E PROPOSIÇÃO DE UM SYLLABUS PARA O INGLÊS NO CURSO DE ENSINO MÉDIO INTEGRADO EM INFORMÁTICA

Cristiane das Neves (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

As escolas técnicas federais brasileiras ganharam um crescimento significativo, entre 2005 e 2010, em termos de estrutura física, professores contratados e alunos matriculados. Com a Lei 11.892/2008, foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia mediante integração entre Centros Federais de Educação Tecnológica e Escolas Técnicas Federais em alguns Estados, em outros, mediante transformação das Escolas ou Centros. Os Institutos oferecem educação profissional técnica de nível médio e tecnológica de nível superior, com a obrigatoriedade de priorizar a oferta de cursos de ensino médio integrado, nas modalidades regular e de educação de jovens e adultos.

Os cursos de Ensino Médio Integrado (EMI) nos Institutos Federais (IF) têm uma natureza peculiar, pois buscam formar os alunos tanto no ensino regular geral quanto na educação profissional técnica de nível médio, devendo ser capazes de refletir os problemas da área profissional em diferentes dimensões. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012) qualificam o EMI como “uma proposta de “travessia” imposta pela realidade de milhares de jovens que têm direito ao ensino médio pleno e, ao mesmo tempo, necessitam se situar no sistema produtivo”. O Ensino Médio articulado e integrado “a uma formação científico-tecnológica e ao conhecimento histórico social” devem permitir que o jovem compreenda os “fundamentos técnicos, sociais, culturais e políticos do atual sistema produtivo” (p.15).

Neste viés, ao refletir o ensino de línguas no Ensino Médio na concepção de integração, Zolin-Vesz & Souza (2012) compreendem que este deve possibilitar ao aluno “estudar os problemas de uma área profissional em suas múltiplas dimensões, tais como econômica, social, política, cultural e técnica”.

Face ao contexto do EMI, este trabalho de pesquisa se insere no *ensino de línguas para fins específicos* (LinFE) ou *inglês para fins específicos* (IFE), visto que tem o objetivo de propor um curso de inglês como língua estrangeira que atenda a especificidades da formação para o trabalho em articulação com a formação geral em um curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Informática.

Para tanto, foi realizada uma Análise de Necessidades (AN) com a finalidade de coletar subsídios para a proposição de um conteúdo programático que atenda às necessidades dos alunos e professores e contemple questões inerentes à formação do profissional das escolas técnicas. A AN compreendeu aplicação de questionários a alunos e professores, entrevistas com alunos, professores e técnicos em informática, bem como consulta a documentos norteadores. A seguir, descrevo os objetivos da pesquisa, apresento os referenciais teóricos, os procedimentos metodológicos e resultados preliminares.

OBJETIVOS

Considerando o contexto singular do Ensino Médio Integrado, o objetivo geral deste estudo é investigar as necessidades de aprendizagem de língua inglesa de alunos do Campus Rio Branco do Instituto Federal do Acre, a fim de propor um conteúdo programático coerente e útil para o ensino de inglês instrumental no curso de Ensino Médio Integrado em Informática.

Para alcançar o objetivo principal, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- (i) Desenvolver uma análise de necessidades buscando descrever o perfil geral dos alunos que ingressam no Ensino Médio Integrado do IFAC e suas reais necessidades de aprendizagem no que concerne aos elementos linguístico-discursivos da língua inglesa.
- (ii) Propor o desenho de um curso de inglês como língua estrangeira, de abordagem instrumental.
Aplicar parte do curso proposto e analisar o resultado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Hutchinson & Waters (1987) afirmam que Inglês para Fins Específicos (IFE) é uma abordagem, não é uma metodologia, não significa apenas ensinar algumas “variedades” da língua, palavras e gramática, há muito mais subjacente entre o que as pessoas fazem com a língua e o seu conhecimento e habilidades. Segundo os autores, ao se dispor a trabalhar com IFE, o professor fará um levantamento das necessidades dos aprendizes, questionar-se-á o porquê de precisarem aprender inglês, pois a consciência da necessidade é o que diferencia o curso de inglês para fins específicos do inglês para fins gerais.

Historicamente, a análise de necessidades é fundamental no processo de elaboração de um curso de LinFE. Segundo China (2014), a partir de 2000, aumentou o número de pesquisas em Abordagem Instrumental que utilizam, no Brasil, “a análise de necessidades para nortear o (re)desenho de cursos de línguas” (China, 2014, p.14). É na Análise de Necessidades que se estabelece *o que* e *o como* de um curso, em representação cíclica com desenho de curso, seleção e produção de materiais, ensino e aprendizagem e avaliação, é uma das etapas chave em LinFE e ESP (Dudley-Evans & St John, 1998, p. 121). De acordo com Fatihi (2003, p.39, tradução minha), análise de necessidades é um “processo para identificar e definir um currículo sólido e objetivos gerenciais e instrucionais a fim de facilitar a aprendizagem em um ambiente que é próximo das situações reais da vida do aluno”.

A Análise de Necessidades foi proposta pelo *Europe Modern Language Project* antes dos anos 70, diante de críticas à análise da complexidade gramatical de sentenças para desenhar grade curricular por não se preocupar com as necessidades dos alunos (FATIHI, 2003, p.41). O autor afirma que a AN permite conhecer as necessidades, desejos, exigências e carências dos estudantes para, a partir delas, serem desenhados cursos com conteúdo adequado para as situações que irão enfrentar em suas vidas. As questões fundamentais da

Análise de Necessidades (AN) são “o que”, “por que”, “quando”, “quem”, “para quem”, e “como”. (FATIHI, 2003, p.43)

Mais recentemente, Ramos (2004) sugere que o trabalho com o *ensino de gêneros* específicos no ensino instrumental de língua inglesa deve ser ampliado, pois o trabalho com gênero textual se desenvolve a partir da década de 90. Uma vez que os gêneros englobam todas as “atividades humanas constituídas pela linguagem” (MOTTA-ROTH, 2006, p.148), a abordagem via gêneros possibilita a vinculação da experiência de aprendizagem à realidade (Swales, 1990; 2004). De acordo com Bazerman (*apud* Bawarshi & Jo Reiff, 2013, p.13), o reconhecimento de gêneros textuais envolve aspectos “da comunicação, dos arranjos sociais e da produção de sentido humana”, o direito para agir por meio de gêneros se liga aos “papéis sociais, classes e poder institucional”.

Na perspectiva teórica de John Swales, os gêneros compreendem uma classe de *eventos comunicativos*, e os membros de uma comunidade discursiva reconhecem e compartilham *propósitos comunicativos*. Os gêneros diferem pelo propósito e por características da estrutura, estilo, conteúdo e destinatário/audiência pretendida. Se as expectativas são alcançadas através de determinado exemplar de gênero, ele se torna prototípico, aceito e difundido pela comunidade acadêmica. (SWALES, 1990, p. 58)

Os gêneros, de acordo com Swales (1990), variam de acordo com a complexidade do propósito retórico, de uma simples receita a um discurso político elaborado, ou em razão de serem preparados previamente à situação comunicativa, tais como, artigos de pesquisa, cartas de apresentação pessoal, poemas etc. Widdowson (1979) *apud* Swales (1990) considera que há uma orientação interacional entre aquele que escreve e tenta prever as reações do seu provável leitor, assim, atributos de antecipação e culturais também determinam a variação do gênero. A seguir, apresentarei a metodologia de coleta de dados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise de necessidades compreendeu a aplicação de um questionário *online*, com perguntas abertas e fechadas, via *Google docs*, a 100 alunos das turmas de primeiro ao quarto ano e outro a 7 professores das disciplinas técnicas das turmas de EMI em Informática do *Campus* Rio Branco do IF do Acre. As respostas permitiram identificar a experiência prévia dos alunos, seus sentimentos e desejos com a aprendizagem da língua, suas dificuldades e a situação presente, ou seja, o uso da língua estrangeira no dia-a-dia.

Buscou-se facilitar a percepção dos possíveis gêneros que os alunos devem utilizar na escola e no trabalho, bem como as principais habilidades que irão necessitar desenvolver. Foram também realizadas entrevistas com três consultores técnicos. O curso integrado possui natureza peculiar, ou seja, acumula os conhecimentos do ensino médio regular e os de um curso técnico em informática de nível médio, um outro instrumento a nos servir na análise das necessidades foram os documentos que regulam estes cursos. O estudo dos documentos de base nacional e local nos dá base para a compreensão dos objetivos do curso, contribuindo com a análise de necessidades (Hutchinson & Waters, 1987; Jordan, 1997; Dudley-Evans & St John, 1998) juntamente com o resultado dos questionários.

Para os professores, o *link* para o questionário foi encaminhado via *e-mail* e houve abordagem pessoal para esclarecer sobre o trabalho de pesquisa. Para que o questionário fosse respondido *online* pelos alunos, foram realizados os procedimentos necessários à preservação dos dados dos respondentes e das autorizações dos responsáveis e de concordância dos participantes. Os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para assinatura dos responsáveis, alunos maiores e dos professores e termo de assentimento livre e esclarecido (TALE) para os alunos entre 12 e 17 anos de idade foram elaborados a partir dos modelos disponibilizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista no sítio da instituição.

Após todos os esclarecimentos aos responsáveis e alunos e testada a operacionalização da ferramenta, os alunos foram levados a um laboratório de informática do IFAC para responder às questões que foram organizadas em documento no *Google Drive* para facilitar visualização, compartilhamento e contagem das respostas.

RESULTADOS

Os resultados apontam os gêneros que são utilizados na comunidade discursiva dos programadores, inclusive as habilidades que devem ser enfatizadas na elaboração de um curso de inglês instrumental para os alunos. Há maior utilização do inglês para a leitura de textos e para a programação no computador entre os alunos. Em segundo lugar, as opções: compreender comandos e instruções no computador, ler textos em inglês e trabalhar, indicam que os alunos percebem a necessidade específica de utilizar o inglês para fins de uso na futura profissão, bem como para atualizar-se na área.

Comprovando a ênfase na necessidade de leitura em inglês, 100% dos professores utilizam algum material em inglês em suas aulas. Ao especificar os materiais que fazem uso, encontramos ferramentas na *web*, manuais específicos, textos da *internet* sobre curiosidades e textos técnicos e filmes. Todos os respondentes concordam que os alunos devem saber inglês para programar, assinalam a importância da leitura de instruções no computador e a leitura de textos de disciplinas e de interesse do aluno. A ênfase maior é na leitura de textos relacionados à área de formação e, pertinentemente, alunos e professores interessam-se pela audição de música.

Com a limitação da carga horária do curso de inglês, que é de 30 horas, não é possível trabalhar leitura e escrita, portanto, de acordo com os dados que vêm se apresentando, devemos levar em conta a leitura e a oralidade através de músicas. Solicitamos aos professores que nos forneçam exemplares de materiais que utilizam em suas aulas e que usam para leitura em sua área profissional para compor o material do curso a ser desenhado.

DO GÊNERO EPISTOLAR AO COMENTÁRIO ON-LINE: PRÁTICAS DE ESCRITA NA SALA DE AULA

Daniele Cristina Scaliante (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Partindo de uma problematização sobre o ensino de redação em sala de aula, isto é, do ensino de *produção de texto*, na forma de produções escritas, buscaremos estudar de que modo, para além da análise do conteúdo, os alunos se apropriam da prática de escrita, em especial quando essa prática concerne uma maior variedade de suportes de escrita.

Como este trabalho investigativo tem relação direta com práticas próprias do ambiente escolar, trazemos, de início, as observações descritas pelas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Ensino Médio*, que já preveem a necessidade de uma nova abordagem sobre os gêneros e o trabalho com a prática textual em ambiente escolar. Tais orientações ressaltam que há vantagens em “abandonar o tradicional esquema das estruturas textuais (narração, descrição, dissertação) para adotar a perspectiva de que a escola deve incorporar em sua prática os gêneros, ficcionais ou não-ficcionais, que circulam socialmente” (BRASIL, 2002, p. 77). Assim, nota-se que as orientações que prescrevem o trabalho com os textos no ambiente escolar apresentam diretrizes para uma reflexão mais atual sobre os gêneros, pautando-se no “abandono” dos esquemas tradicionais das estruturas textuais e, por outro lado, na consideração de que os gêneros circulam socialmente, isto é, “fora” dos limites da sala de aula. Em nossa perspectiva, tal aspecto pode ser visto e problematizado pelas relações que se constituem a partir da complexidade que é inerente ao gênero, uma vez que o trataremos a partir da relação entre os textos, os objetos-suporte e as práticas de leitura e escrita.

Desse modo, selecionaremos para o desenvolvimento desta pesquisa, não apenas textos diversos, mas textos que podem ser tratados como *gêneros específicos*, em especial os gêneros epistolar e o comentário *on-line*. Embora sejam, ambos, de caráter argumentativo, temos como hipótese que a mudança de suporte que está por detrás da própria caracterização genérica de cada um deles acaba por interferir nas práticas de escrita dos estudantes. Ou seja, propomos uma reflexão sobre os gêneros que fuja da tradicional perspectiva de estudo que contempla a comparação ou classificações estereotipadas.

OBJETIVOS

Nosso objetivo é problematizar a prática da correspondência nos ambientes escolar e digital, que será tomada como prática de base para a produção textual dos alunos, uma vez que tanto a prática epistolar quanto a prática do comentário *on-line* são simulacros de situações de comunicação *in praesentia*, a fim de identificar as estratégias de estrutura, organização e desenvolvimento que caracterizam esses gêneros nos dois espaços discursivos. A partir desse momento, buscaremos descrever as marcas que compõem a identidade e a subjetividade dos sujeitos inscritos nessas práticas, bem como instaurar uma reflexão sobre a contribuição da teoria semiótica discursiva, bem como os seus desdobramentos em uma teoria das práticas semióticas (FONTANILLE, 1999), na contemporaneidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Interessados em observar o modo de organização textual e o engendramento do texto, pautamos nosso trabalho nas contribuições teóricas da semiótica greimasiana. Vale ressaltar, porém, que em seu percurso a semiótica não se ocupou de tratar, em primeira instância, dos gêneros, já que este aspecto não constituía seus objetivos. Para tanto, de modo sucinto, descreveremos tal “trajetória” teórica, que tem seu início a partir das primeiras menções assinaladas em *Maupassant* (1993), por Algirdas Julien Greimas e encontra “respostas” desta problemática em *Sémiotique et littérature* (1999), de Jacques Fontanille, que, no final dos anos 1990, surge com uma reflexão que ultrapassa os limites que concebiam a semiótica como uma teoria da leitura¹, extrapolando os limites do “texto-enunciado” a partir da semiótica das práticas.

Começando, então, pelo prefácio de *Maupassant* (1993), encontramos as preocupações iniciais de Greimas sobre a problemática dos gêneros, pois embora tenha definido seu estudo enquanto uma discussão que se “limitaria” à problematização da leitura de um conto literário - *Dois amigos* -, seus questionamentos conduzem a observações que já revelavam, na época, o problema da “classificação” do gênero: “não se dispõe de nenhum meio capaz de certificar que os traços comuns, selecionados como definitórios de um gênero, realmente o sejam [...]” (GREIMAS, 1993, p.10).

Assim, ciente de que para esta problemática, na época, as questões se sobressaíam às respostas, Greimas parece buscar caminhos que expliquem a questão da organização genérica do texto por meio do apontamento de seus caracteres generalizáveis. Logo, tendo em vista seu posicionamento, pode-se inferir que, para ele, tratar da questão dos gêneros seria um caminho inviável, pois traria à tona aspectos conceituais da superfície, facilmente questionáveis e passíveis de refutação por parte dos semioticistas. Este aspecto reafirma a aparente situação da noção de gênero na época: ausente de um posicionamento teórico sobre tal noção, calcado nos conceitos basilares da semiótica.

Já em Greimas & Courtés (2016, p. 228), no final dos anos 1970, embora ainda “indefinido”, o *gênero* parece ganhar novo interesse com aspectos que o tratam a partir de um posicionamento constitutivo de um além-texto: “O gênero designa uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal. Estes podem provir quer de uma classificação implícita [...] quer de uma ‘teoria dos gêneros’”. (GREIMAS; COURTÉS, 2016, p. 228, grifo do autor). Tem-se, assim, a “teoria dos gêneros” sob a forma de uma “taxionomia explícita de caráter não científico” e que, amparada por postulados ideológicos, é dependente de um relativismo cultural. Para a “tipologia dos discursos” há o reconhecimento de suas propriedades formais.

Aqui, observa-se o impasse que se instaura frente à opacidade destes conceitos na época: uma teoria dos gêneros em oposição a uma tipologia dos discursos. Denominamos

¹ Neste sentido, a partir das questões colocadas por Fiorin (1990) com relação ao modo de organização dos patamares do percurso gerativo do sentido, a semiótica pode ser considerada uma teoria da leitura. Ademais, em Greimas & Courtés (2016, p. 282), no verbete “leitura” tem-se: “entende-se por leitura a construção, ao mesmo tempo sintática e semântica, do objeto semiótico que explica o texto-signo”.

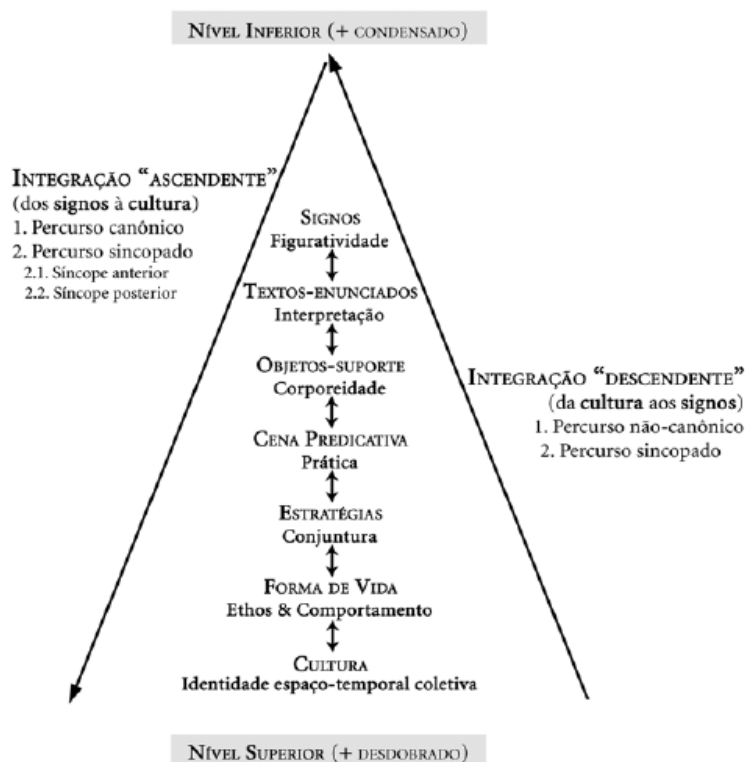
como “opacos” tais conceitos porque ainda neste período não eram claros ao viés semiótico tais pontos de vista, o que fez com que não se tivesse, até então, um posicionamento teórico que esclarecesse tais questões. Havia, sobretudo, o receio de que se perdesse a cientificidade em razão da “adesão” de uma abordagem não imanente ao se pensar que os gêneros poderiam ser definidos por pontos instáveis, já questionados por Greimas (1993, p. 10): “o estudo de um texto literário coloca inevitavelmente, de maneira mais ou menos explícita, o problema de sua situação no universo literário socioletal”. Deste modo, Greimas descreveu sobre a dificuldade de tratar desta problemática, já que, para ele, os “universos literários” são entendidos como classificações de textos que correspondem às dimensões de áreas culturais e articulam o conjunto dos discursos em classes e subclasses, que, posteriormente, darão origem a novos discursos.

É no final dos anos 1990, a partir da proposta de uma semiótica das práticas elaborada por Jacques Fontanille que há uma possível resposta para esta problemática, isso porque ao discutir, em *Sémiotique et Littérature* (1999) sobre o estatuto literário dos textos, Fontanille apresenta uma descrição semiótica de tal “lacuna” teórica, permitindo que houvesse, a partir de um trabalho semioticamente organizado, a possibilidade de se pensar o gênero por meio da precisão entre o nível de pertinência e o plano do conteúdo ou da expressão, ainda que, inicialmente, faça-o em consonância aos questionamentos de Greimas sobre a instabilidade dos gêneros.

É deste modo que, para além de uma perspectiva que toma a semiótica como uma teoria da leitura, é que vamos avançar na direção dos trabalhos de Jacques Fontanille, isso porque seus estudos marcam um novo ponto teórico na semiótica, novas inserções e questionamentos, bem como perspectivas novas para a abordagem do gênero ao trazer para a base de seu interesse outras dimensões de significação, ultrapassando as “barreiras” articuladas quando da observação restrita do *texto-enunciado*, feito mais explorado pela semiótica em todo o seu percurso, até então. Para os questionamentos anteriores, que permaneciam “sem resposta”, Fontanille (1999) propõe que as noções de texto e de discurso devem ser, ao mesmo tempo, distinguidas e conjugadas, uma vez que os gêneros apresentam propriedades textuais e discursivas.

Além disso, vale destacar, também, que a partir da problemática dos tipos textuais e discursivos, questionamento que norteia os apontamentos de Fontanille (2001) sobre os “regimes de enunciação”, tem-se pontos que tratam da estrutura material do suporte, o que constitui a máxima de nossa investigação: a relação entre o objeto-suporte de inscrição e as práticas que integram e compõem a complexidade dos gêneros. Assim, para Fontanille, é possível pensar em gênero a partir de um ponto de vista para além do texto-enunciado, por meio de uma hierarquia de níveis de pertinência² que vão desde o nível inferior ao superior:

² Segundo Portella (2008), o percurso gerativo da expressão e a problemática dos níveis de pertinência semiótica foram introduzidos por Fontanille em agosto de 2005, no curso de curta duração “Significação e visualidade: exercícios práticos” que o semioticista francês ministrou no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos (São Leopoldo, RS). No entanto, em razão da extensão do trabalho não descreveremos, a fundo, os níveis de pertinência, embora embasem nossa investigação.



Logo, pois, reiteramos o quão necessária se faz a reflexão sobre uma abordagem das práticas escritas atuais que considere não somente o *texto-enunciado*, mas a rede de relações que se dão, *a priori*, a partir do objeto-suporte, uma vez que suscitam cenas práticas decorrentes da correlação entre produção e circulação do gênero. Chama-nos, pois, a atenção o fato de que as instruções das *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* indicam a importância de se considerar o "suporte" como constituinte do processo de significação. Vejamos:

Não se pode relevar a importância de suportes diversos do livro – cuja leitura é tão cobrada nas aulas de literatura – e se estendem à revista, ao jornal, à enciclopédia, ao *outdoor*, para citar apenas alguns. Somente como leitores de múltiplos textos os alunos desenvolverão a contento sua competência textual. (BRASIL, 2002, p. 78)

Assim, acreditamos que a partir de um trabalho investigativo que leve em consideração as práticas de produção de texto e de leitura, a relação do alunado com a leitura e escrita pode ser modificada se o modo como se pensa o suporte e as práticas em sala de aula também o forem, o que proporciona, por conseguinte, uma reformulação do trabalho docente em sala de aula por meio das contribuições teóricas aqui adotadas, já que refletem sobre tais questões a partir do modo como os gêneros se apresentam na contemporaneidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a proposta desta pesquisa, os procedimentos metodológicos contemplarão, inicialmente, a coleta de cartas no ambiente escolar, produzidas em aulas de Língua Portuguesa, por alunos do terceiro ano do Ensino Médio, na Escola Técnica Estadual Professor Massuyuki Kawano, Tupã – São Paulo, pertencente ao Centro Paula Souza. Posteriormente, para que haja a análise dos comentários *on-line* publicados no ambiente digital, tem-se a proposta de elaboração de uma página que seja destinada a tal publicação, para, a partir de então, aplicar os objetivos aqui propostos.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Pensar nas questões apresentadas a partir da perspectiva teórica aqui adotada é problematizar novos embates, emaranhar-se por meio de novos pontos teóricos e enveredar-se pelas contribuições atuais acerca do gênero, o que, certamente, possibilitará que tal problematização seja tratada de modo contributivo e reflexivo, já que se constitui, ainda, como alvo de investigações. Tais aspectos podem contribuir para que se possa refletir, por meio da abordagem do gênero em semiótica, sobre os modos de constituição da subjetividade e da identidade dos sujeitos inscritos nessas práticas. Pretendemos, assim, exceder os liames que têm, ainda hoje, como base da reflexão sobre as práticas de escrita, a classificação dos gêneros a partir de categorizações prontas e articuladas a contextos de produção restritos e específicos, classificação essa que desconsidera a complexidade pela qual os gêneros se apresentam em razão dos diversos modos de manifestação da prática de escrita contemporânea.

LEVANTAMENTO DO LÉXICO MAIS FREQUENTE EM ARTIGOS JORNALÍSTICOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESCRITOS EM LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA: PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO

Daniele Trevelin Donato (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

A Linguística de Corpus estuda a língua por meio de uma abordagem empírica. Por meio da observação e análise dos dados, podemos verificar aspectos sintáticos, lexicais ou discursivos. Essa abordagem origina-se da observação de uma grande quantidade de texto reunidos em corpora, e a partir deles são feitas inferências a respeito de como a língua é utilizada. Fazendo uso de ferramentas computacionais, obtêm-se dados quantitativos que podem ser analisados qualitativamente. (OLOHAN, 2004; ZANETTIN, 2012 apud TAGNIN, 2015). Esta pesquisa baseia-se na Linguística de Corpus, apoiando-se nos estudos de (BERBER SARDINHA, 2004; VIANA, V.; TAGNIN, S., 2011; VIANA, V.; TAGNIN, S., 2015; IBAÑOS et al., 2014). Como ponto de partida, listamos as seguintes perguntas: a) Quais as palavras mais recorrentes nos artigos jornalísticos sobre educação escritos em língua portuguesa? b) Quais as palavras mais recorrentes nos artigos jornalísticos sobre educação escritos em língua inglesa? c) Quais as semelhanças e diferenças no uso do conjunto vocabular empregado na divulgação de notícias sobre educação?

OBJETIVOS

Os objetivos gerais desta pesquisa são: 1) Compilar um corpus comparável de textos em língua inglesa e língua portuguesa; 2) Extrair dados qualitativos de ambos os corpora por meio de ferramentas computacionais; e 3) Propor um modelo de glossário bilíngue. Já os objetivos específicos são: 1) Analisar o uso do léxico mais frequente no corpus de textos de artigos de jornais da área de educação publicados em quatro jornais brasileiros selecionados para este estudo (A Folha de S. Paulo, O Estadão, O Globo e Extra); 2) Analisar o uso do léxico mais frequente no corpus de textos de artigos de jornais da área de educação publicados em quatro jornais de língua inglesa selecionados para este estudo (The New York Times, The Guardian, Los Angeles Times e The Independent); 3) Contrastar o léxico de ambos os corpora por meio do WordSmith Tools; 4) Propor um modelo de micro e macroestrutura de glossário na direção português-->inglês; 5) Elaborar um glossário bilíngue na direção português-->inglês com o léxico (e combinações lexicais) mais frequente; e 6) Refletir sobre a diferença entre o léxico e as combinações lexicais utilizadas nos textos selecionados em ambos os contextos linguísticos (inglês/português).

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 3), a Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, coletados criteriosamente para estudos de determinada

língua. Entende-se por corpora, um conjunto de dados linguísticos, organizados segundo alguns critérios, obedecendo a certa amplitude e profundidade, a fim de que sejam representativos em seu âmbito. É necessário que sejam dispostos de forma que possam ser processados por computador, resultando em posteriores resultados úteis para descrição e análise da língua. (SANCHEZ, 1995 apud BERBER SARDINHA, 2000).

A pesquisa baseada em corpora se fortaleceu a partir de 1980, com o acesso ao computador pessoal. Neste contexto, nota-se que os avanços da Linguística de Corpus estão relacionados com o progresso tecnológico, que permite a criação e desenvolvimento de ferramentas computacionais, que auxiliam no armazenamento e exploração de corpora. (CELLI, 2014)

Segundo Teixeira (2008 apud CELLI, 2014) a importância do computador na análise linguística é similar à invenção do microscópio na biologia. Pois não apenas ampliou o conhecimento da língua, mas o transformou, permitindo a visualização de fatos não visíveis “a olho nu”. Além da grande quantidade de dados extraídos pelas ferramentas eletrônicas, é possível que se observe sob outras perspectivas e evidencie novos fenômenos, impossíveis de realizar sem a utilização do computador e das ferramentas disponíveis atualmente.

A pesquisa baseada na Linguística de Corpus busca “evidências na frequência e na coocorrência de itens lexicais do corpus para relacioná-las, depois, a outras instâncias da comunicação” (TEIXEIRA, 2008 apud CELLI, 2014)

Tagnin (2015) afirma que “os corpora são banco de textos de linguagem autêntica criteriosamente construídos, destinados a pesquisa e legíveis por computador.” Enfatiza-se o uso da linguagem autêntica, pois a língua é tida como um sistema probabilístico (HALLIDAY, 1961 apud TAGNIN, 2015)

Segundo Berber Sardinha (2000) há quatro pré-requisitos para a formação de um corpus computadorizado, são eles: 1) o corpus deve ser composto por textos autênticos, em linguagem natural. Ou seja, não podem ter sido produzidos com a finalidade de ser alvo de pesquisa; 2) os textos devem ser autênticos, no sentido de que sejam produzidos por falantes nativos da língua. Caso contrário, devem ser qualificados como corpora ‘de aprendizes’; 3) o conteúdo do corpus deve ser escolhido criteriosamente, seguindo algumas regras propostas pelo próprio criador, a fim de que alcance os objetivos esperados e; 4) representatividade do corpus, que caracteriza-se entre outras coisas, quanto a extensão do corpus. Para ser representativo na língua, o corpus deve ser o maior possível.

Há corpora disponíveis para consulta online ou off-line. Podem ainda ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues, paralelos ou comparáveis. Há, atualmente, disponibilização de inúmeros corpora que podem ser consultados pela Internet. No entanto, em alguns casos, devido a exigências relacionadas ao objeto de pesquisa, torna-se necessária a compilação de corpora por pesquisadores para atendimento de requisitos específicos em termos de representatividade.

Os corpora monolíngues podem abranger a “língua geral” ou “língua de especialidade”. Nos corpora de língua geral, documentam-se o uso de determinada língua, bem como suas variedades. Já os corpora de língua especializada, abrangem textos específicos, como literatura. Os corpora bilíngues ou multilíngues são amplamente utilizados em estudos relacionados à tradução, pois permitem a comparação entre as línguas. Estes podem ser de dois tipos: paralelos ou comparáveis. (TAGNIN, 2015)

Segundo Tagnin (2015) os corpora paralelos são compostos por textos originais em determinada língua e sua respectiva tradução. Geralmente utilizados para análise de obras literárias em que o pesquisador compara uma obra literária com sua tradução em determinada língua, ou compara o original com diversas traduções feitas sobre a mesma obra. Já os corpora comparáveis, são compostos por textos originais nas duas (ou mais) línguas em estudo. Para que seja possível a comparação, os corpora devem ser constituídos de textos de mesma tipologia, temática e abranger período semelhante.

Nesta pesquisa, nos ocuparemos da compilação de um corpus comparável composto por artigos jornalísticos da área de educação. Os textos que serão compilados para posterior análise serão extraídos de oito jornais (quatro de língua portuguesa e quatro de língua inglesa)

selecionados para este estudo, abrangerão um mesmo período de tempo (a definir) e serão extraídos da área educação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa propõe a compilação de dois corpora comparáveis. Um corpus de textos extraídos de quatro jornais brasileiros, escritos em língua portuguesa (A Folha de S. Paulo, Estadão, O Globo e Extra); e um corpus de textos extraídos de dois jornais norte-americanos e dois britânicos, escritos em língua inglesa (The New York Times, Los Angeles Times, The Guardian e The Independent).

Possui natureza quantitativa e qualitativa, pois a partir do levantamento quantitativo e estatístico dos corpora através do WordSmith Tools, identificaremos os itens relevantes para o desenvolvimento de uma análise qualitativa. É importante ressaltar que o arcabouço teórico-metodológico da Linguística de Corpus permite a extração de dados de modo mais confiável e funciona de maneira eficiente para a compilação de um glossário bilíngue, propondo equivalentes que serão úteis aos profissionais da área.

O período e a quantidade de artigos ainda não foram finalizados. Porém, nosso objetivo é extrair uma quantidade que possa dar representatividade ao estudo proposto. Tendo em vista que a linguagem é um sistema probabilístico (HALLIDAY, 1991, 1992 apud BERBER SARDINHA, 2000), quanto maior for o corpus, maior as chances de palavras com menor frequência aparecerem.

A partir dos corpora, utilizaremos as ferramentas do WordSmith Tools para a geração de listas das palavras mais frequentes nos artigos da área de educação presentes nos artigos jornalísticos selecionados para este estudo e iniciaremos análise qualitativa dos dados.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Quando se embarca em uma pesquisa baseada em corpus, uma das melhores formas de se iniciar a jornada é gerando uma lista de palavras do corpus de estudo. (BOWKER e PEARSON, 2002 apud AGUIAR, 2015). Essa lista, é feita com a ferramenta WordList, que faz parte do programa WordSmith Tools e apresenta as palavras por ordem de maior frequência. Porém, para iniciar a elaboração das listas, é necessário que os textos que irão compor o corpus estejam em formato eletrônico e salvos com a extensão “.txt” (texto sem formatação).

De acordo com Aguiar (2015), embora as listas de frequência sirvam como ponto de partida para a investigação, não é pertinente fazer afirmações generalizadas com base apenas na lista de palavras, tendo em vista que elas aparecem descontextualizadas. Mas, devido a grande frequência são candidatas a uma investigação mais aprofundada.

Levando em consideração os pré-requisitos descritos anteriormente para a compilação dos corpora, a pesquisa encontra-se em fase de seleção dos artigos dos oito jornais selecionados para este estudo. No caso desta pesquisa, os textos estão sendo extraídos da Internet, portanto é necessário apenas que sejam copiados, criando-se os arquivos com a extensão “.txt” (texto sem formatação). Excluindo-se o processo de digitalização (no caso dos textos impressos) e posterior conversão para a extensão necessária à análise pelas ferramentas computacionais.

Após a seleção dos artigos e organização de cada um deles na extensão “.txt”, iniciaremos a extração dos dados utilizando o programa WordSmith Tools e prosseguiremos com as análises qualitativa dos dados..

A AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB) POR VENEZUELANOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E FUNDAMENTAL EM CONTEXTO FRONTEIRIÇO: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS BAKHTINIANOS.

David Sena Lemos (UNESP/Araraquara – UERR/UFRR)

Investigações sobre como a criança aprende a falar ocorrem há muito tempo e se desenvolvem interdisciplinarmente, em diálogo com distintos campos do saber e perspectivas teórico-metodológicas. A partir das primeiras incursões da linguística nesses estudos,

consolida-se, então, a Aquisição da Linguagem como uma área que se dedica à fala da criança (DEL RÉ, 2015). Esses estudos seguem diferentes modos de coletas – longitudinais e transversais, e em situações naturalistas ou experimentais – buscando entender fenômenos ligados à aquisição de uma língua oral, mais de uma (como o bilinguismo e multilinguismo), a aquisição da escrita, com foco em diversos temas tais como a referenciação, o humor na criança, dentre outros. Estudos dessa natureza nas fronteiras ao norte do Brasil, particularmente em Roraima, inexistem ou ocorrem parcialmente em outras áreas. Assim consideramos relevante estudar essa temática, por isso propomos esta pesquisa, que segue a linha “Ensino de aprendizagem de língua”, do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp. Faz parte do Dinter Unesp-UERR-UFRR e traz como título (provisório) “A aquisição do Português do Brasil por venezuelanos na educação infantil e fundamental em contexto fronteiriço: contribuições dos estudos bakhtinianos”.

A pesquisa situa-se em Pacaraima, cidade-gêmea com Santa Elena de Uairén (sul da Venezuela), um espaço multilíngue, com população oriunda de todas as regiões brasileiras, falantes de espanhol e de línguas indígenas, já que se localiza em uma reserva indígena, equivalente a 7,8% do roraimense. Há grande mobilidade migratória neste espaço, sendo de caráter transitório (turismo) ou fixo (brasileiros moram em Santa Elena e em cidades próximas, e venezuelanos moram em Pacaraima e outros municípios). Esse processo migratório se intensificou ultimamente devido, dentre outras causas, à situação crítica social, política e econômica que o país vizinho atravessa há algum tempo.

Pacaraima tem 03 (três) instituições municipais de ensino infantil e fundamental, sendo este também ofertado em uma instituição estadual. Em uma das escolas, em 2016, 27% dos alunos matriculados eram “estrangeiros” hispânico-falantes; em outra, denominada de “creche”, por atender crianças de 03 a 04 anos, tinha uma média de 36% de estrangeiros. Neste ano os dados alteraram-se com aumento da demanda migratória e, devido ao censo escolar ainda em curso, não obtivemos números precisos atuais. Diante desse contexto, propomos esta pesquisa para estudar como ocorre o processo de aquisição de língua portuguesa por crianças venezuelanas no ensino infantil, entre 03 e 04 anos de idade, nas escolas brasileiras, com a possibilidade de compararmos com crianças das séries finais do ensino fundamental, em situação de contato linguístico, em espaço fronteiriço. Muitas dessas crianças que são alfabetizadas em Português ainda estão aprendendo espanhol, o que configura imersão em contexto de aprendizagem bilíngue.

Nesse direcionamento, temos como objetivo central analisar o processo de aquisição do PB, sob a perspectiva dialógica dos estudos bakhtinianos, por crianças “estrangeiras” – originalmente venezuelanas – que têm Espanhol como LM (língua materna), em situação de contato linguístico em escolas da fronteira. Especificamente objetivamos (a) verificar como ocorre a aquisição da L2 (segunda língua) em diferentes idades da educação infantil; (b) comparar etapas da aquisição em diferentes níveis escolares; (c) descrever mudanças na/da aquisição da segunda língua; (d) analisar que fatores, internos e externos à língua, interferem na aquisição da língua portuguesa; (e) estudar ocorrências de transferências / interferências e em que níveis linguísticos predominam.

Por ser um campo de pesquisa muito abrangente, pressupõe um aporte teórico diversificado, a ser explorado sob diferentes pontos de vistas. Assim, a exemplo de pesquisas já existentes sobre a temática (DEL RÉ, 2014; 2015), esse estudo assumirá um caráter interdisciplinar, já que exploraremos um objeto rico em nuances – a fala da criança.

O estudo terá como foco a abordagem discursiva, por isso consideramos as concepções de linguagem e de língua propostas pelos estudos de Bakhtin (1999; 2006) e do Círculo, para quem a língua é um organismo vivo, dotado de significações ideológicas. Contribuirão com esse aporte as reflexões de Brait (2014), Faraco (2009), Fiorin (2016) e Geraldi (2010). Bakhtin mostra que o sujeito se constitui por meio da linguagem a partir do outro em uma relação dialógica (*eu-outro-mundo*), e Silva (2012) corrobora que estudos da aquisição implicam um sujeito, assim, destacando-se a linguagem e o sujeito. Nesse sentido analisaremos a relação do sujeito falante, neste caso, a criança, e a linguagem; isso porque concordamos que ela participa ativamente do processo de aquisição de sua LM ou uma L2 através de atividades interativas linguageiras (DEL RÉ, 2014). Concordando com Del Ré

(2014), não tentaremos aplicar uma teoria de Bakhtin a aquisição da linguagem, mas faremos análises considerando determinadas concepções sobre questões dialógicas, o processo interativo que leva à criança a se constituir como sujeito, que ocorre na e pela linguagem e para isso discutiremos as noções de singularidade, intersubjetividade, identidade (GERALDI, 2010), expressos na interação dialógica da criança, que se dá pelos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011:262).

Segundo Del Ré (2014; 2015) e Hilário & Del Ré (2015), a entrada da criança no mundo da linguagem se dá por esses recursos, afinal, a “riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas” (BAKHTIN, 2011:262) e esses, sendo enunciados da atividade humana, materializam-se em uma multiplicidade de cenários. Nesta pesquisa temos como cenário o universo linguístico manifestado na escola, ou seja, situações cotidianas da sala de aula. Trataremos, dessa forma, das contribuições da visão “translinguística” relacionada à aquisição de linguagem, manifestados nos enunciados concretos da criança, que são “irrepetíveis”.

Para a compreensão do fenômeno da aquisição/aprendizagem da linguagem pela criança em distintas situações de interação, como educação infantil e fundamental em contextos fronteiriços de contato de línguas, apoiamo-nos nos estudos de Del Ré (2014; 2015). Questões gerais relativas à aprendizagem e a relação com a linguagem da criança, particularmente sobre a infância, como aprende a falar, pensamento e linguagem e formação social da mente, recorreremos às contribuições teóricas de Bruner (1983) e Vigotski (2007; 2008), cujos estudos se alinham à perspectiva discursiva.

Sendo o ambiente da pesquisa multilíngue, onde se estabelecem relações interculturais, coexistem outros fenômenos, tais como multilinguismo / bilinguismo, interferências / transferências e aspectos relacionados à interlíngua. Estes serão estudados em Fernández (1999-2000), Appel & Muysken (1996) e Santos Gargallo (1993). A relação entre distintas línguas (o uso) e o contato de sistemas originam aspectos teórico-metodológicos que, segundo Fernández (1998), poderão contribuir de alguma maneira com este estudo.

É relevante compreendermos a natureza dos processos de *aquisição* e *aprendizagem*. Pesquisas apontam que a aquisição se refere à LM porque o sujeito a adquire espontaneamente em ambiente natural, em situações reais de convívio; já aprendizagem se refere à L2, pois ocorre em ambiente formal de não imersão. Contudo, neste estudo os sujeitos da pesquisa estão em situação de imersão – sala de aula de escolas brasileiras, logo assumir essa distinção rigorosamente seria inviável, por isso usaremos os termos aquisição e aprendizagem indistintamente, pois entendermos que aspectos desses processos se interpenetram neste contexto, ou seja, as crianças podem adquirir e aprender a linguagem simultaneamente.

Quanto aos procedimentos metodológicos, para os estudos recentes de Aquisição de Linguagem, segundo Del Ré (2015:16), admite-se que a metodologia seja determinada pela teoria a ser escolhida pelo pesquisador, e ainda, que esse escopo teórico poderá nortear a metodologia e a seleção de dados. Ao focar o universo linguístico da criança, este estudo assume um caráter multidisciplinar, o que implica a coexistência de abordagens, assim seria difícil uma metodologia universal (HILÁRIO; DEL RÉ, 2015), ou seja, uma proposta definitiva que dê conta de todos os aspectos do objeto. Os dados serão construídos em uma realidade dinâmica de interações linguísticas, assim consideramos inicialmente o modo naturalístico de coleta. Analisaremos os dados pelo procedimento qualitativo, já que este orienta o estudo de dados singulares e a variabilidade do discurso da criança, o processo.

Faremos uma adaptação do modo de coleta de dados naturalista (DEL RÉ; DE PAULA; MENDONÇA, 2014) para o contexto escolar, pois ocorrerá em ambiente de sala de aula com crianças que interagem entre si, com professores e assistentes. Almejamos registrar situações espontâneas de diálogos, uso reais da linguagem pelas crianças, e assim “compreender como se dá a entrada da criança na língua(gem)” (DEL RÉ; HILÁRIO; MOGNO 2014:143). Analisaremos o resultado das interações (criança-professor-criança), ou seja, a presença de outras vozes, outros discursos, que constituem a fala da criança (HILÁRIO; DEL RÉ, 2015). Portanto, focaremos o processo de produção, e, nesse aspecto, assume importância o gênero do discurso – proposto por Bakhtin, já que é pelos gêneros que a criança

“adquire enunciados que fazem parte de um *cenário*” (DEL RÉ; DE PAULA; MENDONÇA, 2014:26), no caso desta pesquisa, o universo linguístico da escola, cenário constituído de diversidade de gêneros.

Iniciamos a pesquisa com a etapa de “negociação” entre órgãos gestores da educação no município para obter informações que nos situe sobre o panorama educacional em Pacaraima e conceda acesso à escola. Fomos autorizados e a proposta foi bem recebida. Em seguida iniciamos observação participante, pois estamos em contato direto com o fenômeno da investigação. Os sujeitos da pesquisa constituem-se de crianças hispânico-falantes, que frequentam as escolas municipais de Pacaraima. As observações preliminares visam identificar perfis e assim definirmos os sujeitos informantes. O tipo de coleta será longitudinal. Para tanto, inicialmente pretendemos desenvolver a pesquisa em dois anos letivos, sendo as sessões a cada 15 dias. Se necessário, reestruturaremos o formato e a frequência de participações em campo o suficiente para identificar aspectos analisáveis do processo de aquisição.

O *lócus* da pesquisa foi definido baseado no contexto supracitado, ou seja, em instituições situadas na fronteira em questão, que se constituem como um espaço de diversidade linguística e cultural, composto por falantes de distintas nacionalidades, além da brasileira e hispânico-falantes, crianças nativas de várias línguas indígenas. Destacamos que, além da interação no ambiente escolar, por outras motivações, as crianças cruzam diariamente a fronteira, intensificando a imersão nesse ambiente multilíngue.

A interação da criança com o adulto ocorre de forma multimodal, e por ser relevante para este estudo, realizaremos filmagens das interações, cujas imagens e áudios analisaremos visando à compreensão do fenômeno, a contemplação do sujeito e sua linguagem. Antes das filmagens solicitaremos autorização dos responsáveis pelos informantes. Transcreveremos os dados conforme procedimentos e normas de transcrição comuns adotados em investigações dessa natureza. Neste caso, pelo CHAT, do programa CLAN, disponibilizado na plataforma virtual CHILDES. Planejamos realizar entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelas crianças, gestores e colaboradores das escolas. Tais eventos visam identificar variáveis, como a origem e ascendência das crianças, motivação para estudar no Brasil, tipo de imersão e contextos socioculturais, dentre outras que possam servir como parâmetros para compreensão do processo de aquisição da linguagem. Enfim, ainda estamos em fase de constituição dos procedimentos metodológicos, com várias observações realizadas nas escolas alvos, podendo ainda sofrer alterações ao longo da pesquisa.

Portanto, com este estudo em andamento, mesmo em fase inicial, esperamos produzir resultados significativos que se somem aos estudos em curso e já realizados. E ao final esperamos propor condições para reflexão, implementação de estratégias ou elaboração de recursos metodológicos relacionados à aquisição da linguagem, considerando as características da fronteira em questão e outros aspectos que possam advir do universo a ser analisado.

ESTUDO DAS CONSOANTES RÓTICAS NAS CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

INTRODUÇÃO

A pesquisa visa dar continuidade à análise dos fenômenos fonológicos do português arcaico, estudo que foi iniciado em um projeto de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e realizado sob orientação e auxílio da Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari. No estudo em questão, foram analisadas as consoantes róticas (<r> e <rr>) presentes nas 100 primeiras *Cantigas de Santa Maria*. Escolheu-se trabalhar com as róticas, pois elas constituem um tema pouco estudado até hoje, interessante à composição de um mosaico da Fonologia do português arcaico (PA), uma vez

que se podem observar controvérsias com relação ao seu status fonológico, tanto em períodos passados da língua quanto no período atual.

O *corpus* da pesquisa foi escolhido tendo em vista os registros remanescentes do português arcaico disponíveis para a análise. Os textos que foram escritos na época do português arcaico eram registrados em um sistema de escrita de base alfabética, ou seja, não havia uma atenção voltada para os fenômenos prosódicos da língua. Em decorrência disso, em textos em prosa é quase impossível obter informações relevantes sobre a prosódia do português daquela época. Assim, foram escolhidos textos poéticos, pois esse tipo de material possui informações tanto sobre os elementos segmentais do texto, quanto suprasegmentais, tais como o número de sílabas poéticas e o local dos acentos em cada verso. Por meio dessas informações fornecidas pelos textos poéticos, é possível inferir sobre os padrões acentuais e rítmicos do português da época dos trovadores. Desta forma, o *corpus* do estudo em questão será composto pelas 100 primeiras *Cantigas de Santa Maria* já analisadas na Iniciação Científica da pesquisadora e por 150 *Cantigas profanas* (50 *Cantigas de amor*, 50 *de amigo* e 50 *de escárnio e mal dizer*). Por meio da comparação das vertentes religiosa e profana da lírica medieval galego-portuguesa, objetiva-se verificar se os resultados já alcançados para as *Cantigas religiosas* podem também ser comprovados com relação às *Cantigas seculares*.

As *Cantigas de Santa Maria*, cuja autoria é atribuída ao Rei de Leão e Castela, Dom Afonso X, o Sábio (1221-1284), constituem um cancionero que foi elaborado em louvor da Virgem Maria, na segunda metade do século XIII. Segundo Fidalgo (2002), a Idade Média ficou conhecida como a época em que houve uma forte religiosidade e uma grande proliferação de narrativas dos numerosos milagres realizados pelos Santos. A narração dos vários prodígios dos Santos já havia se tornado um hábito para os fiéis. Eram a prova da vitalidade de Deus em um período em que a estrutura da Igreja era composta por heresias. A ideia de que Deus continuava se relevando aos homens pelos milagres estava enraizada na mentalidade do povo medieval. As *Cantigas de Santa Maria* surgem em meio a este contexto.

Se por um lado a autoria das *Cantigas de Santa Maria* é atribuída somente a D. Afonso X, o conjunto da lírica profana galego-portuguesa possui cerca de 160 autores, que são responsáveis pela produção de mais de 1700 composições no período que compreende o final do século XII e meados do século XIV. Tais produções podiam ser de três tipos: *Cantigas de amor*, *de amigo* e *de escárnio e maldizer*. Segundo Massini-Cagliari (2007), apenas um número reduzido da produção lírica profana sobreviveu até os dias atuais – 3 cancioneros galego-portugueses e algumas *cantigas* registradas em pergaminhos esparsos.

Massini-Cagliari (2007) explica que as *Cantigas de amor* são aquelas nas quais o trovador se dirige de forma direta à dama amada. Esses tipos de *cantigas* seguem um “formalismo sentimental” e retratam uma submissão absoluta por parte do trovador à dama amada. Já com relação às *Cantigas de amigo*, a autora explica que é a dama quem fala. Para a autora, essas *cantigas* são mais populares e nacionais se comparadas às *Cantigas de amor*. A temática dessas *cantigas* volta-se a voz feminina que se dirige ao seu amigo ou fala sobre ele, ou confessa seu amor, ou chora de saudade por causa da sua partida, ou zanga-se com ele quando não cumpre algo que lhe foi prometido, ou queixa-se do impedimento imposto pelas mães de ver o amado, ou mesmo agradece-lhe pelo auxílio. As *Cantigas de amigo*, embora apareçam sob a voz de uma mulher, são compostas por homens.

Sob o rótulo de *Cantigas de escárnio e maldizer*, Massini-Cagliari (2007, p.9) expõe que “estão reunidas não apenas as sátiras morais e políticas, as sátiras literárias ou as maledicências pessoais, como também prantos, tenções e paródias”. A autora explica que esse gênero das *Cantigas* não era tão popular quanto à forma e se aproximava de gêneros mais eruditos, se comparado às *Cantigas de amigo* em decorrência do recurso das “palavras cobertas”, palavras cuja significação se mostrava ambígua.

OBJETIVOS

O objetivo do projeto é o de analisar os aspectos segmentais do PA, mais especificamente as questões relativas às róticas em posição de início e de travamento silábicos, representadas na escrita por <r> ou <rr>. Objetiva-se verificar também se, na época em questão, havia dois fonemas róticos em oposição (o tepe /P/ e a vibrante múltipla /r/), ou

se, no nível fonológico, <rr> poderia ser vista e considerada como uma variante geminada de <r>. A metodologia empregada no projeto em questão baseia-se na observação da possibilidade (ou não) de variação da grafia na representação de <r> ou <rr> e na verificação da possibilidade (ou não) de rima entre essas palavras, para que, desta forma, se possa determinar como era sua realização fonética naquela época.

Os resultados alcançados durante a realização da pesquisa de Iniciação Científica indiciam a possibilidade de existência de somente um fonema rótico na época do PA, que teria duas variantes, uma simples e uma geminada, algo que se mostra bastante diferente da estrutura atual do português, segundo Câmara Jr. (1970), que apontou a existência de dois fonemas róticos (/r/ forte e /r/ fraco), em oposição. Do ponto de vista Fonológico, <rr> em posição intervocálica (entre vogais) pode ser interpretada como geminada, uma vez que ocupa, ao mesmo tempo, a coda da sílaba antecedente e o ataque da sílaba seguinte. Os casos da variação RR/IR~YR (por exemplo, *morro* vs. *moiro*) encontrados no *corpus* analisado por Somenzari (2006) são considerados evidências fortes a favor de considerar <rr> como uma consoante do tipo geminada, uma vez que o fato de haver essa alternância em PA indica que, em decorrência da necessidade de se preservar a equivalência das moras (isto é, do peso silábico), <rr> no meio de vogais (meio de palavras) deve ser interpretada como uma consoante geminada. Desta forma, pode-se considerar que o sistema fonológico daquela época, no que diz respeito às róticas, era ainda semelhante ao do latim, diferenciando-se do atual. É esta a hipótese que será testada a partir do projeto que ora se propõe.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento da pesquisa, fez-se necessário um estudo aprofundado de conceitos importantes obtidos por meio da leitura de textos da área de Fonologia do Português. As concepções de sílaba em português e de geminação foram estudadas, tendo em vista sua grande relevância para o desenvolvimento e o aprimoramento das discussões pretendidas. A fundamentação teórica que foi estudada forneceu o aprofundamento necessário para dar prosseguimento ao projeto. As leituras visando um aprofundamento teórico serão ampliadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Conforme Massini-Cagliari (2001), a sílaba é o “primeiro domínio prosódico a partir do qual as línguas organizam a sua Fonologia”. Suas formas variam de uma língua para outra, embora dentro de cada língua a silabação seja previsível. Freitas e Santos (2001) retomam concepções de sílaba em português desenvolvidas por Câmara Jr. (1969) por meio do esquema *Ataque-Rima*, que trabalha a sílaba como se ela fosse subdividida em dois momentos, o *ataque* e a *rima*. A *rima* sofreria também uma subdivisão em *núcleo* e *coda*.

O *ataque* (ou aclave da sílaba, segundo Câmara Jr., 1969) é preenchido por consoantes, pode surgir no começo ou no meio da palavra e configura-se como simples (apenas uma consoante, como ocorre na palavra *cone*) ou ramificado (em que se têm duas consoantes, como em *pratos*). O *núcleo* (ápice, para Câmara Jr.) só pode conter vogais, como ocorre, por exemplo, em *cone* e *pratos*, e pode ou não ser ramificado (vogal + semivogal). Freitas e Santos (2001) ressaltam que todas as vogais do português podem ocupar a posição de núcleo na sílaba. A *coda* (momento de declive silábico), tida como o constituinte final da sílaba, seria sempre não ramificada, como na palavra *portaria*. Das 19 consoantes do PB, apenas 4 delas podem ocupar o lugar de *coda* segundo Freitas e Santos (2001).

Outro conceito significativo para o desenvolvimento da pesquisa é o de geminação. Para que seja considerada geminada, a consoante precisa ocupar duas posições na estrutura silábica, uma na *coda* da primeira sílaba, travando-a, e outra no *ataque* da sílaba seguinte. A geminação ocorre por meio da determinação da quantidade de moras e, assim, é determinada pela quantidade e pela posição dos segmentos na unidade silábica. Relaciona-se, também, à duração das sílabas no nível fonético. Essa duração, segundo Massini-Cagliari (1992), não serve para distinguir fonemas em PB, o que não a torna irrelevante. A autora diz que, quando falamos, atribuímos às unidades silábicas diferentes durações por inúmeras razões, sendo a principal delas o acento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, o estudo desenvolvido focalizará a coleta de todas as palavras grafadas com róticas (<r> / <rr>) no *corpus* selecionado. A metodologia empregada na pesquisa baseia-se na observação da possibilidade (ou não) de variação da grafia na representação de tais consoantes e na cogitação da possibilidade (ou não) de existir rima entre essas palavras para que, desta forma, se possa determinar como era sua realização fonética naquela época. A pesquisadora comparará o comportamento das consoantes róticas em posição de coda e nas outras posições silábicas (na posição de ataque, como na palavra *Roma*; na segunda posição, como em *gran*). Por fim, em um terceiro momento, serão analisadas também palavras contendo róticas que aparecem em outras posições do verso. Para tanto, aprofundaram-se os conhecimentos sobre sílaba e sobre geminação em português por meio da leitura de textos teóricos e de dissertações recomendadas pela orientadora durante a realização do projeto de Iniciação Científica desenvolvido pela pesquisadora.

Ao realizar o mapeamento de todas as palavras que possuem consoantes róticas no *corpus*, objetiva-se, em um primeiro momento, verificar se as palavras representadas com <r> e <rr> em posição de travamento silábico podiam, na época em questão, rimar entre si ou não. Ao fazer essa análise, busca-se estabelecer se havia ou não oposição entre os fones representados por <r> e <rr> nesse contexto. Investiga-se, portanto, se já naquele momento da história existiam os processos de neutralização das róticas em coda, visando estabelecer se tais grafemas simbolizam sons distintivos ou não no contexto de travamento silábico. A partir de tais análises, objetiva-se, por fim, investigar a possibilidade (já exposta por Câmara Jr., 1953) de as palavras com <rr> em posição intervocálica constituírem consoantes geminadas no nível fonológico.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Os resultados alcançados por meio do mapeamento dos grafemas específicos em cada uma das Cantigas do *corpus* serão analisados de maneira quantitativa e qualitativa. Os dados obtidos na pesquisa serão objeto de quantificação, com a finalidade de identificar padrões e recorrências. Serão mapeadas e quantificadas todas as ocorrências de <r> e <rr>, separando-as de acordo com a sua posição na sílaba e na palavra. No entanto, o objetivo principal da pesquisa em questão consiste em se realizar análises de cunho qualitativo, a partir dos modelos fonológicos não-lineares.

Embora constitua um estudo de cunho histórico, a proposta do presente projeto corresponde muito mais ao desenvolvimento de uma descrição sincrônica de um momento passado da língua (cf. Mattos e Silva, 1989) do que a um estudo diacrônico. Na perspectiva adotada, nenhuma ocorrência pode ser desconsiderada, na medida em que até mesmo um dado que aparece no *corpus* uma única vez pode ser crucial para apontar para evidências dos limites existentes entre as possibilidades e as impossibilidades da língua.

ESTUDO DIACRÔNICO DA CONSTRUÇÃO NA HORA QUE EM PORTUGUÊS

Diego Minucelli Garcia (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, que se encontra em estágio inicial de desenvolvimento, objetiva analisar diacronicamente a construção *na hora que* do português, com base na abordagem construcional da gramática, no âmbito da perspectiva *cognitivo-funcional* da linguagem (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

Em estudo anterior sobre a construção *na hora que*¹, desenvolvida com base em dados sincrônicos do português falado no interior paulista, verificou-se que a forma exibe estatuto

¹ Pesquisa intitulada *Mudança construcional de 'na hora que': uma abordagem cognitivo-funcional* desenvolvida, em nível de Mestrado, junto ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

de locução conjuntiva temporal semelhante ao conectivo temporal prototípico em português *quando*, o que ratifica seu comportamento como introdutora de orações hipotáticas temporais em português. Além disso, foi constatado que essa construção exibe diferentes graus de construcionalização, que se refletem nas diferentes formas em que a locução aparece, com maior e menor grau de erosão fonológica (HEINE *et al.*, 1991), conforme o seguinte *continuum*: *na hora em que* > *na hora que* > *a hora que* > *hora que*. Abaixo se encontram ocorrências com cada uma dessas formas:

- (1) geralmente dá quinze panquecas... doze a quinze panquecas... uma ao lado da o(u)tra como a gente gosta de fazê(r)... e coloco no forno com que(i)jo... derretê(r)... [Doc.: ai que ruim] e... meu marido gosta muito de queijo ralado então o dele tá sempre lá do lado como eu num gosto muito... na hora em que ele vai por o molho vermelho por cima ele já... joga o que(i)jo ralado... e é só comê(r) (IBORUNA-AC-080)
- (2) você pega a goiabada você derrete um pedaço dela... com um po(u)co de água... na hora que ela fica bem cremosa dura... você pega esse creme branco e mistura com a... calda... da goiabada (IBORUNA-AC-106)
- (3) todo mundo tem horror a parto normal né? eu só tenho que contá(r) que o meu foi bom... porque a hora que eu fui gritá(r) de dor forte meu filho já nasceu (IBORUNA-AC-036)
- (4) Ela arremessô(u) a faca eu num senti NADA num doeu NADA NADA NADA... hora que eu vi tava jorran(d)o sangue... acho que POR DEUS que tinha uma toalha de banho (ela apertô(u)) (inint.) e (saímos) pro postinho (IBORUNA-AC-027)

A construcionalização, que corresponde, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), a um tipo de mudança linguística em que há a criação de novos signos (forma_{nova}-função_{nova}), é acompanhada por alterações no grau de *esquematicidade*, de *produtividade* e de *composicionalidade* das formas (TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

O grau de *esquematicidade* tem relação com níveis, caracterizados por graus distintos de abstração e generalização, pelos quais passam, segundo Traugott (2008, 2012), um item alvo de construcionalização. Esses níveis são, em ordem crescente de abstração, o nível de *construtos*, o de *microconstruções*, o de *mesoconstruções* e o de *macroconstruções*. Considerando essa proposta, observou-se com o resultado da pesquisa de mestrado que as diferentes formas de *na hora que* podem ser consideradas microconstruções de uma mesma macroconstrução [*N_{circunstancial} que*], intermediadas pela mesoconstrução [(*prep*) (*art*) *N_{temporal}* (*prep*) *que*].

A *produtividade*, com base em Traugott e Trousdale (2013), é um fator ligado às frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003). Bybee (2003), ao tratar das frequências *type* e *token*, afirma que o surgimento de novas formas de uma construção (*type*) está intimamente ligado ao resultado do processo de mudança envolvendo essas formas, em termos de frequência *token* e *type*. Nesse sentido, verifica-se que a macroconstrução [*N_{circunstancial} que*] se instancia em outras formas conjuncionais do português, como em *à medida que*, *à proporção que*, *por causa que*, ou mesmo formas também com valor temporal aparentemente menos gramaticalizadas do que *na hora que*, como é o caso de *no momento que* e *na época que*.

O fator grau de *composicionalidade*, seguindo a proposta de Traugott e Trousdale (2013), corresponde a abstratização ou esmaecimento dos itens que compõem a construção. Os autores afirmam que “a diminuição em composicionalidade é a diminuição na transparência da combinação entre o significado das partes e a forma/sintaxe” (p. 121). Como se observou na pesquisa de mestrado, à medida que a forma da construção *na hora que* reduz seu peso fonológico perdendo elementos como a preposição *em* e o determinante *a*, sua composicionalidade tende a diminuir.

Assim, como continuidade da pesquisa de mestrado, a principal linha de investigação desta pesquisa é a hipótese de construcionalização recente da forma *hora que* (a forma mais reduzida e, portanto, menos composicional), como uma instanciação da macroconstrução [*N-circunstancial que*].

OBJETIVOS

O objetivo geral é analisar, diacronicamente, o processo de construcionalização por que passa a construção *na hora que* e suas formas alternantes (*a hora que* e *hora que*), sob a perspectiva da abordagem cognitivo-funcional (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; Bybee, 2010; TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Para isso, são propostos os seguintes objetivos específicos:

(i) Caracterizar o processo de construcionalização por que passa a construção *na hora que*, por meio de uma análise diacrônica das mudanças em seu grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT, 2012; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Para a verificação de possíveis estágios de mudança associados a essa construcionalização, serão investigados os contextos morfossintáticos da locução, a partir da proposta de Diewald (2002, 2006) sobre contextos atípicos, contexto crítico e contextos de isolamento.

(ii) Analisar como o comportamento diacrônico da locução *na hora que* se relaciona ao de outras formas de locução conjuntiva composta por nomes circunstanciais, como *vez*, *momento*, *causa*, *medida*, *proporção*, *modo*, etc. Para tanto, serão investigados, paralelamente aos dados de *na hora que*, dados de outras locuções conjuntivas introdutoras de orações circunstanciais, como *por causa de/que*, *uma vez que*, *à medida que*, *no momento que*, *de modo que*.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gramática de Construções e Construcionalização

Fundamentando suas descrições conjuntamente em propriedades formais e funcionais, em uma perspectiva que é, portanto, antimodular, a Gramática de Construções constitui uma teoria geral de representação sintática que reconhece que a forma básica de uma estrutura sintática é a *construção*. De acordo com Goldberg (1995), as construções devem possuir uma ou mais propriedades distintivas na língua, fazendo com que elas não sejam previsíveis a partir de outras construções.

Do mesmo modo, Croft (2001, 2007) afirma que as construções são formadas por um pareamento de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e de função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) e são organizadas na gramática de modo a formar redes construcionais. Abaixo, encontra-se a representação esquemática de uma construção dada em Croft (2001):

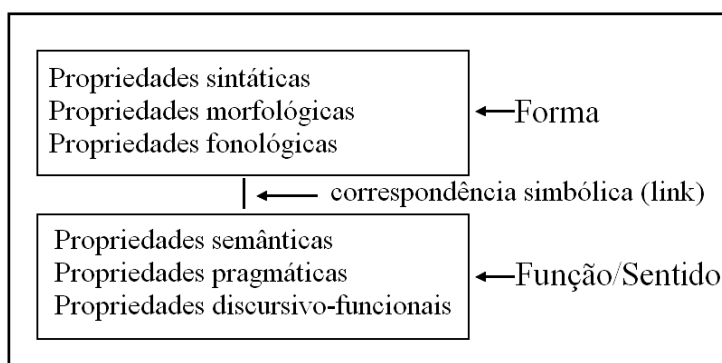


Figura 1: Modelo de representação simbólica da construção (CROFT, 2001, p. 18)

De acordo com essa abordagem teórica, a evolução da língua por meio de mudanças gramaticais resultaria de um processo de *construcionalização* (TRAUGOTT, TROUSDALE,

2013), definido como aquele em que há a criação de uma nova construção que passa por mudança nos seus graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, conforme apresentados anteriormente.

Redes de herança

De acordo com Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), as construções fazem parte de um conjunto organizado por meio de generalizações. Por fazerem parte dos sistemas gramaticais, as construções formam uma rede cujos itens se conectam por meio de relações de herança. Ao se relacionarem, as construções compartilham propriedades, de modo que as redes de herança, segundo a autora, permitem que se captem relações entre as construções, com base em suas propriedades tanto similares quanto distintas.

Goldberg (1995) propõe que se interpretem as relações entre as construções a partir dos seguintes princípios psicológicos: *princípio de motivação maximizada*, *princípio da não-sinonímia*, *princípio do poder expressivo maximizado* e *princípio da economia maximizada*.

Para esta pesquisa, propõe-se a aplicação às análises do *princípio de motivação maximizada*, segundo o qual “se a construção A está relacionada à construção B sintaticamente, então o sistema de construção A é *motivado* na medida em que ele esteja relacionado à construção B semanticamente (cf. HAIMAN, 1985; LAKOFF, 1987). Essa motivação é maximizada” (p. 67). Por meio desse princípio, busca-se estabelecer uma ligação entre a macroconstrução instanciada por *na hora que* e por outras formas de locução conjuntiva com nomes circunstanciais.

Tipos de contextos

Diewald (2002, 2006) tem analisado as mudanças linguísticas diacronicamente sob as perspectivas da Gramática de Construções e da gramaticalização², reconhecendo diferentes contextos que responderiam por diferentes etapas da mudança. A autora propõe que o desenvolvimento de funções gramaticais no processo de mudança linguística envolveria três tipos de contextos distintos.

No primeiro contexto, chamado de *contextos atípicos*, a construção começa a ser utilizada em contextos nunca antes utilizados. Nesse estágio, são desenvolvidas as pré-condições da gramaticalização. Ao passar para o segundo contexto, o *contexto crítico*, a construção já apresenta uma estrutura múltipla e uma semântica ambígua, e o processo de gramaticalização começa a ser desencadeado. Por fim, ao chegar ao terceiro contexto, nomeado de *contextos de isolamento* nessa proposta de Diewald, o novo significado que se desenvolveu já estaria isolado do significado antigo; o novo significado é, portanto, mais gramatical, e o antigo, mais lexical.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a formação do *cópus* diacrônico da pesquisa, tem-se utilizado o banco de dados *Cópus do Português* (DAVIES, FERREIRA, 2006), composto por textos do português dos séculos XIV ao XX.

Em relação à metodologia, combinam-se as abordagens quantitativa e qualitativa, analisando os dados conforme a atuação dos fatores listados a seguir. Em seguida, os dados serão submetidos ao programa estatístico *Goldvarb* para que se obtenham resultados estatísticos em termos de distribuição de frequência e de aplicação dos fatores aos dados.

1. Formas da construção *na hora que*: *na hora que*, *a hora que*, *hora que*;
2. Posição da oração temporal em relação à principal: anteposta, posposta, intercalada;
3. Correferência entre os sujeitos: idênticos, não idênticos;
4. Correlação modo-temporal das orações: a definir;
5. Valor circunstancial da oração: tempo; tempo-condição; tempo-causa;

² Esta pesquisa entende que os processos de gramaticalização e de construcionalização não são processos divergentes, mas propostas teóricas que se complementam.

6. Localização temporal efetuada pela oração: presente, passado, futuro;
7. Pontualidade do evento: + pontual; - pontual.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Nesta fase inicial, vem sendo composto o *cópus* diacrônico da pesquisa e se inicia a coleta dos dados de análise. Após a coleta, esses dados serão processados no programa estatístico *Goldvarb* e analisados de acordo com os fatores propostos nos procedimentos metodológicos.

A partir da análise dos dados, a hipótese mais geral, baseada principalmente nos resultados obtidos com a pesquisa de mestrado, é de que a construcionalização da construção *na hora que* em português se confirme em um percurso diacrônico.

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM RORAIMA E A RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Elecy Rodrigues Martins (UNESP/Araraquara – UERR/UFRR)

INTRODUÇÃO

Roraima é um Estado brasileiro situado no extremo norte do país, em região de tríplice fronteira, com uma área de 225.116, 1 km² (FREITAS, 2001). Tem como limites a República da Venezuela (ao norte e oeste), país de língua espanhola cuja fronteira tem a extensão de 958 km; com a República Cooperativista Guiana (a leste e norte) com 964 km de área fronteira e o inglês como língua oficial; além de fazer divisa com os estados do Pará (sudeste) e Amazonas (sudeste e oeste). É formado por 15 municípios e 514.229 habitantes. Desses, 326.419 residem na capital, Boa Vista. Dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios apontam que 45% da população é migrante de estados diversos e também de outros países e 55% é nascida no estado (IBGE). Possui a maior população indígena no Brasil em percentuais (17% da população CIR- Conselho Indígena de Roraima/2015) totalizando 90 mil indígenas distribuídos em 10 Etnias (Macuxi, Yanomami, Patamona, Ingaricó, WaiWai, Taurepang, Saporá, Wapixana e Xiriana), dos quais 35 mil vivem nas cidades e 55 mil nas aldeias. A população do estado é formada basicamente de migrantes, indígenas e estrangeiros vindos principalmente da Venezuela, com características linguísticas e culturais múltiplas, que se convergem inevitavelmente em sala de aula. Nesse contexto, a escola é um dos ambientes onde acontecem as interações linguísticas e culturais, muitas vezes carregadas de preconceitos pelos envolvidos. Esse preconceito arraigado em tempos não tão distantes gerou - e ainda gera - atitudes linguísticas negativas relacionadas aos falares, tanto dos indígenas nativos da região, quanto dos migrantes, principalmente dos nordestinos, em especial, os maranhenses, além de estar presente nas mais distintas esferas sociais. Mesmo aqueles que possuem conhecimentos técnicos sobre a diversidade linguística, suas causas e consequências, por vezes, podem apresentar atitudes que reforçam a estigmatização quanto à origem e variação linguística de parcela da população e, conseqüentemente, dos alunos. Diante dessas características, neste projeto, propomos investigar atitudes linguísticas e suas possíveis relações no âmbito escolar.

OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo geral desta pesquisa de doutorado é investigar as atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa do estado de Roraima, considerando a diversidade sociolinguística do estado e correlacioná-las à formação docente e suas práticas de sala de aula.

Objetivos específicos:

- (i) Averiguar as atitudes de professores em relação a tipos de variedades dialetais e variantes morfossintáticas de concordância verbal e nominal e os valores atribuídos a elas.
- (ii) Relacionar atitude linguística do professor às suas atitudes pedagógicas;

- (iii) Relacionar as atitudes linguísticas e pedagógicas do professor à sua formação inicial e continuada.
- (iv) Analisar as abordagens previstas nos planejamentos dos professores com vista a perceber se há propostas de ensino relacionadas variedades e variações da língua portuguesa.
- (v) Discutir a formação do professor de língua portuguesa no contexto de Roraima ante a diversidade linguística e cultural desse estado.

As hipóteses levantadas são que as atitudes linguísticas dos professores podem interferir nas suas práticas de sala de aula. Os professores apresentam restrição à abordagem de temas que envolvem variação linguística, seja pela dificuldade didática de tratamento do tema, seja pela preferência a abordagens tradicionais do ensino da língua portuguesa, o que reflete diretamente a sua formação.

TEORIA E METODOLOGIA

Crenças e atitudes sobre língua são temas estudados e desde 1960, tendo Lambert et al (1960) como uma das principais referências na área. No Brasil, encontramos importantes trabalhos na área, tais como Cyranka (2007), Bortoni-Ricardo (2008), Aguilera (2008) e Melo (2010). Estudos dessa natureza podem ser alocados na área da sociolinguística, que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2013, p. 9). A sociolinguística, em suas faces, variacionista e educacional, tem colaborado de forma valiosa no fornecimento de dados, estudos e publicações que contribuem para a formação de professores e conseqüentemente para práticas de ensino que proporcionem o que se convencionou chamar de educação linguística. A Educação Linguística, Segundo Travaglia,

Deve ser encarada como o conjunto de atividades de ensino/aprendizagem, formais ou informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa para produzir efeito(s) de sentido pretendido(s) (TRAVAGLIA, 2004, p. 26).

Partindo do princípio de que apresentar e discutir os fenômenos da língua como a variação linguística, suas causas e conseqüências, também fazem parte do processo de promoção da educação linguística e trabalhos sobre atitudes linguísticas são de grande relevância científica e podem auxiliar nas práticas de ensino que promovam essa educação linguística e a redução de práticas preconceituosas tão presentes em contextos como o de Roraima.

Aguilera (2008) afirma que crenças e atitudes ainda são um campo pouco explorado e, citando Gómez Molina (1987), defende que este tipo de estudo “permite ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes”. Para Lambert et al. (1960) Língua falada é uma característica de identificação de membros de uma nacionalidade ou de um grupo cultural e a atitude de ouvintes sobre membros de um grupo em particular geram reações avaliativas sobre a linguagem falada desses grupos, despertando a criação de estereótipos. Para Calvet,

pode desenvolver dois tipos de conseqüência sobre o comportamento linguístico: uns se referem ao modo como o falantes encaram sua própria fala, outros se referem as reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso se valorizará sua prática linguística, ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo de prestígio; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar (CALVET, 2002, p. 69).

Em Roraima, é possível perceber, na fala de seus habitantes, variações diatópicas, típicas das mais diversas regiões brasileiras, tais como a do maranhense, do gaúcho, e ainda

estrangeiras, como a do venezuelano, entre outros; e diastráticas que se referem às diferenças sociais. Essa heterogeneidade de falares e pluralidade cultural são transportadas para sala de aula e motivadoras de atitudes linguísticas, ou seja, “sentimentos positivos ou negativos que os falantes nutrem em relação a língua ou variedades” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 42). Em sala de aula, as atitudes linguísticas de professores podem influenciar diretamente no desenvolvimento de práticas de ensino e abordagem da língua. Aqui denomino de atitudes pedagógicas as práticas, metodologias e abordagens de temas e fenômenos linguísticos no processo de ensino de língua portuguesa. Sabe-se que sentimentos nutridos pelos professores por determinadas variantes da língua, formas, modelos de uso de língua podem determinar o viés de ensino adotado, suas atitudes pedagógicas, como também influenciar as atitudes linguísticas dos alunos. E estas atitudes contribuem para resistência à abordagem da língua em todos os seus aspectos, podendo comprometer a aprendizagem do aluno quando o foco é a educação linguística.

Em resumo, neste trabalho valemo-nos dos princípios de Lambert et al (1960), sobre atitudes linguísticas, insere-se na área da sociolinguística variacionista e educacional para propor uma investigação sobre as atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa do estado de Roraima, considerando a diversidade sociolinguística do estado e correlacioná-las a sua formação e suas práticas de sala de aula.

O procedimento metodológico dessa pesquisa constitui-se de cinco etapas: uma etapa preliminar e quatro etapas de coletas de dados. O desenvolvimento da etapa preliminar consiste em montar material em áudio para apresentação aos professores colaboradores; para isso, serão selecionados seis (6) falantes residentes em Boa Vista, que sejam falantes de variedades dialetais presentes em Roraima (Paranaense ou gaúcho; maranhense; paulista ou carioca; pernambucano ou paraibano; indígena roraimense; e venezuelano). Após a seleção e o cumprimento dos encaminhamentos éticos da pesquisa, passar-se-á para fase de gravação de áudio com relatos pessoais. Os temas propostos para gravação são “a história da família e a mudança para Roraima”, seguindo orientações de Tarallo (2005), previstas para entrevistas sociolinguísticas.

Após a gravação, serão feitas seleções de trechos a serem expostos aos professores (juízes-ouvintes) que apresentarão suas reações valorativas (atitudes linguísticas) por escrito, seguindo um roteiro de tabelas com as variedades regionais. Das falas de cada colaborador serão selecionados exemplos de variações morfossintáticas - concordância nominal e concordância verbal - a serem expostas aos professores juízes-ouvintes através de tabelas para que estes possam avaliá-las.

As etapas de coletas de dados são as seguintes: a primeira etapa consistirá em um teste de atitudes com 10 professores de língua portuguesa do quadro do Estado de Roraima com graduação em Letras; a segunda será a aplicação de questionário sobre a formação inicial, continuada, atuação profissional e práticas pedagógicas de ensino de língua portuguesa; a terceira envolve a formação de um grupo focal para promover discussões sobre a formação inicial e continuada do professor, atuação profissional e práticas pedagógicas de ensino língua portuguesa; a quarta e última etapa consiste na análise de conteúdo dos planejamentos anuais para o ensino de língua portuguesa disponibilizados pelos professores colaboradores. Após essas etapas, nos procedimentos de análise, sucederá a triangulação de dados, que consiste tanto na combinação de metodologias diversas, como na comparação dos resultados obtidos em diferentes técnicas de coleta.

O princípio de análise será o interpretativismo, denominação geral de métodos que tem compromisso com a interpretação das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social (ERICKSON, 1990 apud BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Essa pesquisa suscita metodologia e análise que se projetam no paradigma qualitativo. Dessa forma, optamos pela pesquisa colaborativa (MAGALHÃES, 1994, p.74), pelo seu caráter emancipatório e pela possibilidade de “levar os participantes a relacionarem suas escolhas e ações a seus objetivos e intenções, a tornarem-se autoconscientes quanto ao resultado transformador ou opressor de sua prática e à necessidade de transformá-la ou não para atingirem seus objetivos”.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO/ RESULTADOS

Uma pesquisa dessa natureza, além de confirmar a necessidade já descrita nos estudos contidos em nossa dissertação (MARTINS, 2012) e caracterizar a continuidade dos estudos aos quais nos propomos, torna-se importante por trazer à tona discussões profícuas sobre o ensino de língua portuguesa no estado, podendo contribuir para orientações a novas práticas de ensino, e também como base para promoção de políticas para formação do professor.

A EXPRESSÃO DA MODALIDADE DEÔNTICA EM TRATADOS DE FRONTEIRA NAS VERSÕES PORTUGUESA E ESPANHOLA (1851 – 1928)

Eliabe Procópio (UNESP/Araraquara – UFRR)

A ideia desta pesquisa surgiu quando do término do Mestrado em Linguística no qual nos dedicamos à descrição da Modalidade Deôntica no Corpus Brasileiro de Língua Espanhola (CBRASLE). A partir desse momento, vislumbramos a possibilidade de estudar o mesmo fenômeno em Português de modo que nos permitíssemos contrastar com o Espanhol, porém era preciso proporcionar as mesmas condições de análise para ambas as línguas. Com isso, buscamos um gênero textual que nos possibilitasse analisar comparativamente, até que chegamos aos tratados de fronteira, considerados textos espelhados dentro dos estudos tradutórios, porquanto são tidos como originais nas respectivas línguas envolvidas na situação diplomática. Esse espelhamento diplomático é uma forma de buscar o máximo de equivalências semânticas e estruturais, de modo que a leitura alinhada dos textos crie uma sensação de semelhança. Parece óbvio que essa semelhança é imaginária, pois mesmo dentro de uma língua há quem defenda que não existe sinonímia perfeita: nenhuma expressão pode substituir outra sem que haja mudança de perspectiva, inclusive entre línguas filogenicamente irmanadas. Além dessa motivação puramente linguística, nossa pesquisa se justifica também porque busca entender como ocorrem as relações sociais e linguísticas a partir do estabelecimento de normas de conduta, tendo a língua como o dispositivo que efetiva a comunicação. Estabelecer uma fronteira exige primeiramente delimitar o espaço da soberania de um país, até onde um estado pode exercer sua força política; em segundo lugar, exige negociação, transação diplomática que evite confrontos bélicos: o exercício retórico deve se sobrepor ao exercício da força; em terceiro, exige o registro das obrigações estabelecidas mutuamente entre os sujeitos legais, porém esse registro deve seguir um perfil linguístico-pragmático que aponte para um acordo de cavalheiros. Conforme o Manual de Procedimentos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2010), define-se tratado como “todo instrumento pelo qual uma Pessoa de Direito Internacional Público assume obrigações e adquire direitos, por escrito, sobre determinada matéria, perante outra ou outras Pessoas de Direito Internacional” (BRASIL, 2010, p. 5). Diante desse cenário, temos como objetivo principal analisar a expressão da modalidade deôntica em tratados de fronteira em português e espanhol. Os objetivos específicos ainda estão sendo definidos. Para tal, estabelecemos como hipóteses: (1) A modalidade deôntica se manifesta também em situação comunicativa em que os interlocutores se encontram em uma relação social simétrica; (2) o tratado internacional é um gênero textual deôntico por excelência, porém seu contexto de ocorrência, o estabelecimento de fronteira, propicia outra configuração à expressão modal deôntica; (3) a polidez linguística gerencia a instauração do valor deôntico; e (4) a expressão da modalidade deôntica ocorre dentro de um cenário sintático-semântico de condicionalidade, concessividade e causalidade. Por meio do que expomos até este ponto, é perceptível que nossa visão de língua é a de um fenômeno social. Assim, estudar língua é estudar as funções sociais da língua a partir das escolhas efetivadas pelo falante, e isso só é possível quando complanamos a noção de língua à noção de texto. Beaugrande (1997, p. 10-11) nos permite entender o texto como um “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”, “um sistema de conexões entre vários elementos: sons, palavras, significados, participantes discursivos, ações em um plano e assim por diante”, e completa apontando que texto é um “multissistema que compreende múltiplos sistemas interativos”.

Essa visão multissistêmica da língua também a recomenda Castilho (2010) e Neves (2010, p. 17), quando nos orienta que o estudo funcional tem as seguintes pautas: “o uso (em relação ao sistema), o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao individual)”. Dik (1997, p. 1 e 3) afirma que quando um estudo toma uma postura teórica funcional, deve-se igualmente se perguntar “como funciona o trabalho do usuário em linguagem natural? Como falantes e ouvintes conseguem se comunicar através do uso de expressões linguísticas?”; pois é a língua um instrumento de interação e um meio de estabelecer a comunicação. Seguiremos essa perspectiva à nossa análise da expressão deôntica no gênero textual tratado de fronteira, isto é, buscaremos compreender dentro do texto, como situação comunicativa, o uso de expressões e construções que indiquem obrigatoriedade, necessidade, permissão, conveniência, mutualidade, reciprocidade, condicionalidade, concessividade, causalidade, temporalidade/futuridade, licitude, ordem, tudo isso em função da conduta social dos interlocutores. O próximo passo teórico (e metodológico) diz respeito à definição da categoria de análise, ou empregaremos a modalidade deôntica como macrocategoria, também incluída na denominação domínio funcional por Givón (1984); ou apenas um valor da modalidade deôntica, a obrigação. Porquanto, alguns autores aceitam somente os valores propostos inicialmente: permissão, obrigação e proibição. Outros alastram o escopo deôntico e incluem outras noções: manipulação, intenção, habilidade, preferência, necessidade, conforme Givón (2001); dentre outras propostas. Embora tenhamos efetuado leituras do corpus, ainda não decidimos quais os valores deônticos utilizaremos. Estamos verificando a possibilidade de trabalhar apenas com o valor de obrigação, cuja emergência se dá por uma situação de licitude, ordem etc. Ademais é o tratado internacional de fronteira um texto que emerge do estabelecimento mútuo de obrigações. Outras indicações teóricas necessárias se referem ao tratamento dispensado ao gênero textual tratado, as quais serão detalhadas quando da oportunidade de qualificação. Para essa questão, temos observado inicialmente o panorama resenhado por Meurer et al. (2005), segundo os quais há três perspectivas para o estudo do gênero textual, a saber: sociossemiótica, sociorretórica e sociodiscursiva. Destas, temos nos aproximado da sociossemiótica cuja abordagem se fundamenta, principalmente, em Hasan (1989; 1995) com a defesa da “estrutura potencial do gênero textual” (MOTTA-ROTH, HEBERLE, 2005). No tocante aos procedimentos metodológicos, temos realizado principalmente leituras teóricas para que nos auxiliem quanto à abordagem de expressão deôntica. Basicamente são três grandes esferas temáticas: funcionalismo linguístico, modalidade deôntica e análise de gênero (tratado internacional de fronteira). Também procedemos à montagem do corpus. No começo, planejamos a inclusão desde o Tratado de Tordesilhas (1494), porém verificamos que, somente após a Independência, o Brasil tomou como pauta de governo o estabelecimento das fronteiras. Até então, os tratados estabelecidos entre Portugal e Espanha, referentes a marcações territoriais, mal apontavam para a formação da fronteira do Brasil; isso porque os países peninsulares conheciam com exatidão aquilo que demarcavam dentro de gabinetes. Quando se estabeleceu o Tratado de Tordesilhas, não se conhecia o espaço sul-americano. Isso é perceptível pela redação documental permeada de vagas referências técnicas e geográficas. Esse mesmo cenário de imprecisão se repete com os outros tratados: o de Madri (1750), o de Santo Idelfonso (1777), os mais importantes durante o período colonial. Com isso, seria um pouco desajustado analisar a expressão deôntica em documentos que nunca foram efetivados e que, ademais, apresentam informações desconhecidas e rechaçadas por especialistas em Direito Internacional Público. Desde o Direito Romano, vários são os princípios que regem o estabelecimento de um tratado, o mais consuetudo de longuíssima data é “*pacta sunt seruanda*”, segundo o qual os pactos devem ser respeitados, porquanto o vínculo jurídico cria um vínculo entre as partes envolvidas (*obligatio est iuris uinculum*). Bevilaqua (1896, p. 1-5) afirma que a obrigação não é espontânea, mas se trata de uma norma, dentro da qual “*acomoda-se a conducta humana*”; é a “*submissão a uma regra de conducta, cuja auctoridade é reconhecida ou forçosamente se impõe*”. Optamos por montar nosso corpus apenas com os tratados realmente efetivados, são estes: Tratado de Limites entre o Brazil e a República Oriental do Uruguay (1851), Tratado de limites e navegação fluvial (1859), Tratado de Limites entre Brazil e Paraguay (1872), Tratado de Limites entre Brazil e Argentina (1898), Tratado de Petrópolis

(Brasil e Bolívia, em 1903), Tratado Brasil e Colômbia (1907), Tratado do Rio de Janeiro (Brasil e Peru, 1909), Tratado de Limites e Navegação Fluvial entre Brasil e Colômbia (1928). Ao total são nove tratados em duas versões. Depois de delimitá-los quanto à efetividade e cronologia, buscamos a edição mais fidedigna das versões portuguesa e espanhola, porque, embora todos estejam publicados em coletâneas da área do Direito ou páginas virtuais ligadas aos ministérios das relações exteriores dos respectivos países, há edições em que retiraram trechos para, por exemplo, uso didático, ou que transcreveram somente os dispositivos. Em seguida, realizamos duas leituras: uma para cotejar as duas versões e ver o grau de semelhança entre ambas; e outra para seleção das expressões e construções de caráter deôntico. Não mais que as sublinhamos. Os próximos passos são: listagem, descrição linguística e classificação dessas expressões, observando os aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Dentre eles, estão as seguintes categorias: valor deôntico/tipo de obrigatoriedade, fonte e alvo da obrigatoriedade, classe gramatical (verbo, nome, advérbio etc), categoria gramatical (tempo e modo), polaridade (negativa ou positiva), posição da expressão de obrigatoriedade na sequência frasal, angulação sintático-semântica (guidepost, CHAFE, 1984, p. 446), força (moldura) ilocucionária, e estratégias de polidez. Essa análise também deverá observar a elaboração do gênero tratado de fronteira quanto aos aspectos sociais e textuais, como, por exemplo, a distribuição das expressões deônticas pelo texto, a localização dessas expressões referente ao preâmbulo e dispositivos, e ao cline: artigo > parágrafo > inciso > alínea > item. Isso como forma de analisar os estágios que podem sistematicamente compor um gênero textual: os obrigatórios, os opcionais, os sequenciais e os recursivos (HALLIDAY e HASAN, 1989 apud VIAN Jr., 1997). Além desse olhar mais contextual, planejamos analisar a configuração contextual por meio das variáveis: “campo – natureza da prática social; relação – natureza da conexão entre os participantes da situação; modo – natureza do meio de transmissão da mensagem” (MOTTA-ROTH, HEBERLE, 2005, p. 15). Como consideração final, acreditamos que o estudo da modalidade deôntica dentro de um gênero textual essencialmente deôntico favorece a discussão teórico-metodológica, principalmente porque não é comum o estudo da expressão deôntica em um contexto no qual os interlocutores se encontram no mesmo nível hierárquico. Não basta apenas o estabelecimento da obrigação, é preciso saber estabelecer a obrigação de modo que não pareça descortês com o outro. Assim sendo, esse modo de se comportar socialmente orienta a configuração linguístico-textual.

ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO EM LÍNGUA INGLESA: FOCO DE ENSINO DE GRAMÁTICA

Érika Chiarello (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

A posição da gramática no ensino de língua estrangeira tem sido preocupação constante de diversos pesquisadores em Linguística Aplicada. Analisado sob diferentes perspectivas metodológicas, o ensino de gramática era, até então, considerado norteador da instrução, perfazendo uma base constante para o ensino eficaz de uma língua, uma vez que a gramática estrutura, organiza e oferece sustentação para o sistema linguístico, possibilitando ao aprendiz usar a língua e se comunicar tanto na modalidade oral quanto escrita.

Com o Ensino Comunicativo de Línguas, corrente vigente do ensino de línguas estrangeiras, tem-se a competência comunicativa composta de outras competências como a discursiva, a estratégica, a sociolinguística e a gramatical. Sob esse prisma, a gramática ocupa um papel de suma importância, visto que é um dos constituintes da competência comunicativa.

Parte-se do pressuposto de que tanto o papel quanto o lugar da gramática são considerados essenciais para o aprendizado de uma nova língua. No entanto, consoante Brown (2001), nunca houve consenso em relação à maneira de ensinar as formas gramaticais de uma língua estrangeira, transformando a gramática em um dos temas mais polêmicos no

ensino de línguas. Na tentativa de diluir tal questão, Batstone (1994), assim como Larsen-Freeman (2003), propõe um modelo de ensino indutivo de gramática, denominado de *ensino de gramática como habilidade*, em que o aluno tem a oportunidade de refletir sobre sua própria produção, considerando aspectos como forma (estrutura), sentido (semântica) e uso (pragmático).

Desta maneira, esta pesquisa é pertinente, uma vez que tem o propósito de analisar em dois livros didáticos de língua estrangeira como a gramática é apresentada e explorada, de modo a facilitar o aprendizado. Um dos materiais utilizados é online desenvolvido pela *Smrt English*, organização canadense, que está apoiando o Programa Idiomas Sem Fronteiras nas universidades federais e estaduais. O segundo livro didático será o *Engage3*, adotado em uma escola privada na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Dada a importância do livro didático em sala de aula como apoio ao professor e suporte ao aluno, é muito importante, então, que seja analisado o modo como esses materiais são elaborados e em qual metodologia se baseiam.

Este estudo tem a intenção de contribuir para as discussões sobre os efeitos da abordagem gramatical na aprendizagem de língua inglesa, bem como auxiliar professores em exercício e/ou futuros professores de línguas a compreender e a empregar essa proposta contemporânea.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto é analisar como a abordagem gramatical é explorada, tendo como respaldo a teoria de gramática como habilidade de Batstone (1994), bem como os conceitos de ensino de gramática de Larsen-Freeman (2003) de uma unidade de dois livros didáticos de língua estrangeira. Em face dessa perspectiva, um dos objetivos específicos que norteiam este estudo é investigar como se dá o processo de ensino e aprendizagem de gramática nesses dois materiais didáticos, considerados comunicativos e modernos, por incluir uso de tecnologias (no caso do material online). Nosso principal intuito é observar se nos referidos materiais há algum aspecto da gramática como habilidade, e como ela poderia ser desenvolvida em uma sala de aula de língua inglesa.

Assim, além da análise da abordagem gramatical, este estudo fará uma discussão de aspectos teórico-práticos com relação ao ensino de gramática como habilidade, pensando na formação de professores e fará uma proposta com sugestões de adaptações de algumas atividades envolvendo gramática nos dois materiais (impresso e online).

Tendo em mente tais objetivos, este estudo tem como questões norteadoras:

- (i) Como a gramática é abordada em dois materiais didáticos para o ensino de língua inglesa para adolescentes, sendo um deles impresso e outro online?
- (ii) Quais possíveis adaptações podem ser feitas para que os materiais analisados pudessem incluir a abordagem da gramática como habilidade?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Gerhardt e Silveira (2012) esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, uma vez que a representatividade numérica não é a prioridade, mas sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização.

Para responder à primeira pergunta de pesquisa sobre como a gramática é abordada em dois materiais didáticos, faremos uma pesquisa documental, pois, segundo Fonseca (2002), esse tipo de pesquisa recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem necessariamente, haver um tratamento analítico do documento analisado. Para tal fim, promoveremos uma análise documental de uma unidade do material online proposto pela *Smrt English*, utilizado em diversos cursos de desenvolvimento de fluência em língua inglesa no âmbito do Programa Idiomas sem Fronteiras-MEC. Além de melhorar a fluência dos alunos participantes, o material tem a expectativa de prepará-los para a participação em intercâmbios internacionais.

O livro didático impresso escolhido como fonte de pesquisa para análise documental de uma de suas unidades será o *Engage3*, adotado por um colégio particular localizado na

cidade de Ribeirão Preto, utilizado pela pesquisadora. O livro é o quarto de uma série de quatro volumes e destina-se a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Para responder à segunda questão de pesquisa, faremos uma proposta de adaptações de atividades para o ensino de gramática dentro da concepção de gramática como habilidade. Deste modo, quanto à natureza, esta pesquisa será aplicada com o objetivo de gerar conhecimento para aplicação prática, voltados à solução de problemas específicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a década de 60, conforme preconiza Almeida Filho (1993), o ensino de línguas no Brasil se propunha a definir o melhor método e a empregar as melhores técnicas de ensino de uma língua. Nesse contexto, nas abordagens estruturais, como o método da gramática e tradução, enfatizava-se a forma, com a crença de que se o aprendiz se apropriasse de regras gramaticais, ele as utilizaria em situações reais de uso. A gramática era, assim, dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo.

Contudo, autores como Krashen (1981), afirmam que aprendizes, ao fazerem uso consciente de formas gramaticais, nem sempre são capazes de empregá-las durante a comunicação, visto que o ensino focado apenas na forma não é suficiente para levar o aprendiz à aquisição da língua-alvo.

Logo, o conceito de gramática apresentaria mudanças significativas para o ensino de línguas nos anos 70 e 80. Os cursos, na abordagem comunicativa, são planejados a partir das necessidades e interesses dos alunos. O aprendiz passou a ser visto como aquele que não só domina as regras gramaticais, mas também como aquele que sabe utilizá-las em contextos reais de comunicação. O professor, portanto, deixa de exercer seu papel de autoridade para assumir o papel de orientador. Inclusive, aspectos afetivos são privilegiados, pois os aprendizes necessitam de um ambiente acolhedor para que a construção do conhecimento se dê de uma forma efetiva e humanizada.

Durante os primeiros anos do surgimento do Ensino Comunicativo de Línguas, a gramática ora era pouco abordada, ora era completamente abandonada, uma vez que a habilidade oral dos alunos era a base central dos cursos de línguas estrangeiras. Recentemente, a gramática assume mais uma vez um lugar no ensino de línguas considerado essencial, pois sem a apreensão de regras gramaticais, o aluno não apresenta um desenvolvimento linguístico satisfatório. Segundo conceitos de Larsen-Freeman (2001), a gramática deve ser ensinada e motivada pelo professor para que os alunos persistam em seus estudos a fim de alcançar níveis mais elevados de proficiência. O caráter tridimensional (forma, sentido e uso), proposto pela autora, está em consonância com a capacidade de o aprendiz compreender e interpretar informações e de negociar sentidos na língua com outros falantes.

Em suma, o ensino de gramática sempre oscilou entre o foco na forma e o foco no sentido e na comunicação. Assim, alguns estudiosos como Batstone (1994) notaram falhas em um desses dois tipos de ensino de gramática. O autor trata de três tipos de abordagens ao ensino de gramática: a gramática como produto (*teaching grammar as a product*); a gramática como processo (*teaching grammar as a process*); e a gramática como habilidade (*teaching grammar as a skill*), que é a junção das duas abordagens.

Mediante as ideias preconizadas por Bastone, a gramática como produto foca exclusivamente na forma, ou seja, no ensino de regras gramaticais e em exercícios estruturais de aplicação de tais regras. Em cada aula, um aspecto gramatical é trabalhado de modo dedutivo na maior parte das vezes. Mesmo que o ensino como produto ajude os alunos a notar (*noticing*) as formas gramaticais e a estruturar as sentenças, ele pouco contribui para que os alunos façam uso da gramática aprendida em contextos reais de comunicação.

Já o ensino como processo dá ênfase ao uso e à comunicação. Os alunos são incentivados a realizar tarefas (*task-based approach*) que sejam relevantes para que eles usem a língua-alvo, a se pautar em relações interpessoais e, ao mesmo tempo, a refletir sobre a língua que estão utilizando. No entanto, assim como o anterior, o ensino como processo também apresenta suas falhas. O aluno, muitas vezes, não se atém à forma linguística e acaba mantendo uma conversação sem a devida acuidade da língua.

Além desses dois métodos explicitados, há o ensino de gramática como habilidade, nova proposta que surgiu com o fim de preencher as lacunas deixadas pelos dois modelos anteriores. Segundo Batstone (1994), o terceiro modelo de ensino de gramática combinaria os elementos da gramática como produto e gramática como processo, até então complementares entre si, para que a aprendizagem de língua estrangeira ocorresse de forma significativa e efetiva.

Para que realmente ocorra o uso de formas gramaticais com acuidade em práticas significativas, os aprendizes devem passar por algumas fases do ensino de gramática como habilidade, o que ajudaria a transformar o insumo recebido (*input*) em aquisição (*intake*). As fases que levam o aluno a se comunicar na língua-alvo com acuidade são: *noticing*, *re-noticing*, *structuring*, *restructuring* e *proceduralization*.

Segundo o autor, atividades de *noticing* têm o objetivo de chamar a atenção do leitor para uma determinada estrutura gramatical. Entretanto, não há garantias de o aluno realmente se comunicar com efetividade somente pelo simples fato de dominar a forma linguística ensinada. Há também o *noticing as a skill* ou o *noticing* como habilidade, criando tarefas que ajudassem os alunos a habilidade de usar e se atentar à gramática no uso da língua.

Assim, os alunos devem focar na forma, no uso da língua e no sentido a fim de finalizar o exercício. Aliás, esse é um dos pontos ressaltados nesta abordagem gramatical, ou seja, levar o aprendiz a refletir sobre o uso da língua. Em seguida, há as fases subsequentes de *structuring* e *restructuring*, em que o professor dá oportunidade para o aluno faça, de maneira ativa, uso das formas linguísticas vistas durante a fase do *noticing* em contextos reais de comunicação. É nesta fase que o aluno testa as hipóteses acerca das formas gramaticais estudadas, esclarece determinadas dúvidas e reorganiza seu conhecimento sobre a gramática.

Segundo Batstone (1994), os aprendizes utilizam determinadas combinações gramaticais (*formulaic language*) sem saber como recombina as partes de forma independente. Na fase da reestruturação, o aluno percebe como formas e significados se combinam na língua-alvo. E na última fase do processo (*proceduralization*), o aluno internaliza a estrutura gramatical e, então, está apto a utilizá-la rápido e eficientemente na comunicação.

Como foi exposto neste projeto, o ensino de gramática é muito mais que mera prescrição de regras gramaticais; é, na verdade, uma habilidade a ser desenvolvida para que os alunos apliquem de fato o conhecimento no uso efetivo da língua.

PERSPECTIVAS DE RESULTADOS DO TRABALHO

Temos a expectativa de motivar os aprendizes a estudar a língua inglesa por meio de tal abordagem gramatical, tendo como base norteadora o caráter tridimensional da gramática para o uso comunicativo significativo. Além disso, visamos propor como encaminhamentos algumas atividades adaptadas que possam incluir esse viés no ensino de gramática e discutir a importância de conhecimentos teórico-práticos sobre o ensino de gramática na formação inicial e contínua de professores.

PROJETO TELETANDEM BRASIL: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PRINCÍPIO DA SEPARAÇÃO DAS LÍNGUAS NAS INTERAÇÕES

Fabiana Picoli (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa surgiu através das leituras sobre a concepção de linguagem, sua estreita relação com as práticas sociais e culturais no decorrer da história e sobre a amplitude que o projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* vem adquirindo no contexto de ensino e aprendizagem de Línguas Estrangeiras nas universidades do Brasil e do exterior. O projeto *Teletandem Brasil (TTB)* é um contexto de ensino e aprendizagem de línguas mediado pelo computador. A aprendizagem de línguas colaborativa em regime de tandem é uma modalidade que surgiu na Alemanha no final dos anos 60 e se difundiu para vários países, se popularizando nos anos 70, na Espanha. Na versão brasileira, a

aprendizagem é realizada à distância, mediada pelo computador, em uma comunicação em tempo real por meio de programas como o *Skype*, um *software* que possibilita comunicação de voz e vídeo pela internet permitindo a chamada gratuita entre usuários de qualquer lugar do mundo. As interações *in-tandem*, segundo Vieira-Abrahão (2009), têm como diretrizes três princípios: o da autonomia, da igualdade e da reciprocidade. Nessa pesquisa, analisaremos o princípio da igualdade, que se refere ao uso de duas línguas distintas nas sessões de teletandem, recebendo denominações diferentes tais como: bilinguismo, igualdade, responsabilidade e separação de línguas. Adotamos a definição de Vassallo e Telles (2006, p. 87) de “separação das línguas”, em que esclarecem que as sessões devem ser compostas por duas partes, podendo ser seguidas cronologicamente ou realizadas em dias diferentes, porém cada uma deve ser dedicada somente a uma língua. Nesse contexto de ensino e aprendizagem, o mediador, que pode estar na figura de um pesquisador, professor, de um aluno de graduação ou pós-graduação, tem a função de encorajar os aprendizes a exporem suas experiências, dando enfoque às questões de linguagem que envolvem contextos bi/multilíngues visando a maximização do processo de aprendizagem colaborativa. Tendo em vista o princípio da igualdade e o trabalho do mediador, o tema escolhido para essa pesquisa será a investigação de como aquele é praticado nas interações pelos participantes e como a mediação pode auxiliar a compreensão e uso desse princípio no teletandem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa se fundamenta em um arcabouço teórico sobre o ensino e aprendizagem de línguas em Teletandem e em teorias sobre multilinguismo e *code-switching* (alternância de língua). O conceito-chave no estudo do multilinguismo é a escolha da língua, que conforme Bleichenbacher (2008, p.11) são divididas nas modalidades *endolingual* e *exolingual*. A primeira categoria, *endolingual*, representa situações de comunicação que ambos os falantes compartilham a mesma língua materna, resultando em uma interação monolíngue, por exemplo: dois falantes do mesmo país que tem o inglês como língua materna e a utilizam para se comunicarem.

A categoria *exolingual* representa situações de comunicação em que ambos os falantes não compartilham a mesma língua materna, mas se comunicam na língua materna de um dos falantes ou utilizam uma terceira língua (língua estrangeira) para se comunicarem. Portanto, os falantes podem escolher se comunicar utilizando a língua materna de um dos interlocutores ou uma terceira língua, que seria uma língua estrangeira para ambos, tornando a comunicação um evento multilíngue, por exemplo: um americano localizado na França, utilizando o francês para se comunicar com um sujeito que a tem como língua materna ou a situação de um sujeito francês, que se encontra na Alemanha, porém utiliza o inglês para se comunicar com outro interlocutor Alemão que, por sua vez, também consegue se comunicar nessa língua. Essa discussão é necessária para entendermos o funcionamento da separação de línguas no Teletandem, pois para garantir o funcionamento desse princípio, entendemos que as línguas não devem ser misturadas, porém, ao rever as considerações que envolvem o cenário bilíngue e multilíngue, percebemos a complexidade que permeia não só as questões relacionadas à linguagem, mas também à aplicação do princípio da separação de línguas durante as interações face a face ou mediadas pelo computador.

OBJETIVOS

Objetivamos, nessa pesquisa, entender como o princípio da separação de línguas (princípio da igualdade) ocorre nas interações e os fatores que podem influenciar o seguimento desse princípio, que podem advir, por exemplo: do nível de proficiência dos participantes, do quanto cada um está disposto a arriscar, se faz tandem por iniciativa própria ou porque é obrigado etc. Como objetivos específicos, analisaremos como a separação de línguas é empregada pelos pares em relação ao *status* (garantia da mesma duração de tempo para a prática das duas línguas e da mesma oportunidade de aprendizagem das culturas envolvidas) que adquirem durante as interações, levando em consideração as questões da linguagem que estão envolvidas nesse meio de interação bi/multilíngue e o trabalho de mediação realizado pela pesquisadora no decorrer das interações, como auxílio na

compreensão e prática da separação das línguas pelos participantes. Com o propósito de executar tais objetivos, as seguintes perguntas de pesquisa foram elaboradas: De que forma o princípio da separação de línguas (ou princípio da igualdade) é empregado nas interações pelos participantes em relação ao status e considerando as questões de linguagem envolvidas nas interações bi/multilíngues? Como a mediação pode auxiliar a compreensão e uso desse princípio no teletandem?

METODOLOGIA DE PESQUISA

Esse projeto utilizará como modalidade de pesquisa para coleta e análise de dados a abordagem qualitativa. De acordo com Dornyei (2007), essa modalidade permite ao pesquisador alcançar pontos particularmente significativos na sua realização tais quais: meio eficaz de explorar campos inéditos no ramo das pesquisas, são úteis para dar sentido às situações com elevado grau de complexidade, respondem os “por quês”, diferentemente das pesquisas quantitativas que, não raramente obtêm resultados surpreendentemente contraditórios por não oferecerem uma elucidação real quanto às causas, possibilita um repertório de interpretações possíveis das experiências humanas, se qualifica por ser um material com riqueza de relatos da pesquisa entre outros. Adotaremos a metodologia de estudo de caso etnográfico, pois conforme (Souza, 2005-2006), as investigações na área do ensino de línguas são frequentemente tratadas como pesquisas de orientação etnográfica já que esses estudos objetivam desvendar e descrever processos em seus ambientes reais. Souza (2005-2006, p. 176-178) afirma que no âmbito da pesquisa qualitativa de orientação etnográfica, há estratégias metodológicas que buscam atender à validade e à confiabilidade da pesquisa, através da utilização de vários métodos de coleta de dados, por exemplo, uso de diários reflexivos, de entrevistas, de questionário entre outros instrumentos, definida na literatura das metodologias de pesquisa por “triangulação”, isto é, o uso de dois ou mais métodos de coleta de dados no estudo de algum aspecto do comportamento humano. Desse modo, a fim de atender os critérios de confiabilidade e validade dessa pesquisa, a triangulação das informações para análise dos dados procederá dos seguintes instrumentos de pesquisa: gravações de áudio e vídeo das sessões de interação em teletandem, diários reflexivos dos participantes, questionário aberto e entrevista semiestruturada. Para Meirinhos (2010, p.62), citando Rodríguez et al (1999), o diário é o instrumento no qual o pesquisador registra, “não apenas, as notas de campo, mas também a suas reflexões sobre o que vê e ouve”. Para essa pesquisa, utilizaremos esse instrumento questionário via plataforma *moodle* para mediação, que também será feita, em outros, presencialmente, por meio de sessões de aconselhamento entre pesquisador/ mediador e participante, gravadas em áudio. O questionário é uma espécie de formulário utilizado para recolher informações sobre os participantes antes da realização das sessões de teletandem, tais quais: nível de proficiência na língua, quais ferramentas pretendem utilizar durante as interações (google tradutor/ imagens, youtube etc) para auxiliar o ensino e aprendizagem das línguas, se acha que misturar as línguas durante as interações poderá ser positivo ou negativo para a aprendizagem de ambos os parceiros entre outras. Com isso, poderemos obter o retrato dos participantes da pesquisa, com a finalidade de selecionar um par mais proficiente, um par intermediário e outro menos proficiente nas línguas em que pretendem praticar, para verificar se a separação das línguas podem sofrer interferências no status (garantia de mesma duração de tempo para a prática de ambas as línguas) e no *code-switching* (mistura das línguas) conforme o perfil dos interagentes. A entrevista é importante pois, conforme Meirinhos (2010, p.62), citando Fontana e Frey (1994) “entrevistar é uma das formas mais comuns e poderosas de tentar compreender outros seres humanos”. Ela pode seguir duas orientações: estruturada (exige uma ordem na formulação das perguntas, podendo limitar o ponto de vista do participante) ou semiestruturada (não há uma ordem pré-estabelecida na formulação das perguntas, o que torna a entrevista mais flexível, possibilitando fazer determinadas perguntas no momento mais apropriado de acordo com as respostas dos participantes). Portanto, para essa pesquisa adotaremos a modalidade semiestruturada, com a finalidade de obter informações em que os participantes expressem melhor seus pontos de vista da situação vivenciada nas interações. Por último, para garantir a validade e a confiabilidade através da triangulação dos dados, que é obtida pela utilização

de instrumentos variados de coleta de informações, utilizaremos, como principal instrumento de coleta de dados, gravações de áudio e vídeo através do programa *Evaer* (www.evaer.com), que grava chamadas de vídeo do Skype com alta qualidade, sendo possível gravar a webcam local e a remota simultaneamente. Pesquisaremos três pares de interagentes, com o intuito de verificar, na prática, como eles utilizam a separação das línguas durante as interações. Também utilizaremos um gravador de áudio durante as sessões de mediação presencial, para captar informações acerca das mediações, buscando compreender de que forma elas contribuem para a melhoria da prática de teletandem entre os participantes e para captar informações e pontos de vista deles em relação às suas interações.

RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos, no final dessa pesquisa, compreender: como o princípio da separação de línguas ocorre nas interações e quais fatores podem influenciar o modo como se utiliza as línguas no teletandem; até que ponto os ambientes bi/multilíngues podem interferir na manutenção da separação das línguas; compreender como o trabalho de mediação pode auxiliar no entendimento e na prática do princípio da igualdade pelos participantes.

Acreditamos que essa pesquisa será relevante ao investigar as dificuldades que podem surgir, durante a realização das sessões, na prática do princípio da separação das línguas que é de fundamental importância para garantir a reciprocidade, outro princípio importante do teletandem que garante aos aprendizes, beneficiarem-se equitativamente da prática da língua-alvo. Conforme Salomão et al (2009), apesar dos benefícios que o teletandem pode trazer, há uma grande chance de aparecimento de dificuldades nesse contexto, porque sendo um ambiente de aprendizagem à distância, existe a possibilidade de que os participantes não compreendam o funcionamento dos princípios que envolvem as interações em tandem.

A TRADUÇÃO COMENTADA DE *LE LIEUTENANT DE KOUTA* (1979), DE MASSA MAKAN DIABATÉ: ESCRITA INTERCULTURAL E ORALIDADE

Fabio Rodrigues Pinheiro (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Em regiões onde as fontes escritas são raras e as contribuições arqueológicas bastante limitadas, as tradições orais adquirem, naturalmente, uma importância capital. Nesse contexto, desempenham papel primordial os griôs, frequentemente descritos como os bardos da África ocidental. Nessa parte do mundo, antes da época colonial, a literatura era toda oral e em língua vernácula. Dessa forma, sua conservação, bem como sua transmissão de geração em geração, era privilégio dos griôs. Mestres incontestes da palavra, memória viva da sociedade tradicional, os griôs são os guardiões dos valores tradicionais, constituindo uma casta especializada na declamação das narrativas históricas, que conferem lugar de destaque aos heróis fundadores, bem como ao aspecto maravilhoso. Na África ocidental, principalmente entre os mandingas¹, várias são as clãs ou famílias a exercerem essa função, entre as quais aquela do autor cuja obra será nosso objeto de estudo.

Massa Makan nasceu em Kita, oeste do Mali, em 1938, no seio de uma conhecida e respeitada família da casta dos griôs, os Diabaté, conhecidos como “aqueles que falam tão bem que não se lhes pode recusar nada”. Fez parte de seus estudos na Guiné, partindo em seguida para a França. De volta a seu país natal, surge na cena literária malinesa no fim dos anos 60. Suas primeiras obras constituem um trabalho de transposição para a linguagem escrita das epopeias e contos populares da cultura mandinga, até então conservados apenas

¹ Os mandingas constituem um dos maiores grupos étnicos da África ocidental. Conhecidos também como “malinquês”, “mandês” ou “bambaras”, têm uma população estimada em 11 milhões de pessoas, distribuída pelo território de vários países, como o Mali, a Guiné, o Senegal e a Costa do Marfim, entre outros.

de forma oral. Em 1979, faz sua estreia no gênero romance com a publicação de *Le Lieutenant de Kouta*, primeiro volume da premiada trilogia de Kouta. Numa carreira literária relativamente curta – 20 anos – Diabaté assinou mais de uma dezena de obras de diversos tipos: epopeias, peças de teatro, romances, produzindo até mesmo uma antologia da música malinesa. No entanto, apesar dessa variada e riquíssima obra, Diabaté é quase completamente desconhecido no Brasil. Ao que nos consta, não há nenhuma tradução de qualquer de suas obras para a língua portuguesa, tanto no Brasil quanto em Portugal. Assim, a escolha de tomarmos como objeto de estudo seu romance de estreia se justifica, por um lado, por tratar-se de obra inédita em português e, por outro lado, pelo fato de integrar aquele que constitui seu trabalho mais conhecido, segundo a *Encyclopedia of African Literature* (2003):

A maior obra ficcional de Diabaté é a trilogia de Kouta, que compreende *Le Lieutenant de Kouta* (1979), *Le Coiffeur de Kouta* (1980) e *Le Boucher de Kouta* (1982). Nesses romances, ele capta sucessivamente o período triunfal do colonialismo francês, a ascensão do movimento nacionalista pela independência e o período pós-colonial até os anos 80. Com um humor colorido e um estilo de narrativa digno do griô, Diabaté ilustra meticulosamente as transformações impostas por cada período. Ele combina com sucesso as virtudes da arte oral do griô com a arte do romancista nesses livros... (p. 195)

Enquanto artista moderno, Diabaté é um dos raros a terem apresentado seu projeto artístico como uma continuação da herança familiar, ou seja, desde o início de sua carreira literária ele escreveu “em sua árvore genealógica”, à maneira do artista oral. Mas, ao contrário deste, cuja vida e atividade artística se desenvolviam num quadro homogêneo e estável, a carreira artística de Diabaté teve início num contexto radicalmente modificado pela colonização europeia e pelos conceitos culturais por ela introduzidos na África. As mudanças radicais decorrentes desse encontro com o Ocidente acabaram por semear os germes da desintegração e da dúvida no seio da sociedade, e forçaram seus diferentes segmentos a rever algumas das tradições que haviam servido como fator de coerência à vida de seus antepassados. A escola europeia, que se propunha a recriar Diabaté à sua imagem, propunha-lhe modelos contrários à educação que recebera no ambiente familiar. Todavia, ele não demorou a se dar conta de que, sozinha, a concepção europeia de artista, introduzida na África pela escola, fazia do escritor moderno apenas um ser marginal em relação à história, à estética e à visão de mundo de seu povo. Dessa forma, sua criação literária testemunha a tomada de consciência dos intelectuais e críticos africanos da época, para quem a independência cultural em relação ao colonizador passava necessariamente pela inspiração do intelectual africano nas fontes da oralidade. Isso significava levar em conta os valores socioculturais que a tradição oral mantém e veicula através da epopeia, do conto, da lenda e do provérbio. Essas diferentes fontes da oralidade revelam aos africanos a identidade cultural e histórica que lhes é própria.

OBJETIVOS

Uma pré-análise de nosso objeto de estudo nos permite afirmar que se trata de um texto que já constitui, de certo modo, um trabalho de tradução. Ao contrário do que ocorre em outras partes do mundo – como nas Américas Latina ou Anglo-Saxônica –, onde a língua do colonizador é também a língua materna da população, na África ocidental, onde dezenas ou mesmo centenas de etnias podem conviver no território de um mesmo país, tal língua possui apenas status de língua oficial, sendo a língua materna determinada pela etnia à qual pertence o indivíduo. Logo, a maioria dos autores africanos que se lançam à escrita literária escreve numa língua estrangeira à sua própria, num processo que constitui uma espécie de tradução “para o original”. Suas obras, portanto, comportam procedimentos de escrita que guardam estreita relação com o ato tradutório. Isso nos faz pensar na afirmação de Antoine Berman, segundo a qual “a relação interna que uma obra mantém com a tradução (o que ela contém em si de tradução e não-tradução) determina idealmente seu modo de tradução interlingual” (1985, p. 100-101). Ao analisar, por exemplo, a tradução para o francês de *Paradise Lost*,

realizada por Chateaubriand em 1836, Berman aborda a problemática da “latinização” do inglês presente no texto original de John Milton. Segundo o autor, “a tradução, e a *tradução literal*, operam ao longo de toda a obra, da mesma forma que opera uma intensa latinização do inglês” (p. 100). Na tradução de Chateaubriand, isso corresponderá a “uma *tradução literal* do que já é *tradução literal* no original” (p. 100).

Parafraseando Berman, podemos dizer que, no texto objeto de nosso estudo, ocorre uma intensa “africanização” do francês. Isso posto, o objetivo geral de nossa pesquisa é apresentar uma tradução comentada do romance *Le Lieutenant de Kouta* para o português, tendo em vista o “trabalho sobre a letra” de Berman. Como objetivos específicos, tencionamos responder às seguintes perguntas:

- (i) De que forma se dá, na obra, essa referida “africanização” do francês, ou seja, que elementos linguístico-discursivos e estilísticos permitem identificar o recurso às fontes da tradição oral referentes à língua-cultura materna do autor?
- (ii) De que forma a relação interna que o texto francês mantém, na obra, com a língua materna do autor (o que ele contém e si de tradução) determina seu modo de tradução para outra(s) língua(s)?
- (iii) Numa tradução comentada, de que maneira os elementos paratextuais permitem elucidar questões linguístico-discursivas e culturais com as quais se depara o tradutor durante o processo tradutório?

REFERENCIAL TEÓRICO

Em sua obra *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo* (1985), Berman critica o que chama de “tradução etnocêntrica”. Segundo essa concepção, deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira que não se “sinta” a tradução, o que, no caso da língua francesa, corresponderia a uma obra escrita em “bom francês”, um francês clássico, despojado de tudo que não se deixe transferir. Berman, ao contrário, aponta como a finalidade principal da tradução o acolhimento da “literalidade” do texto original, isto é, do jogo de significantes, da realidade “carnal, tangível, viva” (p. 70) da linguagem, o que inclui o acolhimento da “originalidade” própria da obra e da “estranheza” do outro. Tal reflexão é de suma importância para o nosso trabalho, uma vez que essa “estranheza” se evidencia na escrita de Diabaté. Com efeito, sua prosa abunda em imagens, locuções, modos de dizer, provérbios etc., que dizem respeito ao vernacular africano. O próprio autor afirma: “No que se refere à sintaxe, acredito que um africano não deva se preocupar em escrever uma língua perfeita... é preciso *quebrar a língua francesa* para nela introduzir nossa própria sensibilidade, nossa cultura e a maneira como vivemos” (Diabaté, 1973, p. 44, grifo nosso). Assim, num movimento que dialoga com o projeto “ético” de tradução de Berman, ele leva para as margens da língua francesa a sua obra, em toda sua estranheza, sacrificando deliberadamente a “poética” do francês.

Além das reflexões de Berman, são de extrema relevância, para a realização deste trabalho, as pesquisas de Paul F. Bandia (2008), que trata dos problemas de escrita e tradução no contexto da África pós-colonial. O autor aborda, entre outras questões, a escrita intercultural como tradução e o discurso oral africano na escrita de língua europeia.

Cabe ainda destacar as pesquisas referentes ao gênero textual “tradução comentada”. Nesse sentido, mencionamos o trabalho de Zavaglia, Renard e Janczur (2015), em que as autoras se debruçam sobre a problemática do referido gênero em contexto acadêmico. Ressaltam que, apesar de pouco pesquisado no campo dos Estudos da Tradução, tal gênero merece um lugar de reflexão nesse domínio. Com base em suas considerações, tencionamos discutir tal questão do ponto de vista teórico, antes de efetuarmos o trabalho de comentário propriamente dito, sabendo, de antemão, que “no caso de um trabalho acadêmico, [...] os comentários não são complementos acessórios à tradução; ambos integram um mesmo conjunto e [...] são, no contexto da leitura, [...] componentes de igual importância, já que um não tem razão de ser sem o outro” (2015, p. 337). Nessa mesma linha de raciocínio, faremos menção ao trabalho de Sardin (2007), para quem as notas do tradutor “assinala[m], por sua própria presença, que a fronteira que separa tradução e comentário é vaga, instável, e que o

comentário está sempre na tangente do texto” (p. 3). Trazendo para a cena a discussão sobre a (in)visibilidade do tradutor na tradução comentada, recorreremos, ainda, às pesquisas de Rodrigues (2009, 2010) sobre o tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ainda que o ato de traduzir possua certa autonomia, a leitura de outros textos de Diabaté, assim como de textos teóricos sobre sua obra e sobre questões de africanidade e oralidade, serão um apoio à tradução, permitindo um aprofundamento da linguagem do autor e auxiliando nas decisões a serem tomadas durante a tradução. Assim, a análise do romance, que precederá sua tradução, levará em conta os dois outros volumes que completam a trilogia da qual ele faz parte, bem como textos teóricos que abordam questões culturais e referentes à oralidade.

Um segundo momento será dedicado à reflexão sobre as questões teóricas concernentes à tradução, especialmente no que se refere ao gênero tradução comentada.

O processo tradutório, terceira etapa deste projeto, irá se orientar pelas contribuições mencionadas em nosso referencial teórico. Tratar-se-á apenas de uma orientação, já que, como afirma Berman, não se deve submeter o ato de traduzir a um método fixo que dite as regras do que se deve fazer, mas praticá-lo a partir de certos princípios, como, por exemplo, um determinado projeto de tradução.

Por fim, nos voltaremos ao trabalho de elaboração das notas e comentários, o qual não deve se desvincular do processo tradutório. É na imbricação desses dois eixos principais – traduzir e comentar – que vislumbramos a possibilidade de realização deste projeto.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Nossa pesquisa encontra-se em fase inicial. No momento, além de cursar as disciplinas obrigatórias para o cumprimento dos créditos do Mestrado, realizamos diversas leituras e fichamentos de textos teóricos referentes às problemáticas que perpassam nosso trabalho. No segundo semestre, além de outras disciplinas a serem cursadas, daremos prosseguimento à pesquisa bibliográfica, objetivando, também, iniciar um esboço da tradução. O trabalho de tradução propriamente dito, porém, bem como a elaboração das notas e dos comentários, serão empreendidos a partir do primeiro semestre de 2018.

PROCESSOS DE INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DE HISPANOS APRENDIZES DE PLE NA FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA

Fabrizio Paiva Mota (UNESP/Araraquara – UERR/UFRR)

INTRODUÇÃO

O fenômeno de línguas em contato não é recente. Desde a Antiguidade, povos circulam pelo planeta estabelecendo conexões com outros povos. No contexto brasileiro, o contato entre falantes de línguas diferentes é um fenômeno acentuado, principalmente nas zonas fronteiriças. No cenário roraimense, extremo norte do Brasil, foco de nossa investigação, existem duas fronteiras: ao norte com a Venezuela e ao leste com a Guiana. Dada a localização geográfica, o estado de Roraima é um dos poucos no país com fronteiras trilingues, cujas línguas oficiais são o Português, o Inglês e o Espanhol, além das línguas indígenas e crioulas.

Muitos hispanofalantes buscam aprender o Português Brasileiro (PB) para diversos fins, tais como comerciais, acadêmicos e culturais. Nesse sentido, a Universidade Estadual de Roraima (UERR)/*Campus* Pacaraima tem oferecido desde 2006 cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE) no município de Pacaraima, voltados principalmente para a população de Santa Elena de Uairén/Venezuela.

Na região Norte, dos seis estados, quatro (Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima) fazem fronteira com países hispano-americanos. Face ao exposto, verificamos a necessidade de levar a cabo estudos sobre o contato linguístico na fronteira de Roraima com os países vizinhos, pois, por exemplo, observando o fluxo de brasileiros em direção a Santa Elena,

notamos que está aumentando o uso da Língua Portuguesa por parte de comerciantes não só hispanos, mas também orientais na referida cidade, a fim de estabelecer uma melhor relação com seus clientes brasileiros; e, com base em um levantamento simples realizado em 2012, notamos ainda que as influências espanholas no Português falado por hispanos encontram-se nos níveis fonético, morfológico e sintático (MOTA, 2012).

Em nossa dissertação, Mota (2014), analisamos, de maneira geral, o contato linguístico através de produções textuais de venezuelanos aprendizes de PLE; definimos os processos resultantes de contato linguístico presentes nas produções textuais de venezuelanos aprendizes de Português; caracterizamos sociolinguisticamente o venezuelano aprendiz de Português como Língua Estrangeira. Dentre os fenômenos de contato linguístico relatados, a Interferência foi a mais produtiva nas produções textuais dos alunos, o que decorre dessa proximidade entre o Português e o Espanhol. Por esse motivo, nosso trabalho visa aprofundar as questões relacionadas à Interferência linguística.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral:

Analisar as interferências linguísticas presentes em produções textuais de hispanos aprendizes de PLE.

Objetivos Específicos:

- (i) Identificar, classificar e descrever os tipos de interferência linguística presentes nas produções de hispanos aprendizes de PLE.
- (ii) Traçar o perfil sociolinguístico do hispano estudante de PLE na fronteira Brasil/Venezuela.

Relacionar os dados das interferências linguísticas com o perfil sociolinguístico dos informantes.

- (iii) Traçar o perfil sociolinguístico dos professores do Curso de PLE.

INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA

Menéndez e Mendéndez (2003, p. 67-68) comentam que o termo Interferência fora cunhado por Sandfeld (1938 apud MENÉNDEZ; MENDÉNDEZ, 2003), porém foi Weinreich (1953) que estabeleceu as causas e as formas do referido fenômeno. Os dois primeiros autores definem Interferência como processo e resultado que ocasionam a presença de unidades de um dado sistema linguístico, bem como estruturas de outro sistema, reconfigurando estruturas nos níveis fonológico, morfológico e sintático. E mais, devemos compreender tal fenômeno do ponto de vista da situação de contato de línguas. No âmbito da fala, tem-se que levar em conta fatores de percepção da outra língua e do empréstimo; no da língua, fixa-se o interesse na integração fônica, gramatical, semântica e estilística dos elementos do outro idioma.

Consoante Menéndez e Menéndez (2003, p. 69), os fatores externos influenciariam no desenvolvimento da língua do ponto de vista da teoria linguística estruturalista. Esse dado é relevante, haja vista que, para a descrição de uma situação de contato linguístico, devemos considerar também fatores extralinguísticos.

Siguan (2001, p. 176) enumera cinco tipos de Interferência com ênfase na relação Catalão-Espanhol, a saber: fonéticas e prosódicas, ortográficas, léxicas e semânticas, morfossintáticas e gramaticais. No estudo das interferências fonéticas, busca-se se baseiam-se na presença de um som da primeira língua nos enunciados da segunda ou se esses sons são resultado da imitação dos sons da segunda língua com os recursos da primeira. As prosódicas limitam-se à acentuação vocabular e à entoação frasal.

As ortográficas, sobretudo em línguas próximas, ocorrem com maior produtividade. O bilíngue tende a usar o padrão da língua que mais utiliza. No entanto, é complicado afirmar se a Interferência ortográfica ocorre através da Interferência, propriamente dita, ou do desconhecimento das regras ortográficas. Mota (2014) observou que, nos textos produzidos por venezuelanos aprendizes de Português, tal flutuação na ortografia foi bastante produtiva, tal como “Hoje as *empresas* estão exigindo que seus empregados sejam mais multifuncional

[...]. Em espanhol, não existe o dígrafo “SS” como em Português. Desta maneira, o aluno fica em dúvida ao escrever “S” ou “SS”, alternando entre as duas formas indistintamente.

As léxicas e semânticas referem-se às palavras e seus significados, sendo mais recorrentes com substantivos, seguidos de verbos e adjetivos. Dessa forma, substitui-se uma palavra da primeira língua por sua equivalente na segunda, sem nenhum prejuízo de significado. Quando o Empréstimo não consegue dar conta da nova realidade, o idioma se vale de Traduções diretas, por exemplo, “*skystripper*, aranha-céu” em Português, “*rasgacielos*”, em Espanhol. Por outro lado, um falante bilíngue Espanhol-Inglês, além de valer-se de traduções diretas também modifica o significado de algumas palavras, isto é, cria falsos cognatos entre as línguas. “*Ministry*”, em Inglês, significa “*miembro del gobierno*/membro do governo”, porém o falante poderia traduzir como “*sacerdote/sacerdote*”; já “*library*”, em Inglês, significa “*biblioteca*” e o faltante poderia traduzir como “*librería/livraria*”.

Mota (2014) também identificou Traduções diretas do Espanhol para o Português, como em “[...] com o passar do tempo as exigências a nível profissional são maiores e a competitividade é muito *mais grande*.”. A construção “*más grande*” é gramatical em espanhol e bastante utilizada, porém, em Português culto brasileiro, é considerada como um desvio da norma.

As morfossintáticas adequam a estrutura de uma língua à outra a que se incorpora. Assim, “*conill/coelho*” em Catalão, “*conejo*” em Espanhol, transforma-se em “*conillo*”, pois as palavras que terminam em consoantes em Catalão recebem uma vogal em Espanhol. Na frase “*el conillo está malaltito*”, “*malalt/doente*” em Catalão, “*enfermo*” em Espanhol, incorpora-se o sufixo diminutivo “*-ito*”.

Do ponto de vista gramatical, cada língua possui um sistema de regras específico. Um bilíngue Espanhol/Inglês, cuja língua principal seja o Espanhol ao invés de dizer: “*I scratch my arm*”, pode dizer: “*I scratch the arm*”, influenciado pelo Espanhol “*me rasco el brazo/arranho o braço*” (SIGUAN, 2001, p. 179). É o mesmo tipo de ocorrência verificada por Mota (2014), pois, ao invés de utilizar “diferente dos profissionais”, o informante usa “Na atualidade, os profissionais são um pouco (ou bastante) diferentes aos profissionais do meados do século XX”, isto é, vale-se do regime preposicional em Espanhol para construir sua frase portuguesa.

METODOLOGIA

Interferência linguística

No que se refere à Interferência linguística, apresentamos várias propostas teóricas, porém cada uma delas indica uma tipologia diferente, o que poderia confundir a proposta de pesquisa. López Morales (1992) nos ajudou com sua ideia de ver tais fenômenos sob forma de uma gradiência gramatical, em que um dado elemento pode ser mais ou menos gramatical, isto é, ele pode ir de um polo a outro de acordo com sua configuração.

Dessa maneira, utilizamos esta rotulagem: Interferência ortográfica, Interferência lexical e Interferência gramatical. Com essas categorias, podemos “enxugar” o extenso rol de classificações e rotulagens apresentadas em nosso referencial teórico; também entendemos que (i) Interferência ortográfica: pode agrupar os casos de acentuação e grafia; (ii) Interferência lexical: pode abrigar empréstimo e tradução direta; e (iii) Interferência gramatical: morfofonológico e sintático, casos que atingem a estrutura gramatical do Português escrito pelos alunos de PLE/UERR. Entendemos que a Interferência pode ser compreendida em três grandes categorias, ficando a cargo do pesquisador e de seus dados uma possível subclassificação.

Para esse modelo classificatório, observamos a metodologia empregada por Naro e Scherre (2007) que distribuem seus dados entre morfofonológicos, tais como simplificação do padrão silábico, nasalização e desnasalização, alterações de coda silábica, assimilação, quedas vocálicas, como o uso de ‘ele’ como acusativo, falta de concordância de número, gênero, dentre outros.

Perfil sociolinguístico dos informantes

Com base em pressupostos da Sociolinguística, definimos 15 grupos de fatores variáveis que nos permitam estabelecer um perfil sociolinguístico dos informantes, venezuelanos aprendizes de PLE na fronteira Brasil/Venezuela. Para alcançarmos tais objetivos, aplicaremos um questionário composto de 23 questões, em que são contemplados os 15 grupos. Os critérios estabelecidos são:

1. Gênero: Masculino ou Feminino

O conceito de gênero diz respeito “aos papéis socialmente construídos, os comportamentos e atributos que uma dada sociedade considera apropriados para homem e mulher”, conforme orienta a Organização Mundial de Saúde (OMS). Apontamos que o paradoxo do gênero encontra-se em discussão dentro da Sociolinguística, já que atividades/características tipicamente masculinas ou femininas descritas nos primeiros trabalhos de Labov, sofreram alterações com o passar do tempo (SCHERRE; YACOVENCO, 2011).

2. Escolaridade: Ensino inicial, Ensino primário, Ensino Médio e Ensino Superior

Considerando que o universo de informantes encontra-se ligado ao sistema educacional venezuelano, é preferível utilizarmos sua segmentação, regulada pela Lei Orgânica de Educação, de 13 de agosto de 2009.

3. Faixa etária: jovem, adulto e idoso

Conforme dados do IBGE, uma população pode ser dividida em jovem (do nascimento até aos 19 anos), adulta (dos 20 aos 59 anos) e idosa (dos 60 anos em diante).

4. Localidade: Venezuela, Brasil e/ou ambos

4.1. Local de nascimento

4.2. Local de residência

4.3. Local de trabalho

4.4. Local de estudo

5. Setor de ocupação: agricultura, indústria, serviços ou outros

6. Motivo de estudo da Língua Portuguesa

7. Parentesco com algum lusofalante: sim ou não, e quais

8. Tempo aproximado de contato com a Língua Portuguesa em ambiente escolar e não escolar: 0 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 a 14 anos ou mais de 15 anos

9. Autoavaliação de sua desenvoltura com o Português

10. Atitude positiva ou negativa frente ao uso da referida língua

11. Fala / Escreve português cotidianamente: sim, não ou às vezes

12. Contextos de uso da Língua Portuguesa: casa, trabalho, escola, ‘amigos’ e/ou outros

13. Falante materno de Espanhol: sim ou não, e quais os contextos de uso

14. Falante de outra LE sem ser o português: quais, e quais os contextos de uso

15. Falante de língua indígena: quais, e quais os contextos de uso

Instrumentos de coleta

A escolha pelo Curso de PLE da UERR/*Campus* Pacaraima se deu por ser um ambiente de conhecimento, ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, localizar-se em um contexto fronteiriço e multilíngue e ser de fácil acesso ao pesquisador.

Quanto às produções textuais, sua escolha ocorreu para dar continuidade à nossa pesquisa de mestrado, porém enfatizando as Interferências linguísticas e com um número maior de produções escritas. *A priori*, essas produções serão coletadas entre 2016 e 2018, bem como a aplicação dos questionários e, caso haja necessidade, serão realizadas entrevistas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTOS

Atualmente, estamos na fase de coleta de dados no Curso de PLE; paralelamente, estamos digitalizando e digitando os textos para iniciar a análise dos dados. Com relação à qualificação do trabalho, a perspectiva é para o primeiro semestre de 2018.

ABORDAGEM FUNCIONAL SOBRE A ESTRUTURA INFORMACIONAL DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO DE CONSTITUINTES

Felipe Aleixo (UNESP/Araraquara)

Neste trabalho, temos a intenção de apresentar nosso projeto de Pesquisa de Doutorado, com a intenção de aproveitar o evento para discutir possibilidades e de que contribuições sejam recebidas para o desenvolvimento da pesquisa. O ingresso no Doutorado é recente: ocorreu em março deste ano; portanto, a pesquisa está em sua fase bem incipiente. Em nosso projeto, propomos realizar uma investigação, sob a perspectiva funcional de análise da língua, sobre a estrutura informacional da língua de sinais brasileira (LIBRAS), mais especificamente sobre as construções utilizadas por surdos oralizados e não oralizados para marcar, informacionalmente, o foco de suas sentenças. Por meio de pesquisa de cunho bibliográfico e da observação de uso real da Libras, buscamos perceber se existem construções típicas funcionando como marcadores focais das sentenças nessa língua, como a clivagem, por exemplo. Além disso, buscamos entender como ocorrem, informacionalmente, as relações de coordenação e subordinação no uso da Língua de Sinais Brasileira. Já não é novidade, na comunidade acadêmica voltada ao estudo e à descrição das línguas, a inserção das línguas de sinais no grupo oficial das línguas naturais. E as pesquisas que comprovam a naturalidade dessas línguas estão se tornando fortes no cenário acadêmico mundial, de forma que cada vez mais linguistas estão voltando seus olhares a elas. Apesar de parecerem recentes, indícios de que as línguas de sinais seriam formas naturais de línguas, com funcionamento e estrutura próprios, já são sinalizados por Saussure (1916), mas evidentemente concretizados com a publicação, de Stokoe (1960), de “Sign language structure”, obra que deu a esse último o título de “pai das línguas de sinais”. De acordo com Brito (1995), o fato de considerar ou não as Línguas de Sinais (LS) como línguas naturais não deveria requerer nem discussão, uma vez que, assim como as orais, 3 as LS surgiram de forma espontânea, por meio da interação entre as pessoas, e uma vez que, graças à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito, seja ele emotivo, descritivo, racional, literal, metafórico, concreto ou abstrato. Dito de outra forma, as línguas de sinais “permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (BRITO, 1995, p. 3). Além disso, como provado em muitos estudos, como em Quadros e Karnopp (2004) e em Frydrych (2013), as línguas de sinais apresentam todas as características que há em qualquer língua oral, como arbitrariedade, variação, mudança etc. Assim, uma vez consideradas como línguas naturais pela comunidade acadêmica da Linguística, começaram a ser realizados estudos sobre a gramática dessas línguas. Os primeiros estudos sobre a gramática da ASL (American Sign Language) foram feitos por Klima e Bellugi (1979) e Lidell (1980). No contexto brasileiro, sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), Quadros (1995, 1999), Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) foram referências iniciais. Vale dizer que o estudo sobre as estruturas gramaticais dessas línguas tem sido um grande desafio ao linguista. E isso porque, durante algum tempo, as pesquisas sobre as Línguas de Sinais seguiram o raciocínio de que, uma vez que são línguas naturais, devem apresentar os mesmos mecanismos de funcionamento que as LOs têm. Todavia, há pesquisadores que dizem que é preciso ter cautela quanto a colocar ambas as línguas “em um mesmo saco”. Apesar desse alerta, o questionamento sobre a natureza das unidades gramaticais nas LSs tem sido abordado com pouca frequência na literatura. De maneira geral, predominam no campo metodologias clássicas, tais como a eliciação de sentenças (ou seja, solicitação ao informante bilíngue que ofereça traduções de sentenças-alvo construídas) e o apelo à intuição de falantes (ou seja, recurso aos julgamentos de gramaticalidade diante de sentenças também construídas). Em ambos os casos, o pesquisador assume que as sentenças traduzidas ou julgadas constituam unidades gramaticais válidas ou próprias da língua de sinais estudada (LEITE, 2008). Assim, buscamos trazer à tona, sobretudo, por meio desta pesquisa de base funcionalista, a análise e a descrição da Estrutura Informacional da Libras. Mais especificamente, buscamos descrever, por meio de produções reais, as formas possíveis de articulação da informação dentro do discurso da língua de sinais brasileira. Esse estudo revela ineditismo no cenário acadêmico da Linguística Brasileira e pode contribuir para

que as discussões incipientes sobre essa língua sejam aprofundadas e mais bem sistematizadas. Além disso, é importante dizer que, ao se realizar um estudo sobre a Estrutura Informacional de uma língua, recai-se, obrigatoriamente, à observação da Prosódia, da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática relacionadas no discurso. Por essa razão, buscamos, afinando o tema, a fim de que seja possível a sua realização, o enfoque voltado, sobretudo, às construções de foco possíveis na Libras. Com isso, poderemos identificar como os surdos, oralizados e não oralizados, que têm a Libras como língua materna, organizam seus discursos informacionalmente, marcando essa focalização por meio de estruturas gramaticais. Ademais, poderemos perceber se existem construções típicas de outras línguas funcionando como marcadores focais das sentenças, como a clivagem, por exemplo, bem como buscaremos refletir se existe alguma relação entre os processos de coordenação e subordinação com a estrutura informacional das sentenças em LIBRAS. Temos, assim, os seguintes objetivos específicos: (i) Identificar construções gramaticais que têm a função de marcar o foco da sentença em Libras e os seus respectivos contextos. (ii) Descrever fenômenos prosódicos, sintáticos e pragmáticos que motivem o uso dessas construções. (iii) Identificar o estatuto informacional dos constituintes focalizados dessas sentenças. (iv) Discutir possíveis construções focais emergentes e em uso na Libras, como a clivagem, por exemplo. (v) Discutir a estrutura dos elementos constituintes da sentença em Libras, levando-se em consideração o estatuto informacional dos constituintes, e não apenas a posição sintática que ocupam. (vi) Avaliar a produção de estruturas focais por usuários de Libras em contextos pragmáticos mais e menos salientes para o seu emprego. (vii) Avaliar o padrão de movimentação dos olhos durante o processamento de estruturas de foco marcado na Libras, com a presença ou ausência da marcação especial a elas relacionada – qual seja, o arqueamento da sobrancelha. (viii) Com base nos resultados obtidos, apresentar uma proposta de representação formal das construções de foco marcado da Libras. Neste trabalho, vale dizer, a expressão “funcionalismo” é empregada para indicar a corrente teórica que se preocupa em estudar a gramática das línguas naturais juntamente com a situação comunicativa: o evento de fala, os papéis dos participantes, o contexto discursivo etc. Em outras palavras, consideramos o funcionalismo como teoria que integra o estudo da forma das expressões linguísticas ao uso dessas expressões nas situações de interação verbal. Sabemos, no entanto, que há vários modelos ditos funcionalistas, 6 representados por autores de diferentes escolas, e que apresentam propostas muitas vezes distintas. Apesar da peculiaridade de cada modelo funcionalista, há uma sobreposição parcial entre eles, o que torna possível reunir características comuns, que permitem traçar uma “visão funcionalista da linguagem” (NEVES, 1997). Consoante o que diz Dik (1989), sob a perspectiva funcional de análise, a língua é, sobretudo, um instrumento de interação social, sendo sua função primordial estabelecer comunicação entre seus usuários. Dessa forma, o correlato psicológico de uma língua natural é a competência comunicativa do falante, entendida não só como sua capacidade de construir e interpretar expressões linguísticas bem formadas, como também como sua habilidade de usá-las de modo apropriado e bem-sucedido em contextos determinados. É por essa razão que as expressões linguísticas só podem ser examinadas de modo correto quando se leva em consideração, além da estrutura, o seu funcionamento nos contextos de uso. Será com base nessa perspectiva que analisaremos os dados obtidos por meio das ocorrências da Língua de Sinais Brasileira. De acordo com Longhin (1999), quanto aos constituintes que carregam a função de foco, levando-se em consideração a Estrutura Informacional, a Gramática Funcional estipula que eles podem ser expressos de muitas formas: i) podem receber uma proeminência prosódica especial, ii) podem ser colocados em posições especiais; iii) podem ser marcados por partículas especiais; iv) podem ocorrer em tipos especiais de construções. Em nossa tese de doutoramento, buscamos identificar e evidenciar essas formas que marcam o constituinte focal na Libras. Vale adiantar que, em virtude do curto convívio que tivemos com a comunidade surda, temos a hipótese de que um desses “tipos especiais” de construções utilizados em Libras é o sinal de “É”, usado como clivagem para marcar o foco dessas sentenças dessa língua. Buscaremos investigar, ainda, se existe alguma relação de subordinação e coordenação das sentenças em libras com os muitos usos em que a informação é marcada nas sentenças das línguas de sinais. Talvez, por meio disso,

consiga-se explicar estratégias de sintaxe do período composto em uma língua que, a princípio, conta com pouquíssimas conjunções explícitas - muitas vezes, associadas a empréstimos diretos do português (ou, mesmo, a português sinalizado). Além disso, juntamente com os estudos de Brito (1995), Quadros (1995, 1999) e Quadros e Karnopp (2004a, 2004b), esta pesquisa serve como uma forma de dar continuidade aos estudos de Libras, pouco focalizados – dada a sua riqueza e extensão – hoje em dia no Brasil. Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, prevê as seguintes ações: (i) Pesquisa, seleção, leitura e fichamento de material bibliográfico sobre: prosódia, sintaxe, semântica e pragmática das Línguas de Sinais (especialmente, Libras); estrutura informacional da sentença; topicalização e focalização; construções focais. (ii) Seleção e investigação do corpúsculo: ocorrências de construções extraídas de corpúsculos representativos de produções de Libras. Os dados serão coletados, a princípio, a partir do corpúsculo da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), disponível em <<http://corpuslibras.ufsc.br/>> . Além dele, como se tem costumado fazer em pesquisas sobre a Língua de Sinais, pode-se recorrer a vídeos postados pela comunidade surda nas redes sociais (como no Facebook). Se isso ocorrer, é preciso dizer que, para preservar a imagem das pessoas, não serão utilizadas imagens, e, sim, a transcrição e glosa dos exemplos. (iii) Análise qualitativa das construções e dos contextos de uso. (iv) Elaboração dos resultados da pesquisa. Por fim, resta dizer que há um árduo caminho a se percorrer com o desenvolvimento desta tese. Não temos, ainda, uma noção clara de onde podemos chegar e quais resultados encontraremos. Cremos, porém, que isso não é um problema, e, sim, um elemento muito motivador que nos instiga, ainda mais, a enveredar pelo caminho da pesquisa de uma língua que merece (e muito!) ser foco de estudos de muitos linguistas de nosso país.

NEOLOGISMOS NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Flávia Dias Salvatore (UNESP/Araraquara)

Neste trabalho, pretendemos apresentar nossa pesquisa de Mestrado, vinculada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da FCL, campus de Araraquara, cujo objetivo é estudar e analisar os processos de Formação de Palavras do Português através dos neologismos encontrados na Música Popular Brasileira (doravante MPB), em especial nas composições de nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, baseando-se em aspectos teóricos, estruturalistas e funcionalistas das Morfologias Flexional e Lexical, da Estilística e da Fonologia.

Os objetivos desta pesquisa são: compreender, refletir sobre, analisar e explicitar os mecanismos de formação neológica mais utilizados por esses compositores, verificando se há algum procedimento que foge às Regras de Formação de Palavras (doravante RFPs) do Português, analisando, desta forma, os possíveis aspectos estilísticos presentes nas composições analisadas, destacando, assim, o estilo, as singularidades, de cada compositor presente neste projeto.

O referencial teórico desta pesquisa consiste de trabalhos relacionados às áreas de Morfologia Geral, Formação de palavras, Neologia e Estilística.

Em relação à área de Morfologia Geral, podemos destacar os seguintes trabalhos: Estrutura da Língua Portuguesa (CÂMARA JR, 1970), Estruturas Morfológicas do Português (ROCHA, 2003); Morfologia Lexical (SANDMMAN, 1992).

No que concerne à área de Formação de Palavras no Português baseamo-nos em títulos como Formação de palavras do português (KEHDI, 2006), Formação de Palavras no Português do Brasil (BASILIO, 2006) e Manual de Morfologia do português (LAROCA, 2003).

Para a abordagem teórica em Neologia, temos por base os livros Neologismo-Criação lexical (ALVES, 1990), que apresenta um estudo sobre os processos de formação neológica (a neologia) no português falado no Brasil, através de exemplos extraídos da imprensa brasileira atual; revelando, também, aspectos e mecanismos morfossintáticos que, embora produtivos contemporaneamente, não estão ainda incluídos em obras gramaticais e lexicográficas, e o livro Léxico, Produção e Criatividade: Processos do Neologismo, (BARBOSA, 1981) e O que é neologismo? (CARVALHO, 1984).

Em relação à Teoria Estilística, recorreremos aos livros Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa (MARTINS, 1989), em que a autora se empenhou em conciliar, nessa obra, tanto a parte teórica sobre a Estilística, extraída de uma ampla bibliografia citada pela autora ao final do livro, quanto a exemplificação da teoria de modo adequado e interessante, selecionada em autores consagrados e representantes da literatura em língua portuguesa, e A estilística (GUIRAUD, 1969).

Nelogismos, como consta na introdução do artigo “Uma metodologia semi-automática para detecção neologismos do Português Brasileiros” (ALVES; MARONEZE; ARAUJO; PARDO; ALUÍSIO, 1994) são “unidades lexicais formalmente novas, ou formas já existentes empregadas com novo sentido, que ocorrem em uma língua”. De acordo com Correia (1998), os neologismos podem ser constituídos dentro do próprio sistema linguístico ou resultarem da importação de unidades de outras línguas. Os neologismos construídos dentro do sistema linguístico apresentam as estruturas morfológicas próprias do sistema a que pertencem, partindo dos processos de formação de palavras presentes na língua. No caso do português, podemos ter derivação, composição, abreviação, derivação imprópria ou conversão, onomatopeias, reduplicação ou redobro, hibridismo e siglagem.

O princípio metodológico mais comum para a detecção de neologismos é constatar se os itens lexicais candidatos a neologismo estão incluídos em um corpus de exclusão, ou seja, um conjunto de dicionários da língua. No entanto, de acordo com Rocha (2003), a atestação lexicográfica normativizada é o último estágio da integração de uma palavra nova ao léxico da língua. Pode haver palavras que já fazem parte do uso de uma comunidade linguística, isto é, já estão institucionalizadas, porém ainda não constam nos dicionários, por serem recém-criadas. Dessa forma, além da atestação da existência da palavra em um conjunto de dicionários da língua, observaremos os seguintes critérios para a detecção de formações neológicas nas letras das canções selecionadas:

- (i) Formações “impossíveis”: Aquelas que transgridem as RFPs do Português;
- (ii) Formações possíveis, porém bloqueadas: fabricante, bloqueada por fabricante, por exemplo;
- (iii) Palavras possíveis, mas que não são usadas: Inércia Morfológica (ROCHA, 2003);
- (iv) Formações institucionalizadas, porém, não dicionarizadas;
- (v) Estrangeirismos: Palavras de outras línguas, ou formações utilizando palavras ou morfemas estrangeiros.

Como procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do projeto, podemos elencar a leitura de livros de Morfologia Geral, enfatizando os processos de formação de palavras e suas particularidades, além de livros que abordam especificamente o tema Neologismos e os aspectos estilísticos da Língua Portuguesa; e, em um segundo momento, a coleta de dados, no caso, os neologismos, que serão foco da análise morfológica e estilística. Pretende-se organizar um corpus de análise composto por letras de canções da MPB de compositores consagrados, tais como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Arnaldo Antunes, Tom Zé, Adoniran Barbosa, Zeca Baleiro, entre tantos outros, com o intuito de se fazer um levantamento de neologismos criados por esses compositores e subsequente análise dos processos de formação de palavras utilizados.

Como fontes para a organização do corpus de pesquisa, serão buscados, preferencialmente, livros e revistas que contenham as letras de variadas canções da MPB, ou antologias musicais de compositores específicos. Além dessas fontes, também poderemos utilizar sites da internet, especializados em músicas, que contenham letras, cifras, partituras, vídeos, etc. (em especial o Vagalume < <http://www.vagalume.com.br/>> e o portal “Letras”, do provedor “Terra” - <<http://letras.mus.br/>>), em que a discografia completa dos artistas está disponibilizada, bem como em livros disponíveis na biblioteca do Campus da FCL de Araraquara, que contém letras de músicas dos compositores analisados.

Primeiramente, faremos a separação e organização das letras das canções que irão ser analisadas, separando-as por compositor. Depois, faremos o mapeamento de todas as palavras novas criadas pelos compositores.

Para a descrição e análise dos processos de formação de palavras encontrados, será utilizada a Análise em Constituintes Imediatos, que é uma técnica de descrição formal que mostra que a palavra não se forma a partir de uma simples sucessão de morfemas, mas que se baseia em uma superposição de camadas (blocos) binárias (KEHDI, 1997, p. 12). Assim, em uma palavra como 'formalização', não temos uma sucessão de morfemas adjungidos, ao mesmo tempo, ao radical, o que geraria uma análise da seguinte forma: {forma(a)}+{al}+{iz}+{a}+{ção}. Para analisarmos corretamente a formação dessa palavra, devemos observar outros critérios, tais como o critério semântico, as exigências do sistema em relação à adjunção de sufixos às bases, entre outros. No caso dessa palavra, o critério semântico informa que 'formalização' significa 'o ato de formalizar'. Portanto, a base que gerou o substantivo 'formalização' é o verbo 'formalizar'. Dessa forma, pode-se concluir que a derivação imediata da palavra 'formalização' é o acréscimo do sufixo {ção} à base verbal {formalizar} que, no caso, apresenta-se apenas como o tema verbal {formaliza}. Assim, tem-se que a palavra 'formalização' foi gerada a partir da seguinte RFP: [[formaliza]verbo + [ção]sufixo]substantivo.

As palavras encontradas serão analisadas a partir desse tipo de representação de regra, presente em trabalhos como o de Kehdi (1997), citado acima, Rocha (2003), Sandmann (1992) e Rosa (2000).

Por outro lado, essa forma de análise aplica-se, mais claramente, a derivações e composições. Outros tipos possíveis de formação de palavras na Língua Portuguesa, tais como a abreviação, a derivação, a conversão, as onomatopeias, e a siglagem pedem outras maneiras de descrever. Nos casos de conversão, por exemplo, não há a adição ou subtração de morfemas. Apenas há a mudança da classe gramatical da palavra, ocasionada por conta do contexto em que a palavra foi usada (Ex: O seu falar é cansativo! – falar, verbo, passa a substantivo no contexto). Casos assim serão descritos em detalhes, não necessariamente com a apresentação de uma diagramação em Constituintes Imediatos, mas com a descrição do processo, do que mudou na palavra criada em relação à palavra primitiva, se for o caso; ou o detalhamento da estrutura da palavra e do seu significado, quando se tratar de palavras primitivas, isto é, que não são baseadas em uma palavra pré-existente, como pode acontecer com as onomatopeias, por exemplo, ou com palavras formadas a partir de estrangeirismos unicamente.

O tema do presente trabalho trata de um assunto bastante interessante e, apesar de já ter sido, e ainda ser, explorado no que se refere a textos literários, jornalísticos, propagandas e muitos outros gêneros textuais, o estudo desse tema, com foco na produção de neologismos em letras de músicas, é ainda incipiente, principalmente em se tratando da relação entre o caráter morfológico e estilístico da produção de palavras nesse contexto. Coletamos, até o momento, um total de 50 neologismos que estão sendo analisados. Na montagem do painel apresentaremos a análise de 5 desses neologismos: colírico, contracampo, telástico, adolescência, grandiciedade. A pesquisa encontra-se em fase final de coleta de dados, que, posteriormente, serão analisados sob o viés da descrição morfológica e análise estilística.

Trata-se de um projeto atraente e produtivo, pois une o prazer da música e a poesia da letra com a investigação científica da própria língua em que as letras são escritas. Além disso, este trabalho representará uma grande contribuição para a compreensão das estratégias por trás da formação de itens neológicos, com finalidades estilísticas ou não, nas composições de artistas da MPB e, de uma maneira mais geral, contribuirá com os estudos em Neologia em língua portuguesa.

ESTUDO DOS VERBOS PARASSINTÉTICOS DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE DIACRÔNICA

Gislene da Silva (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

A proposta deste trabalho é apresentar as etapas iniciais do projeto de pesquisa em andamento intitulado "Análise morfossemântica dos verbos parassintéticos do Português".

Tendo em vista que este projeto se encontra em fase inicial de implantação e ainda não obtivemos resultados significativos, mostraremos as etapas de desenvolvimento do trabalho e como essas etapas serão realizadas para que possamos chegar aos resultados pretendidos.

O objetivo do nosso projeto de pesquisa é realizar um estudo morfossemântico e traçar o perfil histórico dos verbos parassintéticos do Português, observando os processos morfológicos envolvidos na formação desses verbos e o valor semântico dos afixos (sufixos e prefixos) adicionados às bases nominais para a formação desses verbos.

Para a elaboração do projeto de trabalho, partimos das diferenças verificadas em relação à formação dos verbos parassintéticos no português do Brasil (PB) e no português de Portugal (PP) contemporâneos - já que, para uma mesma base verbal, podem ser escolhidos sufixos e prefixos distintos - o nosso objetivo, com este estudo, é realizar a análise morfossemântica dos verbos parassintéticos do português, para, além de conhecermos as regras de formação dessas palavras, entendermos, também, o valor semântico dos afixos selecionados.

O estudo dos verbos parassintéticos tem se mostrado bastante pertinente, já que encontramos verbos que se distinguem no PP e no PB, utilizando afixos diferentes com a mesma base, como por exemplo, *amarelecer*, do PP, que ocorre, no PB, como *amarelar*, ambos parassintéticos; *quadrar* e *gatinhar*, do PP, que ocorrem, no PB, como *enquadrar* e *engatinhar*, isto é, são apenas sufixados, no PP, porém parassintéticos no PB; e *afiambrar*, que ocorre somente no PP.

Buscando entender as diferenças no português contemporâneo, partindo das escolhas distintas de afixos para a formação dos verbos parassintéticos, como aqueles citados anteriormente, decidimos voltar ao ponto comum entre o PB e o PP: o Português Arcaico (PA). O estudo sobre esses verbos no PA nos permitirá entender se essas formas já existiam, quais existiam e quais foram criadas ao longo do distanciamento entre o PA, o PB e o PP. Para o estudo sobre os parassintéticos no PA, utilizaremos as Cantigas de Santa Maria, a fim de realizarmos um mapeamento dos verbos parassintéticos utilizados nesses textos.

Por fim, buscaremos, no latim, as formas que deram origem aos verbos parassintéticos presentes no PA, e no PB e PP atualmente, com o objetivo de investigar se havia uma ou mais formas (bases, prefixos e afixos) disponíveis para a formação de tais verbos, além de investigarmos o valor semântico dos afixos¹ utilizados na formação verbal.

O trabalho diacrônico de investigação sobre os verbos parassintéticos do Português e as escolhas realizadas, entre as formas disponíveis, para a formação desses verbos, permitir-nos-á traçar um perfil histórico da parassíntese verbal no português. Além disso, com este estudo, será possível afirmarmos se o PB e o PP se afastaram do PA, como indício de evolução distinta, ou se estamos diante de resultados de herança linguística do PA e do latim, se for constatado que as opções distintas de regras de formação já existiam nessas línguas.

A parassíntese chama a atenção pelo fato de ocorrer nas línguas românicas e ser bastante produtiva, principalmente para a formação de verbos (VILLALVA, 2014). De acordo com Villalva (2016, p. 9), “o termo parassíntese foi introduzido por Darmesteter, no final do século 19, para identificar verbos latinos, descritos como uma espécie muito rica de compostos, gerada por composição e derivação sobre a mesma raiz”. O fato de a derivação parassintética ser um fenômeno exclusivo das línguas neolatinas chamou-nos bastante a atenção, o que nos motivou dar início a este trabalho, cujo objetivo é aprofundar o estudo sobre a formação dos verbos parassintéticos, traçando um percurso histórico da parassíntese no português, além de observarmos o valor semântico dos prefixos adicionados às bases nominais, substantivais e adjetivais, e os principais sufixos utilizados na formação dos verbos.

Dessa forma, com a realização deste trabalho, objetivamos verificar quais são os verbos parassintéticos mais utilizados no Português Arcaico e no português contemporâneo no Brasil e em Portugal; investigar as mudanças semânticas ocasionadas pela escolha dos

¹De acordo com Rocha (1999, p. 172) deve-se aprofundar o estudo do parassintetismo, tendo como foco a pesquisa dos principais afixos empregados, já que alguns prefixos são mais produtivos que outros. Por isso a nossa escolha de investigar os principais afixos (prefixos e sufixos) utilizados na parassíntese verbal.

afixos na formação dos verbos parassintéticos; constatar e descrever as diferenças entre os verbos parassintéticos utilizados em textos do PB e do PP atualmente; confirmar se as diferenças entre os verbos parassintéticos nas duas variedades do português são herança linguística ou resultado da evolução pelo distanciamento do PB e do PP, a partir do PA; realizar a análise morfológica e semântica dos principais verbos parassintéticos do português em três estágios: latim (a origem), PA (ponto em comum) e português contemporâneo do Brasil e de Portugal (momento atual) e, por fim, identificar as alterações nos verbos parassintéticos desde as formas do Latim, passando pelo PA até o Português Contemporâneo com o PB e o PP.

Para a realização deste trabalho, utilizaremos como *corpus* as Cantigas de Santa Maria (CSM), para análise do PA, e os jornais Folha de São Paulo (BR) e Público (PT), publicados durante a década de 1990 e disponíveis no site da Linguateca, para análise do português contemporâneo. Para realizarmos o estudo sobre o PA, coletaremos todos os verbos parassintéticos presentes nas CSM para posterior análise. Já o estudo do português contemporâneo envolverá duas etapas: a primeira será a coleta e análise de todos os verbos parassintéticos presentes nas edições do jornal Folha de São Paulo, para estudo do PB; e a segunda será a coleta e análise de todos os verbos parassintéticos presentes nas edições do jornal Público, para estudo do PP.

Inicialmente, faremos a coleta de todos os verbos parassintéticos encontrados nas Cantigas de Santa Maria para a análise do PA. Em seguida, coletaremos todos os verbos parassintéticos encontrados nos jornais brasileiros e nos jornais portugueses. Depois de coletados todos os verbos parassintéticos do PA e do Português Contemporâneo (PB e PP), verificaremos quais são os sufixos e os prefixos utilizados na formação desses verbos quando da junção a uma base nominal (substantival ou adjetival).

Assim, com a lista de sufixos e prefixos, verificaremos os valores (semântico, sintático, discursivo) desses afixos, responsáveis por alterações na carga semântica da palavra e na sua classificação morfológica. Além disso, analisaremos as diferenças de formação dos verbos parassintéticos no português arcaico e no português contemporâneo - no PB e no PP - para verificarmos se há diferenças de escolhas entre os prefixos e sufixos em cada uma dessas variedades da língua, além de verificarmos qual das duas variedades se afastou mais do PA: se o PB ou o PP, e, ainda, investigar se, com o decorrer do tempo, houve modificações nas bases nominais presentes nos verbos parassintéticos.

Para o estudo sobre os verbos latinos e bases (nominais) latinas que deram origem aos verbos parassintéticos, utilizaremos os dicionários de Latim de *Charlton T. Lewis* e *Charles Short* disponíveis na *Perseus Digital Library*², de modo que, antes de buscarmos, nos dicionários, a forma latina, utilizaremos também a Infopedia³ para encontrarmos o étimo latino dos verbos do Português.

Após a coleta e divisão dos dados, de acordo com o período histórico e a variedade do Português, faremos as nossas análises de forma similar ao que já foi descrito anteriormente, acrescentando outras informações pertinentes, como o valor semântico dos prefixos escolhidos para a formação dos verbos parassintéticos, dentre outras, tendo como suporte a bibliografia selecionada para a realização deste trabalho, buscando entender as diferenças na formação dos verbos parassintéticos ao longo da história do Português e de que modo esses verbos têm se distanciado das formas de origem latina. Por fim,

² Disponível em: <http://perseus.tufts.edu/>

³ Disponível em: <http://infopedia.pt/> A Infopedia é uma ferramenta bastante útil, pois reúne os dicionários da Porto Editora, possibilitando consultas em português europeu, espanhol, inglês, alemão, francês, italiano e neerlandês. Assim, ao digitarmos uma palavra, como coesão, por exemplo, a Infopedia fornece, além dos significados dessa palavra, o étimo latino, que corresponde a *cohaesione*. Além disso, a Infopedia fornece informações acerca da variedade do latim à qual essa palavra pertence. Dessa forma, podemos saber que uma palavra como correlação (*correlatio*) pertence ao Latim Tardio, ou devolução (*devolutio*), pertence ao Latim Medieval. A utilização da Infopedia é muito importante, pois, além de nos informar o étimo latino, ela nos informa, também, se as palavras são empréstimos de outras línguas, como, por exemplo, eclosão, que é um empréstimo do Francês (*eclosion*), ou concussão, que se trata de um empréstimo do Inglês (*concussion*).

compararemos, na medida do possível, os nossos resultados com os resultados de outras pesquisas já realizadas (VILLALVA, 2012, 2014, 2015; RIO-TORTO, 1994).

Para a execução deste trabalho utilizaremos um vasto referencial teórico que contempla textos para auxiliar-nos no estudo dos processos de formação de palavras, da parassíntese, da periodização do Português, das Cantigas de Santa Maria, do valor semântico dos afixos utilizados na formação dos verbos parassintéticos, dentre outros assuntos que serão abordados neste trabalho, tais como os textos de Basílio (1980; 1987; 1999; 2000), Bassani (2008), Carvalho (1986), Darmesteter (1894), Iacobini (2010), Laroça (2001), Mattos e Silva (2004; 2006), Rio-Torto (1993; 1994, 1998), Rocha (2003), Sandmann (1997), Schwindt (2000, 2014), Silva Neto (1950), Villalva (1986; 1990; 1994; 2000; 2012; 2014; 2015; 2016), dentre outros que constam na bibliografia do projeto inicial.

Temos como perspectivas de desenvolvimento e de resultados deste trabalho, tendo em vista que o projeto se encontra em fase de implantação, fazermos a coleta das ocorrências de verbos parassintéticos nos textos do Português Arcaico e do Português Contemporâneo presentes nas Cantigas de Santa Maria e dos jornais Folha de São Paulo (PB) e Público (PP) para listarmos e organizarmos as bases nominais e os afixos (sufixos e prefixos) presentes nesses verbos para posteriormente realizarmos a análise morfológica dos processos de formação desses verbos e o valor semântico dos afixos que se unem para a formação dos verbos parassintéticos. Além disso, nessa fase inicial do projeto, estamos reunindo os textos que darão o embasamento às nossas futuras análises. Dessa forma, a coleta das ocorrências será realizada juntamente à seleção e leitura da bibliografia escolhida para o trabalho, de modo que, tendo como suporte os textos escolhidos, podemos fazer uma análise prévia das ocorrências já durante a coleta.

UM ESTUDO SOBRE A TRADUÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Heloísa Postai Sacco (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos, muito se discutiu sobre o uso da tradução como técnica pedagógica, sendo ela desacreditada no ensino de língua estrangeira, pois foi considerada instrumento metodológico fundamental e central em diferentes abordagens e métodos de ensino, tais como na Gramática e Tradução. De acordo com Romanelli (2009), tal abordagem nasceu no Renascimento com o fim específico para o ensino da língua estrangeira com as instruções e explicações mediadas pela língua materna, quando necessária, para uma compreensão total e desenvolvimento das quatro habilidades canônicas. O ensino, dentro desta perspectiva, abordava a dedução enfatizando a forma escrita, ou seja, usava-se principalmente a tradução, o ditado e exercícios de manipulação.

Com o surgimento de outras abordagens e métodos, o uso excessivo da tradução foi perdendo gradativamente o espaço nas aulas de língua estrangeira, por exemplo, como no Método Direto de Berlitz, em que professores e alunos jamais deveriam recorrer ao uso da tradução, pois tinham que “pensar” e utilizar exclusivamente a língua-alvo.

A tradução voltou a ser utilizada parcialmente com a Abordagem Instrumental no século XX, na forma de uma ferramenta para leitura de obras científicas e estrangeiras. Já durante a segunda Guerra Mundial, com a Abordagem Áudio-Lingual, a tradução ainda não tinha espaço no ensino de língua estrangeira (LAIÑO, et al., 2014).

Entretanto, como a tradução foi utilizada escassamente pelas últimas abordagens mais vigentes no cenário de ensino e aprendizagem de línguas no cenário brasileiro, ela foi, num primeiro momento, excluída do que se entende como Abordagem Comunicativa. Com esta abordagem outros métodos se originaram sem o uso da tradução como ferramenta didática (ROMANELLI, 2009). Num primeiro momento, a abordagem comunicativa ainda era pautada numa base nocional-funcional, enfatizando o caráter funcional e comunicativo da linguagem, relacionando sujeito e funções, além da troca de informações. Já num segundo momento, tal abordagem prioriza as funções comunicativas nos eventos de fala, envolvendo

componentes sociolinguísticos, discursivos e estratégicos, dependendo de contextos socioculturais (GILENO; MARGONARI, 2009).

Sendo assim, a tradução foi, por muito tempo e distintamente, explorada como método pedagógico, mas por conta de mudanças de abordagem para o ensino e aprendizagem, a tradução acabou sendo vista de forma negativa.

Na atualidade, a relação tradução e sala de aula está mudando lentamente. Pesquisadores e docentes voltaram a se interessar pelo assunto e a entender como a história do ensino de línguas estrangeiras influenciou a visão de professores e aprendizes em relação à tradução em sala de aula. Acreditamos que tal visão ou percepção pode ter se originado na Abordagem da Gramática e Tradução. Observamos que, em outros métodos, a tradução não era usada como uma técnica de ensino, mas como um exercício complementar, por envolver mais do que o conhecimento da gramática e vocabulário, pois inclui a cultura da língua estrangeira estudada. Portanto, defendemos que a tradução é um exercício que pode trazer benefícios para os alunos e ao docente quando usada de forma consciente e crítica (CORRÊA, 2014).

Dessa forma, acreditamos que a prática da tradução pedagógica em sala de aula de língua estrangeira possa influenciar a aprendizagem dos alunos, porém a sua visão negativa em relação ao uso da tradução como um exercício para o ensino de línguas pode interferir na aceitação desta prática. E literatura sobre a tradução profissional existe em abundância, mas estudos sobre o uso da tradução como ferramenta pedagógica são poucos.

Portanto, ressaltamos a necessidade de analisar como a prática da tradução como ferramenta pedagógica pode influenciar a aprendizagem de língua inglesa.

OBJETIVOS

Os principais objetivos desta pesquisa serão analisar a prática da tradução como ferramenta pedagógica para a aprendizagem de língua inglesa e verificar quais as visões de alunos e professores com relação à tradução em sala de aula de línguas.

Para tanto, as perguntas norteadoras deste estudo são:

- (i) Como a prática da tradução pedagógica pode ser desenvolvida em uma sala de aula de língua inglesa de nível básico?
- (ii) Como a prática da tradução é concebida por aprendizes adultos e pelo professor em uma sala de aula de língua inglesa?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Histórico sobre a tradução

A tradução para o ensino de língua estrangeira é geralmente associada à Abordagem da Gramática e Tradução que surgiu no final do século XVII pela necessidade de mudar as práticas iniciais do ensino de língua. A Gramática e Tradução era uma versão modificada do Método Escolástico, que era usado tradicionalmente para estudar a forma escrita de línguas clássicas através de análises do léxico e da gramática de textos clássicos, envolvendo a tradução de partes do texto original.

Desde o imperialismo, Roma se tornou praticamente bilíngue. Nas aulas de gramática em Latim, textos em Grego eram usados para fins educacionais, conforme aponta Romanelli (2009). Isso levava a práticas com tradução de palavra por palavra para analisar e interpretar textos literários, assim nas aulas de gramática, o foco era, essencialmente, a análise lexical. Já nas escolas retóricas, Vermes (2010) ressalta que as crianças eram instruídas para uma tradução literária mais sofisticada, com um vocabulário rebuscado.

Com as diferentes abordagens para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, a tradução acabou perdendo espaço central das salas de aulas, devido ao seu uso, por vezes abusivo, por conta de uma compreensão errônea pautada em abordagens tradicionais, como explica Corrêa (2014). No entanto, acreditamos que, há pontos positivos no uso da tradução no ensino de língua estrangeira quando usada como ferramenta pedagógica, pois de acordo com Romanelli (2009) teóricos consideram necessário e defendem o retorno da tradução para as salas de aula, pois ela reforça o trabalho com as quatro habilidades, ajuda a analisar as semelhanças e diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira, “ameniza o perigo

das relações unívocas ao se conferir importância ao processo de tradução e não ao produto” (PONTES, 2014, p.22) e confirma a compreensão oral e escrita do aluno.

Tipos de tradução

De acordo com Klaudy (2003), a tradução pode ser classificada de duas formas, tradução pedagógica e tradução real. A tradução real tem como objetivo passar a informação do texto para um público-alvo, enquanto a tradução pedagógica tem como objetivo principal melhorar o conhecimento de uma língua estrangeira de um aluno.

Além desses, dentro da sala de aula, há dois tipos de traduções que podem estar presentes, mesmo que inconscientemente, a tradução interiorizada e a explicativa. A tradução interiorizada é feita por todo aprendiz de língua estrangeira (SOARES, 2006). Essa tradução se justifica porque o ponto de referência dos alunos é a língua materna, e tudo que “constroem ou destroem em relação à língua estrangeira é a partir dos conhecimentos que têm da sua língua materna” (SOARES, 2006, p.4). O professor deve ajudar o aluno a traduzir significados e não palavras, pois ela estará sempre presente na sala de aula, principalmente em turmas de iniciantes. Quando o aluno alcança um nível intermediário de proficiência linguística, ele não sente a necessidade de traduzir todo o *input* com o qual tem contato, mas frente a necessidade de falar sobre algo mais complexo, ele pode recorrer à tradução. Já no nível avançado, o aprendiz consegue “pensar na língua estrangeira”, mas utiliza ainda tradução para entender provérbios, modismos e nomes específicos (SOARES, 2006, p.4).

Já a tradução explicativa, de acordo com Soares (2006), é aquela feita pelo professor em sala de aula com o intuito de ajudar o aluno, ou seja, ensinar a outra língua. Este tipo de tradução deve ser usado com cuidado e esporadicamente, pois ela precisa ser usada em contextos específicos, como na explicação de falsos cognatos, na solução de ambiguidades e para mostrar para os alunos as diferenças que existem entre as línguas.

Tradução no ensino e aprendizagem de língua estrangeira

A importância da tradução como ferramenta para o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira tem sido abordada por alguns estudos, apontando seus aspectos positivos. Buck (1992), realizou dois estudos envolvendo tradução como forma de avaliar o conhecimento da língua estrangeira, e Chang (2006), também usou a tradução como forma de exercício para testar a memória de leitura de estudantes de língua estrangeira, ambos observaram que este instrumento de ensino proporcionou melhora na aprendizagem dos alunos.

Lee (2013) avaliando dois textos traduzidos do Inglês para o Mandarim por um grupo de alunos chineses, por meio de 5 perguntas de múltipla escolha referentes ao assunto discutido no texto, verificou que, quando o processo de leitura foi mal-entendido e mal-interpretado, houveram respostas erradas de compreensão do texto. Os resultados encontrados por Lee (2013) apontam que a tradução auxiliou na leitura e compreensão de textos, baseando-se no desenvolvimento dos alunos nas respostas. Além disso, a tradução estimulou os aprendizes a lerem o texto com mais atenção, melhorando o entendimento deles.

Como vimos anteriormente, infelizmente, a prática da tradução em sala de aula ainda possui uma visão negativa, em que se acredita que ela oculta as diferenças que existem entre as duas línguas (materna e estrangeira) e que a tradução não proporciona o uso correto da língua nova, porque não existem palavras totalmente equivalentes entre línguas (ROMANELLI, 2009).

No entanto, não existe uma razão teórica para que não se utilize um exercício de tradução para introduzir ou praticar estruturas ou itens lexicais.

Exercícios de Tradução de língua estrangeira para língua materna

Alegre (2000) aponta alguns exercícios que podem ser usados no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Um tipo de exercício é o que envolve a tradução de palavras, frases e expressões isoladas da língua estrangeira para língua materna, com o propósito de chamar a atenção para as diferenças de sentidos, de estrutura morfosintática

ou de nível funcional-pragmático. Esse exercício pode ser usado em todos os níveis de língua. Outra forma de se implementar o uso da tradução em sala de aula seria a tradução de texto ou parte de um texto. O objetivo desse exercício é aprofundar a compreensão ou identificar estruturas gramaticais que dificultam a compreensão desse texto ou partes dele, porém esse tipo de exercício requer uma maior preparação dos alunos, pois necessita de um grau de conhecimento da língua maior devido a estruturas gramaticais mais complexas.

METODOLOGIA

Natureza da Investigação

A natureza da pesquisa a ser desenvolvida pode ser caracterizada como qualitativa de base etnográfica (ERICKSON, 1991; MOITA LOPES, 1996), pois envolve a investigação de um processo de ensino e aprendizagem, segundo a visão de alunos e professores sobre a tradução no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa em uma sala de aula real, não idealizada para a coleta de dados e como a prática da tradução como ferramenta pedagógica pode influenciar esse processo.

Contexto de Pesquisa e Participantes

O contexto de pesquisa onde esta pesquisa será desenvolvida será o Centro de Ensino de Línguas da FCLAr, especificamente, as turmas de inglês de nível básico I e II Implementado em 2013, o Centro é um projeto de extensão voltado ao ensino e à pesquisa através do oferecimento de cursos de idiomas de baixo custo para a comunidade unespiana e externa. Esse projeto visa aperfeiçoar profissionalmente os alunos de graduação do curso de Letras da Unesp/FCLAr que atuam como tutores de língua estrangeira (inglês, espanhol, alemão e português para estrangeiros).

Os alunos inscritos nos cursos do Centro são alunos de graduação, pós-graduação, servidores, e docentes da comunidade unespiana, alunos da rede pública e alunos da UNATI (Universidade da Terceira Idade). Além dos aprendizes, os professores que ministram aulas nas referidas turmas serão os participantes deste estudo.

Instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados

A primeira etapa de pesquisa envolve a elaboração de termos de consentimento livre e esclarecido e submissão do projeto para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr, pois a investigação envolve a participação de alunos e professores. Após a aprovação, serão elaborados e aplicados os questionários semiestruturados aos alunos regularmente matriculados em cursos de inglês de nível básico I e II do Centro de Ensino de Línguas da FCLAr, com o intuito de fazer um levantamento do perfil dos aprendizes e verificar quais são suas visões acerca do uso da tradução como ferramenta pedagógica em sala de aula de LE.

A segunda etapa se ocupa da realização de uma entrevista, gravada em áudio, com os tutores-bolsistas que ministram aulas no referido nível no Centro. Com a entrevista, pretendemos levantar o perfil do professor em formação, suas concepções sobre a tradução em sala de aula e sobre ensino e aprendizagem de línguas.

O próximo passo será a observação das aulas (observação não participante) para coleta de dados através de notas de campo e gravações em áudio, com a devida autorização dos alunos, dos tutores e da coordenação do projeto. O objetivo desse passo é verificar como se dá na prática o uso da tradução pedagógica em sala de aula e como pode ser inserida no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa.

Após a coleta de dados, para dar confiabilidade e validade ao estudo, será feita a triangulação de dados (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006; MOITA LOPES, 1996) a partir dos dados coletados dos questionários, entrevistas e observações, envolvendo as perspectivas de alunos, professores e da pesquisadora sobre como a prática da tradução pedagógica pode ser inserida no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa no CEL/FCLAr.

ESTUDO ETNOGRÁFICO E TERMINOLÓGICO DAS BORBOLETAS JURUNA PARA CONTRIBUIÇÕES TERMINOGRÁFICAS

Iago David Mateus (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Segundo Seki (2000), até pouco tempo, o estudo e documentação das línguas e demais elementos culturais de indígenas brasileiros não se fazia de forma muito volumosa, sistemática e nem científica, já que os índios eram vistos como um simples “instrumento” fornecedor de informações, isso quando sua figura não sofria tentativas de ser apagada da história e cultura brasileiras ou quando as línguas indígenas brasileiras eram etnocentricamente (GUIMARÃES ROCHA, 1984) definidas como “estranhas”, “exóticas” e até mesmo “primitivas”.

Tal quadro teria se alterado a partir da década de 1980, graças ao aumento no número de linguistas brasileiros que passaram a se dedicar ao estudo de tais idiomas e a formar novos especialistas, levando a um aumento também na quantidade e na qualidade dos trabalhos e ao desenvolvimento de estudos desses idiomas com respaldo teórico-metodológico adequado.

Mas, apesar de todos esses avanços, ainda há questões a serem debatidas e até sanadas, primeiro porque muitas línguas indígenas do Brasil estão em situações vulneráveis (CORBERA MORI, 2013, p. 98-99) e segundo porque, como confirmam Seki (1999; 2000) e Corbera Mori (2013), estudar e documentar cientificamente línguas indígenas brasileiras é relevante não apenas do ponto de vista científico (na medida em que pode contribuir com o debate de teorias linguísticas e com uma compreensão mais detalhada da linguagem humana), mas também do ponto de vista social, haja vista que abre possibilidade de dar respostas às comunidades indígenas envolvidas nas pesquisas, por meio de medidas práticas (como “elaboração de materiais didáticos para as escolas indígenas, a codificação das línguas em termos de elaboração de gramáticas, dicionários, coletâneas de textos diversos incluindo as etnohistórias” (CORBERA MORI, 2013, p. 105-107)).

Nesta esteira, nosso projeto – que pretende inicialmente compreender os papéis culturais desempenhado pelos animais interpretados pelos índios juruna como “borboletas” para, em seguida, discutir de que maneira esses “insetos” (para usar uma classificação de nossa biologia) poderiam constar como verbetes num dicionário bilíngue - justifica-se por seu ineditismo e por permitir que a língua juruna – alvo de estudos científicos desde Fargetti (1992) - continue a ser documentada (em dicionários, livros didáticos, gravações) e descrita.

OBJETIVOS

Geral:

Este projeto baseia-se no levantamento e análise etnográfica dos insetos lepidópteros com antenas claviformes (popularmente conhecidos como “borboletas”) presentes nas aldeias juruna (Mato Grosso, Xingu), tendo como objetivo desenvolver investigações no campo da Terminologia que apresentem embasamento teórico considerável sobre entomologia e compreender a importância cultural desses insetos para os indígenas em questão.

Específicos:

(i) Documentar e descrever o conhecimento e a classificação juruna para as “borboletas”, apresentando, para estes, caminhos de aplicação lexicográfica/terminográfica.

(ii) Dialogar com a pesquisa de nossa orientadora “Uma proposta de obra lexicográfica para os juruna/yudjá do Xingu” (dentro da qual nosso projeto se insere), discutindo, entre outras questões terminográficas, como as borboletas juruna poderiam ser lematizadas.

(iii) Analisar se construções linguísticas da população a ser estudada, nas quais aparecem os insetos em questão, podem ou não ser consideradas como metafóricas dentro do universo linguístico-cultural juruna; compreendendo, assim, as questões culturais e mitológicas relacionadas às borboletas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso respaldo teórico advém, sobretudo, de três pilares: da Terminologia Etnográfica, da teoria conceptual da metáfora e, por fim, da Etnoentomologia.

Com relação à primeira dessas três áreas, pode-se dizer que ela é resultado de muitos anos de reflexão sobre metodologias adequadas para o estudo de línguas minoritárias como línguas indígenas por parte da Prof^a. Dr^a. Cristina Martins Fargetti. A autora propõe, como primeira ação, nestes casos, a gravação em áudio ou vídeo e posterior transcrição desse conhecimento tradicional (que, embora seja sim holístico não é indivisível e muito menos “não-científico” já que há pessoas nessas comunidades que são especialistas em plantas medicinais, outros são profundos conhecedores dos mitos e danças, outros das aves, plantas comestíveis, outros da música e assim sucessivamente). E esses dois passos exigiriam necessariamente um diálogo entre especialistas: entre um linguista e alguém da comunidade em questão conhecedor do tema em estudo e que seja indicado e autorizado pela própria comunidade a falar sobre ele.

Em estudos sobre o léxico que envolvam a elaboração de dicionários, Fargetti (2015b) não vê outra possibilidade senão descrições culturais detalhadas das entradas, até porque entre línguas diferentes não há sinônimos perfeitos.

Acresce que, ainda segundo a mesma autora, a preparação dessas entradas e o debate e análise, com os falantes nativos, dos termos e das definições enciclopédicas (com posterior comparação (sem nenhum julgamento de valor positivo nem negativo para nenhum dos lados) entre esse saber indígena e os conhecimentos de nossa “academia científica”) seria apenas a última das etapas, posterior a uma revisão de bibliografia sobre o que se pretende documentar, a uma observação participante na comunidade e a entrevistas e diálogos com os especialistas no (s) assunto (s) pesquisado (s).

Falando agora de nosso segundo aporte teórico, pretendemos nos utilizar de conceitos de Lakoff e Johnson (2002) para discutir se construções linguísticas da população a ser estudada, nas quais aparecem borboletas (como as declarações do povo de que elas seriam a “roupa de Sela’ã”, o deus primordial e que elas poderiam desamarar a embira da árvore que, segundo os juruna, sustenta o céu, juntamente com as cabeças de dois sapos, posicionados em duas das arestas opostas do grande quadrilátero que, na ótica juruna, é a Terra (FARGETTI, 2015a, p. 102)) podem ou não ser consideradas como metafóricas, não do ponto de vista de um falante de português, mas sim dentro do universo linguístico-cultural juruna.

Resta-nos, por fim, discorrer sobre a Etnoentomologia (“estudo de como os insetos são percebidos e utilizados pelas populações humanas” (COSTA NETO, 2004, p. 119)), sub-área da Etnozoologia definida por Costa Neto (2000, p. 30-32) como averiguação dos saberes e práticas zoológicas de um povo específico, dos modos de interação de populações humanas com a fauna; sendo que a própria Etnozoologia, por sua vez, seria, de acordo com Posey (1987, p. 17), uma das áreas dos estudos “dos saberes e práticas zoológicas de um povo específico” englobados na Etnobiologia.

A relevância desta última área para nossa pesquisa deve-se às noções de que cada povo pode recortar o mundo à sua maneira, sendo que o item lexical “inseto” pode ser utilizado pelas comunidades em estudos para designar animais de táxons diferentes da categoria Insecta de nossa Biologia. Ou seja, os diferentes povos podem perceber e agrupar como “insetos”, animais que nossa ciência biológica classifica como moluscos ou aracnídeos (e outros animais peçonhentos como cobras).

Assim, pretendemos responder com nosso projeto quais animais os juruna percebem como “borboletas”, como as utilizam no seu dia-a-dia (se servem como alimento e/ou fármaco, se há histórias, rituais, músicas e/ou performances musicais a elas relacionados) e em que categoria eles as agrupam (se as alocam no mesmo grupo de outros animais que nós denominamos de “insetos” ou do que para nós seriam pássaros).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar nossos objetivos, nesta etapa inicial estão sendo realizadas leituras de textos de nossas bases teóricas (sobretudo de áreas não abarcadas na nossa primeira formação em Linguística, como a Etnoentomologia).

Posteriormente, iremos a campo entrevistar informantes designados pela própria comunidade como especialistas aptos a falar sobre o assunto investigado, e utilizaremos guias ilustrados de insetos do Mato Grosso para perguntar aos indígenas quais “borboletas” desses guias estão presentes em sua comunidade e quais os saberes e práticas ligados a esses animais (desde seus nomes em juruna, histórias, até performances artístico-culturais típicas que serão coletadas e posteriormente transcritas e analisadas com softwares apropriados) ou partiremos para a busca, observação e posterior registro fotográfico de tais insetos em seu habitat natural, na companhia de um biólogo e de, no mínimo, um informante, com posterior apresentação das fotos dos animais à comunidade juruna e questionamento dos nomes, abonações linguísticas desses nomes (e se tais construções são ou não metafóricas no ponto de vista dos juruna), mitos, cerimônias correlatas e relações de “parentesco”, proximidade entre os animais encontrados.

Contudo, é extremamente relevante que tentemos entender em qual (quais) classe (s) de animais os juruna alocam o que nós denominamos como “borboletas”, primeiro porque tais animais talvez não sejam vistos como “insetos” e talvez a classe insetos não tenha valor no sistema de classificação juruna) e quais critérios utilizam para isso; e depois porque, como alerta Campos (2001), não podemos focalizar previamente o saber do outro recortando deliberadamente e de saída o que queremos encontrar.

É por isso que, findas as etapas comentadas anteriormente, também perguntaremos à comunidade indígena estudada se há mais algum animal aparentado aos que estão registrados até o momento, até mesmo porque talvez eles vejam o que nós chamamos de “libélulas” como animais aparentados ou como subtipos dos animais que nós interpretamos como “borboletas”. Por outro lado, não tentaremos testar conjecturas como esta formulando perguntas que já levem a certas respostas, pois tal medida estaria “forçando” a realidade a uma classificação que pode não existir para o indígena, o que geraria uma espécie de decalque.

Vale dizer por fim que, a partir dos dados coletados, pretende-se preparar definições enciclopédicas-terminográficas que serão futuramente debatidas e revisadas com os falantes nativos numa segunda ida a campo, ou por meio do uso de softwares que permitam reuniões online, ou ainda por meio da vinda à cidade de índios escolhidos pela própria comunidade.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Durante este primeiro semestre de 2017 pretendemos participar de eventos científicos e levantar bibliografia que será lida até o final do ano.

Já a coleta de dados junto à comunidade juruna está programada para ocorrer entre junho e julho deste ano para que possamos iniciar a análise dos dados e preparação das primeiras definições enciclopédicas-terminográficas no primeiro semestre de 2018 (provavelmente entre os quatro primeiros meses). Tais definições serão debatidas com a comunidade entre maio e junho do próximo ano a fim de que possamos divulgar os resultados finais em eventos científicos do segundo semestre de 2018 e iniciar a elaboração da dissertação de mestrado (a ser defendida no início de 2019) por volta de julho de 2018.

GÊNEROS DISCURSIVOS E EXOTOPIA: A RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO LITERÁRIO EM REDES SOCIAIS DA INTERNET

Ivi Furloni Ribeiro (UNESP/Araraquara)

A pesquisa proposta se justifica pela necessidade de se refletir acerca dos gêneros de discurso na atualidade, mais precisamente, o gênero literário, e examinar como esse gênero vem sendo ressignificado em redes sociais da internet. Nossa proposta é analisar enunciados que fazem uso do discurso literário de forma a lhe dar produção, gerência e circulação de

discurso de autoajuda. Pretendemos propor uma reflexão acerca da noção de gênero e de exotopia, com o intuito de contribuir com os estudos contemporâneos de gênero e discurso. Nosso corpus de pesquisa serão posts circulantes no facebook, que apresentam trechos de obras literárias recortados de seu contexto mais amplo e construídos com o auxílio de imagens. Nosso recorte será feito em postagens do facebook. Nosso intuito é analisar as redes sociais e a internet como suportes de materialidades discursivas, visto a presença e utilização desses suportes na atualidade. Esse tipo de post que nos propomos a analisar é bastante frequente nas redes. No entanto, pelos comentários dos leitores, a impressão que se tem é de que não se trata mais do discurso literário, mas sim de um discurso de autoajuda. Por isso, o questionamento que baliza a pesquisa é: seria possível que a abertura para um novo gênero discursivo se dê pelo olhar de quem o lê?

Pretendemos, com a pesquisa, analisar o conceito de gênero discursivo, proposto por Bakhtin, para entender como se dá a construção de um novo gênero. Além disso, propomos também analisar a noção de construção do gênero a partir da noção bakhtiniana de exotopia. Ou seja, nosso objetivo é analisar enunciados postados em redes sociais em que aparece o discurso literário (acompanhado de imagens ou não) com o intuito de refletir sobre esse discurso em um espaço específico, no caso as redes sociais da internet, mais especificamente o facebook, e a possibilidade de haver o surgimento de um novo gênero discursivo. Para isso, além de analisar os enunciados acima definidos, analisaremos também os comentários deixados pelos leitores nas postagens para refletir se há a possibilidade de a construção de um novo gênero perpassar pelo olhar do sujeito que o recebe. Sendo assim, nossa hipótese é de que uma das formas de construção de um novo gênero se dá pelo olhar do sujeito que o recebe, ou seja, será que o discurso literário passa a ser um novo discurso quando posto a funcionar em um novo contexto porque passa a ser lido de outra forma pelos sujeitos-leitores?

Para responder a questão de pesquisa que hora se coloca, embasamos-nos teoricamente nos estudos do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e nos escritos do círculo. Com base em Bakhtin e nos textos do Círculo, trataremos da noção de gênero discursivo e exotopia. O conceito de gênero se faz mister visto que precisamos entender o que é um gênero discursivo, como se constrói e como se apresenta. E para analisar a visão do leitor, balisamos nosso estudo no conceito de exotopia, que pode ser entendida como o desdobramento do olhar a partir de um lugar exterior. Dessa forma, propomos-nos a examinar o discurso literário a partir do olhar do leitor.

Ao se deparar com um texto, a primeira atitude do leitor é identificar seu gênero. Reconhecer os gêneros é uma competência do leitor, ou antes, deveria ser. Isso porque o leitor se coloca diante do texto e constrói sua leitura a partir de seu repertório. Mas o posicionamento do leitor diante do texto muda de acordo com o gênero que se põe a funcionar em sua frente. Ninguém se coloca da mesma forma para leitura de um poema e de um romance, por exemplo.

Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso caracterizam os enunciados que são produzidos dentro de um campo de utilização de língua, ou seja, em condições e com finalidades específicas, com um conteúdo temático, formal (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e construção composicional parecidas.

Na contemporaneidade, a internet, ou ciberespaço, como também tem sido chamada, passou a ser um suporte de materialidades discursivas muito utilizado. Nesse suporte, encontramos uma vasta gama de gêneros discursivos, e também o surgimento de diversos novos gêneros, como os blogs, os microblogs (twitter), e-mails, chats etc. Alguns desses gêneros podem ser entendidos como adaptações de outros já existentes, como o blog, que seria um diário virtual, e o e-mail, uma forma de carta. Pode-se perceber que o ciberespaço, como um suporte, afeta a delimitação do gênero discursivo, modificando-o em seus propósitos comunicativos, ou em seus fatores estruturais ou organizacionais. Os sentidos dos gêneros discursivos estão diretamente ligados aos seus propósitos comunicativos, o que nos leva a possibilidade de um gênero se aproveitar de outro em sua construção para atingir os efeitos de sentido pretendidos. Sendo assim, analisar o espaço de circulação, proposta de Maingueneau (2002, 2006), é de suma importância para entender como se constitui um gênero discursivo. No entanto, a nosso ver, levar em consideração os sujeitos da enunciação também é um

fator relevante, pois são eles que se valem dos fatores de construção/circulação do enunciado de forma a identificar seu gênero.

Segundo Faraco (2003), os gêneros estão em constante mudança, visto que suas fronteiras são instáveis: “Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (à medida que aspectos da atividade recorrem) e abertura para o novo (à medida que aspectos da atividade mudam)” (2003, p.112). Ou seja, a constituição do gênero no processo de interação verbal é mutável, e não fixo, ou seja, ele se adequa à situação discursiva. E é nessa tensão entre forças centrípetras (de estabilidade) e de forças centrífugas (de mudança) que pode surgir um gênero novo.

Mainueneau (2006) também trata dessa maleabilidade dos gêneros discursivos. Segundo ele, “por sua própria natureza, os gêneros evoluem sem cessar par a par com a sociedade. Uma modificação significativa do seu modo de existência material basta para transformá-los profundamente. (2006, p. 234) Além disso, Mainueneau (2006, p. 236) aponta para outros fatores que ajudam na delimitação de um gênero discursivo: finalidade, estatutos para os parceiros, circunstâncias adequadas, modo de inscrição na temporalidade, continuidade, validade, suporte, plano textual e uso da língua. Entendemos que esses fatores são relevantes quando se trata da análise de gênero, e pretendemos nos valer deles no decorrer do trabalho. No entanto, ao que nos parece, fica de fora o sujeito que lê, e que lança mão desses fatores para compreender o gênero que está diante de si.

Sendo assim, faz-se necessário refletir também sobre a posição ocupada tanto pelo sujeito produtor/divulgador dos enunciados quanto do sujeito receptor/leitor desses enunciados. Para entender como o sujeito lida com os enunciados produzidos/lidos, buscamos auxílio na noção de exotopia, proposta por Bakhtin.

Apesar de o conceito de exotopia ser discutido dentro da criação literária, é preciso lembrar, que Bakhtin, como filósofo, se propôs a analisar o homem, e por isso escolheu a linguagem como seu objeto de estudo, porque o homem se constitui por meio das relações linguageiras. A interação verbal, tão cara a Bakhtin, é que desnuda o homem e o veste, ao mesmo tempo.

Bakhtin pensa sempre o sujeito a partir do outro, em como cada um de nós é um ser singular: ocupa um lugar no espaço e tempo, com vivências que lhe são próprias e únicas. No entanto, só posso ter uma ideia completa de mim por meio do outro, que me vê de fora e vê de mim muito mais do que posso ver. A isso Bakhtin chama de excedente de visão, que se tem sempre quando me coloco em relação a outro indivíduo, ou seja, o tempo todo, pois eu só existo porque existe o outro, e é esse outro que valida a minha existência.

Bakhtin traz a ideia de como o um e o outro são lados que compõem o indivíduo: eu sou único, porque tenho minhas vivências singulares, mas só posso ser completado pelo outro, que me mostra aquilo que eu não posso ver de mim mesmo. No excedente de visão eu não posso esquecer que o outro é um ser singular, que tem sua individualidade, pois se assim o faço, corro o risco de cair na ação ética, ao que Bakhtin chama de contemplação estética.

Ao ver uma pessoa sofrendo, e esse é exemplo dado por Bakhtin (2004), eu posso ter um ato ético ao tentar sanar esse sofrimento, buscando tratá-la, ajudá-la, deixá-la mais confortável. Isso significa que eu a olhei de fora, vi seu sofrimento e me proponho a tentar ajudar dentro das minhas possibilidades. Os atos éticos acontecem o tempo todo em nossa vida. No entanto, não significa que nos tornamos mais humanos, no sentido de termos bondade, isso porque o ato ético não nos modifica, ele é quase mecânico, quase uma obrigação moral.

A contemplação estética acontece quando eu consigo me colocar no lugar do outro e ver o mundo pelos olhos dele, e voltar ao meu lugar e completar essa visão com o que é meu, com quem eu sou, com a minha singularidade. Mais precisamente é nesse momento em que eu volto para mim e dou acabamento ao que vi pelo olhar do outro com o que é meu que temos a contemplação estética.

Apesar de não trazer uma definição clara do conceito de sujeito, podemos depreender que em Bakhtin sujeito é aquele que se coloca no processo de enunciação. E se todo processo de enunciação se dá na interação verbal, então temos sempre dois sujeitos: o que produz a

enunciação e o que a recebe; e como todo processo de interação verbal é dialógico, não há como se falar de enunciador e receptor como instâncias opostas. Na verdade, o que temos aqui, como vimos anteriormente, são sujeitos que só existem nessa simbiose: um não é sem o outro.

Para analisar e entender, então, o processo de construção dos gêneros discursivos é preciso lançar mão da noção de sujeito e de seu outro, visto que são eles que se valem dos fatores de construção/circulação do enunciado de forma a identificar seu gênero.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa com caráter interpretativo analítico-descritivo. Pretendemos fazer a descrição do objeto: será feito um levantamento de enunciados no facebook que apresentem o discurso literário em sua constituição; e também uma apresentação dos suportes desse discurso, no caso o facebook, o ciberespaço e os comentários deixados pelos leitores. Na sequência, faremos a análise discursiva do corpus: nesse estágio, analisaremos o corpus selecionado, em sua dimensão arquitetônica a partir dos questionamentos apresentados anteriormente. Haverá também a etapa da interpretação, em que se pretende identificar, a partir da materialidade e dos recursos discursivos e textuais do corpus e de seu suporte de publicação, que efeitos de sentidos são criados pelos enunciados a serem analisados e se há a constituição de um novo gênero discursivo.

VALIDADE E CONFIABILIDADE DO PRÉ-TESTE DO EPPL: DESAFIOS TECNOLÓGICOS E HISTÓRICO DE IMPLEMENTAÇÃO

Jéssica Nunes Caldeira Cunha (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere nos estudos de avaliação, e dá continuidade ao projeto “Avaliação da proficiência linguístico-comunicativa-pedagógica do professor de línguas: operacionalização de construto no Exame de Proficiência para Professores de Língua Estrangeira (EPPL)”, que foi desenvolvido a partir de pesquisas que constataram uma deficiência na proficiência de professores de línguas estrangeiras no Brasil, além da inexistência de um instrumento para avaliação dessa proficiência a nível nacional (MARTINS; SILVA; SILVA, 2017). Nosso estudo busca, primeiramente, analisar a validade do Pré-Teste do exame EPPL como indicador de (in)sucesso nesse exame. Em segundo lugar, visamos solucionar ou procurar alternativas aos problemas tecnológicos encontrados anteriormente para disponibilização do Pré-Teste em dispositivos tecnológicos móveis (DTMs).

OBJETIVOS

Em primeiro lugar, buscamos determinar se o Pré-Teste EPPL tem validade paralela e preditiva em relação ao EPPL. Além disso, pretendemos buscar alternativas e/ou soluções tecnológicas aos problemas encontrados em trabalhos anteriores que envolveram o Pré-Teste (CONSOLO; AGUENA, 2017, no prelo). A partir disto, surge nossa pergunta de pesquisa: É possível o oferecimento de um pré-teste válido para o EPPL em dispositivos tecnológicos móveis?

Esta pergunta se desdobra em duas subperguntas:

- (i) O Pré-Teste ao EPPL tem validade preditiva?
- (ii) É possível oferecê-lo em dispositivos tecnológicos móveis?

Para responder a estas perguntas, nossos objetivos específicos são: 1) analisar os resultados de aplicações do Pré-Teste e do EPPL em busca de evidências que sustentem (ou não) sua validação preditiva e paralela; 2) identificar, através de questionários aplicados após o Pré-Teste e o EPPL, aspectos levantados pelos candidatos de sua experiência com estas avaliações; 3) buscar alternativas, junto ao Pólo Computacional da UNESP/SJRP ou por meio de programador contratado, para a disponibilização do Pré-Teste em DTMs através do desenvolvimento de um aplicativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partiremos de quatro principais temáticas teóricas: proficiência oral; validade; pré-testagem; utilização de DTMs para avaliação.

O termo “proficiência” já foi bastante discutido por vários estudiosos (por exemplo, em SCARAMUCCI, 2000; LLURDA, 2000; CONSOLO, 2006). A definição de Scaramucci (2000) é bastante ampla, e leva em conta o interesse de avaliar proficiência:

Proficiência pode ser vista como o resultado da aprendizagem, uma meta, definida em termos de objetivos ou padrões e, portanto, de interesse de professores, administradores, elaboradores de currículos, construtores de testes, pesquisadores, pais e alunos. (SCARAMUCCI, 2000, p. 12)

A autora diferencia ainda, em seu texto, as visões técnica e não-técnica de proficiência, sendo que a que nos interessa aqui é a primeira, entendida como um continuum, em contraste com a visão não-técnica de “tudo ou nada”. Assim, proficiência pressupõe uma habilidade de uso futuro, medida em graus maiores ou menores, e direcionada a um propósito ou situação de uso (SCARAMUCCI, 2000).

Sobre a avaliação de proficiência, conforme McNamara (2000), ela é feita de acordo com o desempenho de um candidato ao realizar certa tarefa, em relação a uma escala de proficiência. Este tipo de teste pode ter importantes funções sociais, como permitir que um indivíduo conquiste metas em sua educação ou carreira. A avaliação de proficiência “olha para a situação futura de uso da língua”, a fim de determinar a aptidão do candidato para realizar certa tarefa futura, “sem necessariamente uma referência ao processo de ensino anterior” (MCNAMARA, 2000, p. 7)¹, diferentemente da avaliação de rendimento, estreitamente ligada ao processo de educação formal, que avalia, por exemplo, o que o candidato aprendeu durante um curso.

Esse uso futuro da língua em situação real é chamado de critério. Ao fazer uma avaliação, os examinadores nunca têm acesso ao critério, uma vez que para isso seria necessário estarem presentes nas situações posteriores à avaliação, nas quais o candidato teria que desempenhar a função avaliada. Ao invés disso, os examinadores fazem inferências sobre o critério baseando-se no desempenho do candidato apenas durante a avaliação (MCNAMARA, 2000).

Outro conceito central para a nossa pesquisa é o de validade de avaliações, que é a sua testagem, ou, basicamente, em que medida o teste avalia realmente aquilo que se propôs avaliar. Tradicionalmente, a validade refere-se “à adequação de um teste ou de algum de seus componentes como uma medida do que esse teste deve medir” (HENNING, 1987, p. 89 apud. ALDERSON; CLAPHAM; WALL, 1995, 170). Ademais, Henning (1987) afirma que um teste é válido para um determinado propósito. Isto significa que um teste deve ser julgado, com base em evidências, como mais ou menos válido, de acordo com sua finalidade.

A visão tradicional de validade passou por reelaborações através dos anos, e validade deixou de ser uma característica do próprio teste, para vir a ser um argumento relativo à sua interpretação e uso, e como estes podem ser justificados. Além disso, a confiabilidade, entendida originalmente como um aspecto distinto da validade, passou a ser entendida como evidência da validade (CHAPELLE, 1999 apud SCARAMUCCI, 2011). Este trabalho adota esta abordagem mais recente, fazendo uma descrição de argumentos de validade, e entendendo que a confiabilidade funciona como seu indicativo, uma vez que “[u]m teste não pode ser válido sem antes ser confiável (consistente e estável)” (SCARAMUCCI, 2011, p. 105).

Para McNamara (2000), a validação de um teste é um processo que geralmente se inicia durante o desenvolvimento do teste e perdura por toda a sua existência e aplicação. Seu propósito, no que diz respeito aos testes de línguas, é “garantir a defensibilidade e justiça

¹ Tradução nossa de: “[...] proficiency tests look to the future situation of language use without necessarily any reference to the previous process of teaching”.

(fairness) das interpretações baseadas no desempenho durante o teste”² (MCNAMARA, 2000, p. 48). Portanto, é fundamental que um teste seja válido para que sua utilização seja justificada.

Dada a complexidade do conceito de validade, vários autores já propuseram subclassificações (por exemplo, HUGHES, 1989; BACHMAN, 1990; EBER; FRISBIE, 1991; ALDERSON; CLAPHAM; WALL, 1995). Dentre estas tipologias, existe a chamada validade de critério, que pode ser preditiva ou paralela, e cujos limites, algumas vezes, se mostram tênues (ALDERSON; CLAPHAM; WALL, 1995, p. 182), como mostraremos durante a realização da pesquisa.

Assim como descrito por Aguena e Consolo (2017, no prelo), o Pré-Teste do EPPLE pretende proporcionar uma experiência preliminar ao exame que sirva de indicação ao candidato sobre seu resultado neste. Então, com o resultado do Pré-Teste, o candidato pode tomar uma decisão esclarecida sobre se inscrever ou não para o exame.

A ideia de desenvolver um pré-teste compatível com DTMs se alinha com uma tendência de trabalhos sobre usos de tecnologia na educação, inclusive na área de avaliação (CHALHOU-DEVILLE, 2001; QUELLMALZ; PELLEGRINO, 2009; VIBERG, 2015). Conforme Pathan (2012), a tecnologia possibilita várias vantagens para a aplicação de testes, como a superação de obstáculos logísticos associados com transporte de testes e de resultados, a não necessidade de os candidatos estarem todos no mesmo horário e local para realizarem a prova, uma atitude mais positiva em relação ao teste, dentre outros. Em nosso caso, com a disponibilização do Pré-Teste em DTMs, poderemos beneficiar professores com tais facilidades antes de se comprometerem com a inscrição ao exame EPPLE, que, atualmente, requer a presença física do candidato em horário e local determinados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é, predominantemente, de natureza qualitativo-interpretativa (ERICKSON, 1986) na medida em que pressupõe a participação de seres humanos (professores em serviço e pré-serviço) e investiga suas relações com o ensino de línguas, mais precisamente no âmbito da avaliação. No entanto, lançaremos mão também, durante nossa coleta e análise, de dados quantitativos (as respostas das questões em escala Likert e a correlação entre os resultados do Pré-Teste e das aplicações do EPPLE), caracterizando uma pesquisa de caráter híbrido.

Nossa interpretação dos dados numéricos, no entanto, se dará em associação com a interpretação dos dados não-numéricos, o que, de acordo com Niglas (2004, p. 11), configura um design “multimétodo”, que ela define como “designs onde abordagens qualitativas e quantitativas são usadas, mas permanecem relativamente independentes até a fase de interpretação [dos dados]”³. Embora nossa interpretação leve em conta os dois tipos de dados, reitero que nossa análise é primordialmente qualitativo-interpretativa.

Para o desenvolvimento deste trabalho, faremos aplicações do Pré-Teste e do EPPLE em duas universidades públicas brasileiras, de dois estados do sudeste, Minas Gerais e São Paulo. As aplicações serão direcionadas a graduandos em Letras – Inglês/Português de ambas universidades, em datas distintas. Haverá duas datas de aplicação em cada universidade: na primeira, serão aplicados o Pré-Teste e uma versão do EPPLE (EPPLE1); na segunda, será aplicada uma versão diferente do EPPLE (EPPLE2). Tais aplicações nos fornecem, respectivamente, dados para a validação paralela e preditiva do Pré-Teste em relação ao EPPLE.

Por razões logísticas, a primeira aplicação (Pré-Teste e EPPLE1) será feitas no mesmo dia: os candidatos disponibilizarão uma tarde ou manhã (a ser confirmado) para fazerem, primeiramente, o Pré-Teste, e, logo em seguida, o exame EPPLE1. Cada candidato deverá ter acesso a um computador com fone e microfone para a realização das avaliações.

² Tradução nossa de “[...] to ensure the defensibility and fairness of interpretations based on test performance”.

³ Tradução nossa de: designs where both quantitative and qualitative approaches are used, but they remain relatively independent until the interpretation stage.

Após cada uma delas, os candidatos responderão um questionário com suas impressões. O questionário foi desenvolvido parcialmente em escala Likert pela praticidade e facilidade de resolução, com duas questões abertas para que eles exponham críticas e sugestões. A segunda aplicação (EPPLE2) será feita após um mês decorrido da primeira, e contará com um modelo diferente de questionário.

Os resultados dos candidatos serão coletados e contrastados de modo a se identificar disparidades que possam estar invalidando o Pré-Teste em relação ao EPPLE. Uma vez identificadas estas dissonâncias, procuraremos utilizá-las na elaboração do Pré-Teste em formato de aplicativo.

Trabalharemos, nesta fase, em parceria com um profissional da área da computação para desenvolver o Pré-Teste em formato de aplicativo, a ser disponibilizado para download na Apple Store e na Google Play Store. Com base no estudo anterior de Agüena e Consolo (2017, no prelo), a plataforma Lingst Classroom utilizada para a primeira versão Pré-Teste não foi satisfatório, pois é uma plataforma de navegador que requer a instalação do Adobe Flash Player, um software já obsoleto e incompatível com a maioria dos DTMs atuais. Outra plataforma web seria mais dispendiosa, por geralmente ter custos de produção e de hospedagem. Um aplicativo, além de não requerer a instalação do Flash, geraria despesas menores, por não ocasionar custos de hospedagem, apenas de produção.

A ideia é que o aplicativo funcione de maneira muito semelhante ao Pré-Teste já desenvolvido por Agüena (2016), com perguntas que avaliem a proficiência oral do candidato, que, ao ouvi-las, gravará uma resposta que será enviada aos desenvolvedores do teste juntamente com o email do candidato, para que este possa receber através dele os resultados.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTOS/RESULTADOS

Através deste trabalho, será desenvolvida uma segunda versão do Pré-Teste do EPPLE, que funcionará em DTMs. Esta versão também contará com algumas modificações para melhoria da validade de critério do Pré-Teste em relação ao exame EPPLE. Discorreremos também, sobre questões que surgirem durante o desenvolvimento da pesquisa como encaminhamento para pesquisas posteriores.

ANÁLISE DOS COMPONENTES CULTURAIS EM USO DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA PARA O ENSINO DE LE

Jonatha de Almeida Alberto (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Uma coisa é fato: não podemos negar a demanda existente nos dias de hoje em se aprender uma língua estrangeira. Com a globalização, a comunicação entre as pessoas tornou-se mais prática e instantânea, ultrapassando fronteiras por meio das tecnologias digitais. Para tanto, o ensino de códigos de comunicação (línguas) é colocado em lugar de destaque nos programas governamentais de educação, sendo que desde o século passado a inclusão de disciplinas tais como língua inglesa, e mais recentemente língua espanhola, vêm ao encontro dessa nova realidade na qual estamos completamente imersos.

Como reflexo das diretrizes que regulamentam o ensino de LE, o Ministério da Educação juntamente a Secretaria da Educação Básica lançaram um plano que efetiva tais leis e aparatos regimentais previstos tanto na LDB quanto nos PCNs e a partir dele é feita uma seleção de livros didáticos já condizentes com o esperado pelo próprio governo no tocante ao ensino público. O chamado Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) traz em suas versões atuais pontos de análise de livros diversos e, mais que isso, coloca as obras selecionadas dentro das escolas da rede pública. Esse guia tem por corpo de análise professores renomados de diversas instituições e as coleções selecionadas são elaboradas já dentro do que é previsto politicamente uma vez que é de interesse das editoras a comercialização de suas obras. A proposta compreendida pelo PNLD prevê o uso do livro didático como ferramenta primordial do processo de ensino e aprendizagem.

O foco nos componentes culturais aliados ao ensino de LE é a chave da nossa análise. O ideal na compreensão de cultura, segundo Salomão (2011, p. 252), seria entender cultura como híbrida, em movimento, dinâmica, fluida e variável na relação interpessoal, o que viria ao encontro das necessidades de comunicação intercultural no mundo contemporâneo. A autora trabalha com conceitos de interculturalidade relativos ao ensino de língua inglesa e julga-a de extrema importância a não estaticidade de “cultura”, o que geraria estereótipos, preconceitos, e uma visão unidimensional do que de fato é a realidade de países e culturas diversas. Portanto, verificaremos em que ponto os elementos culturais do livro “High up 1” (DIAS, R.; JUCÁ, L.; FARIA, R., 2013) possuem ligação com tal definição teórica, além de sua relação com os conteúdos previstos pelas portarias públicas à critério de uma adequação da matéria a ser ensinada.

OBJETIVOS

O presente trabalho busca especificamente investigar os componentes culturais que compõem o livro didático “High Up 1” aprovado pelo PNLD em 2014, focamos em nosso trabalho tanto a questão da análise do material segundo parâmetros considerados importantes num plano de ensino nacional quanto a receptividade do livro em sala feita por professores de língua inglesa e alunos do ensino médio que têm contato com tal. Assim, colocam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- (i) Quais componentes culturais existentes no livro são pertinentes às medidas educacionais previstas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)?
- (ii) De que modo os professores das escolas de rede pública implementam o livro em tal contexto no que tange ao componente cultural?

REFERENCIAL TEÓRICO

Como principal razão para a escolha do livro didático “High up” (DIAS, R.; JUCÁ, L.; FARIA, R., 2013) como o objeto de análise dessa pesquisa, nos centramos na avaliação feita pela equipe de docentes e especialistas do PNLD que aprovaram a coleção para que pudesse ser feito seu uso nas escolas da rede pública. Portanto, como referencial teórico partimos das portarias regulamentadas pelo governo que viabilizam a aquisição de material de didático especificamente no ensino médio regular. Em seguida, ampliamos nossa discussão para a importância do livro didático no ensino de uma língua estrangeira moderna e, por fim, recorremos a autores, tais como Salomão (2015), Vian Jr. (2008), Zarei & Khalessi (2011) e Kim (2012) que vão abordar em seus trabalhos, o componente cultural no ensino de língua inglesa.

Iniciando nossa explanação teórica acerca da pesquisa, temos como ponto-chave as leis governamentais voltadas para a educação (LDB, PCNs, PNLD) e que vão inserir nas escolas um espaço, dentro da grade de ensino, para a língua estrangeira. Desse modo, podemos afirmar que não foi sempre que uma LE teve espaço dentro do ensino brasileiro, e que a partir somente da criação da LDB, em 1996, é que foi afixada obrigatoriamente uma disciplina de língua estrangeira moderna no ensino médio. A partir de tal lei, ficou expresso a adoção de uma LEM qualquer em caráter compulsório e uma segunda LE em caráter optativo, dependendo da instituição de ensino (BRASIL, 1996, s/p.).

Segundo orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais relacionadas ao ensino de LE o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve obrigatoriamente a percepção de que se trata da aquisição de um produto cultural complexo (BRASIL, 2006, s/p.). Em outras palavras, a visão de língua não é limitada a um estudo puramente linguístico, mas sim amplo o suficiente para considerar aspectos culturais, sociais e históricos da língua estrangeira inseridas no processo de aprendizagem.

Voltando nossa atenção para o livro didático faz-se imprescindível uma reflexão sobre de que modo ele integra as práticas docentes ao conteúdo e a forma como ele considera o papel discente em seu procedimento de construção. Eres Fernández (2014), em seu artigo sobre uma proposta matriz da análise de livros didáticos, afirma que “o livro didático tanto pode ser um grande aliado do professor como pode converter-se num recurso desfavorável, dependendo do uso que se dê a ele” (p. 340) dessa forma, fica claro que existe uma

inquietação em relação ao uso de livro didático, principalmente se ele for tido como única fonte de insumo para o ensino.

Uma possível solução para o uso exclusivo do livro na aula de LE como recurso único é transformá-lo num guia, de modo a selecionar os insumos e transferir ao professor o papel de organizar possíveis formas de trabalho com os alunos, a partir do que é lido no livro. Desse modo, o professor se pauta nele para pré-determinar a matéria a ser ensinada, podendo recorrer a outras fontes no momento da preparação da aula, tais como: dicionários, sites, recursos multimídias, livros paradidáticos, gramáticas, dentre outros. A utilidade do livro didático, doravante LD, em sala de aula alcança seus parâmetros de efetividade com base na forma que o docente o irá realizar. Portanto, consideramos de suma importância a visão do docente com relação a uso do LD em sala.

Uma vez que o componente cultural é um dos elementos mais significativos no processo de ensino e aprendizagem de uma LE, é a partir dele que realizaremos nossa análise. O que antes enfocava em questões comportamentais do outro passa na contemporaneidade a ser algo mais subjetivo e abrangente. No campo da Linguística Aplicada, o componente cultural passa a ser peça central de estudo e dada sua importância resolvemos partir para um estudo qualitativo de elementos culturais no LD.

Algo que há muito vem sendo discutido no campo da Linguística Aplicada é em que se baseia a conceituação do próprio termo: cultura, e no que ele diz respeito ao ensino de LE. Salomão (2015) traça um quadro histórico acerca do entendimento terminológico de cultura destacando seus significados ao longo dos anos. Sobre o ensino e a aprendizagem de uma LE, o que antes da Segunda Guerra estava mais relacionado ao conhecimento proveniente de obras literárias, fatos históricos e instituições sociais adquiriu no final do século passado uma conotação bem mais ampla relacionada ao processo de globalização social, que considera a pluralidade e proximidade de “culturas” distintas.

É tão complexa a definição do termo cultura por si que segundo definição da autora: a transição histórica da palavra cultura também codifica questões filosóficas fundamentais, como liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado, sugerindo uma dialética entre o artificial e o natural (SALOMÃO, 2015, p. 364). Ou seja, cultura transpassa elementos concretos de uma tradição, ela vai além, abarcando tudo aquilo que seja relacionado a um povo, desde algo considerado palpável até o pensamento de uma época.

Com toda essa amplitude do termo cultura, o desafio seria colocar de forma prática e com uma linguagem acessível toda a conjuntura desse elemento dentro do livro didático, visto que ele é quem vai intermediar por vezes o processo de ensino e aprendizagem dentro de uma sala de aula de LE.

Linguagem e cultura são conceitos indissociáveis. Uma cultura pode ser manifestada de várias formas e a linguagem é uma das mais comuns, pois é utilizada diariamente para interação social. A linguagem é, também, a maneira como se expressa a identidade social, a etnia, pois é através dos processos comunicativos que se estabelecem todas as interações verbais cotidianas. Pela cultura subjetiva manifestam-se valores e seguem-se determinadas normas estabelecidas tacitamente para o meio social em que se interage. (VIAN Jr, 2008, p. 9). O aluno passa a ter com o aprendizado de uma segunda língua também a aquisição de referências dessa cultura alvo, o que colabora, sobretudo, na formação ética e cidadã desse jovem, tal como previsto regimentalmente em leis e portarias sobre educação e ensino de LE.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em nossa pesquisa focaremos numa investigação mais qualitativa dos fatos visando à descrição natural do processo de análise em si e por si. Desse modo, pretendemos usar da totalidade os pormenores e detalhes do contexto (BOGDAN & BIKLEN, 1994), para poder assimilar em que sentido os componentes culturais contidos no livro satisfazem a exigências e expectativas do ensino de língua inglesa tal como concebido pelo governo, bem como um exame da visão docente sobre o material e sua aplicabilidade em sala de aula. Faz-se necessário então uma pesquisa documental, de caráter qualitativo, na qual contrastaremos o

que está prescrito no PNLD e o que, de fato, está presente no livro didático analisado, em relação ao componente cultural.

A segunda parte consiste em um trabalho de campo, de caráter interpretativista também, o que se dará na observação de aula de dois professores de escolas da rede pública que utilizam o LD em sala, assim como uma entrevista, com o intuito de se verificar o modo como esses professores veem e tratam tais componentes culturais em sua prática didática.

Como instrumento de análise, partiremos de partes significativas do livro High Up 1 que demonstrem os componentes culturais relevantes aos programas do governo e as metodologias práticas de ensino de LE aliado ao acompanhamento das aulas dos dois professores já referidos que utilizam de tal material em sala, o que nos ajudará a compreender a visão do professor acerca do livro e sua aplicabilidade, partindo de notas de campo e das gravações das entrevistas.

PERSPECTIVAS DE RESULTADOS DO TRABALHO

A partir deste estudo, esperamos que com a análise do livro e sua comparação Linguística Aplicada, de grande valia para futuros professores, mas também que sejam favoráveis as expectativas propostas pelas portarias governamentais de educação de forma a se verificar no livro aquilo que é vital para o ensino de língua inglesa numa escola regular da rede pública. A partir daí, concluiremos nosso trabalho, prospectando uma observação mais crítica do professor em cima de sua própria aula e do livro, que pode ser tanto de adoção própria como da instituição em que é usado.

DESVELANDO O VÉU DO DISCURSO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA REVISTA MUÇULMANA FRANCO-MAGREBINA FEMININA GAZELLE

Jorge Gabriel Sartini Popoff (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

A revista *Gazelle* é uma revista feminina feita para um público em particular. Trata-se de um periódico bimestral que circula na França, no Quebec e nos países do norte da África, tais como Marrocos, Argélia, Líbia, Tunísia e Mauritânia e que se dirige a um grupo de leitores de ascendência magreбина e de religião muçulmana, sendo esta sua especificidade mais marcante. Enquanto gênero, sua estrutura se assemelha a revistas de circulação comercial comuns em países ocidentais e que detêm certo monopólio de mercado, tais como Marie Claire e Elle.

Tendo como base estas características, a revista é composta por seções comuns ao gênero de revistas femininas, cujos temas vão desde moda, beleza, cozinha, saúde, bem-estar pessoal, até aspectos da vida matrimonial e familiar, com que se cruza a cultura islâmico-magreбина. Na edição de número 56 que se pretende analisar, tais seções dividem espaço com outras, cujas temáticas abordam a cultura do público-alvo, da qual resultam temas de ordem política e de interesse especificamente étnico-religioso. Deste modo, temos uma revista que abarca elementos conhecidos da cultura ocidental, bem como elementos específicos da cultura da mulher muçulmana do Maghreb, os quais resultam do cruzamento de dois contextos culturais distintos

A revista tem ampla circulação na França, onde há uma grande concentração de imigrantes de origem magreбина e de identidade árabo-muçulmana. Sendo assim, não por acaso, a conjuntura do tempo e do espaço em que circula o periódico é pista de certo modo segundo o interesse de se construir uma revista que atenda aos anseios de um público de imigrantes que se situa no interior de um local estrangeiro para eles e que por esta razão necessita firmar sua identidade naquele local como condição de permanência. A revista assim depende deste mesmo público como condição de existência no mercado.

O trabalho que se apresenta aqui busca traçar um esboço do enunciatário desta mulher muçulmana e de identidade étnica específica a que se alude no alto da capa da revista por meio das construções do texto-enunciado no interior do periódico. Dos itens que foram recortados do objeto que se pretende analisar, destacam-se: a capa da edição 56 da revista

Gazelle, no interior da qual se organizam as informações primeiras dos enunciados; as matérias intituladas *Ma France à moi* e *Mussulman et Laïc*; e a seção de moda magrebina, que aparece como seção de destaque na capa da revista. Sabendo que a revista se apresenta como objeto de difícil apreensão de análise devido aos inúmeros textos contidos ali, outros recortes poderão ser feitos ao longo da pesquisa, de acordo com a complexidade dos textos de publicidade e propaganda que se encontram par a par com as seções principais do periódico e que vão de encontro com o interesse histórico da teoria semiótica francesa em estudar tais textos.

OBJETIVO

Tendo descrito o material de que esta pesquisa pretende tratar e feitos os recortes exigidos da revista a fim de tornar abordável a empresa deste projeto, este trabalho pretende identificar a imagem do leitor ao qual o periódico se refere com vistas a atingir um público específico. Tomando como base as ferramentas teóricas da semiótica greimasiana, pretende-se desmontar o enunciado por meio de uma análise do plano de expressão e do plano de conteúdo das imagens e dos textos recortados deste objeto, com o objetivo de descrever a significação dos enunciados, bem como da imagem deste enunciatário por meio dos diferentes discursos.

Ainda que os recortes tenham sido feitos inicialmente para fins de projeto, deixa-se em aberto a possibilidade de acrescentar novas e outras escolhas a partir do material da revista, de acordo com a necessidade que exige o desenvolvimento do trabalho, a fim de enriquecer a análise com as próximas reflexões.

REFERENCIAL TEÓRICO

Explicitados os elementos da revista e os objetivos desta pesquisa, passemos para o referencial teórico da semiótica francesa, que se desenvolve no quadro das teorias do discurso e das ciências da linguagem. Influenciada pelas teorias de Hjelmslev e Saussure, a semiótica de Greimas estuda a significação. Inicialmente textualista, isto é, focada no texto verbal, a semiótica pretendia identificar no interior do texto componentes que bastavam para uma interpretação que independesse de um referente externo, do mundo natural. No entanto, com o desenvolvimento dos estudos sobre a natureza dos textos no seio da teoria ao longo das últimas décadas, a semiótica se desembaraçou das amarras do texto verbal e assumiu para si a complexidade de textos sincréticos. Assim, a semiótica nascida das teorias estruturalistas passou de uma teoria formal e localista para uma teoria que buscasse parâmetros estratégicos para explicar o percurso da significação através da heterogeneidade de linguagens na organização de um texto-enunciado (PORTELA, p. 96-97).

Assim, em se tratando de uma revista, cujos enunciados são compostos do cruzamento de textos verbais e imagéticos, isto é, de textos que criam sentido graças à natureza heterogênea das linguagens de que se utiliza, a análise deste trabalho vai de encontro com a semiótica plástica e sincrética. Para isto, serão adotadas as obras de Antônio Vicente Pietroforte (2006,2010,2013) sobre semiótica visual e plástica e de Jean-Marie Floch (1990,1995a, 1995b), cujos livros se dedicam à análise semiótica de textos publicitários e de propaganda. Será também utilizada para o objetivo desta pesquisa a semiótica do discurso de Jacques Fontanille (1995,2003), que trata dos níveis de pertinência por que passa o texto-enunciado no interior de formas de vida em dada cultura. O famoso texto de Roland Barthes, intitulado *Retórica da Imagem* (1990), poderá ser útil eventualmente para esta análise devido aos conceitos de ancoragem e *relais* de que se vale o semiólogo para tratar de um texto do campo da publicidade.

Elencados os autores principais que darão base à teoria, serão acrescentados, de acordo com a precisão da análise, outros autores que contribuíram para a teoria semiótica greimasiana. Essencialmente, o objeto da pesquisa será centralizado nos níveis fundamental, narrativo e discursivo do percurso gerativo de sentido, que vai do exame do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto do plano do conteúdo. Aliada à metodologia proposta pela semiótica visual, cujos autores já foram citados, será examinado o plano de expressão dos enunciados, tendo em vista alcançar os níveis abstratos e concretos da significação.

Com relação ao material referente ao corpus, foram selecionadas algumas obras que poderão servir de apoio no que se refere à cultura árabe e à religião islâmica. São elas: *O Mundo Muçulmano*, de Peter Demant, *La Femme dans l'Inconscient Musulman* de Fatna Ait Sabbah, e *Être Musulman et Occidental Aujourd'hui*, de Tariq Ramadan.

METODOLOGIA

Será utilizada aqui a edição 56 da revista *Gazelle*. A capa, que põe em destaque uma das modelos utilizando um dos vestidos da HC Création em homenagem às estrelas de cinema, é um dos recortes feitos no objeto desta pesquisa. A organização da capa, que é um componente clássico do formato da revista, dispõe de outros títulos tratados pelo periódico. No alto da capa está a frase que indica para qual leitor a revista se destina, isto é, a mulher do Maghreb.

A partir das informações da capa da revista, serão analisadas as páginas dedicadas à coleção HC création. Na descrição da coleção, estrelas como Lauren Bacall, Sophia Loren, Kim Novak são citadas, assim como o estilo das vestimentas, dentre as quais calças *mdaouer* e casacos *karakous*, típicos da cultura magrebina. Na seção *Bien être & Psycho*, duas matérias cujas imagens chamam a atenção são as dos textos *Ma France à Moi* e *Musulman & Laïc?* Na primeira, duas modelos estão abraçadas com as bandeiras da França e da Argélia. Os textos referentes à matéria são testemunhos de mulheres que vivem ou na França ou nos países do norte da África. No segundo há uma mulher muçulmana usando um véu e mostrando na palma das mãos a palavra *Laico* em francês.

Selecionados os textos-enunciados, pretende-se analisar a revista sob a luz da semiótica plástica, visual e do discurso, além da base teórica da semiótica clássica greimasiana, que ilustra o percurso canônico.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

A pesquisa aqui apresentada tentará apreender a formação da significação dos textos-enunciados no interior da revista, segundo as escolhas que o enunciador faz a partir do enunciatário a que ele se refere. Ou seja, este trabalho buscará desenvolver-se a partir da composição dos textos verbais e visuais construídos no interior da revista *Gazelle*, que delimita o seu público-alvo como sendo a mulher muçulmana de origem magrebina. A pesquisa pretende assim extrair como resultado a imagem deste enunciatário que se quer na revista, a partir da complexidade e do jogo que os textos estabelecem e dos quais o sentido participa na sua produção, resultado que se tentará obter da teoria semiótica francesa greimaiana.

O USO DO QUIZLET NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: FOCO NAS FORMAS DE INTERAÇÃO DOS ALUNOS E NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES

Juliana Giseli da Silva Zancanaro (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Atuar como professor no cenário educacional contemporâneo constitui-se uma atividade de grandes desafios. Desempenhar os diferentes papéis que o docente assume durante o complexo processo de ensino-aprendizagem exige, cada vez mais, um profissional disposto a se comprometer com a realização de uma prática reflexiva que irá permear sua atuação como professor.

Ensinar é uma atividade complexa, que pressupõe o envolvimento de vários atores, mas em especial, o professor e os alunos. Além disso, ela pressupõe também a existência de conhecimentos que devem ser construídos por meio de ferramentas e ações metodológicas selecionadas pelo professor e que poderão facilitar (ou, ao contrário, dificultar) a compreensão dos alunos acerca do insumo trabalhado. Nesse contexto, o ato de ensinar, atribuído ao professor, passa a ser ressignificado.

Atualmente, o processo de ensino-aprendizagem recebe influências de aplicativos exteriores à sala de aula, como o *Facebook* ou o *WhatsApp*, que podem, por um lado desviar a atenção dos estudantes em sala de aula, mas por outro lado, contribuir para o processo de aprendizagem por serem mais interativas e interessantes do que a maioria das aulas tradicionais que ainda são oferecidas em grande parte das salas de aulas pelo país afora. Assim, para que o ensino possa ocorrer de forma significativa para o aprendiz da era digital, se torna cada vez mais necessário que o professor considere o uso das novas tecnologias como aliadas nesse processo, mas não como solução milagrosa para todos os problemas que ocorrem durante sua aula. É preciso ter sempre em mente que “[...] cada tecnologia tem a sua especificidade e precisa ser compreendida como um componente adequado no processo educativo. (KENSKI, 2007, p.57) ”.

A geração de adolescentes de hoje que frequenta o Ensino Médio nasceu na era digital e representa, em sua maioria, o que Prensky (2001) chamou de “nativos digitais”. De acordo com o autor, essa geração pensa e processa informação de maneira diferente, está mais habituada a textos que são constituídos por diferentes linguagens e que possibilitam uma experiência diferente de leitura. O autor defende que os jovens dessa geração têm interesse em compartilhar experiências e informações, são curiosos por natureza, gostam de explorar para descobrir coisas novas e apreciam quando conseguem aprender por meio de jogos (op. cit, 2001). Embora o conceito de “nativos digitais” possa ser problematizado, na medida em que não é uma data de nascimento que define a relação de uma pessoa com qualquer tecnologia, este trabalho advoga que se trata de um público-alvo que demanda metodologias de sala de aula diferentes daquelas tradicionais adotadas no passado (e, comumente também no presente).

Diante do exposto, este trabalho pretende investigar o uso do *Quizlet* como estratégia de ensino de língua inglesa para estudantes do Ensino Médio. O *Quizlet* é um serviço online gratuito que possibilita o estudo dos mais variados assuntos a qualquer momento e em qualquer lugar, desde que o estudante possua um dispositivo eletrônico que permita conexão com a internet e uma rede wi-fi disponível. A concepção dessa ferramenta se origina do *Quiz* que é, basicamente, um jogo, no qual os jogadores tentam responder a perguntas sobre os mais diversos assuntos e os acertos são pontuados segundo critérios pré-estabelecidos. Esse formato de passatempo composto por perguntas e respostas é muito popular e já foi bastante explorado em contextos televisivos, como, por exemplo, no filme britânico ganhador de 8 Oscars “Quem quer ser um milionário?”¹, de 2008; e no programa *Show do Milhão*, que ficou famoso no Brasil entre os anos de 1999 e 2003². O *Quizlet*, além de manter essa característica básica, que tornou a modalidade popular principalmente entre crianças e adolescentes, apresenta um grande diferencial que atende aos anseios da geração digital: está disponível na Internet. Sua apresentação é bastante atrativa e oportuniza aos estudantes a interação e a conexão por meio de uma tecnologia móvel (smartphone, tablet, notebook, etc).

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo explorar o potencial do *Quizlet* como estratégia de ensino no Ensino Médio e responder às seguintes questões de pesquisa:

- (i) De que forma o uso do *Quizlet* pode auxiliar o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Ensino Médio?
- (ii) Quais as características desse recurso e de que forma ele pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades no processo de aprendizagem da língua inglesa?
- (iii) Como se caracterizam as interações possibilitadas pelo uso de tal recurso?

REFERENCIAL TEÓRICO

A criação da Internet, sua evolução e relativa facilidade de acesso fez com que o mundo todo se transformasse. Particularmente interessante para a área da educação são as mudanças ocorridas na sociedade em decorrência de sua expansão. Coutinho e Lisboa (2011) pontuam que a Internet e as tecnologias digitais fizeram emergir um novo paradigma

¹ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Slumdog_Millionaire. Acesso em: 09. mai. 2017.

² Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Show_do_Milh%C3%A3o. Acesso em: 09. mai. 2017.

social, descrito ora como sociedade da informação, ora do conhecimento ou ora da aprendizagem. Os termos têm em comum a referência a uma sociedade que, marcada pelo maior acesso à informação, se caracteriza pela atualização, transformação e construção de novos conhecimentos.

Essas reflexões orientam esta pesquisa, que buscará sustentação teórica em três eixos principais: 1) em trabalhos desenvolvidos sobre o uso de tecnologias digitais na educação e sua importância, no conceito de gamificação e nas possíveis formas de interação em sala de aula neste contexto, 2) na Pedagogia dos Multiletramentos e 3) nas contribuições da Pedagogia Pós-Método para o ensino de línguas estrangeiras.

No âmbito do primeiro eixo, Kenski (2003) argumenta que em todos os tempos o processo de ensino-aprendizagem sempre foi mediado pelas tecnologias disponíveis em cada época, portanto, analisando a atuação do professor na sociedade atual, é inegável a importância do uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na educação. Seus atributos “possibilitam o uso das capacidades humanas em processos diferenciados de aprendizagem”; e podem, conforme resultados de estudos mencionados por Coutinho e Alves (2010), a partir do uso da tecnologia e modelos de ensino mais centrados nos alunos, criar expectativas nos estudantes que geram uma maior motivação para a aprendizagem. Moran (1995) sustenta, ainda, que “as tecnologias permitem um novo encantamento na escola, ao abrir suas paredes e possibilitar que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo”. Ainda nesse eixo, será discutido o conceito de gamificação, que, segundo Deterding et al. (2011) é “o uso de elementos do desenvolvimento de jogos em outros contextos que não os jogos.” Para finalizar, nos debruçaremos sobre os estudos que discorrem sobre as diferentes formas de interação possíveis em contexto de ensino e aprendizagem mediado por tecnologias uma vez que, de acordo com Leffa (2006), a interação produz mudança e uma mudança afeta todos os participantes.“

O impulso recebido pelo desenvolvimento e uso das TDICs na educação caracterizou o surgimento da Pedagogia dos Multiletramentos e constitui o segundo eixo de sustentação teórica deste trabalho. Segundo Rojo (2012) busca-se, no âmbito dos multiletramentos, a compreensão do aluno acerca do universo multicultural característico das sociedades globalizadas, e da multimodalidade dos textos por meio dos quais essa multiculturalidade se comunica e informa. Nesse sentido, ao propor o uso de uma ferramenta digital aliado a uma cuidadosa seleção de materiais que servirão de base para a realização das atividades propostas, pretende-se realizar um trabalho que “parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos [...]” (ROJO, 2012, p.8)

O terceiro eixo de sustentação teórica deste trabalho baseia-se nas contribuições da Pedagogia Pós-Método. Os estudos na área de linguística aplicada ao ensino de língua estrangeira também receberam influências de todas as mudanças que ocorriam na sociedade, e conceitos como métodos, metodologia e abordagens passaram a ser flexibilizados.

A ideia era que o professor conhecesse e pudesse combinar diferentes métodos e abordagens de ensino para poder adequá-los às necessidades específicas de seus alunos, conforme aponta Silva (2004) “a pesquisa passa a ter como foco a sala de aula, de forma que a abordagem do (a) professor (a) vai se construindo a partir de uma dinâmica entre a realidade deste, de seus alunos (as) [...]”. Na Era Pós-Método o professor passa a ser capaz de desenvolver uma abordagem própria que, embora parta de um método ou abordagem preexistente, poderá adequar-se à realidade educacional encontrada em sala de aula. Nessa perspectiva, Kumaradivelu apresentou, em 1994, o que ele denominou macro estratégias relativas ao processo de ensino e aprendizagem. Brown, por sua vez, defendeu, em 1997, o que chamou de Técnicas Estratégicas ou “os dez mandamentos” de uma boa aprendizagem de línguas (SILVA, 2004).

Ainda no âmbito desse eixo teórico, discutiremos a importância do desenvolvimento de diferentes habilidades no ensino de inglês como LE, a saber, ouvir, falar, ler e escrever.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tomando o referencial de André (2000), a pesquisa a ser desenvolvida pode ser caracterizada como qualitativa de base etnográfica. Neste tipo de pesquisa o pesquisador deverá focar-se em compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, considerando-os em seu contexto, passíveis de interações e influências recíprocas; e tentar apresentá-los ao leitor.

Em virtude disso, pretende-se obter os dados para a análise por meio de questionários, entrevistas e diário de campo, o qual será elaborado pela pesquisadora a cada aula em que o Quizlet for utilizado.

A pesquisa será realizada com alunos da disciplina de língua inglesa, do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública federal, durante o primeiro semestre de aulas.

Inicialmente será realizada uma fase piloto, por meio da qual a pesquisadora poderá conhecer melhor a ferramenta e delinear mais precisamente o planejamento das aulas. Essa fase consistirá na realização de atividades mediadas por Quizlet na sala de aula da própria pesquisadora.

Na segunda fase, como um dos objetivos deste trabalho é analisar de que forma o uso do Quizlet pode contribuir para o desenvolvimento de diferentes habilidades no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, serão realizadas atividades em diferentes momentos da disciplina de língua inglesa. Pretende-se aplicar as seguintes atividades:

- (i) uma após o término da primeira unidade, na qual os alunos irão recapitular o vocabulário aprendido e posteriormente, produzir um pequeno parágrafo sobre o tema (foco na escrita) ;
- (ii) uma após o término da segunda unidade, na qual os alunos lerão um hipertexto que será usado como base para a realização de atividades de compreensão (foco na leitura);
- (iii) uma após o término da terceira unidade, na qual os alunos escutarão apenas a parte sonora de um trecho de uma série televisiva e realizarão de atividades de compreensão auditiva (foco na escuta);
- (iv) e uma após o término da quarta unidade em que os alunos assistirão a um trecho de um filme, e realizarão atividades a fim de se prepararem para um debate sobre um determinado tema (foco na fala).

Além disso, este trabalho focalizará as formas de interação dos alunos durante essas atividades propostas. Após a realização delas, os dados obtidos a partir dos diferentes instrumentos serão analisados e triangulados, a fim de buscar respostas para as questões que norteiam este trabalho.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

O trabalho pretende desenvolver-se entre os anos de 2017 e 2018.

Como resultado espera-se verificar se o uso do *Quizlet* como ferramenta de ensino pode ser considerado adequado em sala de aula de alunos do Ensino Médio, se sua utilização fomenta diferentes formas de interação e se seu emprego pode contribuir para o desenvolvimento das quatro habilidades de maneira motivadora.

ANÁLISE DOS ASPECTOS CULTURAIS NOS LIVROS DA COLEÇÃO HIGH UP

Kamyla Barbosa Coradini (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Atualmente o ensino de uma língua estrangeira vai muito mais além da apresentação de estrutura gramatical. Requer a apresentação de aspectos cotidianos da mesma, além da problematização de estereótipos que possam ser erroneamente apresentados como aspectos culturais e, conseqüentemente, levar os alunos a desenvolverem um pré-conceito sobre determinado povo ou idioma. Portanto, a escolha do material didático a ser utilizado é muito

importante. Ao fazer tal escolha o professor precisa estar atento não apenas ao conteúdo a ser abordado, mas também a todos os aspectos que envolvam o ensino de uma segunda língua, pois o aprendizado de uma língua é comumente associado aos aspectos culturais da mesma. Dourado e Poshar (2010) afirmam que a indissociabilidade entre língua e cultura é cada vez mais visível no mundo globalizado, no qual urge uma educação intercultural, em que cultura e língua caminhem lado a lado como fatores fundamentais na promoção de uma convivência compartilhada no planeta. Assim sendo, muitos livros didáticos propõem atividades que favoreçam a abordagem de aspectos culturais durante as aulas ou que, de alguma forma, promovam a discussão acerca do assunto. De acordo com Kramsch (2009), a língua simboliza a realidade cultural. A língua é vista não apenas como um sistema de signos com valor cultural, mas também como símbolo da identidade social. Por estes motivos, o presente trabalho propõe uma análise da coleção de livros didáticos para o ensino médio *High Up* (2013), composta por três livros (um para cada série) e produzida pela editora *Macmillan*. Este material didático foi examinado e selecionado por uma comissão nomeada pelo governo federal – de acordo com o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e, posteriormente, escolhido por professores da rede pública de ensino. Além disso, o tema aqui proposto vai ao encontro da realidade da aluna-pesquisadora, uma vez que a mesma é professora de inglês em uma escola pública do estado de São Paulo que utiliza o material a ser analisado e procura metodologias para lidar com os aspectos culturais da língua durante as aulas, visando o enriquecimento intelectual de si mesma e, principalmente, dos alunos.

A coleção de livros aqui considerada é composta por três volumes, sendo que cada um apresenta oito unidades com temas variados. Além disso, o material é composto por livro do aluno, manual do professor, CD de áudio e livro digital. Vale ressaltar que este estudo se baseará apenas no livro do aluno e no manual do professor. Para que possamos realizar a análise dos aspectos culturais e suas abordagens, faremos um estudo minucioso de cada um dos capítulos e seções de cada livro, a partir das considerações feitas no guia do professor, além da tabela sobre análise de livros didáticos focada em aspectos culturais desenvolvida pela aluna-pesquisadora. Todos os dados serão devidamente apontados em tabelas, analisados e, em seguida, transformados em gráficos quantitativos e quadros qualitativos.

Este estudo se dará com base na definição e desenvolvimento de cultura no ensino da língua em questão, além de uma breve pesquisa sobre gêneros textuais, uma vez que todos os capítulos dos livros apresentam uma seção denominada *Genre Analysis* (Análise do gênero), na qual há uma síntese das características básicas do(s) gênero(s) textual(ais) da unidade que, de modo geral, foram utilizadas durante o processo de construção do sentido do texto (DIAS; JUCÁ; FARIA, 2013). Esta seção, de acordo com o guia didático do professor, pode ajudar os alunos a compreenderem melhor os textos, auxiliá-los no desenvolvimento das habilidades produtivas (leitura e produção textual), além de proporcionar a percepção de aspectos interdisciplinares e culturais. Os livros didáticos podem apresentar os aspectos culturais de diversas maneiras, utilizando gêneros diversificados; através de contextos verbais e não verbais; verificaremos como isso foi apresentado nos livros. Kramsch (2009) menciona que o uso da língua escrita é também formado e socializado pela cultura. Não apenas o que é adequado para escrever para quem em que circunstâncias, mas também quais gêneros textuais são apropriados (um formulário, uma carta comercial, um panfleto político), porque estes são sancionados por convenções culturais. Os gêneros são instrumentos que ajudam na compreensão de atividades cotidianas, pois surgem da necessidade de atividades socioculturais.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral estudar, analisar e refletir sobre a abordagem dos aspectos culturais na coleção *High Up* (2013). Para alcançarmos os objetivos propostos, consideraremos as seguintes perguntas de pesquisa:

- (i) Como os diferentes gêneros textuais utilizados nos livros *High Up* (2013) contribuem para abordar o componente cultural em sua proposta de ensino
- (ii) De que forma os autores tratam cultura no guia didático para o professor?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para estruturarmos a base teórica deste trabalho, iremos refletir sobre a importância do livro didático (HUTCHINSON & TORRES, 1994), uma vez que em muitas escolas, esta é a única ferramenta de ensino/ aprendizagem disponível. Hutchinson & Torres (1994) mostram que raramente há uma situação de ensino e de aprendizagem em que um livro didático não seja usado. Além disso, de acordo com o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD (2015), o livro didático de língua estrangeira assume um papel relevante, quando produzido conforme fundamentos teórico-metodológicos que garantam o engajamento discursivo e favoreçam o compromisso de uma formação escolar construtora da cidadania. Em seguida, refletiremos sobre a definição e o desenvolvimento da ideia de cultura (KRASMCH, 2001; KRASMCH, 2009; SALOMÃO, 2015) no ensino de língua inglesa. Por ser um termo multidisciplinar; isto é, podendo ser empregado em diferentes áreas como antropologia, sociologia, história, pedagogia, etc, a palavra cultura não é de fácil definição. A palavra cultura já recebeu, ao longo da história, várias interpretações e significados: a princípio era relacionada ao cultivo da terra, transmitindo a ideia de algo material e, com o passar do tempo, começou a ser metaforicamente considerada algo relacionada às questões do espírito, até evoluir e chegar aos vários significados atuais de acordo com o contexto em que é utilizada. Ao refletirmos sobre o ensino de línguas, e a evolução deste processo, fica claro o quanto estes aspectos estão interligados. Ademais, é importante também abordarmos a diferença entre cultura e estereótipo (KUMARAVADIVELU, 2003, 2008), mostrando a importância disto no ensino da língua inglesa como língua estrangeira no ensino médio (CUCHE, 2002; DOURADO; POSHAR, 2010). Ainda abordaremos os gêneros textuais (BAHKTIN, 2010; BRONCKART, 2003, MARCUSCHI, 2002) que, de acordo com o PNLD, incluem na coleção a ser analisada desde formulários, listas de compra e de tarefas, entrevista, artigo de opinião, *flyer* ou cartaz informativo, resenha, rótulos de produtos, conto, até fábula, dentre outros.

METODOLOGIA

Como já mencionamos anteriormente, é necessário definirmos os métodos de pesquisa a serem utilizados, por isso, após fazermos o levantamento do aporte teórico, daremos início a pesquisa bibliográfica de cunho indutivo, unindo as abordagens qualitativa e quantitativa para chegarmos a uma análise descritiva dos objetivos propostos referentes ao material didático. A partir destes estudos, verificaremos a presença dos aspectos culturais e como estes são apresentados nos três livros. O presente estudo baseia-se em dados numéricos e não numéricos, pois considera a quantidade e os tipos de gêneros presentes nos livros, como estes influenciam como a abordagem dos aspectos culturais é feita e se os autores incluem atividades que promovam a abordagem intercultural. De acordo com Godoy (1995), nas duas abordagens – quantitativa e qualitativa – a pesquisa se caracteriza como um esforço cuidadoso para a descoberta de novas informações ou relações e para a verificação e ampliação do conhecimento existente. A pesquisa aqui proposta caracteriza-se como qualitativa uma vez que foca na compreensão e na explicação do *corpus* a ser analisado. Também se enquadra como pesquisa quantitativa, pois a análise trará gráficos e tabelas para ilustrarem a análise dos dados coletados e apontados. E, por fim, um estudo detalhado das informações encontradas para respondermos as perguntas que deram origem a pesquisa. Esta pesquisa pretende demonstrar, através do levantamento da quantidade e tipos de gêneros presentes em cada parte dos livros, como os aspectos culturais são apresentados e, se esses aspectos são predominantes em certos tipos de gêneros textuais. Por exemplo, se em todas as cartas presentes nos livros houve a abordagem do componente cultural. E, ainda, verificar o modo como estas abordagens são apresentadas e descritas no guia do professor.

RESULTADOS ESPERADOS

A pesquisa pretende analisar a presença dos aspectos culturais nos livros didáticos, suas apresentações e propostas de usos, além de, conseqüentemente, mostrar que os mesmos podem ser trabalhados em sala de aula para despertar reflexões dos alunos para questões do idioma. Além disso, com a globalização, buscamos uma comunicação intercultural que promova interações entre aprendizes de culturas e línguas diferentes. O livro

didático deveria ir além de um simples instrumento de apoio durante as aulas, ele deve promover pesquisa, ensinamento, conhecimento. Portanto, analisar um livro didático de língua estrangeira é extremamente relevante, visto sua importância dentro e fora da sala de aula. Ademais, cultura sempre estará presente no ensino de línguas, seja em um texto a ser interpretado, numa música, numa imagem, etc. Seria importante fazer uso de tais materiais para despertar no aluno conhecimento acerca do assunto ao mesmo tempo em que aprende uma nova língua.

PRÁTICA DESNOTICIOSA E VERIDICÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O SITE SENSACIONALISTA E O BLOG THE PIAUÍ HERALD

Karina Rocha Campos (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

INTRODUÇÃO

Os *websites* e *blogs* de *desnotícias* têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores da área de Linguística e Comunicação por seu sucesso nas redes sociais. As manchetes e reportagens jornalísticas falsas têm ganhado espaço por transitar entre a realidade do cotidiano e o absurdo de notícias inventadas, causando confusão em usuários inadvertidos, que levam as notícias – conhecidas por “*desnotícias*”, “*e-farsas*”, “*hoax*” e “*pseudonotícias*” – como reais. Os *blogs*, portanto, vão muito além do humor que pretendem.

Os objetos de estudo selecionados foram o *site Sensacionalista*, fundado em 2009, e o *blog The Piauí Herald*, fundado no mesmo ano. O critério de escolha dos objetos pautou-se na popularidade das páginas virtuais entre os internautas e também nos jornais de versão não-fictícia que as inspiram. No caso do *site Sensacionalista*, a página acumula 3.251.604 curtidas no *Facebook* na – a rede social de maior sucesso no Brasil –, data de 29 de maio de 2017, enquanto o *blog The Piauí Herald* conta com 16.027 curtidas. As “curtidas” são inscrições dos usuários da rede social que recebem as novas postagens das páginas diretamente em sua *timeline*. O *Sensacionalista* foi criado de modo independente, diferentemente do *blog The Piauí Herald*, que se trata da versão humorística da Revista Piauí, cujas curtidas ultrapassam 362 mil.

Existem outros diversos *blogs* e *sites* congêneres que também exploram a temática da *desnotícias*: o *G17*, *O Bairrista*, *Diário Pernambucano*, *Laranjas News*, entre outros. A preferência pelo *site Sensacionalista* se deu a partir do sucesso da página entre os usuários do *Facebook* e a veiculação massiva das reportagens fictícias criadas. Já o *The Piauí Herald* foi escolhido por ter como versão “original” a Revista Piauí, pertencente ao Estadão e de também de grande circulação virtual. O objetivo é observar os modos diferentes de elaboração entre o *site* independente e o *blog*; considera-se que, por derivar de um jornal tradicional, o *The Piauí Herald* produza suas reportagens de maneira diferente do *Sensacionalista*. Pretende-se observar o estilo próprio de cada uma das páginas no momento da redação da *desnotícia* e sistematizar essas diferentes formas de *desnoticiar*.

OBJETIVOS

Objetivo geral: investigar a existência de uma prática *desnoticiosa* por trás da composição de *blogs* humorísticos que simulam a realidade através de manchetes e notícias falsas, assim como observar a regularidade de aparecimento e desaparecimento de determinadas formas nos enunciados das *desnotícias*; por último, analisar mecanismos enunciativos que permitem a instauração de diferentes modalidades veridictórias no enunciado e novas cláusulas do contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário.

Objetivos específicos: definir o conceito de *desnotícia* a partir do estudo do gênero jornalístico presente no meio virtual e identificar os elementos utilizados pelos *blogs desnoticiosos* para construir sua materialidade próxima dos grandes portais noticiosos e instaurar efeitos de sentido de realidade; analisar os enunciados que compõem as manchetes e as notícias dos *blogs* a fim de compreender de que modo as modalizações de *verdade*, *falsidade*, *mentira* e *segredo* direcionam a interpretação do enunciatário; analisar quais contratos veridictórios são quebrados nas *desnotícias* e quais novos contratos são

estabelecidos pelo enunciador através do *fazer persuasivo* e pelo enunciatário através do *fazer interpretativo*; investigar a existência de uma prática *desnoticiosa*, dotada de cenas práticas que se acomodam umas às outras e estratégias que se repetem, culminando no último nível de pertinência semiótica, as formas de vida; analisar as formas semióticas recorrentes nas *desnotícias* a fim de observar como a práxis enunciativa controla a atualização das “grandezas discursivas no campo do discurso” (FONTANILLE, 2007, p. 271-272).

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa debruçar-se-á, primeiramente, sobre os estudos acerca do gênero jornalístico no meio virtual; para esse fim será consultada a obra de Nilton Hernandez (2006), “A mídia e seus truques”, onde o autor discorre sobre os tradicionais jornais brasileiros em sua versão virtual e grandes portais noticiosos de prestígio, traçando paralelos com as versões impressas e apontando os elementos comuns presentes nos dois suportes. A partir dele será possível observar como os *blogs desnoticiosos* utilizam mecanismos e ferramentas do gênero jornalístico para instaurar efeitos de sentido de realidade essenciais ao que se propõem a fazer: manchetes e notícias falsas que parecem reais. Assim será possível definir o que é *desnotícia* e avançar na investigação da existência de uma prática, como definiu Jacques Fontanille (2008), por trás das composições *desnoticiosas*.

Pretende-se também utilizar estudos de José Luiz Fiorin (2005) acerca da enunciação para tratar das questões pertinentes à veridicção, suas marcas e modalidades presentes nos enunciados *desnoticiosos*. De acordo com o autor em sua obra “As astúcias da enunciação” (2005, p. 39), a discordância entre enunciação e enunciado é um desacordo capaz de instituir diferentes estatutos veridictórios dentro do enunciado. O estatuto de *verdade* será estabelecido quando enunciação e enunciado estiverem em acordo (/ser/ e /parecer/), ou seja, sem a presença de figuras de pensamento que indiquem desalinho entre as duas instâncias. Os estatutos de *falsidade* (/não-ser/ e /não-parecer/), *mentira* (/não-ser/ e /parecer/) e *segredo* (/ser/ e /não-parecer/) se instituem da mesma forma e também são identificáveis por meio da análise do enunciado e enunciação.

Junto aos estudos acerca da enunciação, a pesquisa pretende também utilizar-se dos postulados de Jacques Fontanille que, alicerçado nas bases epistemológicas de tradição greimasiana, buscou “do lado de fora do texto” novos níveis de pertinência para a análise semiótica. Em 2004 instituiu uma semiótica “extrovertida” (LANDOWSKI, 2004, p. 37) ao estabelecer níveis de pertinência próprios do plano da expressão, repensando a famosa frase de Greimas “fora do texto não há salvação”. Esse novo modelo de análise baseia-se num percurso que vai do nível mais elementar, o dos signos, até o nível mais complexo, o das formas de vida; o percurso gerativo da expressão possibilita a análise de diversas semióticas-objeto, pois promove a “mediação entre os elementos constitutivos das semióticas-objeto (signos, textos-enunciados e objetos) e sua integração aos sistemas semióticos da cultura (estratégias e formas de vida)” (SILVA; PORTELA, 2012, p. 54). A partir desse modelo de análise será investigada a existência de uma prática *desnoticiosa*, ou seja, um conjunto mais ou menos estabilizado de composição dos *blogs* analisados que caracterizam o fazer *desnoticioso*.

A pesquisa, portanto, será edificada a partir de estudos sobre a enunciação em Greimas (1974) e também em Fontanille (2007), que repensa as questões referentes ao assunto em sua obra “Semiótica do discurso”. Outras leituras acerca do tópico se encontram nas obras de José Luiz Fiorin (2005) e Diana Luz Pessoa de Barros (2002). O objetivo principal desse trabalho, que é a investigação da existência de uma prática *desnoticiosa*, traçará hipóteses a partir dos pressupostos teóricos do semiótico francês Jacques Fontanille (2008) presentes em sua obra “Pratiques sémiotiques”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na coleta de dados, observamos que os dois portais postam e armazenam as reportagens de forma diferente: o *site Sensacionalista* não informa a data da publicação das matérias e não mantém um arquivo das que já foram produzidas; as *desnotícias* mais antigas

são acomodadas em diferentes seções e cada seção conta com diversas páginas que podem ser consultadas. Já o *The Piauí Herald* produz as *desnotícias* informando data e hora da postagem, possibilitando, a partir de um arquivo, que o leitor resgate as matérias *desnoticiosas* a partir da data que foram produzidas.

Pela impossibilidade em detectar a data das postagens do *site Sensacionalista*, foi necessário acompanhar a atualização do *site* por uma semana para compreender a periodicidade com que as *desnotícias* eram postadas. Imagens do portal foram tiradas por sete dias, sempre no mesmo horário – 14h –, a fim de acompanhar a atualização do portal e responder às perguntas: quantas vezes a página inicial do *site* é atualizada? Todas as seções são renovadas ou apenas algumas delas? O que é atualizado com mais frequência? Apenas a partir dos resultados obtidos seria possível passar do critério temporal e quantitativo ao critério temático de escolha do *cópus*.

Observou-se que o *site* é atualizado diariamente e conta com o total de 21 matérias *desnoticiosas* em sua página. No período de uma semana, 168 reportagens ocuparam a página do *Sensacionalista*; 81 delas eram inéditas, enquanto as 87 restantes se tratavam de reportagens mais antigas que foram “reaproveitadas”. As seções que mais frequentemente são atualizadas são as duas primeiras, que, pela posição que ocupam na página, ganham destaque, e que a menos atualizada é a quarta parte, que se trata da lista de “Mais Lidas”.

O *layout* do *site Sensacionalista* foi modificado no período que seguiu a primeira coleta de dados realizada e aqui detalhada, porém a mudança foi meramente organizacional. As seções descritas acima permanecem com poucas modificações, ainda obedecendo os critérios temporais e de atualidade. A mais significativa mudança foi a adição de uma seção de vídeos produzidos pelo próprio *site*; tratam-se das usuais reportagens *desnoticiosas* narradas e acompanhadas de montagens, fotografias e pequenos vídeos relacionados. Tais produções não foram incorporadas na coleta de dados por se tratarem de mudanças recentes, mas não descartamos a utilização desse material, caso seja de interesse da pesquisa, posteriormente em seu decorrer.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

A fim de definir as “*desnotícias*” primeiramente faz-se necessário caracterizar o gênero textual jornalístico e identificar nos *blogs* escolhidos as semelhanças com grandes portais de notícias que veiculam notícias reais. Nessa etapa é imprescindível investigar os principais esforços, por parte dos criadores dos *blogs* de *desnotícias*, ao emular os jornais de prestígio cujas plataformas *online* servem de referência aos objetos de estudo. A partir do que já está bem definido e estabilizado no gênero jornalístico, ocorrem as subversões que fazem as *desnotícias* possíveis.

Tais subversões pertencem ao campo da enunciação. Já foi possível observar que um dos mecanismos de funcionamento das *desnotícias* é a subversão de valores essenciais ao enunciado, assim como a quebra de cláusulas do contrato veridictório entre enunciador e enunciatário. Ora o enunciado é transgredido a nível narrativo, ora é transgredido a nível discursivo. Pretende-se investigar minuciosamente o funcionamento e as estratégias por trás dessas transgressões. No que diz respeito à veridicção, serão investigadas as novas cláusulas estabelecidas entre enunciador da *desnotícia* e seu enunciatário, assim como as modalizações presentes.

Para isso, contaremos com as leituras dos pressupostos teóricos básicos do trabalho. Baseando-se nas obras de Jacques Fontanille (2007, 2008), de José Luiz Fiorin (2005) e de Diana Luz Pessoa de Barros (2002) refletiremos acerca das questões enunciativas: marcas e modalizações veridictórias serão investigadas, assim como

A (IN)DISSOCIABILIDADE ENTRE LÍNGUA E CULTURA: UM OLHAR SOBRE A COMPREENSÃO INTERCULTURAL EM UM CONTEXTO DE TELETANDEM

Laura Braghini Zampieri (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 70, o termo tandem foi primeiramente usado para definir uma modalidade de ensino e aprendizagem baseada na interação de falantes de diferentes línguas e com o intuito de aprender uma nova língua e ensinar a sua própria (SALOMÃO; SILVA; DANIEL, 2009). Atualmente, o projeto “Teletandem: Línguas Estrangeiras para Todos” é desenvolvido na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP), nos campi de Araraquara, Assis e Rio Preto, e será material de estudo para o presente projeto, que pretende analisar a compreensão intercultural pelo olhar dos próprios interagentes por meio da técnica de visionamento.

A intrínseca conexão existente entre cultura e língua é o que guia a importância do estudo da compreensão intercultural no mundo atual e fomenta o desenvolvimento desse projeto. Segundo Dourado e Poshar (2010, p. 34), “a indissociabilidade entre língua e cultura é cada vez mais visível no mundo globalizado, no qual urge uma educação intercultural, em que cultura e língua caminhem lado a lado como fatores fundamentais na promoção de uma convivência compartilhada no planeta”.

Cultura é um meio pelo qual as pessoas podem interagir, se conhecer e compartilhar ideias, a língua é a ferramenta que temos para fazer com que isso aconteça, assim, analisar a forma com que as pessoas enxergam a sua própria cultura e a cultura do outro, e como elas entendem essa compreensão intercultural é de extrema relevância.

A importância de uma compreensão intercultural no meio do ensino e aprendizagem tem sido um assunto amplamente discutido entre teóricos. Na última Conferência Internacional BRAZ-TESOL, em 2016, Yilin Sun¹, presidente do TESOL (*Teachers of English to Speakers of Other Languages* - associação internacional composta de professores de inglês para falantes de outras línguas), discutiu o futuro do ensino e aprendizagem de inglês. A estudiosa chinesa apontou diversas tendências no ramo, baseados nos 7Cs, descrito por Trilling e Fadel (2009), uma dessas tendências é a compreensão intercultural.

Dessa forma, a preocupação dessa pesquisa é contribuir para a reflexão sobre como ocorre o processo de compreensão intercultural nas interações de Teletandem, como os interagentes falam sobre sua própria cultura e como a mediação das sessões pode influenciar na reflexão do interagente sobre os elementos culturais.

OBJETIVOS

O objetivo geral desse projeto é analisar e discutir a compreensão intercultural vista pelos olhos dos participantes de uma interação de Teletandem. Especificadamente, os objetivos são, primeiro, observar e analisar como os participantes veem a sua própria cultura e como falam sobre ela durante as sessões e de que forma os participantes interpretam os elementos culturais mencionados de uma interação na(s) sessão(ões) de mediação por meio da técnica de visionamento. Segundo, apresentar uma proposta de mediação que instigue a compreensão intercultural e autonomia com questões norteadoras que levem o interagente a refletir sobre os elementos culturais presentes no Teletandem.

Assim, colocam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Como ocorre o processo de compreensão intercultural nas interações de Teletandem?
- 2) De que forma a mediação pode ser conduzida para fomentar a compreensão intercultural?

REFERENCIAL TEÓRICO

¹ YILIN SUN. *Co-constructing English teaching and learning through glocalization*. Brasília. 15 jul. 2016. Palestra ministrada na Conferência Internacional BRAZ-TESOL.

O presente projeto tem como base dois pontos principais: a cultura e a interculturalidade no ensino de línguas e o ensino e aprendizagem de línguas por meio do Teletandem. A seguir, descreveremos o referencial teórico escolhido que aborda esses pontos.

Quanto à cultura, Claire Kramersch (2013) descreve cronologicamente a relação entre linguagem e cultura dentro do contexto da Linguística Aplicada. Segundo a teórica, em meados dos anos 80, surgem estudos sobre a comunicação intercultural, os quais, dentro da Linguística Aplicada, referem-se ao ensino e aprendizagem de uma língua. Na Europa, o estudo sobre educação intercultural, segundo Kramersch (2013), “[...] lida com a identidade cultural dos aprendizes de uma língua, estereótipos culturais e a dialética entre o Eu e o Outro. Tem como objetivo promover tolerância, empatia, transformação pessoal e conhecimento intercultural”.²

Patrick R. Moran (2001), outro teórico que aborda o tema da cultura, abraça e aceita o fato desse termo ser complexo por natureza, mas ao mesmo tempo busca fornecer uma abordagem mais didática para essa complexidade. A partir disso, o autor estabelece cinco dimensões da cultura: produtos, práticas, perspectivas, comunidades e pessoas.

A partir do momento que o objetivo desse trabalho é analisar a compreensão intercultural em interações de Teletandem, essas cinco dimensões irão nos ajudar a descrever os artefatos culturais observados nas sessões. A fundamentação teórica apresentada por Kramersch (2013) também servirá de base para esse projeto, por ela discutir pontos imprescindíveis, como a história da cultura e a ligação entre esta e língua.

Quanto à interculturalidade, Liddicoat (2011) refere-se ao intercultural como proveniente da relação entre língua e cultura no qual o aprendiz desenvolve uma identidade intercultural como resultado do contato com outra cultura através do aprendizado de uma língua. As considerações desse teórico sobre interculturalidade também servirão de base para o trabalho.

Quanto ao ensino e aprendizagem de línguas por meio do Teletandem, Salomão, Silva e Daniel (2009) descrevem o surgimento do termo e seus princípios. Segundo as autoras, o nome *tandem* foi primeiramente usado nos anos 70 na Espanha, quando estudantes começaram a aprender e ensinar línguas de forma autônoma, com ou sem ajuda de um professor. Os três princípios básicos de ensino em tandem são: a autonomia, igualdade e a reciprocidade.

O primeiro princípio, da autonomia, pode ser definido como “[...] a capacidade ou prontidão para analisar as suas necessidades, traçar seus próprios objetivos e as estratégias e métodos para alcançá-los” (SALOMÃO; SILVA; DANIEL, 2009, p. 80). Ele se baseia em dar ao indivíduo a capacidade de se formar como um aprendiz agente, ou seja, responsável pelo seu próprio aprendizado. Em sessões de (tele)tandem, os alunos são muitas vezes livres para escolher o seu próprio método de ensino/aprendizagem, por isso, a habilidade de ser um agente capaz de tomar decisões sobre o estudo é de extrema importância.

O segundo princípio é o da igualdade, a partir do qual as duas línguas serão usadas separadamente e por tempo igual, favorecendo a isonomia de oportunidades de prática entre os parceiros. Vassallo e Telles (2006) nomeiam este princípio de separação das línguas.

Por fim, o terceiro princípio é o da reciprocidade, ou seja, os interagentes auxiliam-se de forma recíproca, dando e recebendo ajuda. Salomão, Silva e Daniel (2009, p. 90) afirmam que “deve haver uma relação colaborativa entre o par, na qual ambos, concomitantemente, sejam responsáveis pela sua própria aprendizagem e, igualmente, responsáveis pela aprendizagem de seu parceiro”. Em um contexto de (tele)tandem, os participantes fazem o papel do aluno e do professor, por isso, deve haver uma troca durante as sessões por parte deles.

No presente trabalho, iremos nos basear mais profundamente no princípio da autonomia, pois um dos objetivos desse projeto está intrinsecamente ligado com esse

² Tradução nossa de: “[...] it deals with the cultural identity of language learners, cultural stereotypes and the dialectic of Self and Other. It considers its goal as promoting tolerance, empathy, personal transformation and cross-cultural understanding”. (KRAMSCH, 2013, p. 307)

princípio, uma vez que pretendemos desenvolver uma forma de mediação que possa auxiliar o interagente nesse sentido.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método científico aplicado na pesquisa será o qualitativo, visto que essa metodologia tem como característica a abertura do processo de investigação, o qual pode se transformar e evoluir no decorrer da pesquisa. Dörnyei (2007, p. 37) afirma que “nenhum aspecto da pesquisa está fortemente predefinido e o estudo é mantido aberto e fluente para que ele possa responder de forma flexível a novos detalhes e aberturas que por ventura emergam durante o processo de investigação”³. Além disso, segundo o autor, isso faz com que o/a pesquisador(a) comece a pesquisa com uma mente aberta e sem padrões predefinidos, o que se encaixa melhor nos nossos objetivos.

O autor ressalta que o papel do pesquisador em pesquisas qualitativas é fundamental, uma vez que “a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, o que significa que o resultado é derradeiramente o produto da interpretação do subjetivo que o pesquisador tem dos dados”.⁴

O trabalho será baseado no estudo de um fenômeno, a compreensão intercultural vista pelos olhos de três duplas de participantes de interações de Teletandem, e por esse motivo classifica-se como um estudo de caso (MEIRINHOS; OSÓRIO, 2010). Para a coleta de dados, utilizaremos recursos como: questionários (inicial e final), as gravações em áudio e vídeo das sessões de interação de teletandem, as gravações das sessões de mediação, os diários reflexivos dos participantes e uma entrevista final. Para compreender a perspectiva dos participantes da pesquisa no que tange às questões interculturais, será utilizada a técnica de visionamento, que funcionará dessa forma: depois que os participantes interagirem com os seus pares, a pesquisadora vai assistir as gravações das mesmas e selecionar trechos para usar na sessão de mediação. Em tais sessões, os participantes brasileiros assistirão os trechos das gravações junto com a pesquisadora, que buscará fomentar uma discussão sobre os elementos culturais e a forma como foram tratados durante a sessão de interação.

Após a coleta de material, a pesquisadora transcreverá as gravações das interações e das mediações com sessões de visionamento. Esses serão os dados primários da pesquisa, que também se servirá dos diários reflexivos dos participantes e dos questionários e entrevista para triangulação das perspectivas, a fim de analisar o processo de compreensão intercultural.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Esperamos que a partir das observações das interações de Teletandem feitas pelos próprios participantes, eles possam refletir sobre os elementos culturais trabalhados durante as sessões e que possamos analisar tal reflexão. Juntamente a isso, almejamos desenvolver uma mediação que foque no âmbito cultural, usando o visionamento com questões norteadoras como forma de fazer com que os participantes tenham subsídios para refletir sobre a compreensão intercultural presentes no Teletandem e que isso promova a autonomia dos alunos. Por fim, pretendemos que essa mediação sirva como exemplo para projetos futuros em pesquisas sobre Teletandem.

³ Tradução nossa de: “[...] no aspect of the research design is tightly prefigured and a study is kept open and fluid so that it can respond in a flexible way to new details or openings that may emerge during the process of investigation”. (DÖRNYEI, 2007, p. 37)

⁴ Tradução nossa de: “Qualitative research is fundamentally interpretive, which means that the research outcome is ultimately the product of the researcher’s subjective interpretation of the data”. (DÖRNYEI, 2007, p. 38)

PORTUGUÊS LÍNGUA DE HERANÇA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PELA LINGUAGEM DE UMA CRIANÇA FRANCO-BRASILEIRA

Letícia Thurler de Campos Marques (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Devido à globalização do século XXI, o crescimento econômico do Brasil e a favorável mobilidade internacional de brasileiros, desde o final do século XX o número de crianças que cresce falando mais de uma língua está em constante crescimento e, segundo Richard Tucker (1999), já ultrapassa o número de crianças monolíngues. Isso ocorre devido às maiores chances de mobilidade internacional e o desaparecimento de fronteiras, que diminui as distâncias espaciais, culturais e temporais e permite maior intensidade e imediação na comunicação entre os sujeitos (SILVA, 2009). Quanto ao Brasil, isso acontece devido à figurativização do país em termos socioeconômicos e políticos no cenário mundial, fator que intensifica o processo de emigração de brasileiros para o exterior ainda mais no século XXI. Neste estudo, portanto, busco investigar a construção do processo identitário do sujeito através da afetividade que ele demonstra com a língua de herança (LH) em seu período crítico de aquisição da linguagem (DEL RÉ, 2006).

OBJETIVOS

Objetiva-se explorar nesta comunicação individual como o falante que cresce em contato com duas línguas – sendo o português como Língua de Herança – identifica-se enquanto sujeito multicultural em relação ao contexto heterogêneo em que está inserido, considerando que ele experimenta deslocamentos e desestabilizações identitárias desde o nascimento e, como consequência, expressa sua subjetividade a partir do diálogo com a interculturalidade. Além disso, pretende-se realizar uma reflexão acerca da dinamicidade da língua e do processo de formação da voz do sujeito enquanto indivíduo tanto singular quanto coletivo ao considerar que ambos os elementos são permeados por mais uma situação linguística e se colocam como elementos de formação histórica, cultural e social.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado e se apoia nas teorias linguísticas de Flores (2013, 2014, 2015), Almeida Filho (2014, 2015, 2016) – que discutem a atual circunstância da Aquisição e do Ensino e Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira e do Português como Língua de Herança no mundo – e Lo-Philip (2010) – que discute o processo identitário do sujeito falante de herança – sob uma perspectiva bakhtiniana da aquisição da linguagem.

Enquanto um sistema linguístico resultado de estabilização de linguagem, o conceito de língua será abordado aqui como uma atividade de organismo vivo e dinâmica, sendo uma manifestação da significação humana na história. É nela e por ela que se estabelecem interações entre sujeitos de uma determinada comunidade com aspectos socioculturais específicos. Tomamos língua e cultura, então, como indissociáveis, já que a primeira está sempre carregada de enunciados próprios que advém dos mais diversos fatores socioculturais de um próprio sujeito ou comunidade singulares. De acordo com Boas (2014) a língua parece constituir, antes de tudo, uma herança cultural e um ato de identidade entre sujeitos de uma comunidade.

Dessa forma, ainda que a classificação de um tipo de língua ou aspecto linguístico seja de difícil denominação e um ato muito perigoso – pois supõe uma restrição e limitação de diversos fatores inexatos –, faz-se necessário denominar LH para fins de direcionamento e aprimoramento de uma área de estudos ainda nova. Sendo assim, tomamos LH nesta pesquisa como

uma especialidade de PLE (Português como Língua Estrangeira) [que] se caracteriza como um contexto em que o Português e a cultura (brasileira, no nosso caso) são ensinados a filhos de brasileiros imigrados no exterior. O termo “herança” se refere ao desejo de preservação ou recuperação da língua

e cultura nacionais do Brasil como capitais herdados de pais nativos ou quando pelo menos um deles é brasileiro (a) residindo com a família num outro país (ALMEIDA FILHO, 2016).

Bem como a terminologia das línguas, as mais diferentes definições compreendem também distintos perfis de FH: “não existe um perfil sociolinguístico homogêneo deste tipo de falante” e “a competência do falante de herança é fruto de um processo de aquisição particular” (FLORES, 2001): porque a língua é um organismo vivo que sofre constantes variações e mudanças dadas por influências socioculturais, cada um deles traz consigo diferentes relações com a língua, seja ela sua língua materna, língua estrangeira ou língua de herança.

No caso do FH, o contato que ele tem com cada uma das línguas varia em gênero e, constantemente, frequência ao longo dos anos: a criança geralmente tem maior contato com a LH nos primeiros anos, dentro de casa, mas, a partir do momento em que entra na escola, a língua da sociedade comumente se torna maioritária e dominante. De acordo com Flores (2001), o grau de exposição à língua da família é ainda mais limitado nesses períodos e as situações de exposição linguística são menos variadas. Percebe-se um input limitado à língua de herança bem menor do que se tem na língua da sociedade.

A identidade de um falante de herança é, portanto, entendida neste estudo como produto de apreensões do meio social através da língua, já que é ela quem permite ao sujeito agir e reagir sobre a maneira de enxergar o mundo por si em relação aos outros, o que ocorre sempre em um jogo dialógico de subjetividades e singularidades entre os sujeitos. Para tal, o termo “processo identitário” implica que, assim como a cultura e a língua, a identidade do homem tem formação dinâmica e sofre constantes mudanças ao longo da vida. Ela nunca será um produto exato e nunca está completamente formada. De acordo com Scarpa (2014), já

a língua estrangeira impõe reorganizações para o sujeito, o que pode levar a deslocamentos identitários e à desestabilização do que parecia fixo; a constituição do sujeito, que se dá na e pela linguagem, faz com que tomem corpo outras visões de mundo a partir de uma segunda língua e do vínculo forte entre língua e cultura nesse processo.

Sendo assim, o FH enquanto bilíngue experimenta tais deslocamentos e desestabilizações desde o nascimento, de maneira que expressa sua subjetividade a partir de mais de um contexto sociocultural.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentando um estudo de natureza qualitativa do tipo naturalística, o objetivo deste trabalho é retratar a dificuldade de classificar línguas a exemplo da complexidade de definição de LH e, a partir de então, interpretaremos dados de um FH que contribuam para o seu processo identitário. Esse tipo de estudo frequentemente é utilizado na área de ensino e aprendizagem de línguas e permite o uso de instrumentos que auxiliam na coleta de dados para a formação do corpus de forma a observá-los com maior precisão. Portanto, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo naturalística.

O contexto de investigação da pesquisa será o ambiente familiar em uma casa da França com pai francês e mãe brasileira, emigrada para o país há alguns anos, com a filha ainda pequena nascida na França, mas com algumas partes da escolarização em francês e outras partes posteriores em português brasileiro de volta ao país de origem.

O corpus especificado se encontra em um banco de dados do grupo NALingua (Del Ré et al 2016) gravado durante o período de um ano no formato de vídeos transcritos a partir das normas CHAT, do programa CLAN, fornecido pela base de dados CHILDES (MACWINNEY, 2000).

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Durante os próximos meses, o estudo será dedicado ao aprofundamento de leituras sobre bilinguismo por herança e conceitos de cultura e identidade. Além disso, identificaremos segmentos dos vídeos da criança falante de português como língua de herança para posterior análise e discussão de sua formação identitária, sua subjetividade e singularidade em relação aos diferentes contextos socioculturais, observando as influências da cultura brasileira.

CONSTRUÇÃO DO ATLAS TOPONÍMICO INDÍGENA DE RORAIMA – ATIRR

Maria do Socorro Melo Araújo (UNESP/Araraquara – UERR/UFRR)

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o estudo dialetológico tem avançado no Brasil, e no extremo norte, ainda de forma incipiente, também despontam as primeiras pesquisas. Roraima, área de tríplice fronteira com Brasil-Venezuela-Guiana, é o estado do Brasil com a maior população indígena (IBGE, 2010) e de diversidade linguística e cultural extraordinárias. Nessa região, é comum que nomes de lugares em área indígena sejam em português como Boca da Mata, Bananal, São Jorge ou aportuguesados, confirmando que há, muitas vezes, uma vinculação do topônimo com uma língua indígena, como Contão, Sorocaima e Surumu (ARAÚJO, 2014), entre muitos outros, demonstrando intensa relação entre línguas e culturas.

Motivado por esse contexto e com o intuito de não divergir dos estudos sistemáticos de base toponímica no Brasil, o Atlas Toponímico Indígena de Roraima – ATIRR fundamenta-se no método de áreas de Albert Dauzat (1926) que permite o remapeamento do território em regiões, considerando a onomástica (objeto de investigação) e a geografia do estado de Roraima, no reconhecimento de aspectos linguísticos, diversidades gramaticais, semânticas de natureza etnográfica.

As comunidades indígenas estão distribuídas em quase todo o estado, o que possibilita ao indígena, na maioria, um permanente contato com o não índio. Registros dessa relação já foram percebidos no início século XX, embora com outros olhares, pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg em suas expedições pela Amazônia no período de 1911 a 1924, como fundamentam os estudos literários. Em caravana, o antropólogo parte de Manaus, via rio Negro, em uma lancha a vapor que também transportava passageiros comuns da região, em direção aos “*campos gerais*, (...) que se estendem para além do Uraricoera, bem para o norte, até o Roraima” (p.39), Monte Roraima¹. A descrição social e geográfica de Grünberg traduzem a real impressão daquilo que ele via no extremo norte do Brasil e que possivelmente tenha sido motivação para os acidentes físicos e humanos daquela região.

Para este estudo, o problema de pesquisa, desdobrado em questões, procura saber o que motivou uma sociedade/povo/nominador a escolher um determinado nome para batizar um acidente físico ou humano. Desse modo, qual a importância da atual denominação e, ainda, se o topônimo foi o primeiro, se é oficial ou se já recebera outro anteriormente e o que pode ter ocasionado a substituição de um topônimo por outro? A pesquisa está orientada pela hipótese de que em toda toponímia indígena, mesmo aqueles topônimos em língua portuguesa, há quase sempre outro topônimo na língua indígena subjacente ao topônimo atual, evidenciado pelos estratos linguísticos.

A importância devida a estudos no mote está na capacidade de reconstituir uma história e de contribuir para salvaguardar a memória de um grupo social. Dessa forma, as análises toponímicas demonstrarão, por meio de marcas linguísticas (gramaticais ou semânticas), o contato de diferentes línguas indígenas com a língua portuguesa no momento do batismo do lugar, e a motivação da escolha do nome, considerando os valores étnicos e culturais registrados que subjazem nos topônimos.

¹ Montanha localizada na tríplice fronteira, Brasil-Venezuela-Guyana a 320 Km de Boa Vista.

OBJETIVOS

Geral:

Catalogar os registros onomásticos toponímicos de acidentes físicos (serra, rio, igarapé, lago e outros acidentes geográficos) e antropoculturais (cidade, comunidade, vila, fazenda, sítio e outros acidentes humanos) registrados em cartas municipais cuja origem advém de línguas indígenas, com ênfase nos fatores sociolinguísticos e histórico-culturais motivadores dos topônimos, com o fim de construir o Atlas Toponímico Indígena de Roraima - ATIRR.

Específicos:

- (i) Reconhecer estratos lexicais presentes nos topônimos roraimenses, cuja origem aponta para línguas indígenas;
- (ii) Compreender a motivação toponímica resultante de diversidade étnica;
- (iii) Identificar influências do contato de línguas existente na região de fronteira (aspectos gramaticais e semânticos).

REFERENCIAL TEÓRICO

Ainda no século XIX, Franz Boas, antropólogo alemão, estudou línguas de povos indígenas da costa do Pacífico com o objetivo de relacionar língua e cultura, seguido pelo antropólogo norte-americano Edward Sapir e pelo engenheiro químico, também estudioso de antropologia, Benjamin Lee Whorf. Para Sapir (1969) a linguagem como “simbolização da cultura” pode ser considerada como uma bússola para a realidade social, visto que as pessoas estão à mercê da língua como ferramenta particular da comunicação. Nesse sentido, Chambers e Trudgil (1984, p.81-82 *apud* CARDOSO, 2010, p. 50), impulsionados pelas discussões acerca dos estudos dialetológicos apontam que “a variação social na língua é tão comum e importante quanto à variação espacial. Todos os dialetos são tão espaciais quanto sociais”, é verdade que o estudo do léxico toponímico remonta ao ato de nomeação do lugar, com as devidas considerações sociais e espaciais. Dessa forma, pode-se afirmar a importância dos estudos sobre linguagem e sua variação para a pesquisa toponímica.

Na opinião de Sapir a linguagem “consiste numa relação simbólica (...) e fisiologicamente arbitrária” (1971, p. 22-23), visão que vai de encontro ao ato toponímico, que é uma ação totalmente motivada, seja por movimentos históricos, geografia do lugar, sentimento do denominador, ou por outra razão que identifica a sociedade e vivifica a língua. O estudo onomástico identifica estratos linguísticos, o objeto de investigação, que podem tanto ser elucidados por procedimentos intra códigos, que não correspondem à recuperação total de um étimo ou de um conceito terminológico, quanto por processos extra códigos, estes muitas vezes não explicitados no aspecto formal do topônimo (DICK, 2010), de tal modo que reconstrói os aspectos sociolinguísticos e histórico-culturais de um povo.

Os estudos toponímicos se encontram na relação entre a Dialetologia com o objetivo de estudar as variações linguísticas apreciando o espaço geográfico, e a Onomástica. Assim, a ‘toponímia’ (do grego *topos*, “lugar” e *onoma* “nome”) significa estudo dos nomes de lugares ou de designativos geográficos, em dois aspectos, a) físicos: rios, córregos, morros, dentre outros e b) humanos, antrópicos ou cultural: aldeias, povoados, cidades, dentre outros (DICK, 1992). Para a autora (1992, p.25), o “vínculo estreito entre objeto denominado e o seu denominador é que remeterá a toponímia taxionômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica”.

Nesse sentido, o modo sistemático de construção dos atlas toponímicos faz parte desta contribuição, uma vez que o estudo toponímico reflete, fielmente, a relação entre língua, geografia, história e cultura, a partir da realidade do lugar, com suas alegrias e indignações, de forma individual ou coletiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia regida por Dauzat, já mencionada, considera ainda que caso haja outro mapeamento territorial feito pelos índios, deve-se também descrevê-lo. Os estudos de Dick (1990, 1992) fundamentarão a análise dos dados. O levantamento, a descrição dos topônimos coletados com base nas informações de cartas geográficas – escala de 1: 50 000 e 1: 100

000 - do IBGE (2010), em documentos oficiais e em visita *in loco*, email, web ou telefone que registrarão histórias narradas por pessoas antigas da região. O *corpus* levantado será armazenado em fichas léxico-gráfico-toponímicas, sistematizado, analisado e distribuído em categorias (semântico-motivacional) de acordo com taxionomia de Dick (1992).

As obras da autora em especial *Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de Estudos* (1992), *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990), *Investigação Linguística da Onomástica Brasileira* (2000) e *A dinâmica dos nomes na toponímia da cidade de São Paulo* (1996) é a literatura principal para pesquisadores da área no Brasil. Neste estudo o arcabouço literário descrito fundamenta os estudos linguísticos de Lexicologia, Sociolinguística e Dialectologia dos sintagmas toponímicos.

Outros atlas toponímicos indígenas estão sendo consultados como revisão de literatura para este trabalho, como o ATITO - Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins; ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais; Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: Gênese e Trajetória; ATOBAH - Atlas Toponímico da Bahia, entre outros. Todos, como o ATIRR, fazem, ou se propõem a fazer, parte do grande Projeto ATB - Atlas Toponímico do Brasil idealizado pela professora Dick (USP) e ampliado por diversos estados brasileiros. No entanto, o ATIRR apresentará as características peculiares do extremo norte brasileiro, com suas heterogeneidades e semelhanças.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

A proposta de construção do ATIRR nasceu como projeto de tese apresentado ao DINTER UERR/ UNESP-Araraquara/UFRR, se encontra em fase inicial com algumas medidas já efetivadas. Nesse momento, poderá contar com o grupo de estudos e pesquisas LEPSOR – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Semântica e Onomástica de Roraima, cadastrado na Pro reitoria de Pesquisa da UERR. Por meio do grupo, a construção do ATIRR poderá contar, na fase de coleta de corpora, com os acadêmicos de graduação e pós-graduação que já pesquisem na área de toponímia. As atividades de estudo acontecerão em encontros mensais para discussão e análise dos dados coletados pelos pesquisadores, além de socialização de estudos teóricos para embasamento científico, dessa forma, é possível obter-se dados que farão parte do projeto macro.

Outra informação importante, a exemplo da USP – Universidade de São Paulo, é que o curso de letras da UERR implantou “Introdução aos estudos toponímicos” como disciplina eletiva, medida importante para o futuro dos estudos toponímicos em Roraima. O desafio de o estudo toponímico entrar no currículo de letras como disciplina possibilita o interesse de acadêmicos pelo tema, com fim de realizar pesquisas de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, além de abrir espaço para acadêmicos de outras áreas como geografia ou história em caráter interdisciplinar, que é viés do ensino toponímico. Dessa forma, a ciência onomástica chancela sua importância nos estudos de graduação e pós-graduação da universidade estadual, absorvendo além de conhecimentos linguísticos, os sociais, históricos, culturais e geográficos.

AS POTENCIALIDADES DO *BLENDED LEARNING* NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E NA INTEGRAÇÃO CURRICULAR: UM ESTUDO A PARTIR DA DISCIPLINA DE LÍNGUA INGLESA

Maria Glalcy Fequetia Dalcim (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

No trabalho com alunos do Ensino Médio Integrado a Cursos Técnicos, uma das recorrentes demandas pauta-se na real integralidade do currículo da Base Nacional Comum com os Componente Técnicos (ALMEIDA e VALENTE, 2012). Todo o processo de organização temporal, a disposição dos conteúdos, utilização de estratégias e metodologias, alcance e manutenção do engajamento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem requer cuidado e equilíbrio – a utilização de tarefas presenciais, aulas expositivas de caracterização passiva do aluno podem acarretar desestímulo e inapetência (GARRISON e

ANDERSON, 2003). No empenho de se traçar caminhos que divirjam desse desestímulo e inapetência, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, seus avanços e interligações, é visto por muitos autores (PERRENOUD, 2000; PAIVA, 2001; VALENTE, 2002; MORAN, 2005; TORI, 2010; BRAGA, 2013; LEFFA, 2014) como meio assertivo e favorável para o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, imergi-los no oceano digital, apesar de serem considerados como provenientes dessa geração (KENSKI, 2007) pode suscitar um descaminho frente à enormidade desse universo multimodal tecido por seus hiperlinks dinâmicos e altamente versáteis.

Na diligência pela integralidade do currículo de Língua Estrangeira Moderna às demais áreas dos Cursos Técnicos Integrados, a hibridação do ensino presencial e online dispõe-se como estratégia promissora, principalmente pela desconstrução das barreiras temporais e espaciais (TORI, 2010). Nessa perspectiva, o presente projeto pretende analisar as potencialidades do chamado Blended Learning (BL) como um grande propiciador de contato e constituinte da tríplice currículo integrado / ensino-aprendizagem de LEM / novas tecnologias, no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia de aprendizes de Ensino Médio Integrado.

Tendo por foco essa realidade, o presente projeto busca responder aos seguintes questionamentos:

- (i) Quais reflexões podem ser depreendidas da leitura dos documentos legais, bibliografias e trabalhos acerca das especificações da integralidade curricular dos cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico?
- (ii) Quais as características e potencialidades da modalidade híbrida ou “Blended” aprendizagem e construção de autonomia do aluno?
- (iii) Quais possíveis contribuições que a modalidade híbrida ou “Blended” podem ofertar para potencializar uma práxis integradora na formação do educando do ensino médio integrado, incorporadas a disciplina de LEM - Inglês?

Por se evidenciar em um panorama relativamente novo, trabalhos e produções recentes veem pontuando desafios e inconsistências na atuação do professor de Ensino Médio Integrado e na constituição dos documentos norteadores como propostas curriculares, ementas e planos de curso e/ou disciplina. No entanto, tais pesquisas ainda são expressas em volume insuficiente frente o montante do campo a ser vislumbrado.

Estivalette (2014) analisou o Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal Catarinense, Campus Rio do Sul, e observou a matriz curricular contendo componentes da área técnica e componentes do ensino propedêutico. Porém, segundo o autor, a dinâmica de articulação desses componentes se apresenta de forma justaposta, de tal modo que se observa, somente em casos pontuais, o aparecimento de práticas interdisciplinares cuja significação nos parece mais relevante para construção do conhecimento por parte do discente e seu necessário preparo para a vida (p.28).

Cardoso (2008) destaca a constância no desafio da articulação ou integração entre o ensino médio e a educação profissional de nível técnico, pois implica na superação da estrutura dual que sempre marcou a educação no Brasil, mais especificamente o ensino médio. Ressalta ainda que essa dualidade vai além – é uma superação da dualidade de classes (p.9).

No trabalho de Costa (2012), buscou-se revelar as realizações e dificuldades identificadas por estudantes (terceiro ano) do curso técnico em Agropecuária do Instituto Federal do Pará, Câmpus Castanhal, quanto à operacionalização (realização, funcionamento, ação) do Ensino Médio Integrado. Entre as dificuldades narradas nos resultados destacam-se a fragmentação da matriz por disciplinas. Essas, por sua vez, orientam o curso que, mesmo organizadas em eixos, não asseguraram o ensino integrado, evidenciando a dualidade nas práticas de ensino e de fragmentação dos conhecimentos gerais e específicos.

Para Bezerra e Jovanovic (2015), a “forma integrada” pressupõe e requer o trabalho integrado da comunidade escolar e interdisciplinar da comunidade docente. Na contramão, o Ensino Médio Integrado ao técnico será apenas um Ensino Médio justaposto à educação profissional técnica. Os autores discutem como o que é historicizado se relaciona na

elaboração da dimensão do planejamento de ensino do Componente Curricular Língua Estrangeira – Inglês do Ensino Médio Integrado ao Técnico. Elucidam ainda a necessidade do equilíbrio – se privilegiarmos o trabalho com textos da área profissional, podemos sinalizar um descompromisso com a formação humana integral. Por outro lado, estar sob o amparo de uma abordagem ou enfoque instrumental pode acenar para uma finalidade prática que não leva ao aprofundamento da compreensão do mundo em que se vive (p.115).

Apesar do panorama crescente de oferta de cursos pelos Institutos Federais, o olhar para o Ensino Médio Integrado ainda é desviado. Em muitas instituições vão além – forças-tarefas são constituídas para a não oferta dos cursos integrados, mesmo resguardados por lei - 50% cursos ofertados pelos Institutos Federais devem se enquadrar nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Nessa perspectiva, o presente projeto pretende analisar as potencialidades do chamado Blended Learning (BL) na constituição da tríplice - currículo integrado / ensino-aprendizagem de LEM / novas tecnologias.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto é verificar quais as potencialidades da modalidade híbrida ou “Blended” na real integralidade curricular de Cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico, a partir da perspectiva da disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, e na aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia dos alunos.

No enveredamento a tal objetivo geral, alguns específicos guiam o olhar:

- (i) Pesquisar as principais referências legais, bibliografias e trabalhos relacionados a estruturação curricular de Cursos de Ensino Médio Integrado;
- (ii) Discutir as potencialidades da Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino-aprendizagem de línguas;
- (iii) Explorar as principais referências acerca da modalidade híbrida ou “Blended Learning” no processo de ensino-aprendizagem.
- (iv) Verificar as possíveis contribuições dessa modalidade na integralidade curricular através da disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, e na aprendizagem e desenvolvimento da autonomia dos aprendizes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para amparar discussões, compreender a realidade do contexto de investigação e iluminar a análise no presente projeto, a revisão da literatura que subsidiará todas as ações anteriormente expostas, será organizadas em cinco partes:

- (i) As bases legais do Ensino Médio Integrado no Brasil e a disciplina de LEM - Inglês – Nesta seção apresentaremos uma revisão sobre os principais documentos instauradores e norteadores do Ensino Médio Integrado e como a disciplina de Língua Estrangeira Moderna (LEM) – Inglês é contemplada nesse panorama.
- (ii) Concepções de língua e linguagem – o papel e a realidade – Nesta seção discutiremos as concepções de língua e linguagem dentro de um percurso histórico (Saussure, 2000; Chomsky, 1986; Bakhtin, 2006; Vigotski, 2005 e 2008; entre outros) chegando aos pressupostos expostos pela literatura contemporânea e pelos documentos oficiais vigentes.
- (iii) As novas tecnologias e o ensino-aprendizagem de línguas – O papel das novas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem de línguas (Paiva, 2014; Barton e Lee, 2015; Leffa (org.) 2016; Kenski, 2006; Lima (org.) 2013; Tori, 2010; entre outros) e os processos de reculturação, reestruturação e reorganização temporal (Fullan, 1996 e 1999) por elas desencadeados serão abordados nesta parte.
- (iv) A construção da autonomia e as novas tecnologias – Nesta seção apresentaremos uma revisão da literatura sobre a construção de autonomia no

contexto das novas tecnologias (Freire, 1996; Nicolaidis, 2003; Sprenger, 2004; Collins, 2008, Benson (2006, 2007, 2008, 2011; entre outros).

- (v) Blended Learning ou Ensino Híbrido – Nesta parte, discutiremos as definições, características e práticas significativas do Blended Learning ou Ensino Híbrido, com foco na aprendizagem do aluno e na construção da autonomia (Bonk e Grahan, 2006; Staker e Horn, 2012; Whittaker, 2013; Valente, 2014; Powell, et al, 2015; entre outros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A apresentação dos procedimentos metodológicos e instrumentos de coleta e seleção de dados no presente trabalho se pautará em Larsen-Freeman e Long (1991) quando os autores pontuam os quatro aspectos que desenham uma pesquisa em aquisição de segunda língua:

- (1) *metodologia;*
- (2) *cenário;*
- (3) *instrumentos;*
- (4) *medição.*

1. Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de base qualitativa, tendo como método de investigação a pesquisa exploratória que recorrerá à pesquisa bibliográfica e documental, no que tange as cinco partes expostas anteriormente na fundamentação teórica.

Um segundo desdobramento apresentará uma análise de atividades desenvolvidas com os alunos de cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico dos cursos de Lazer, Agroindústria e Mecatrônica, bem como as reflexões levantadas pelos participantes durante o planejamento, implementação e avaliação das ações no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa. Destaca-se aqui o papel da pesquisadora como responsável por todas as etapas do processo, sendo essa também a professora responsável pelas turmas.

Essas atividades e reflexões serão oriundas da proposta de trabalho na modalidade *Blended* – ações mescladas em sala de aula e em ambientes virtuais.

Desta forma, o presente projeto pode caracterizar-se como pesquisa-ação, pois, segundo Richards e Lockhart (1994) a pesquisa-ação refere-se uma investigação em sala de aula de iniciativa do professor que busca ampliar seu entendimento sobre os processos de ensino e aprendizagem e, com isso, trazer mudanças nas práticas através de quatro fases: planejamento, ação, observação e reflexão.

2. Cenário

De acordo com Moita Lopes (1996), uma tendência atual da pesquisa na área de ensinar/aprender línguas é o foco no processo de ensinar/aprender, ou seja, pesquisa na sala de aula de línguas.

O presente projeto tem por cenário a sala de aula presencial, física, e as “salas de aula virtuais”- em plataformas como o Moodle, Wikispace, em redes sociais como Facebook e Instagram e em aplicativos como o Whatsapp. Será nesse contexto híbrido que se desenvolverão as atividades de Língua Inglesa para os alunos do Ensino Médio Integrado aos cursos técnicos de Agroindústria, Lazer e Mecatrônica, onde observaremos a relevância dessa modalidade na aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia dos alunos.

3. Instrumentos

Segundo Viana (2007), a coleta de dados é de extrema importância, pois são os dados darão sustentação e credibilidade à pesquisa. Neste contexto, o autor destaca três aspectos relevantes: a validade, a confiabilidade e a generalização. A generalização relaciona-se a aplicação dos resultados em contextos diferenciados. A confiabilidade refere-se à consistência e à replicabilidade da pesquisa. Apesar da validade estar mais relacionada a pesquisas experimentais, alguns autores defendem a validade em outros tipos de pesquisa através de questionamentos sobre a real medição ou representação dos dados.

Visando compreender esses três aspectos, os instrumentos de coleta de dados serão compostos de as atividades desenvolvidas pelos alunos, as avaliações realizadas por eles durante o processo, bem como as reflexões do professor-pesquisador.

4. Medição

A medição se pautará no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos bem como no aumento do grau de autonomia desses. Buscaremos verificar se as ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas na modalidade *Blended* contribuíram ou não na efetiva aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

No decorrer do primeiro semestre de desenvolvimento do presente projeto, foram realizados importantes levantamentos bibliográficos para embasamento e fundamentação teórica, bem como para a elaboração de materiais e atividades a serem desenvolvidas com os alunos. Outros aspectos otimizados relacionam-se a adequação do projeto para comitê de ética e a seleção de quais ambientes virtuais serão utilizados.

A perspectiva de desenvolvimento para os próximos semestres pautar-se-á no contínuo levantamento bibliográfico, na preparação, coleta e análise de dados, na disseminação e discussão de resultados parciais em seminários, encontros e congressos e na elaboração de relatórios parciais e finais.

Pretende-se, ao final dessa pesquisa, contribuir para as discussões sobre currículo integrado, ações e projetos integradores dentro das instituições que oferecem essa modalidade. Almeja-se também disseminar as discussões e a cultura do ensino híbrido ou *blended*, fortalecer a concepção da língua inglesa como uma disciplina/instrumento de integralidade curricular, além de explorar o desenvolvimento da autonomia colaborativa dos aprendizes.

A CONFIGURAÇÃO DA AUTORIA EM REDAÇÕES DO ENEM

Marianna Lima da Silva (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

A prova de redação tem grande importância no Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM. Os textos produzidos pelos candidatos são avaliados a partir das competências e habilidades que se espera que os alunos concluintes do Ensino Médio tenham adquirido até essa etapa da educação, que compõem a matriz de referências elaborada pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Essa matriz se divide em cinco competências, dentre as quais, destacamos a III: “Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista”.

Cada uma dessas competências permite a atribuição de seis possibilidades de nota entre 0 e 200 pontos, com um intervalo de 40 pontos entre elas. As duas notas mais altas da competência III atrelam à construção da argumentação do candidato a autoria, conforme descrição:

160 pontos – Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, *com indícios de autoria*, em defesa de um ponto de vista;

200 pontos – Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, *configurando autoria*, em defesa de um ponto de vista. (INEP, 2013)

Com base na descrição dessas notas, interessa-nos, neste trabalho, investigar como a autoria é concebida na/pela competência III, isto é, a relação entre o que se espera, a partir do que prevê cada uma de suas notas, e o que se produz, a partir do que o aluno entende como esperado para a avaliação. Professores de Língua Portuguesa envolvidos tanto com o

ensino quanto com a avaliação da produção de texto do ENEM têm demonstrado certa dificuldade em definir e identificar o que de fato configura autoria, o que justifica nosso interesse em investigar esse aspecto nas redações desse exame. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso de linha francesa (AD) tem muito a contribuir para a compreensão não só da avaliação dos textos de modo geral, mas desse aspecto específico que é a autoria.

OBJETIVOS

Como objetivos gerais, buscamos contribuir para a reflexão do profissional que atua no ensino e na avaliação de textos dissertativos, em contextos de sala de aula e de processos seletivos e avaliações educacionais, sobre a configuração da autoria nas redações do aluno/candidato.

Como objetivos específicos, buscamos:

- (i) investigar, a partir de uma amostra de redações do ENEM, o modo como a autoria se manifesta nos textos dos alunos/candidatos;
- (ii) analisar o modo como a autoria foi considerada na avaliação desses textos, que obtiveram notas inferiores a 160 na Competência III;
- (iii) identificar como o processo de escrita e o aluno/candidato são concebidos no processo de avaliação do ENEM.

REFERENCIAL TEÓRICO

A disciplina de Redação no Ensino Médio vem sendo moldada ao que se cobra e se propõe nos exames vestibulares e, por isso, o texto dissertativo-argumentativo tem tido tanta importância no ensino de Língua Portuguesa nessa etapa da educação. Por mais relevante que seja, esse gênero ainda merece atenção nas pesquisas acadêmicas. Quando nos deparamos, por exemplo, com a dificuldade de professores e avaliadores de definir ou de identificar a autoria em um texto é que percebemos a necessidade de investigar esse aspecto.

Ao eleger autoria, é preciso, então, analisar esses textos por uma perspectiva que ultrapasse os limites do texto. Brito (2011) propõe que a “redação no vestibular” seja investigada com um olhar que vai além das questões meramente linguístico-textuais. O autor cita Foucault (2002) ao defender que a redação também é “um dispositivo enunciativo sócio-historicamente condicionado”, ou seja, um conjunto de regras históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem, em uma dada época e para uma determinada área social, (...) as condições de exercício da função enunciativa”. É preciso que se estabeleçam certas condições sócio-históricas para que os gêneros discursivos sejam produzidos. No caso de uma redação, temos uma situação de avaliação em que o enunciador, ao produzir o texto que se pede, busca a aprovação naquele certame, e supõe a existência de uma banca elaboradora, que solicita a tarefa, e uma banca corretora, que avalia essa tarefa, ambas desconhecidas.

Conforme afirma Mussalim (2006), toda produção de linguagem pode ser considerada discurso, e, ao citar Maingueneau (1997), a autora lembra que estudar o discurso é se ocupar da linguagem quando ela “faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. Levando-se em consideração que, para a AD, “os sentidos são historicamente construídos”, as condições de produção do discurso representam, então, um importante papel. Ao se ignorar o contexto, o sentido do texto é alterado, sendo, então, o contexto histórico-social parte fundamental do sentido do discurso.

Uma redação do ENEM não é um gênero discursivo dominado por qualquer indivíduo e, exatamente por isso, é exaustivamente ensinado nas salas de aula de Ensino Médio e de Cursinhos Pré-Vestibulares, pois é preciso que seu enunciador – o candidato – domine plenamente todas as suas “normas e regras” de produção, para que alcance o resultado desejado no exame. A produção desse texto tem sido ensinada aos alunos com base, praticamente, em um manual de instruções, com regras e fórmulas sobre a estrutura do texto dissertativo-argumentativo (introdução / desenvolvimento – argumentação / conclusão – proposta de intervenção). Pouco se ensina sobre autoria, aspecto que o texto do candidato deve apresentar para conquistar as maiores notas da Competência III.

Como já mencionado, para considerar esse aspecto, não é suficiente considerar a produção textual, o discurso, apenas como um aglomerado de palavras. De acordo com Brandão (2004), o discurso é uma das formas de materialização da ideologia. Ao se analisar a relação entre a ideologia e o discurso, deve-se pensar em dois conceitos da AD: formação ideológica e formação discursiva (FD). Courtine (2009) explica que é a partir da concepção de assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico que a instância ideológica contribui para que as relações sociais se reproduzam, de modo que o sujeito seja conduzido sem que perceba, conforme afirmam Pêcheux e Fuchs (1975), e com a sensação de estar exercendo sua própria vontade. A formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam a posições de classe em conflito.

Como a ideologia se materializa pelo discurso, Courtine (2009) afirma que o discursivo é também um de seus aspectos materiais – uma espécie de gênero ideológico, nas palavras de Brandão (2004). Ou seja, de acordo com Pêcheux & Fuchs (1975), uma formação ideológica é composta, necessariamente, por uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e o que deve ser dito, a partir de uma dada posição em uma conjuntura, e toda formação discursiva refere-se a condições de produção específicas e identificáveis, isto é, é a FD, inscrita em uma formação ideológica específica, considerando uma relação de classe, que determina o discurso que será produzido.

Essa noção de FD, concebida por Foucault (1972) e, posteriormente, reelaborada por Pêcheux, representa, na AD, o cerne da articulação entre língua e discurso e envolve dois tipos de funcionamento: a paráfrase e o pré-construído. A primeira consiste num espaço em que os discursos são retomados e reformulados buscando preservar sua identidade; o segundo refere-se a algo “anterior, exterior e independente por oposição ao que é construído na enunciação” e remete-se “às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: ‘o que cada um sabe’ e ‘o que cada um pode ver’” (COURTINE, 2009, p. 74). Isso significa que em uma FD há um *sujeito universal* que garante “o que cada um pode ver ou compreender” e que é a partir da identificação do sujeito enunciador com o sujeito universal da FD que se dá o assujeitamento do sujeito em sujeito ideológico: “o que cada um conhece, pode ver ou compreender” é “o que pode ser dito”. É por isso que, conforme defende Brandão (2004), toda sequência discursiva deve ser analisada em um processo discursivo de reprodução e/ou transformação dos enunciados no interior de uma FD dada. Entretanto, a noção de autoria, para a AD, confere certo domínio do sujeito pelo seu próprio discurso. Porém, Chartier (2012), ao retomar a conferência “O que é um autor?”, proferida por Michel Foucault em 1960, lembra que a *função autor* é resultado de operações específicas e complexas que relacionam a unidade e a coerência de alguns discursos a um sujeito determinado.

Parece-nos que, no processo de avaliação, o aluno/candidato é considerado como mero repetidor de fórmulas estabelecidas para se ter sucesso nos exames. É, contudo, a partir da perspectiva que reconhece que os discursos são pré-construídos e, portanto, retomados e reformulados, e de que a função autor resulta de uma relação entre a unidade discursiva e o sujeito enunciador desse discurso que buscamos compreender como se considera autoria nas redações dissertativas produzidas no ENEM.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O conjunto do material será composto por redações do ENEM já avaliadas e que apresentem notas inferiores a 160 na Competência III, ou seja, que não tenham recebido nota por indícios de autoria/configuração de autoria. Essa amostragem poderá ser composta por textos sobre os vários temas, para que se evite vincular a marcação de uma possível autoria ao tema desenvolvido.

A partir desse campo discursivo de referência, estabeleceremos as sequências discursivas que serão submetidas à análise. Segundo Lagazzi (1988), por sempre considerar, além da metodologia linguística, o histórico e o ideológico inscritos no objeto de análise, a AD possibilita um método que não se renda ao extremo subjetivo do pesquisador nem ao extremo dos modelos prontos que nos levam a uma análise conteudística. Objetiva-se explicar, na

investigação sobre a autoria em redações do ENEM, o funcionamento discursivo por meio dos dois tipos de desintagmatização abordados pela autora: a linguística, pela qual se lida com paráfrases e relações de intertextualidade, enunciação etc.; e a discursiva, pela qual se chega à FD que domina o texto e à relação desta com outras FDs.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

O trabalho iniciou-se com o estudo da bibliografia básica, o levantamento da bibliografia complementar, e a formação do *corpus* de análise. Paralelamente e a partir do estudo da bibliografia complementar, será investigado, pela perspectiva da AD, o modo como a autoria se manifesta nos textos, para que sejam formuladas e investigadas as hipóteses sobre como a autoria é considerada na avaliação do exame e como são concebidos o processo de escrita e o candidato. Depois da investigação dos recortes discursivos selecionados, será feita a análise dos resultados obtidos, e, após a discussão desses resultados com a orientadora, a versão final da tese será escrita.

O PROCESSO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO DE AO PASSO QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Marília Gabriela Rúbio (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

A abordagem cognitivo-funcional da gramática, representada por Bybee (2010), Traugott (2012), Croft (2011) e Traugott e Trousdale (2013), contempla o elo de correspondência simbólica entre forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Essas dimensões, ao mesmo tempo, motivam os usos linguísticos e são motivadas por tais usos. Desse modo, a trajetória unidirecional forma>função, característica da abordagem clássica dos estudos funcionalistas, é reelaborada, dando lugar à correlação função< >forma, em que tanto os aspectos atinentes à função quanto os aspectos atinentes à forma são investigados com o mesmo peso no âmbito da abordagem funcionalista mais atual. Em outras palavras, com essa nova proposição, o foco das pesquisas deixa de ser o processo de mudança de itens linguísticos isolados e passa a considerar, de forma mais efetiva, a dimensão contextual na emergência e consolidação de novas formas na língua, no sentido de que “itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente” (ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p. 236). De acordo com essa abordagem teórica mais recente, os usos linguísticos são “entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem” (ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016, p. 236). Para essa perspectiva teórica, os aspectos que influenciam os estágios iniciais de mudança linguística, tais como a ambiguidade e polissemia, devem ser investigados, segundo os autores, a partir da análise da dimensão contextual, das propriedades do entorno linguístico (no caso do plano oracional) ou até mesmo a partir da observação de aspectos sóci-discursivos mais amplos, quando, por exemplo, questões referentes ao perfil sociolinguístico do falante, tipo de interação, grau de formalidade de uso da língua e gêneros textuais afetam o funcionamento da língua. Levando em consideração esses aspectos, Diwald (2002, 2006) propõe uma taxonomia contextual que inclui desde os estágios iniciais do processo de mudança até aqueles contextos em que a mudança já se encontra devidamente estabelecida na língua. Segundo a autora, as mudanças se dão em três estágios, ordenados de modo cronológico, de modo que cada estágio pertence a um contexto de mudança. O primeiro, denominado atípico, apresenta as pré-condições de gramaticalização e caracteriza-se pela presença de implicaturas conversacionais. O segundo, intitulado contexto crítico, dispara o gatilho para a gramaticalização e descreve as múltiplas situações de opacidade estrutural e semântica, levando, portanto, a várias possibilidades de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. Finalmente, o terceiro, chamado de contexto de isolamento, consolida o processo de gramaticalização. Nesta fase, o novo significado gramatical é isolado como um significado separado do mais antigo, tido como mais lexical. Tendo em vista o que foi apresentado, o presente trabalho tem como objetivo analisar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem cognitivo-funcional de Traugott (2012),

Traugott e Trousdale (2013) e Diewald (2016), a partir de uma perspectiva pancrônica, o processo de construcionalização da locução conjuncional “ao passo que” como veiculadora da relação semântica de contraste/oposição no português brasileiro, e, em alguns contextos, das relações de tempo simultâneo e proporcionalidade. Em sua proposta, Traugott e Trousdale (2013) empregam (i) o conceito de *construcionalização* para se referirem a processos de mudança que afetam tanto a forma quanto o sentido de uma construção e dão origem a novas construções na língua com funções gramaticais/procedurais, e (ii) o conceito de *mudança construcional*, para se referirem a tipos de mudança que podem afetar, via gramaticalização, a forma ou o conteúdo de uma expressão linguística. De modo mais específico, com base nos conceitos teóricos acima e na taxonomia de Diewald (2006) sobre os contextos atípico, crítico e de isolamento, o intuito da pesquisa é identificar os contextos linguísticos que propiciaram a formação e a convencionalização dessa construção como locução conjuncional indicadora de contraste/oposição na sincronia atual do português brasileiro, haja vista que a análise de dados diacrônicos do português mostra que, na sua formação, a locução “ao passo que” era (e ainda é) usada para expressar a relação de tempo (que parece ser o uso mais básico/concreto) e também a relação de proporcionalidade, cujo uso parece ser um pouco mais abstrato/procedural do que o de tempo e o de contraste. Considerando ainda os parâmetros de *composicionalidade* – que se refere à extensão do significado de uma construção, no sentido de verificar se o significado de uma expressão é resultado do todo da construção (quando o significado é autônomo) ou é composicional (quando o significado é derivado da soma das partes que compõem a expressão) – e de *esquematicidade* – aquele que está associado ao aumento de polissemia e ao grau de generalização (abstração de uma construção) –, defendemos a tese de que “ao passo que” apresenta, ao longo das sincronias, perda de composicionalidade, já que o significado atual de contraste/oposição é, em princípio, resultado de um grau maior de convencionalização da locução em apreço, e integra a macro-construção [X-que], instanciadora de locuções conjuncionais com outros valores, tais como tempo (*logo que, sempre que*), causa (*uma vez que, já que*), condição (*se bem que*) e concessão (*ainda que, mesmo que*) (CEZÁRIO, SILVA e SANTOS, 2015, p. 241). Além desses aspectos, há dois outros mecanismos importantes que operam no processo de mudança construcional, a saber: (i) a *neolanálise*, que consiste em uma nova análise (ou distinta) de uma construção, não necessariamente a reinterpretação a partir de um sentido padrão ou preestabelecido; envolve o processo de metonimização, com destaque para relações associativas (OLIVEIRA, 2015, p. 24) e (ii) a *analogização*, que se define como a atribuição de um novo significado ou forma a partir de representações exemplares ou atratoras; trata-se, segundo Oliveira, de novos alinhamentos de sentido e forma com base em outros alinhamentos já existentes. A nossa hipótese inicial é de que, por meio de um processo de analogia ao esquema já estabelecido na língua, a locução conjuncional “ao passo que” passou a figurar como uma nova instância da macro-construção [X-que], fixando-se ao longo do tempo como locução conjuncional responsável pelo sentido de contraste. O universo de investigação da pesquisa é constituído de textos do *Corpus* do Português (DAVIS e FERREIRA, 2006), com mais de 45 milhões de palavras (mais de 57 mil textos escritos em Português do século XIV ao século XX). Esse *corpus* contempla amostras de textos falados e escritos e possibilita a busca de dados por (i) variedade do Português (Europeu ou Brasileiro), (ii) período histórico do Português (do século 14 ao século 20), (iii) tipo de registro/gênero (oral, ficção, jornalístico e acadêmico), além de possibilitar aferir a frequência de uso. O levantamento parcial de dados diacrônicos conta com 669 ocorrências extraídas do *corpus*, todas analisadas com base em parâmetros atinentes à forma e ao sentido (10 parâmetros de análise: tipo de relação semântica, sincronia, tipo de contexto, posição da oração subordinada em relação à principal, correferencialidade entre os sujeitos das orações principais e subordinada, tempo da oração prefaciada pela locução conjuncional “ao passo que”, tipo de entidade designada pela oração subordinada, tempo da oração principal, tipo de entidade designada pela oração principal e tipo de texto). Para a quantificação dos dados, utilizamos o programa *GoldVarb*. A análise preliminar mostra que a locução conjuncional ‘ao passo que’ é recente na rede de construções do português, tendo emergido no séc. 17,

expressando inicialmente a relação de tempo simultâneo, em seguida a relação de contraste (no século 18) e, por fim, a noção de proporcionalidade (séculos 19 e 20).

Sincronias Valores semânticos	Séc. 13	Séc. 14	Séc. 15	Séc. 16	Séc. 17	Séc. 18	Séc. 19	Séc. 20	Total
Tempo simultâneo	--	--	--	--			2	5	33
Proporcionalidade	--	--	--	--	--		98	4	92
Contraste/oposição	--	--	--	--	--	--	24	17	41
Total geral							94	66	69

Tab. 1.: Valores semânticos de 'ao passo que' ao longo dos séculos

- (i) Uso de “ao passo que” com valor temporal (de tempo simultâneo):
 - (1) *Hoje sei o que é coração: agora começo a estudar a maneira de o matar **ao passo que** ele vai nascendo.* (18:Castelo:Queda)
- (ii) Uso de “ao passo que” como valor proporcional:
 - (2) *E **ao passo que** o receio me punge, uma curiosidade guia ao fecho da cancela, as minhas mãos.* (18:Almeida:Gatos2)
- (iii) Uso de “ao passo que” com valor de contraste:
 - (3) *Toda relíquia é apenas um resíduo, **ao passo que** você é um todo de permanência. - Como você é galante! Que perspicácia!* (19:Fic:Br:Vieira:Mais)

Em (1), a locução “ao passo que” estabelece a relação semântica de tempo simultâneo entre as orações principal e subordinada. Em (2), a locução “ao passo que” exerce a relação semântica de proporcionalidade entre as duas orações (a oração principal e a oração subordinada adverbial), valor que parece manter alguma relação de parentesco com a noção de tempo no que se refere à rede de conjunções do português. Já na ocorrência (3), “ao passo que” expressa a relação semântica de contraste/oposição entre as orações que elas articulam, e é aqui considerada como a mais convencionalizada, tendo em vista a sua alta frequência e perda de composicionalidade nos dados do português, o que nos leva a classificar esse caso como um processo de construcionalização gramatical, em razão da função processual que exerce na língua.

Até o momento, identificamos na pesquisa os seguintes traços dos usos de “ao passo que”:

- (i) *Relação de simultaneidade: a locução ‘ao passo que’ tende a se posicionar entre as duas orações, designadoras de eventos, sem o auxílio de pausa/vírgula (gêneros oral/ficção);*
- (ii) *Relação de proporcionalidade: a locução ‘ao passo que’ em geral precede as duas orações (posição inicial), em geral designando eventos (frequente no gênero acadêmico)*
- (iii) *Relação de contraste: a locução tende a se colocar entre as orações principal e adverbial, designadoras de evento ou proposição, sempre com pausa (gêneros acadêmico/ficção).*

No que tange aos contextos linguísticos de formação de “ao passo que”, na esteira do que propõe Diewald (2002, 2006), conseguimos mapear até o momento alguns rearranjos morfossintáticos, seguidos de algumas mudanças semânticas (aqui definidas como sequências de mudanças construcionais, nos termos de Traugott e Trousdale (2013)), que apresentamos no quadro a seguir:

Estágio 0: uso normal	Estágio 1: contexto atípico	Estágio 2: contexto crítico	Estágio 3: contexto de isolamento
SN _{Suj} V[SN=passo] _{Arg}	SNVSN no mesmo passo	Ao (mesmo) passo (igual) em que Oração1, Oração2	Oração 1, ao passo que Oração2
Amaro deu passos irritados pela cozinha (18:Queirós) - uso de ‘passo(s)’ como unidade lexical com função argumental em uma construção transitiva, seguindo o padrão SVO.	Henrique seguiu-a no mesmo passo , sempre com o coelho sobraçado (18:Azevedo) - movimentação da expressão “no mesmo passo” indicativa de relação metafórica de tempo, ritmo e velocidade/proporção para outros contextos (não-argumentais).	[...] ao passo em que a valorização dos preços do café no mercado internacional eram mantidas, as produções cafeeiras nacionais [...] eram estimuladas. (19Ac:Br:Enc) - apresenta um caráter mais marcado, colocando-se, em geral, à esquerda das orações que articula, já com certo grau de opacidade semântica, passando a exercer a função de tempo simultâneo/proporção.	Toda relíquia é apenas um resíduo, ao passo que você é um todo de permanência. (19:Fic:Br:Vieira:Mais) - o processo de mudança parece estar consolidado, com reorganização das fronteiras sintáticas dos constituintes, e inserção de um novo membro conjuncional na rede de conjunções do português, com valor de contraste/oposição.

Em suma, os dados parciais parecem comprovar a hipótese inicial acerca da formação de “ao passo que”, uma vez que tal locução conjuncional tem figurado como uma nova instância da macro-construção [X-que], indicadora da relação semântica de contraste/oposição nos séculos 19 e 20, porém, também instanciando nos séculos anteriores as relações de tempo e proporcionalidade. A observação dos contextos de formação e consolidação (DIEWALD, 2006) da locução “ao passo que” mostra que o contexto normal engloba os casos em que “passo” constitui um termo argumental, passando por contextos (atípico) em que a construção com “passo” passa a ocorrer à margem da oração como uma espécie de adjunto adverbial, passando por contextos de comparação/simultaneidade/proporcionalidade (crítico), até chegar aos contextos de isolamento, momento em que a construção “ao passo que” já reconhecida como locução conjuncional passa a operar com maior frequência, no polo processual, como locução indicativa de contraste/oposição.

PARÓDIA E CARNAVALIZAÇÃO: RESPOSTAS NAS REDES SOCIAIS SOBRE COMO A MULHER É (RE)TRATADA NA MÍDIA

Marília Guimarães Fernandes (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Com a ampliação de discursos em defesa das mulheres nas redes sociais, esta pesquisa pretende conduzir uma problematização que visa refletir sobre como os enunciados nesse espaço respondem a discursos de uma mídia institucionalizada, como a revista *Veja* e a *Isto é*, sobre a então presidenta Dilma Rousseff e sua condição de mulher. Para a análise dos enunciados, pautamo-nos na Análise Dialógica do Discurso fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin sobre *ideologia*, *signo ideológico*, *conflito de valores*, *gêneros do discurso*, *enunciado concreto*, *compreensão responsiva ativa*, *carnevalização*, *paródia* e a *verbo-visualidade*. Os enunciados a serem analisados situam-se no âmbito do conflito de valores a respeito da (des)igualdade de gêneros. Foi realizada uma pré-seleção do *corpus* a ser analisado, podendo ainda, no decorrer da pesquisa, ser ampliado com outros enunciados.

Constituem o *corpus*: capa da revista *Isto é* (06/04/2016), reportagem da revista *Veja* intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar” (18/04/2016), e por fim *memes* acompanhados de *hashtags* que respondem a esses enunciados. A seleção destes últimos foi feita por meio de busca no *Facebook*, *Twitter* e *Google*.

Partimos da hipótese de que os relatos nas redes sociais podem contribuir para constituir a representação cultural da violência contra a mulher, permitindo mostrar até que ponto essa violência tem sido discutida.

OBJETIVOS

Geral:

Compreender como se dá o ato responsivo ativo nos discursos feministas produzidos nas redes sociais em réplica aos discursos da mídia impressa de grande circulação, em um contexto político de impeachment da presidenta Dilma.

Específicos:

- (i) Investigar o uso da carnavalização e da paródia em discursos de luta pela igualdade de gênero e liberdade das mulheres.
- (ii) Investigar como esses conflitos produzem sentido em gêneros diferentes do discurso, cuja materialidade é verbo-visual (capas de revista, memes).
- (iii) Investigar como o movimento ativista em defesa da mulher se manifesta nas redes sociais quando do episódio do impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Segundo Saffioti (1987,p.16) o patriarcado é um “sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem”. Partindo deste ponto, objetivamos analisar, na pesquisa a ser desenvolvida no Mestrado, como se dão os conflitos de valores sobre a mulher na inter-relação dos discursos da mídia impressa de grande circulação, como a revista *Veja* e *Isto é*, e das redes sociais. Isto é, analisamos como se dá o ato responsivo ativo nos discursos feministas produzidos em *hashtags* e *memes* nas redes sociais em réplica aos discursos de revistas impressas institucionalizadas e de grande circulação.

REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Usamos estudos no interior da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada no arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, com foco em: *ideologia, signo ideológico, conflito de valores, gêneros do discurso, enunciado concreto, compreensão responsiva ativa, carnavalização e paródia* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014. BAKHTIN, 1996, 2000), *verbo-visualidade* (BRAIT, 2009, 2013).

Há três regras metodológicas que são a base para nossos estudos, são elas:

1. Não separar a ideologia da realidade material do signo [...]
 2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social [...]
 3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material [...].
- (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p. 45, grifo do autor)

Portanto, o *signo ideológico* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014) é analisado nesta pesquisa a partir de seu contexto social e histórico. Levamos em conta as formas de interação social, que, no caso da pesquisa, consiste na interação baseada no sistema patriarcal (SAFFIOTI, 1987). Com base nessa linha teórico-metodológica, analisamos como se dão os conflitos de valores nos discursos da mídia sobre a Presidenta e nos discursos feministas produzidos nas redes sociais, em resposta à mídia impressa de grande circulação. Ou seja, buscamos entrar no domínio da ideologia a partir do signo que adquiriu um valor social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014, p.46).

O signo, portanto, é considerado nesta pesquisa como associado à forma concreta da comunicação social, bem como ao gênero do discurso. Pois,

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado. (BAKHTIN, 2000, p. 312)

Assim, o conceito de *enunciado concreto* (BAKHTIN, 2000) é utilizado em nossa análise. Para isso pensamos a *verbo-visualidade* como constituinte do enunciado concreto e que desempenha papel constitutivo na produção de sentidos, não podendo ser separadas. (BRAIT, 2013, p. 44)

Baseando-nos nessas teorias apresentadas, analisamos como se dá o *ato responsivo ativo* ((BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014. BAKHTIN, 2000) das redes aos discursos de revistas, conforme relatamos mais à frente, a partir de elementos como *carnavalização* e *paródia* (BAKHTIN, 1996, 2008).

A etapa inicial do estudo consiste em um aprofundamento dos estudos bibliográficos de e sobre o Círculo de Bakhtin.

Após esta etapa, fazemos um estudo bibliográfico a respeito das teorias de gênero e sobre a trajetória do movimento feminista no Brasil e no mundo, para que possamos compreender o movimento ativista atual que analisamos.

Em seguida, desenvolvemos estudos sobre a mídia atual no que tange às suas atuações nos conflitos dos valores sociais, pois o objetivo deste estudo é entender como se dá o diálogo entre revistas e redes sociais e como esse movimento mais recente se insere no interior das lutas políticas.

Por fim, focamos na análise do *corpus* a partir dos conceitos bakhtinianos apresentados no decorrer deste projeto e a partir de outros estudos que se pretende realizar a respeito do movimento feminista e da mídia. A análise será qualitativa e o procedimento metodológico é de cotejamento de textos (GERALDI, 2012).

Como objetos de análise foram selecionados: uma capa da revista *“Isto é”* (06/04/2016), reportagem da revista *Veja* intitulada *“Marcela Temer: bela, recatada e do lar”* (18/04/2016) e *memes* acompanhados de *hashtags* que respondem a essas materialidades. *Hashtags* e *memes* são coletados por buscas no facebook, twitter e google (alguns já foram coletados e outros serão ainda selecionados). O recorte temporal da pesquisa é o período que compreende o contexto político de impeachment da presidenta Dilma (dezembro/2015 a dezembro/2016).

Segue informação sobre a pré-seleção já feita. Após a matéria citada da *Veja*, viralizou nas redes a campanha com a hashtag *#belarecatadaedolar*. Nessa campanha, as mulheres respondem à ideologia apresentada pela matéria. Ideologia esta, dominante, baseada no sistema patriarcal, que estabelece regras de comportamentos às mulheres. A resposta se dá com a postagem de fotos a partir de uma perspectiva crítica do que é ser “bela, recatada e do lar”. Então, com o alicerce de uma linguagem verbo-visual, os sujeitos feministas demonstram configurações do sujeito “mulher” na releitura de questões de gênero, sexualidade, direitos e comportamentos.

Outra hashtag é a resposta à capa da revista *Isto é*, publicada em 06 de abril de 2016, que traz uma foto em que a presidenta Dilma Rousseff é descrita de forma que ilustra o estereótipo de mulher “louca” que, tachada de histérica, converte-se em antagonista diante da política. A revista apresentou um discurso opositivo ao governo da presidenta. Segue a capa que pretendemos analisar:



Em resposta a essa capa, foi criada a hashtag #istoémachismo, que responde trazendo o conflito de valores ideológicos de forma paródica.



Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"

A quinta primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouca, gosta de vestidos de altura dos joelhos e gosta em ler mais um filho com a vice

Por Mariana Lemos - 02/07/2016 às 12:29



PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO E OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

O projeto foi iniciado em fevereiro, estão sendo feitos estudos teórico e metodológicos centrados em escritos do círculo de Bakhtin e sobre ele.

No decorrer dos próximos meses serão feitas as seguintes leituras: "O método formal nos Estudos Literários" (MEDVIÉDEV, 2012), "Heterocientificidade nos estudos linguísticos" (GERALDI, 2012), "Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso" (MENDONÇA, 2012), "Discurso no Romance" (BAKHTIN, 1993). E releituras das obras: "A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento" (BAKHTIN, 1996), "Estética da Criação Verbal" (BAKHTIN, 2000)..

O DIÁLOGO COM A COLETÂNEA NO VESTIBULAR DA FUVEST: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DAS MELHORES REDAÇÕES E DOS EXCERTOS DA COLETÂNEA

Marina Calsolari Conti (UNESP/Araraquara)

Na contemporaneidade, o vestibular mostra-se como um dos grandes focos de interesse de alunos, professores e colégios, uma vez que, por meio desse processo, pode-se ingressar em instituições de ensino superior de prestígio. Nesse contexto, a prática da produção textual, em especial do gênero dissertativo-argumentativo – tal como o gênero é, frequentemente, denominado nos vestibulares – acaba por nortear estratégias de ensino, sendo um dos grandes debates, por parte principalmente dos professores, a necessidade ou não do uso das informações disponibilizadas na coletânea de textos oferecidos pela banca e apresentados de forma a delimitar o tema proposto. Assim, esta pesquisa procura realizar um estudo aprofundado das exigências do vestibular da FUVEST acerca da necessidade ou não de diálogo com a coletânea e também busca analisar redações consideradas como tendo alcançado aquilo que era esperado pela banca examinadora. Busca-se, com isso, identificar

quais as relações encontradas entre as produções textuais e o material fornecido pela coletânea, o que pressupõe um olhar deste “eu” (candidato) para o seu “outro” (corretor), e quais as mais valorizadas pela banca examinadora no momento de análise e pontuação das redações. Espera-se também que, por meio desta pesquisa, possa-se contribuir com reflexões úteis aos professores de redação e também com um estudo bakhtiniano sobre formas de diálogo – explícitos ou não – praticadas pelos candidatos nos exames de vestibular.

O objetivo geral deste trabalho é analisar, considerando a perspectiva teórico-metodológica acerca da linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, um elemento bastante contemporâneo e discutido, principalmente nos meios de ensino: as redações, em especial, as dissertações expositivo-argumentativas, do vestibular da FUVEST. No desenvolvimento da pesquisa, procurar-se-á, inicialmente, confirmar se o diálogo com a coletânea é algo exigido pelo vestibular escolhido, sendo, este, o vestibular da FUVEST. Na sequência, analisar-se-á o material fornecido pela coletânea e, em seguida, através de uma análise criteriosa do *corpus*, identificar-se-á como ocorre esse diálogo com a coletânea. Finalmente, analisar-se-á qual a função predominante do diálogo estabelecido entre a produção textual do aluno e os textos fornecidos pela banca examinadora, observando qual a atitude responsiva do vestibulando em relação à coletânea. No que tange aos objetivos específicos, propõe-se analisar criteriosamente o Manual do Candidato do vestibular da FUVEST, disponibilizado *online* e direcionado àqueles que prestarão o vestibular. Em seguida, analisar-se-á e discutir-se-á a coletânea fornecida, observando textos e imagens e seus respectivos posicionamentos e relação ao tema proposto. Então, propõe-se analisar o *corpus*, observando como ocorre o diálogo entre o material fornecido pela prova e a produção textual disponibilizada. O foco dessa parte do trabalho visa identificar, principalmente, os tipos de citações utilizadas. Como última etapa, procurar-se-á identificar possíveis objetivos para o uso do material disponibilizado, observando se há oposições, críticas, concordâncias ou discordâncias em relação àquele e o posicionamento do vestibulando.

Esta pesquisa caminha pela Análise do Discurso, tendo, como eixo central de referencial teórico, as ideias propostas por Bakhtin e seu Círculo acerca do dialogismo. Outrossim, conceitos como *relações dialógicas*, *enunciados*, *gêneros do discurso*, *autor e autoria*, além de um estudo acerca dos processos de citação e seus tipos compõem a perspectiva teórica para a concretização desta pesquisa. Partindo do conceito-base principal, as relações dialógicas, faz-se necessário delimitá-las. Faraco (2009) diz que Bakhtin caracteriza-as como relações de sentido estabelecidas entre enunciados. Assim, nenhum enunciado constitui-se como sendo o único acerca de um determinado objeto; aquele se insere, ainda segundo Bakhtin, em uma cadeia discursiva. Em decorrência disso, nenhum enunciado poderá ser analisado isoladamente da sua teia discursiva. Ademais, esta propriedade de ele pertencer a uma cadeia discursiva faz com que haja, por parte do interlocutor, uma atitude responsiva dentro da esfera da comunicação (BAKHTIN, 1997a).

Bakhtin (1997a) amplia essa discussão complementando que um enunciado não se restringe às unidades da língua (palavras, sons) que compõem um “texto”. Aquele se configura como a união de elementos linguísticos e valores axiológicos, culturais e sociais do sujeito que o constrói, afinal, o sujeito lida com a escolha de estruturas e vocábulos, por exemplo, havendo, então uma intencionalidade. É somente devido a essas características que as relações dialógicas são possíveis. Defende, Bakhtin (1997b), que os enunciados, embora individuais, manifestam-se em gêneros do discurso ligados às esferas de atividade humana, as quais, por sua vez, estão sempre relacionadas à utilização da língua. Em decorrência disso, observa-se, segundo o autor, que as especificidades e as formas dessa utilização são tão variadas quanto as esferas de atividade humana das quais emergem.

Outro ponto da teoria bakhtiniana acerca dos gêneros deve ser ressaltado. Estes, apesar de sua grande dinamicidade, são caracterizados por possuírem uma relativa estabilidade; isso significa que apesar de sempre se atualizarem, eles trazem consigo a preservação de características anteriores. Neste contexto, pode-se questionar como se faz presente a subjetividade do sujeito que produz os enunciados, ou seja, como o autor se faz presente e como ele demonstra sua autoria. Bakhtin (1997b) mostra que o sujeito escolhe, primeiramente, o gênero discursivo que sirva ao propósito de seu enunciado. Nessa escolha,

consideram-se aspectos como: especificidades da esfera de atividade humana, características temáticas, o(s) sujeito(s) a quem aquele enunciado se direciona. Segundo o autor, então, são nessas escolhas discursivas que se aplica a individualidade e a subjetividade autorais.

Finalmente, faz-se necessária uma breve discussão acerca das citações e suas formas, uma vez que estas se constituem como uma das bases da pesquisa. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, tem-se que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2006, p. 147). Assim, Volochinov/Bakhtin (2006) diz que o discurso apresentado como citação é entendido pelo falante como uma reprodução, relativamente independente, da fala de outrem. O autor defende que o sujeito que apreende o discurso de outrem é um ser heterogêneo e permeado por perspectivas interiores (nomeado como *fundo perceptivo*). Assim, a enunciação do outro opera em junção com o discurso interior do sujeito. Volochinov/Bakhtin (2006) ainda ressalta que o objetivo de pesquisas envolvendo a transmissão do discurso do outro falha quando se concentra em analisá-lo como separado do contexto em que ele está inserido. Para o autor, a verdadeira intenção deveria ser observar como se dá a interação entre o discurso transmitido e aquele que o transmite. Ademais, diz-se que essa interação relaciona-se à interação social dos indivíduos na comunicação verbal ideológica. Finalmente, Volochinov/Bakhtin (2006) determina duas principais orientações para a dinâmica da interação entre o discurso citado e o discurso que o cita. A primeira orientação tende à manutenção das fronteiras do discurso citado, visando “à conservação da sua integridade e autenticidade” (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 2006, p. 152). Já a segunda orientação, que atua em direção contrária à primeira, caracteriza-se pela tentativa de apagamento das mesmas. Desse modo, há infiltrações de comentários do autor no discurso de outrem. Deve-se ressaltar que, como defendido por Volochinov/Bakhtin (2006), quanto maior a manutenção das fronteiras do discurso de outrem, mais dogmático será o discurso e menos este será questionado. Por outro lado, quanto menores ou mais apagadas as fronteiras, menos dogmática será a enunciação de outrem e maiores possibilidades haverá para que os posicionamentos axiológicos do autor permeiem o discurso citado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, pretende-se utilizar um *corpus* composto pela Proposta de Redação do vestibular FUVEST 2013 e as redações que atenderam total ou parcialmente os quesitos avaliados pela banca examinadora do vestibular supracitado. Ademais, integra-se, como outro norteador deste projeto, o Manual do Candidato fornecido e elaborado pela Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), já que dele constam as informações do que é esperado nos textos produzidos pelos alunos.

A escolha do *corpus* deu-se pelo fato de o vestibular da FUVEST ser um dos vestibulares mais concorridos do país, tendo grande ênfase em colégios de Ensino Médio, bem como em Cursinhos Pré-Vestibular. Ademais, uma análise prévia mostrou que esse exame propõe que os vestibulandos estabeleçam um diálogo entre o material fornecido pela coletânea da proposta de redação e o próprio texto dissertativo, fornecendo, assim, um *corpus* em que é possível analisar qualitativamente e quantitativamente qual a melhor forma de se apresentar esse diálogo.

Fundamentada nas contribuições de Bakhtin e seu Círculo, a pesquisa visa a uma análise dialógica do discurso. Dessa forma, parte da concepção de que o enunciado está inserido em um contexto histórico-social e dialoga com seu tempo e com outros textos. Como embasamento teórico para a análise das redações, propõe-se, então, a leitura das principais obras do Círculo de Bakhtin, bem como de estudos que as examinem. Também objetiva-se a leitura de uma bibliografia sobre questões envolvendo debates acerca dos conceitos de autoria e autor, bem como sobre gêneros do discurso, especialmente no que tange à “redação” – ou dissertação expositivo-argumentativa, como é também denominado.

Finalmente, apesar de a pesquisa encontrar-se em estágio inicial, algumas hipóteses já podem ser levantadas. A primeira delas é que, diferentemente do que se imaginava, há redações em que se busca, utilizando-se das palavras de Bakhtin, manter as fronteiras do discurso citado. Ademais, pode-se observar que se faz o uso do discurso de outrem,

majoritariamente, a fim de se estabelecer um posicionamento de refutação ao que foi trazido pela coletânea. E essa refutação acontece, na maior parte das vezes, na parte introdutória do texto. Acredita-se que, assim, o vestibulando imagina estar estabelecendo inicialmente e claramente seu posicionamento para, então, iniciar sua argumentação. Espera-se, ao final desta pesquisa, observar se essas tendências, inicialmente observadas, mantêm-se e como isso ocorre.

A TRADUÇÃO PARCIAL COMENTADA DE *ON TUE LES PETITES FILLES* (1978), DE LEÏLA SEBBAR: QUESTÕES EM TORNO DO FEMINISMO E DAS NOTAS DO TRADUTOR

Marina Donato Scardoelli (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Em vista das estatísticas de violência contra a mulher no Brasil e no mundo e como uma forma de dar mais visibilidade ao tema, este trabalho tem por objetivo propor a tradução parcial comentada do ensaio *On tue les petites filles* (1978), de Leïla Sebbar. Escritora argelina de língua francesa, Sebbar apresenta uma relação estreita com o feminismo, tendo se dedicado em muitos momentos de sua carreira a expandir a representatividade feminina, produzir obras de conteúdo empoderador e denunciar a violência contra a mulher. Esse fato reflete-se nos muitos projetos nos quais a autora se envolveu, como a criação de um periódico para mulheres artesanal e independente, a análise sobre a cultura doméstica das mulheres, à qual muito se dedicou, entre outros. Em sua bibliografia, cujos temas principais remetem, sobretudo, ao universo feminino e a questões de identidade, encontram-se obras sobre a pedofilia, a realidade da mulher na França, a imigração e o exílio. O ensaio *On tue les petites filles: une enquête sur les mauvais traitements, sévices, meurtres, incestes, viols contre les filles mineures de moins de 15 ans, de 1967 à 1977 en France*, publicado em 1978 pela editora *Voix de Femmes*, traz relatos reais de violência contra meninas menores de quinze anos, como maus tratos, assassinato, incesto, pedofilia e estupro no período de 1967 a 1977 na França. Esses relatos incluem o depoimento das vítimas, de seus pais, dos acusados e das autoridades envolvidas nos casos de agressão. A autora afirma que, na época da publicação do ensaio, não havia estudos nem estatísticas sobre a violência contra meninas especificamente, sendo seu texto um dos pioneiros no tema.

Outro aspecto que consideramos relevante para o desenvolvimento deste trabalho diz respeito à questão da tradução de textos de língua francesa para o português brasileiro. Segundo um estudo realizado por Torres (2009), o Brasil é um dos países que mais traduz literatura, representando 40% do total de traduções literárias. No entanto, 73% dessas traduções são do inglês e apenas 10% do francês. Ainda, em relação ao francês, a estudiosa afirma que a literatura infantil e os romances policiais são mais traduzidos do que os clássicos. Dessa forma, um projeto envolvendo a tradução de uma autora como Sebbar destaca-se por sua originalidade no contexto brasileiro, visto ser uma escritora magrebina de renome, contemporânea, não canônica e que, apesar de ter sido traduzida para quase dez idiomas, não possui nenhuma tradução para a língua portuguesa. Além disso, cada vez mais visíveis e gozando de legitimidade por parte da comunidade acadêmica, os trabalhos envolvendo o próprio ato de tradução apresentam-se como uma motivação a mais para a execução deste trabalho. Nesse sentido, é também importante destacar que, embora os estudos da tradução tenham ganhado espaço nos últimos anos, num cenário universitário mais generalizado, as traduções ainda têm sido renegadas à marginalidade como material de apoio em projetos acadêmicos (Cf. CHAMBERLAIN, 1988/1998).

OBJETIVOS

De modo geral, o objetivo principal desta pesquisa é apresentar a tradução parcial comentada do ensaio *On tue les petites filles*, de Leïla Sebbar. Num primeiro momento nos dedicaremos às questões teóricas envolvendo a problemática da tradução na pós-modernidade e sua relação com as questões de gênero. Essa reflexão primeira é de

fundamental importância para nosso trabalho. Não porque a teoria imponha um modo de fazer tradução, mas porque a reflexão teórica, inevitavelmente, norteia os princípios da prática que adotamos, às vezes, de maneira consciente ou inconsciente. Também pretendemos, com este projeto, estimular a tradução de autores e autoras marginais e não canônicos(as), sobretudo a tradução de escritas de autoria feminina. Além disso, procuramos contribuir para a expansão do acervo de obras traduzidas do francês para o português brasileiro.

De forma mais específica, tencionamos responder às seguintes perguntas:

- (i) Quais recursos linguístico-discursivos permitem tornar visíveis na tradução o sexismo e a violência de gênero que permeiam a obra?
- (ii) De que modo os recursos paratextuais, principalmente as notas do tradutor, dialogam com os propósitos feministas da obra?
- (iii) De que maneira um projeto de tradução comentada realiza ou não o propósito da visibilidade do tradutor? Quais questões éticas o norteiam?

REFERENCIAL TEÓRICO

Por se tratar de um projeto que pretende colocar diretamente em prática a tradução, num primeiro momento, nos debruçaremos sobre aspectos teóricos referentes ao campo de estudos em questão, para, em seguida, nos lançarmos sobre o trabalho de tradução propriamente dito do ensaio. Dessa forma, partimos das pesquisas de Rodrigues (2000, 2006, 2008), cujos estudos divergem da noção tradicional de tradução, segundo a qual o texto original carregaria a intenção de seu autor, ou seja, um significado intencional que provocaria determinado efeito a ser recuperado pela tradução, de forma que a integridade da mensagem do texto não fosse alterada. O sujeito, segundo essa abordagem “tradicional” de tradução, seria racional, autônomo e livre de influências externas, como o contexto sócio-histórico e cultural do texto. Rodrigues contrapõe-se a essa teoria de equivalência como recuperação de significados, propondo uma concepção de tradução como desconstrução do texto original. Nessa mesma vertente de reflexão, trabalhando a desconstrução do sujeito cartesiano, da noção de inconsciente e da literalidade do texto, apoiamos-nos nos trabalhos de Arrojo (1986, 1992). Segundo a autora, o texto traduzido atua como um palimpsesto, uma reescrita do original, enquanto o tradutor exerce o papel de produtor de significados. Para Arrojo, de acordo com cada comunidade cultural ou momento histórico, as possíveis interpretações e leituras de um texto podem mudar, dando lugar a uma nova interpretação.

Ainda, no campo dos estudos da tradução, também numa vertente pós-moderna em que se questionam as noções de sujeito, texto original, fidelidade, entre outros, são referências importantes para este projeto os trabalhos de Simon (1996), Chamberlain (1988/1998), Shread (2007, 2009, 2011) e Von Flotow (2011/2013). Simon (1996), contrapondo-se ao conceito de fidelidade proposto por uma visão tradicional de tradução, afirma que a prática tradutória, na literatura clássica sobre tradução, é sempre tratada como as personagens femininas, ocupando uma posição inferior em relação ao texto original. Historicamente, segundo a autora, a tradução estaria hierarquicamente em um lugar inferior ao texto original, assim como as mulheres em relação aos homens. Simon ainda afirma que o vocabulário utilizado para se referir à tradução é predominantemente sexista, com imagens de dominância e inferioridade, fidelidade e libertinagem. A autora ressalta que, em uma tradução feminista, a discussão da problemática da fidelidade é essencial, pois sua atenção não se volta nem ao autor, nem ao leitor, mas ao projeto de escrita. Chamberlain (1988/1998), por sua vez, analisa a relação entre homens e mulheres no patriarcado ocidental, a questão da fidelidade na tradução e os papéis exercidos pelo autor e pelo tradutor. A autora afirma que é impossível apagar o tradutor do processo tradutório, pois sempre há vestígios da tradução no texto de chegada. Ademais, os estudos de Shread (2007) e sua proposta de tradução “metamórfica” são igualmente importantes para este trabalho. Trata-se, para a autora, de pensar a tradução não como uma “metamorfose” do texto original, mas de um ponto de vista “metamórfico”, ou seja, nessa perspectiva, afirma Shread:

[...] as traduções não apagam suas origens por meio de correspondências equivalentes ou perdas inevitáveis; ao contrário, elas as prolongam graças às

trocas em que as origens permanecem no cerne das traduções. [...] Enquanto alternativa à equivalência como objetivo e à fidelidade como ética da tradução, o “paradigma matrixial” reflete a dependência do texto fonte, assim como a pluralidade de vários textos antes mesmo da tradução. Uma prática de tradução metramórfica expande o texto a ser traduzido, disseminando-o através de uma percepção da diferença menos polarizada e mais ligada às suas partes constituintes, estabelecendo, assim, a base de uma nova ética feminista. (2009, p. 3)

Dada a temática relacionada à questão do gênero, que permeia toda a obra com a qual trabalhamos, julgamos pertinente abordar a problemática a partir das reflexões da teoria queer, principalmente dos escritos de Judith Butler (1990/2015). Segundo a pesquisadora, o gênero seria um “papel” a ser performado pelo sujeito e determinado por sua condição social, histórica e cultural, o que nos permitiria utilizar esses mesmos “papéis de gênero” para ressignificar certos padrões estabelecidos.

Por fim, como se trata de um projeto de tradução comentada que traz para a cena a questão da “visibilidade” do tradutor, são referências importantes para tal discussão os trabalhos de Mittmann (2003), Rodrigues (2009, 2010) e Sardin (2007). Para Rodrigues, a tão almejada invisibilidade é impossível de ser alcançada numa tradução, pois as próprias notas do tradutor, prefácios e posfácios chamam a atenção para a tradução e para o processo tradutório. Ainda de acordo com Rodrigues, os elementos paratextuais são de grande importância e podem contribuir para a tradução corrigindo ou adicionando informações ao texto original. Sardin (2007) propõe uma classificação das notas do tradutor, dividindo-as em metalinguísticas e exegéticas; a primeira discutiria, segundo a autora, questões linguísticas e de tradução propriamente dita, enquanto a segunda seria mais subjetiva e elucidaria questões culturais ou sociais. Argumentando na mesma linha que Sardin, Mittmann (2003) afirma que as notas de tradução fazem parte do processo tradutório como um “discurso de extensão”, um discurso que é produzido fora do texto, mas em diálogo com ele, revelando a “materialidade do discurso do tradutor durante e sobre o processo tradutório” (MITTMANN, 2003, p. 131).

É a partir da intersecção desses três eixos teóricos principais – a questão da tradução na pós-modernidade, sobretudo com base nos estudos de Rodrigues e Arrojo; a problemática do gênero e(m) tradução e o próprio trabalho de comentário da tradução ou de uma tradução comentada – que tencionamos dar “corpo” a este projeto.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dada a extensão da obra com a qual pretendemos trabalhar, optamos por um trabalho de tradução parcial da mesma, visto que traduzir um ensaio de mais de trezentas páginas poderia inviabilizar a execução do projeto no prazo estipulado para o mestrado. Assim, nos debruçaremos sobre as duas últimas partes do livro, “Les secrets des chambres” e “Promenades et jardins”, que tratam sobre incesto, estupro e pedofilia, pois entendemos que nelas as questões de gênero tornam-se mais evidentes.

O trabalho por nós proposto, compreende, primeiramente, uma abordagem teórica das questões que perpassam nossa pesquisa, a saber a discussão em torno do conceito de tradução sob um viés pós-moderno, e nessas discussões, visamos construir um espaço de diálogo entre dois campos que parecem se relacionar de forma direta: a tradução e a questão do gênero. Para tanto, como expusemos acima, faremos referências a autores e obras que consideramos importantes no tratamento da questão. Cabe, aqui, destacar que faremos também uma apresentação do ensaio e da autora, sobretudo de sua incursão no movimento feminista francês.

Num segundo momento, nos dedicaremos ao trabalho de tradução propriamente dito. Esse momento precederá, mas acompanhará o que nomeamos como terceira etapa da pesquisa, ou seja, a elaboração de notas que discutam problemas de tradução e as estratégias por nós adotadas, assim como a elucidação de questões culturais, históricas e/ou ideológicas que julgamos importantes e formos capazes de apreender em nossa tradução.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Nosso trabalho encontra-se no início de seu desenvolvimento. No momento, dedicamo-nos ao aprofundamento de nossa pesquisa bibliográfica no sentido de ampliar o referencial teórico bem como a reflexão sobre os temas recorrentes deste projeto. Também estamos cursando as disciplinas obrigatórias para o cumprimento dos créditos do Mestrado. No segundo semestre, cursaremos outras disciplinas, afim de totalizarmos o número de créditos exigido, e, no decorrer do referido semestre, pretendemos iniciar a tradução do ensaio, juntamente com a elaboração das notas.

ANÁLISE DO APLICATIVO DUOLINGO: FOCO NA PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA, NA DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA HISPÂNICA E NA AUTONOMIA

Mayara Mayumi Sataka (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

As transformações sucedidas na/pela sociedade contemporânea, de comunicação e informação, são incontestáveis. Dentre os diversos temas significativos aos debates, as Tecnologias de Informação e Comunicação (doravante TICs) vem se destacando nos campos da Educação e Linguística Aplicada. Busca-se compreender a potencialidade e o impacto de tais recursos para/nas práticas de ensino-aprendizagem, que envolva não só a presença do aluno, mas seu *empoderamento*.

Além disso, os estudos de aspectos culturais nas práticas educacionais de língua estrangeira (doravante LE) ainda suscitam amplo debate nos âmbitos citados anteriormente. Os pesquisadores das áreas são unânimes quanto à indissociabilidade da língua de seus aspectos culturais e sociais.

Sendo assim, pretendemos analisar um aplicativo que vem sendo amplamente utilizado para a aprendizagem de línguas estrangeiras, o Duolingo, e considerado comumente por usuários como ferramenta que possibilita a aprendizagem autônoma da língua. Nossa inquietação está em descortinar as premissas didático-metodológicas que embasam o aplicativo, em especial, em relação ao trato dos aspectos culturais e ao fomento da autonomia.

Articulamos esses saberes, compreendendo que a concepção de autonomia é bastante complexa e discutida e que presume a tomada da responsabilidade para si das construções de sentidos que pressupõe a aprendizagem (HOLEC, 1998). Nesse sentido, parece-nos fundamental que um aplicativo de aprendizagem de línguas, que fomente o autogerenciamento, não ignore a representatividade cultural e linguística das comunidades hispanofalantes, principalmente, daquelas mais desprestigiadas.

Tendo em vista tais considerações introdutórias, partiremos para os objetivos e questões que conduzirão nossa pesquisa. Em seguida abordaremos a fundamentação teórica que sustentará os olhares e as análises; a metodologia e os resultados esperados.

OBJETIVOS

Diante do exposto, pesquisa possui como objetivo geral:

- (i) Analisar a perspectiva didático-metodológica do aplicativo Duolingo;

E como objetivos específicos:

- (i) Observar o trato da diversidade cultural e linguística hispânica do aplicativo;
- (ii) Verificar em que medida há o fomento da autonomia nos usuários-aprendizes.

Tendo em vista tais objetivos, nos norteamos pelas seguintes questões:

- (i) Qual a perspectiva didático-metodológica do aplicativo Duolingo?
- (ii) De que maneira a pluralidade cultural e linguística da comunidade hispanofalante é contemplada pelo aplicativo?
- (iii) Em que medida o aplicativo contempla pressupostos da autonomia?

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se apoia teoricamente em quatro eixos principais: 1) nos estudos sobre as novas Tecnologias de Informação e Comunicação na educação e no campo do ensino-aprendizagem de LE e no conceito de gamificação; 2) em autores que discorrem sobre as diferentes abordagens de ensino de LE; 3) nos trabalhos acerca dos aspectos culturais na prática docente de LE e 4) em pressupostos do ensino de línguas com foco na autonomia do aluno.

No âmbito do primeiro eixo, vale destacar que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação modificaram a vida em sociedade, em diversos aspectos, tais como, nas modalidades de comunicação, no trabalho, nas formas de entretenimento, de *estudar* etc. Desse modo, muitos estudos também foram desenvolvidos sobre esse fenômeno e sobre suas implicações na educação (como por exemplo, Araújo e Marquese, 2008; Castells, 1999; Levy, 1999; Sancho, 2006; Rozenfeld, 2014; Valente, 2002; entre outros).

De acordo com Sancho (2006), o desenvolvimento das TICs produziu três tipos de efeitos na sociedade, sendo eles: 1) mudanças nos interesses, isto é, no que pensamos e, sobretudo, queremos; 2) transformação dos símbolos, ampliando o repertório de signos e também construindo outros e; 3) modificação da “natureza” da comunidade, no que se refere ao *lugar* em que desenvolvemos o pensamento – a área –, que pode ser o ciberespaço, atualmente.

Quanto às TICs no campo educacional, é importante ressaltar que elas podem ser utilizadas para cursos embasados ao menos por duas perspectivas diferentes, no sentido de Valente (2002): o instrucionista e construcionista. O primeiro é entendido como de tipo tutorial, com exercício e prática, sem que saibamos se o aprendiz está aprendendo. A segunda incentiva a construção do conhecimento, com o processo: descrição-execução-reflexão-depuração-descrição, instigando, assim, o aprender a aprender e como pensar. Enquanto o modelo instrucionista, por vezes, inibe a criatividade de seus estudantes, a construcionista fomenta a aprendizagem colaborativa.

Ainda que essas proposições tenham sido elaboradas em 2002, e muito já tenha se alterado, tanto dos estudos acerca do tema quanto da realidade social, observamos que são importantes considerações, já que vivenciamos alguns mesmos problemas.

Além disso, é notável que as abordagens virtuais assumem, por muitas vezes, os mesmos papéis da escola tradicional instrucionista. Tal modelo remonta à *educação bancária*, postulada por Freire (1974), na qual o educador, no papel de detentor do saber, deposita o conhecimento nas cabeças dos alunos. Essa prática suscita o deslocamento do conhecimento de sua totalidade, de sua possível ação transformadora, para uma memorização alienada e alienante (FREIRE, 1974).

Sendo assim, partimos do pressuposto de que o uso das tecnologias não garante uma educação “inovadora”, pois se podem reproduzir velhas práticas tradicionais, mudando-se somente a tecnologia: da lousa de giz para a lousa digital, dos cadernos aos *tablets* e computadores e assim por diante.

Ainda assim, também não ignoramos o redimensionamento do ensinar e do aprender acarretado pela/na sociedade da informação e do conhecimento (ARAÚJO; MARQUESE, 2008), na qual há novas proporções do tempo e espaço e, conseqüentemente, do ensino-aprendizagem. Assim, as TICs também se apresentam como novas potencialidades de experiências de aprendizagem, corroborando em uma nova relação com a construção do conhecimento.

Também estamos de acordo com Araújo e Marquese (2008), quando tratam que tais mudanças socioculturais e educacionais carecem de revisão e atualização das concepções de ensino-aprendizagem.

Ainda neste eixo teórico, discutiremos o conceito de gamificação, presente em muitos objetos de aprendizagens, segundo o qual apresenta elementos e metáforas oriundos de videogames, jogos e da cultura que os cerca (BORGES, 2013). Além disso, possui como principal objetivo o de oportunizar maior interatividade para promover o engajamento, comprometimento e motivação no processo de ensino-aprendizagem de LE.

No que concerne ao segundo eixo teórico, é importante destacar que a Linguística Aplicada e o ensino-aprendizagem de LE construíram uma história de abordagens e métodos da prática docente de LE. De acordo com Larsen-Freeman (1986) e Richards e Rodgers (1996) os métodos são: “gramática-tradução, direto, audiolingual (audiovisual), situacional, silencioso, comunitário, sugestopédia, resposta física total, incluindo as abordagens oral, natural e comunicativa” (apud VIEIRA-ABRAHÃO, 2015).

Embora reconheçamos a importância de se conhecer esses métodos e abordagens, ater-nos-emos às abordagens comunicativa e pós-método, uma vez que preveem o trato cultural e/ou da autonomia, focos da nossa pesquisa.

A abordagem comunicativa, opondo-se ao ensino exclusivamente estrutural, originou-se na década de 70 e procura preparar o aprendiz comunicativamente com o desenvolvimento das competências. Assim, passou-se para uma aprendizagem mais contextualizada e com os sentidos compreendidos na interação social (MARTINS, 2012).

No que tange ao pós-método, percebe-se que ele focaliza a emancipação dos docentes na relação de ensino-aprendizagem, já que deixam de ser apenas repetidores de métodos, tornando-se reflexivos sobre sua própria prática educacional (VIEIRA-ABRAHÃO, 2015).

Nesse sentido, se por um lado a abordagem comunicativa permitiu que o ensino de aspectos culturais emergisse no processo de aprendizagem de LE, por outro, o pós-método trouxe importantes considerações sobre a atuação autônoma do docente, fomentando também a do aluno.

Em prosseguimento às considerações explicitadas anteriormente, exporemos o que compõe o terceiro eixo da pesquisa, isto é, o trabalho com aspectos culturais no ensino de LE.

A conceituação de cultura é bastante complexa e multifacetada e vêm ganhando força no âmbito da Linguística Aplicada. Os estudos mais recentes na área denominam cultura como uma construção dinâmica entre as pessoas (MORAN, 2001). Desse modo, consideramos cultura não como entidade fechada, fixa e estática, mas em constante movimento e transformação.

Salomão (2012) defende a ideia de cultura como processo constitutivo, no qual entender uma cultura na aprendizagem de LE não é considerar a noção de cultura como única e homogênea, mas como mosaico construído na interação social.

Entretanto, o ensino de aspectos culturais frequentemente diverge dessas concepções teóricas, uma vez que ele consiste, muitas vezes, em apenas ensinar práticas típicas como festas, comportamentos e costumes do grupo dominante ou dos grupos de falantes que mais pareçam exóticas aos estrangeiros (KRAMSCH, 2006a apud SALOMÃO, 2002). Essa prática contribui para uma visão homogeneizante de culturas, que pode gerar comparações entre as práticas, com visões de superioridade e inferioridade, em que uma cultura é dominante à outra. Tal ação corrobora a manutenção de estereótipos (KRAMSCH, 2009).

Predominam também no ensino de língua espanhola como LE visões puristas da língua – propagadas historicamente –, as quais consideram que a variante espanhola deva ser a única a ser ensinada, pois é mais “correta”, “pura” e “bonita” que as demais variantes (XAVIER, 2013). Essas concepções são julgamentos de fundo sociocultural, e não propriamente linguístico. Notamos, assim, que o ensino-aprendizagem de LE está, frequentemente, dissociado de seus aspectos culturais, corroborando para construções estereotipadas dos grupos sociais.

Para finalizar as reflexões teóricas, teceremos algumas considerações sobre alguns pressupostos da aprendizagem autônoma, foco do quarto eixo de sustentação teórica.

Muitos autores, apenas para citar alguns, Bailly (2013), Cassany (2010), Holec (1991; 1998), entre outros, se propuseram a investigar o conceito de autonomia gerada e/ou potencializada pelas TICs no âmbito educacional.

Tapscott (1998) e Lewis (2001), por exemplo, encontraram semelhanças em jovens que estão produzindo na internet e não necessariamente na escola: “a necessidade de independência e autonomia em relação ao conhecimento que lhes interessa”. (apud KENSKI, 2007, p. 50). Assim, observamos que os jovens produzem e constroem conhecimentos

colaborativamente na internet e na escola não, sendo que a última continua cumprindo seu papel tradicional, não conseguindo captar esses mesmos adolescentes.

Além disso, Holec (1998) considera que as TICs e os novos instrumentos de aprendizagem possibilitam o empoderamento, já que o aprendiz passa a assumir a responsabilidade de decidir seus objetivos e conteúdos de aprendizagem. O processo passa a ser autodirigido e não heterodirigido, como ocorre frequentemente na abordagem tradicional, sendo a aprendizagem adequada às próprias necessidades e decisões tomadas pelo estudante.

Desse modo, a autonomia instiga a relevância do conhecimento individual e coletivo, no reconhecimento da construção do saber de modo colaborativo, como considerado por Moraes (1997) e Souza (2013).

Diante do exposto, partiremos para a apresentação dos procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de tipo descritivo-explicativo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, trata-se de uma pesquisa-narrativa, tendo em vista que a pesquisadora irá fazer o curso do referido aplicativo como usuária-aprendiz (desde sua primeira aula), e com os olhares de professora e pesquisadora. Assim, identificaremos as premissas didático-metodológicas presentes no programa Duolingo, descrevendo minuciosamente as observações em um texto narrativo. Ainda não foi definido quantas lições serão feitas, pois pretendemos analisar tantas lições e módulos quanto necessárias para se obter um quadro detalhado da proposta do aplicativo.

Portanto, os instrumentos de coleta e análise de dados são:

(i) Narrativa prévia da pesquisadora quanto à suas expectativas sobre o ensino e a aprendizagem de espanhol para iniciantes por meio do Duolingo;

(ii) Planilha contendo os aspectos que guiarão o olhar da pesquisadora ao longo do curso a ser realizado. Essa planilha será composta por critérios obtidos a partir da narrativa prévia e dos eixos teóricos que embasam nossa pesquisa, as quais são: I) novas tecnologias de informação e comunicação na educação e ensino-aprendizagem de LE; II) diferentes abordagens de ensino-aprendizagem de LE, focalizando a abordagem comunicativa e o pós-método, e gamificação; III) aspectos culturais na prática docente de LE e; IV) autonomia no processo educativo.

(iii) Diário reflexivo, contendo narrativas sobre sua vivência como usuária-aprendiz/professora/pesquisadora ao longo do primeiro nível do curso.

O desenvolvimento da pesquisa consistirá, assim, em cinco etapas complementares entre si, as quais podem ser descritas como:

- (i) Elaboração da narrativa prévia (expectativas da pesquisadora);
- (ii) Leitura dos textos teóricos que fundamentam esta pesquisa;
- (iii) Elaboração de uma planilha com critérios de observação;
- (iv) Realização do curso no Duolingo e concomitante elaboração da narrativa;
- (v) Análise de dados, conjugando teorias e narrativas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Diante do exposto, esperamos apreender a perspectiva didático-metodológica adotada pelo aplicativo Duolingo, verificando o trato da diversidade presente no curso proposto pelo aplicativo – especialmente no que tange a pluralidade cultural e linguística hispânica – e sua contribuição para a aprendizagem autônoma dos usuários-aprendizes.

A LINGUÍSTICA DE CORPUS COMO FERRAMENTA DE PESQUISA ACADÊMICA PARA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: PROPOSTA DE UM MODELO DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE (INGLÊS→PORTUGUÊS) NA ÁREA DE INFORMÁTICA

Michele Aparecida Tertuliano Cavatão Tavares (UNESP/Araraquara)

O léxico mais frequente na área de informática tem origem na língua inglesa. Nesse sentido, a elaboração de um glossário bilíngue com termos simples e complexos dessa área pode auxiliar no trabalho de tradutores e aprendizes de idiomas em faculdades de tecnologia e em escolas de ensino técnico de nível médio. Por sua vez, o uso do instrumental teórico-metodológico da Linguística de *Corpus* pode auxiliar sobremaneira na busca de possíveis equivalentes na área de Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dados.

Hoje no Brasil, em especial no estado de São Paulo, as escolas de ensino técnico de nível médio estão cada vez mais se diversificando em seus cursos e almejando que seus alunos saiam muito bem capacitados em sua área de atuação e em uma segunda língua que é o inglês.

O curso de técnico em informática integrado ao ensino médio das escolas técnicas do Centro Paula Souza tem como alguns de seus objetivos qualificar o aluno para: desenvolver e operar sistemas, aplicações e interfaces gráficas; codificar programas; selecionar programas de aplicação e sistemas operacionais a partir da avaliação das necessidades do usuário; entre outros. A extensa projeção da área tem como consequência a utilização de termos técnicos para especificá-la e como destacam Krieger e Finatto (2004, p.41) “ a Terminologia é um campo de estudos de caráter inter e transdisciplinar [...] o termo, cuja essência situa-se na representação lexical do conhecimento especializado e na sua divulgação”.

Os alunos iniciantes do curso de técnico em informática integrado ao ensino médio chegam despreparados no que tange a terminologia utilizada em sua área de atuação, por isso, dentro das bases tecnológicas do componente curricular de Língua Estrangeira Moderna Inglês e Comunicação Profissional, que compõe a grade curricular nos três anos do curso, é solicitado que se desenvolva dentro dos conteúdos programáticos: textos técnicos da área da Informática; vocabulário técnico e expressões específicas da área de Informática; glossários / termos técnicos (relativos à Área de Informática). Para Barros (2004, p.73) os estudos terminológicos, no âmbito da aquisição de línguas, situam-se também na base do processo de produção dos métodos de ensino e que o entendimento da vida e da cultura de um povo orientam-se pelos estudos terminológicos.

Com a finalidade de contribuir para o preenchimento dessa lacuna terminológica da área de atuação a pesquisa terá o foco na elaboração e confecção de um glossário técnico bilíngue (inglês – português), relevante a área de informática nas subáreas de Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dados, utilizando-se do arcabouço teórico-metodológico da Terminologia. Para que tal objetivo seja alcançado compilaremos dois *corpora*, paralelos e comparáveis, um em português e outro em inglês (autênticos) na área de Linguagem para Banco de Dados e compilaremos também dois *corpora*, paralelos e comparáveis, de textos, um em português e outro em inglês (autênticos) na área de Linguagem de Programação. Essas subáreas foram escolhidas pois compõem a grade curricular do curso nos três anos de sua duração.

Depois extrair os termos simples e complexos mais frequentes dos *corpora* de Linguagem para Banco de Dados e de Linguagem de Programação, analisaremos os termos simples mais frequentes em inglês e português e então, com os parâmetros de palavras-chave, destacaremos os candidatos a termos. O glossário será proposto dentro de dois componentes estruturais apontados pela Terminologia que são a macroestrutura e a microestrutura.

A pesquisa de *corpus* aparece como uma metodologia fértil para a análise do léxico de compõe uma língua e vem com o intuito de obter informações gramaticais e de semântica sobre esse léxico. A informática vem rumo à necessidade de se explorar e manusear as informações obtidas pela pesquisa de *corpus* e de fornecer os dados com mais agilidade e

credibilidade principalmente no momento de análise interpretativa dos textos em língua estrangeira (L2) para a língua materna (L1).

Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 2-6) destacam o que ideal seria analisar os padrões de uso de uma língua pela sua estrutura linguística e compor assim uma associação de padrões de uso da língua. Essa associação linguística seria dividida em duas categorias, que são: associações lexicais - investiga como o recurso linguístico é sistematicamente associado com palavras particulares; e associações gramaticais - investiga como o recurso linguístico é sistematicamente associado com recursos gramaticais no contexto imediato.

Sardinha (2004, p. 3) define Linguística de *Corpus* como sendo a coleta e a exploração de *corpora*, ou seja, um conjunto de dados linguísticos textuais coletados com o objetivo de auxiliar na pesquisa de uma língua ou variedade linguística. A análise de corpus teve sua expansão a partir de 1980 com o advento do computador.

Os *corpora* propostos se alocam em *corpus* paralelo, que segundo Frankeinberg-Garcia (2008, p.118) é uma combinação de dois *subcorpora* alinhados entre si compostos por textos originais e suas respectivas traduções, e *corpus* comparável bilíngue constituídos por textos originais nas línguas em foco.

Os *corpora* paralelos e comparáveis servem principalmente para atender às necessidades específicas de um trabalho de pesquisa em particular e, segundo Barros (2004, p. 262), “no campo da Terminologia, a busca e o tratamento dos dados passaram a se fazer dentro do texto, ou melhor dentro de um *corpus*”.

Com relação a coleta do *corpus*, selecionaremos, conforme mencionado, textos das áreas Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dado. Este conjunto terá entre 80 mil a 250 mil palavras e são classificados como um *corpus* pequeno-médio. O número de palavras deve ser observado para que se possa estabelecer contraste.

Para uma ideal organização estrutural do glossário, trilharemos as estruturas de repertórios concebidas por Barros (2004, p. 151-156) que são a macroestrutura entendida como a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica e a microestrutura concebida como a organização dos dados contidos no verbete. Assim, como apresentado por Martins em sua dissertação (2014, p. 42) “todos os procedimentos adotados estão de acordo com uma teoria terminológica que parte da observação de seu objeto, o termo técnico científico, a partir de seu habitat natural: o discurso especializado”.

Para facilitar a pesquisa de *corpus*, alguns programas e ferramentas online foram desenvolvidas com a finalidade de análise linguística, como o WordSmith Tools e o Corpus of Contemporary American English (COCA) localizado no sítio: <http://corpus.byu.edu/coca/>. Por meio do uso desse instrumental tecnológico, o pesquisador passa a ter acesso à frequência de palavras, linhas de concordância e de palavras-chave. O que lhe oferece um norte em termos de precisão na escolha dos vocábulos mais empregados na fala ou em textos escritos.

A pesquisa contribuirá na interdisciplinaridade entre o componente curricular de Língua Estrangeira Moderna Inglês e Comunicação Profissional e os componentes de Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dados e fará uso de metodologias elaboradas por Sardinha (2004) e Frankeinberg-Garcia (2008), na área da Linguística de *Corpus*, e por Barros (2004) e Krieger e Finatto (2004) na área da Terminologia no que tange a composição dos *corpora*, análise dos dados e a apresentação das fases escolhidas para a construção de um glossário bilíngue.

Os textos serão coletados da Internet nos gêneros de livros, tutoriais, artigos e blogs especializados sobre o assunto. Por meio do programa WordSmith Tools, versão 6.0, faremos uma seleção de palavras mais frequentes e relevantes nos textos de Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dados. Para isso, podemos muito bem fazer um comparativo com a ferramenta online COCA sobre alguma palavra e suas colocações. Essa atividade nos permitirá analisar textos em língua inglesa escritos por nativos e de perceber como melhor se deve usar um termo específico dentro de determinado contexto, observar os padrões de gramática e semântica para elaborar o glossário de termos técnicos da área de informática voltado para as subáreas já mencionadas.

Primeiramente, com o WordSmith Tools, criaremos, com a ferramenta *wordlist*, uma listagem contendo as palavras mais frequentes nos *corpora* em Língua Portuguesa e em

Língua Inglesa. Posteriormente, por meio da ferramenta *Keyword*, contrastaremos a lista de palavras dos *corpora* de estudo com a lista de um *corpus* de referência, o *Corpus* do Português, localizado no sítio <http://www.corpusdoportugues.org>. Esta ferramenta também calcula as palavras-chave dos textos e com os resultados obtidos analisaremos os candidatos a termo.

Uma outra ferramenta que será manipulada para a investigação dos termos é o *Concord*. Nesta extrairemos a listagem de concordância a partir dos termos pré-selecionados da lista de palavras-chave para observarmos o emprego dos termos dentro das sentenças, qual a estrutura gramatical das frases e quais são as possíveis ideias de traduções das frases e com os *collocates*, observaremos as possíveis combinações entre palavras.

Ao observarmos a análise de *corpus* relacionada a uma determinada área, verificaremos a aplicabilidade dos subsídios teóricos da Terminologia na elaboração de uma pesquisa didática para sala de aula de língua estrangeira com a finalidade de se elaborar um glossário bilíngue (inglês – português) na área de informática, confeccionado com a ajuda da Linguística de *Corpus*, do software WordSmith Tools e do COCA, para se preencher algumas lacunas terminológicas apresentadas pelos alunos iniciantes do curso de técnico em informática integrado ao ensino médio.

Por fim, esperamos que as análises que serão levadas a cabo possam oferecer ao aluno do ensino técnico em informática integrado ao ensino médio um material confiável, elaborado a partir de textos autênticos e contendo além dos termos simples os termos complexos que auxiliaram no ensino-aprendizagem do componente curricular de Língua Estrangeira Moderna Inglês e Comunicação Profissional e dos componentes de Linguagem de Programação e de Linguagem para Banco de Dados.

OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: ENFOQUE E CARACTERIZAÇÃO

Michelle Faria Nicolini de Oliveira (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto atual, nota-se que as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação têm modificado hábitos e costumes de diversas populações, e atingido, também, em parte, o contexto escolar.

Atualmente, as aulas expositivas, com giz e lousa, tem causado visível insatisfação nos alunos (BEDUSCHI DE SOUZA, 2017). Por isso, cada vez mais se nota a necessidade de professores pensarem no uso de novas ferramentas voltadas ao ensino e aprendizagem.

Para que se obtenha êxito na aprendizagem de um novo idioma, é fundamental que esse processo seja prazeroso, e as novas tecnologias têm contribuído bastante nesse sentido.

Recentemente, houve o crescimento de pesquisas envolvendo a utilização de um recurso que se consolidou no termo Objetos de Aprendizagem (doravante OAs) para o ensino de diversas disciplinas. Contudo, são poucas as pesquisas envolvendo especificamente os Objetos de Aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Devido a isso, essa pesquisa se justifica pela carência de estudos aprofundados sobre o assunto.

Pensando em contribuir para a prática docente e para a aprendizagem dos alunos, o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar os Objetos de Aprendizagem, apresentando suas potencialidades e suas limitações. Mais especificamente, buscaremos identificar a presença de Objetos de Aprendizagem para o ensino da Língua Espanhola como Língua Estrangeira (E/LE) em repositórios digitais disponibilizados e mantidos pelo governo brasileiro. A opção por estes repositórios se deve ao fato de considerarmos a internet como uma ferramenta de longo alcance, capaz de atingir ao mesmo tempo diferentes classes sociais em diversas regiões. Por isso, despertou-nos a curiosidade de verificar o uso de tecnologias digitais em políticas públicas para promover o ensino do idioma.

As questões que nortearão esta pesquisa são as seguintes:

(i) Como se caracterizam os OAs para ensino de espanhol e quais as suas potencialidades e limitações?

(ii) Qual o foco de ensino dos OAs encontrados para o ensino e a aprendizagem de espanhol?

Para responder a esses questionamentos, o trabalho será estruturado da seguinte maneira: inicialmente buscaremos a origem e os conceitos de Objetos de Aprendizagem, suas características, e principais repositórios existentes internacional e nacionalmente, e os critérios de análise de OAs. Em seguida, faremos um breve resumo da evolução do ensino de línguas com as novas tecnologias digitais e o contexto histórico-atual do ensino de espanhol no Brasil. Por fim, faremos as análises dos OAs em três repositórios nacionais, por meio de tabelas, com critérios já estabelecidos no capítulo 1, apresentando, assim, as considerações finais feitas por meio dos resultados obtidos nas análises.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa bibliográfica de cunho interpretativista, e pretende contribuir com o fomento de estudos sobre os OAs no Brasil, tanto para a prática docente quanto para a aprendizagem dos alunos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conceito de Objetos de Aprendizagem

Segundo Tarouco (2008), o conceito de Objetos de Aprendizagem foi cunhado por Wiley no ano de 2000 e sendo que ele, então, passou a ser considerado um importante autor na área. Wiley elucida o conceito a partir da metáfora dos blocos coloridos de montar, um brinquedo de plástico, bastante usado pelas crianças, conhecido internacionalmente como Lego¹. A característica principal dos OAs, que gera a semelhança deles com esses blocos, é o fato de eles poderem ser considerados pequenos segmentos que podem ser reagrupados com outros, formando combinações ilimitadas.

De fato, essa definição foi importante para iniciar o conceito dos OAs, porém, outros autores como também o próprio Wiley reconhecem que essa metáfora dos blocos de montagem, não sustenta o conceito, pois é simplista demais.

Segundo Tarouco (2008)

[...] nem todos os objetos de aprendizagem podem ser combinados com qualquer outro objeto, tal como ocorre com esses blocos de montar, e uma metáfora mais complexa para ilustrar este caráter da composição inerente ao uso dos objetos de aprendizagem é a que utiliza o átomo como modelo. A razão deriva do fato de que, embora os átomos sejam os elementos básicos a partir dos quais toda a matéria é constituída, nem todos são capazes de ser combinados com outros tipos de átomos. (TAROUCO, 2008, p. 83).

Como observamos na afirmação feita pela autora, nem todos os objetos de aprendizagem podem ser combinados uns com os outros, nem podem ser montados de qualquer maneira. Por essa razão, a metáfora do átomo passou a ser mais coerente, já que qualquer átomo não pode ser combinado com qualquer outro átomo. (LEFFA, 2006, p.8).

O fato é que inúmeros são os conceitos dos OAs que surgiram e surgem na tentativa de melhor caracterizar o conceito que vem se consolidando ao longo do tempo.

Por meio de leituras, notamos que os autores são unânimes em defender o conceito dos OAs como material digital.

Com base nas reflexões acerca da questão ser digital ou não, Leffa (2006) salienta que:

A restrição de que os OAs devam ser digitais tem a ver com algumas das características desses objetos, que não são encontradas fora da virtualidade. Um arquivo digital pode ser mais facilmente editado, adaptado e incorporado a outros arquivos digitais do que um livro por exemplo. (LEFFA, 2006, p.6)

¹ O brinquedo foi patenteado em 1958 pela empresa Lego Group Júnior.

O conceito que adotamos nesta pesquisa com relação aos OAs é o que consideramos relevante dentre alguns conceitos já apresentando por pesquisadores da área, como Tarouco o faz. Sua definição segue alinhada com a proposta de Wiley, e segundo ela, “[...] os objetos de aprendizagem são componentes digitais projetados para uso e reuso em atividades de ensino-aprendizagem” (TAROUCO 2008, p.84).

Além dessa explicação, consideramos ser extremamente relevante para que um conteúdo digital seja considerado um OA, que ele tenha determinadas características.

A questão que é colocada comumente é: há diferença entre objeto de aprendizagem e um material digital qualquer disponibilizado na rede? Ou melhor, existe diferença entre Objetos de Aprendizagem e Objetos Educacionais? Para muitos autores não, trata-se do mesmo conceito, isto é, depende mesmo da interpretação dos autores.

Em nossa compreensão, os dois conceitos são diferentes. Objetos Educacionais são materiais didáticos apoiados na tecnologia e disponíveis na web, elaborados por e/ou para docentes, instrutores, tutores, e também para alunos, com foco no ensino-aprendizagem. Esses materiais didático-tecnológicos podem ser filmes, vídeos, jogos, textos, documentários, slides, enfim, materiais digitais com fins educacionais. Já os Objetos de Aprendizagem são projetados com o mesmo propósito, porém, possuem quatro características fundamentais, que serão descritas na seção seguinte, entre elas, seu uso e reuso.

Características dos Objetos de Aprendizagem

Não há um consenso entre os estudiosos acerca das características dos OA se, por essa razão, optamos por adotar as características apresentadas por Leffa (2006), pesquisador do campo do ensino e aprendizagem de L.E. Para ele, um OA é aquele que se caracteriza pelos elementos de:

Granularidade – esta característica parte da ideia de que os OAs são pequenas unidades que se constroem dentro de especificações técnicas, podendo ser encaixadas umas nas outras, conforme sua compatibilidade, formando conjuntos maiores para a aprendizagem de conteúdos.

- (i) Reusabilidade – a reusabilidade condiz com o conceito de o OA ser não só usado, mas também reusado.
- (ii) Interoperabilidade – Essa característica pode ser comparada com a adaptabilidade e a evolução do objeto.

Segundo Maciel e Backes (2012), “o objeto deve ter habilidade de operar através de uma variedade de hardware, sistemas operacionais e browsers, intercâmbio efetivo entre diferentes sistemas”.

- (iii) Recuperabilidade – Trata-se, basicamente, de um sistema de catalogação em que várias informações sobre o OA podem ser acessadas pelo usuário. Essa catalogação convencionou-se chamá-la de metadados (“metadata” em inglês).

Os OAs encontram-se armazenados em Repositórios Digitais, que será o foco do nosso próximo item.

Repositórios Digitais

Os repositórios são considerados bases de dados, podendo haver três categorias deles: os públicos, mantidos por entidades governamentais; os universitários, mantidos por uma ou várias universidades; e os privados, mantidos por empresas particulares. (LEFFA, 2006, p.15).

A demanda por materiais didáticos digitais vem aumentando, e nesses repositórios digitais ou virtuais os encontramos, no intuito de auxiliar a busca do professor. Nesse espaço, considerado por muitos como uma biblioteca colaborativa, encontramos jogos, arquivos de áudio e vídeo, textos, planos de aula, etc., e visam colaborar com a prática docente e discente. Assim, destacamos que o objetivo dos repositórios não é somente armazenar conteúdos digitais, mas disponibilizá-los para o enriquecimento da educação.

Segundo Leffa (2006), o MERLOT (Multimedia Educational Resource for Learning and Online Teaching), é um dos repositórios mais conhecidos e é mantido por entidades, principalmente, dos EUA e Canadá.

Além dos EUA ser um país que vem se destacando em números de repositórios, temos, também, a ascensão do Canadá e da Austrália.

Com relação a repositórios voltados especificamente para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, o mais conhecido é o Dave's ESL Café, considerado por Leffa (2006), "... como um verdadeiro bazar não só de OAs, mas de praticamente tudo o que possa interessar ao professor de inglês como língua estrangeira, embora outras línguas também estejam contempladas...".

No Brasil, os mais adiantados são os repositórios mantidos pelas universidades, como o Banco Multidisciplinar de Textos (BMT), mantido pela Universidade Federal de Pelotas; o projeto CESTA (Coletânea de Entidades de Suporte ao uso de Tecnologia na Aprendizagem), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e o RIVED (Rede Internacional Virtual da Educação), mantido pelo Ministério de Educação.

O RIVED não será analisado em nossa pesquisa, pelo fato de não contemplar a Língua Espanhola em nenhuma das categorias de busca oferecidas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa bibliográfica de cunho interpretativista, na medida em que nossa base é pesquisar, em fontes bibliográficas, posições diversas em relação ao conceito de OAs, procedendo, em seguida, a análise dos mesmos em repositórios digitais, mantidos por entidades governamentais.

Segundo Gil (2010):

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet. (GIL, 2010, p.29).

Os repositórios selecionados para a análise foram aqueles criados por órgãos públicos brasileiros. São eles: Objetos Educacionais, Portal do Professor e Currículo+.

As análises dos OAs serão feitas por meio de tabelas, com critérios relacionados ao ensino de línguas estrangeiras. Em seguida, apresentaremos as considerações finais feitas por meio dos resultados obtidos nas análises.

RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos ao final desta pesquisa ser possível contribuir para os estudos da área de ensino de espanhol mediado por tecnologias digitais e, em especial, para a reflexão sobre os Objetos de Aprendizagem de espanhol, disponíveis em repositórios institucionais, e aqueles criados por instâncias públicas.

DEFINIÇÕES TERMINOLÓGICAS DA REVISÃO DE TEXTO: PROPOSTA DE UM VOCABULÁRIO

Mirella de Souza Balestero (UNESP/Araraquara)

Este painel consiste em um projeto de mestrado que visa conciliar dois campos de estudo da Linguística, a Revisão de Texto e a Terminologia, a fim de criar definições terminológicas para termos que ainda não apresentam redações claras e objetivas da Revisão. Diante de uma preocupação constante de falar e escrever corretamente, e de uma visão ainda muito normativa da língua, a revisão linguística ganha espaço nos estudos da

linguagem. Os diversos suportes de comunicação – livros, jornais, revistas, provas, etc – consideram de extrema importância o conhecimento da variedade padrão (norma culta) da Língua Portuguesa. Não se trata, apenas, de fazer as melhores escolhas gramaticais. Para compreender o texto, o revisor precisa de conhecimentos linguísticos, mas não só. A Revisão perpassa diversas ciências (humanas, exatas e biológicas), necessitando, muitas vezes, de conhecimentos externos à língua para o melhor desempenho de seu trabalho. No entanto, este campo ainda não é valorizado pela função empregada e pouco se tem estudado sobre o assunto. É importante ressaltar também que os profissionais de texto apresentam ideias distintas sobre algumas acepções da área. Quer dizer que, as definições sobre quem é o revisor, o que ele faz, o que é especificamente Revisão de Texto, dentre outras questões, não estão bem definidas. Sendo assim, faz-se relevante agregar dois objetos de estudos que são, ambas, disciplinas interativas e interdisciplinares, a Revisão de Texto e a Terminologia. O texto é o objeto de estudo da Revisão. No entanto, tem-se a ideia de que o texto é apenas um enunciado que transmite uma mensagem. A Revisão de Texto compreende, segundo RODRIGUES (2005), uma prática discursiva, isto é, “as intervenções realizadas na atividade de revisão envolvem a (re)construção, o armazenamento, a reprodução e a circulação de produtos repletos de sentidos (MEDRADO, 1999), tanto para quem os produz (revisores), como para quem os consome (leitores)”. Para isso, adotaremos uma Terminologia descritiva (CABRÉ, 1999), que recomenda que o texto definitório seja suficientemente claro e completo para que facilite a comunicação. Além dos princípios teóricos a respeito da construção de um vocabulário, os estudos acerca dos conceitos básicos e dos questionamentos da área de especialidade em questão sustentarão a base teórica deste trabalho. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa basear-se-á numa sequência de etapas a serem elaboradas no Ambiente Colaborativo de Gestão Terminológica e-Termos. Espera-se, com este trabalho, a construção de um vocabulário e, conseqüentemente, a valoração das duas áreas de pesquisa a serem estudadas, assim como a contribuição para a descrição do português brasileiro. Este projeto de mestrado objetiva criar definições terminológicas (doravante DT) para os termos do domínio da Revisão de Texto. A pesquisa basear-se-á numa descrição linguística, fundamentada na Teoria Comunicativa de Terminologia (TCT). A redação da DT será construída a partir dos fundamentos teóricos aqui citados, visando um texto suficientemente claro e objetivo, para o entendimento do leitor/especialista. Para isso, será necessário criar um *corpus* com textos e autores indicados pelo próprio especialista da área. Logo, utilizar-se-á do ambiente colaborativo e-Termos para a construção do trabalho terminológico, passando por todas as etapas computacionais e terminológicas, que são: compilação automática do *corpus*, suporte e análise da qualidade do *corpus*, extração automática de termos, edição do mapa conceitual e categorização de termos, gerenciamento da base de dados terminológicos (criação da ficha terminológica e elaboração da base definicional) e intercâmbio e difusão de termos (edição dos verbetes e exportação dos dados terminológicos). A construção da definição terminológica auxiliará os estudos linguísticos e, principalmente, os profissionais da língua que trabalham com Revisão de Texto. Esta tarefa de redigir textos definitórios para unidades lexicais de uma área que está emergindo tão rapidamente, tem o propósito de contribuir para futuros trabalhos linguísticos. Sendo assim, perpassará por uma base teórica complexa, a fim de desenvolver um trabalho enriquecido de informações e críticas de ambos os campos da Linguística. A elaboração da definição terminológica é uma tarefa bastante importante numa pesquisa terminológica. Para se obter sucesso nessa atividade, o terminólogo deve cercar-se de algumas orientações sobre como redigir o texto definitório. A respeito desse tema, podemos encontrar textos de normas terminológicas bem como de autores consagrados que conceituam a DT e estabelecem as suas características. Alguns deles ainda apontam os defeitos que devem ser evitados nesse tipo de texto. Cabré (1993) também tratou da DT e a definiu como uma expressão normalmente complexa equivalente semanticamente ao termo que define (CABRÉ, 1993, p. 312). Segundo a autora, a DT deve respeitar uma série de convenções gerais relacionadas a três aspectos: i) adequação geral aos princípios linguísticos e semânticos; ii) adequação específica a uma área temática; iii) adequação a sua expressão (CABRÉ, 1993, p. 312). Castillo (1997, p. 79-90) não oferece um conceito de DT, entretanto, no que concerne à redação do texto propriamente dita, o autor

sugere uma lista de características que devem fazer parte do texto definitório. Consideramos especialmente úteis e pertinentes as seguintes: a) a redação das definições deve ser clara e concisa; b) não se devem expressar critérios de valor não fundamentados devidamente sobre bases estritamente técnicas; a DT é “um objeto multidimensional, dotado de características que o fazem exceder aqueles limites mais usuais ou tradicionais de um objeto lógico-categorial” (FINATTO, 2001, p. 14). Considerar na DT aspectos da enunciação significa incorporar alguns elementos tradicionalmente excluídos ou tidos como marginais nas descrições das linguagens de especialidade. Ao trazer à tona reflexões acerca da Terminologia e principalmente da DT, Finatto (2001) oferece um renovado paradigma teórico, abrindo novos olhares sobre a DT como um objeto linguístico multifacetado. Primeiramente, realizar-se-á a leitura recomendada nas referências bibliográficas, além da bibliografia fornecida pela orientadora, a fim de ampliar o conhecimento a respeito do trabalho terminológico. O *corpus* será compilado com base nas indicações de textos pelo especialista da área e de acordo com as especificações de Sardinha (2000). A elaboração da DT compõe-se de algumas etapas sequenciais, todas realizadas no ambiente colaborativo e-Termos. Parte-se, da base definicional (repositório de excertos definitórios e/ou explicativos referente ao termo) compilados de diversas e variadas fontes, tais como: dicionários de áreas conexas, dicionários de língua geral, sites da internet e demais fontes que se mostrarem úteis para a obtenção de informações pertinentes sobre os termos que serão definidos. É partir da leitura dos excertos constantes da base definicional que se pode redigir o texto da DT. Antes de começar a redação propriamente dita, é necessário fazer a seleção dos traços semânticos (ou traços conceituais) dos conceitos cujos termos serão definidos. Deve-se partir inicialmente da ontologia (ou estrutura conceitual), que permite a visualização dos campos semânticos (ou campos nocionais), bem como das relações de hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia. Assim, selecionam-se os termos de determinado campo semântico e observam-se os traços conceituais nos excertos inseridos na base definicional, de forma a verificar os traços recorrentes para, então, estabelecer com segurança quais traços são imprescindíveis para a adequada descrição do conceito e em que ordem devem ocorrer no texto final da DT. As DTs, depois de redigidas, são analisadas e revistas pela orientadora do projeto. Depois dessa revisão, as DTs são submetidas ao especialista de domínio. Somente após aprovação da especialista é que a definição é considerada finalizada. As leituras serão embasadas em diversos estudos linguísticos, dentre eles, Linguística de *Corpus*, Revisão de Texto, Terminologia, além de se valer de ferramentas computacionais para a realização da pesquisa. Espera-se com a sistematização dos resultados obtidos, um conjunto suficiente de definições terminológicas do campo de especialidade Revisão de Texto para um projeto de mestrado, além de possíveis questões a serem debatidas futuramente em outras pesquisas. A validação das definições pelo especialista de domínio é a forma de avaliação dos resultados desta pesquisa. A construção de definições terminológicas para as unidades especializadas da Revisão auxiliará especialistas e/ou profissionais que usufruem da língua a empregar os termos com mais precisão, e até eliminar pré-conceitos e/ou concepções vagas do campo de especialidade.

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DO LÉXICO MAIS RECORRENTE EM AS TRÊS MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ À LUZ DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS

Mirian Pereira Bispo (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

No momento presente, o inglês é um dos idiomas mais falados no mundo. É reconhecido como a língua franca internacional e o principal idioma da comunidade acadêmico-científica mundial, devido principalmente ao domínio tecnológico, cultural e econômico Norte-americano (Snell-Horby, 2014). Consequentemente, ter uma obra literária traduzida para a língua inglesa é ampliar as possibilidades de novos leitores em âmbito global.

No Brasil, diversas obras nacionais foram traduzidas não só para o inglês, mas também para outros idiomas. Segundo Pereira (2012), obras como Dom Casmurro, O filho Eterno e Cidade de Deus, foram traduzidas respectivamente para o francês, alemão e o inglês. Nesse sentido, tornando possível a divulgação da cultura brasileira e a valorização da literatura nacional.

As obras clássicas, aquelas que ultrapassam o tempo e não perdem seu valor, estão entre as favoritas. Porém, há uma tendência em traduzir outras obras, aquelas que são consagradas pela cultura de massa ou simplesmente livros que caíram no gosto popular e fazem sucesso por meio de outras mídias, como filmes e séries.

Rachel de Queiroz é uma dessas escritoras, suas obras literárias podem ser consideradas como parte da literatura clássica. Dentre as obras mais consagradas da escritora temos, O Quinze, Caminho de Pedras, Memorial de Maria Moura e As três Marias. Na década de 40, Rachel de Queiroz também foi tradutora (Oliveira, 2007). Ela traduziu diversos escritores de prestígio, tais como, Jane Austen, Honoré de Balzac, Emily Brontë e Pearl Buck.

Esta pesquisa visa a analisar a tradução da obra As três Marias vertida por Fred P. Ellison para a língua inglesa com o título *The three Marias*. Ellison é Professor de Língua Portuguesa e Literaturas do Brasil e de Portugal na Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. A tradução levada a cabo foi realizada no ano de 1963, vinte quatro anos após a primeira publicação do livro no Brasil.

A análise da obra tem como foco aspectos linguísticos e extralinguísticos, uma vez que o trabalho tradutório não implica apenas troca de termos da língua de partida para uma língua de chegada, assim várias particularidades da teoria da tradução devem ser levadas em consideração na análise.

Vale ressaltar que o trabalho tradutório não é uma função simples na qual o dever do tradutor é exclusivamente “substituir” um termo pelo outro (Validório, 2008). Essa concepção simplista do trabalho do tradutor profissional, recai sobre o ponto de vista em que, para se traduzir um texto basta conhecer o idioma estrangeiro. Enquadrando dessa maneira, os estudos da tradução apenas na modalidade de tradução literal, deixando em segundo plano outros aspectos relevantes.

O corpus a ser analisado narra a história de três personagens principais, conhecidas como as três Marias, título também da obra. A narrativa de Rachel de Queiroz ocupa-se de aspectos sociais, particularmente do papel que a mulher representava na sociedade da época, essa representatividade de gênero é retratado de maneira única por meio das três personagens. Desse modo, coube ao tradutor conhecer aspectos sociais, culturais e ideológicos do período em que a obra foi escrita.

Com base nas observações realizadas anteriormente, colocamos as seguintes perguntas de pesquisa: (A) Como o léxico mais recorrente na obra da versão original foi traduzido para o inglês? (B) Como se apresenta a carga semântica do léxico recorrente e os aspectos culturais?

OBJETIVOS

Os objetivos concernentes a essa pesquisa são:

- (i) Analisar o uso do léxico mais frequente no corpus em Língua Portuguesa.
- (ii) Analisar o uso do léxico mais frequente no corpus em Língua Inglesa.
- (iii) Contrastar o léxico de ambos os corpora por meio do *WordSmith Tools*.
- (iv) Observar as escolhas léxicais do tradutor na versão em inglês.
- (v) Observar as implicações semânticas e culturais das escolhas do tradutor.
- (vi) Refletir sobre as diferenças entre o léxico e as combinações lexicais utilizadas na obra selecionada de ambos contextos linguísticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para realização dessa pesquisa, adotaremos o arcabouço teórico-metodológico dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus desenvolvido por estudiosos da tradução. Desse

modo, priorizamos os estudos levados a cabo por Mona Baker (1993), em seguida, abordaremos fundamentos teóricos da Linguística de Corpus, abordagem empírica divulgada no Brasil principalmente por Beber Sardinha. E por fim, empregaremos princípios dos estudos do léxico com intuito de delimitar nosso objeto de investigação.

Para Beber Sardinha (2000), a linguística de corpus pode ser definida como uma abordagem empírica. Abordagem que tem como foco a análise de evidências linguísticas em textos autênticos. Sendo essa análise realizada por meio de ferramentas computacionais.

Os utilitários computacionais mais conhecidos para análise de corpus são oferecidos pelo programa *WordSmith Tools*, software que compila os textos eletronicamente, permitindo que os dados sejam analisados por meio de listas de frequência do léxico, dados estatísticos e combinações lexicais. Desse modo, facilitando o trabalho de análise do pesquisador.

Na presente pesquisa, adotaremos o corpus paralelo, uma vez que esse tipo de corpus permite ao pesquisador visualizar o processo tradutório que foi realizado pelo tradutor. Em vista disso, nosso corpus será formado por uma obra de Rachel de Queiroz e sua tradução em inglês.

A solução encontrada por muitos tradutores para lidar com problemas de equivalência entre as línguas é adotar determinadas modalidades de tradução que tornem os textos traduzidos mais “naturais” aos leitores da língua de chegada.

O tradutor russo Vladimir Nabokov ao traduzir a obra *Alice no País das Maravilhas*, adaptou alguns palavras da obra de maneira que o texto ficasse mais compreensível aos leitores infantis. A adaptação foi realizada principalmente em nomes pessoais e de tratamento dos personagens, assim como também em um nome específico de flor. Na obra original o autor do livro utilizou um tipo de flor e na tradução em russo o tradutor optou por outro tipo, mais próximo da cultura russa, ou seja, Nabokov substituiu o meio social e cultura britânico da obra original pelo meio social e cultural russa na versão traduzida. (Vid, 2008).

Os textos traduzidos, portanto, podem aproximar-se mais da cultura de chegada ou simplesmente aproximar-se da cultura de partida. Essa escolha implica muitas vezes questões extralinguísticas, tais como, o público alvo, intenções editoriais ou mesmo censura, mas também podem partir de questões linguísticas como a tipologia textual. Os textos traduzidos em determinadas tipologias textuais permitem que o tradutor utilize certas modalidades de tradução que auxiliam na recepção do leitor, contudo determinadas modalidades de tradução são mais recorrentes em certos tipos de texto, dado que dissimilaridades entre as tipologias favorecem o uso de certas modalidades em detrimento de outras.

A partir das observações feitas nos textos traduzidos, Baker propõe algumas generalizações em razão do uso de corpora eletrônico (cf. Camargo, 2008) a teórica destaca determinadas características e traços recorrentes resultantes da interferência dos diferentes contextos linguísticos, essas características segundo ela somente são perceptíveis em textos traduzidos. Conforme a teórica sugere, seguem as características mais recorrentes utilizadas pelos tradutores: Simplificação, torna o texto traduzido mais fácil de ser compreendido, assim o tradutor tende a utilizar vocábulos mais simples e frases mais curtas; Explicitação, procura esclarecer os fatos por meio de uma linguagem mais explícita, expandindo os dados do texto original; Normalização ou conservacionismo, tende a priorizar características próprias da língua materna; Estabilização, procura não priorizar nem a língua materna nem a língua fonte, emprega recursos próprios, diferentemente das demais características pontuadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotaremos como embasamento teórico-metodológico, a linguística de corpus e a tradução baseada em corpus, dado que esses arcabouços, segundo Carmago (2008), oferecem diversas vantagens, como a possibilidade de armazenar grandes quantidades de dados, o uso de textos autênticos, e o acesso à dados quantitativos/estatísticos etc.

A fim de compilar o corpus e extrair os dados de pesquisa, utilizaremos o programa *WordSmith Tools*, desenvolvido por Mike Scott (Oxford University Press), software de análise de corpus que possui três utilitários principais: *Wordlist*, *Keywords* e *Concord*.

A *wordlist* nos permitirá criar listas de palavras por meio dos textos, ou seja, a partir do corpus compilado o aplicativo nos fornecerá a lista de palavras que são mais recorrentes dentro do corpus, em contrapartida, a *keyword* faz uma comparação das palavras do nosso corpus com um corpus de referência e finalmente o *Concord* nos fornecerá as linhas de concordâncias das expressões lexicais.

Inicialmente será feito a conversão dos textos em formato “txt” e em seguida utilizaremos as ferramentas oferecidas pelo *Wordsmith tools* para a obtenção dos dados. A partir da obtenção dos dados verificaremos o léxico mais recorrente nas obras e o comportamento linguístico-tradutório do texto traduzido. Posteriormente, por meio dos textos alinhados, (texto original e a respectiva tradução), observaremos os traços comuns e a seguir, analisaremos o emprego do léxico mais frequente.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Prendemos com essa pesquisa verificar como o tradutor empregou o léxico mais frequente da língua de partida na língua de chegada e como foi realizado o processo tradutório em relação aos aspectos semânticos e culturais do texto de partida

Além disso, a pesquisa pretende iniciar a verificação de fenômenos culturais, sociais e históricos e observar como eles afetaram as escolhas do léxico empregado pelo tradutor. Desse modo, a pesquisa ora proposta, fazendo uso do instrumental teórico e metodológico apresentado, tem como objetivo conhecer como se deu a tradução para a língua inglesa dos vocábulos preferenciais e recorrentes na obra citada e busca contribuir com a elucidação de aspectos ligados ao processo de versão na direção tradutória português→inglês.

APOSIÇÕES RESTRITIVAS E APOSIÇÕES COM *DE NO PORTUGUÊS ESCRITO*

Monielly Cristina Saverio Serafim (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

INTRODUÇÃO

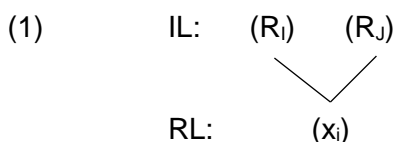
As aposições têm sido objeto de um grande número de pesquisas e ainda assim não há consenso entre os linguistas sobre o tema. Para definir as aposições, Rodriguez (1989) e Taboada (1978), por exemplo, postulam que uma característica definidora das aposições é a correferencialidade entre os itens, o que os leva, portanto, a restringir as construções apositivas às que manifestam essa propriedade semântica. Já Quirk et al. (1985) expandem o conceito de correferência e, por conseguinte, o de aposição, ao postularem que a referência de um nome pode ser incluída na referência do outro nome nas aposições.

É também divergente a postura de linguistas quando o que está em questão é a relação sintática entre os elementos nominais. De acordo com Rodriguez (1989), as aposições fechadas ou restritivas (*o escritor Machado de Assis*) consistem em estruturas *núcleo-modificador*, configurando, assim, uma relação de subordinação. Já as aposições não fechadas ou não restritivas são analisadas como uma estrutura de coordenação por alguns linguistas, mas é possível ainda identificar posições mais radicais que postulam não haver relação sintática entre os termos, como afirma Longrée (1987, apud NOGUEIRA, 2012).

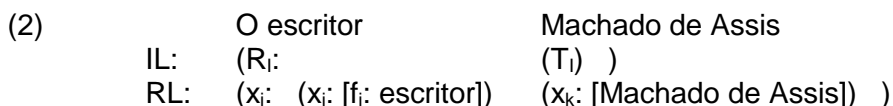
Nota-se que há diversas maneiras de caracterizar e delimitar as aposições em termos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos. No arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional¹ (doravante GDF) é possível distinguir os tipos de aposições, observando diferenças que se produzem no Nível Interpessoal (NI) e Representacional (NR) e, posteriormente, entre esses dois níveis mais altos e o Nível Morfossintático (NM).

No modelo da GDF, a aposição não restritiva é uma estrutura que, no Nível Interpessoal, apresenta dois Subatos de Referência (R) e no Nível Representacional denota uma única entidade, como pode ser observado em (1).

¹ Ver a organização da GDF na seção de Fundamentação Teórica.



As posições restritivas, por outro lado, apresentam no Nível Interpessoal um Subato de Referência e no Nível Representacional uma única entidade representada por dois elementos nominais. Keizer (2008) afirma que, quando há um nome próprio, ele é representado no Nível Representacional e restringe uma entidade, sem atribuição de propriedade.



Para o inglês, a autora caracteriza as posições restritivas da seguinte maneira: (i) quanto às propriedades formais, todas contêm dois elementos nominais; (ii) esses elementos formam uma única unidade de entoação; (iii) não há nenhum elemento de ligação entre os elementos; (iv) um dos elementos é um nome próprio ou um nome que denote unicamente uma entidade e o outro, em geral, um nome contável. Além disso, com base em extensa evidência de natureza pragmática, semântica e morfossintática, Keizer (2007) postula que: (i) em todas as posições restritivas, é o primeiro elemento que atua como núcleo, consistindo elas em construções do tipo núcleo-modificador; (ii) que somente a posição como um todo é usada para referir, ainda que cada elemento possa se referir independentemente à mesma entidade; (iii) que o determinante (nos tipos relevantes) tem escopo sobre ambos os elementos nominais e (iv) que as posições restritivas podem ser indefinidas.

A autora caracteriza as posições restritivas como aquelas que não têm elemento de ligação entre os nomes, a preposição *de*. Como o português apresenta esse tipo de construção mantêm-se, a princípio, essa divisão com base na configuração morfossintática das estruturas. Sob a ótica da GDF, as posições restritivas e as posições com *de* se aproximam, já que têm no Nível Interpessoal apenas um Subato de Referência e no Nível Representacional refere-se a uma única entidade. Dessa forma, é relevante um estudo sistematizado, que considere diversos níveis de análise, para classificar adequadamente essas estruturas, sendo, portanto, objeto de estudo deste trabalho as posições restritivas e as posições com *de* no português escrito.

Keizer (2005a; 2005b; 2007) identifica quatro funções discursivas nas posições restritivas: (i) *uso funcionalmente identificador* – o elemento descritivo indica para o ouvinte que o elemento que denota unicamente uma entidade não está sendo usada em seu sentido usual; (ii) *uso descritivamente identificador* – o elemento descritivo permite que o ouvinte recupere no seu modelo mental o referente da construção como um todo; (iii) *uso introdutório* – o elemento descritivo introduz uma informação contextualmente nova, mas relevante para ser usada na primeira menção de um nome próprio; (iv) *uso contrastivo* – a informação do elemento descritivo é usada para diferenciar o referente de uma posição e de outra.

Para o estudo das posições é relevante estabelecer a sua constituição morfossintática, nuclearidade e funções discursivas e verificar se o comportamento morfossintático, semântico e pragmático das posições com *de* e das posições restritivas fornece, também para o português, em primeiro lugar, uma distinção entre os dois subtipos de posição e, em segundo lugar, se se confirmam as distinções dos subtipos de posições restritivas em termos das funções pragmáticas, postuladas por Keizer (2005a, 2005b), especialmente se semelhanças e diferenças semântico-pragmáticas determinam o uso de uma estrutura morfossintática em detrimento de outra.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho adota uma perspectiva teórica baseada na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), cuja organização consiste em uma direção

descendente, o que significa que o modelo contempla uma direção que parte da intenção do falante e se desenvolve até a articulação. A motivação de uma arquitetura descendente se justifica no fato de que um modelo de gramática será tanto mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico de um indivíduo (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

A figura 1 é uma representação da arquitetura da GDF. Dentro dos componentes, as elipses contêm as operações de formulação e codificação, os quadrados contêm os primitivos usados nas operações e os retângulos contêm os níveis de representação produzidos pelas operações.

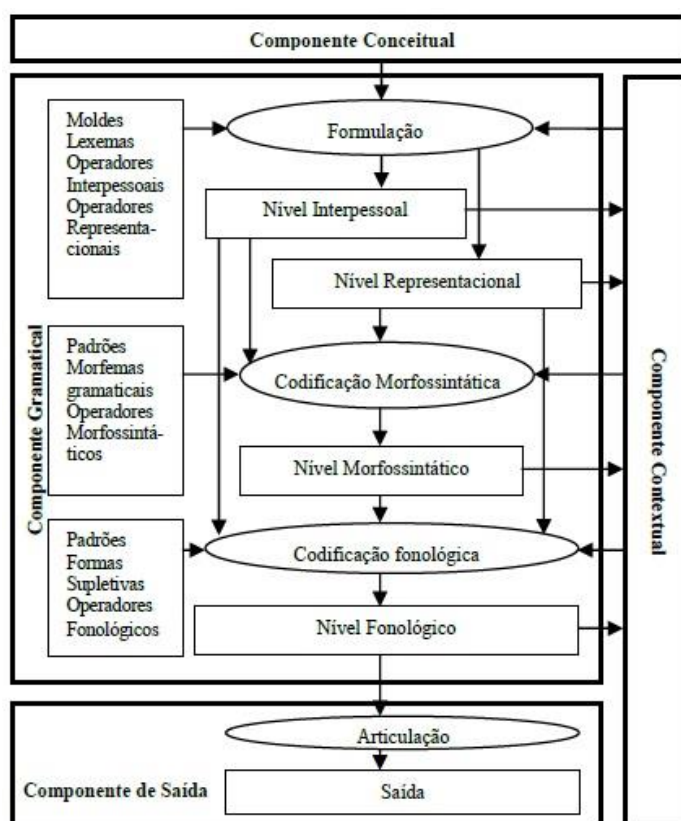


Figura 1. Esquema geral da GDF (Adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008)

O Componente Conceitual é responsável pela intenção comunicativa e as representações mentais correspondentes. A operação de formulação converte, no Componente Gramatical, essas representações em representações pragmáticas e semânticas para os dois níveis mais altos, o Nível Interpessoal e Nível Representacional, respectivamente. A operação de codificação morfossintática converte o conteúdo pragmático e semântico em unidades formais, de natureza morfossintática. A operação de codificação morfossintática, converte as unidades morfossintáticas em unidades fonológicas.

O Componente de Saída gera as expressões acústicas, escritas, ou de sinais com base na informação do Componente Gramatical. O Componente Contextual é alimentado por todos os níveis de representação, e as operações de formulação e codificação são alimentadas pelo Componente Contextual.

A GDF é, portanto, um modelo adequado para descrever a forma final das posições restritivas na codificação morfossintática como um reflexo dos níveis Interpessoal e Representacional.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral confirmar ou não a hipótese de que o comportamento nos Níveis Interpessoal e Representacional tem reflexos no comportamento

morfossintático dessas construções, contribuindo com a análise linguística de caráter funcionalista, mais especificamente dentro do arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional.

Mais especificamente, este projeto pretende chegar a uma classificação adequada e funcionalmente pertinente dos tipos de posições restritivas e posições com *de* em termos de codificação morfossintática, da definição da nuclearidade, além do estabelecimento das funções discursivas e semânticas que desempenham. Quanto às posições com *de*, pretendemos identificar os parâmetros de codificação morfossintática que os opõem às posições restritivas.

METODOLOGIA

O material para a análise será constituído de uma amostra de posições extraída de um semanário de circulação nacional, a revista *CartaCapital*, especialmente em razão da qualidade editorial e estilística de seus artigos. Pretende-se extrair, de cada número de um total de doze edições, três textos diferentes: uma reportagem, um editorial e um texto de opinião. Os gêneros em si não constituem um critério de análise, mas buscam apenas uma ampliação da diversidade no domínio da ocorrência.

A quantificação das ocorrências e consequente cruzamento de dados será realizada mediante o uso do software de regra variável GoldVarb X (SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E., 2005). Para a operacionalização da análise, propomos grupos de fatores que abrangem uma série de características pragmática, semântica e morfossintática das posições, considerando a possibilidade de haver alguma determinação pragmática e/ou semântica da configuração morfossintática das construções.

O estudo da nuclearidade se baseará na aplicação de critérios de natureza gramatical diversa, em vista da possibilidade de ser insuficiente a aplicação de um único critério, em geral, o morfossintático e o semântico, já que os elementos nominais são muitas vezes tratados como correferenciais. Assim, a opção mais adequada é empregar um enfoque funcional-cognitivo que reconheça a natureza prototípica das categorias, ou seja, quanto mais critérios se aplicarem a um caso, tanto mais prototípico é o núcleo da posição (KEIZER, 2007). Para operacionalizar os critérios de nuclearidade propõe-se a submissão dos casos a sete grupos de fatores, de natureza pragmática, semântica e morfossintática.

Quanto aos grupos de fatores de natureza pragmática, o primeiro seleciona o elemento nominal que introduz ou recupera uma entidade no discurso; o segundo, diz respeito à possibilidade de reiteração de N1 ou N2 por meio de um pronome, o que indica qual elemento pode ser tópico na sequência textual.

Dos grupos de fatores de natureza semântica, o primeiro tem a função de detectar qual dos dois elementos nominais é o constituinte obrigatório ou se os dois o são; o segundo serve à definição do elemento distributivamente equivalente ao todo; o terceiro procura detectar que elemento nominal preenche as restrições de seleção do verbo na posição de sujeito.

Quanto aos critérios morfossintáticos, o primeiro grupo de fatores procura detectar que nome é selecionado para estabelecer a concordância em número e pessoa com o verbo; o segundo, que diz respeito a lócus morfossintático, procura detectar se é N1 ou N2 o elemento que veicula marcas flexionais de gênero e número que concordam com os determinantes e modificadores; o terceiro implica fazer uma análise morfossintática das posições restritivas para confirmar ou não a existência e frequência dos casos ou o surgimento de alguma estrutura alternativa. Já a análise morfossintática das posições com *de* se cumprirá mediante a análise dos dados submetidos a dois grupos de fatores, um que analisa a porção à esquerda e outro que analisa a porção à direita das posições em termos de determinantes, quantificadores e modificadores, sempre com vistas à detecção de nuclearidade em vista de ser complexa sua identificação.

O estudo das funções discursivas requer também uma análise dos tipos de entidades que ocupam as posições nominais, uma vez que, quando em seu uso funcionalmente descritivo, Keizer (2005b) identifica um mecanismo potencialmente desambiguador de N1, já que o referente da construção como um todo pode não ser do mesmo tipo que o de N2, como em *A palavra recessão*

Propõe-se também a análise da identificabilidade e da especificidade do referente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e do status informacional da entidade (PRINCE, 1981) para definir se as posições relacionam o referente a uma entidade já presente no constructo mental do ouvinte ou se exercem a função de introduzir um novo referente. Por fim, para o estudo das funções discursivas, planeja-se uma análise das funções pragmáticas (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) que o Subato Referencial pode veicular.

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA MEDIADO POR TRADUÇÃO DE LEGENDAS NO YOUTUBE: CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Natália Molan (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

A língua inglesa e as tecnologias digitais assumem um papel importante no mundo atual, em que a disseminação e o progresso dos computadores estão lentamente levando a maioria das escolas a ter laboratórios de informática para que os alunos trabalhem em atividades de aprendizagem de diversos tipos.

A aprendizagem de inglês e a apropriação de práticas de leitura e concepções como letramento e multiletramentos se tornam requisitos fundamentais para a cidadania. A partir dessas concepções, o ensino de LE colabora, também, com o desenvolvimento das competências leitoras e habilidades de leitura. Para isso, sugerimos o uso da tradução de legendas, motivando o aluno a desenvolver autonomia para enfrentar os desafios que a aprendizagem de uma língua proporciona.

O uso da edição de legendas como tarefa realizada pelo aluno pode ter um impacto notável e significativo para o desenvolvimento das habilidades comunicativas em LE. Como suporte, apresenta uma série de benefícios à compreensão e desenvolvimento de vocabulário. Quando são utilizadas com diferentes recursos, contribui para a compreensão de informações de forma fragmentada e fornecem um melhor caminho para que o entendimento e a aprendizagem aconteçam de maneira mais efetiva. Esta atividade, funcional e interativa, permite que o aluno compartilhe suas evoluções em um ambiente virtual, motivando o desenvolvimento desses exercícios, através de uma perspectiva muito mais estimulante, fundamental na aprendizagem de língua estrangeira.

OBJETIVOS

Analisar como o uso de novas tecnologias podem contribuir e mediar a condução da prática de ensino para a melhoria e desenvolvimento das habilidades de leitura dos textos em inglês. Ao mesmo tempo, as informações relacionadas à aquisição de itens lexicais e consciência cultural são habilidades que esperamos despertar com a ajuda dessas atividades. Além disso, a linguagem escrita é utilizada em forma de tradução, então, através da prática de habilidades como ortografia, escrita e tradução, os alunos se tornam mais conscientes dos padrões estruturais da língua envolvida nos vídeos. Espera-se que, com a orientação adequada, as legendas proporcionem aos alunos o apoio de se sentirem mais confortáveis e motivados quando aprendem uma língua estrangeira e uma ajuda objetiva em termos de reconhecimento, manutenção e produção de novos e já conhecidos itens linguísticos, através das múltiplas associações que proporcionam, em conjunto com o contexto e o ambiente em que aparecem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a possibilidade do uso das TIC para produção de conhecimento, acreditamos que esta atividade será muito valiosa, pois diversas experiências têm demonstrados os benefícios da incorporação de legendas a vídeos, fornecendo feedback instantâneo e, portanto, um reforço positivo, contribuindo para criar um sentimento de segurança na maioria dos alunos, que gostam de utilizá-las como apoio para melhor compreensão e aquisição de novas palavras. Portanto, é necessário que os alunos

desenvolvam diferentes maneiras de utilizar a legenda do que simplesmente para entender o que está sendo dito em um vídeo.

Em estudos realizados por Danan (1992), observamos que o uso de *inputs* trazidos por vídeos e legendas causam grandes efeitos de associação visual à memória, pois as imagens tornam as coisas mais fáceis de serem lembradas. Citando Canning-Wilson, Zanón (2006) reafirma que os efeitos suplementares que imagens e traduções ocasionam para a aprendizagem de língua estrangeira é muito poderoso, sugerindo que “imagens contextualizadas em vídeos ou por conta própria podem ajudar a reforçar a aprendizagem de línguas, desde que o aluno possa ver um significado imediato em termos de reconhecimento de vocabulário”. Todos esses benefícios podem ser otimizados se os alunos aprenderem a utilizar a legenda de forma ativa.

Talaván (2010) encontrou um número considerável de trabalhos discutindo o poder de se utilizar legendas como apoio didático. Entretanto, o uso de software e técnicas para legendas foram estudados por poucos autores, como Díaz Cintas (1995, 1997, 2008) que sugeriu a possibilidade de benefícios pedagógicos alcançados através das legendas, principalmente em termos de desenvolvimento lexical e sociocultural.

Baseado em King (2002), Zanón nos apresentou uma lista de benefícios que as atividades utilizando legendas podem proporcionar, como a construção de uma ponte entre habilidades de leitura e audição, aprender a processar rapidamente o texto na língua estrangeira e melhorar a leitura rápida, tentando acompanhar as legendas que acompanham os diálogos, aprender como pronunciar muitas palavras, conscientemente e inconscientemente, as legendas permitem que os alunos sigam o enredo facilmente, os alunos podem desenvolver habilidades de reconhecimento de palavras, as legendas podem reforçar a compreensão das expressões ligadas ao contexto em inglês e ajudar os alunos a adquirir novos vocabulários e expressões idiomáticas, os alunos podem entender o humor (como piadas) que seria difícil de reconhecer sem a ajuda das legendas. O humor pode ser um assunto difícil, mas gratificante para a sala de aula (Lonergan, 1989) e as legendas ajudam a compreendê-lo, melhorando o caráter agradável da atividade, entre outros.

Considerando todos esses benefícios, acreditamos que a tradução de legendas feita por alunos poderá fornecer dinâmica e motivação às aulas de língua estrangeira, afinal a língua está em constante movimento e modificação e essa seria uma maneira dos alunos refletirem sobre isso e valorizarem a importância que o saber da língua inglesa representa hoje para a sociedade. Além disso, podem contribuir numa área de interesse particular e popularizá-la no país, tornando-a acessível a uma gama mais alargada de leitores/telespectadores, que pertencem a diferentes comunidades.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base nessas ideias, optamos por desenvolver uma pesquisa com enfoque no ensino de leitura em Língua Inglesa, envolvendo alunos e tecnologia, através de estudo de caso. De acordo com Brett & Nash (1999), há uma base de evidencia considerável em legendas afirmando que multimídias podem ser um ambiente eficaz para a aquisição de língua estrangeira, desde que proporcione aos alunos a oportunidade de negociar o significado, de notar a linguagem, de se motivar e de melhorar a maior parte das áreas de aprendizagem de línguas.

A proposta metodológica está diretamente ligada aos tipos de aprendizagem multimídia, utilizando combinações como software, vídeos, legendas e atividades interativas.

Para que o desenvolvimento deste projeto ocorra, precisamos considerar as experiências dos estudantes que são pautadas na curiosidade, no modo peculiar de criar e imaginar significações sobre o mundo e na relação que eles estabelecem com as novas tecnologias, que fazem parte da vida cotidiana de cada um deles. O perfil dos alunos para esta proposta exclui apenas crianças, desde que as atividades podem ser executadas individualmente, incluindo adultos e adolescentes de todos os níveis de proficiência.

Inicialmente, o professor apresentará um texto, pedindo que façam a leitura e análise do mesmo, respondendo algumas questões para que possamos registrar a compreensão de cada um a respeito do assunto. Em termos de estrutura interna da língua, a estratégia da

apresentação dos textos é sugerida como um “*warm-up*” para a atividade de tradução de legendas, e pós-atividade, contendo o foco na compreensão da língua alvo.

Ao professor, caberá a tarefa de selecionar vídeos apropriados que se encaixem nas especificidades do grupo de alunos e, ainda, contenham itens específicos de aprendizagem, observados na aplicação dos textos, que se referem ao mesmo tema que o vídeo selecionado, com legenda em Inglês. Através destas atividades, observaremos como a tradução e edição das legendas podem contribuir para melhorar a qualidade nas habilidades de leitura e compreensão de textos escritos em inglês.

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa serão observações em sala de aula e no laboratório de informática, gravações em vídeo e questionários aplicados aos alunos do Ensino Médio.

O *corpus* será extraído de acervos disponibilizados pelo *Youtube*, que contenham legenda em Inglês, mas não em Português, podendo estes tratarem de assuntos diversos, como Química, Física, História e curiosidades em geral. Uma vez delimitado o *corpus*, analisaremos como as estratégias cognitivas podem auxiliar na construção do sentido de um texto, a fim de demonstrar os aspectos que não são considerados na abordagem tradicional de ensino.

Os vídeos selecionados para cada lição dependem do que o professor considera necessário para os alunos praticarem naquele determinado momento da aprendizagem. Praticamente qualquer situação pode ser estudada e praticada com essa estratégia, inclusive a interdisciplinaridade, relacionando-se com diferentes habilidades linguísticas.

Após selecionar os vídeos, os alunos devem receber as instruções de como utilizar a ferramenta de edição de legendas, disponibilizada também pelo *Youtube*, para que eles possam trabalhar de maneira colaborativa, tendo em vista que, como afirma Di Pietro (1987), “uma atividade de sala de aula que motive os alunos a conversar propositalmente com os outros, fornecendo papéis de episódios baseados em situações da vida real, podendo recriar situações da vida social e fornecer aos nossos alunos as orientações necessárias para que tenham mais controle sobre o processo de aprendizagem.”

A estratégia pedagógica será realizada de acordo com os objetivos específicos, sendo assim o áudio do vídeo deverá ser na língua alvo, assim como as legendas, para que o aluno possa praticar a tradução destas legendas para a sua língua materna. Esta estratégia permite que o aluno se sinta inclinado a analisar ambas linguagens, porque uma técnica de tradução é empregada de maneira diferente, colocando-os em um ambiente familiar, como o computador, a internet e os vídeos do *Youtube*, que eles tanto acessam em suas vidas cotidianas. Além disso, este tipo de exercício, colocando a informação linguística sob a forma de legendas, faz com que os alunos vão direto para a essência da mensagem. Assim, evita-se a tradução “ao pé da letra” e visa diretamente uma transferência semântica e pragmática entre os dois sistemas semióticos, o que ajuda a entender melhor o funcionamento interno de ambos os sistemas.

As lições precisam ser compatíveis com o nível de proficiência da turma para que os alunos não se sintam sobrecarregados com as dificuldades. Enquanto os alunos realizam esta atividade, o professor deverá circular pela sala para resolver possíveis dúvidas e problemas.

De acordo com Zanón, há dois benefícios que derivam desta estratégia: a) pode ajudar os alunos a melhorar a produção escrita, proporcionando-lhes prática em relação à expressão condensada; b) há constante aquisição de novo vocabulário, desde que isso desafie o aluno a transferir sua fonte de conhecimento lexical aos equivalentes no contexto de sua língua materna. Portanto, este tipo de exercício é muito útil para a prática de escrita e leitura, uma vez que reforça a capacidade dos alunos de manter a informação mais relevante ao mesmo tempo que visa a economia de expressões, uma das principais diferenças discursivas entre o inglês e outras línguas, como o português. Além disso, a aquisição de vocabulário é ajudada por associações audiovisuais em memória, que permitem a retenção e recuperação destas palavras no futuro.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Com este estudo, pretende-se contribuir com o levantamento de prática de sala de aula, investigando, também, como o uso das TIC pode mediar este processo de ensino e aprendizagem, conciliando a tecnologia a serviço dos professores e dos alunos, proporcionando uma participação mais ativa deste aprendiz a fim de ajudá-lo, de diferentes maneiras, a adquirir conceitos complexos e abstratos. Através da coleta e análise de dados, buscamos inferir que o uso de legendas como suporte de aprendizagem tem um efeito positivo no desenvolvimento de habilidades de leitura. A parte qualitativa da pesquisa inclui uma análise aprofundada da observação e uma exploração dos resultados coletados dos questionários e do teste de interpretação de texto.

Acreditamos, ainda, que esta pesquisa possa contribuir para melhorar a compreensão da leitura dentro de um ambiente multimídia, seguindo uma abordagem baseada em tarefas, promovendo uma série de habilidades relacionadas a compreensão audiovisual, de acordo com o Quadro Comum Europeu (Council of Europe, 2001) e incentivar a aprendizagem autônoma tanto dentro como fora da sala de aula. Além do mais, esperamos que mais professores se dediquem a explorar os múltiplos e potenciais usos deste tipo de metodologia e tecnologia para novas práticas pedagógicas, tendo a internet como ferramenta privilegiada de apoio para o ensino de línguas.

A NOÇÃO DE ESTEREÓTIPO VIVENCIADA NO TELETANDEM: REFERÊNCIA NACIONAL E/OU PRECONCEITO CULTURAL?

Paola de Carvalho Buvolini Freitas (UNESP/SJRP – Bolsista CAPES)

A comunicação intercultural é vivenciada pelos nossos alunos e pelo nosso grupo de pesquisa por meio do teletandem. Este acontece nos três campi da UNESP que têm o curso de Letras. Neste contexto virtual, autônomo e colaborativo de aprendizagem de línguas mediado pela tecnologia (Telles & Vassallo, 2009), sujeitos interagem com um estrangeiro a fim de ampliar, aprender mais língua-cultura. Neste jogo de troca – intercâmbio online, com comunicação síncrona, cabe pensar o que é falado pelo par. Após a interação, acontece a mediação, espaço para a discussão do que foi falado pelo par, mediado por um professor ou aluno de pós-graduação e graduação da instituição.

Diante deste contexto, a proposta da tese é questionar o termo *estereótipo* para o contexto de comunicação intercultural. Ao fazê-lo, percebemos que circundado ao contexto do teletandem, a recorrência do que cunhamos estereótipo esbarra na ideia de referência a fatores culturais e nacionais de um determinado grupo. Por isso, as questões que seguem norteiam nosso questionamento a respeito de *estereótipo* e *referência* como formadores ou indicadores de identidades nacionais-culturais no âmbito da contemporaneidade. O que se fala em termos de valores culturais é recorrência do passado tradicional? É um estereótipo? Quando a fala de um interagente de teletandem mostra marcas de um senso comum significa que é parte da nação que fabricou tal senso? Como discutir, nas interações e mediações iniciais de teletandem, questões de futebol para brasileiros e de *fast food* para os estadunidenses, canadenses, especificamente? Esta *visão estereotipada* da nacionalidade expressa pelos aprendizes de teletandem é parte da performance de um sujeito híbrido ou uma faceta de segurança para não ser avaliado negativamente?

Na interação com o outro, a fala que demonstra senso-comum, generalizações, estereótipo é uma referência positiva ou negativa para a comunicação intercultural? Por que é recorrente o uso de estereótipos nas interações iniciais ou mesmo quando discutimos a língua e cultura estrangeiras? É por estas constantes que percebemos que o uso do estereótipo pode ser uma referência à identidade nacional do interagente que assim o faz para poder representar sua nação no teletandem, especificamente. Trazer esta temática para as pesquisas em comunicação intercultural online é um passo para compreender os sujeitos envolvidos em participar do movimento de constituição subjetiva e identitária de si mesmo em confronto com outro, estrangeiro – estranho em valores, costumes e línguas.

Pensando a constituição do sujeito, podemos rever, ressignificar nossa performance docente por meio da mediação de teletandem, cuidando para que nossa fala reiterada de professor-mediador valorize a diferença, torne o estereótipo uma referência a ser observada e não sedimentada. Acreditamos, ainda, que o estereótipo possa ser utilizado como instrumento linguístico da comunicação intercultural no que concerne a identidade nacional-cultural.

Como fundamentação teórica, Lippman (1998) define estereótipo como imagens mentais necessárias na relação com as informações entre o indivíduo e a realidade. Por isso, é fácil fazer a correlação da definição com a etimologia do termo, *stereòs*, em grego, significa rígido e *túpos*, impressão. Portanto, uma impressão rígida, em nível subjetivo, das relações que o indivíduo constrói, organiza, visualiza da sociedade em que vive.

Segundo Lippmann, quando nos aproximamos da realidade, "não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos". Aí está o estereótipo: são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas". Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a "ver" de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem.

Para MAZZARA (1999),

Os estereótipos formam parte da cultura de um grupo e, como tais, são adquiridos pelos indivíduos e utilizados para uma eficaz compreensão da realidade. Ademais, a conscientização dos estereótipos cumpre para o indivíduo uma função de tipo defensivo: ao contribuir com o mantimento de uma cultura e de determinadas formas de organização social, garantem o resguardo das posições alcançadas. (p. 14)

Ver o estereótipo como parte da cultura é recorrente, mas acreditar na sua eficácia para a compreensão da realidade onde ele habita leva seu conteúdo à sedimentação como um dado, uma informação posta, certa, rígida e, conseqüentemente, excludente e preconceituosa, como entende Baccega (1998):

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, "entorta" -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano. Ele se manifesta, portanto, em bases emocionais, trazendo em si, como já dissemos, juízos de valor preconcebidos, preconceitos, e atuam na nossa vontade. (Baccega, 1998. P. 10)

Para a compreensão maior de estereótipo, ancorada na psicologia, olhamos para a dimensão subjetiva do sujeito perpassado pela globalização e pela tecnologia, participantes do contexto de troca intercultural, com os trabalhos de Deleuze e Guattari (1995a, 1995b) e Rolnik (1997, 2000).

Da leitura de Rolnik (1997, 2000) percebemos como os estudos se inter cruzam. Para isso, citamos um trecho de seu texto "Toxicômanos de identidade. subjetividade em tempo de globalização" do livro *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades* (Rolnik, 1997).

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional, cultural. (p.19)

Silva (2013) também afirma que quem participa dessa mudança, fragmentação de identidades de forma consciente também reconstrói identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. Associamos tal processo de reconstrução à ideia de *interpelação* de Louis Althusser e ao conceito de *sedimentação* que Butler (2004) nos traz. É este passado

comum que dissemina valores, atitudes e muitas vezes leva a uma fala comum por meio da *performatividade* e a estereótipos, processo de *sedimentar* o que é mais denso. E, por isso, categorizar, classificar, dicotomizar e excluir, definindo estereótipo como preconceito, como um valor social negativo.

Derrida (1991) também esclarece que, nesse jogo identidade x diferença, o poder tem função primordial. É por ele que os sujeitos se sentem pertencentes ou não a determinados grupos e ambientes. O processo de sentir-se pertencendo a uma identidade se dá pela possibilidade de *repetição de um ato linguístico*. Essa *repetibilidade* da linguagem com mudanças de sentido, seja pela fala ou pela escrita, nomeia o que Derrida chamou de *iterabilidade*. Tal pertencimento identitário também se dá pelo processo de *citacionalidade*, movimento de citar palavras em outros contextos, como se recortássemos e colássemos uma expressão em diversos contextos, tal como a citação. Ele diz que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (in SILVA, 2013: 91). É essa repetição de falas e sinais dentro de uma grade de poder que determina posições sociais dentro também de suas restrições ideológico-sociais e que dialoga com o que Lippmann trouxe acerca de estereótipos. Este movimento leva a uma *normalização* e, conseqüentemente, *sedimentação* de valores, culturas manifestados *na* e *pela* língua.

Zigmunt Bauman lança a ideia de pertencimento explicada por sua trajetória de vida e dialoga com o que Stuart Hall (2006) demonstra no início de sua obra, quem sou eu num novo espaço. O autor busca entender determinado fenômeno pelos contextos sociais, culturais e políticos que o revestem. Tal prática o aproxima das teorias que nos guiam neste momento - o que está *sedimentado* e *interpelado* (Butler, 1990) em nós para o uso de estereótipos. Na simbiose teórica, há *práticas reguladoras* (ditas por Butler, 1990) que identificam ícones nacionais vistos por interagentes. Assim, grande parte da população se sente pertencente a tal lugar porque a performance social foi a de levar os sujeitos de cada comunidade a repetir, repetir e repetir atos simbolicamente culturais. A tecnologia, a globalização e a mídia são responsáveis diretas pela repetição e disseminação mais rápidas destes ícones culturais estereotipados e também do deslocamento deles para a construção e/ou revisão de novos, servindo como referência de nacionalidade.

Após a exposição das teorias que sustentam a pesquisa, cabe evidenciar o contexto e objetivos do teletandem que somam educação às novas tecnologias, caracterizando-se como um espaço translinguístico (ZAKIR, 2015), promovedor da comunicação intercultural online, pois

Além de ser um projeto pedagógico e social, que visa ao ensino e à transformação das condições sociais de acesso da população economicamente desprivilegiada às línguas e culturas de outros países, o Teletandem Brasil é um projeto de pesquisa. Ele visa (a) ao aprofundamento da compreensão dos modos pelos quais os parceiros de teletandem fazem uso do computador para aprenderem línguas estrangeiras; (b) ao aprofundamento de nossa compreensão sobre a natureza e os processos de interação intercultural no ambiente virtual de teleconferência e (c) às redefinições no papel do professor de línguas estrangeiras ao trabalhar com o teletandem. (TELLES, 2009:69)

Os objetivos (b) e (c) se imbricam na preocupação que esta pesquisa quer salientar: nos processos constitutivos do teletandem, interação e mediação, o que fica do falado/discursado como pedagógico e social. Por isso, acreditamos que a mediação é a arena (Bahktin, 2010) para problematizar a interação a nível linguístico e cultural. As sessões de mediação acontecem após as interações, com o tempo estipulado de 30 minutos. Neste momento os aspectos interativos vivenciados nas interações são suscitados para não ser uma simples descrição das interações. O mediador deve estar equipado criticamente para não ser um espaço de relato de experiências, perpetuação de estereótipos como enquadrado pelo senso-comum, com tom excludente e concepção sedimentada do outro, como salientou Telles (2015) em seu artigo *Teletandem and Performativity*. É exatamente na mediação que as

possibilidades e o potencial para promoção de ensino e aprendizagem de línguas crítico se constroem e se realizam.

Metodologicamente, adotamos o paradigma da Teoria Crítica, com algumas incursões em pressupostos construtivistas, por estarmos focando questões de ensino de línguas estrangeiras com um viés tecnológico, devido ao contexto de comunicação intercultural online do teletandem. Na teoria crítica, a realidade é compreendida como um mosaico da sociedade (com sua abrangência de etnias e gêneros), da política, da economia e da cultura. No construtivismo, a ideia é de interdependência de pessoas e grupos para a construção de uma realidade mais fundamentada mental e socialmente. Elas se encontram na pesquisa pela ideia máxima de interação que cada uma carrega e sustenta. E interação é algo central no contexto online de aprendizagem em teletandem. Buscaremos gravar e transcrever a mediação de três grupos, se possível do Brasil e outro país. Também entrevistaremos os mediadores destes grupos e daremos um questionário semiaberto para os interagentes dos grupos selecionados, já que nem sempre o que foi discutido sobre a temática da pesquisa é dito na mediação. Faremos estudos de caso de caráter exploratório.

Portanto, consideramos profícuo, para o campo da Comunicação Intercultural, desbravar as ciências sociais que dialogam, felizmente, com a Linguística Aplicada, sustentando nossa necessidade de desnaturalizar estereótipos, percebê-los na característica de referência nacional e ver, na mediação do teletandem, cada caso de sedimentação com o cuidado de marcar a diferença como característica nacional a somar, hibridizar sujeitos líquidos, não aprisioná-los com e por impressões rígidas.

Tomar a teoria da performatividade para ver tais interagentes é vê-los na ruptura da norma, da normatividade, do estereotipado. É a possibilidade de vê-los diferentes também, desconstruindo imagens idealizadas de interagentes brasileiros e estrangeiros. As identificações entre eles promovem nossa identificação com eles como mediadores, processo que incita reflexão e crítica na formação docente e no estabelecimento de interações fecundas que vão do nacional ao singular.

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS DO BRASIL

Patricia Bomtorin (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a descrever as construções clivadas a partir de sua tradução em obras best sellers, do autor Dan Brown, da língua inglesa para o Português Brasileiro (PB, daqui em diante). Essas construções apresentam características específicas que as diferenciam de orações canônicas, tanto em inglês quanto em português. Tem-se, como um desses aspectos, que as sentenças clivadas dispõem de uma função pragmática de Foco, isto é, o falante que pretende salientar uma proposição escolhe fazer uso desse tipo de sentença. Tem-se como hipóteses que: (i) as estruturas das construções clivadas não necessariamente coincidem em ambas as versões; (ii) os tradutores têm liberdade de modificar aspectos linguísticos que julgarem pertinentes, por diversas razões, por exemplo: estilo próprio; adequação ao sentido do texto de partida; intuito de oferecer mais naturalidade ao texto de chegada e, assim, obter aceitação na língua alvo; e (iii) os tradutores poderiam até utilizar-se de outras estratégias de Foco em PB e não manter a estrutura de clivagem. A partir dessas hipóteses, objetiva-se investigar, no corpus mencionado, as diferenças estruturais entre o inglês e o PB no que tange às estruturas clivadas e as alterações que surgem devido a peculiaridades de tradução.

A fim de ilustração desse tipo de construção, tem-se que, em inglês, há três tipos de sentenças consideradas de modo geral como clivadas por Lambrecht (2001): as *it-cleft sentences*, as quais estão representadas pela ocorrência (1) a seguir; as *wh-cleft sentences* (tratadas por alguns autores como *pseudo-cleft sentences*), ilustradas em (2); e as *reverse wh-cleft sentences* (ou, como alguns autores titulam, *reverse pseudo-cleft sentences*), exemplificadas em (3). Enquanto Lambrecht (2001) considera apenas esses três tipos de

construção clivada no inglês, Braga e Barbosa (2009) propõem outros quatro tipos dessas construções em PB¹. Essa diferença estrutural entre as línguas reflete-se na tradução, como se pode notar nas ilustrações desse tipo de sentenças em inglês, acompanhadas de sua tradução em PB²:

A partir da investigação da estrutura sintática das construções clivadas em ambas as línguas, a análise avança para os aspectos pragmáticos, com investigação dos efeitos discursivos dos diferentes tipos de estrutura, e para os aspectos semânticos, com verificação do sentido dessas construções.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é, dentro de uma base teórica funcional, obter uma descrição das construções clivadas na língua escrita, a partir da análise das mudanças estruturais na tradução dessas construções, do inglês para o PB, em obras best sellers do autor Dan Brown.

<p>The object they were pondering on the monitor was a canister of some sort - a canister with transparent sides. That much was easy. It was the rest that was difficult. (BROWN, 2000, p. 64)</p>	<p>T: O objeto que eles observavam no monitor era um tipo de tubo, um cilindro com laterais transparentes. Até aí, era fácil. O resto é que era difícil. (BROWN, 2004a, p. 68)</p>
<p>"A librarian docent accompanies every entrant at all times. Tonight, the docents are gone. What you are requesting is carte blanche access. Not even our cardinals enter alone." (BROWN, 2000, p. 123)</p>	<p>T: - Um bibliotecário docente acompanha todos os que entram em todas as ocasiões. Esta noite, não há nenhum docente, todos saíram do Vaticano. O que me pede é um acesso com carta branca. Nem os nossos cardeais entram lá sozinhos. (BROWN, 2004a, p. 132)</p>
<p>Although his people did not celebrate Christmas, he imagined that this is what it must feel like to be a Christian child, sitting before a stack of Christmas presents, about to discover the miracles inside. (BROWN, 2000, p. 29)</p>	<p>T: Seu povo não comemorava o Natal, mas essa deveria ser a sensação que as crianças cristãs experimentavam diante de uma pilha de presentes, prestes a descobrir os mistérios que continham. (BROWN, 2004a, p. 29)</p>

São objetivos específicos nesta proposta: (1) investigar as diferenças estruturais entre o inglês e o PB no que tange às construções clivadas; (2) verificar as diferenças que surgem devido a peculiaridades de tradução; (3) analisar, na comparação das versões, os efeitos dos diferentes modos de clivagem; (4) verificar se os efeitos de Foco se mantêm no texto traduzido e, se não, por quais razões; (5) testar a tipologia da clivagem proposta em PB, em confronto com a proposta do inglês, levando em conta as diferenças estruturais entre os dois sistemas linguísticos; (6) a partir do verificado no objetivo anterior, propor uma classificação que responda ao uso das construções clivadas em PB; (7) propor uma definição de clivagem que possa abarcar um termo adverbial circunstancial como constituinte focalizado, e não apenas a proposição e a predicação, podendo-se observar que, nos primeiros dados analisados, já

¹ Ao todo, os sete tipos propostos por Braga e Barbosa (2009) são: clivadas propriamente ditas (que correspondem às *it-cleft sentences*); construções É QUE; construções QUE; pseudoclivadas (equivalentes às *wh-cleft sentences*); pseudoclivadas invertidas (correspondentes às *reverse wh-cleft sentences*); pseudoclivadas extrapostas; e, finalmente, construções foco ser.

² Os tradutores das obras são distintos, portanto, a referência será feita com o próprio autor da obra original, considerando-se o ano de publicação de cada versão.

foi verificada essa possibilidade; (8) investigar se o constituinte focalizado veicula uma informação nova, dada ou inferível e se expressa um contraste.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar conta de analisar não apenas a estrutura sintática das construções clivadas isoladamente, mas também seu valor semântico e suas funções pragmáticas, adota-se, nesta pesquisa, o aparato teórico da Gramática Funcional, a qual se preocupa com a organização gramatical de línguas naturais em uso, e, nesse sentido, seguem-se principalmente autores como Nichols (1984), Dik (1997), Halliday (2004), Lambrecht (2001) e Neves (2004).

A Gramática Funcional, assim como as gramáticas formal e estrutural, analisa a estrutura gramatical, mas, diferentemente das últimas, também analisa toda a situação comunicativa: a finalidade do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. A situação comunicativa motiva, restringe, ou até mesmo determina a estrutura gramatical e, portanto, forma e função linguísticas interdependem (NICHOLS, 1984, p. 97), o que pode ser aplicado da seguinte maneira ao objeto de pesquisa aqui proposto: a estrutura sintática clivada (forma) tem, no discurso, a função³ de dar Foco a uma proposição.

Em geral, as funções de Foco podem, em princípio, ser atribuídas a qualquer parte da estrutura clausal subjacente, e as funções focais “têm consequência na forma, na ordem e no contorno prosódico pelos quais os constituintes relevantes são expressos mediante as regras de expressão”⁴ (DIK, 1997, p. 68).

Dik (1997, p. 312) subdivide tais funções de Foco em: (i) proeminência prosódica (acento enfático); (ii) ordem especial de constituintes (posições especiais para constituintes de Foco na ordem linear da oração); (iii) marcadores especiais de Foco (partículas que distinguem o constituinte focalizado do resto da oração); e (iv) construções especiais de Foco (construções que atribuem a um constituinte específico a função de Foco, por exemplo: construções clivadas ou pseudoclivadas). Esse último tipo de focalidade é o objeto de pesquisa neste trabalho.

Com o propósito de, a partir dessa função de Foco, analisar a estrutura das construções clivadas e sua tradução, segue-se a definição, de modo geral, de Lambrecht (2001, p. 467), o qual postula que essas construções expressam uma proposição simples por meio de uma sentença bioracional: “Uma construção clivada (CC) é uma estrutura sentencial complexa que consiste em uma oração matriz introduzida por uma cópula e uma oração (tipo) relativa cujo argumento relativizado é coindexado com o argumento predicativo da cópula”⁵.

São três os tipos que Lambrecht (2001, p. 467) propõe para as CCs a partir da sentença canônica “I like champagne”: (i) *it*-cleft – “It is champagne (that) I like”; (ii) *wh*-cleft – “What I like is champagne”; (iii) *reverse wh*-cleft – “Champagne is what I like”.

Nos três casos, o autor considera: ‘champagne’ como o sintagma focal (o qual define-se aqui como constituinte focal), que é do tipo nominal; o verbo *is* como a cópula; e a oração subordinada como a oração relativa. A porção não relativa da construção clivada consiste na oração matriz. A expressão-*wh* (por exemplo, ‘what’) das *wh*-cleft sentences, a qual é semanticamente vazia nas CC, equivale à expressão *it+that* das *it*-cleft sentences.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de cumprir a meta proposta, procede-se à compilação de um corpus com dados de construções clivadas, o qual se compõe de livros best-sellers em inglês do autor Dan Brown e suas respectivas versões traduzidas para o PB, a saber: *Angels and Demons* (2000) – *Anjos e demônios* (2004a), *The Da Vinci Code* (2003) – *O Código Da Vinci* (2004b), *Deception Point*

³ O termo ‘função’ empregado neste trabalho tem relação com o uso volicional da linguagem para atingir algum objetivo (NICHOLS, 1984, p. 101). No caso das sentenças clivadas, o objetivo seria o de dar foco à proposição.

⁴ Original inglês: “Focal functions, again, have their consequences for the form, the order, and the prosodic contour by which the relevant constituents are expressed through the expression rules”.

⁵ Original inglês: A CLEFT CONSTRUCTION (CC) is a complex sentence structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula.

(2001) – Ponto de Impacto (2005a), Digital Fortress (1998) – Fortaleza Digital (2005b), The Lost Symbol (2009) – O Símbolo Perdido (2009), Inferno (2013a) – Inferno (2013b).

Como procedimento inicial de análise, faz-se a recolha de ocorrências, no corpus, das construções em exame. São estes os procedimentos previstos, na base: (i) definem-se expressões recorrentes em cada um dos tipos de construção clivada propostos por Lambrecht (2001), como: para as *it-cleft sentences*, *it* seguido de uma forma do verbo *be* conjugada; para as *wh-cleft sentences*, palavras *wh* (*what, who, where* e *when*), além de uma forma do verbo *be* flexionada ao longo da construção; e para as *reverse wh-cleft sentences*, essas mesmas palavras *wh* precedidas por uma forma do verbo *be* conjugada; (ii) buscam-se as ocorrências em inglês nas obras citadas acima e, ao mesmo tempo, buscam-se as expressões traduzidas nas versões em PB; (iii) separam-se as ocorrências por tipos de construções clivadas (com base em Lambrecht (2001)) a fim de padronizar a análise quantitativa; (iv) verifica-se a estrutura das construções clivadas em ambas as línguas, atentando-se para a determinação dos fatores que se mantêm e dos que se alteram na língua de chegada; (v) investiga-se o nível semântico das construções em exame, isto é, verifica-se se elas apresentam um efeito contrastivo ou outro efeito não previsto em trabalhos da área; (vi) analisam-se as construções clivadas no âmbito pragmático, isto é, verificam-se as razões das escolhas feitas pelo tradutor, tendo em vista as evidentes diferenças entre as línguas no que concerne às construções clivadas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

A partir dos exemplos apresentados na seção de “Introdução” desta proposta, nota-se que, na tradução para o PB, nem sempre se mantém exatamente a mesma estrutura clivada ou, ainda, a versão traduzida não apresenta a estrutura de clivagem. Dessa forma, nossa hipótese de que possa haver alteração na estrutura sintática das construções clivadas quando traduzidas do inglês para o PB já pôde ser verificada desde os primeiros dados coletados.

Preende-se continuar os procedimentos previstos de busca e análise de dados, a fim de confirmar nossas hipóteses já parcialmente atestadas. Além disso, pretende-se refinar o embasamento teórico para que se possa enriquecer a discussão dos resultados.

EPÍGRAFES GREGAS DE BASES DE DADOS ABERTOS: EDIÇÕES DIGITAIS

Paula Camargo Boschiero (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

INTRODUÇÃO

Dentre os campos que compõem os Estudos Clássicos, encontra-se a Epigrafia que, de acordo com Gallego (2016), é ciência autônoma, dotada de teoria, métodos e especialistas próprios e se preocupa com a decifração, a leitura e a interpretação das epígrafes¹, as quais, são consideradas documentos arqueológicos, literários e linguísticos genuínos. A Epigrafia hoje é o resultado de um longo processo de evolução do interesse de historiadores da antiguidade de simplesmente compilar epígrafes até a formação e publicação dos grandes *corpora*, no século XIX, como o *Corpus Inscriptionum Graecarum* (CIG) e o *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL), que trouxeram vários avanços para os métodos de estudo e edição de inscrições, além de um caráter científico.

Com o advento e o desenvolvimento da informática, a Epigrafia incorporou um caráter digital nos seus métodos de estudo e publicação (agora chamada de Epigrafia Digital), bem como outros campos dos Estudos Clássicos, tais quais as Letras Clássicas. Neste contexto, emerge o movimento internacional Classicismo Digital, preocupado em desenvolver uma ciberinfraestrutura e recursos apropriados para enfrentar as dificuldades não apenas de acesso a textos clássicos, como também as necessidades de pesquisa e ensino-

¹ Do grego *ἐπιγραφή* (inscrição) (GUARDUCCI, 1967), ou seja, registros escritos sobre suportes duráveis, tais quais a pedra comum, o mármore, os metais, a cerâmica, o vidro, dentre outros (ENCARNAÇÃO, 2010).

aprendizagem da área. Atualmente, há vários projetos diversificados em que oferecerem ferramentas, linguagens apropriadas para publicações e bancos de dados na Epigrafia Digital, dentre os quais o *E-PIGRAMME*, coordenado por Michèle Brunet, da Universidade de Lyon, e que, por meio da plataforma *online* de edição *Perseids*, objetiva criar edições digitais e traduzir as epígrafes reunidas no Museu do Louvre.

Esta proposta de pesquisa iniciou-se com o projeto *Edição de traduções alinhadas do grego antigo e produção de texto digital em português em ambientes web providos pelos projetos Alpheios/Perseus* (2012), que foi atualizado e integra hoje o projeto mais amplo de *Projetos abertos em Letras Clássicas/Humanidades Digitais – UNESP/Araraquara* (2015d), coordenado por Anise A. G. D’O. Ferreira; e, em conformidade com ele, também possui caráter interdisciplinar, unindo as áreas de i) Letras Clássicas (grego antigo); de ii) Informática (com recursos da *web* em código aberto), de iii) Linguística Aplicada direcionada ao ensino e à análise da linguagem baseada em corpus (FERREIRA, 2015c) e, agora, de iv) Epigrafia Digital; e incluindo-se, também, no movimento internacional Classicismo Digital, acerca do qual os trabalhos ainda são incipientes no Brasil, começando a serem trazidos pela autora supracitada. Dada a importância da aprendizagem de línguas clássicas para estudos linguísticos (CARDOSO, 1994), a pesquisa que tencionamos no presente projeto de mestrado busca colaborar com o ensino-aprendizagem de língua grega ao pôr em prática o percurso de leitura em epígrafes gregas proposto de acordo com um ciclo virtuoso de aprendizagem que se utiliza das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) a partir do qual o estudante aprende colaborando com dados (CRANE et al., 2012; FERREIRA, 2015c). Dessa forma, acredita-se que este trabalho poderá representar um início de tais práticas ao projeto maior de dados abertos em Letras Clássicas Digitais em língua portuguesa.

OBJETIVOS

Com a realização desta proposta de trabalho, tenciona-se não somente responder à questão “Qual a diferença de procedimentos numa edição digital envolvendo a tradução de epígrafes gregas em relação a tradução de texto literário?”, como também, acerca dos objetivos específicos, parte das epígrafes gregas sob os cuidados do projeto *E-PIGRAMME* será um piloto com o qual se almeja: i) propor colaborar com edições digitais dessas inscrições e transcrevê-las, de acordo com as diretrizes de codificação TEI/EpiDoc; ii) propor, também no padrão TEI/EpiDoc, uma tradução portuguesa direta da língua-fonte das inscrições; iii) elaborar alinhamentos paralelos grego-português a partir da tradução; iv) construir árvores sintáticas com o texto grego das epígrafes; e v) realizar uma análise comparativa lexical e sintático-semântica das traduções.

REFERENCIAL TEÓRICO

A evolução da Epigrafia greco-latina e a tecnologia da informação

A Epigrafia é uma ciência autônoma, que dispõe de teoria, metodologia e especialistas próprios, e possui um caráter interdisciplinar, pois se conecta com diversas outras ciências, em sua maioria, que se destinam investigar vestígios históricos. Observa-se, contudo, que a Epigrafia tal qual conhecemos hoje é o resultado de uma grande transformação ao longo de séculos.

O século XIX é considerado importante para a Epigrafia porque neste período surgiu o que se conhece tradicionalmente por “método epigráfico”, a partir da publicação impressa dos principais corpora e recopilações similares para a Epigrafia Medieval.

Na atualidade, apesar do advento da informática, a publicação impressa continua a ser um dos principais veículos de divulgação e também de empecilhos para a difusão e a interação científica internacional nos estudos epigráficos, uma vez que é limitadora e de difícil acesso aos pesquisadores e estudantes.

Desse modo, utilizar uma ciberinfraestrutura que auxilie o trabalho de edição e de publicação revela-se bastante interessante, pois vê-se na publicação eletrônica não apenas uma forma de elevar o acesso e a participação internacional nos estudos epigráficos, como também de contribuir para que o objeto possa ser tomado como um campo específico da linguística, ao invés de somente arqueológico (BODARD, 2008). Os esforços em unir as

ferramentas computacionais às técnicas usadas no aprendizado e na pesquisa das Clássicas vêm intensificando-se desde 1959, culminando em movimentos internacionais de cunho tecnológico, como o Classicismo Digital (BABEU, 2011).

O Classicismo Digital tem como um dos principais expoentes Gregory Crane, editor-chefe do Perseus Digital Library (PDL) ou Perseus Project – uma importante biblioteca digital que dispõe do Morpheus (ferramenta de análise morfológica para os idiomas grego, latim, árabe e nórdico antigo) e também conta com dicionários digitais bilíngues (grego, latim, árabe e nórdico antigo – inglês). Além disso, desde 2013, quando assumiu a Chair Alexander von Humboldt de Humanidades Digitais da Universidade de Leipzig, Crane desenvolve o projeto Open Philology Project e a plataforma online *Perseids*, ambos ligados ao PDL, cujos objetivos são, respectivamente, a digitalização de textos de línguas clássicas do acervo da biblioteca de Leipzig, e a colaboração tanto de pesquisadores como de estudantes para a criação de micropublicações referentes a documentos antigos e o fornecimento de diversas ferramentas de edição digital, tais como os editores de alinhamento paralelo *Alpheios*, de anotação em árvore sintática (*Treebank*) e de transcrição e tradução de inscrições (FERREIRA, 2015a).

No que concerne à Epigrafia como integrante das Humanidades Digitais/Estudos Clássicos – tida agora como Epigrafia Digital –, existem diversos projetos, desde os desenvolvedores de instrumentos que aprimoram o processo de análise de inscrições/artefatos até aqueles que, em sua maioria, são constituídos por ferramentas de edição conectadas a bancos de dados online de código aberto, responsáveis por converter as inscrições para um formato digital codificado².

No campo da Epigrafia grega, um dos principais projetos a usarem o padrão *EpiDoc* é o *E-PIGRAMME* (*Epigraphy and Museography: Digital Publishing and Cultural Mediation of the Collection of Greek Inscriptions in the Louvre*), coordenado por M. Brunet, da Universidade de Lyon que, através da plataforma *Perseids*, objetiva criar edições digitais e traduzir as epígrafes que estão reunidas no Museu do Louvre (FERREIRA, 2015b), variadas em cronologia (VI a.C. – IV d.C.), suporte, temática e localização geográfica.

O ensino-aprendizagem de língua grega e as TICs

A informática vem alterando os meios de comunicação, as relações sociais e também a construção do conhecimento (NOVA e ALVES, 2002). No que concerne às modificações que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)³ exercem sobre a educação, observam-se contribuições significativas nas metodologias destinadas ao ensino, à aquisição e ao acesso a informações para a efetivação da aprendizagem (GESSER, 2012).

Em relação ao ensino-aprendizagem de línguas históricas, há o padrão de uso de materiais impressos, mas com os avanços da tecnologia digital, os recursos de apoio também foram expandidos, emergindo ferramentas e ambientes *online* de acesso livre, como bibliotecas, corpora e plataformas digitais de edição, especialmente desenvolvidas para ampliar o acesso aos textos e demais materiais e oferecer suporte ao estudo das complexidades linguísticas desses idiomas, como a plataforma *Perseids*, que reúne estratégias para fins de aprendizagem, de acordo com um ciclo virtuoso de aprendizagem e anotação de dados proposto por Crane et al. (2012), cujo objetivo é fazer com que, ao mesmo tempo em que os estudantes aprendem, possam contribuir com dados por meio das ferramentas de produção (FERREIRA, 2015c, p. 259)⁴.

Assim, conclui-se que a difusão da tecnologia digital nas ciências humanas proporcionou mudanças profundas nos métodos de investigação e de aprendizado, que são também refletidos no campo dos Estudos Clássicos, sobretudo ao grego, por intermédio do Classicismo Digital e de suas ramificações.

² Geralmente, segundo as Convenções de Leiden.

³ Recentemente também chamadas de TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) por alguns autores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, o corpus adotado nesta pesquisa serão as epígrafes gregas mais acessíveis para o nível iniciante, do elenco levantado pelo projeto E-PIGRAMME. Para alcançar os objetivos desta proposta, será feito o uso de recursos materiais digitais (como o próprio corpus) e analógicos, apresentados a seguir: i) *Guidelines e schemas XML* para a codificação de documentos antigos, disponibilizadas no *website* EpiDoc; ii) Algumas das ferramentas digitais integradas na plataforma *Perseids*: os editores de inscrições em EpiDoc/TEI-XML; de alinhamento paralelo (*Alpheios*) e de Treebank (*Arethusa*); iii) Materiais diversos de apoio histórico e geográfico acerca das epígrafes escolhidas; iv) *Guia de Anotação Sintática do Treebank de Dependência do Grego Antigo (1.1)*; v) *Morpheus (Greek Word Study Tool)*, ferramenta de análise morfológica, localizada na *Perseus Digital Library*; vi) Dicionários de grego também contidos na ambiente *web Perseus*: o *LSJ*, o *Middle Liddell*, o *Slater*, e o *Autenrieth*, bem como o uso de outros dicionários, principalmente: o *Dicionário Grego-Português* (Malhadas, Dezotti e Neves coords, 2006-2010); o *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français* (Bailly, 1969); e o *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* (Chantraine, 1968); e vii) *A Gramática Grega* (Ragon, 2011) e demais gramáticas necessárias.

A partir da definição do corpus a ser estudado e utilizando-se dos recursos materiais acima mencionados, será feita a contextualização das epígrafes através do levantamento de dados geográficos e históricos em fontes variadas, *online* ou impressas. Depois disso, as inscrições serão transcritas e codificadas no padrão EpiDoc/TEI-XML, por meio do editor de inscrições disponível na plataforma *Perseids*, à medida que será feita a adição, nos próprios arquivos TEI-XML, das informações coletadas anteriormente que sejam pertinentes ao artefato/suporte.

Já transcritas e codificadas em EpiDoc/TEI-XML, as inscrições serão traduzidas diretamente do grego para o português, valendo-se das informações já levantadas e do uso de materiais de apoio para o estudo da língua grega. Ademais, essa tradução também será codificada em EpiDoc/TEI/XML e incorporada aos arquivos TEI-XML já existentes. Posteriormente, mediante o editor de Treebank, *Arethusa*, e, de acordo com o estado da estrutura sintática encontrada em cada inscrição (se é lacunar ou não e como isso pode afetar o texto), o corpus será anotado sintaticamente em forma de árvores e a sua tradução portuguesa será alinhada paralelamente ao texto grego através do editor de alinhamento *Alpheios*, ambos editores integrados à *Perseids*. Por fim, tendo em vista os produtos gerados com o Treebank e com o alinhamento, será realizada uma breve reflexão acerca do léxico, da semântica e da sintaxe das epígrafes utilizadas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Com o desenvolvimento desta pesquisa, será possível: i) contribuir com a expansão de bancos de dados abertos para serviços *web* de pesquisa e estudo em Epigrafia grega por meio da elaboração de edições digitais de inscrições gregas; ii) ampliar a quantidade de traduções, em língua portuguesa, de epígrafes gregas, possibilitando, dessa forma, que os falantes de português tenham mais opções de materiais para o aprendizado de língua grega antiga; iii) trazer uma breve reflexão acerca do léxico, da sintaxe e da semântica das inscrições utilizadas; e iv) colaborar com o aprimoramento das ferramentas e plataformas digitais através dos dados gerados por anotações sintáticas e semânticas realizadas no *corpus* e pela experiência de uso dos recursos.

O USO DO CHAT EM TELETANDEM E A EVOLUÇÃO DAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO SÍNCRONA

Priscilla de Souza Ferro (UNESP/SJRP)

O TTD (Telles e Vassalo, 2006) é um ambiente virtual colaborativo de aprendizagem de línguas estrangeiras, que nasceu como uma possibilidade de ultrapassar as limitações econômicas e geográficas impostas pela distância entre duas pessoas que moram em países diferentes e desejam ter contato com culturas e línguas estrangeiras, e, também, como uma

alternativa aos contextos de aprendizagem de línguas in-tandem. Segundo Brammerts (1996) as atividades de tandem devem respeitar três princípios: i) separação de línguas (cada língua tem o seu momento de uso durante a sessão de tandem); ii) reciprocidade (os participantes se comprometem a exercer de forma equilibrada seus papéis de tutor da língua na qual é proficiente e aprendiz da língua-alvo, contribuindo para que o parceiro também atinja seus objetivos); e iii) autonomia (os participantes são responsáveis pelo gerenciamento de seu processo de aprendizagem). No caso do TTD, os três princípios propostos por Brammerts (1996) são mantidos e os encontros são realizados por meio de computadores conectados à Internet. Nesse caso, a ferramenta utilizada pelos parceiros é uma ferramenta de comunicação síncrona— como o MSN, o Skype, o Zoom ou OoVoo, por exemplo —, pela qual os participantes, utilizando uma câmera e fones de ouvido com microfone podem experimentar uma conversa semelhante à do tandem face a face, porque síncrona e mediada por microfone e câmera, ainda que não compartilhem o mesmo espaço geográfico. No início das atividades de TTD, nem sempre foi possível aproveitar os benefícios de som e de imagem, por conta de diferentes problemas de ordem tecnológica. Logo, a sincronia só era possível pelo uso exclusivo dos chats. No entanto, o uso das ferramentas de comunicação síncrona é o que permite que duas pessoas proficientes em duas línguas diferentes possam comunicar-se à distância explorando os mesmos benefícios de um tandem presencial (VASSALLO; TELLES, 2006).

No projeto inicial (VASSALLO; TELLES, 2006), o software escolhido para as interações foi o Windows Live Messenger (WLM), porque os parceiros poderiam “compartilhar arquivos que contenham suas produções escritas e salvar versões editadas deles, permitindo ao outro acessar o feedback do trabalho escrito quando quiser” (p. 191). Os autores afirmam que as ferramentas do WLM dariam aos alunos o benefício de praticar a leitura, a escrita, a fala e a audição com o privilégio do contato visual. Os recursos de voz e imagem proporcionariam ver as expressões faciais e o comportamento corporal do parceiro e falar com ele como se estivessem face a face; o recurso de comunicação escrita síncrona, pelo chat, promoveria o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita; e a ferramenta semelhante a um bloco de notas (white board tool), para fazerem anotações e desenhos (VASSALLO; TELLES, 2006, p. 192).

Os primeiros estudos sobre TTD mostram que a utilização do MSN foi massiva até meados de 2011, quando o Skype passou a ser o principal software de comunicação síncrona utilizado nas sessões de TTD, quando foram feitas diversas melhorias no aplicativo. Dados de pesquisas anteriores (KANELOYA, 2008; CAVALARI, 2009; VASSALLO, 2010; SILVA, 2010; GARCIA, 2010; FURTOSO, 2011; LUZ, 2012; BRINCKWIRTH, 2012; SALOMÃO, 2012; OYAMA, 2013) apontam que muitas vezes som e imagem não puderam ser utilizados conforme previsto, e muitas das sessões tiveram a sincronia garantida graças ao uso do chat. Hoje, a tecnologia disponibilizada nas ferramentas, em especial no Skype, possibilita aos participantes realizar sessões de TTD com o benefício som, imagem e escrita sem grandes intercorrências, tal que as sessões, possam seguir a denominação atual de Sessão Oral de TTD (SOTs) (RAMPAZZO, 2016).

Uma análise dessas mesmas pesquisas nos permite pontuar dois aspectos importantes sobre o desenvolvimento das pesquisas em TTD: 1) percebemos uma mudança relacionada à tecnologia, componente essencial para o desenvolvimento do TTD. Com o passar do tempo, percebe-se que não só as sessões de TTD foram paulatinamente ocorrendo conforme o projeto inicial de TTD (com som, imagem e escrita), como o uso das ferramentas foram sendo alterados. Se considerarmos que, no início das atividades, a sincronia das sessões ocorria pelo uso do recurso de escrita no chat e, com o passar do tempo, a sincronia foi sendo estabelecida também pelo uso dos recursos de som e de vídeo, o uso que se fazia do chat naquela época em relação ao que se faz atualmente foi modificado: naquela ocasião, os chats foram os responsáveis para que houvesse sessões de TTD; hoje as SOTs podem acontecer com o uso dos outros recursos, tal que temos uma mudança no status do chat dentro do TTD; 2) embora haja valiosas pesquisas desenvolvidas sobre a temática do TTD, poucas se debruçaram sobre as ferramentas tecnológicas. A pesquisa de Matos (2011) nos parece ser a única que se voltou exclusivamente para as questões tecnológicas e do Skype,

procurando discutir como o aplicativo pode melhorar o ensino-aprendizagem e quais as características das interações por essa ferramenta. Esse trabalho, no entanto, não contempla o estudo sobre gêneros, detendo-se ao estudo sobre o uso do Skype como ferramenta de TTD. Nosso estudo, por outro lado, pretende analisar os gêneros materializados nos chats, pois acreditamos que eles representam as ações tipificadas e regulares dos participantes do TTD, as quais depois de identificadas podem permitir interpretar os propósitos comunicativos da SOT. Com o avanço tecnológico ocorrendo de forma tão rápida, os aplicativos disponíveis têm sido substituídos pela sociedade com velocidade cada vez maior. No TTD não poderia ser diferente: da troca do uso do WLM pelo Skype até as possibilidades que hoje se tem para a realização das STOs temos mudanças no contexto de TTD que podem fornecer informações importantes para os pesquisadores.

Assim, pode-se afirmar que o chat é uma ferramenta que acompanha o desenvolvimento do projeto desde seu início, acompanhando, também, a evolução tecnológica que permitiu que as sessões orais de TTD pudessem ser realizadas conforme previsto no projeto inicial. Essa ferramenta materializa gêneros que representam as ações tipificadas e regulares dos participantes do TTD, as quais depois de identificadas podem permitir interpretar os propósitos comunicativos da SOT. Assim, depois das leituras acreditamos ser necessário um estudo sobre o uso de novas ferramentas, ou até mesmo refletir sobre o uso de uma ferramenta específica para TTD. Além disso, sendo este um estudo que faz parte de um projeto maior que visa a organização de um Banco de Dados baseado em gêneros, este trabalho pode contribuir para o desenvolvimento desse Banco no que concerne as questões de arquivamento e etiquetagem do sistema de gêneros gerados pela atividade de teletandem. Além disso, a comparação do que ocorria durante as sessões via chat e o que ocorre atualmente via Skype pode corroborar questões importantes sobre gêneros apontadas por Rampazzo (2016) em seu estudo sobre as sessões orais de Teletandem iniciais. Como objetivo geral, temos, em um primeiro momento fazer um mapeamento do uso do chat como ferramenta de comunicação síncrona ao longo do projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para todos” e seus desdobramentos. A seguir, especificar os gêneros materializados pelos chats de acordo com as mudanças tecnológicas desde o início das atividades e, finalmente, discutir o uso de ferramentas de comunicação síncronas em TTD e relacionar esse uso aos diferentes propósitos comunicativos das SOTs. Araújo (2003) estuda os chats e os define como gêneros do discurso formados pela transmutação dos diálogos cotidianos para a Internet. O autor afirma que eles são os principais gêneros que dão suporte verbal a um grupo de pessoas que compartilham propósitos comunicativos para utilizarem-no. A partir desses propósitos, gêneros específicos para cada tipo de chat são criados pelos membros da comunidade e passam a ser compartilhados por essa comunidade como forma de tipificar a ação do uso do chat para um determinado fim. Em 2016, contudo, Araújo (2016) revê sua posição em relação à afirmação de que os chats são gêneros digitais, afirmando que a Web não é uma esfera digital como havia suposto anteriormente, mas um “ambiente plural de profundo poder de absorção que transmuta para si diversas esferas de atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos” (ARAÚJO, 2016, p. 52). Embora o autor tenha revisto o conceito, ele não o redefine com clareza, de forma que, ao contrário de Araújo (2003), consideramos que os chats são ferramentas de comunicação síncrona (PAIVA, 2010), nas quais podem ser materializados gêneros.

Miller (2012) afirma que os gêneros são mais que uma entidade formal, eles são retóricos e pragmáticos, à medida que são um aspecto de ações sociais, “um complexo de traços formais e substantivos que cria um efeito particular numa dada situação” (p. 24). A autora defende que eles podem representar ações retóricas tipificadas, já que refletem a experiência retórica de uma comunidade, que os criam e interpretam. Para ela, os gêneros tipificam uma ação retórica em grande escala e, como ação, “adquirem o significado da situação e do contexto social em que essa situação surgiu” (Miller, 2012, p. 39) e são, assim, interpretáveis, mediando intenções privadas e exigências sociais, ligando o singular ao recorrente.

Erickson (1997) sugere que, ao mesmo tempo que os gêneros enfatizam os propósitos comunicativos, as regularidades e as forças tecnológicas, sociais e institucionais que subjazem essas regularidades, eles não são ajustes perfeitos quando considerado o contexto eletrônico: nesse ambiente a distinção entre quem produz e quem consome os discursos não é nítida e os turnos conversacionais no meio digital podem suceder-se de maneira tão rápida que “as convenções que subjazem os discursos sejam moldadas, reforçadas e renegociadas muito mais rapidamente que nos gêneros tradicionais” (ERICKSON, 1997).

Dessa forma, se os gêneros materializados dentro dos chats criam um efeito particular, tipificando em grande escala uma ação retórica, como afirma Miller (2012), podemos identificar os propósitos comunicativos das SOTs.

Além dos pontos levantados sobre os chats como ferramentas, há ainda que se considerar que os gêneros materializados dentro deles são gêneros que circulam em meio digital, o que lhes confere características singulares. Para Miller (2016), a tecnologia tem papel fundamental na emergência de novos gêneros, pois dá condições para que atores específicos possam tomar decisões e exercer influências que resultam em um novo gênero, além de a evolução da tecnologia possibilitar novas necessidades da comunidade e, com isso, o desenvolvimento de novos gêneros. A autora afirma que existem mecanismos que possibilitam, promovem e produzem, diacronicamente, mudanças nos gêneros. A tecnologia é um desses mecanismos. Na visão de Levy (2007), a tecnologia é parte inerente à sociedade e com ela está em constante mutação. O autor assinala que essa nova realidade, por meio de seus dispositivos informacionais e comunicacionais, é a maior portadora de mutações culturais. Ora, se os gêneros do TTD que nos propomos estudar são materializados em ferramentas digitais, é necessário considerar a tecnologia como motivadora e promotora de mudanças nos gêneros produzidos. Conforme a tecnologia evoluiu, as ferramentas de comunicação síncrona também evoluíram, possibilitando que as sessões fossem realizadas com todos os recursos previstos no projeto (VASSALLO; TELLES, 2006). Nessa perspectiva, a pergunta que nos cerca é como a evolução tecnológica entre 2006, início das atividades, influenciou o uso dos chats no TTD e a eventual produção de novos gêneros.

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo quantitativo e qualitativo de base etnográfica. A pesquisa quantitativa será necessária para o levantamento manual dos usos do chat no TTD em trabalhos anteriores a 2011. Pelo estudo quantitativo será realizado um levantamento das pesquisas já realizadas sobre TTD para que se possa identificar nelas quando o uso do Skype e dos recursos de som e de imagem começam a ocorrer no TTD. Serão levantadas informações sobre as ferramentas de comunicação síncrona de forma manual, e os dados tabulados no Microsoft Excel. Em seguida, essas mesmas informações serão pesquisadas no Banco de Dados em TTD da UNESP/SJRP, no qual há dados posteriores a 2011. Os dados levantados nessa etapa serão igualmente tabulados no Microsoft Excel e serão utilizados para compor o mapeamento de uso dos chats durante todo o período de atividade de TTD.

A seguir, serão usados os dados já tabulados na parte quantitativa, com os quais iniciaremos a análise dos gêneros materializados. Cada materialização será analisada segundo suas características linguísticas, retóricas e discursivas e serão agrupadas de acordo com suas semelhanças nessas características. Feita essa análise, elas serão relacionadas ao momento em que foram produzidas.

Com o mapeamento tabulado e as análises dos gêneros materializados realizadas e relacionadas à época de ocorrência, poderemos analisar os dados, buscando refletir sobre as relações entre o uso da ferramenta, a tecnologia e a materialização dos gêneros. Também será possível refletir sobre o uso de outras ferramentas de comunicação síncrona no TTD e sobre a criação de uma ferramenta específica para essa atividade.

Os resultados serão usados pelos pesquisadores responsáveis pela construção do banco de dados (projeto FAPESP 2016/18705-9) em relação à organização e etiquetagem desse grupo de dados escritos.

ESTEREÓTIPOS DE EVANGÉLICOS NO DISCURSO HUMORÍSTICO

Rafael Prearo Lima (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Segundo dados do último censo demográfico do IBGE¹, o número total de evangélicos no Brasil passou de 9% da população, em 1991, para 22,2%, em 2010, percentual que deve permanecer em ascensão nos próximos anos. Proporcionalmente de forma inversa, o percentual da população de adeptos ao Catolicismo Apostólico Romano, religião predominante no país, diminuiu nesse mesmo período de 83% para 64,6%. Diante desse cenário de mudança no credo de uma parcela considerável da população brasileira, com estimativas atualizadas de mais de um quarto se declarando como evangélicos, é natural que haja um aumento na produção discursiva desse grupo e em relação a ele.

A partir desses dados, decidimos, então, analisar os estereótipos de evangélicos que circulam no Brasil por meio do discurso humorístico, justificando essa escolha pelas representações exageradas e caricaturais comumente presentes no humor. Este trabalho busca, então, responder: (1) quais são os estereótipos de evangélicos no discurso humorístico? (2) há diferenças nas construções estereotípicas produzidas sobre os evangélicos (a partir do Outro) e pelos evangélicos (segundo eles mesmos)? Se sim, quais são e como essas construções convergem e/ou divergem entre si?

Para o *corpus* de análise, selecionamos exemplares de diferentes gêneros do discurso humorístico, a saber, um conjunto de tiras cômicas, charges, memes e piadas veiculadas em páginas da Internet voltadas para o público em geral e de páginas de humor produzidas no meio evangélico. Apesar de apresentarem características distintas, esses gêneros produzem comicidade por meio de representações pré-construídas e instaladas na memória coletiva, a partir das quais é possível observarmos a presença de estereótipos desse grupo social.

OBJETIVOS

Este trabalho, fundamentado na Análise do Discurso de linha francesa (AD), tem como objetivo geral analisar estereótipos de evangélicos no discurso humorístico da atualidade. A partir disso, delimitamos como objetivos específicos:

- (i) mobilizar diferentes noções da AD para a identificação e análise de estereótipos, procurando contribuir com as reflexões sobre o papel dos estereótipos nos discursos;
- (ii) analisar os estereótipos de evangélicos no discurso humorístico sob duas perspectivas, a saber, considerando o tipo de produção discursiva: (1) dos próprios evangélicos e (2) dos não-evangélicos;
- (iii) comparar as diferenças/semelhanças dessas produções discursivas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Amossy e Herschberg-Pierrot (2001) afirmam que estereótipos são esquemas culturais preexistentes, representações cristalizadas indispensáveis para a vida em sociedade, através das quais cada indivíduo filtra a realidade de seu entorno. Essas representações são fictícias, não por serem “mentirosas”, mas por expressarem um imaginário socialmente construído que recorta e simplifica a realidade à medida que adere ao processo de generalização e de categorização. Isso fica evidente nos diversos gêneros do discurso humorístico, em que, para se produzir o efeito de comicidade desejado, é recorrente a remissão a diferentes representações de tipos e grupos sociais. Ao serem acionadas e repetidas, estas representações são pouco a pouco sedimentadas no imaginário coletivo. Por exemplo, o corintiano é repetidamente retratado como pobre e/ou ladrão; o português, como alguém burro etc.

¹ Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>>. Acesso em 10 jun 2016.

Nesse sentido, podemos aproximar os estereótipos à noção de memória na AD. Maingueneau explica memória discursiva como sendo “constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações. ‘Memória’ não psicológica que é presumida pelo enunciado enquanto inscrito na história” (MAINGUENEAU, 1997, p.115). Nos estudos de Pêcheux, a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem estabelecer “os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Outro modo de observar estereótipos se dá por meio das cenas validadas. Maingueneau (2008b) explica que o coenunciador é envolvido por três diferentes cenas simultâneas, as quais são denominadas de cenas da enunciação; essas cenas compreendem: a cena englobante, a cena genérica, necessariamente presentes no discurso, e a cenografia, cena construída pelo texto; assim, não é o gênero que impõe a cenografia, mas a própria construção do texto, que pode ser enunciado (encenado) de diferentes formas. Essa cenografia, por sua vez, pode se apoiar em uma cena de fala validada, isto é, já instalada na memória coletiva, apresentada na qualidade de um modelo que se rejeita ou que se valoriza. Ela cena validada não é caracterizada como o discurso em si, mas “como um estereótipo autonomizado, descontextualizado, disponível, para reinvestimentos em outros textos. Ela se fixa facilmente em representações arquetípicas popularizadas pela mídia” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 70).

Ainda em relação ao conceito de cenografia, convém ressaltarmos que esta implica um processo de enlaçamento paradoxal, visto que a fala, carregada de certo *ethos* desde o momento inicial de sua produção, supõe determinada situação de enunciação que, na verdade, é validada progressivamente por meio da própria enunciação. O *ethos* discursivo, por sua vez, está relacionado à construção da imagem de si por parte do enunciador durante a produção de seu(s) discurso(s). Dessa forma, a própria produção discursiva é o meio pelo qual o enunciador constrói essa imagem.

O *ethos* discursivo está relacionado às noções de fiador e de incorporação (MAINGUENEAU, 1997, 2008a, 2008b, 2013). No que se refere ao fiador, a personalidade do enunciador é revelada por meio da enunciação. A instância subjetiva, manifesta por intermédio do discurso, deve ser concebida como uma voz que se associa a um corpo enunciante historicamente especificado, isto é, a um fiador que atesta o que é dito por meio de um tom. Esse fiador se move no espaço social em que se insere e esse movimento, apoiado em um conjunto de representações sociais – estereótipos –, avaliados de maneira tanto positiva como negativa.

Como ao fiador é atribuído um caráter, isto é, um conjunto de traços psicológicos e uma corporalidade conferida pela enunciação, o coenunciador, ao observar e interpretar o tom desse fiador, expresso na linguagem, e seu mover social, incorpora e “assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando em seu próprio corpo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 65). Essa é a noção de incorporação. O coenunciador pode tanto incorporar esse discurso de forma positiva, ou incorporá-lo negativamente, como algo refutável, o que ocorre quando está inscrito num outro posicionamento discursivo concorrente. Nesse último caso, o coenunciador, como está inscrito em outro posicionamento discurso, acaba lendo-o na forma de um simulacro.

Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008c) apresenta o simulacro como uma espécie de tradução depreciativa de um discurso pelo seu oponente, que só se refere a ele interpretando-o por meio daquilo que ele rejeita para se validar. Dessa forma, para constituir e preservar sua própria identidade, um discurso não lida com o Outro como ele o é, mas como um simulacro que ele é capaz de construir acerca desse Outro.

A esse respeito, Possenti (2010) observa que alguns estereótipos poderiam ser tomados como uma forma peculiar desse tipo de manifestação. Desse modo, à semelhança da identidade, e como consequência dela, o estereótipo pode ser entendido como um produto social e imaginário, caracterizado por uma redução negativa, um simulacro. Nesses termos, o autor afirma, então, que “o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos,

uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro” (POSSENTI, 2010, p. 40).

No discurso humorístico é recorrente o emprego de representações estereotipadas que reduzem o discurso do Outro e que o apresentam como o contrário daquilo que ele de fato é (ou que deveria ser), daí nosso interesse pela noção de simulacro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a execução deste trabalho, primeiramente faremos uma breve pesquisa sobre a presença dos evangélicos no Brasil contemporâneo, fazendo um levantamento de suas diferentes denominações, a fim de determinar as condições de produção do *corpus* a ser analisado. A partir disso, faremos uma discussão teórica sobre como podemos mobilizar diferentes conceitos teóricos da AD (memória discursiva, pré-construído, simulacro, cena validada) não só para identificarmos os estereótipos, como também para refletirmos sobre seu papel na constituição dos discursos; em seguida, procederemos à análise do *corpus* selecionado, com o objetivo de observarmos como são construídas representações estereotípicas de evangélicos brasileiros contemporâneos no discurso humorístico.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

A partir deste trabalho, espera-se ser possível caracterizar as diferentes representações estereotípicas dos evangélicos presentes no discurso humorístico brasileiro.

MULHERES BOAZINHAS NÃO ENRIQUECEM: ANÁLISE DO *ETHOS* DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA MULHERES

Rafaela de Paula Verni (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Como se sabe, o discurso de autoajuda é um grande sucesso no mercado editorial, inclusive no Brasil, o que levou e ainda tem levado ao desenvolvimento de muitos estudos ancorados em várias disciplinas das Humanidades sobre o tema, como é o caso de Brunelli (2004), que investigou o discurso de autoajuda com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nas reflexões de Dominique Maingueneau sobre a gênese discursiva. Mais exatamente, por meio de um estudo da modalidade, Brunelli (2004) verifica que a manifestação de certeza é um dos traços semânticos que caracterizam o discurso de autoajuda, ao mesmo tempo em que a manifestação da dúvida é um dos traços semânticos que o discurso rejeita. Com esses resultados, a autora analisa o *ethos* do discurso em questão, o que a leva a conclusão de que o discurso de autoajuda é marcado por um tom convicto e otimista e que o *ethos* desse discurso é o do homem seguro, autoconfiante, otimista e determinado, do homem que está voltado para os seus objetivos e interesses e que age em busca de seu próprio benefício, de acordo com o individualismo da pós-modernidade.

Considerando esses resultados, este trabalho tem por meta mais geral contribuir com as reflexões sobre o discurso de autoajuda, investigando obras que se dirigem diretamente a mulheres. A esse respeito, é importante esclarecer que o *corpus* que serviu de base para o trabalho de Brunelli (2004) foi constituído por obras que não tinham um público específico bem definido, ou seja, eram dirigidas ao público adulto em geral. Já neste trabalho, as obras que servem de *corpus* são obras de autoajuda dirigidas a um público específico: o feminino.

Na verdade, as obras de autoajuda para mulheres apresentam vários temas que estão relacionados aos diversos grupos de mulheres às quais se dirigem: há obras sobre casamento, outras para as mães, obras dirigidas a mulheres de 50 anos, etc. Dentre esse conjunto de obras dirigidas às mulheres com temas específicos, analisam-se obras que tematizam finanças e sucesso profissional, com o intuito de analisar o *ethos* do enunciador desse discurso e também verificar quais são os estereótipos de mulheres que esse discurso contribui para manter e/ou transformar.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é contribuir com as reflexões sobre o discurso de autoajuda. Para alcançar esse objetivo, analisa-se o *ethos* do discurso de autoajuda para mulheres, a partir do aparato-metodológico da Análise do Discurso de linha Francesa (doravante AD), com ênfase nos trabalhos de Dominique Maingueneau sobre a noção de *ethos* discursivo.

Uma vez que o objetivo específico do trabalho é traçar a imagem do enunciador do discurso em questão, a análise da expressão lexical da modalidade pode ser considerada uma opção coerente para a análise do *ethos*, já que a modalidade é uma das formas de manifestação da subjetividade, mais exatamente uma forma por meio da qual o enunciador expressa sua opinião ou uma atitude em relação ao que diz. Para desenvolver esse objetivo, a análise, que tem como foco verbos modais, apoia-se no funcionalismo como aparato teórico-metodológico específico da Linguística na qualidade de teoria auxiliar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista os objetivos programados, a seguir, apresenta-se a principal noção na qual este trabalho está ancorado, isto é, a noção de *ethos* discursivo.

De acordo com Maingueneau (2008), na AD, o *ethos* é a imagem que o enunciador projeta de si para o leitor/ouvinte por meio de seu discurso. Para o autor, o discurso proferido tem o poder de projetar uma determinada identidade do enunciador. Desse modo, afirma que o *ethos* é apreendido no ato da enunciação, ou seja, emerge do discurso pelo próprio modo como o sujeito enuncia. O *ethos* não corresponde ao que o sujeito diz a respeito de si mesmo, mas às características psicológicas da personalidade que revela pelo modo de se exprimir, por isso o *ethos* está ligado ao sujeito na qualidade de enunciador e não enquanto pessoa empírica.

Com o *ethos*, o leitor/ouvinte tem condições de formar, por meio de índices de várias ordens da superfície discursiva, uma representação do enunciador que, por sua vez, desempenha o papel de um fiador encarregado da responsabilidade do discurso.

Para Maingueneau (2008), há três elementos que constituem o campo do *ethos*. O primeiro é a voz específica que habita a enunciação do texto. Segundo o autor, mesmo um discurso escrito apresenta uma vocalidade específica que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa. A essa vocalidade, Maingueneau prefere chamar de *tom*. A determinação dessa vocalidade implica uma determinação do corpo do enunciador (e não do corpo do autor efetivo). É assim que, por meio da leitura ou enunciação, emerge uma “instância subjetiva” encarnada, denominada por Maingueneau (2008) de fiador. Esse fiador, por meio de sua fala, tem uma identidade que está de acordo com o mundo que ele supostamente faz surgir. Desse modo, ele se vê ligado a um *caráter* e a uma *corporalidade*, que são os outros dois elementos que recobrem o *ethos* discursivo. Segundo o autor, o caráter corresponde a um conjunto de traços “psicológicos” que o leitor/ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador em função de seu modo de dizer. Já a corporalidade diz respeito a uma certa aparência corporal relacionada a um modo de se movimentar no espaço social. Nesse sentido, o *ethos* é uma maneira de dizer e também uma maneira de ser, é uma maneira de habitar o mundo – por isso essas instâncias estão associadas a estereótipos que circulam em uma determinada cultura. O fiador, portanto, deve ser entendido como uma voz associada a um corpo que enuncia algo e que está inserido em determinado momento histórico.

Ainda de acordo com Maingueneau (2005b), a análise do *ethos* deve basear-se em índices de diversas ordens (léxico, tipo de registro, estruturas sintáticas) presentes na superfície discursiva. Considerando as diversas possibilidades de exploração da materialidade linguística para o tratamento do *ethos*, neste trabalho, a análise se desenvolve também a partir de uma análise da modalidade.

Entende-se a modalidade como o ponto de vista ou a atitude que o enunciador assume sobre seu enunciado, com um comprometimento que pode variar. De acordo com Coracini (1991), “a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere” (CORACINI, 1991, p. 113). Tendo

em vista essa definição de modalidade, pode-se dizer que a modalidade é um índice textual coerente para a análise do *ethos*. Como diz respeito à atitude do enunciador com relação ao que diz, a modalidade participa da composição do tom do discurso, o que, por sua vez, permite traçar a imagem do enunciador do discurso.

Para analisar essas formas de expressão da modalidade, adota-se a classificação de Hengeveld (2004), uma das principais fontes de referência nos estudos funcionalistas atuais sobre o tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com os objetivos deste trabalho, o *corpus* é constituído por livros de autoajuda que tratam de sucesso financeiro e profissional e que são destinados a mulheres. Até o presente momento, serão apresentados resultados parciais da pesquisa proposta, já encontrados na obra *Mulheres Boazinhas Não Enriquecem*, de Louise Frankel publicada em 2006.

Seguindo os passos de Brunelli (2004), realizou-se a análise do *ethos* da obra mencionada investigando a expressão lexical de modalidade. Para tanto, foi feito um levantamento de todas as ocorrências de expressão lexical de modalidade, segundo Hengeveld (2004), o que diz respeito ao emprego de substantivos, verbos, advérbios, adjetivos e suas respectivas locuções que expressam modalização. Simultaneamente, realizou-se a classificação dessas ocorrências, de acordo com o tipo de modalidade identificada (modalidade epistêmica, deôntica, facultativa, volitiva e evidencial). Num segundo momento, as ocorrências foram subclassificadas, ainda seguindo a proposta de Hengeveld (2004), de acordo com a qual a modalidade pode estar orientada para a proposição, para o evento ou para o participante.

Tendo em vista o baixo índice de ocorrência de modalidade evidencial e volitiva no corpus, até então, opta-se por investigar mais detalhadamente apenas as modalidades que se revelaram mais frequentes, a saber: as modalidades epistêmica, deôntica e facultativa.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E DE RESULTADOS DO TRABALHO

Na obra investigada até o momento, *Mulheres Boazinhas Não Enriquecem* (FRANKEL, 2006), o estudo das modalidades segundo Hengeveld (2004) possibilita compor as primeiras hipóteses sobre o tom do sujeito enunciador do discurso em questão, permitindo, assim, já traçar uma possível imagem desse enunciador.

A análise da modalidade revela que a modalidade epistêmica foi a mais recorrente no corpus. Apesar do alto índice de manifestações de possibilidade (manifestadas principalmente pela locução verbal “pode ser”), essas ocorrências não devem ser tomadas como manifestações de incerteza por parte do enunciador, pois, como apontado por Brunelli (2004, 2008), nesses casos, o enunciador se esquivava desse comprometimento, apresentando a possibilidade como algo que independente dele. A segunda modalidade mais recorrente foi a deôntica. Ainda que essa expressão lexical de modalidade não seja predominante, a alta incidência de deônticos de obrigação articulada à significativa ocorrência dos imperativos (714 no total) evidencia um enunciador que instaura regras, ordens e deveres que devem ser cumpridos pelo sujeito a quem o discurso se dirige. O terceiro tipo de modalidade mais encontrado foi a facultativa. Uma vez que essa modalidade expressa o sentido de capacidade, de ter condições de se fazer algo, ela está intrinsecamente ligada à expressão de otimismo, típico do discurso de autoajuda convencional.

O discurso de autoajuda sobre finanças para mulheres, ao adotar um tom objetivo e otimista, aproxima-se do discurso de autoajuda convencional, promovendo uma mulher objetiva, independente, determinada e focada, que valoriza as ações e está comprometida com a construção do próprio sucesso. Por outro lado, como a enunciatória desse discurso adota um tom que não é apenas direto e objetivo, mas especialmente autoritário com suas leitoras, pode-se dizer que essa enunciatória diferencia-se, de um certo modo, do enunciador típico de obras de autoajuda convencional, cujo discurso é marcado por um tom um pouco mais otimista. Assim, pode-se dizer que a fiadora dessa obra assume a postura de um sujeito de saber, certa sobre o que diz e, especialmente, com autoridade sobre seu enunciatário,

autoridade evidenciada tanto pela modalidade deôntica como pelo emprego frequente do imperativo. Portanto, pode-se dizer que, na obra analisada, o *ethos* é o de uma enunciadora experiente e segura do que diz e muito mais autoritária do que otimista.

Além disso, a análise das imagens de mulher no discurso em questão desenvolvida até o momento revela que esse discurso promove a ideia de que as mulheres são emotivas e passivas e pouco competentes – o que justifica a necessidade de lhes dirigir orientações de um modo direto, daí o tom autoritário que predomina nesse discurso.

Como esta é uma pesquisa em nível de mestrado ainda em andamento, pretende-se continuar investigando o discurso de autoajuda dirigido a mulheres, ampliando consideravelmente o corpus, o que poderá confirmar ou não esses primeiros resultados já alcançados.

LÍNGUA ECHÚWABO EM TEXTOS ESCRITOS PARA O ENSINO BILINGUE

Rajabo Alfredo Mugabo Abdula (UNESP/Araraquara – Bolsista CNPq)

INTRODUÇÃO

A educação é um pilar fundamental para desenvolvimento de qualquer sociedade. Para se ter uma boa educação é preciso que se tenha uma boa política educacional que permita o acesso à educação aos membros integrantes dessa sociedade e que tenha programas de ensino que olhem para a realidade do indivíduo, possibilitando, assim, a sua formação e integração numa sociedade pluralista que é o mundo.

Este trabalho estará voltado para o ensino em Moçambique, um país que para além do português que é a língua oficial, possui mais de vinte línguas do grupo linguístico bantu. O português como a língua oficial foi por muitos anos a única língua de ensino, porém, nos últimos anos, foi introduzido o ensino bilingue, dando oportunidade aos falantes doutras línguas para poderem usar as suas línguas maternas na escola. O echúwabo, língua falada na Província da Zambézia, no centro do país, é um dos exemplos dessas línguas que passaram a ser usadas nas escolas, sobretudo, nas classes iniciais. É sobre o material escrito nesta língua para o ensino bilingue que o trabalho futuramente irá analisar e discutir. Em termos de organização do trabalho, apresentaremos, de seguida, os objetivos, o referencial teórico e, por último, a metodologia.

OBJETIVOS

Geral:

Analisar os textos da língua echúwabo escritos para o ensino bilingue em Moçambique.

Específicos:

- (i) Identificar os tipos de textos escritos usados nas aulas do ensino bilingue.
- (ii) Analisar os fatos linguísticos em uso na língua em uma ou mais das seguintes dimensões: fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.
- (iii) Analisar a relação existente entre os textos e a identidade sociolinguístico e cultural dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Moçambique foi colônia portuguesa e tornou-se independente em 1975. No período colonial a única língua oficial era o português. Depois da independência o governo adotou o português como língua oficial, ou seja, manteve a mesma política linguística colonial onde apenas o português tinha o prestígio de “língua”. A adoção do português como língua oficial não está relacionada com o número de falantes que esta língua tem e tinha na altura, porque nos primórdios do período pós-independência muito pouca gente falava o português e, hoje, passados quarenta e dois anos de independência, pouco mais de 40% da população fala o português, embora nem todos tenham a proficiência da língua portuguesa aprovada pelo seu meio social. Geralmente, as pessoas se comunicam noutras línguas nacionais. A sua adoção

como língua oficial está relacionada, sim, com outros fatores tais como a unidade nacional, tal como atesta Firmino:

À medida que a ideologia oficial promove o Português como língua oficial e língua de unidade nacional, a consciência da importância dos valores sócio-simbólicos ligados a esta língua é mais consolidada. Por esta razão, o Português poderá ser actualmente o único símbolo que é amplamente reconhecido pelos moçambicanos e através do qual a ideia de uma nação é imaginada e experimentada, especificamente entre os moçambicanos urbanizados (FIRMINO, 2002, p.240).

Num contexto social onde o português é a língua oficial e língua de ensino, as crianças, sobretudo das zonas rurais têm o primeiro contato com a língua portuguesa em sala de aula através do seu professor e dos livros escolares. Sendo assim, para uma criança que se comunica com outra língua que não seja o português no seu dia-a-dia, ao chegar à escola o português passa a ser obstáculo para aquisição de conhecimentos. Diante desse cenário, várias consequências advêm e que não só prejudicam a criança, mas também os recursos que são alocados para o desenvolvimento da educação. Esta é também a visão de Ngunga que, ao se debruçar sobre o ensino das línguas nacionais afirma:

As crianças cuja língua materna não é o português levam por vezes três anos sem passar de classe, o que tem como consequência imediata, para além do desperdício de recursos, os grandes índices de desistência ou, para os que precisam, a conclusão tardia do primeiro nível primário – a 5ª classe – por volta dos 15 ou 16 anos de idade, no meio rural, quando nas cidades a média é de 11 anos (NGUNGA, 2000, p. 37).

Por via disso, várias questões foram e têm sido levantadas, tais como: “por que somente ensino do português? por que não se promove o ensino bilíngüe também para jovens e adultos (afinal são mais de 20 línguas nativas)?” (FARGETTI, 2002, p. 1).

Foi com o intuito de responder essas e outras questões que o governo através do Ministério de Educação introduziu o ensino bilingue em 2003 como forma de facilitar o aluno que tem o primeiro contato com a escola para que possa adquirir conhecimentos e desenvolver as suas habilidades sem ter a língua como o principal obstáculo. Acredita-se que, com esta medida não só irá facilitar a aquisição de conhecimentos por parte do aluno, mas, também, irá valorizar as línguas nacionais, visto que, a Constituição da República de Moçambique prevê esse princípio ao plasmar que “o Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade” (CRM, artº 9). O mesmo princípio também é defendido pelo Ministério de Educação ao afirmar que, “a introdução das línguas moçambicanas no ensino contribuiu para a valorização e manutenção da língua e da cultura bem como para o desenvolvimento da auto-estima, afirmação da sua identidade e atitudes mais positivas em relação à escola” INDE/MINED¹ (2003, p. 127).

Importa referir que o modelo de ensino bilingue que o Ministério de Educação adotou apresenta-se dividido em três fases correspondentes aos ciclos, que perfazem no total, três (3) ciclos: primeiro ciclo, que abrange os alunos da 1ª e 2ª classe; segundo ciclo, 3ª, 4ª e 5ª classes e terceiro ciclo, que abrange os alunos das 6ª e 7ª classes. “No 1º e 2º ciclos a língua usada como meio não é a língua portuguesa, mas sim as línguas moçambicanas, e no 3º ciclo acontece o inverso, a língua usada como meio de ensino é a língua oficial” (INDE/MINED, 2003, p. 78). Este modelo faz com que as crianças continuem a ter o contacto com as suas línguas maternas na escola, eliminando a barreira linguística existente entre a escola e a comunidade, promovendo as línguas locais nas classes iniciais, fazendo com que a comunidade olhe para a escola como centro de valorização e preservação dos valores sociolinguísticos. Segundo Lopes (2004, p. 40) “o modelo de bilinguismo inicial promove o uso

¹ Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação/Ministério de Educação

de línguas bantu de forma mais humana, justa e harmoniosa”. Para o autor, o mérito deste modelo de bilinguismo reside no fomento da proficiência não só em português, mas também e crescentemente na língua bantu.

O aluno ao ter contato com a sua língua materna na escola facilmente desenvolve as suas habilidades cognitivas, fato que não iria acontecer ou geralmente não acontece quando o aluno entra em contato nas classes iniciais com uma língua nova (o português), onde, primeiro, antes de aprender os conteúdos programáticos das disciplinas, deve, primeiro, aprender a língua. Uma língua que é falada apenas na escola. É pensando no desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos nas classes iniciais que o programa do ensino bilingue procura explorar, visando, futuramente, nas classes posteriores as mesmas habilidades serem transferidas para L2² como nos diz Bona (2001). Para o autor, o programa do ensino bilingue em Moçambique tem como princípio: quando o aluno tiver adquirido habilidades cognitivas e linguísticas da L1³, e quando tiver habilidades básicas de comunicação na L2, pode transferir todas as habilidades cognitivas para a L2.

Embora tenha sido introduzido o ensino bilingue, o país não se pode dar por satisfeito porque o número de escolas com este tipo de ensino ainda é reduzido. Hoje, em 2017, são cerca de quinhentas escolas em que o ensino bilingue é aplicado. Muito pouco para o número de escolas existentes e o número de alunos que necessitam este tipo de ensino. Para tal, o aumento de escolas com ensino bilingue deve ser acompanhado com a quantidade e qualidade de material didático existente referente a essas línguas. Aliás, um dos critérios usados para a seleção das línguas para o ensino bilingue é a existência de material didático escrito, para além da ortografia da língua estar padronizada de acordo com a padronização ortográfica das línguas nacionais.

Foi a pensar num ensino abrangente onde a criança tenha contato com sua língua materna na escola e que o professor seja capaz de transmitir ou mediar os conhecimentos aos alunos sem necessariamente ter que recorrer à língua portuguesa que motivou a elaboração deste trabalho, sobretudo, pensando na relação existente entre o ensino bilingue e os materiais dessas línguas usados para o ensino, incidindo-se sobre os textos escritos. Para o efeito, tendo em conta e concretização dessa motivação foi escolhida uma das línguas nacionais e que teve o privilégio de ser uma das línguas contempladas no ensino bilingue, trata-se da língua echúwabo.

METODOLOGIA

O trabalho será feito com os textos escritos em língua echúwabo, como dissemos anteriormente, e que são usados na aula do ensino bilingue. A língua echúwabo, segundo Guthrie (1971) apud Ngunga (2004), tem a classificação P34. O echúwabo é uma das línguas faladas na província da Zambézia, concretamente nos distritos de Maganja da Costa, Quelimane, Nicoadala, Namacurra, Inhassunge, Mocuba, Lugela, Mopeia, Morrumbala e Milange; e ainda na Beira, na Província de Sofala.

Sendo assim, o trabalho consistirá em:

1. levantamento de todo o material (livros e textos) escritos na língua echúwabo e que são usados no ensino bilingue: livros do aluno e outros textos.
2. leitura minuciosa de todos os textos para fazer o recorte do objeto estudado;
3. entrevista com os principais intervenientes do processo, sobretudo, alunos e professores que trabalham com o ensino bilingue nas escolas de Quelimane para saber o impacto que o ensino bilingue tem trazido para a aprendizagem dos alunos que têm o echúwabo como língua materna, as facilidades e dificuldades que os alunos e professores têm para interpretar os conteúdos programáticos em língua echúwabo. A entrevista será feita aos alunos do 2º grau e 3º grau. Não serão entrevistados alunos do 1º grau por serem muito novos.
4. apresentação e análise dos dados obtidos: a análise será dividida em duas partes. A primeira será sobre os textos usados pelos alunos e professores nas aulas

² Língua segunda

³ Língua primeira

em echúwabo, onde será feita a análise dos conteúdos dos textos para ver se refletem a realidade local, os tipos de textos usados para o ensino, relação dos textos com a gramática da língua e análise comparativa com os conteúdos das mesmas classes no ensino não bilingue. A segunda parte será a análise das entrevistas feitas aos alunos e professores.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

O trabalho, que se inicia em 2017, será desenvolvido num período de quatro anos. Depois do levantamento do material bibliográfico necessário, teremos que viajar para Moçambique para coleta de dados para posterior análise e redação final da tese.

O USO DE TECNOLOGIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CATANDUVA Renan Felipe da Silva (UNESP/SJRP)

INTRODUÇÃO

Este projeto tem por objetivo investigar o uso de tecnologias por professores de língua inglesa de uma escola municipal do interior de São Paulo, partindo-se das orientações a respeito do uso da tecnologia encontradas em diferentes documentos oficiais: os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), tanto o de ensino fundamental quanto o de ensino médio, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2017, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e o Plano Municipal de Educação (PME) do município focado. Além disso, adotam-se os conceitos teóricos do *CALL*¹, do *blended learning*², do *flipped learning*³, da inclusão social por meio da tecnologia e da aprendizagem de língua inglesa defendida por Warschauer (2004) e o conceito de normalização concebido por Bax (2003). Nesse sentido, este estudo se insere na área de Linguística Aplicada na linha de pesquisa de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Com base nisso, ainda que haja diferentes estudos que enfocam o uso da tecnologias no ensino de inglês na escola pública (PREBIANCA; VIEIRA; FINARDI, 2014; OLIVEIRA, 2007), pesquisas dessa natureza ainda representam uma pequena parcela dos trabalhos interessados no uso de tecnologias e aprendizagem de línguas. Outro ponto fundamental que justifica esse projeto é que poucos deles mobilizam um conjunto de diferentes documentos oficiais e suas perspectivas sobre a utilização de ferramentas tecnológicas no ensino de língua estrangeira.

OBJETIVOS

Este estudo apresenta como objetivo geral investigar de que forma um ou dois professores de língua inglesa de uma escola municipal de uma cidade do interior de São Paulo utiliza(m) diferentes ferramentas tecnológicas em sua prática docente, tendo, portanto, a seguinte pergunta norteadora: como professores de língua inglesa de uma escola pública da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo utiliza(m) a tecnologia em suas aulas?

Ademais, tem-se como objetivos específicos analisar quais foram os instrumentos utilizados pelo(s) professor(es) e quais foram seus propósitos ao escolherem determinadas ferramentas. Assim, as seguintes perguntas orientam os objetivos específicos deste estudo: quais tecnologias o professor usa em sala? Por que ele/ela optou por fazer uso de determinadas ferramentas?

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho está fundamentado em quatro eixos teóricos: os documentos oficiais (PCNs, BNCC, LDB, PME), a inclusão social por meio do uso de tecnologias e do

¹ *Computer-assisted language learning*: aprendizagem mediada pelo computador (tradução nossa).

² *Blended Learning*: ensino híbrido (HORN; STAKER, 2015, traduzido por MONTEIRA, M.).

³ *Flipped Learning*: sala de aula invertida (BERGMANN; SAMS, 2016, traduzido por SERRA, A.).

ensino de língua inglesa defendida por Warschauer (2004), o conceito de *CALL*, termo guarda-chuva que abarca os conceitos de *blended learning* e *flipped learning* e os pressupostos teóricos do conceito de normalização concebido por Bax (2002).

Inicialmente, é essencial destacar o que diz um dos documentos oficiais das práticas de ensino nas escolas públicas brasileiras a respeito do uso da tecnologia nos processos de ensino-aprendizagem. Segundo o PCN de língua estrangeira do segundo ciclo do ensino fundamental, uma das competências a ser desenvolvida pelo aluno é justamente “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (Brasil, 1998, p.8). Além disso, o PCN também reconhece que

É inegável que aumenta cada vez mais a possibilidade de acesso às redes de informação do tipo Internet, como também as exigências do mundo do trabalho passam a incluir o domínio do uso dessas redes. O conhecimento de Língua Estrangeira é crucial para se poder participar ativamente dessa sociedade em que, tudo indica, a informatização passará a ter um papel cada vez maior. (Brasil, 1998, p.87)

Logo, nota-se que o PCN reconhece, num quadro mais geral, a importância de se desenvolver competências no uso da tecnologia e de utilizá-la de forma consciente na construção de conhecimento. É fundamental ressaltar que a discussão a respeito do papel da tecnologia no ensino e na aprendizagem é abordada, em maior ou menor grau, em todos os outros documentos adotados por este estudo (BNCC, LDB, PME).

Tem-se também como base teórica deste trabalho o que postula Warschauer (2004) sobre a utilização de instrumentos tecnológicos e a aprendizagem de língua inglesa como inclusão social. Segundo o autor,

[...] por meio da introdução da tecnologia, estudantes de línguas pode dominar novos tipos de mídia de informação e comunicação, o que permitiria a eles utilizarem a nova língua de formas potencialmente poderosas, como para comunicação nacional e internacional, produção e disseminação de investigações e pesquisas, e publicação de textos e documentos multimídia (p.2).

Nota-se, portanto, um forte reconhecimento da função social desempenhada pela introdução e utilização da tecnologia nas aulas de línguas. Por meio disso, o professor pode potencializar as oportunidades de aprendizado a que seus alunos têm acesso. De acordo com Warschauer (2004), esse tipo de prática tem de ser vista como uma “metáfora da multiplicação”, pois “[...] educadores devem se perguntar como usar novas tecnologias para aproximar e ampliar as oportunidades linguísticas e educacionais existentes, além de amplificar outros recursos de indivíduos e suas comunidades para fomentar maior desenvolvimento e inclusão social” (p.03).

Outro conceito relevante a esta pesquisa são os aspectos teóricos do *CALL*, que, segundo Chappelle (2001), seria justamente diferentes implementações do computador dentro de contextos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Abarcado pelo *CALL*, essa pesquisa compreende os princípios de *blended learning* de duas formas: (i) a concomitância de diferentes instrumentos tecnológicos integrados em atividades dentro e fora de sala aula (OLIVER; TRIGWELL, 2005, p. 17 apud MOTTERAM; SHARMA, 2009, p.90); e (ii) a combinação de ambientes presenciais e online em contextos híbridos de ensino-aprendizagem, ou seja, uma parte do curso é realizada presencialmente e a outra, a distância (MOTTERAM; SHARMA, 2009, p.90). Já por *flipped learning*, entende-se como um modelo de instrução [...] no qual tecnologias digitais são utilizadas para mudar a instrução direta do espaço de aprendizagem em grupo para o espaço de aprendizagem individual, geralmente por meio de vídeos” (HAMDAN; McKNIGHT, P.; McKNIGHT, K., ARFSTROM, 2013, p. 3, tradução nossa).

Finalmente, Bax (2003) apresenta o conceito de normalização como o objetivo final do *CALL*. Para o autor, o termo se refere a “um estágio no qual a tecnologia se torna invisível,

inserida nas práticas diárias e, portanto, normalizada” (p. 23). É essencial não confundir o termo com o acepção de “se torna norma” e sim com a concepção de que a tecnologia se torne “normal” para os participantes de determinado contexto; para Bax, a normalização se refere a um estágio em que ferramentas tecnológicas já estão tão profundamente inseridas nas práticas do professor e no cotidiano escolar dos aprendizes que seu uso não é mais visto como um evento a parte, ocasional, mas como um elemento diário tão presente no dia-dia da sala de aula que sua presença é praticamente imperceptível.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de base antropológica (CAVALCANTI; MOITA LOPES, 1991), pois se tem como objetivo “[...] a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo” (NEVES, 1996, p.1), ou seja, “[...] é exatamente a preocupação com o particular que caracteriza a pesquisa de base antropológica” (CAVALCANTI; MOITA LOPES, 1991, p.139). Além disso, esse trabalho se configura como um estudo de caso, de acordo com os pressupostos de Ventura (2007) ao afirmar que tal tipo de pesquisa compreende a escolha de um único objeto de estudo fundamentado pelo interesse em casos individuais, objetiva, portanto, a análise de um determinado caso inserido em um espaço e tempo específico (p. 384).

Nesse sentido, triangulação é um passo essencial do estudo de caso, ao se mobilizarem diferentes meios de coleta de dados e cruzá-los, é possível observar o caso focado por meio de diversos ângulos, aprofundando-se a compreensão do mesmo e garantindo a “validade de uma pesquisa de estudo de caso” (JOHANSSON, 2003).

Tendo isso em mente, mobilizar-se-ão os seguintes instrumentos de coleta:

- (i) um questionário será realizado com os coordenadores pedagógicos nas escolas municipais de uma cidade no interior de São Paulo, procurando mapear os recursos tecnológicos as escolas possuem;
- (ii) após esse levantamento, um outro questionário será realizado com os professores de inglês de modo a investigar quais professores de língua inglesa dizem utilizar tecnologias em sua sala de aula e quais estariam dispostos a consentir a observação das aulas pelo pesquisador. A partir desse segundo levantamento de dados, será possível selecionar a escola e o(s) professor(es) participantes com base nos seguintes critérios: (i) utilização de diferentes tecnologias nas aulas; (ii) consentimento para a observação do pesquisador.
- (iii) após a definição dos participantes, o pesquisador iniciará a observação das aulas do(s) professor(es) focado(s), tomando notas de campo durante as aulas e escrevendo diários reflexivos após as mesmas, que servirão como dados da análise deste estudo.
- (iv) realização de uma entrevista com o(s) docente(s) focado(s) com o objetivo de investigar os motivos que o(s) levaram a utilizar as ferramentas tecnológicas.

Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa em seu estágio inicial de desenvolvimento e que, no momento presente, está buscando a definição da escola e dos participantes focais.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com subsídios teórico-metodológicos a respeito das diferentes formas de se implementarem ferramentas tecnológicas no ensino-aprendizagem de língua estrangeira a partir da descrição das práticas pedagógicas observadas em um contexto de escola pública.

A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ALEMÃ POR BRASILEIROS: ASPECTOS FONÉTICOS

Renata Nascimento Miarelli (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Embora o domínio do alemão como língua estrangeira não seja algo comum no Brasil (pelo menos em comparação com outras línguas como o inglês, o espanhol e até mesmo o francês), é possível notar um crescente interesse da população em aprender esse idioma. É bem provável que isso esteja relacionado ao fato de a Alemanha ter se desenvolvido muito nos últimos tempos e se tornado uma das grandes potências atuais. No entanto, é importante destacar que o alemão raramente é aprendido como primeira língua estrangeira. Normalmente, os alunos de língua alemã já dominam outro idioma, na maioria das vezes o inglês, o qual se tornou praticamente “obrigatório” para quem busca inserir-se no mercado de trabalho. Dessa forma, o aprendizado do alemão é visto como um diferencial. Mas é claro que nem sempre a motivação em aprender um idioma está relacionada a fatores meramente econômicos ou de aprimoramento profissional, podendo existir outros fatores como enriquecimento pessoal, interesse pela cultura, etc.

No que diz respeito ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, especialmente no caso do alemão, é fundamental saber a pronúncia correta dos vocábulos, o que torna imprescindível o estudo fonético acerca da língua.

A fonética é a área da linguística que visa a descrever os sons da fala, levando em consideração a forma como eles são produzidos e recebidos (percebidos), assim como a forma que eles são propagados, através da análise de suas características físicas. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari de acordo com uma perspectiva fonética torna-se possível investigar:

[...] a maneira como os sons são produzidos (ou seja, mostrando que os movimentos do aparelho fonador estão envolvidos na produção dos sons da fala); (...) a maneira como eles são transmitidos (isto é, a partir das propriedades físicas – acústicas – dos sons que se propagam através do ar; (...) a maneira como eles são percebidos pelo ouvinte [...]. (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001, p.106)

A presente pesquisa focará a análise acústica de gravações feitas com aprendizes de língua alemã, sem desprezar sua produção e percepção. Sendo assim, levaremos em consideração não apenas as características físicas da fala, partindo de uma análise acústica, mas também características relacionadas à produção e à percepção da mesma, sob perspectivas de análise articulatória e auditiva, respectivamente.

OBJETIVOS

O presente projeto tem como objetivo geral fazer um corpus de dados da fala de alunos de alemão e a partir dele investigar as dificuldades e “erros” recorrentes de pronúncia, contribuindo desta forma para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua alemã. A partir do momento em que os professores entendem a real dificuldade dos seus alunos em relação à pronúncia, o ensino se torna muito mais fluido e eficaz.

Os objetivos específicos são desenvolver uma tese de mestrado acerca do tema proposto, assim como estabelecer características da fala de aprendizes de alemão, fazendo uma análise comparativa entre as gravações. As características investigadas serão as seguintes: a) acústicas, ou seja, que dizem respeito a propriedades físicas da fala, como intensidade, duração e frequência fundamental; b) características articulatórias que estão ligadas à produção dos sons; c) características auditivas que se referem à percepção dos sons. Para isso, será lido, na parte final da gravação, um texto em alemão para os alunos e eles deverão falar o que entenderam a respeito do que foi lido.

Elementos prosódicos como ritmo e entoação também serão estudados neste projeto, a partir de uma análise acústica das gravações. Partindo do pressuposto de que o alemão é uma língua de ritmo silábico, ou seja, tem sílabas longas e breves, mas elas não sofrem

processos fonológicos de alteração do padrão que existe na forma lexical, observaremos se isso se confirma na prática, pois já é fato conhecido as divergências entre os teóricos a respeito da classificação do ritmo da língua alemã.

Levando em consideração a entoação, é possível distinguir, por exemplo, se uma sentença é afirmativa ou interrogativa, a qual pode desempenhar, portanto, um papel contrastivo. A partir das gravações, veremos se os alunos conseguem produzir essa diferenciação e com isso perceberemos qual o grau de assimilação ou familiaridade que cada aluno tem com a língua.

REFERENCIAL TEÓRICO

O suporte teórico baseia-se em: 1) teoria acústica da fala (FANT, 1968; BARBOSA; MADUREIRA, 2015) para as análises das gravações. Segundo Fant (1968), há uma forte interação entre o aspecto acústico e o aspecto articulatório e, por isso as alterações na área do trato vocal (articulatório) causam alterações nas frequências de ressonância (acústico) produzidas no interior do trato; 2) teorias sobre o ensino de línguas, com especial ênfase na abordagem comunicativa (ALMEIDA FILHO, 1993). A abordagem comunicativa no ensino de línguas estrangeiras pode ser vista como uma ramificação da abordagem nocional-funcional de David Wilkins (1974, 1976) e foi introduzida no Brasil no final da década de 80 por Almeida Filho (1993). A abordagem comunicativa torna secundário o desenvolvimento da competência linguística do aprendiz, concebendo como objetivo principal o desenvolvimento de sua competência comunicativa, ou seja, além de compreender os aspectos estruturais da língua-alvo, é fundamental que o aprendiz seja, sobretudo, capacitado para se comunicar em situações reais da língua; 3) informações sobre a língua alemã, com objetivo de avaliação da produção oral dos estudantes de alemão (NEUNER, 1992; BECKER 2012).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O corpus de dados será coletado por meio de gravações feitas com alunos de alemão de uma escola privada de línguas que está situada na cidade de Franca, interior de São Paulo. A ideia inicial é gravar, ao todo, pelo menos dez informantes. Parte das gravações já foi realizada. As gravações seguem um protocolo preestabelecido pela própria pesquisadora e que é dividido em seis partes: na primeira, o aluno deve ler os dias da semana; na segunda, os números de um a dez; na terceira, dez frases soltas; na quarta, um total de 15 pares mínimos; na quinta parte, um texto e, finalmente, na última etapa, o aluno deve falar o que entendeu de um texto lido para ele.

Embora os alunos estejam, de maneira geral, em diferentes níveis de aprendizagem, a grande maioria se encontra ainda no denominado nível básico e, por isso, foi estabelecido um protocolo de gravação simples, sem grandes níveis de dificuldade, a fim de que todos os informantes consigam desenvolver o que foi proposto.

Os textos contidos nas duas últimas etapas foram retirados do material didático usado pela própria escola, o livro Studio D. As gravações são feitas individualmente em ambiente acusticamente adequado (dentro da própria sala de aula, com janela e porta fechadas para evitar, ao máximo, qualquer tipo de interferência) com um gravador portátil do tipo Sony. Embora a acústica desse procedimento não seja de alta qualidade, na prática, tem-se observado que o ambiente é mais importante do que a aparelhagem. Em um ambiente onde não há muita reverberação, a gravação, mesmo feita com um gravador simples, costuma ser muito boa para a análise por meio do programa Praat.

O Praat é um software aberto cuja função é fazer uma análise acústica da fala. O programa foi desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do Departamento de Fonética da Universidade de Amsterdam, e sua tarefa principal é a análise sonora. O programa mostra na tela do computador a forma de onda, o espectro sonoro e permite inserir segmentações e símbolos fonéticos. O padrão de gravação é o WAV da Microsoft ou MP3. O Praat apresenta restrições com relação aos tipos de arquivos de som com os quais ele pode trabalhar.

Após as gravações, será feita uma análise auditiva, diretamente no programa Praat, dadas as facilidades de repetição sobre controle de qualquer trecho da gravação. Além disso, vendo a forma de onda e os espectrogramas, a transcrição fonética fica mais facilitada.

Uma vez segmentados os enunciados, e devidamente rotulados com os símbolos fonéticos do alfabeto internacional, conhecido como IPA (da Associação Internacional de Fonética), o passo seguinte consistirá na análise e interpretação dos parâmetros acústicos do espectro do som, seguindo a teoria acústica tradicional, proposta inicialmente por Gunnar Fant, na década de 1960 (FANT, 1968). Hoje, há muitos livros de introdução à fonética acústica (FRY, 1968; 1982; JOHNSON, 2013; BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

A fonética acústica tem como objetivo analisar os aspectos físicos da fala, descrevendo os sons como eles são transmitidos. Essa parte da fonética estuda elementos como estrutura de formantes, frequência fundamental, intensidade, duração, entre outros.

Entretanto, é importante reforçar, como já foi dito anteriormente, que o presente projeto focará não apenas na análise acústica, proporcionando as características físicas dos sons, mas irá focar também na análise articulatória a fim de investigar a produção e a percepção da fala, através de uma análise auditiva. Uma análise complementa a outra.

Perspectivas de desenvolvimento: Já foram feitas algumas gravações, que também já estão sendo analisadas. A partir das análises, está sendo feito um levantamento de dados com uma categorização dos erros encontrados, juntamente com explicações das causas e sugestões didáticas de correção. Nos resultados, alguns casos têm aparecido com mais frequência, mostrando dificuldades maiores dos aprendizes. Ilustramos abaixo com algumas análises preliminares o que vem sendo desenvolvido:

Figura 1a

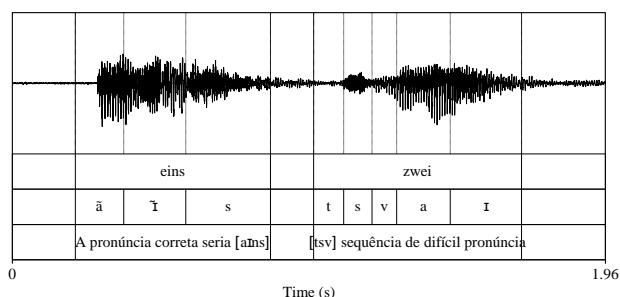


Figura 1b

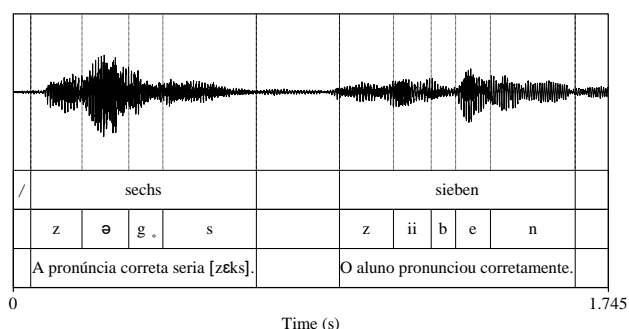


Figura 1c

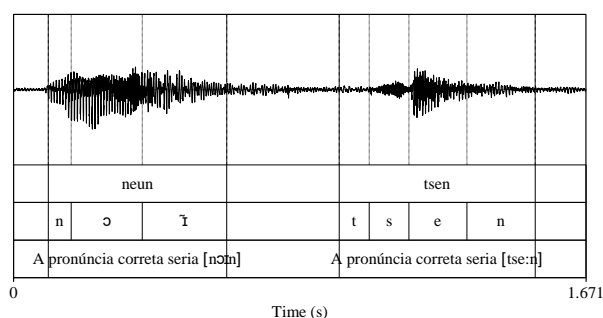


Figura 1. Na figura 1a, a palavra eins foi pronunciada sem o [n]. Na figura 1b, a palavra sechs foi pronunciada com a vogal [ə] e não com a vogal [ɛ]. Na figura 1c, a nasalidade da palavra neun [nɔɪ̃n] ocorre sobre o [ɪ] e a nasal [n] não foi pronunciada, assim como também não houve o prolongamento da vogal [e] na pronúncia da palavra tsen.

Algumas considerações devem ser feitas a partir dessas análises preliminares. Na figura 1a, por exemplo, ao pronunciar a palavra eins [aɪns], o aluno produziu a vogal [ɪ] nasalizada e não pronunciou a nasal [n]. O mesmo tipo de fenômeno ocorre quando ele pronuncia a palavra neun [nɔɪ̃n] (Figura 1c), em que a nasalização ocorre sobre a vogal [ɪ], não sendo pronunciada a nasal [n]. Nota-se dessa forma, que há certa tendência de nasalização da vogal que antecede a consoante nasal e esta última tende a não ser pronunciada. Ainda na Figura 1a, é preciso destacar a dificuldade do aluno em pronunciar a sequência [tsv] da palavra zwei [tsvaɪ], especialmente a última vogal [v] do encontro consonantal, a qual tende a ser produzida como [u]. Muitos aprendizes brasileiros de alemão apresentam essa dificuldade ao pronunciar o encontro consonantal [tsv].

Com relação à Figura 1b, além de pronunciar a palavra sechs [zɛks] com a vogal fechada [ə] no lugar da vogal aberta [ɛ], o aluno pronuncia a oclusiva sonora [g o] no lugar da oclusiva surda [k], sendo possível perceber um processo de assimilação. Tal processo é comum na língua alemã diante de pausa.

Essas são apenas algumas análises preliminares que servem como modelo para representar o que vem sendo desenvolvido. A proposta é fazer uma análise comparativa entre as gravações dos alunos, a fim de encontrar “erros” comuns e a partir disso elaborar uma categorização das “dificuldades” recorrentes de pronúncia dos aprendizes brasileiros de língua alemã que possibilite auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

AS CONTRIBUIÇÕES DO USO DE TEXTOS LITERÁRIOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)

Rosângela Pereira de Souza (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

A presente pesquisa tem como objeto propor estratégias de leitura para os alunos que se encontram no nível avançado ou avançado superior de cursos voltados para o ensino e para a aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (PLE). Trabalharemos com textos literários, visando ampliar a competência de leitura dos aprendizes de PLE.

A área de Português como Língua Estrangeira tem recebido bastante atenção tanto no contexto nacional como no contexto internacional de ensino. Consideramos este trabalho importante em decorrência da existência de um número cada vez maior de estrangeiros que buscam aprender o Português, optando por cursos de PLE quando chegam ao Brasil. Desse fato, decorre a crescente necessidade de produção de materiais que possam propiciar maiores oportunidades de uso contextualizado da língua alvo.

Valorizar a literatura brasileira no ensino de PLE pode ser um caminho interessante, pois há escassez de pesquisas sobre o uso de textos com valor estético no ensino de uma língua estrangeira. O elemento inovador deste trabalho reside para nós no fato de não

somente utilizarmos textos literários no ensino de PLE, mas também de propormos estratégias de leitura, para que os aprendentes possam compreender os sentidos produzidos nos textos que materializam representações sobre a cultura brasileira.

Optamos, na pesquisa que se encontra em andamento, por selecionar duas obras literárias: *As meninas*, de 1973, escrita por Lygia Fagundes Telles e *As Parceiras*, de 1980, de Lya Luft com a intenção de demonstrar como textos literários contemporâneos podem contribuir para que o estrangeiro se aproprie e amplie os recursos de expressão da língua alvo ao mesmo tempo em que se apropria de dados da cultura.

Selecionamos como público alvo alunos do nível avançado ou avançado superior, pois os alunos que se encontram nesses níveis sabem usar textos que circulam cotidianamente em nossa cultura, demonstrando ter fôlego para compreender textos mais densos como os textos literários.

No entanto, o aprendizado sistemático de uma língua estrangeira pressupõe um trabalho de mediação da parte do professor. O fato de reconhecermos que os alunos que cursam o nível avançado ou avançado superior têm condições de ler textos literários não desobriga o professor de orientá-los no processo de leitura.

Colocamos-nos duas questões a propósito do uso de textos literários no ensino de PLE.

O valor atribuído à relação entre língua e cultura no ensino de uma língua estrangeira nos obrigará a refletir sobre a relação entre História e Cultura, pois sabemos que o texto literário não tem função mimética em relação à realidade entendida como um fenômeno físico-cultural.

Embora não possamos afirmar que todo texto literário tenha a função de subverter representações que circulam na cultura, a literatura pode construir novas visões de mundo que desestabilizam aquelas que circulam socialmente.

A segunda questão que nos colocamos é se as "estratégias de leitura" mobilizadas pelos estrangeiros para a compreensão de textos que circulam cotidianamente coincidem ou não com aquelas que os textos literários mobilizariam.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas formulada por Antoine Culioli, pesquisador francês, constituirá o referencial teórico da pesquisa em andamento. A leitura da obra deste autor encontra-se, no entanto, no início, fato que não nos permite aprofundar as discussões neste momento.

Dedicamos-nos, neste primeiro semestre, a releitura do *Curso de Linguística Geral*, a fim de apreender a problemática do signo decorrente da proposição das célebres dicotomias de Saussure. Depois de ter definido o objeto da Linguística, ele mesmo se refere a ela como se tratando de uma Linguística de natureza estática.

Leituras sistemáticas vêm sendo realizadas dos textos de Émile Benveniste que tratam da questão da subjetividade na linguagem.

O modo de leitura dos textos que tratam das pessoas e da não-pessoa do discurso consiste no reconhecimento das concepções que os textos revelam a respeito da linguagem, da língua, do discurso, do texto, do enunciado, da enunciação, da gramática e do léxico. Sabemos que o autor não se refere a algumas das categorias que acabamos de citar bem como observamos que há flutuação na utilização de termos que, em muitos contextos, são utilizados como sinônimos.

Ao focalizar a sintaxe da enunciação, Benveniste nos oferece caminhos para a realização deste projeto de pesquisa.

No texto intitulado *Da subjetividade da linguagem*, ao discutir se a linguagem deve ou não ser considerada um instrumento de comunicação, ele assim se posiciona: "Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza [...]. A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou". (BENVENISTE, 1988, p. 285)

Igualmente importante é a citação do autor sobre o sentido da frase. No texto *A forma e o sentido na linguagem*, ele faz a seguinte afirmação: "O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras." (BENVENISTE, 1989, p. 230)

A relevância destas duas citações para o projeto em andamento são duas. Se a linguagem é própria da natureza do homem explica-se a capacidade que o indivíduo manifesta na aquisição e na aprendizagem de diferentes línguas.

Se o sentido da frase resulta da relação que umas palavras exercem sobre as outras, o sentido de uma palavra não é dado, mas é construído na instância da frase.

Como buscamos apresentar estratégias de leitura aos alunos aprendentes do Português como Língua Estrangeira, a questão central que teremos de responder ao longo do trabalho de pesquisa que nos propusemos realizar é se as estratégias de leitura resultam da capacidade de linguagem que os indivíduos manifestam ou se elas são externas ao sujeito, devendo ser propostas a cada novo tipo de texto apresentado ao aluno. O nó da pesquisa é exatamente este.

O fato de existirem documentos voltados para o ensino do Português como Língua Estrangeira como o Quadro Comum Europeu (QCE) que explicita concepções sobre o ensino de línguas estrangeiras, particularmente, sobre o ensino do Português de Portugal e diretrizes para a elaboração de exame de proficiência no Brasil, exame denominado CELPE-Bras, nos levará a fazer a leitura de tais documentos, em primeiro lugar, para identificar o valor atribuído ao trabalho com textos de circulação mais restrita como os textos literários. Além desse fato, interessa-nos verificar com a leitura destes documentos como são definidos os níveis de proficiência em Língua Estrangeira, os conhecimentos de língua que os alunos devem ter se apropriado para serem considerados proficientes em um determinado nível, que textos eles devem ser capazes de produzir em diferentes situações de enunciação assim como nos interessa identificar se a discussão realizada nestes textos se articulam em torno de conceitos como habilidades e competência.

No presente momento, estamos fazendo a leitura destes documentos que fazem parte dos procedimentos metodológicos definidos para a realização da pesquisa.

Outro procedimento que definimos nos levará a revisitar textos já lidos, produzidos na área de Linguística Aplicada, a que tivemos acesso em nosso curso de graduação em Letras e no curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa que se encontra em andamento, dadas as contribuições desse campo de conhecimento para o ensino de Português como Língua Estrangeira. Buscaremos, ao reler os textos, identificar que autores e se os autores estabeleceram dicotomia entre língua, de um lado, e cultura e relações sociais, de outro. Leituras mais recentes têm nos mostrado que os textos por meio de relações léxico-gramaticais que são tecidas em seu interior dão materialidade a visões sobre a cultura e as relações sociais.

O próximo procedimento consistirá na leitura, seguida de análise e cojeto, de fragmentos literários que apresentam regularidade linguística na construção dos sentidos na instância da língua que se materializa por meio de textos orais e escritos. Da análise de fragmentos mais representativos de uma e outra obra, buscaremos colocar em evidência a representação construída sobre a mulher na literatura, representação que constitui um dado de cultura.

Para finalizar, gostaríamos de fazer referência a alguns resultados da pesquisa. Até o momento, por meio da análise dos documentos balizadores dos exames de proficiência (QCE e Celpe-Bras), verificamos que eles foram elaborados com base na abordagem comunicativa.

O documento que avalia a proficiência em Língua Portuguesa, referido como Celpe-Bras, ressalta que o exame deve “avaliar a capacidade do examinando de produzir textos (escritos e orais) para agir em sociedade” (Manual de Orientações para os Coordenadores dos Postos de Aplicação do Celpe-Bras, 2016, p. 8).

Identificar a abordagem dos documentos nos leva a reconhecer, em primeiro lugar, que não nos comunicamos por meio de textos literários. Nesse sentido, será preciso dialogar criticamente com a abordagem que orientou a produção dos documentos a que já nos referimos.

O pressuposto que orientará a nossa discussão, em um primeiro momento, estará voltado para mostrar que se pode conhecer culturalmente um povo por meio de sua literatura. Nesse sentido, parece ser indispensável que ela seja incluída no ensino e na aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), em nosso caso, do Português como Língua Estrangeira (PLE).

Dessa maneira, consideramos que o trabalho com textos literários é relevante, pois, por meio deles, o estrangeiro pode cotejar realidades e ampliar o conceito de cultura.

LA COMPETENCIA DISCURSIVA ESCRITA EN LENGUA ESPAÑOLA DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS BRASILEÑOS

Sara González Berrio (UNESP/Araraquara)

INTRODUCCIÓN: ENSEÑANZA DE LENGUAS PRÓXIMAS

En primer lugar, cabe preguntarse qué es lo que lleva a un brasileño a aprender español en el contexto universitario. Si bien el español tradicionalmente ha estado relacionado a grandes literatos como Miguel de Cervantes o, en la actualidad, a Gabriel García Márquez; cada vez más, va ocupando una posición de lengua vehicular en el panorama internacional y, especialmente, en el contexto comercial. Por lo tanto, y gracias a diversos acuerdos político-comerciales como el MERCOSUR, hoy en día es muy frecuente que los estudiantes universitarios brasileños escojan estudiar español como una forma de acceder al mercado internacional. No obstante, también es innegable que la aparente facilidad del idioma atrae a muchos estudiantes con ganas de aprender una lengua extranjera sin demasiado esfuerzo, a pesar de que la experiencia docente corrobore la ausencia de dificultad en el aprendizaje.

La alta proximidad que existe entre las lenguas portuguesa y española, ambas lenguas romances, posibilita un cierto grado de comunicación desde el principio en determinados contextos. Por lo tanto, resulta obvio señalar que, en el caso de las lenguas próximas, la comunicación es un punto de partida más que un objetivo a ser alcanzado. En este sentido, una de las aportaciones teóricas más interesantes es la que realizó Calvi (2004) al considerar la *percepción de distancia* entre las lenguas como mecanismo que favorece o impide la transferencia en todos los niveles (fonético, sintáctico, léxico, pragmático, etc.). De esta forma, cuanto menor sea dicha percepción, mayor será la transferencia de la LM a la LE. Esta autora, tomando como referencia a Kellerman (1986), afirma que a lo largo del proceso de aprendizaje de una lengua próxima se suceden tres estadios: 1) percepción de distancia mínima; 2) reconocimiento de la divergencia y percepción de la distancia; 3) estancamiento y fosilización. Por supuesto, en las fases presentadas existen una serie de factores individuales que van a influir decisivamente en su desarrollo. Véanse: la dedicación y motivación, el conocimiento de otras LE, el estilo cognitivo, el contacto con hablantes nativos de la LE, etc.

A partir de las fases expuestas por Calvi (2004), basadas en la percepción de la distancia existente entre la LM y la LE, la autora propone el *método contrastivo* como una forma eficaz de abordar la enseñanza de lenguas próximas. Según ella, la comparación es una estrategia universal y la percepción real de la distancia en cada momento es muy eficaz para mejorar la competencia de una lengua próxima. Para ello, resulta imprescindible conocer los aspectos psicolingüísticos que subyacen al aprendizaje de una LE, así como los dos sistemas lingüísticos en todos los niveles. De esta forma, podremos promover una reflexión contrastiva explícita que potencie estrategias de confrontación en todos los niveles, llevando en consideración las dificultades motivadas por la interferencia con la LM y por el propio funcionamiento interno de la LE. No obstante, de acuerdo con Greco (2006), dicho método no siempre es eficaz, pues resulta especialmente útil en los niveles iniciales, pero favorece el estancamiento en los niveles superiores. De cualquier forma, es indiscutible su utilidad como herramienta que fomenta la autonomía del estudiante al permitirle avanzar en su interlengua, identificando analogías y divergencias entre la LM y la LE.

REFERENCIAL TEÓRICO

En nuestro estudio nos proponemos analizar la competencia pragmático-discursiva en la producción escrita de aprendices de ELE brasileños. Para ello, resulta fundamental definir qué entendemos por competencia pragmático-discursiva y esclarecer algunos aspectos teóricos fundamentales sobre la producción escrita en la enseñanza-aprendizaje. En el primer caso, vamos a basarnos en las teorías del Análisis del Discurso (BAJTÍN, 1992; BRONCKART, 1999; MARCUSCHI, 2003; CALSAMIGLIA e TUSÓN, 2007) y la Pragmática

(RAJAGOPALAN, 2010; ESCANDELL, 1996); y para el segundo, vamos a tener en cuenta fundamentalmente el entorno digital y las exigencias en cuanto a la producción escrita que ha traído consigo (CASSANY, 2012; CRUZ-PINOL, 2002).

Empleamos el término competencia pragmático-discursiva, pues consideramos no solo el dominio de los diversos géneros discursivos y las secuencias textuales, sino además el dominio de los principios generales que rigen los intercambios comunicativos como el Principio de Cooperación de Grice (1975) o el Principio de Relevancia de Sperber y Wilson (1986). De esta forma, contemplamos la complejidad de dicha competencia como eje vertebrador de cualquier acto comunicativo.

Gracias al Análisis del Discurso, el discurso se ha convertido en la principal unidad de análisis actualmente. En la misma línea que Calsamiglia y Tusón, entendemos el discurso como “una práctica social, [...] una forma de acción entre las personas que se articula a partir del uso lingüístico contextualizado, ya sea oral o escrito. El discurso es parte de la vida social y a la vez un instrumento que crea la vida social” (2001: 15). Las prácticas discursivas, a su vez, se basan en el concepto de género. Bajtín (1992) entiende los géneros discursivos como tipos de enunciados, relativamente estables, vinculados a situaciones típicas de comunicación social. Además, añade que tanto el contenido temático como el estilo y la construcción composicional están indisolublemente ligados al enunciado como todo y dependen de la especificidad de un determinado campo de comunicación.

Siguiendo la tradición de Bajtín, autores como Swales (1990) o Hyland (2001) pasaron a considerar el género como unidad de análisis no solo en la investigación, sino también en la enseñanza-aprendizaje de lenguas. En este sentido, Cassany (2005: 25) define género discursivo como “el grupo de textos que comparten unos mismos parámetros contextuales y recursos lingüísticos, reconocidos socialmente por los propios usuarios”. Eso hace que generen unas expectativas que deben ser cumplidas para la elaboración del significado pretendido (Reyes, 1999). Por eso, es fundamental que los alumnos conozcan las características de los géneros discursivos en su lengua materna y en la(s) lengua(s) extranjera(s), pues solo así serán capaces de participar con éxito en las distintas comunidades discursivas.

OBJETIVOS

El objetivo general de nuestro estudio consiste, por un lado, en analizar la competencia pragmático-discursiva escrita de aprendices de ELE brasileños de nivel avanzado (B2-C1); por otro, nos proponemos diseñar y evaluar la eficacia de una propuesta didáctica en línea para desarrollar dicha competencia. Todo ello aplicado específicamente a la producción escrita de correos electrónicos y resúmenes académicos.

Entre los objetivos específicos, cabe destacar los siguientes:

Realizar un levantamiento bibliográfico de las características de los géneros correo electrónico y resumen académico tanto en español como en portugués.

Cotejar las características anteriores con 30 e-mails y resúmenes escritos por hablantes nativos tanto en portugués como en español.

Analizar e-mails y resúmenes académicos escritos por aprendices de ELE brasileños de nivel avanzado (B2-C1), identificando las características de su competencia pragmático-discursiva.

Diseñar y aplicar una propuesta didáctica en línea teniendo en cuenta las necesidades específicas del grupo meta y las características de su competencia pragmático-discursiva.

Analizar e-mails y resúmenes académicos escritos al finalizar la aplicación de la propuesta didáctica para estudiar el desarrollo (o su ausencia) de la competencia pragmático-discursiva y evaluar la eficacia de la propuesta aplicada.

PREGUNTAS DE INVESTIGACIÓN

1. ¿Cuáles son las características de la competencia pragmático-discursiva escrita de aprendices de ELE brasileños de nivel avanzado (B2-C1)?

2. ¿Cómo debe ser una propuesta didáctica en línea que promueva el desarrollo de la competencia pragmático-discursiva? ¿Es efectiva?

HIPÓTESIS

La competencia pragmático-discursiva de aprendices de ELE brasileños de nivel avanzado estará limitada por sus estrategias y conocimientos de redacción en la L1. Al tratarse de lenguas afines, en los primeros estadios de aprendizaje, la L1 supone un buen punto de partida para hacer hipótesis y les ayuda a avanzar más rápidamente. No obstante, conforme aumenta su dominio de la LE y deben enfrentarse a tareas de redacción más complejas, sus conocimientos resultan limitados, puesto que no siempre las características de los géneros textuales o los principios pragmáticos encuentran un equivalente en la otra lengua. Además, hay que añadir el hecho frecuente de que los estudiantes de ELE brasileños tengan dificultades de redacción en su LM, debido a la gran distancia que existe entre la lengua hablada y la escrita.

Una propuesta didáctica que promueva el desarrollo de la competencia pragmático-discursiva para ser efectiva debe abordar tanto las características propias de los géneros discursivos en cuestión como las secuencias textuales y los principios generales que rigen los intercambios comunicativos. Además, todo ello debe hacerse llevando en consideración las necesidades y características del grupo meta en cuestión. Además, al ser en línea, hay que añadir a las características anteriores, las propias de dicho entorno: intertextualidad, multimodalidad, interculturalidad y géneros electrónicos.

METODOLOGÍA

En lo que se refiere a la metodología, se trata de una descripción focalizada de tipo mixto (cuantitativa-cualitativa). De esta forma, podemos estudiar algunas variables del grupo meta, atendiendo a sus necesidades, y contar con una mayor flexibilidad para afrontar posibles imprevistos (Dörnyei, 2007).

En lo que respecta a las herramientas de recogida de datos, en un primer momento, recogeremos e-mails y resúmenes académicos redactados por hablantes nativos de español y portugués respectivamente. Así, pretendemos realizar un estudio comparativo inicial que nos permita elaborar un catálogo de marcas lingüísticas y discursivas frecuentes en ambas lenguas, incluyendo funciones, contextos y grado de utilización real.

Posteriormente, diseñaremos dos pruebas de la forma más auténtica posible con el objetivo de acceder a las producciones escritas por estudiantes brasileños de E/LE. Una se aplicará antes de la propuesta didáctica y otra al terminarla. De esta forma, conseguiremos analizar dichos textos de nuestro grupo meta para identificar posibles interferencias y dificultades (lingüísticas, pragmáticas y discursivas) antes de elaborar la propuesta didáctica. Tras su aplicación, las producciones recogidas nos permitirán estudiar el desarrollo (o su ausencia) de la competencia pragmático-discursiva y evaluar la eficacia de la propuesta. Asimismo, diseñaremos y aplicaremos un cuestionario para recabar información de los participantes acerca de sus necesidades y experiencias escritas en LE, sus estrategias, etc.

DESARROLLO DE LA INVESTIGACIÓN

Las actividades académicas propias del Programa de Doctorado comenzaron en el primer semestre de 2016 y deben realizarse en un plazo máximo de 50 meses. A continuación, presento las diferentes fases de investigación organizadas anualmente:

Fase de la investigación	2016	2017	2018	2019	2020*
Participación en eventos y congresos	X	X	X	X	
Estudio de la bibliografía teórica sobre enseñanza de lenguas afines, expresión escrita, análisis de discurso, géneros textuales en español y portugués, pragmática, etc.	X	X			

Asignaturas obligatorias	X				
Perfeccionamiento del proyecto de investigación y envío al Comité de Ética de la UNESP		X			
Estudio comparativo inicial		X			
Diseño de las pruebas de producción escrita y cuestionarios.		X			
Aplicación de la prueba inicial y los cuestionarios			X		
Análisis e interpretación de los resultados obtenidos.			X		
Elaboración de la propuesta didáctica a partir de los resultados obtenidos con la primera prueba.				X	
Aplicación de la segunda prueba y cuestionario tras haber realizado la propuesta didáctica			X		
Análisis e interpretación de los resultados obtenidos.			X		
Redacción de la tesis		X	X	X	
Revisión, entrega y defensa de la tesis de doctorado				X	X

*La defensa del Doctorado está prevista para el primer semestre de 2020 e, por lo tanto, la duración académica de ese año será únicamente de dos meses.

CONCLUSIÓN

En definitiva, se trata de una investigación interdisciplinar que pretende, por un lado, identificar las dificultades y fortalezas de los estudiantes universitarios brasileños respecto a la competencia pragmático-discursiva escrita y, por otro, diseñar una propuesta didáctica que se adapte a sus necesidades y características específicas para fomentar el desarrollo de la competencia pragmático-discursiva. De esta forma, esperamos contribuir con la adaptación de la enseñanza de lenguas extranjeras en el marco de la globalización. Así, los aprendices brasileños serán capaces de responder adecuadamente a diversos contextos comunicativos.

USOS DE VÍRGULAS EM TEXTOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM ESTUDO LONGITUDINAL

Tainan Garcia Carvalho (UNESP/SJRP – Bolsista FAPESP)

INTRODUÇÃO

Alguns autores (CHACON, 1998a; CÔRREA, 2004; ARAÚJO-CHIUCHI, 2012; SONCIN, 2014) têm explorado a relação entre enunciados falados e enunciados escritos a partir do emprego dos sinais de pontuação. Embora partilhem da concepção de que conceber a relação fala/escrita com base na pontuação é produtivo, tais estudos se distanciam quanto às abordagens de investigação adotadas pelos seus autores em função de suas hipóteses de pesquisa. Nesta pesquisa, embora consideremos como relevantes todos estes estudos, nos aproximamos dos trabalhos desenvolvidos por ARAÚJO-CHIUCHI (2012) e SONCIN (2014) ao analisarmos os empregos de vírgulas de uma perspectiva que concebe a interface entre sintaxe e fonologia.

A justificativa para o estudo desse sinal de pontuação em detrimento de outro está diretamente relacionada à complexidade instaurada por esse objeto de estudo tanto em âmbito teórico quanto em âmbito escolar. Inicialmente, pode-se destacar que não há consenso entre os principais gramáticos quanto ao conjunto de regras que guiam o emprego desse sinal. Conforme afirma Dahlet (2006), as vírgulas têm um funcionamento sintático

complexo no texto, pois podem atuar, simultaneamente, nas amplitudes intercláusula e intracláusula, além de funcionar tanto em esquema simples quanto em esquema duplo. Em consonância com essas afirmações, observamos também a veiculação, na instituição escolar, da ideia de que o funcionamento de vírgulas é guiado pelo reconhecimento de “pausas”. Tal informação pode levar ao emprego não-convencional de vírgulas, isto é, ao chamado “erro” na tradição escolar.

Tendo em vista esse cenário, esta pesquisa consiste em identificar, descrever e analisar quantitativa e qualitativamente os empregos convencionais e não-convencionais (presença e ausência) de vírgulas em 280 textos de tipologia relato produzidos por alunos de uma escola pública do interior paulista (São José do Rio Preto) ao longo dos quatro anos letivos do Ensino Fundamental II (doravante, EF II). De nossa perspectiva, os usos convencionais referem-se aos empregos de vírgulas com base em um conjunto pré-estabelecido de regras gramaticais para usos de vírgulas. Os usos não-convencionais, por sua vez, subdividem-se em: (i) usos não convencionais pela ausência – as vírgulas deixam de ser empregadas em contextos para os quais a convenção gramatical prevê seus usos - e (ii) usos não-convencionais pela presença – as vírgulas são empregadas, porém em contextos não previstos pela tradição gramatical. Nossa hipótese central é a de que características prosódicas, especialmente aquelas relacionadas às fronteiras de constituintes prosódicos, motivam os empregos de vírgulas ao longo de todo o EF II.

Em trabalho que realizamos anteriormente (CARVALHO, 2016), observamos que, no ciclo inicial (6º e 7º anos letivos), havia predominância de empregos não-convencionais de vírgulas (73,5%) e os alunos guiavam-se, por exemplo, por contornos entoacionais. Considerando a informação contida na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) de que o trabalho sistematizado com a pontuação deve acontecer no ciclo final do EF II, interessa-nos, nesta etapa da pesquisa, investigar se entre o ciclo I e o ciclo II: (i) há alterações nos empregos de vírgulas e (ii) há características prosódicas que motivam o emprego de vírgulas.

Considerando-se os estudos anteriores e os estudos da linguagem sobre pontuação em geral, avançamos ao propormos uma análise longitudinal de vírgulas em contexto de EF II. Além disso, embora não seja a questão principal do trabalho, consideramos ainda que o caráter longitudinal desta pesquisa pode contribuir com resultados que permitam a discussão ou a caracterização do processo de aquisição de vírgulas no EF II. Esperamos que o estudo contribua, sobretudo, para as investigações sobre a relação não dicotômica, mas constitutiva de fala/escrita, assim como proposta por Côrrea (2004).

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é identificar e descrever quanti e qualitativamente os dados convencionais e não-convencionais de usos de vírgulas em uma amostra longitudinal de textos do EF II. Esse objetivo desdobra-se em objetivos específicos:

- (i) identificar, em relação aos usos convencionais e não-convencionais (pela ausência e pela presença), quais características prosódicas, relacionadas a fronteiras de constituintes prosódicos, são projetadas/observáveis no texto escrito;
- (ii) investigar quais estruturas sintáticas e prosódicas são relevantes para a caracterização de usos de vírgulas no EF II, buscando identificar possíveis tendências quanto a ocorrências dessas estruturas;
- (iii) identificar se estruturas sintáticas e prosódicas relevantes para descrever os usos de vírgulas permanecem e/ou se alteram ao longo dos anos letivos e entre os ciclos I e II do EF II e, a partir dos resultados, descrever tendências em relação aos anos letivos que possam fornecer indícios acerca do aqui chamado processo de aquisição da pontuação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para alcançar os objetivos ora propostos, o quadro teórico que mobilizamos perpassa por questões sobre a relação entre fala e escrita e abrange: (i) os conceitos de ritmo da escrita

(CHACON, 1998a) e de dimensões da linguagem (CHACON, 1998a, ESVAEL, 2005) e (ii) os domínios prosódicos definidos pela Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986), além da descrição desses domínios feitos para o Português do Brasil (TENANI, 2002; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; SERRA, 2009).

Com o intuito de nos distanciarmos de uma concepção tradicional escolar que concebe o funcionamento de vírgulas a partir do reconhecimento de pausas, nos ancoramos no trabalho de Chacon (1998a), ao considerarmos os empregos de vírgulas enquanto marcas do ritmo da escrita, e nos trabalhos de Chacon (1998a) e Esvael (2005), ao concebermos seu funcionamento enquanto indícios do aspecto multidimensional da linguagem. Para os autores, a vírgula pode ter, em um texto, os seguintes funcionamentos: (i) sintático, (ii) prosódico, (iii) textual e (iv) enunciativo. Considerando os objetivos ora estabelecidos nesta pesquisa, priorizamos as dimensões sintática e prosódica.

Em relação à relação de interface sintaxe/prosódica que buscamos estabelecer a partir da análise dos empregos de vírgulas, nos ancoramos no modelo de Fonologia Prosódica proposto por Nespore e Vogel (1986). De acordo com as autoras, os enunciados falados organizam-se hierarquicamente em sete constituintes prosódicos. Dada a configuração de nosso objeto de investigação e considerando-se a descrição feita por Tenani (2002), Fernandes (2008) e Serra (2009) para o Português Brasileiro, três constituintes são importantes para tratar da relação entre fronteiras prosódicas e fronteiras sintáticas a nível sentencial ou oracional: a frase fonológica (ϕ), a frase entoacional (I) e o enunciado fonológico (U).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa envolvem os métodos quantitativo, qualitativo e descritivo. Inicialmente, identificaremos quantitativamente os dados de vírgulas com base no conjunto de regras assumido pela gramática de referência que adotamos neste trabalho: Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara, 1999. Na sequência, os dados serão classificados nas seguintes categorias: (i) usos convencionais e (ii) usos não-convencionais (ausência e presença).

A partir desse levantamento de emprego de vírgulas, será possível identificar as estruturas sintáticas para as quais se verificam usos de vírgulas. Tendo isso em vista, as estruturas sintáticas identificadas serão descritas e agrupadas de acordo com um critério sintático-semântico, ainda em fase de desenvolvimento. Na sequência, com base nas fronteiras sintáticas identificadas, será feita a identificação de fronteiras prosódicas onde houver usos convencionais e não-convencionais de vírgulas. Considerando-se os objetivos mencionados anteriormente, estes procedimentos servirão de base para alcançarmos o objeto geral e os (i) e (ii) objetivos específicos.

Por fim, a fim de alcançarmos o objetivo específico (iii) referente aos indícios do processo de aquisição de vírgulas no EF II, os procedimentos adotados envolverão: (i) a análise de dados intrasujeito e intersujeitos e (ii) o confronto dos dados obtidos ao longo do tempo com as seguintes informações uso da vírgula, estrutura sintática e ano letivo. Estes procedimentos serão realizados com base nos resultados obtidos acerca do funcionamento sintático e prosódico dos empregos de vírgulas.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO E/OU DE RESULTADOS DO TRABALHO

A etapa de identificação e levantamento dos empregos de vírgulas está em fase de execução no momento. Com base em estudo piloto realizado a partir dos dados longitudinais de um sujeito do material de análise, observamos, assim como para o ciclo I, a predominância dos usos não-convencionais de vírgulas para o ciclo II. No que diz respeito à identificação de motivações prosódicas para o ciclo II, identificamos a predominância de fronteira de I (frase entoacional) em posições para as quais há usos de vírgulas. Tais tendências se aproximam daquelas observadas para o início do EF II.

No entanto, em relação às estruturas sintáticas, diferentemente do cenário observado para o ciclo I, chama-nos a atenção a constante flutuação de empregos de vírgulas para estruturas mais complexas de coordenação e subordinação. Interpretamos que essa tensão

entre o convencional e o não-convencional dos usos de vírgulas, neste caso, se estabelece em função da busca pelo “acerto” no processo formal de ensino-aprendizagem de práticas de escrita. Os resultados da análise dos demais textos no desenvolvimento deste projeto e a descrição longitudinal dos dados servirá de base para a descrição e análise não só dos usos de vírgulas, mas também das estruturas sintáticas e prosódicas mobilizadas nesse processo de aquisição da pontuação.

GRAMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ANALISANDO MATERIAIS DIDÁTICOS

Táisa Biagioli Zambon (UNESP/Araraquara – Bolsista CAPES)

Propomo-nos, no presente trabalho, a refletir sobre o ensino de Língua Materna nas séries finais do ensino fundamental, do 6º ano ao 9º ano, com foco na seção dedicada aos estudos gramaticais. Buscamos analisar o conceito de gramática com base no qual as atividades dos *Cadernos do Aluno*, elaborados para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, foram organizadas. O material que será analisado foi elaborado e distribuído pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo aos alunos e professores da rede pública. Queremos identificar como a gramática contribui para o desenvolvimento da competência leitora e da competência escritora dos estudantes.

Desde o lançamento dos *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs*, em 1998, o estudo de Língua Portuguesa nas escolas públicas do país é pautado no trabalho com diversos gêneros textuais e a gramática deveria estar vinculada aos tipos de textos e às necessidades suscitadas para a compreensão deles, não se justificando ensinar gramática de maneira desarticulada das práticas de linguagem (BRASIL, 1998).

Contudo, muitas vezes o trabalho com gramática em sala de aula acaba por ficar restrito ao que, comumente, é denominado de gramática normativa. Sobre essa concepção de gramática, Sírio Possenti (2006) a define como “[...] um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem “falar e escrever corretamente” (POSSENTI, 2006, p.47).

Apesar da dicotomia envolvendo certo *versus* errado, o ensino da gramática tradicional ainda é muito discutido. Esse embate instaura-se, mesmo sendo de amplo conhecimento de professores de Língua Portuguesa e de profissionais da área da Educação que a escola constitui o lugar por excelência para o ensino da gramática visando à apropriação da variante culta pelo aluno.

A despeito do reconhecimento da relevância da norma culta, a pergunta que deu origem à presente pesquisa está ligada ao seguinte fato: a gramática normativa com a concepção que veicula pode ser um instrumento para que o aluno se aproprie dos gêneros tanto quando lê como quando escuta, tanto quando escreve como quando fala?

Existe outra concepção de gramática que possa desenvolver a competência leitora e escritora dos alunos, como prescrevem os documentos oficiais?

Consideramos a pergunta formulada tão relevante quanto o ensino de “gramática”, entendida como um conjunto de regras e normas que os alunos devem seguir sob pena de estarem sujeitos a punições em uma sociedade hierarquicamente organizada, na medida em que serão reprovados em avaliações internas ou externas ao sistema escolar se não as dominar. Sem dúvida, o domínio da gramática tal como foi descrito por Possenti tem o seu valor de verdade.

O conceito de gramática, no entanto, é rediscutido por Carlos Franchi no texto intitulado *“Mas o que é mesmo gramática?”*. Para esse autor, comumente uma pessoa que sabe gramática é aquela que “[...] conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente” (FRANCHI, 2006, p. 16).

Como professora-pesquisadora, todavia, tem-se visto que se o aluno tivesse um domínio operacional da gramática “tradicional”, sabendo transpor regras e normas para o texto que produz, certamente, estaríamos no melhor dos mundos.

Franchi apresenta uma outra concepção que difere daquela que comumente circula em variados contextos. Segundo a perspectiva assumida pelo autor, a gramática constituiria

um sistema de noções, descrições estruturais e regras que permitem falar da língua e descrever o seu funcionamento (FRANCHI, 2006).

Observe-se que Franchi amplia o conceito de gramática que passa a constituir um sistema descritivo da língua, buscando dar conta de seu funcionamento. Não se trata mais de priorizar uma gramática de caráter puramente prescritivo no ensino da língua materna, descrita com base em fragmentos literários, com foco, exclusivamente, na língua escrita.

Uma outra discussão realizada por Franchi (ibid.) tem como objetivo nos fazer refletir sobre a ausência de uma concepção de linguagem entre os professores que seria capaz de responder se a gramática resulta de fatores de natureza antropológica ou por força de uma dotação genética do homem. Destaca o autor que a ausência de uma tal concepção fará que o ensino permaneça o mesmo em contexto escolar. Desta forma, a pesquisa em Linguística deveria tentar replicar por meio de metalinguagem como a capacidade do sujeito revela-se no momento da produção de textos tanto na modalidade oral como na modalidade escrita.

Com base nessas discussões, nossos objetivos estão voltados para a análise das atividades de natureza gramatical propostas nos *Cadernos do Aluno* de Língua Portuguesa, distribuídos pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE-SP) para as escolas que a ela estão vinculadas e que foram elaborados para os estudantes que se encontram nos anos finais do Ensino Fundamental.

No momento da análise dos estudos gramaticais tal como encontramos nos *Cadernos do Aluno*, buscaremos identificar se a única possibilidade, quando se trabalha com a gramática em sala de aula, está relacionada à apresentação das categorias gramaticais voltadas para a classificação posterior das unidades e dos constituintes frasais, bem como se a concepção de gramática presente nos *Cadernos* pode contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora dos alunos.

Até o momento, nossas leituras e análise estão sendo realizadas com base nos trabalhos de Carlos Franchi (2006), Luiz Carlos Travaglia (2009) e Sírio Possenti (1996) que apresentam posicionamentos críticos em relação à concepção que orienta o ensino da Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, estamos envidando esforços para nos apropriar da *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, de Antonie Culioli. Para nós trata-se de compreender se a pesquisa linguística realizada por este autor pode contribuir com o ensino de línguas.

Outras perguntas estão sendo formuladas como forma de desatar alguns nós.

A gramática normativa deveria ser objeto prioritário de estudo no Ensino Fundamental?

O fato de o aluno possuir informações sobre regras formais da língua garantiria aos estudantes o desenvolvimento das competências comunicativas ligadas à leitura e à escrita?

Para Travaglia, o ensino deve estar voltado para a produção de textos orais e escritos, de forma a promover a interação dos sujeitos da linguagem e sua atuação em situações comunicativas que visam atingir objetivos específicos.

Novamente a questão de habilidades e de competências são colocadas como objetivo no ensino da Língua Portuguesa bem como a necessidade de criar contextos para que os alunos ampliem seus recursos de expressão. (TRAVAGLIA, 2009, p.19)

A pergunta de base continua sendo a mesma: o ensino da gramática normativa poderá cumprir a função a que o autor se refere?

À luz dos trabalhos dos referidos autores, estamos analisando os *Cadernos do Aluno* da disciplina de Língua Portuguesa elaborados para as séries finais do Ensino Fundamental.

Assim, os procedimentos para a realização de nosso trabalho deverão estar voltados para a descrição dos conteúdos gramaticais. Tomamos como referência as gramáticas pedagógicas da Língua Portuguesa, no sentido de verificar se ocorre o ensino da metalinguagem da qual os gramáticos partem para descrever a língua nos *Cadernos do Aluno*. Em tal caso, privilegiar-se-á a forma dos constituintes da frase. Ou trabalhar-se-ia com uma concepção de gramática que busca desencadear o desenvolvimento das competências acima referidas em relação aos gêneros textuais?

Apresentaremos, nesse resumo, resultados parciais e reflexões desencadeadas pela nossa pesquisa, iniciada em 2017, que se encontra em desenvolvimento.

Os *Cadernos do Aluno* são distribuídos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, desde 2009, com o objetivo de unificar o conteúdo ministrado na rede estadual de

ensino. Para a área de estudo de Língua Materna, o Currículo Linguagens e Códigos prioriza o trabalho com a capacidade comunicativa do estudante em diversas situações.

Nessa coleção didática, as questões relacionadas a conteúdos gramaticais são apresentadas na seção denominada de “Estudo da língua”, encontrada sempre ao final de cada Situação de Aprendizagem. No entanto, são também inseridos nessa parte conceitos relativos à coesão, à coerência, oriundos da Linguística Textual, e à ortografia.

Com base na primeira análise desse material, nota-se que os exercícios gramaticais são apresentados em poucas ocorrências. Devido a esse fato, quando se julga necessário, há sugestão para que o professor faça uso, concomitantemente, do livro didático adotado pela escola, conforme orientações apresentadas nos *Cadernos do Professor*.

É válido ressaltar que diferentemente do que ocorre em livros didáticos e manuais escolares, nos *Cadernos do Aluno*, os conteúdos que se referem à gramática estão inseridos no interior de Situações de Aprendizagem e alinhados aos gêneros textuais trabalhados em cada seriação, o que acreditamos ser um fator positivo. Caberia ao professor compreender essa dinâmica e valorizá-la em sala de aula.

A fim de exemplificar esse fato, em nossa visão positiva, elegemos a primeira Situação de Aprendizagem do *Caderno do Aluno*, do 8º ano do Ensino Fundamental. Nela, são apresentados aos alunos textos dos gêneros prescritivos e injuntivos, a fim de se trabalhar com os usos de verbos no modo imperativo. A situação inicia-se com um texto de uma receita culinária, seguida de uma receita médica, para que os estudantes infiram onde esses textos são utilizados e com quais finalidades. Posteriormente, há um diálogo entre um casal de namorados, relatando uma discussão entre ambos. Nele, a namorada, em todos os momentos, solicita a atenção de seu namorado, com frases como “[...] olha bem para mim!” e “[...] ouve o que eu digo” (São Paulo, 2014e, p.12). Esses textos são utilizados para mostrar ao estudante os usos do imperativo, tanto daqueles que estão de acordo com a gramática normativa como os que ocorrem na fala cotidiana.

Contudo, muitos exercícios, mesmo sendo iniciados com a compreensão e função das palavras e sentenças, e posterior conceituação, como no caso que exemplificamos, acabam restringindo-se a poucas atividades, simplificadas e restritas somente ao gênero textual apresentado naquela determinada situação. Oportunidades são perdidas de mostrar-se as diferentes expressões da língua.

Assim, até o momento, percebemos que muitas são concepções gramaticais que poderiam orientar o ensino da língua portuguesa, embora somente a reconhecida como normativa é legitimada pela escola.

Embora a gramática esteja de alguma forma alinhada aos gêneros, o que se ressalta são as estruturas recorrentes, deixando-se de lado questões que envolvem a significação.

Nosso próximo passo, consistirá em analisar as Situações de Aprendizagem com foco na competência leitora e escritora a partir de uma concepção de língua e de linguagem que articule o componente sintático e semântico na análise de textos orais e escritos.

ESTUDO SEMIÓTICO DOS EDITORIAIS DO JORNAL ESTADÃO SOBRE O PROCESSO DE IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

Tatiane da Silva (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre os discursos políticos e as formas como esses discursos são filtrados pela mídia e transmitidos ao público por meio dos textos editoriais do jornal “O Estado de São Paulo” com a finalidade de estabelecer um campo de estudo pouco explorado no âmbito da semiótica.

A semiótica define-se por ser o estudo dos signos e suas ações. O signo pode ser entendido como aquilo que representa algo para alguém. Podem ser objetos, símbolos, palavras, desenhos, e eles representam e transmitem alguma informação, ou várias informações, para nós.

Nessa pesquisa aplicaremos a semiótica ao texto jornalístico de opinião, mais especificamente aos textos editoriais. O texto editorial é um tipo de texto jornalístico e comumente aparece no início das colunas dos jornais ou revistas. Diferentemente dos outros textos que compõem um jornal, que são de caráter mais informativo, os editoriais são opinativos e não necessariamente neutros. Na maioria dos casos eles têm uma posição bem definida.

No geral, são argumentativos e organizados de forma a expressar as opiniões da equipe e, por isso, não recebem a assinatura do autor. Retratando, assim, a opinião do meio de comunicação como um todo.

Ao contrário do que se pensa, os jornais podem apresentar diversos textos editoriais, pois cada seção pode ter seu próprio. Além disso, é preciso lembrar que editorial não necessariamente é composto só de texto, ele é um conjunto de elementos que compõem a página, o que pode incluir mais de um texto, imagens, charges, entre outros. Os mais comuns são relacionados à política e à economia. O texto editorial também pode ser intitulado como “Carta ao Leitor” ou “Carta do Editor”. Esse gênero tem por função apresentar a posição de cada jornal sobre assuntos que estão em voga no noticiário do momento, tendo por objetivo capturar leitores para que creiam naquelas posições adotadas. O caráter opinativo do editorial muitas vezes é ignorado pelo grande público, que o coloca numa posição neutra, baseando muitas vezes suas opiniões na opinião do jornal como se a opinião do jornal fosse neutra, simplesmente fatos que não foram filtrados.

OBJETIVOS

Essa pesquisa tem por objetivo Estabelecer uma relação entre os discursos políticos e as formas como esses discursos são filtrados pela mídia e transmitidos ao público por meio dos textos editoriais do jornal O Estado de São Paulo. Além disso, analisar o papel do editorial como formador de opinião e representante de um público, descrevendo e definindo esse público representado. E analisar a posição política adotada pelo jornal por meio das opiniões do editorial;

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É importante ressaltar que o estudo do texto de opinião e sua relação com a semiótica não são uma novidade no mundo acadêmico. As relações são abordadas por alguns pesquisadores e essas abordagens são feitas de diferentes formas, em sua grande maioria, seguem uma perspectiva da enunciação sendo utilizada como meio de persuasão.

Nos últimos anos, os estudos têm focalizado a relação que se estabelece entre a linguagem e o meio no qual ela é produzida. Levando em conta essa perspectiva, pesquisadores têm buscado explicitar os diferentes usos da linguagem para veicular “discursos” (FAIRCLOUGH, 1995a, p.135).

O editorial é um tipo de texto utilizado na imprensa, especialmente em jornais e revistas, que tem por objetivo informar, mas sem obrigação de ser neutro ou indiferente. A objetividade e imparcialidade não são características dessa tipologia textual, uma vez que o redator dispõe da opinião do jornal sobre o assunto narrado.

Pelas características do gênero, podemos dizer que o editorial é um texto: dissertativo, pois desenvolve argumentos baseados em uma ideia central; crítico, já que expõe um ponto de vista; e informativo, pois relata um acontecimento.

Pinto (2004, p. 1) considera o gênero editorial como “um gênero de predominância organizacional argumentativa e funcional persuasiva”. O editorial como um elemento do jornalismo opinativo não poderia deixar de ser um dos gêneros discursivos presentes no jornal e que expressa o ponto de vista (seja ideológico, político ou econômico) do mesmo. O gênero Editorial está, segundo o autor, classificado como um gênero discursivo argumentativo e apresenta em sua estrutura, de uma forma geral: ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusão.

Para José Marques de Melo, em sua obra “Jornalismo de Opinião” O editorial do jornal hodierno tem emergido como uma forma jornalística peculiar. Seu primo literário mais próximo seria o ensaio. Mas o editorial difere do ensaio em sua brevidade e também porque insiste em

sua natureza contemporânea. Ou seja, no passado, o editorial de jornal se aproximava do que é hoje o editorial de revistas científicas, um espaço em que o editorialista articula em um só texto os diversos assuntos que serão tratados na revista, trazendo assim grande variedade temática e também maior extensão do texto. Já o editorial moderno perdeu essa característica, e como hoje temos vários editoriais em uma mesma edição do jornal, há a possibilidade de existirem diversos pequenos textos, cada um tratando de um assunto específico.

Segundo Araújo (2007, p. 7), “O editorial é resultado de uma atividade linguística produzida com dada intenção, sob determinadas condições necessárias a que se atinja o propósito visado”. Ainda segundo a autora, os objetivos visados pelo editorial seriam: persuadir o leitor a aderir a posição defendida pelo jornal; levar instituições públicas ou privadas a agirem de acordo com os interesses coletivos ou do próprio jornal.

Tal definição é compartilhada por outros pesquisadores e nos leva a refletir sobre o papel do jornal na sociedade nos últimos tempos, que passaram a ser, além de condutores/formadores de opinião, também detentores de forças políticas e econômicas.

Os estudos desses autores, assim como de outros que abordam a semiótica relacionada à mídia, foram essenciais para se definir um ponto de partida para o projeto e os rumos que ele tomaria.

Podemos ver que há diversas formas de se estudar o texto editorial, seja como discurso ou como gênero. No entanto, o estudo do editorial em si como objeto de pesquisa é bastante escasso, assim como sua utilização como corpus ou base para outros estudos. Dessa forma, com essa pesquisa pretende-se estabelecer o editorial das colunas políticas e econômicas como objeto de pesquisa e estudá-lo.

Serão estudados e analisados temas específicos retratados pelos editoriais recentes relacionados ao processo de Impeachment de 2016 da Presidente da República Dilma Rousseff.

MATERIAL E MÉTODOS

Constituição do corpus

O corpus será constituído por textos que compõem a página de opinião do Jornal “O Estado de São Paulo”. O editorial será analisado em conjunto com outros elementos da página e também separadamente. Serão selecionados apenas os textos que tratam da questão política e econômica do Brasil e têm como assunto principal a figura da presidente da república e seus aliados. O período estipulado é de dezembro de 2015 até agosto de 2016. Tal período foi definido de acordo com os acontecimentos políticos relevantes para fundamentar a argumentação do jornal ao que diz respeito à permanência ou saída da presidente.

Dezembro de 2015 foi quando a petição do processo de Impeachment, elaborada por três advogados: Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal, aceita pelo então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha foi votada e aceita pela maioria dos deputados. Dessa forma, o processo ganhou certa repercussão e passou a ser mais presente dentro da mídia. Pouco tempo depois, o rito do processo foi votado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o que o legitimou para seguir adiante. Agosto de 2016 foi a data limite escolhida por ter sido a data da votação final do processo que levou à cassação do mandato de Dilma.

Foi feito um levantamento no acervo do jornal Estadão que nos mostra que de dezembro de 2015 até agosto de 2016, foram publicados por volta de quatrocentos e vinte textos editoriais. Dentre eles, aproximadamente trezentos textos citam em algum momento o nome da então Presidente, Dilma Rousseff, e metade trata-se especificamente do processo de Impeachment.

Metodologia de execução da pesquisa e de análise

A natureza metodológica da presente pesquisa é de caráter analítico. Serão analisados nove documentos de forma a estabelecer qual foi a imagem construída da presidente da república, Dilma Rousseff, e como essa imagem foi se construindo por meio da opinião midiática ao longo do processo de Impeachment. Serão levadas em conta todas as

nuances discursivas, escolha de termos, e estratégias para o convencimento utilizadas pelo Jornal.

Para a análise utilizaremos, além do texto, alguns acontecimentos históricos relevantes para o tipo de cópua – o contexto político que cerca o processo em si e a forma como ele é descrito para o jornal é essencial para uma análise mais contextualizada. Iremos propor algumas hipóteses baseadas na leitura de conjunto do cópua de referência de que dispomos atualmente de acordo com a posição tomada pelo Jornal.

Os estudos sobre o texto editorial na temática do processo de Impeachment podem ser analisados em várias perspectivas diferentes dentro da semiótica. Mas para uma análise mais completa pretende-se seguir os seguintes parâmetros: (1) Período e tema escolhido para análise; (2) A construção e segmentação do texto editorial; (3) Conceitos empregados na análise, que poderão ser de ordem enunciativa, temporal, espacial, actorial, figurativa, temática, narrativa, modal, etc. Sempre priorizando a relação entre o plano do conteúdo e da expressão e dando ênfase ao texto sem utilizá-lo apenas como pretexto para assuntos históricos ou políticos diversos.

Os parâmetros descritos são apenas algumas das possibilidades de análise do texto e foram selecionados exatamente por que trazem as informações mais relevantes ao tema da pesquisa, que visa analisar, não o fato “processo de Impeachment”, mas o discurso midiático que cerca esse fato, o descreve, toma posições e influencia um grande público.

RESULTADOS ESPERADOS

Pensando de uma forma mais geral, são estes os resultados esperados ao término desta pesquisa:

(i) Uma contribuição para a história da análise do discurso do texto editorial em uma perspectiva semiótica, das suas origens a seus desdobramentos mais recentes;

(ii) Uma visão geral do nível opinativo do texto editorial e do público que ele representa e o papel político que ele vem desempenhando no processo de Impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Esses resultados constituem níveis diferentes de apreensão dos objetos analisados, diferentes programas narrativos. No primeiro programa, que pode ser encarado como um programa narrativo englobado e mais aparente, onde se tenta abordar a linguagem dos textos editoriais ao longo da história do gênero. O segundo programa visa a análise do discurso editorial de forma a estabelecer os métodos utilizados para o convencimento e a forma como ele constrói imagens de seu objeto.

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM DISSERTAÇÕES ESCOLARES

Thais Cristina Frigieri (UNESP/Araraquara)

Há consenso entre os linguistas que se dedicam à pesquisa sobre a Língua Portuguesa de que em se tratando do Português do Brasil, é preciso fazer uma clara distinção entre o Português descrito nas gramáticas e o “Português que corresponderia à língua falada pelas pessoas com alto grau de letramento e antecedentes biográficos urbanos”. Esta distinção feita pelo Prof. Dr. Marcos Bagno, em aula inaugural ministrada na UNESP, do Câmpus de Araraquara, em 2015, levou-o, de um lado, a se referir à tradição gramatical, que privilegia a língua escrita literária, opondo esta concepção a estudos realizados há mais de quarenta anos, que tiveram início em 1970, por pesquisadores que se integraram ao Projeto NURC - Projeto da Norma Culta Brasileira, voltado para a descrição da fala culta de falantes de capitais brasileiras. Observa o pesquisador que a gramática falada por indivíduos com alto grau de letramento é incorporada paulatinamente a textos escritos. Além disso, o Prof. Bagno chama a atenção para “o fato de que a Literatura Contemporânea não serve para ratificar a norma padrão tradicional, descrita nas gramáticas” em relação àquilo que as pessoas realmente falam e escrevem. A nossa pesquisa está voltada justamente para a questão

discutida pelo autor, na medida em que buscaremos compreender processos ligados à indeterminação do sujeito.

Para sermos mais precisos, o objetivo geral deste trabalho consiste em mostrar na prática da língua as estratégias de indeterminação que os alunos do Ensino Médio utilizam na produção de textos dissertativos.

Consideramos que a importância dessa investigação consiste em contribuir para a descrição da norma culta que, segundo Bagno, consiste “naquilo que as pessoas, de fato, falam e escrevem”.

Queremos responder a três questões básicas:

- (i) Que recursos morfossintáticos os alunos utilizam para a indeterminar o sujeito?
- (ii) Há regularidade entre a utilização de certos recursos de indeterminação e a situação de enunciação proposta para a produção de texto?
- (iii) A afirmação de que a indeterminação está ligada a intenção do sujeito de indeterminar sintaticamente o ser do qual se fala nos levará a observar não somente os modos como o aluno indetermina o sujeito como também a relação entre as formas de indeterminação e os elementos do enunciado, com a finalidade de calcular como a combinação das unidades produzem sentidos no processo de indeterminação.

A análise dos dados será feita com base na *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, de Antoine Culioli, por duas motivações iniciais.

A hipótese central da TOPE [...] é a de que uma unidade se define não por algum sentido de base, mas pelo papel específico que ela desempenha nas interações constitutivas do sentido dos enunciados nos quais ela é posta em jogo. Esse papel é apreensível não como um sentido próprio da unidade, mas através da variação do resultado dessas interações. (FRANCKEL, 2011, p. 22-3)

O segundo motivo diz respeito ao fato de a TOPE interessar-se pelos “mecanismos que colocam em jogo uma articulação entre significação e contextualização, na qual o contexto se inscreve, em relação a uma unidade mínima ou uma sequência (um encadeamento interpretável de palavras) dada, numa dialética complexa do “interno” e do “externo”. Isso significa que o contexto não é (ou não apenas) externo ao enunciado: uma dada sequência é interpretável apenas em relação a um dado contexto, mas ao mesmo tempo a sequência desencadeia tipos de contextualizações com as quais ela é compatível.” (FRANCKEL, 2011, p. 23)

Estes dois enunciados constituirão filtros não somente para análise dos dados relativos ao fenômeno da indeterminação como para o exame das gramáticas normativas, a fim de observar as suas contribuições e seus limites para o estudo em questão.

Em relação aos procedimentos metodológicos, definimos três passos importantes.

- (i) Apesar de termos coletado produções de textos escritos por alunos do Ensino Médio, fato que nos levou a propor o projeto de pesquisa que se encontra em andamento, simularemos situações de enunciação com base em pesquisa parcial que fizemos junto a gramáticas normativas. É preciso calcular as situações de enunciação em que as pessoas do discurso indeterminam a não-pessoa, que constitui o objeto do discurso.
- (ii) Nas situações de enunciação que serão propostas, buscaremos observar se os recursos utilizados para a indeterminação estão ligados aos gêneros de discurso.
- (iii) Faremos um levantamento rigoroso junto às gramáticas normativas produzidas por gramáticos e por linguistas, para verificar como o fenômeno da indeterminação é descrito do ponto de vista morfossintático e semântico.
- (iv) Faremos a leitura de textos da *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, formulada por Antoine Culioli, visando à análise dos dados.

Passaremos a apresentar à consulta que fizemos às gramáticas normativas.

Ao se falar de “sujeito indeterminado”, é natural que se pense nos casos previstos pelas Gramáticas Normativas (GNs), inspiradas na Nomenclatura Gramatical Brasileira

(NGB): pode-se indeterminar o sujeito de verbos transitivos indiretos ou intransitivos, flexionados na terceira pessoa do singular, acrescentando-lhes a partícula (ou pronome) *se*.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 125), o sujeito indeterminado ocorre quando “o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento”. Os autores especificam que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado quando o verbo se encontra na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural, com o pronome *se*. Assim, percebe-se que há na definição desse fenômeno discursivo preocupação sintática e pragmática, deixando-se de fazer referência ao nível semântico.

Já Said Ali (1964) classifica o sujeito indeterminado como indefinido, restringindo-se ao nível semântico para explicar esse termo. Para o gramático, basta que se empregue verbos na terceira pessoa do plural ou na forma reflexiva, ou se use verbos na forma ativa usando como sujeito um pronome indefinido para se indefinir o sujeito na oração. Ele exemplifica, usando sentenças que representam, respectivamente, três casos de indeterminação: *Assassinaram o ministro. Morrer-se de frio. Alguém está batendo*. Dessa forma, o autor mistura critérios que são insuficientes para se definir e classificar de maneira satisfatória o sujeito indeterminado.

Para Bechara (1989), a indeterminação do sujeito pode ser definida de duas formas: verbo principal ou verbo auxiliar (se houver locução verbal) na terceira pessoa do singular ou do plural, se não houver referência a uma pessoa determinada; verbo junto com o pronome *se*, em que a oração passa a ter um valor de sujeito como alguém ou outra expressão similar. O autor descreve a formação da indeterminação observando apenas os aspectos semânticos e morfossintáticos da oração, sem mencionar a intenção do emissor ao empregar esse recurso no discurso.

Já Bechara (2015) aborda o conceito indeterminação do sujeito definindo três maneiras de fazê-lo na construção de orações:

1. com o verbo na terceira pessoa do plural sem referência a qualquer termo que, anterior ou seguinte, lhe sirva de sujeito;
2. verbo no infinitivo ou na terceira pessoa do singular com valor de terceira pessoa do plural, nas mesmas circunstâncias do emprego anterior;
3. verbo na terceira pessoa do singular acompanhado do pronome *se*, originalmente reflexivo, não seguido ou não referido a substantivo que sirva de sujeito do conteúdo predicativo; trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral. (BECHARA, 2015, P. 426)

O autor ainda observa que “a indeterminação do sujeito nem sempre significa nosso desconhecimento dele; serve também de manobra inteligente de linguagem, quando não nos interessa torná-lo conhecido.” (BECHARA, 2015, p.427).

Ao se comparar as duas obras de Bechara, nota-se que houve o aumento de um item na classificação da indeterminação como também maior preocupação em descrever a indeterminação em publicação mais recente. Nela, o autor vai além dos aspectos morfossintáticos, revelando a intenção do falante do discurso de manter o sujeito indeterminado, esclarecendo que há possibilidade de se identificar um propósito discursivo da parte do emissor ao não deixar o sujeito explícito ou referido em uma situação de comunicação.

Segundo Kury (1970), o verbo na terceira pessoa do plural, sem ter nenhum substantivo no plural ou nenhum pronome “eles” anteriormente expressos, determina o sujeito indeterminado no Português. A autora também esclarece sobre a diferença entre sujeito indeterminado e indefinido, fato que demonstra preocupação semântica e pragmática.

Há autores que consideram como caso de sujeito indeterminado o que é constituído materialmente por pronomes indefinidos que nada esclarecem quanto à identidade do agente (ou do paciente, na voz passiva), o que nos parece confusão entre os conceitos de “indeterminação” e de “indefinição”, em uma análise antes lógica do que sintática. Na verdade, ao dizer ‘Alguém bateu à porta’, o sujeito alguém é determinado, embora indefinido, apesar de nada esclarecer quanto à identidade do agente – tão determinado e indefinido como o substantivo desconhecido nesta oração: Um desconhecido bateu a porta. (KURY, 1970)

Kury pauta-se nos termos indeterminação e indefinição em relação à indeterminação do sujeito, assim como Said Ali, porém posiciona-se de maneira contrária ao autor. No exemplo *Alguém bateu à porta*, Kury acredita existir um sujeito determinado pelo pronome *alguém*, porém indefinido em sua identidade. Por sua vez, Said Ali, em frase semelhante, acredita ser esse um exemplo de indefinição por se tratar de uma sentença de forma ativa com pronome indefinido.

Já Neves (2003) aborda o tema indeterminação de forma a considerar o papel do discurso na oração, pois, de acordo com a autora, há muitas outras maneiras de se expressar a indeterminação do sujeito, como na conversação em enunciados reais que não são explicitados em livros didáticos.

Para Neves (2000), a intenção comunicativa depende da situação comunicacional em que o falante se insere e determina as escolhas de termos em cada enunciado. Assim, o pronome *você* pode ter sentido generalizante ao se considerá-lo como referência à 2ª. pessoa do discurso como também a qualquer pessoa que se considera cidadã.

Teixeira (2014, p. 119) defende a indeterminação do sujeito nos níveis pragmático, semântico e morfossintático: “A indeterminação, formulada pelo emissor como estratégia argumentativa, define-se como falta de referência pragmática e, por vezes, de designação (semântica) de uma forma linguística de 3ª. pessoa na função sintática de sujeito (morfossintática)”.

Isto posto, Teixeira deixa claro que a indeterminação do sujeito deve ser explicada em termos de unidades maiores do que a sentença, pois essa é interpretada por meio da junção daquelas. Para a autora, a intenção do falante, que controla os termos usados para formar os enunciados e levar em consideração as sentenças apenas como uma elaboração gramatical, não é uma maneira completa de analisar os fatos.

Vale ressaltar que a gramática de outros autores foram consultadas: BECHARA (1994); CASTILHO (2010); ROCHA LIMA (1988); ROCHA LIMA (1998); SILVEIRA BUENO (1963), fato que demonstra o investimento que temos feito no projeto de pesquisa que nós nos propusemos desenvolver.

TELETANDEM: APRENDIZAGEM COLABORATIVA DE LÍNGUAS PARA ESTUDANTES QUE SE DECLARAM ANSIOSOS

Victor de Carvalho Alves (UNESP/Araraquara)

INTRODUÇÃO

O projeto “Teletandem: Línguas estrangeiras para todos” da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) tem como objetivo proporcionar aos estudantes universitários brasileiros contato com outros povos, culturas e línguas da comunidade acadêmica promovendo, dessa forma, um intercâmbio cultural e linguístico (TELLES; VASSALLO, 2006). A presente pesquisa tem por escopo explorar o uso do teletandem na aprendizagem de língua inglesa para alunos que se consideram ansiosos enquanto praticam o idioma. Através de uma metodologia qualitativa (MINAYO, 2010), serão analisados casos de interagentes em tandem que se sentem ansiosos quando estão aprendendo uma língua nova. Além da análise qualitativa, o curso dessa pesquisa se dará através do estudo de teóricos como Telles e Vassallo (2006), Salomão (2006), Kami (2011) e Krashen (1985). Através dos resultados obtidos durante a pesquisa, futuros estudos poderão ser direcionados quanto à ansiedade na aprendizagem de línguas estrangeiras, de modo tentar a tornar possível a criação de espaços nos quais os indivíduos possam aprender segundas, terceiras e outras línguas levando-se em conta sua emoções.

Segundo Telles e Vassallo (2006), o projeto Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos surgiu da necessidade de proporcionar aos aprendizes de línguas estrangeiras a possibilidade de ter interações com falantes de outros idiomas mesmo que ambos estejam geograficamente distantes. Para tornar isso possível, são usados recursos digitais, os quais possibilitam que as interações sejam realizadas por meio de videoconferências via internet com o uso de câmeras e microfones.

A aprendizagem em tandem, de acordo com Vassallo e Telles (2009), obedece alguns princípios que garantem seu pleno funcionamento. Nesse modelo de aprendizagem, os alunos são autônomos e responsáveis por seu próprio aprendizado, obedecendo os princípios da reciprocidade e de que cada parte da sessão ocorre em somente uma língua os estudantes são ora *experts* na língua que ensinam, ora aprendizes de uma língua nova.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para percorrer a trajetória da pesquisa, serão usados estudos prévios sobre o Teletandem, como os de Telles e Vassallo (2006) e Salomão (2006). A questão afetiva em telecolaboração já foi abordada previamente por Kami (2011), também serão usados estudos prévios sobre ansiedade e questões afetivas como os presentes em Krashen (1985), Welp (2008) e outros teóricos que fundamentarão a questão da ansiedade específica na aprendizagem de línguas.

OBJETIVOS

O objetivo primário da pesquisa é analisar, por meio de pesquisa qualitativa, como o teletandem colabora com o processo de aprendizagem de línguas para estudantes que se consideram ansiosos quanto à aprendizagem do inglês como língua estrangeira.

Assim colocam-se os seguintes objetivos específicos da pesquisa:

- (i) Analisar a perspectiva dos participantes do Teletandem em relação a suas emoções frente ao desafio de aprender uma nova língua;
- (ii) Detectar quais estratégias os aprendizes de língua inglesa, participantes do Teletandem, utilizam para aprender a língua inglesa de modo a buscar superar sua ansiedade.

Para tanto, busca-se responder às seguintes questões:

- (i) Como aprendizes que se declaram ansiosos para falar uma LE veem a modalidade de aprendizagem colaborativa de línguas em Teletandem?
- (ii) Quais são as estratégias usadas por esses aprendizes no Teletandem para superar suas dificuldades?

METODOLOGIA

O método empregado será qualitativo, representando uma pesquisa descritiva e exploratória, conduzida a partir do referencial teórico sobre ansiedade no aprendizado de língua estrangeira.

Os participantes da pesquisa serão 3 participantes de sessões de teletandem inglês/português com idades variadas, de ambos os sexos, previamente escolhidos através de entrevistas e questionários sobre experiências anteriores quanto à aprendizagem de inglês. Os participantes não precisam ser fluentes em língua inglesa, mas deverão ter conhecimentos básicos para que consigam comunicar-se desde os primeiros contatos em teletandem. Através dos questionários e entrevistas serão escolhidos indivíduos que apresentem ansiedade quanto ao aprendizado da língua inglesa.

Os estudantes participarão de sessões de teletandem com usuários falantes da língua inglesa durante, no mínimo, uma hora semanal. Como proposto no Projeto Teletandem Brasil, o aluno deverá ajudar seu parceiro a praticar língua portuguesa ao mesmo tempo em que aprende a língua inglesa com ele.

Os participantes do projeto também deverão fazer, após cada interação, anotações em diários de aprendizagem, os quais serão escritos diretamente na plataforma Moodle e também usados como objeto de estudo. Além dos diários, serão estudados também os *feedbacks* dos mediadores de cada estudante. Quanto ao uso dos diários, é importante salientar que Samimy e Rardin (1994) afirmam que os diários escritos por alunos são instrumentos úteis quando são investigadas variáveis afetivas e mais especificamente a ansiedade dos aprendizes de língua estrangeira.

Os principais instrumentos para a seleção de dados serão, portanto, as gravações das sessões de interação em teletandem, questionários, os diários reflexivos dos participantes e

as entrevistas. O primeiro baseia-se no que se observa do comportamento do aluno durante a prática enquanto o segundo, o terceiro e o quarto possuem por objetivo perceber como o aluno se sente em relação ao aprendizado. Os dados serão coletados ao longo do período que consiste em todas as interações dos voluntários da pesquisa (geralmente dois a três meses).

A análise divide-se basicamente em três etapas: a primeira fase será a aplicação de questionários iniciais antes do início das interações. Na segunda fase, serão coletados dados presentes nos diários escritos pelos participantes e as respostas dos mediadores, assim como as gravações das interações de Teletandem dos participantes. Os participantes responderão, ao fim das interações a um questionário final, no qual poderão refletir sobre sua experiência dentro da aprendizagem colaborativa. Na terceira fase, considerado o período de análise e interpretação, o pesquisador vai analisar o conteúdo manifesto nas informações coletadas. Busca-se, finalmente, um resultado sobre a colaboração do Teletandem no ensino de língua inglesa para alunos que se consideram ansiosos.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se ao final da pesquisa que seja possível entender mais sobre a visão de participantes que se declaram ansiosos sobre o contexto de aprendizagem colaborativa de línguas em Teletandem. Almeja-se também que tal estudo produza material sobre a questão afetiva na aprendizagem de línguas que possam auxiliar a melhoria de tal contexto por meio de criação de estratégias de mediação..

**RESUMOS DAS
APRESENTAÇÕES:
Comunicações Orais**

UM ESTUDO SOBRE A AVALIAÇÃO POR PARES NAS SESSÕES ORAIS DO TELETANDEM INSTITUCIONAL INTEGRADO

Ana Carolina Freschi (UNESP/SJRP)

Teletandem (TTD) é um contexto de ensino-aprendizagem em que pares de falantes de línguas diferentes trabalham autônoma e colaborativamente para aprenderem a língua um do outro por meio de encontros virtuais com uso de imagens de webcam, voz e texto. Na modalidade teletandem institucional integrado (TTDii), esses encontros (sessões de TTD) são incorporados às aulas de língua estrangeira de um curso de graduação. O objetivo desta pesquisa é investigar como a avaliação por pares é caracterizada na modalidade oral desse contexto. Por entender a avaliação por pares como os momentos em que há oferecimento de feedback pelo par mais competente, procura-se, mais especificamente, descrever como participantes brasileiros, alunos de licenciatura em Letras, oferecem feedback linguístico (FL) à produção oral de aprendizes de português como língua estrangeira nas sessões de TTDii. Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa e de base interpretativista. O principal instrumento de coleta de dados é a gravação de sessões orais de TTDii em 2012, 2013 e 2014. Os procedimentos de análise são: (i) transcrever verbatim a parte em que os participantes interagem em língua portuguesa das sessões orais, (ii) identificar os FL, (iii) categorizar os tipos FL oferecidos pelos participantes brasileiros, na medida do possível, de acordo com as categorias já encontradas na literatura e (iv) identificar o que desencadeou o seu aparecimento, buscando categorizar a natureza da falha linguística. Os resultados apontam que os FL encontrados, em sua maioria, se aproximam das categorias descritas pelos estudos feitos em ambientes formais de ensino, mas têm características relacionadas ao contexto em que se inserem, principalmente no que diz respeito ao oferecimento de FL de forma menos explícita, o que pode estar relacionado à preservação de face do parceiro. Além disso, os resultados apontam para uma forma diferente de FL que está relacionada à autoavaliação.

AS ATITUDES LINGUÍSTICAS ENTRE CIDADES-GÊMEAS: O CASO DE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO

Ana Helena Rufo Fiamengui (UNESP/SJRP)

O objetivo deste trabalho é evidenciar e discutir as atitudes linguísticas de estudantes de escolas fronteiriças das cidades-gêmeas de Ponta Porã (sul de Mato Grosso do Sul, Brasil) e Pedro Juan Caballero (capital do Departamento de Amambay, Paraguai). Empregou-se, para tanto, um teste baseado principalmente na *matched guise technique* (técnica dos falsos pares, de Lambert et al, 1960), a partir das quais os alunos deveriam atribuir notas a treze atributos após ouvir atentamente a gravação de um informante usando uma das três línguas oficiais na fronteira enfocada. Os testes foram aplicados a dez escolas, sendo cinco de cada país, de que fazem parte 324 adolescentes com idade igual ou superior a 14 anos (fase da percepção social para LABOV, 1974 [1964]). O processamento estatístico dos dados do teste de atitudes apontou uma distribuição dos treze atributos em quatro dimensões: caráter, competência, relacionamento e aparência. Os atributos da dimensão da competência mostram uma tendência clara de atribuição de prestígio ao português em detrimento das línguas do Paraguai, mesmo para os adolescentes que estudam nesse país. Já a análise das outras dimensões permite entrever, em algum grau, uma tendência favorável à atribuição de prestígio encoberto ao guarani. O espanhol recebeu, com frequência, notas intermediárias entre os extremos de valorização e estigma, atribuídos ao português e ao guarani, respectivamente. A fim de complementar e/ou subsidiar esses dados, realizamos ainda um teste de crenças, constituído de afirmações com as quais os alunos deveriam mostrar concordância ou discordância, e entrevistas individuais ou em grupos. O conjunto de dados obtidos aponta para a necessidade de se promover um debate sério da questão do multilinguismo, não apenas no contexto de sala de aula, mas também no da comunidade como um todo.

UMA INVESTIGAÇÃO FUNCIONAL DOS VALORES MODAIS EXPRESSOS PELA PERÍFRASE "TENER QUE" NO ESPANHOL PENINSULAR SOB PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Ana Luiza Ferancini Nogueira (UNESP/SJRP)

Hengeveld (2004) classifica as modalidades segundo dois critérios: o alvo da avaliação e o domínio semântico da avaliação. Com base neste último critério, as modalidades são classificadas em facultativa (relacionada às capacidades), deôntica (relacionada ao que é obrigatório ou necessário), epistêmica (relacionada aos conhecimentos e crenças) e volitiva (relacionada ao que é desejável). Concebendo-se a gramaticalização como um processo de mudança linguística que envolve a transferência conceptual de uma expressão de significado mais concreto para a expressão de um significado mais abstrato (HEINE et al., 1991), o presente trabalho tem por objetivo investigar, em perspectiva diacrônica, o processo de abstratização da construção perifrástica "tener que" que, segundo hipóteses iniciais, expressa inicialmente somente valores não epistêmicos e, posteriormente, passa a expressar valores epistêmicos (inerente/deôntico > epistêmico), conforme tendências previstas pela teoria da gramaticalização para o desenvolvimento dos significados modais. A realização da pesquisa em perspectiva diacrônica foi motivada pela análise sincrônica da construção "tener que" com base na classificação em modalidade facultativa, epistêmica, deôntica e volitiva, proposta por Hengeveld (2004). Os resultados desse trabalho sincrônico, os quais serão apresentados nesta comunicação, confirmam que a construção "tener que" pode servir, na conjunção com elementos contextuais, à expressão das modalidades inerente (denominação de Olbertz (1998) e Narrog (2009) para modalidade facultativa), deôntica e epistêmica, sendo este último significado modal muito menos frequente do que os demais. Para a pesquisa sincrônica são utilizados dados do espanhol falado pertencentes às cidades espanholas de Alcalá de Henares e Granada, retirados do Projeto PRESEEA (Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América).

GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO BASEADA NO CONCEITO DE PDG - PROJETO DIDÁTICO DE GÊNERO

Anderson José de Paula (UFMS)

Emergida do diálogo com as fontes, por meio de uma análise comparativa entre o Conteúdo Básico Comum – CBC e o Referencial Curricular – RC, documentos oficiais da rede estadual mineira e sul-mato-grossense, respectivamente, esta comunicação objetiva apresentar uma proposta de intervenção baseada no conceito de PDG – Projeto Didático de Gênero – Guimarães e Kersh (2014), revisitando os conceitos de Sequência Didática – SD – Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Projetos de Letramento – Kleiman (2000) e uma adaptação de SD – Abreu-Tardelli et. al. (no prelo). A inspiração ocorreu com a necessidade de preencher as lacunas quanto aos mecanismos de textualidade, enunciativos e de análise linguístico-discursiva não contemplados para o gênero em questão. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, tendo como foco os saberes apreendidos com a aplicação do PDG. O presente trabalho ancorou-se no arcabouço da Linguística Aplicada – Moita Lopes (2006), Kleiman (1998) e Vilaça (2010), por meio dos estudos de Gêneros Textuais – Bakthin (2003), Bakthin e Volochinov (1992), Cristovão (2007), Lousada (2009), Machado (2006) e Motta-Roth (2005). No âmbito das exigências do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, a pesquisa propôs o desenvolvimento do PDG como uma intervenção no 9º ano de uma escola de cada rede estadual mencionada, por meio da Pesquisa-Ação – Thiollent (1992) e Baldissera (2001), no intuito de promover o desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas dos alunos.

O LÉXICO NO TEXTO LITERÁRIO: UM ESTUDO DISCURSIVO DAS LEXIAS CULTURALMENTE MARCADAS EM NARRATIVAS ACREANAS

Edilene da Silva Ferreira (UNESP/SJRP)

Neste trabalho, pretende-se fazer um estudo discursivo do léxico culturalmente marcado, investigando-se os vocábulos representativos da fala do homem acreano e os elementos que evidenciam marcas da oralidade presentes nas narrativas de três obras literárias: 1) Capiongo, 2) Fatos, cultos e lendas do Acre, ambas de José Inácio Filho, e 3) O empate, de Florentina Esteves, as quais foram publicadas no período de 1964 a 1993. Além desses aspectos, a partir da compilação dos vocábulos, objetiva-se selecionar, via texto literário, o léxico específico da região, que delimita e incorpora suas características socioculturais. A análise será feita à luz dos conceitos de léxico e Lexicologia discutidos por Biderman (2001, p. 109), para quem, por meio do seu léxico, todo sistema linguístico manifesta uma classificação da realidade típica de determinada língua e de sua cultura. Utilizamos, além desses, o conceito de Lexicultura, cunhado por Galisson (1987), e os apresentados na Análise do Discurso de linha francesa, em especial, os de formação discursiva e efeito de sentido, de acordo com Pêcheux (1997). Para o processamento dos textos, são úteis os conceitos da Linguística de Corpus, conforme discutido por Berber Sardinha (2004), e como recurso o programa de processamento de textos Antconc, desenvolvido por Anthony (2014) e disponibilizado gratuitamente. No corpus, são selecionadas as lexias que mais se destacam tanto na frequência quanto na expressividade, analisando-se sua recorrência e sentido, como se manifestam no discurso literário e como são representados em contextos específicos. Os primeiros resultados obtidos nos mostram que muitas lexias utilizadas nessas narrativas apresentam traços culturais que se revelam nas relações entre tempo, espaço e personagens, o que nos possibilita observar as condições de produção em que o discurso é realizado.

QUEM É CRIMINOSO? UM ESTUDO SOBRE PALAVRAS QUE REFEREM E NOMEIAM SUJEITOS TOMADOS COMO SUSPEITOS OU PRATICANTES DE CRIMES EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Eduardo Santos de Oliveira (UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é compreender palavras que referem sujeitos tomados como suspeitos ou praticantes de crimes em notícias jornalísticas. Além disso, a pesquisa tem como objetivos específicos: investigar que palavras são usadas para nomear ou predicar sujeitos que cometem crimes ou apresentados (pelo jornalismo) como suspeitos agentes de crimes; descrever como a palavra *criminoso* passa a ser mobilizada no discurso jornalístico; analisar os efeitos de sentidos de palavras relacionadas a criminosos em matérias jornalísticas; e descrever o processo político em torno da palavra em estudo. Buscamos investigar como uma enunciação que faz parte da “grande mídia”, ao tratar de crimes diversos – envolvam eles políticos, personalidades, ou cidadãos comuns civis e militares –, arregimenta palavras para nomeação e construção de referência de um sujeito acusado ou participante de um ato criminoso, e o modo de significar destas palavras nos acontecimentos enunciativos analisados. Esta pesquisa terá como corpus notícias provenientes dos acervos dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e da revista Veja, do período entre 2014 a 2017. Faremos um percurso histórico que nos permita investigar os movimentos de palavras que referem e nomeiam sujeitos tomados como suspeitos ou praticantes de crimes, nas relações textuais e intertextuais. Algumas perguntas nortearão as análises: Como o locutor-jornalista afirma o pertencimento social (ou não) do sujeito relacionado ao crime, à criminalidade, a partir de diferentes nomeações? Como a palavra *criminoso* é mobilizada? O que define a nomeação de alguém como criminoso nas notícias: é o tipo de crime, a profissão, a posição social, a recorrência de atos e/ou a culpabilidade? São questões que buscaremos compreender na realização da pesquisa.

FRASEOLOGIA JURÍDICO-COMERCIAL E PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE COLOCAÇÕES ESPECIALIZADAS TRILÍNGUE BASEADO EM CORPUS

Jean Michel Pimentel Rocha (UNESP/SJRP)

Esta pesquisa, amparada na Linguística de Corpus e na Fraseologia, objetivou o desenvolvimento de um estudo teórico-metodológico acerca dos procedimentos necessários ao levantamento e à análise sintático-morfológica, léxico-semântica e tradutológica das colocações especializadas (ORENHA-OTTAIANO, 2004, 2009) extraídas do corpus paralelo, em inglês e em espanhol, constituído pelos anuários (1968-2010) da UNCITRAL (Comissão das Nações Unidas para o Direito do Comércio Internacional); e de dois corpora comparáveis em português: um compilado pela ferramenta BootCat Front End (ZANCHETTA; BARONI; BERNARDINI, 2011) e, outro, pela coleta de textos online da área do Direito Comercial Internacional. Com base neste estudo, determinamos as colocações funcionalmente equivalentes (TOGNINI-BONELLI; MANCA, 2004) em português e elaboramos uma proposta de glossário trilíngue nas direções inglês/espanhol/português, na área supracitada. Extraímos, utilizando o programa WordSmith Tools (SCOTT, 2012), cerca de 200 bases candidatas a integrar o glossário. Dessas, elegemos a base contract como modelo de análise a ser aplicada às demais. As colocações que dela se desdobram, estruturam-se, do ponto de vista sintático-morfológico, em colocações nominais, adjetivais e verbais. Quanto aos aspectos léxico-semânticos e tradutológicos, observamos muitos casos de variação colocacional nos níveis lexical e morfossintático. Em nossas análises, defendemos que as colocações especializadas e suas variantes lexicais estabelecem entre si uma relação parassinonímica, isto é, compartilham semas em comum, mas não se substituem em qualquer contexto. Argumentamos, também, que há uma relação de equivalência funcional entre as colocações descritas, pois tais permeiam o léxico jurídico-comercial de línguas e culturas distintas, o que pode acarretar mudanças de significado que não permitem entendê-las como totalmente equivalentes. A pesquisa desenvolvida é de relevância para a fraseologia jurídico-comercial, visto que poucos são os trabalhos desenvolvidos em relação às colocações especializadas e colocações especializadas estendidas. Ademais, a proposta de glossário poderá trazer contribuições aos tradutores, aprendizes e demais interessados na tradução e redação de documentos nas línguas estudadas.

DOM CASMURRO EM DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS: ANÁLISE DIALÓGICA DO ROMANCE, DA MINISSÉRIE E DA HQ

Jessica de Castro Gonçalves (UNESP/Assis)

A recorrência de recriações de enredos literários em outros gêneros discursivos (filmes, minisséries histórias em quadrinhos, entre outros) suscita diferentes críticas favoráveis e desfavoráveis a esses tipos de produção. Denominadas de adaptações, essas obras são frequentemente julgadas como leituras melhores ou piores pela fidelidade de seus enredos aos do texto literário fonte. Frente a esse embate, este trabalho tem como objetivo defender que essas recriações em outros gêneros discursivos são mais do que simples adaptações, mas novas obras que mantêm uma relativa (in)dependência com o texto literário e ressignificam-no nos novos gêneros. Como corpus delimitado desse estudo, propomos pensar a ressignificação do narrador-personagem Dom Casmurro do romance Dom Casmurro de Machado de Assis na minissérie Capitu do diretor Luis Fernando de Carvalho e na história em quadrinhos Dom Casmurro de Felipe Grecco e Mario Cau. Por se analisar a recriação do enredo romanescos em outros gêneros discursivos, este estudo fundamenta-se nas discussões desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin/Medvedev/Volochinov sobre gênero, enunciado, linguagem e diálogo. Metodologicamente, propõe-se a análise do corpus a partir do método dialético-dialógico (Paula et al, 2011). Ao pensar, sob a perspectiva bakhtiniana, a constituição do gênero discursivo, a partir da relação indissolúvel entre forma composicional, conteúdo temático e estilo, observou-se, até o presente momento, que a recriação do enredo romanescos em outras formas composicionais, a partir de outros estilos autorais, gera a

ressignificação do conteúdo temático (enredo) e produz novos Dom Casmurros. Desta forma, a minissérie e a história em quadrinhos constituem-se em novas obras ao se materializarem nesses novos gêneros, sem deixar de manter relações dialógicas com o romance. Almeja-se com essa discussão contribuir com os estudos contemporâneos sobre gênero discursivo.

A SESSÃO ORAL DE TELETANDEM INICIAL: UMA INVESTIGAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Laura Rampazzo (UNESP/SJRP)

O teletandem caracteriza-se como um ambiente de aprendizagem de línguas virtual e colaborativo, em que falantes de diferentes idiomas se encontram semanalmente por meio de ferramentas de comunicação online e síncrona para se auxiliarem na aprendizagem e prática da língua do outro (TELLES, 2006). O estudo aqui apresentado concentra-se na modalidade de teletandem institucional integrado (TTDii) (ARANHA; CAVALARI, 2014), cujas atividades são incorporadas às disciplinas de língua estrangeira, são avaliadas pelos professores responsáveis e complementadas por tarefas previstas e relacionadas às disciplinas. Nosso objeto de estudo é o primeiro encontro via Skype entre os participantes, chamado de sessão oral de teletandem inicial (SOTi). Conforme Aranha (2014), a SOTi pode ser considerada um dos gêneros que compõe o sistema de gêneros no TTDii e, a fim de somar à investigação da autora, selecionamos 10 SOTis realizadas de 2011 a 2014 disponíveis em um banco de dados descrito em Aranha, Luvizari-Murad e Moreno (2015). Identificamos os movimentos retóricos que compõem os primeiros 15 minutos das sessões a fim de verificar se a caracterização de Aranha (2014) se aplicava ao nosso corpus. Também relacionamos os movimentos encontrados aos cenários de aprendizagem (ARANHA; LEONE, 2016) para determinar se havia influência dos cenários na ocorrência de movimentos e verificamos se havia implicações para a ocorrência de movimentos a falta de acesso e conhecimento prévio da estrutura retórica esperada para a SOTi, considerando que esta possa ser um gênero ocluso (SWALES, 1996; LOUDERMILK, 2007). Nossos resultados apontam para a recorrência de movimentos retóricos nos minutos iniciais da SOTi e defendemos ser possível pensar em estruturas prototípicas do gênero para cada cenário. Identificamos ainda variação dos passos e organização dos movimentos nas sessões estudadas. Concluímos que os resultados validam a proposição de Aranha (2014) de que a SOTi seja um dos gêneros no contexto de TTDii.

UM ESTUDO DOS TRAÇOS SEMÂNTICOS DE VERBOS COGNITIVOS NO PORTUGUÊS

Letícia de Almeida Barbosa (UFMS)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma comparação dos traços semânticos de alguns verbos cognitivos do português. Prototipicamente, os verbos de cognição encaixam orações na condição de argumento interno, expressando um processamento mental relacionado ao conhecimento, percepção, crença ou julgamento. Em situações reais de comunicação, vem-se observando diferentes funcionamentos, que mostram um possível aumento da expressão de subjetividade do falante. De verbos plenos e codificadores de processos mentais, os itens passam a ocorrer como elementos modalizadores, com visível saliência de seu sentido epistêmico, comportamento que se associa à configuração parentética. Neste trabalho, foram analisados os traços semânticos dos verbos acreditar, pensar, imaginar e calcular, a fim de mostrar que alguns aproximam-se mais da modalidade epistêmica, pelo fato de possuírem traços que favorecem o elo entre o eixo cognitivo e o epistêmico, enquanto outros, devido à especificidade do processo que expressam, estão mais distantes da expressão de modalidades. Como fundamentação teórica, a pesquisa tomou como base os estudos de Traugott; Dasher (2001), Thompson; Mulac (1991), Neves (1997; 2012), Gonçalves (2003; 2004; 2007) e Fortilli (2013; 2015). Para o levantamento e análise dos dados, optou-se por ocorrências dos séculos XVIII, XIX e XX, no Corpus do Português. Os resultados demonstram que os verbos acreditar, pensar e imaginar apresentam traços que

codificam processos mentais mais fluidos e, por isso, permitem mais facilmente a expressão de subjetividade. Por outro lado, o verbo calcular, embora também caminhe para a expressão da modalidade epistêmica, tem uso mais limitado quanto à codificação de atitude/subjetividade do falante.

O IMAGINÁRIO SOBRE LEITURA: OBRIGATORIEDADE X GRATUIDADE

Ludmila Fernanda Domingues Pereira (UNESP/SJRP)

A presente abordagem configura-se como um recorte de nossa pesquisa de Mestrado intitulada “A Leitura e o imaginário docente: um enfoque discursivo”, recentemente defendida. Nessa investigação, nosso objetivo é analisar os posicionamentos dos sujeitos professores em formação sobre o livro como artefato culturalmente valorizado para a prática da leitura. Para tanto, elegemos dois construtos teóricos – Análise do Discurso de linha francesa (devido ao seu caráter interpretativo) e Novos Estudos do Letramento (em razão da consideração da leitura como prática socialmente situada atravessada por questões políticas e ideológicas) – e estabelecemos entre ambos uma relação de interface. O conjunto do material de pesquisa consiste em relatos escritos pelos acadêmicos do segundo e do quinto semestres do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior particular do interior do estado de São Paulo, na qual atuamos como docente. A escrita desses relatos foi motivada por uma questão discursiva formulada a partir da leitura do livro Como um romance, de autoria de Daniel Pennac. Nesta reflexão, enfocamos um dos relatos abordados no eixo Leitura e imaginário: obrigatoriedade x gratuidade, percebemos que os sujeitos professores em formação são afetados por uma memória que ressoa da prática de leitura imposta, fundada na obrigatoriedade. A partir da análise dos recortes desse relato compreendemos a emergência de um sentimento nostálgico, do qual é constitutivo o desejo de uma leitura que pudesse ser feita por gosto, livre, em especial, das coerções institucionais, que quase sempre se materializam em ditames que se referem até à quantidade de páginas que devem ser lidas, geralmente o máximo possível, culminando na exigência da leitura de livros inteiros como requisito para o reconhecimento da figura do leitor, conforme vemos nas pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil. A presente abordagem configura-se como um recorte de nossa pesquisa de Mestrado intitulada “A Leitura e o imaginário docente: um enfoque discursivo”, recentemente defendida. Nessa investigação, nosso objetivo é analisar os posicionamentos dos sujeitos professores em formação sobre o livro como artefato culturalmente valorizado para a prática da leitura. Para tanto, elegemos dois construtos teóricos – Análise do Discurso de linha francesa (devido ao seu caráter interpretativo) e Novos Estudos do Letramento (em razão da consideração da leitura como prática socialmente situada atravessada por questões políticas e ideológicas) – e estabelecemos entre ambos uma relação de interface. O conjunto do material de pesquisa consiste em relatos escritos pelos acadêmicos do segundo e do quinto semestres do curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior particular do interior do estado de São Paulo, na qual atuamos como docente. A escrita desses relatos foi motivada por uma questão discursiva formulada a partir da leitura do livro Como um romance, de autoria de Daniel Pennac. Nesta reflexão, enfocamos um dos relatos abordados no eixo Leitura e imaginário: obrigatoriedade x gratuidade, percebemos que os sujeitos professores em formação são afetados por uma memória que ressoa da prática de leitura imposta, fundada na obrigatoriedade. A partir da análise dos recortes desse relato compreendemos a emergência de um sentimento nostálgico, do qual é constitutivo o desejo de uma leitura que pudesse ser feita por gosto, livre, em especial, das coerções institucionais, que quase sempre se materializam em ditames que se referem até à quantidade de páginas que devem ser lidas, geralmente o máximo possível, culminando na exigência da leitura de livros inteiros como requisito para o reconhecimento da figura do leitor, conforme vemos nas pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil.

AUTORIA FANMADE: A CONSTITUIÇÃO CONTEMPORÂNEA DO GÊNERO SERIADO

Marcela Barchi Paglione (UNESP/Assis)

Como parte da pesquisa de doutorado intitulada “Fenômeno Sherlock: a recepção social do gênero seriado”, este trabalho se propõe a analisar Sherlock (2010), seriado que (re)constrói o detetive vitoriano da obra romanesca de Conan Doyle para o grande tempo do século XXI, a fim de verificar de que maneira o seriado, em seu processo de recepção contemporânea, estabelece uma relação responsiva com os fãs. Para embasar essa discussão, toma-se a filosofia da linguagem do Círculo BMV (Bakhtin, Medviédev, Volochinov), da qual serão movimentados principalmente os conceitos de gênero discursivo, diálogo, enunciado e autoria. De acordo com Bakhtin (2011, p. 262), “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo”. Dessa forma, o seriado, enquanto gênero discursivo, é posto em circulação na esfera de atividade midiática e, por meio delas, é constituído pela recepção avaliativa dos fãs. Apesar de todo enunciado estar disposto à avaliação do ouvinte em sua condição responsável, entende-se que, no grande tempo da contemporaneidade, há uma maior movimentação do seriado na Rede, concretizada nas respostas dos fãs em produções como fanart, fanfic, fanvideo, cosplay etc, de maneira que seu processo de recepção se torna ativo. De uma perspectiva analítico-descritiva, parte-se das respostas dos fãs, para pensar sua relação com o seriado e, nesse processo, sua atividade criadora. A partir desse trabalho, procurar-se-á demonstrar como a constituição contemporânea do seriado em sua produção, circulação e recepção midiáticas se relaciona com os fãs e lhes possibilita um local de fala, revelando seu papel ativo na Rede enquanto autores-criadores.

ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE AINDA

Michel Gustavo Fontes (UNESP/SJRP)

Este trabalho pretende contribuir com o delineamento de uma abordagem hierárquica da gramaticalização. O objetivo é mapear, com base no modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), os diferentes usos de ‘ainda’ no português contemporâneo de modo a demonstrar (i) em que medida a multifuncionalidade de ‘ainda’ evidencia um processo de gramaticalização, e (ii) quais dispositivos de análise são oferecidos pela GDF para representar tal multifuncionalidade e dar conta da gramaticalização desse item. Para tanto, dois mecanismos se mostram produtivos: (i) a determinação das diferentes relações de escopo que ‘ainda’ pode instaurar a depender de seu uso; e (ii) a avaliação dos diferentes estatutos categoriais de ‘ainda’ enquanto primitivo da formulação. São distinguidos, então, quatro usos de ‘ainda’, que se dispõem ao longo de um contínuo entre léxico e gramática e que evidenciam um processo de gramaticalização, que, à luz da GDF (cf. HENGEVELD, no prelo; DALL’AGLIO-HATTNER; HENGEVELD, 2016), caracteriza-se por uma mudança de conteúdo, com ampliação nas relações de escopo do item, e por uma mudança formal, com mudança de estatuto categorial e perda de traços lexicais. Por fim, este trabalho revela duas importantes implementações para uma abordagem hierárquica da gramaticalização: (i) a possibilidade de, em termos de mudança de conteúdo, mapear alterações de significados de um item e representar a gradualidade da extensão metafórica envolvida em sua gramaticalização; (ii) considerar, em relação à mudança formal, outras vias de mapeamento do crescente ganho de gramaticalidade de um item, como a determinação da classe de Lexema ou de Palavra e a consideração do grau de fixação da ordem do item.

HAITIANOS NO BRASIL: UMA LEITURA CRÍTICA DA NOTÍCIA NO JORNALISMO IMPRESSO

Milton Francisco da Silva (USP)

Nos últimos anos, milhares de haitianos migraram para o Brasil, fugindo das mazelas socioeconômicas do Haiti e das consequências do terremoto de 12 de janeiro de 2010 na capital Porto Príncipe. Chegaram em busca de trabalho e a fim de recomeçarem a vida. Tendo em conta esse cenário, realizamos nesta tese uma leitura crítica de 52 notícias do jornal Folha de S. Paulo sobre tais imigrantes. Baseamo-nos em estudos do Círculo de Bakhtin sobre o discurso e o sujeito, e na Análise Crítica do Discurso (ACD), vinculando conceitos bakhtinianos ao campo teórico da ACD. Acerca do elemento linguístico do discurso, focalizamos especialmente as estratégias linguístico-referenciais empregadas, que são escolhas feitas pelo enunciador. Dentre os resultados, destacam-se: acerca dos governos acreano, paulista, federal e da prefeitura de São Paulo, em muitas notícias, o enunciador se mostra a seu serviço, no sentido de recontextualizar suas vozes e lhes construir uma representação positiva, inculcando-a na mente do enunciatário. Por vezes, porém, o enunciador atua contra os governos petistas referidos (federal, acreano e da prefeitura de São Paulo), tratando a imigração haitiana como questão da esfera político-partidária, e não da administração pública. Essa atuação tem efeitos controversos: possivelmente se incute na mente do enunciatário uma representação negativa de tais governos e desqualifica a Folha como jornal sério e imparcial, representação criada em várias notícias. As notícias mostram que os imigrantes haitianos estão à margem das ordens sociais e ordens do discurso do contexto brasileiro, sobretudo porque não dominam a língua portuguesa e não conseguem atuar nas diferentes práticas sociais do dia a dia. Suas vozes, em geral, não compõem a notícia de forma evidente, nem mesmo quando o assunto em pauta é a busca de solução dos problemas que vivem: no lugar deles e sobre eles falam especialmente membros dos governos.

ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA NA DESIGNAÇÃO DAS PALAVRAS "LIBERDADE", "NEUTRALIDADE" E "PRIVACIDADE" PRESENTES NO MARCO CIVIL DA INTERNET - LEI 12.695/14

Miresnei Bomfim de Oliveira (UNICAMP)

O presente trabalho intenta realizar a análise semântico-enunciativa das palavras “privacidade”, “neutralidade” e “liberdade” enquanto designadas no acontecimento enunciativo da Lei 12695/14, conhecida como Marco Civil da Internet no Brasil. Isto posto, refletir-se-á sobre o discurso jurídico em que se inscreve esta lei a partir dos recursos teóricos oferecidos pela Semântica do Acontecimento, corrente linguística subsidiária da semântica enunciativa, especialmente na exploração da tripla exclusão saussureana: a do sujeito, a do objeto, a da história. Inclua-se aí as considerações do tempo e do político, depreendidas dessa análise linguística. Tomado o referido dispositivo legal como acontecimento semântico, assume-se o processo de designação como acontecimento enunciativo, lugar em que a significação é produzida enunciativamente no e pelo acontecimento da enunciação, a partir dos resultados depreendidos pelo Domínio Semântico de Determinação (DSD), instrumento metodológico representativo do sentido das palavras.

O TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO A PARTIR DE TRÊS PERSPECTIVAS: DO COORDENADOR, DA PROFESSORA-PESQUISADORA E DAS PRESCRIÇÕES

Neuraci Rocha Vidal Amorim (UNESP/SJRP)

O objetivo desta comunicação é apresentar o levantamento e a discussão de interpretações sobre o trabalho do coordenador pedagógico referente à HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), por meio de uma análise textual. Visa, ainda, a expor a comparação das interpretações dessa atividade advindas de diferentes fontes: diários de campo da professora-pesquisadora, comentário escrito que compõe o método de instrução ao sócio; e da lei municipal que regulamenta este cargo a fim de compreender o papel do coordenador no contexto de HTPC. O estudo se desenvolveu em uma escola municipal de Ensino Fundamental I do noroeste paulista. A pesquisa se apoia nos aportes teórico-metodológicos (i) do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART 1999, 2006, 2008), (BRONCKART; MACHADO, 2004), (MACHADO; BRONCKART, 2009), pois este postula a primazia das práticas linguageiras como instrumentos do desenvolvimento humano, tanto no concernente aos saberes quanto às capacidades do agir e da identidade das pessoas (BRONCKART, 2006), (ii) da ergonomia da atividade francesa (SAUJAT, 2004; AMIGUES, 2004 e FAÏTA 2004) por considerar a complexidade inerente ao trabalho e (iii) da clínica da atividade (CLOT 2006a, 2006b, 2010), pois considera as implicações das atividades de trabalho para o desenvolvimento das funções psíquicas humanas e nos oferece métodos provocadores desse desenvolvimento. Esse estudo se apoia ainda na teoria polifônica da enunciação de Ducrot (1984) para aproximação dos diferentes posicionamentos enunciativos. Os resultados das análises apontam para a ausência de uma concepção coerente em relação à HTPC, por parte de uma das coordenadoras participantes da pesquisa; a falta de clareza ou imposição das prescrições que não atribuem ao coordenador o papel de protagonista no agir prescrito; e um trabalhador sozinho mediante aos dilemas de um contexto que lhe apresenta diversas tarefas.

PROCESSOS JUNTIVOS DE CAUSA EM AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Patrícia Celene Senna da Silva (UNESP/SJRP)

Neste trabalho, com base na Linguística Funcional, que prioriza o princípio de que a linguagem é um instrumento de interação social e, portanto, deve ser investigada em seu uso, propomos uma análise que conjugue a aquisição da escrita com o sistema de causalidade. Para tanto, assumimos o cruzamento de três distintos lugares teóricos: (i) o modelo funcionalista de junção com o cruzamento dos eixos sintático e semântico (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001); (ii) o entendimento da escrita como constitutivamente heterogênea e como modo de enunciação (CORRÊA, 2004); e (iii) a concepção de aquisição da escrita que considera as tradições discursivas (KABATEK, 2006). Com base nesse espaço teórico-metodológico, em nossa análise, descrevemos os aspectos morfossintáticos, semântico-pragmáticos das construções complexas de causalidade, em uma amostra longitudinal de 100 textos produzidos por crianças, nas antigas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental (EF1). Os resultados revelam uma grande oscilação e um não sequenciamento linear, atrelados à frequência dos mecanismos de junção causais nos diferentes padrões semântico-pragmáticos descritos. Essa constatação contribui para a superação do entendimento da aquisição da escrita como processo universal, atrelado a um sujeito idealizado, e, conseqüentemente, para a construção de seu entendimento vinculado a sujeitos reais, que lidam com a linguagem de modos diferenciados, perpassados pela (sua) imagem de escrita convencionalizada, pela influência do outro e pelas práticas e tradições orais e letradas em que está inserido, com que teve e tem contato.

INDEXICAIS E HIERARQUIA NAS LÍNGUAS TUKANO: UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

Roger Alfredo de Marci Rodrigues Antunes (UFSCar)

É da intuição dos falantes que as hierarquias sociais sejam de algum modo representadas na fala, motivadas nos grupos sociais por relações consanguíneas, religiosas, financeiras, entre outras esferas de diferenças. Em se tratando de línguas indígenas, a língua tukano tem se mostrado muito rica em relação ao uso de marcadores hierárquicos, que fogem das suas ancoragens pronominais convencionais. Considerando essa realidade, busca-se com este trabalho investigar as ancoragens indexicais que representam hierarquia social, no que diz respeito ao uso pronominal na língua tukano do tronco Macro-Jê. Tomam-se como base os pressupostos teóricos, descritivos e analíticos da semântica e pragmática formais com base nos trabalhos de Levinson (2000; 2007). Para concretização desta pesquisa, serão realizadas entrevistas por meio da aplicação de questionários semidirigidos a estudantes universitários falantes nativos de tukano. Com base em análises iniciais foi possível observar que, quando os falantes de tukano precisam se comunicar, em determinados contextos, como estando próximo a um subalterno, por exemplo, ocorrem marcações sintáticas e lexicais dessas relações dentro das suas formas de fala. Nesse caso, foi possível identificar desde uma lexicalização do sujeito falante, até uma mudança pronominal de pessoa (a segunda e a primeira passam a funcionar como terceira), procedimentos diferentes de quando os falantes dessas línguas se dirigem a alguém de nível equivalente ao seu, assim como de quando ancoram alguma figura superiorizada nos seus contextos de fala. Pretende-se, ainda, com este trabalho contribuir para a descrição da língua tukano.

A PROSODIZAÇÃO DE PRONOMES OBLÍQUOS NO PORTUGUÊS ARCAICO

Tauanne Tainá Amaral (UNESP/Araraquara)

Este trabalho apresentará o direcionamento da adjunção de clíticos fonológicos no Português Arcaico (PA) a partir de cantigas religiosas (Cantigas de Santa Maria) e profanas (cantigas de amor, de amigo, de escárnio e maldizer). Através da análise comparativa da cliticização sintática e fonológica dos pronomes oblíquos presentes nesse corpus, chegamos à determinação da cliticização destes elementos e a pistas da formação de constituintes prosódicos maiores, especificamente o constituinte prosódico localizado entre a Palavra Fonológica (PWd) e o Sintagma Fonológico (PPh). Partindo do mapeamento dos pronomes oblíquos presentes nas cantigas, argumentamos a favor da possibilidade de se considerar a existência de um constituinte intermediário como um nível hierárquico importante na hierarquia prosódica do PA. Para comprovar tal possibilidade, analisamos três evidências: a interpolação, as estruturas prosódicas inseparáveis e a elisão. A interpolação sugere um caráter distinto no comportamento fonológico dos pronomes, pois, quando temos material entre o clítico e o verbo, não é possível considerar que a palavra hospedeira fonológica do pronome seja o verbo. Também verificamos determinadas estruturas inseparáveis que devem ser prosodizadas no Grupo Composto (CG). Em relação à elisão, demonstramos que os pronomes clíticos estão sujeitos a esse processo. Como se trata de um fenômeno que ocorre apenas em fronteira de palavra, ou seja, entre duas PWds, acreditamos que o pronome oblíquo tem um comportamento semelhante. Porém, como os clíticos não podem ser considerados PWds, já que são átonos e precisam de um hospedeiro tônico para se subordinarem, propomos a admissão da existência de um domínio prosódico localizado entre a PWd e o PPh, no caso CG, que possa dar conta da prosodização de estruturas contendo clíticos. Através destes argumentos, verificamos que nossos dados confirmam a hipótese de se considerar esse constituinte intermediário, localizado entre a PWd e o PPh, dentro da escala prosódica do PA.

TOPICALIDADE E INFORMATIVIDADE NAS ORAÇÕES HIPOTÁTICAS DE CAUSA E CONDIÇÃO EM LÍNGUA FALADA

Virginia Maria Nuss (UNESP/SJRP)

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar parte das análises realizadas em minha dissertação de mestrado. As análises visam expor o funcionamento tópico e a forma de distribuição de informação em orações hipotáticas conjuncionais de causa e condição. O corpus utilizado é de língua falada e composto por doze entrevistas realizadas com diferentes líderes religiosos da região noroeste do estado do Paraná. As entrevistas foram transcritas observando os critérios projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC) de São Paulo. Para análise foram utilizados os parâmetros de anteposição ou posposição da oração hipotática em relação à oração nuclear e em relação ao fluxo de fala – início ou meio de fluxo de fala, o tipo de conjunção, os diferentes níveis de atuação lógico-semântica, e os critérios de centração e organicidade tópica. No caso das condicionais, observaram-se também os subtipos factual, potencial e contrafactual. O suporte teórico utilizado situa-se no âmbito dos estudos funcionalistas nos moldes propostos por Halliday (1994) e Dik (1989) e bastante desenvolvidos no Brasil, entre outros estudiosos, por Neves (1997; 1999; 2000; 2003; 2010; etc.). Outra perspectiva teórica utilizada neste trabalho é a Perspectiva Textual Interativa (PTI) presente nos trabalhos de Jubran e Koch (2006). Os resultados obtidos demonstram um funcionamento diferenciado entre as orações hipotáticas causais e as condicionais tanto na topicidade quanto na informatividade. As orações hipotáticas de causa funcionam, preferencialmente, sob os critérios de organicidade tópica, ao passo que as adverbiais apresentam um funcionamento mais voltado para centração tópica.

APOIO E PATROCÍNIO



PROPG
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO



CAPES



Fundação de Apoio à Pesquisa e
Extensão de São José do Rio Preto

